Obras completas do Padre ANTONIO VIEIRA

SERMÕES

VOLUME XII

Revisto pelo Rev. Padre Gonçalo Alves

Prègador, ou S. Paulo, ou Vieira
D. Luiz de Sousa, Arc. de Braga.

ALMA COLLEGE
252
LIBRARY
V673
Alma, California

ALMA COLLEGE
ST. IGNATIUS' CHURCH,
322 LIBRARY ST. S.E.
PORTLAND, OREGON
Alma, California

PORTO
LIVRARIA CHARDRON
De Lello & Irmão, editores
R. DAS CARMELITAS, 144
—
1908

IMPRENSA MODERNA, de Manoel Lello
Rua da Rainha D. Amelia, 61 — PORTO

Composto em machina americana
((MERGENTHALER))

SERMÃO DECIMO OITAVO

Mariæ de qua natus est Jesus, qui vocatur Christus. [1]

I

Esta é a ultima clausula do Evangelho, e esta havia de ser para concordar o fim com o principio. No principio tinha dito o Evangelista, que escrevia o Livro da geração de Jesus Christo: *Liber generationis Jesu Christi:* e depois de contar quarenta e um ascendentes, todos successivamente continuados de pae a filho, chegando finalmente á Virgem Maria Senhora nossa, conclue, que de Maria nasceu Jesus, que se chama Christo: *Mariæ, de qua natus est Jesus, qui vocatur Christus.* [2]

Entre o nome de Jesus e o de Christo ha esta differença: Jesus, que quer dizer Salvador, é o nome da Pessoa; Christo, que quer dizer o Ungido, é o titulo da dignidade. E porque desta dignidade do Filho havemos de tirar a da Mãe, em cuja solemnidade estamos, será bem que saibam os que o ignoram, porque se declara a dignidade do Filho de Deus e da Vrgem com o nome de Ungido. A razão brevemente é, porque na Pessoa de Christo Senhor nosso, em quanto homem, estiveram juntas as duas supremas dignidades de Rei e de Summo Pontifice: e era cerimonia sagrada daquelles tempos, em parte observada tambem nos nossos, que os reis e os pontifices fossem ungidos. Saül, que

---

1 *Math.*, 1.
2 *Ibid.*, 1, 15.

foi o primeiro rei, foi ungido por Samuel; e Aram, que foi o primeiro pontifice, foi ungido por Moysés: porém Christo Senhor nosso, Rei sobre todos os reis, e Pontifice sobre todos os pontifices, não foi ungido por mão ou ministerio de homens, senão immediatamente por Deus, como diz o Propheta: *Unxit te Deus, Deus tuus oleo lætitiæ præ consortibus tuis.* [1]

Esta é a propriedade e correspondencia maravilhosa com que a architectura desta primeira pagina de todos os Evangelhos, assim como as fachadas dos grandes edificios se ornam e ennobrecem de famosas estatuas, assim ella se compõe dos varões mais illustres da prosapia de Christo; e as personagens entre elles de maior vulto, ou são reis, de que o primeiro foi David, ou pontifices, de que o primeiro foi Zorobabel. E porque o ordenou assim Deus, de quem mais que dos paes depende a successão dos filhos, e sendo Filho seu, o que nesta geração se deduzia? Para que se visse claramente, diz Santo Agostinho, na mesma descendencia natural de seus primogenitores, que assim a uncção da corôa, como a da tiara, assim a dignidade de rei, como a de pontifice, e toda a propriedade e significação de ungido, porque se chama Christo, não só lhe competia direitamente por Filho de seu Pae, senão tambem pelo nascimento de sua Mãe: *De qua natus est Jesus, qui vocatur Christus.*

Isto posto, em que não ha duvida, entram agora duas questões, uma antiga e já tratada; outra nova, e tão nova, que hoje é a primeira vez em que será ouvida. Pergunta a primeira questão: Se por Christo Filho da Virgem Maria ser Rei, e Rei universal do mundo, pertence tambem á Senhora o mesmo titulo e dignidade real? E posto que alguns demasiadamente espirituaes duvidaram antigamente de ajuntar na Virgem Santissima o real com o Santo, a sentença affirmativa é hoje commum de Theologos e Padres, dos quaes só quero allegar dois. Ruperto fallando da mesma Senhora: *Hæc in cœlis Regina Sanctorum, et in terris Regina Regnorum est: quandoquidem est Mater Regis coronati, quem constituit Dominus super omnia opera manuum suarum: ac proinde Regina constituta totum possidet Filii Regnum.* E S. Bernardino com a

[1] *Psalm.*, XLIV, 8.

mesma clareza, e sobre o mesmo fundamento: *Virgo Beatissima omnem hujus mundi meruit Principatum et Regnum; quia Filius ejus in primo instanti suæ conceptionis monarchiam totius promeruit, et obtinuit universi: sicut propheta testatur, dicens: Domini est terra, et plenitudo ejus, orbis terrarum, et universi qui habitant in eo.* De maneira que a Virgem Maria assim no céu, como na terra, é Senhora e Rainha universal de todos os Anjos, de todos os homens, e de todas as creaturas quantas contém e abraça o mundo universo. E a razão por que lhe compete este direito, e tem o dominio, posse e exercicio delle, é por ser Mãe de um Filho, Rei e Monarcha universal do mesmo mundo, que é Christo: *De qua natus est Jesus, qui vocatur Christus.* E isto baste quanto á primeira questão.

E agora se segue a segunda, que é muito não entrasse ao menos em pensamento depois da resolução da primeira. Christo, segundo as duas uncções que vimos, não só é Christo e Rei Supremo, senão Christo e Pontifice Summo. Logo, se em quanto Rei Supremo, por ser Filho de Maria, communicou a sua Mãe a dignidade real, poderemos dizer tambem que em quanto Pontifice Summo, por ser Filho da mesma Senhora, communicou á mesma Mãe a dignidade pontifical. Esta é a nova questão que trago hoje, não para disputar, senão para decidir. E para que me ajudeis a pedir efficazmente a muita graça que me é necessaria para uma decisão tão difficultosa; digo resolutamente, que antes de a Virgem Maria ser Senhora do Rosario, não se podia provar com effeito, que Christo seu Filho lhe tivesse communicado a dignidade pontifical; mas depois de ser Senhora do Rosario, sim. Isto é o que haveis de ouvir.

Ave Maria, etc.

II

O Apostolo S. Paulo definindo as obrigações da dignidade pontifical em ordem a declarar a soberana perfeição do pontificado de Christo, diz assim: *Omnis Pontifex ex hominibus assumptus, pro hominibus constituitur in iis, quæ sunt ad Deum, ut offerat dona, et sacrificia pro peccatis.* [1] Sobre as quaes palavras o

[1] *Hebr.*, v, 1. Cornel. ibi.

doutissimo Cornelio A' Lapide (o qual na exposição de S. Paulo, por não dizer que excedeu a todos os Commentadores, digo que se venceu a si mesmo) dividindo esta definição do Apostolo em suas partes essenciaes diz que nella se contêm tres propriedades, ou excellencias, que constituem o perfeito pontifice. A primeira pertence á eleição da Pessoa, as outras duas á execução do officio: e todas tres, digo eu, se acham com eminencia na Virgem Santissima Senhora nossa.

Prima est, ut pontifex ex hominibus assumatur, quasi selectus, cæterisque dignior. A primeira propriedade é, que a pessoa que houver de ser assumpta á dignidade pontifical seja escolhida entre todas, e a mais digna: isso quer dizer, *ex hominibus assumptus.* E que pessoa ha, ou póde haver, ainda que a eleição se fizesse, não só entre os homens, senão entre os Anjos tão merecedora de ser unicamente a escolhida, e tão infinitamente digna sobre todas as creaturas, como a que mereceu ser Mãe do mesmo Creador? Por isso o Espirito Santo lhe chama, *Una, et electa:* [1] uma, e escolhida, porque na sua eleição foi unica sem controversia, unica sem opposição, sem parelha, sem similhança. *Una, et electa,* diz Ruperto, *quia nec inter angelos nec inter homines, similem, vel primam habet, vel sequentem habitura est.* Não sei se reparaes bem na energia desta eleição, e na excellencia della. A excellencia da eleição da Senhora não está em ser escolhida, senão em ser escolhida como uma: *Una, et electa.* A eleição ou escolha commummente diz unidade, e suppõe multidão, porque de muitos se escolhe um; porém quando o escolhido é tão singular e unico, que não tem opposição, a gloria da eleição é a unidade: é ser escolhido, não como um de muitos, senão como um e só. Se no céu entre os astros se houvera de fazer eleição, como havia de ser escolhido o sol? Não havia de ser escolhido como comparado, senão como unico. Pois assim foi escolhida Maria: *Electa ut sol: Una, et electa.* [2] E como a Senhora no céu e na terra não só é a mais digna, que isso seria ter comparação, mas unica e incomparavelmente dignissima sobre todas as creaturas: vêde, se pelo merecimento da Pessoa lhe compete a

[1] *Cant.*, VI, 8.
[2] *Cant.*, VI, 9.

dignidade pontifical? Assim o entenderam e disseram todos os que ouviram este unico e incomparavel elogio; porque tanto que o Espirito Santo lhe deu o nome de *unica, et electa*, logo immediatamente foi acclamada de todos por Beatissima, que é o titulo pontifical: *Viderunt eam Filiæ, et Beatissimam prædicaverunt.* [1] A Senhora tinha dito de si: *Ex hoc Beatam me dicent omnes generationes;* [2] mas os que do merecimento da Pessoa passaram á consideração da dignidade que lhe era devida, não só lhe chamaram *Beatam*, senão *Beatissimam.*

Secunda est, ut hominum causam agat apud Deum, tanquam eorum mediator pro eisque oret, et interpellet. A segunda propriedade e primeira obrigação do officio pontifical, é ser o pontifice mediator ou medianeiro publico entre Deus e os homens, e diante da Divina Magestade orar e advogar por suas causas. Isso quer dizer, *Pro hominibus constituitur in iis, quæ sunt ad Deum.* E que mediação se póde desejar, nem imaginar entre Deus e os homens, nem mais intima, nem mais efficaz, nem mais poderosa, que a daquella mesma Senhora, que dentro em suas entranhas uniu a natureza divina com a humana, e do homem e de Deus fez uma só Pessoa? Ouvi a S. Bernardo: *Advocatam præmisit peregrinatio nostra, quæ tanquam Judicis Mater, et Mater misericordiæ suppliciter, et efficaciter salutis nostræ negotia pertractabit.* [3] Somos peregrinos na terra (diz Bernardo) mas nem por isso as nossas causas estão desamparadas no céu, porque no céu temos por advogada dellas quem as ha de tratar com tanta efficacia e poder, como a que é Mãe do Juiz; e com tanto amôr e piedade, como a que é Mãe da misericordia. Grande razão e singular prerogativa, que só no pontificado de Christo se acha similhante. Christo foi Pontifice sobre todos os pontifices: porque? Porque os outros pontifices são sómente homens, e Christo é Homem e Filho de Deus juntamente. Como Homem intercede pelos homens; como Filho de Deus póde tudo com Deus. Assim o pondera S. Paulo, signalando a differença que ha de Pontifice a pontifice entre Christo e os outros. Aos outros fal-os Deus pon-

---

1 *Cant.*, VI, 8.
2 *Luc.*, I, 48.
3 Bernard. Serm. 1.º de Assumpt.

tifices como Deus: a Christo fel-o Pontifice como Pae. Aos outros como Deus: *Nec quisquam sumit sibi honorem, sed qui vocatur a Deo, tanquam Aaron.* [1] A Christo como Pae: *Christus non semetipsum clarificavit, ut Pontifex fieret: sed qui loquutus est ad eum: Filius meus es tu.* E desta differença que se segue? Segue-se (accrescenta logo o mesmo S. Paulo) que as suas orações e intercessões não são só ouvidas pelo beneficio da causa, ou pela auctoridade do officio, senão pela reverencia da Pessoa: *Qui in diebus carnis suæ preces, supplicationesque ad eum... offerens, exauditus est pro sua reverentia.* [2] Esta é a prerogativa singular de Christo em quanto Pontifice. E que a mesma concorra na Virgem Mãe sua, quem o póde duvidar? Porque se Christo como Homem intercede pelos homens, e como Filho de Deus póde tudo com Deus; tambem a Senhora, pelo que tem de humana, intercede pelos homens; e porque é verdadeiramente Mãe de Deus, poderá, e póde tudo com elle. E se as orações e intercessões de Christo são ouvidas de Deus pela reverencia de Filho, não menos serão ouvidas as da Senhora, antes em certo modo mais, pela reverencia de Mãe. Assim o conclue n'outra parte o mesmo S. Bernardo: *Advocatam vis habere erga ipsum? Ad Mariam recurre: nec dubius dixerim: exaudietur et ipsa pro reverentia sua:* Se quereis ter advogada diante do Supremo Juiz, recorrei (diz) a Maria confiadamente, porque assim como o Pae ouve a Christo por reverencia de Filho, assim Christo ouve a Senhora por reverencia de Mãe. Com tanta eminencia resplandece em Maria Santissima a segunda condição que se requer para a dignidade pontifical. [3]

Tertia est, ut Deum peccatis, et peccatoribus iratum placet, et reconciliet per dona, et sacrificia. A terceira propriedade, e ultimo officio do pontifice, é applacar a Deus offendido dos peccados, e reconcilial-o com os peccadores por meio das oblações e dos sacrificios: isso quer dizer: *Ut offerat dona, et sacrificia pro peccatis.* E que ministro sagrado houve jámais, nem haverá no mundo, tão apto e tão apropriado para este soberano ministerio de applacar a Deus offendido pelos pecca-

---

[1] *Hebr.*, v, 4 e 5.
[2] *Ibid.*, 7.
[3] Bernard. Serm. 1.º *de Nativit.*

dos, como aquella purissima creatura em que nunca houve peccado? Os outros Pontifices e Summos Sacerdotes, diz o Apostolo, primeiro offerecem os sacrificios pelos seus peccados, e depois pelos do povo; porém Christo, em quem nunca houve peccado, não tem essa necessidade: *Qui non habet necessitatem... quemadmodum sacerdotes, prius pro suis delictis hostias offerre, deinde pro populi.* [1] E assim como Christo só offerecia sacrificios a Deus pelos peccados do povo, e não pelos seus, porque os não tinha, e por isso eram mais gratos e mais acceitos a Deus os sacrificios de seu Filho; o mesmo devemos nós não só entender e dizer dos de sua Mãe; mas deste altissimo principio inferir quão decentemente assentaria na Pessoa da Virgem purissima a dignidade pontifical. Assim o inferiu o mesmo S. Paulo: *Talis enim decebat ut nobis esset pontifex, sanctus, innocens, impollutus, segregatus à peccatoribus, et excelsior cœlis factus.* [2] As quaes palavras ou excellencias todas, assim como se dizem no Filho, se podem e devem affirmar egualmente da Mãe: santa, innocente, pura, immaculada, separada e exceptuada do numero dos peccadores, e levantada sobre todos os céus: Logo, *Talis decebat ut nobis esset pontifex.* E para as offertas e sacrificios: *Ut offerat dona, et sacrificia:* quem jámais apresentou tal offerta a Deus, como a que a Senhora lhe offereceu no Templo, quando lhe apresentou seu proprio Filho nascido de quarenta dias? E quem jámais lhe fez tal sacrificio como o do mesmo Filho no monte Calvario, mais crucificado na alma e no coração da Mãe, que na mesma cruz? Não chegou Abrahão a vêr morrer Isaac, e comtudo diz S. Pedro Chrysologo, que de tal sorte se sacrificou nelle a si mesmo, que elle era o sacrificio e o sacerdote, elle a victima e o pontifice: *Abraham se immolabat in filio, ut esset idem victima, et pontifex, sacrificium, et sacerdos.* E se isto bastou em Abrahão, porque era pae, para ser sacerdote e pontifice, aquella Mãe, cuja obediencia e caridade foi infinitamente maior que a de Abrahão, e cujo Filho e sacrificio era infinitamente maior que Isaac, quem se atreverá a lhe negar, ou a duvidar a dignidade pontifical?

---

1 *Hebr.*, VII, 27.
2 *Ibid.*, 26.

III

Vejo porém que da mesma cruz, e das palavras do mesmo Filho crucificado, se tira o argumento com que sobre tantas prerogativas de merecimento se nega á Santissima Mãe esta dignidade. As palavras do Filho foram: *Mulier, ecce Filius tuus:* [1] e este nome de mulher é o que se oppõe totalmente á dignidade pontifical. Mas não é de tanto pezo esta instancia, que não tenha facil solução na Escriptura, nos Santos e na razão.

No Capitulo onze do Propheta Zacharias, diz Deus, que matou tres pastores do seu povo em um mez: *Succidi tres pastores in mense uno.* [2] E posto que o Propheta não declare alli quem foram estes tres pastores, S. Jeronymo, S. Remigio, Alberto Magno, Hugo Cardeal, e todos os que entenderam este logar mais propria e litteralmente, dizem que foram Moysés, Arão, e Maria Prophetiza, irmã de ambos. Chamam-se tres pastores, porque por meio de todos tres livrou Deus o seu povo do captiveiro do Egypto, e o governou e guiou pelo deserto até á Terra de Promissão, como depois lhe fez cargo pelo propheta Michéas, nomeando todos tres na mesma fórma: *Quia eduxi te de terra Ægypti... et misi ante faciem tuam Moysen, et Aaron, et Mariam?* [3] E dizer Deus que os matou a todos em um mez, *In mense uno*, é maior e mais clara confirmação de serem estes, porque, como consta do livro dos Numeros, [4] Maria morreu em março do anno quarenta da peregrinação do deserto; e neste mesmo mez succedeu a incredulidade e desobediencia de Moysés e Arão, [5] em pena da qual os sentenceou Deus no mesmo acto á morte, e que não entrassem na Terra de Promissão, de que já estavam tão perto. E essa é a propriedade da palavra *succidi*, porque lhes cortou a vida e mais os passos.

Mas se neste numero entrava Maria, como lhe cha-

---

1 *Joan.*, XIX, 26.
2 *Zach.*, XI, 8.
3 *Mich.*, VI, 4.
4 *Num.*, XX, 1.
5 *Ibid.*, 12.

ma Deus tres pastores? Arão era pastor no espiritual, e ecclesiastico, porque era Summo Pontifice: Moysés era pastor no temporal, e civil, porque era governador supremo com auctoridade real: porém Maria, que por ser mulher nem tinha, nem parece que era capaz, tanto de uma, como de outra dignidade; como lhe attribue Deus egualmente o mesmo nome ou titulo? E sendo os officios pastoraes só dois; como eram os pastores tres: *Succidi tres pastores?* Eram os pastores tres, sendo os officios dois (respondem os mesmos Auctores) porque assim Arão como Moysés, ambos governavam juntamente com Maria, e cada um a tinha por companheira, e fazia participante da sua dignidade. Maria, sobre ser prophetiza muito allumiada de Deus, era tambem de maior edade que Moysés e Arão, como consta uma e outra coisa da Historia Sagrada, e por estas duas razões, posto que Moysés e Arão fossem sómente irmãos de Maria, o respeito e veneração com que a tratavam, era de Mãe, e como tal, nem Arão no ecclesiastico, nem Moysés no civil, obravam coisa alguma em que Maria não tivesse parte. E porque esta dobrada auctoridade commum com ambos lh'a tinha dado Deus; por isso sendo dois os officios pastoraes, diz o mesmo Deus, que eram tres os pastores: *Succidi tres pastores:* e por isso fez cargo aos Hebreus de lhes ter dado a liberdade do captiveiro do Egypto, não só a Moysés e Arão, senão egualmente a Maria: *Misi ante faciem tuam Moysen, et Aaron, et Mariam?*

Ao nosso ponto agora: Maria irmã de Moysés, e Arão, como lemos em S. Jeronymo e Santo Ambrosio, foi figura da Virgem Maria; e não só pela similhança do nome, unico em todo o Testamento Velho, nem só pela graça de Prophetisa, nem só pelo triumpho de Corredemptora do povo, mas singularmente pela prerogativa da virgindade, em testemunho da qual se não lê na Escriptura nem matrimonio, nem successão da mesma Maria: e Santo Ambrosio expressamente lhe dá o titulo de Virgem: *In Veteri Testamento clausum Hebræorum populum Virgo per maria pedes duxit, in Evangelio Auctorem mundi, et Redemptorem Virgo generavit.* Sendo logo aquella Maria Virgem, vêde se era expressa figura da Virgem Maria! Do mesmo modo Moysés e Arão em duas pessoas foram uma só figura de Christo, no qual se uniram as duas dignidades, a real, como em Moysés, e a pontifical, como em

Arão. E se estes dois irmãos cada um communicou a sua dignidade a Maria, por ser irmã e maior, porque não communicaria tambem ambas ás dignidades Christo a Maria, de quem aquella só foi figura, sendo elle Filho e ella Mãe? E se lá o ordenou assim, approvou e affirmou Deus, cá porque se ha de negar ou duvidar?

Da dignidade real ninguem duvída que Christo como Rei a communicasse a sua Mãe; e d'aqui infiro eu com a mesma, e muito maior razão, que tambem o mesmo Christo como Pontifice lhe communicou a pontifical. E provo: porque a dignidade real não a teve Christo por sua Mãe, e a pontifical sim. Não é menos bem fundada esta illação, que na theologia de S. Paulo no segundo Capitulo da Epistola ad Hebræos: [1] *Quia ergo pueri communicaverunt carni, et sanguini, et ipse similiter participavit iisdem: ut per mortem destrueret eum, qui habebat mortis imperium: et liberaret eos, qui timore mortis per totam vitam obnoxii erant servituti. Nusquam enim angelos apprehendit, sed semen Abrahæ apprehendit. Unde debuit per omnia fratribus similari, ut misericors fieret, et fidelis Pontifex ad Deum.* Dá a razão S. Paulo, porque o Filho de Deus se fez homem, e não Anjo, e diz que foi para que sendo homem, podesse ser verdadeiro e perfeito Pontifice, o que não podia ser sendo Anjo. E porque não podia ser Pontifice, sendo Anjo? Porque os Anjos não teem carne, nem sangue; são immortaes, e não teem peccado. E para Christo fazer o officio de perfeito Pontifice, havia de sacrificar sua vida, e morrer pelos homens, e para isso era necessario ter carne e sangue, e ser mortal. E havia de interceder efficazmente com Deus pelos peccadores, e para isso era necessario ser similhante a elles, não no peccado, senão na natureza, e nas miserias que delle se seguiram: e essa carne, esse sangue, essa mortalidade, essa natureza sujeita, e capaz das penalidades humanas, que era todo o cabedal e apparato necessario para ser perfeito Pontifice, *Ut misericors fieret, et fidelis Pontifex ad Deum*, de quem a recebeu o Filho de Deus, senão de sua Mãe? De sorte que a dignidade real não a teve Christo só de sua Mãe, porque já sendo Deus era Rei: *Tu es ipse Rex*

[1] *Hebr.*, II, 14, 15, 16 e 17.

meus, et Deus meus: [1] porém a dignidade pontifical sim; porque se não fôra seu Filho, não seria Pontifice. Excellentemente S. Dionysio Alexandrino: *Inhabitavit in sancto suo tabernaculo, quod est Deipara Maria; illic enim in ipsa Rex noster, Rex gloriæ factus est Pontifex.* Habitou Deus no Tabernaculo virginal do ventre santissimo de Maria, e sendo já Rei da gloria, e Rei nosso, alli, onde o Verbo se fez carne, alli foi feito Pontifice: *Illic in ipsa factus est Pontifex.* Logo se Christo porque foi Rei (o que não recebeu de sua Mãe) lhe communicou a dignidade real; com muito maior razão, porque foi pontifice (o que recebeu da mesma Mãe) lhe devia communicar a dignidade Pontifical.

Nem vale finalmente em contrario a objecção de ser mulher a Bemdita entre todas as mulheres, e excepção de todas; não só porque foi Mãe, e Virgem, e por isso com dobrada auctoridade de Mãe, e de Pae juntamente em respeito de seu Filho (por onde em sentença de grandes Theologos é chamada Matripater); mas porque se esta differença do sexo em Maria, irmã de Moysés, não foi impedimento para participar com Arão a dignidade Pontifical; muito menos o deve ser em Maria, Mãe de Jesus, que por isso se chamou Christo: *De qua natus est Jesus, qui vocatur Christus.* E para que não fique só a força desta illação no argumento da paridade, assim o disse expressa, e milagrosamente ao intento S. João Damasceno: *Tu es quippe Summa Christianorum Antistes, hinc te magna laudum contentione veneramur.* [2] Veneramos-vos, Senhora, e louvamos-vos com toda a intenção de nossos affectos (diz Damasceno) porque vós sois a Summa Pontifice dos christãos: *Summa Christianorum Antistes. Antistes* pela dignidade Pontifical: *Summa*, e não summo, pela differença do sexo. E Santo Arnesto, Arcebispo Praguense, unindo e distinguindo na mesma Senhora ambas as dignidades, Real e Pontifical, nos exhorta a que recorramos a um e outro tribunal de Maria, seguros de que a sentença que der em nosso favor, não poderá ser revogada; porque, ou como real, ou como papal, levará, por ser sua, a clausula, *non obstante*, em respeito de qualquer outro juizo. *Mariam invoca, Mariam*

---

[1] *Psalm.* XLIII, 5.
[2] D. Damasc. *in Mœneis Græc. die 1.º Januar.*

appella (diz o Santo) [1] *et in omne sententia, quam pro te dabit, apponet illam clausulam gloriosam, Imperialem, atque Papalem, Non obstante.*

IV

Removido pois o impedimento apparente do sexo, com a auctoridade dos Santos, com o exemplo da Escriptura, e com a efficacia da razão; e demonstrado o merecimento sobreeminente da Pessoa por todas as qualidades que requer a definição de S. Paulo para o perfeito Pontifice, como fizemos no primeiro discurso, segue-se que do direito passemos ao facto, e que vejamos praticado na Senhora do Rosario, ou no Rosario da Senhora, o titulo, poder e exercicio da dignidade Pontifical. Isto é o que agora farei: e para que a prova e demonstração proceda com toda a clareza, a divido em tres partes. Em cada uma dellas veremos a Santissima e Beatissima Mãe, pelas prerogativas do seu Rosario, não só propria, mas singularmente Pontifice. Pontifice na etymologia do nome: Pontifice nas insignias da dignidade: Pontifice na potestade das Chaves.

Marco Varro, mais antigo que Marco Tullio, e o maior e mais erudito mestre da lingua latina, declarando no livro quarto a etymologia d'onde foi tomado e teve sua origem este nome *Pontifex*, diz, que pontifice é o mesmo que *pontem faciens:* o que faz ponte: e que a occasião de chamarem assim aos Summos Pontifices, instituidos em Roma por Numa Pompilio, foi a Ponte Sublicia edificada pelo summo pontifice Anco Marcio, obra tão celebrada naquelle seculo ainda rude, que a elle lhe deu o nome, e depois se perpetuou em seus successores. D'onde tambem o tomou, com a lingua, depois da vinda de Christo, a Igreja Romana. Theodoro Studita chamou á Virgem Senhora nossa: *Pons securus christianorum:* Ponte segura dos christãos. Venancio Fortunato: *Pons ad penetrando polos:* Ponte que chega e alcança de polo a polo. S. Proclo: *Pons, per quem Deus ad homines descendit:* Ponte pela qual Deus desceu aos homens. E bastam estas auctoridades, tão graves e tão justamente applicadas á Senhora com o nome expresso de Ponte, e tantas vezes repeti-

[1] D. Arnest. in Mariali, cap. 26.

do, para prova do meu intento? Não bastam; porque nenhum destes Auctores chega a dizer o que eu digo. Para ser pontifice não basta ser ponte, é necessario fazer ponte: *pontem faciens:* e esta é a que a Senhora fez quando instituiu o seu Rosario, e não só disse que a fizera, senão que a mostrou feita.

O primeiro a quem a mesma Senhora communicou a idéa desta sua obra, foi o grande Patriarcha S. Domingos, encarregando-lhe que a publicasse e prégasse, como logo começou a prégar em França, com espirito e eloquencia mais que humana: de que se seguiram dois effeitos, ambos notaveis, mas muito encontrados. Convertiam-se os homens a milhares, assim os hereges á fé catholica, como os maus catholicos á virtude e vida christã, e não poucos a deixar o mundo, e seguir a perfeição evangelica: e este era geralmente o primeiro effeito da prégação e devoção do Rosario. O segundo, e contrario, foi, que vendo o inimigo do genero humano as muitas almas que por meio da mesma devoção se livravam da sua tyrannia, tratou de desacreditar e desauctorisar o Rosario por tal arte, que todos os que o rezavam, o desestimassem primeiro, e depois o deixassem. Para isto tomou o demonio por instrumento, quem vos parece? Por ventura algum daquelles hereges mais obstinados? Por ventura algum leigo dos de consciencia mais livre e mais estragada? Por ventura algum sacerdote ou Religioso ordinario, emulo de S. Domingos? Ainda subiu mais alto, ainda fortificou mais a industria, ainda enfeitou mais a tentação. Havia naquella provincia um Bispo muito presumido de seu saber, mas de muito pouco zelo e espirito. Este, em logar de agradecer ao Santo o pasto tão divino que dava a suas ovelhas, e o ajudar na prégação e propagação daquelllas novas do céu, a que podemos chamar o Evangelho da Virgem Maria; começou em publico e em particular a desfazer e desacreditar os sermões do grande Apostolo: dizendo, que em vez de prégar pontos mui subidos do Evangelho, prégava aquellas vulgaridades, e em vez de levar ao pulpito estudos e pensamentos novos, que ninguem tivesse ouvido, ia ensinar o Padre Nosso e a Ave Maria, que os meninos sabiam. Vêde quanto a paixão é cega, e a presumpção ignorante! Como se houvera pontos mais subidos que os mysterios da Encarnação do genero humano! Como se houvera meditações mais di-

vinas que as da vida e morte do Filho de Deus! Como se houvera orações mais excellentes que o Padre Nosso ditado por Christo, e a Ave Maria por um Archanjo! Como, finalmente, se houvera doutrina mais evangelica que a memoria das graças e beneficios altissimos, que Deus em Pessoa nos veiu trazer e fazer ao mundo, qual memoria elle no fim de sua vida nos encommendou e encarregou sobre tudo! Nada disto via nem considerava o cego e ignorante Prelado: e como a natureza dos homens é mais inclinada ao mal que ao bem, e mais á vaidade que á verdade: se S. Domingos por uma parte fazia grande fructo, o Bispo por outra parte o desfazia, sendo muitos, principalmente dos mais prezados de entendidos (que praza a Deus não tenham imitadores) os quaes o deixavam totalmente, ou, para o dizer com nome mais proprio, apostatavam da devoção do Rosario.

Triumphante sobre esta infernal victoria estava uma noite dormindo, o que tão pouco vigilante pastor era do seu rebanho, quando arrebatado em visão se achou subitamente no meio de um rio largo, profundo, escuro e furioso, cuja corrente a espaços por penhascos e rochas talhadas se despenhava estrondosa e medonhamente. Aqui andavam nadando, ou mais verdadeiramente naufragando grande multidão de homens e mulheres de todos os estados: uns que sossobrados das ondas se afogavam, e iam logo a pique: outros que mortos já de muitos dias, sahiam acima aboiados em horrendas figuras: outros que arrebatados da corrente, eram arremessados com furia nos penhascos, onde se despedaçavam: outros que luctavam com toda a força e grandes ancias com o pezo do impeto das aguas: e outros que ao som dellas, onde mais mansamente corriam, se deixavam levar brandamente: e este era o estado mais perigoso, porque quasi sem se sentir se achavam perdidos, sendo finalmente muito raros os que com grandissimo trabalho chegavam á outra banda da ribeira, e todos despidos. No meio desta afflicção, já desmaiado, levantou o Bispo os olhos ao céu, e viu que á mão direita havia uma formosa ponte, que atravessava o rio de parte a parte, pela qual caminhavam seguros outro grande concurso de gente, homens, mulheres, meninos, todos alegres e cantando. E como advertisse que diante os ia guiando uma pessoa veneravel, e pelo habito branco e manto preto reco-

nhecesse o mesmo prégador, que elle perseguia: Valei-me, Santo, que já vos confesso por tal, disse a grandes brados: Valei-me que me afogo. Pois afoga-te, e chama agora pelos teus pensamentos subidos, que te subam á ponte. Assim lhe podéra dizer, e com muita razão, o prégador das vulgaridades. Mas como os Santos se vingam fazendo bem a quem lhes faz mal, elle foi o que subiu milagrosamente, e o introduziu na ponte com os demais.

Era a formosa ponte larga, e bem defendida por ambos os lados, donde se viam com lastima, mas sem temor, os perigos e naufragios dos que se fiavam do rio. Estava fundada sobre tres grandes arcos de marmore, cada um dos quaes se rematava em cinco torres muito altas, e entre ellas repartidas de dez em dez outras cincoenta menores, que por todas faziam numero, as mais altas de quinze, as menores de cento e cincoenta. No fim se levantava um palacio de admiravel architectura, por cuja portada, egual na largura á da ponte, eram admittidos todos os que tinham passado por ella, e d'alli levados a uma grande sala interior, onde em throno de pedras preciosas cercado de resplendores assistia assentada uma Rainha de celestial magestade e formosura, a qual todos adoravam. Aqui recebia cada um da soberana mão uma corôa de rosas, e este era o signal ou passaporte real, com que se podia entrar no jardim do mesmo palacio, chamado o Paraizo das delicias, mais ameno e deleitoso que o que Deus tinha plantado no principio do mundo. Chegou-se finalmente o Bispo, quando se seguia por ordem o seu logar, para tambem receber a corôa; mas trocada a magestade da Rainha em severidade, lhe disse com aspecto irado: Que atrevimento é este? Se tu és o maior inimigo, e perseguidor do meu Rosario, como tens ousadia para pertender a corôa, que só aos devotos delle se concede? Aparta-te logo de minha presença e de todo este logar, e agradece á minha piedade não te mandar dar o castigo que tuas culpas merecem. Estas palavras, e muito mais o semblante com que foram ditas, causaram tal perturbação e horror ao pobre Bispo, que tremendo e assombrado espertou no mesmo ponto, e tornou em si. Em si tornou, mas tão outro do que d'antes era, e tão reconhecido do seu erro e ignorancia, que daquelle dia em diante foi o mais zeloso prégador do Rosario, e o maior apregoador de suas grandezas.

Esta é pois a ponte que traçou e fabricou a Virgem Santissima. Os tres grandes arcos de marmore são as tres differenças de mysterios em que se funda o Rosario — Gososos, Dolorosos, Gloriosos: — os quaes se se não consideram, nem meditam, ainda que se rezem as orações, é Rosario sem fundamento solido. As quinze torres mais altas são os quinze Padres Nossos; e as cento e cincoenta menores divididas de dez em dez entre uma e outra, são as cento e cincoenta Ave Marias; e todas ellas são torres, porque todas, espiritual e temporalmente, nos defendem de nossos inimigos. O rio arrebatado é o curso da vida presente, que nunca pára, cheio de tantos perigos e precipicios: e as duas ribeiras, a que a ponte se estende, e sendo tão distantes, abraça e une, são este e o outro mundo, são os dois horizontes de nascer e morrer, são o tempo e a eternidade. Vêde, se merece o nome de Pontifice quem fez esta ponte? A Igreja Grega em dois hymnos, fallando com a Senhora, lhe diz: *Pons traducens omnes de morte ad vitam:* Ponte que passa a todos da morte á vida: *Pons homines à terra in cœlum traducens:* Ponte que passa os homens da terra ao céu. E esta é a ponte do seu Rosario.

Desta passagem da terra ao céu foi figura a passagem do deserto á Terra de Promissão, e o rio Jordão que se passou, figura tambem do rio que nós passamos. E quem fez esta milagrosa passagem, senão a Virgem Senhora nossa, figurada na Arca do Testamento, a qual de tal sorte seccou o rio, o qual se não podia vadear, que homens, mulheres e meninos, sendo tantos mil, o passaram a pé enxuto? E não faltou nesta passagem o mysterio e propriedade do Rosario, porque diz o Texto sagrado, que quando os filhos de Israël passaram o Jordão, levavam os olhos em Jericó, que lhes ficava da outra banda: *Populus autem incedebat contra Jericó: et sacerdotes, qui portabant arcam... stabant super siccam humum in medio Jordanis.* [1] No meio do rio estava a Virgem Maria, como verdadeira Arca do Testamento, que teve dentro em si a Deus, fazendo das areias do fundo uma nova ponte e immovel, por onde sem impedimento das aguas o passassem a pé e seguramente. E da outra banda da ponte, como no nosso caso, estava em Jericó a mesma

[1] *Josué*, III, 17.

Virgem como Senhora propriamente do Rosario, que por isso a compara o Espirito Santo á planta da rosa, não em outra parte ou terra, senão na de Jericó: *Quasi plantatio rosæ in Jericho.* [1] E porque mais no terreno de Jericó, que em outro fertil de rosas? Porque as rosas de Jericó, entre todas as do mundo, são compostas de cento e cincoenta folhas, quantas são as saudações angelicas, com que veneramos e invocamos a Virgem no seu Rosario. Assim commenta o mesmo Texto Ricardo de Santo Laurentio: *Dicitur Maria Rosa, non quælibet, sed Jericuntina: quia in Jerichó crescunt rosæ speciosissimæ, habentes centum quinquaginta folia.*

V

Provada na Virgem Santissima a significação de pontifice pela etymologia do nome, vejamos a substancia da mesma significação, ou o significado do mesmo nome pelas insignias da dignidade. A insignia, que entre todos os que se chamam Pontifices, distingue delles, e sobre elles o Summo Pontificado, é a tiara. Corôa a tiara uma só cabeça, mas compõe-se de tres corôas. E porque de tres? Para significar que é corôa sobre corôas, e que todas as do mundo lhe estão sujeitas. Assim o confessam, e protestam com humilde adoração todos os reis catholicos, beijando o pé ao Summo Pontifice. E esta é uma differença muito notavel, e muito digna de se saber entre o Pontificado de Christo, e o de Arão. Oiçamos a Moysés, e a S. Pedro. Moysés, fallando do reino e sacerdocio da Lei velha, chama-lhe, *regnum Sacerdotale*, reino sacerdotal: *Vos eritis mihi in regnum sacerdotale.* [2] S. Pedro, pelo contrario, fallando do reino, e sacerdocio da Lei da graça, troca as mesmas palavras de Moysés, e chama-lhe, *sacerdotium regale*, sacerdocio real: *Vos autem genus electum, regale sacerdotium.* [3] Pois se na Lei velha havia pontifices e reis; e na Lei da graça ha reis e pontifices; porque aquella se chama reino sacerdotal, e esta, não reino sacerdotal, senão sacerdocio real? Por-

1 *Eccles.*, XXIV, 18.
2 *Exod.*, XIX, 6.
3 *1.ª Epist. Petr.*, I, 9.

que na Lei velha a dignidade real era superior aos pontifices, e na Lei da graça a dignidade pontifical superior aos reis. *Quia scilicet in Synagoga Judæorum Regnum eminebat Sacerdotio; in Ecclesia vero Christi Sacerdotium eminet Regno:* diz com Ascanio Martinengo Cornelio A' Lapide.

Dentro na mesma christandade temos mais expressa esta similhança, e significação da tiara, e a razão das suas tres corôas. Os imperadores coroam-se tres vezes com tres corôas differentes: e assim como a dignidade imperial, por ser temporalmente a suprema do mundo, se recebe por tres corôas; assim a pontifical, que espiritualmente é a suprema, e a summa, se compõe, e representa com outras tres. E tal é a tiara pontificia, que á Virgem Senhora nossa, lhe compete por Senhora do Rosario. As tres corôas dos imperadores, uma é de ferro, outra de prata, outra de oiro: e as da Senhora do Rosario tambem poderão ser formadas dos mesmos metaes. A primeira de prata nos mysterios Gososos, a segunda de ferro nos Dolorosos, e a terceira de oiro nos Gloriosos. Por esta mesma ordem as conta e distingue S. Bernardino na cabeça humana do Divino Auctor dos mesmos mysterios, sendo tanto do soberano Filho que os obrou, como da soberana Mãe, que o acompanhou em todos: *Prima corona est carnea, qua conformatus fuit ab utero; et hæc corona contexta fuit de purissimis sanguinibus Virginis.* A primeira corôa (diz o Santo) é a da Encarnação; e esta foi formada das purissimas entranhas da Virgem Maria, com que a mesma Mãe Santissima coroou ao Filho de Deus, e seu. *Secunda est spinea, qua coronatus fuit à noverca synagoga; et contexta fuit peccatorum nostrorum aculeis:* a segunda corôa é da Paixão; e esta foi tecida de espinhos, com que cruelmente o coroou sua madrasta a Synagoga. *Tertia fuit gemmea, qua coronatus fuit in Resurrectionis triumpho; e hæc contexta fuit ex dotibus pretiosissimis sui corporis gloriosi:* a terceira corôa é da Resurreição, e essa foi lavrada de pedras preciosas pelos dotes celestiaes do Corpo glorioso, com que o coroou seu Eterno Padre. E quem não vê que estas tres corôas, uma de gosto, outra de dôr, outra de gloria, não são outras, senão as mesmas tres, de que se compõe a tiara pontifical da Senhora do Rosario?

Cada uma destas corôas primeiro foi do Filho, porque o Filho obrou os mysterios; mas depois, ou logo,

foi tambem da Mãe; porque a Mãe os obrou juntamente com elle: não havendo algum em todo o Rosario, em que a Senhora não tivesse parte, e lhe fizesse companhia, e por isso participante da mesma corôa. Conta Cesario no Livro setimo uma visão admiravel. Estava em um altar uma imagem da Virgem Maria com seu Bemdito Filho nos braços: e tanto que o sacerdote começava a cantar o Evangelho, o Menino tirava a corôa da cabeça da Senhora, e punha-a na sua. Vède qual seria a admiração dos que isto viam, e ainda o sentimento dos devotos da Virgem! Mas tanto que o Credo chegava áquellas palavras, *Et incarnatus est de Maria Virgine: et Homo factus est*, logo o Menino tornava a tirar a corôa de sua cabeça, e punha-a na de sua Mãe. De sorte que a corôa, que era de Christo, era tambem da Senhora, primeiro do Filho, e depois da Mãe, mas de ambos, não diversa, senão a mesma. E isto é o que se verifica em cada uma das tres corôas dos mysterios do Rosario. A corôa da Encarnação primeiro foi de Christo concebido, e depois da Virgem que o concebeu em suas purissimas entranhas, e creou a seus peitos: e estes são os mysterios Gososos. A corôa da Paixão primeiro foi de Christo crucificado e morto, e depois da affligida e piedosa Mãe, que o assistiu ao pé da cruz: e estes são os mysterios Dolorosos. A corôa da Resurreição primeiro foi de Christo, que resuscitado subiu ao céu, e depois da Senhora tambem resuscitada, que triumphante o seguiu na mesma subida: e estes são os mysterios Gloriosos. E destas tres corôas finalmente se compoz a tiara pontifical do Rosario, transformadas ou transfiguradas todas tres em corôas de rosas.

Não me detenho em referir ou estender exemplos desta transformação (como fiz na materia do discurso passado, e póde ser faça no seguinte) por ser coisa vulgar em toda a Historia Ecclesiastica as muitas vezes que da bocca dos devotos do Rosario a cada Ave Maria que rezavam foram vistas sahir rosas, as quaes a Mãe de Deus com soberano agrado recolhia, e enfiadas em oiro tecia dellas corôas. Destas corôas, pois, que não são mais nem menos de tres, conforme as tres partes do Rosario, se compõe, e aperfeiçoa a tiara pontifical da Senhora delle. A primeira corôa é de rosas encarnadas pertencente aos mysterios da Encarnação, pela côr do Verbo feito carne: a segunda é de rosas

vermelhas, pertencente aos mysterios da Paixão, pela côr do sangue derramado na cruz: a terceira é de rosas brancas, pertencente aos mysterios da Resurreição, pela côr propria da immortalidade, de que appareceram vestidos os Anjos naquelle dia. Mas oiçamos a Salomão, que viu as corôas, a materia, o numero, e a mesma tiara: *Veni de Libano, Sponsa mea, veni de Libano, veni: coronaberis:* [1] Vinde do Libano, Esposa minha, vinde do Libano, vinde: e sereis coroada. Duas coisas são as sabidas nestas palavras, e duas não. A Esposa todos sabem que é a Virgem Maria; e quem lhe chama Esposa sua, *Sponsa mea*, tambem se não ignora que é Deus. Mas se Deus chama a Senhora para a corôa, *coronaberis*, porque a chama, não uma, nem duas, senão tres vezes: *Veni, veni, veni?* E se o monte Libano não é rico de minas de oiro, ou pedras preciosas, mas fertil sómente de flôres, e cultivado dos jardins famosos de Salomão, porque se diz que do Libano hão de sahir as corôas: *De Libano coronaberis?* Assim construem o Texto, os que melhor o concordam. E tudo é o que queremos dizer.

Chama Deus a Senhora tres vezes, quando a chama para ser coroada; porque a mesma Senhora foi coroada tres vezes, e com tres corôas. E porque estas corôas não foram de oiro, ou pedraria, senão de rosas, por isso não sahiram das minas de outros montes, senão dos jardins do Libano. Mais diz o Texto. Não só diz que sahiram estas tres corôas do Libano, senão de tres outeiros, ou cabeços do mesmo monte: *De capite Amana, de vertice Sanir, et Hermon.* [2] E com que mysterio? Com todos os tres do Rosario e sua distincção. Todo o monte Libano, insigne por sua altura, e pela singular candidez que lhe deu o nome, significa toda a vida de Christo, sublime, celestial, purissima: os tres outeiros distinctos, e mais eminentes do mesmo monte, denotam os passos e mysterios da mesma vida de Christo, mais notaveis, de que a Virgem compoz e dividiu em tres partes o seu Rosario, e dos quaes transformados em rosas se teceram as tres corôas. Uma corôa, como laureola de Virgem pelos mysterios da Encarnação: outra, como laureola de Martyr pelos

[1] *Cant*, IV, 8.
[2] *Ibid.*

mysterios da Paixão: e a terceira, como laureola de Doutora pelos mysterios da Resurreição. E o fundamento desta terceira laureola, como affirmam commummente os Santos Padres e Doutores sagrados, é, porque desde a Ascenção de Christo até á Assumpção da Senhora (que foi o tempo dos terceiros mysterios) ficou a Soberana Mãe neste mundo substituindo a ausencia de seu Filho, como Mestra dos Apostolos e de toda a Igreja, alluminada sobre todos do Espirito Santo, magisterio que tambem pertence ao caracter e officio de Pontifice. Em summa, que dos tres mysterios do Rosario se formaram as tres corôas, não unidas, senão distinctas, nem juntas, senão successivas, uma sobre a outra: *Veni, veni, veni, coronaberis:* e destas tres corôas pela mesma ordem se compoz, ornou e aperfeiçoou a tiara pontifical da Senhora do Rosario. Assim o tinha eu imaginado sem auctor, quando achei que muito antes o tinha escripto o doutissimo Del Rio, commentando litteralmente este mesmo Texto dos Cantares. As suas palavras são estas: *Tres coronæ de tribus lectæ collibus unius montis promittuntur, ut tribus virtutibus correspondeant. Unde fortassis et caput visibile Ecclesiæ Romanum Pontificem triplicis coronæ tiara exornari receptum.* Promettem-se á Esposa tres corôas, colhidas dos tres outeiros do mesmo monte, que respondem ás tres virtudes dos mysterios referidos. E d'aqui parece, diz este eruditissimo auctor, se tomou na Igreja Romana o uso da tiara do Summo Pontifice, composta de tres corôas. De sorte que quando os Pontifices de Roma puzeram sobre a cabeça a tiara de tres corôas, já havia mil annos que a mesma tiara pontifical, e com a mesma fórma, estava prophetizada, traçada e destinada para a Virgem Santissima do Rosario.

VI

Segue-se agora o que só falta para complemento do nosso discurso, que é a potestade das chaves. O que contém esta potestade dos Summos Pontifices, é o que declarou Christo Senhor nosso ao primeiro de todos, S. Pedro, quando lhe prometteu: *Tibi dabo claves regni cœlorum. Et quodcumque ligaveris super terram, erit*

ligatum et in cœlis: et quodcumque solveris super terram, erit solutum et in cœlis. [1] Dar-te-hei as chaves do reino do céu na terra, com potestade tão plena e absoluta, que tudo o que as tuas chaves abrirem ou fecharem na terra, infallivel e irrefragavelmente será aberto, ou fechado no céu. Toda esta delegação (se bem com poder ordinario) é fundada na primeira e suprema potestade de Christo, a qual o mesmo Senhor intimou ao mesmo S. Pedro e aos outros Apostolos, quando os mandou prégar a sua nova Lei a todo o mundo: *Data est mihi omnis potestas in cœlo et in terra.* [2] E como estas palavras declaratorias da potestade de Christo são tão parecidas com as das chaves que deu a S. Pedro, perguntam aqui os Theologos, se deu Christo, e deixou aos Summos Pontifices todos seus poderes? E resolvem concordemente que não. Allegam-se em prova desta limitação muitos exemplos e casos, em que os Pontifices não podem o que póde Christo: mas a melhor e mais relevante excepção de todas, é a que o mesmo Christo publicou em voz no Apocalypse, e mandou a S. João como seu secretario, que a escrevesse authenticamente: *Ego sum primus, et novissimus, et vivus, et fui mortuus: et ecce sum vivens in sæcula sæculorum, et habeo claves mortis, et inferni. Scribe ergo.* [3] Contrapõe o Senhor em proprios termos chaves a chaves, e declara que elle não só tem as chaves do céu, como Pedro e seus successores, senão tambem as chaves da morte e do inferno, em que elles não teem poder ou jurisdição alguma.

Isto posto, pergunto eu agora: A potestade das chaves da Senhora do Rosario qual destas é? E' como a das chaves de S. Pedro, ou como a das chaves de Christo? Se é sómente como a das chaves de S. Pedro, pouco deu o Filho de Deus a sua Mãe. Esses poderes são para o annel do Pescador, mas não para o annel da Esposa, em cujo nome se lhe deram as tres corôas da tiara: *Veni, Sponsa mea, veni, veni: coronaberis.* Quando Christo deu a tiara a S. Pedro exprimindo tambem as tres corôas nas tres vezes que lhe encommendou as suas ovelhas; successivamente lhe pergun-

---

[1] *Math.*, XVI, 19.
[2] *Math.*, XXVIII, 18.
[3] *Apoc.*, I, 18 e 19.

tou primeiro outras tres vezes, se o amava mais que os outros Apostolos, que estavam presentes: *Diliges me plus his?* [1] E se a potestade das chaves, e a differença dos poderes se ha de medir com o excesso do amôr, injuria seria do amôr de Mãe, se se houvesse de remunerar como o amôr de Pedro. Entrem no exame do amôr de Maria, não só os Apostolos, senão os Santos de todas as tres Leis, e os Anjos de todas as tres Gerarchias; entre na lei da natureza Adão com novecentos annos de rigorosa penitencia, entre Abel com todos os innocentes, entre Enos, entre Seth, entre e appareça o extatico e arrebatado Enoch; entre Noé, o mais justo de todo o mundo no seu tempo, e por isso reparador do mesmo mundo; entrem Abrahão, Isaac, e Jacob, dos quaes Deus se chamou singularmente Deus. E não fiquem de fóra Melchisedech, nem Job, que é tudo o que produziu grande a lei da natureza. Na lei escripta, entre Moysés com as Taboas da mesma lei, depois de vêr como Deus ama, e como se deve amar nas labaredas da Sarça; entre Josuë, entre Gedeão, entre Samuel, entre o homem cortado pelo coração de Deus, o devotissimo David: entrem Jozias, e Ezechias, excepção de reis; entre Elias com todo o fogo do seu carro; entrem Isaias, e Jeremias com todos os Prophetas; entrem Judas, e Eleazaro, com todos os Macchabeus; entre tudo o que teve heroico, e notou com lettras grandes a lei escripta. Na Lei da graça em fim entre João o Precursor, e João o Amado, entre o mesmo S. Pedro com os demais Apostolos; entre, ou desça do terceiro céu o grande Paulo, entre com toda a aljava do amôr a Magdalena; entrem os Basilios, os Agostinhos, os Bernardos; saiam dos desertos os Arsenios, os Antonios; e das Cartuxas os Brunos: venham com todos seus esquadrões os Bentos, os Domingos, os Franciscos, e com o nome de Jesus ambos os Ignacios: venha Ignez, venha Cecilia, venham as duas Catharinas, venha Thereza, nome e coração singular, e venham finalmente todos os que com a vida nos rigores, ou com a morte nos tormentos, provâram a Christo a Fé, e a verdade de seu amôr: *Diligis me plus his?*

Não digo tal, Virgem Santissima, que não sou tão

---

[1] *Joan.*, XXI, 15.

descomedido. Com o immenso de vosso amôr, nenhum humano se póde comparar, anda que entrassem nesta conta, Anna, Joaquim, e o mesmo Esposo José, toda a soberana Trindade do vosso sangue. Mas subamos ao céu, onde todos são espiritos. Amam muito na primeira gerarchia os Anjos, os Archanjos, as Virtudes: amam mais na segunda gerarchia as Potestades, os Principados, as Dominações: amam sobre todos na terceira e suprema, os Thronos, os Cherubins, os Serafins, chamados por antonomasia os fogosos, os abrazados, os ardentes. Mas que comparação, ou similhança tem todo esse amôr com o amôr de Maria? O céu, onde elles veem a Divina Essencia, chama-se Empyreo, que quer dizer céu de fogo; porque tudo lá são incendios, tudo é arder em fogo de amôr de Deus: mas comparado o amôr dos servos com o amôr da Mãe, todo esse ardor é frieza, todo esse fogo é neve. Mais ama Maria em um só acto a Deus, do que todos os espiritos angelicos juntos o amam, e amarão por toda a eternidade. E se a potestade das chaves se mede pelo excesso do amôr, claro está, que a potestade pontifical de Maria ha de ser maior que a das chaves de Pedro. Quando Christo deu as chaves a S. Pedro, chamou-lhe Barjona, filho de João; e se ao filho de João se deu tão grande potestade, qual é a que se deve dar á Mãe do Filho de Deus?

Respondendo pois á nossa questão, digo que a potestade pontifical da Senhora do Rosario não é como a de S. Pedro, senão como a de Christo. Porque não só lhe deu o mesmo Christo as chaves do céu, como a S. Pedro, senão tambem as chaves da morte, e do inferno, que elle reservou para si, e são sómente suas: *Habeo claves mortis, et inferni.* E para que se veja que lhe foram dadas á Senhora como Senhora particularmente do Rosario, e em razão e respeito dos seus mysterios; notae o que diz immediatamente antes o mesmo Christo como Auctor delles. *Et vivus, et fui mortuus, et ecce sum vivens in sæcula sæculorum.* [1] Eu, que tenho as chaves da morte e do inferno, fui vivo, e depois fui morto, e agora sou outra vez vivo para toda a eternidade. Não sei se cahis já na consequencia, que não póde ser mais propria? Que coisa são

[1] *Apoc.*

os mysterios do Rosario, senão uma morte de Christo entre duas vidas? A primeira vida mortal, em que nasceu e viveu, que são os mysterios Gososos: a segunda vida immortal, em que resuscitou e subiu ao céu, e vive eternamente, que são os mysterios Gloriosos: e no meio destas duas vidas a morte de Cruz, em que padeceu por nós, que são os mysterios Dolorosos. Os primeiros: *Et vivus:* os segundos: *Et fui mortuus:* os terceiros: *Et ecce sum vivens in sæcula sæculorum.* E depois de referir o Senhor estes tres mysterios no mesmo numero, e pela mesma ordem, e todos obrados em si mesmo, então diz, que tem as chaves da morte e do inferno. E se estas chaves, e esta potestade lhe foi dada a Christo em quanto Homem, por que obrou estes mysterios; a sua Santissima Mãe, que tanta parte teve nelles, como Senhora do Rosario, porque se lhe não daria a mesma potestade, e as mesmas chaves: *Claves mortis, et inferni?* E para que ninguem o duvide, vamos ao facto.

VII

Houve no reino de Aragão uma mulher moça e nobre, por nome Alexandra, a qual pelas prégações de S. Domingos tomou por devoção rezar todos os dias o Rosario. Estes foram os bons propositos, mas não foi este inteiramente o effeito: por que se muitas vezes rezava, muitas vezes tambem deixava de o fazer, sendo a principal virtude da oração a perseverança. Não deixava de rezar Alexandra, porque a pobreza a obrigasse a trabalhar todo o dia, e parte da noite; porque era rica: nem porque lhe levasse todo o tempo o governo da casa, e o cuidado dos filhos e da familia, porque não era casada. Pois porque não rezava? Ainda o porquê era peor que o não rezar. Era muito prezada da gentileza, e o espelho e a janella eram as duas peças da casa que lhe occupavam todas as horas do dia. O espelho para se vêr e enfeitar, a janella para apparecer e ser vista. Se ella entendera bem a devoção do Rosario, soubera que em cada um de seus mysterios nos deixou Christo um espelho. *Fecisti, Domine, de corpore tuo speculum animæ meæ*, dizia aquelle grande Bispo de Ostia, o devotissimo Drogo.

De seu sacratissimo Corpo fez Christo este espelho, não para o corpo, senão para a alma, no qual ella se vê tão desfigurada, quantas são as figuras diversas, em que o mesmo Senhor se nos representa em cada mysterio do Rosario. Nos mysterios Gososos se olha a alma para Christo em um presepio; naquella pobreza está vendo a sua cubiça, naquella humildade a sua soberba, naquelle desabrigo e desamparo a sua commodidade, e o seu regalo. Nos mysterios Dolorosos se olha a alma para Christo atado a uma columna, naquella columna está vendo a sua inconstancia, naquellas cordas as suas liberdades, naquella desnudez as suas galas, naquelles cinco mil e tantos açoites, os milhares de seus peccados. Nos myterios Gloriosos se olha a alma para Christo subindo ao céu, naquella formosura está vendo a fealdade de seus vicios, naquelles resplandores as trevas da sua cegueira, naquella agilidade o pezo de suas paixões, e naquelle entrar no céu o perigo de o perder para sempre. Se as vezes que Alexandra tomava o Rosario nas mãos, se vira nestes espelhos, eu vos prometto que ella trataára mais de parecer bem a Deus, que aos homens.

Como esta louca mulher apparecia tanto, não faltaram homens tão loucos como ella, que a passeavam, e pertendiam. Foram os principaes pretendentes, dois mancebos nobres dos melhores da cidade, entre os quaes nasceu a competencia, e se atearam os ciumes com tal furia, que determinaram resolver a contenda pelas armas: e assim se foram um dia desafiados ao campo. Tiram pelas espadas sós por sós, e depois de se baterem e ferirem, não como homens, mas como duas féras assanhadas, cançados já, e envoltos em sangue, retiram-se ambos atraz, para se envestirem com maior impeto; parte um para o outro, mettem as espadas pelos mesmos fios, alcançam-se no mesmo tempo pelo peito esquerdo, e cahem ambos mortos. Sabido o caso e a causa, juntam-se os parentes para verem o que se devia fazer, e aconselhando-se mais com a dôr, que com a Lei de Deus e com a razão, vão-se de tropel a casa de Alexandra, resolutos a vingarem na sua vida as mortes dos que por amôr della a tinham perdido. Lança-se a triste mulher a seus pés, pedindo-lhes, que ao menos a deixem confessar: mas um delles, em que a colera foi mais cruel, e menos christã, pega-lhe pelos cabellos, e bradando Alexan-

dra: Virgem do Rosario, valei-me; com o mesmo golpe lhe cortou a cabeça, e as palavras, que ia pronunciando. Havia no pateo da casa um poço, e lançada nelle a cabeça se sahiram os matadores, tomando cada um o caminho que melhor lhe pareceu, para escapar á justiça. Nós que faremos?

Paremos um pouco á vista deste lastimoso espectaculo; e consideremos quão cego, quão precipitado, e quão horrendo vicio é o da sensualidade, e quão grandes damnos são os que causa em uma republica uma mulher pouco honesta. Se se pegasse o fogo áquella cidade, raro podia ser o incendio que levasse tantas casas, como este levou. Levou a casa da mesma Alexandra: levou as casas dos dois competidores, que morreram no desafio: levou as casas de todos os parentes, que por vingar sua morte se desterraram para sempre das suas. A tantos levou este raio, não do céu, mas do inferno. E se bem advertirmos, acharemos que a que menos mal livrou, foi a mesma Alexandra. Os seus matadores, ainda que escaparam as vidas, perderam a patria, perderam o descanço de suas casas, e sobre tudo perderam a graça de Deus, que é o maior de todos os bens, commettendo aquelle grande peccado. Os dois competidores perderam a vida, porque se mataram; perderam a alma, porque morreram subitamente em peccado actual, e ainda os miseraveis corpos incorrendo as penas do duello, perderam a sepultura ecclesiastica, e como excommungados foram sepultados no campo entre os brutos. Alexandra, ainda que perdeu a vida, porque a degollaram, só ella naquelle fracasso não commetteu peccado algum, que é o que mais importa, antes pediu confissão para elles, posto que a não alcançou, que é assaz grande mal.

Estava ausente S. Domingos nesta occasião; mas de lá viu toda aquella tragedia, porque Deus lh'a revelou com todas suas circumstancias. D'ahi a alguns tempos veiu á mesma cidade, perguntou pela casa de Alexandra, e a novidade da pergunta, e a memoria do caso passado, fez que fosse apoz o Santo muito mais gente, da que por toda a parte o acompanhava e seguia. Entra no pateo da casa, chega ao poço, e inclinando-se para baixo, começa a bradar: Alexandra! Alexandra! Accudiram todos o que poderam a vêr o echo que faziam na profundidade do poço aquellas vozes,

e a resposta que de lá lhe davam; quando veem subir pelo ar uma cabeça com os cabellos estendidos, os olhos abertos, a côr do rosto muito viva; e chegando mais perto reconheceram todos ser a cabeça de Alexandra. Nesta prodigiosa fórma posta sobre o local do poço, começou a fallar, e a primeira coisa que disse: foi: Padre Frei Domingos, oiça-me vossa reverencia de confissão, que a isso venho. Não se poz de joelhos, nem bateu nos peitos a penitente, porque não tinha mãos nem pés; mas como tinha olhos, chorava muitas lagrimas; e como tinha lingua, confessou muito miuda, e muito declaradamente todos os peccados de sua vida. Acabada a confissão geral, e recebida a absolvição, mandou recado S. Domingos á parochia, que trouxessem o Santissimo Sacramento: e veiu ao poço de Alexandra aquelle Senhor que no poço de Sichar tinha convertido a Samaritana, para matar em ambas a sêde que tem de nossas almas. Não morreu logo Alexandra (se assim se póde chamar a que da garganta para baixo estava convertida em cinzas) porque quiz Deus que para admiração de sua omnipotencia e exemplo daquelle povo, estivesse assim dois dias, vendo-a e ouvindo-a todos.

Perguntada o que lhe succedera, respondeu que a Virgem Santissima em premio dos Rosarios que rezava, posto que tão imperfeitamente, e não continuados, lhe fizera dois estranhos e milagrosos favores: o primeiro, que para não ir ao inferno, como por seus peccados merecia, lhe alcançara um acto de contrição: o segundo, que apartando-se a alma do corpo, não morresse de todo, e se conservasse na cabeça e na lingua, para se poder confessar. Finalmente, que pela vaidade e incontinencia de sua má vida, e pelos escandalos e males que com ella tinha causado, estava condemnada a duzentos annos de Purgatorio: porém que pela graça dos Sacramentos que tinha recebido, e pelos suffragios que pedia, principalmente aos confrades do Rosario, esperava que aquella sentença da Divina Justiça se moderasse, e as penas lhe fossem diminuidas. Ditas estas coisas, e outras de grande edificação e espanto, cerrou os olhos, emmudeceu a lingua, perdeu as côres, e acabou de morrer a venturosa Alexandra. D'alli foi levada a prodigiosa cabeça com extraordinaria pompa, e mais como em triumpho, que como enterro, a ajuntar-se com o corpo no mesmo lo-

gar, onde tragica e lastimosamente fôra sepultado. Fizeram-se muitos suffragios em toda a cidade, e ao cabo de quinze dias (numero sagrado nos mysterios do Rosario) appareceu a alma de Alexandra vestida de gloria a S. Domingos, dando-lhe as graças de lhe haver ensinado aquelle soberano meio, que na vida, na morte, e depois da morte, tinha sido a causa de todas as suas felicidades, e agora o era da eterna, para onde tomando-a pela mão a levou comsigo a mesma Virgem Santissima.

Assim exercitou a Senhora do Rosario, neste caso como em outros) a potestade das suas chaves sobre a morte e sobre o inferno: *Claves mortis, et inferni.* Sobre a morte, fazendo que Alexandra degolada, e com o corpo já sepultado, se conservasse viva: sobre o inferno, impedindo com a mesma vida, e com a graça da contrição e dos Sacramentos, que não fosse condemnada ao inferno, como seus peccados mereciam. Esta potestade pontifical, e estas chaves sim, que não são como as de Pedro, senão como as de Christo. As chaves de Pedro só teem jurisdição sobre a terra: *Quidquid solveris super terram: quidquid ligaveris super terram:* porém as da Senhora do Rosario, não só sobre a terra, senão debaixo da terra. Debaixo da terra, nas partes visinhas a nós, onde se abrem e cerram as sepulturas, que são os carceres da morte: *Claves mortis:* e debaixo da terra, nas partes mais inferiores e remotas do centro della, onde penam eternamente os condemnados, que são os carceres do inferno: *Claves inferni.*

A potestade que Deus deu ao sol: *Solem in potestatem diei:* [1] tem duas jurisdições; a da luz, e a do calor; mas a do calor muito maior que a da luz, porque a da luz pára na superficie da terra, onde allumia os homens; a do calor penetra as entranhas e centro da mesma terra, onde gera, purifica e enriquece os metaes. Essa é a energia com que disse elegantemente David, fallando do mesmo sol: *Nec est qui se abscondat à calore ejus:* [2] Não ha quem se esconda do seu calor. Parece que não havia de ser do seu calor, senão da sua luz; porque a luz é a que descobre tudo. Mas

---

[1] *Psalm.* CXXXV, 8.
[2] *Psalm.* XVIII, 7.

diz nomeadamente do seu calor, distinguindo-o da luz; porque tudo o que está debaixo da terra esconde-se á luz do sol; porém ao seu calor nenhuma coisa se póde esconder, por mais que a esconda e cubra a terra. Lá se estende a sua efficacia, lá penetra, lá obra maravilhosos effeitos. Taes, diz S. Bernardo, são os poderes da Virgem Santissima: *Cujus radius universum orbem illuminat, cujus splendor, et perfulget in supernis, et inferos penetrat, nec est, qui se abscondat à calore ejus.* Não ha, nem sobre a terra, nem debaixo da terra, quem se possa esconder a este soberano Sol; porque se com os raios de sua luz allumia todas as partes superiores da terra, com a efficacia de seu calor penetra até os infernos: *Perfulget in supernis, et inferos penetrat.* E' verdade que o Propheta quando disse, *Nec est, qui se abscondat à calore ejus*, fallou litteralmente de Christo: mas por isso mesmo pertencem os mesmos effeitos e os mesmos poderes á Mãe, de quem é Filho. Porque se Christo, por ser ungido em Supremo Rei, lhe communicou a dignidade real, tambem por ser ungido em Pontifice Summo, lhe havia de communicar a pontifical. Pontifical no nome, pontifical nas insignias, pontifical nos poderes, como deixamos provado: e não por outra razão, nem por outro titulo, senão por nascer da mesma Senhora o mesmo Jesus, que se chama Christo: *De qua natus est Jesus, qui vocatur Christus.*

VIII

De tudo o que fica dito neste largo discurso, só tiro dois documentos contrarios aos que se costumam tirar de todos os sermões. Nos outros sermões exhortam os prégadores á imitação dos exemplos que teem prégado: eu o que vos peço, é que de nenhum modo os imiteis. Póde ser que esteja neste auditorio, e me ouvisse alguma alma de tão pouco juizo, ou algum juizo de tão pouca alma, que com o exemplo de Alexandra diante dos olhos, fizesse uma resolução. Ora eu de hoje por diante quero rezar o Rosario, ao menos algumas vezes, e sobre esta carta de seguro viver muito a meu gosto, e a meus gostos, como ella vivia; porque quando o mal seja muito, ahi está a Virgem do Rosario, que na

hora da morte me não faltará com um acto de contrição. Deus nos livre de tal discurso, e de tal exemplo, porque assim como o do Bom Ladrão tem levado muitos ao inferno, assim o fará o de Alexandra. O fructo que devemos tirar da sua vida e da sua felicidade, são dois conhecimentos, um de temor, outro de estimação: conhecer e temer o vicio da sensualidade, conhecer e estimar a devoção do Rosario. E' tão grande mal o vicio da sensualidade, que todos os bens tirou a Alexandra; e é tão grande bem a devoção do Rosario, que todos os bens lhe tornou a restituir, e todos os males lhe remediou. Tirou-lhe todos os bens a sensualidade, porque lhe tirou a honra, infamando-a em toda a cidade: tirou-lhe a vida, sendo causa de que lhe cortassem a cabeça: tirou-lhe a consciencia, porque a trouxe enredada e perdida em tantos vicios: e quasi lhe tirou e condemnou a alma, porque a teve pendente de um fio tão delgado, como é um acto de contrição no instante da morte, e esse por milagre. Isto fez a sensualidade. E a devoção do Rosario que fez? De todos estes males a livrou, e todos estes bens lhe restituiu. Restituiu-lhe a honra, porque de infame a fez famosa em todo o mundo: restituiu-lhe a vida, porque com a cabeça cortada lhe conservou a alma naquella tão pequena parte do corpo: restituiu-lhe a consciencia, porque naquelle ultimo instante, em que é tão difficultoso, lhe deu a graça pela contrição: e depois de morta, pelos Sacramentos: e finalmente restituiu-lhe a alma, porque caminhando direita ao inferno por seus peccados, por meios tão extraordinarios e milagrosos a levou á bemaventurança, que está gozando e gozará por toda a eternidade. Mas porque uma felicidade destas mais é para admirar, que para esperar, rezar o Rosario sim, e melhor do que Alexandra o rezava, mas guardar de viver como ella.

O segundo exemplo é o Bispo presumido, que perseguia a S. Domingos, e desprezava os sermões do Rosario. Se o mesmo fizerdes a estes meus, eu vos perdôo; e se algum delles vos persuadir a ser devotos do Rosario, que é o fim para que os escrevo, a Deus e a vós darei muitas graças, e haverei o trabalho por bem empregado. O documento que só tiro deste exemplo, é, que vos guardeis, de que o vosso entendimento ou a vossa presumpção vos lance no rio, e que vos pergunteis a vós mesmos, se é melhor ir pelo rio, ou

pela ponte. Aquelle rio largo, escuro, profundo e furioso, é o mundo: os que se vão a pique, são os que morrem de morte subita: os que andam aboiados em figuras disformes, são os que morreram em tempos passados, de que temos tão lastimosos exemplos: os que vão arrebatados da corrente dar nos penhascos, são os que morrem de mortes violentas e desastradas: os que se deixam levar das aguas, são os que vivem neste mundo sem consideração do outro, e no fim da vida se acham perdidos: os que finalmente chegam á ribeira vivos, são poucos, e todos despidos: poucos; porque são raros destes os que se salvam: e despidos; porque de tudo quanto cá se adquiriu com tanto trabalho, com tanto desvello, e com tantos perigos da alma, tudo cá fica, e nenhuma coisa se leva, senão os encargos. Vêde agora, se é melhor nadar forcejando sempre, quando não seja naufragar neste rio; ou caminhar descançado por cima da ponte com toda a segurança que nos promette o ser obra daquella poderosissima e riquissima Senhora, que para Deus remir e salvar o mundo, lhe deu todo o preço e cabedal, tirando-o das mesmas piedosissimas entranhas, com que summamente deseja nos salvemos todos. Só por ser obra da Virgem Maria, e lhe dar gosto, deveramos ser muito devotos do seu Rosario; quanto mais, que não só devemos esta continua memoria aos mysterios que nelle se representam, sob pena de sermos ingratissimos a Deus e a sua Mãe; mas pondo sómente os olhos na nossa necessidade e no nosso perigo, nenhum outro meio podemos tomar mais seguro em uma passagem forçosa, e tão incerta, como desta para a outra vida. Entremos pois sem temôr, e com grande confiança por esta firmissima ponte do Rosario: sem temôr; porque as torres, de que está fortificada, nos defenderão de todos nossos inimigos: e com grande confiança; porque no fim della está com as portas abertas o formosissimo palacio da Rainha da Gloria, de cuja soberana mão, se preseverarmos, receberemos a corôa de rosas, que é o caracter, o penhor, e o salvo-conducto com que sem duvida seremos admittidos ao paraiso interior das delicias, onde Deus se deixa vêr e gozar, e nós o veremos e gozaremos por toda a eternidade.

SERMÃO DECIMO NONO

COM O SS. SACRAMENTO EXPOSTO

Beatus venter, qui te portavit. [1]

I

Encerrado e desencerrado temos hoje a Christo, Senhor e Redemptor nosso, no altar e no Evangelho. Desencerrado no altar; porque naquelle throno de magestade o temos exposto a nossos olhos: e encerrado no Evangelho; porque alli se nos representa dentro do sacrario virginal do ventre beatissimo: *Beatus venter, qui te portavit.* [2] E bastam estes dois Sacramentos para declarar os mysterios e desfazer os encontros de toda a presente solemnidade? Não bastam. Antes os mesmos dois Sacramentos se ordenam hoje a outro terceiro Sacramento, que é o Rosario santissimo da Virgem Senhora nossa, primeiro e principal argumento de toda a presente acção, e tão grande como difficultoso assumpto della. De maneira que tres são os Sacramentos que concorrem neste dia, e em todos tres a mesma divindade e humanidade de Christo diversamente sacramentada. O Sacramento do altar, o Sacramento do Evangelho, o Sacramento do Rosario. E porque não faça duvida nestes dois ultimos, o nome que lhe dou de Sacramento, não sendo algum dos sete, vêde com quanta propriedade lhe quadra a definição de Sacramento!

Sacramentum est visibile signum invisibilis gratiæ: O Sacramento em commum (com mais declarada de-

---

[1] *Luc.*, 11.
[2] *Ibid.*, XI, 27.

finição do que o tinha definido Santo Agostinho, e o definiu depois delle Santo Thomaz) é um signal visivel da graça invisivel: ou um signal, que se vê, da graça que se não vê. D'aqui se segue, que assim o Sacramento do Evangelho, como o do Rosario, não só têm grande similhança com qualquer outro Sacramento, senão maior ainda com o maior de todos, que é o Santissimo Sacramento do altar. Sendo todos os Sacramentos santos, qual é a razão porque o Sacramento do altar se chama santissimo? A razão é, porque os outros Sacramentos, debaixo da materia visivel, só significam a graça santificante, que causam invisivelmente; porém o Sacramento do altar não só significa a graça santificante que causa, senão tambem o mesmo Santificador e Auctor da graça, que é Christo, o qual este Sacramento encerra dentro em si occulto e invisivel debaixo dos accidentes que vemos. E tudo isto é o que causam e conteem (cada um por seu modo), assim o Sacramento do Evangelho, como o Sacramento do Rosario.

Qual é o Sacramento do Evangelho? *Beatus venter, qui te portavit.* E' o ventre purissimo da Virgem Maria, em quanto trouxe dentro em si o Verbo Eterno encarnado. Que este signal fosse visivel, bem o demonstraram as duvidas ou admirações de S. José. E que além da graça santificante da Senhora, significasse invisivelmente o mesmo Filho de Deus, Christo, concebido por virtude do Espirito Santo, e trazido em suas entranhas; bem o ensinou o Anjo ao mesmo S. José, quando depois lhe revelou e declarou o mysterio: *Quod enim in ea natum est, de Spiritu Sancto est.* [1] Eis aqui como o Sacramento do Evangelho em tudo é parecido ao Sacramento do altar.

E o Sacramento do Rosario? Tambem, e pelo mesmo modo. O Rosario que trazeis nas mãos (vêde quão puras devem ser) é o signal visivel deste Sacramento. O effeito invisivel é a graça sanctificante, que por meio do Rosario alcançam os que digna e devotamente o rezam. E encerra mais alguma coisa dentro em si o mesmo Rosario? Encerra tudo o que encerra o Sacramento do altar, e encerra tudo o que encerrou o ventre da Virgem, e ainda encerra mais: porque não só en-

[1] *Math.*, I, 20.

cerra, como o ventre virginal, a Christo em quanto encarnado, nem só como o Sacramento do altar a Christo em quanto morto, senão ao mesmo Christo em quanto encarnado, em quanto morto, em quanto resuscitado, e em todos os outros mysterios Gososos, Dolorosos, e Gloriosos do mesmo Christo.

Assentados pois assim estes Sacramentos, o que farei em dois discursos será combinar e comparar entre si os mesmos Sacramentos. No primeiro compararei o Sacramento do altar com o Sacramento do ventre virginal, em maior louvor do Sacramento do altar. No segundo compararei o Sacramento do Rosario com o Sacramento do altar, em maior louvor do Sacramento do Rosario. Como em todos tres é interessada a Senhora, não em parte, mas em tudo, não nos póde faltar com sua graça. *Ave Maria, etc.*

II

Beatus venter, qui te portavit.

Com razão reparou nestas palavras o Cardeal Hugo, na purpura e na penna egualmente eminentissimo, e pergunta assim: *Quare non dixit mulier illa: Beata Mater, quæ te portavit, potius quam beatus venter?* Esta mulher do Evangelho, por cuja bocca fallou o Espirito Santo, porque não disse: bemaventurada a Mãe; senão: bemaventurado o ventre? Isaias, quando prophetisou este mysterio inaudito, attribuiu a novidade e maravilha delle á conceição, e ao parto da Virgem: *Ecce Virgo concipiet, et pariet Filium.* [1] O Anjo, quando trouxe a embaixada á Senhora, fallou pelos mesmos termos: *Ecce concipies, et paries.* [2] Pois se esta oradora humilde, que tão alto levantou a voz, queria louvar o Filho pela Mãe, e o ser Mãe consiste em gerar, conceber e parir o Filho; porque cala a conceição e o parto, e o mesmo nome da maternidade, e só louva, apregoa, e canonisa por bemaventurado o ventre que

[1] *Isai.*, VII, 14.
[2] *Luc.*, I, 31.

o trouxe em si: *Beatus venter, qui te portavit?* Não fôra esta mulher figura da Igreja Catholica, como bem notou o veneravel Beda, *Ecclesiæ catholicæ typum gessit*, se não fallára assim. O que muito, e muitas vezes ponderá a Igreja no altissimo mysterio da Encarnação do Verbo, é a capacidade immensa do ventre sacratissimo de Maria. Tão capaz, que coube nelle o que não cabe no céu: *Quem cœli capere non poterant, tuo gremio contulisti:* tão capaz, que coube nelle o que não cabe em todo o mundo: *Quem totus non capit orbis, in tua se clausit viscera:* tão capaz, que coube nelle o mesmo Filho de Deus, tão immenso e infinito, como seu proprio Padre: *Beata viscera Mariæ, quæ portaverunt æterni Patris Filium.* Fazer-se Deus homem, foi o maior invento do seu amôr: nascer de uma Virgem, foi o maior decoro de sua soberania: caber no ventre de uma mulher, foi o maior portento de sua immensidade: *Beatus venter, qui te portavit.*

Aquella palavra *beatus* é a que só penetrou o profundo, e encareceu o sublime, e póde dar o verdadeiro peso ás outras. Tres mulheres chamaram bemaventurada á Senhora neste mesmo mysterio, e por elle. A mulher do nosso Evangelho: *Beatus venter, qui te portavit:* Santa Isabel, allumiada com espirito de prophecia: *Beata quæ credidisti:* [1] e a mesma Virgem Santissima no seu Cantico: *Beatam me dicent omnes generationes.* [2] E sendo uma destas tres mulheres a mesma Bemdita entre todas as mulheres, a que mais encareceu o mysterio, é a Auctora do nosso Texto. Vêde se tenho razão! O que noto nestas bemaventuranças, com que a Senhora foi chamada, e se chamou bemaventurada é, que nenhuma dellas se parece com a bemaventurança do céu. Santa Isabel chamou bemaventurada á Virgem Maria pela fé com que creu o que lhe disse o Anjo: *Beata quæ credidisti:* e no céu não ha fé. A mesma Virgem chama-se bemaventurada, porque Deus poz nella os olhos: *Quia respexit humilitatem ancillæ suæ: ecce enim ex hoc beatam me dicent:* [3] e a bemaventurança do céu não consiste em Deus vêr o bemaventurado, senão em o bemaventu-

[1] *Luc.*, I, 45.
[2] *Ibid.*, 48.
[3] *Ibid.*

rado vêr a Deus. Finalmente a mulher do Evangelho chamou bemaventurado o ventre da Senhora, porque foi capaz de ter e trazer a Deus dentro em si: *Beatus venter, qui te portavit:* e esta bemaventurança tambem se não acha no céu, ainda que no numero dos bemaventurados entre a mesma Mãe de Deus. E porque? Porque Deus por sua infinita essencia é incomprehensivel a todo o entendimento e conhecimento creado. E posto que o entendimento da Senhora illustrado com lume da gloria excessivamente maior que o de todos os bemaventurados, veja mais em Deus que todos os Anjos e Santos, não só divididos, mas juntos; comtudo não comprehende, nem póde comprehender a Deus. E d'aqui se segue, que o ventre da Virgem, no seu genero, é mais bemaventurado que o entendimento da mesma Virgem: *Beatus venter, qui te portavit:* porque o seu entendimento não comprehende a Deus, e o seu ventre sim.

Entre agora a auctoridade, e a maior auctoridade, sem a qual todo este discurso ficaria duvidoso e vacillante. Santo Epiphanio com apostrophe ao ventre virginal, exclama assim: *O' uterum cœlo ampliorem, qui Deum incomprehensibilem in te verè comprehensum portasti!* Oh ventre purissimo de Maria, maior e mais capaz que o céu, pois a Deus, que é incomprehensivel, verdadeiramente o comprehendeste e trouxeste dentro em ti! Note-se muito aquella grande palavra. *Verè comprehensum.* E Santo Athanasio, insigne columna da fé, e Doutor da Igreja, fallando com a Senhora: *Ave gratia plena, splendidum cœlum, quæ Deum incomprehensum angusto potissimum loco in te ipsa continens.* Deus vos salve cheia de graça, novo céu e mais resplandecente, que contendes e abreviaes a Deus incomprehensivel dentro em vós mesma; e, o que é mais, em um logar, tão estreito, como o de vosso sacratissimo ventre. E S. Methodio, ainda mais antigo que ambos, encarecendo a capacidade immensa do mesmo ventre: *Tu incircumscripti circumscriptio, tu cuncta continentis, et comprehendentis comprehensio.* Vós sois, ó ventre purissimo, o que só podestes limitar o que não tem limite: vós sois a comprehensão do que tudo comprehende. Finalmente, para que a tão grandes auctoridades ajuntemos e ponhamos o sello com outra maior; o mesmo diz, e com a mesma e maior admiração, o Concilio Ephesino: *Quis vidit, quis audivit*

unquam tale? Quem viu, ou quem ouviu jámais tal coisa? *Incircunscriptus Deus uterum inhabitat, et quem cœli non capiunt, venter amplexus est Virginis.* Deus, que não cabe nos céus, cabê no ventre de uma Virgem; e o que é immenso e incomprehensivel, o mesmo ventre o abraça e comprehende. E como o ventre virginal de Maria comprehendeu a Deus, cuja infinita grandeza não póde comprehender entendimento algum creado, nem ainda o da mesma Virgem; com razão a oradora do Evangelho, como oraculo do Espirito Santo, e voz de toda a Igreja Catholica, o que louva, o que apregôa, o que canonisa como singularmente bemaventurado, não é o entendimento, com que a Senhora vê a Deus, senão o ventre, em que o comprehendeu e trouxe dentro em si: *Beatus venter, qui te portavit.*

Um só entendimento ha, que comprehenda o que comprehendeu o ventre de Maria. E qual é? Por ventura o de Christo em quanto homem? Nem esse. Oh grandeza tambem incomprehensivel do sacrario virginal deste segundo Sacramento! Por isso os Padres e Concilios (se bem advertistes) todos se declaram por exclamações de admiração, de assombro, de pasmo. O entendimento que só comprehende o que comprehendeu o ventre de Maria, é o entendimento do Eterno Padre. A maior grandeza da Virgem, em seu genero infinita, é, que o Eterno Padre e Maria sejam Pae e Mãe do mesmo Filho. E assim como a mente do Pae gerando o Eterno Verbo, e communicando-lhe o ser divino, comprehende a todo Deus: assim o ventre da Mãe gerando temporalmente a Christo, e dando-lhe o ser humano, comprehendeu dentro em si a mesma Divindade toda. Mas se o Pae deu ao Filho o ser divino, e a Mãe o ser humano, diga-se que a mente do Pae comprehendu a Divindade, e o ventre da Mãe a Humanidade, e a Divindade não? Antes por isso mesmo. Que se assim não fôra, não fôra a Senhora Mãe de Deus. A Virgem Maria não gerou a humanidade de Christo com subsistencia humana, como as outras mães geram os outros homens; mas com subsistencia divina, unida hypostaticamente á mesma Humanidade, por meio da qual união o Filho, no instante em que foi concebido, ficou verdadeiro Deus e verdadeiro Homem, e a Mãe, que deu o ser a tal Homem, verdadeira Mãe de Deus. Pois assim como a

mente do Pae gerando o Verbo, comprehendeu toda a Divindade sua e do Filho; assim o ventre da Mãe, gerando o mesmo Filho, comprehendeu toda a Divindade, não sua, mas do Verbo.

Declare-nos esta altissima theologia S. Paulo por termos que a possam entender bem, ainda os que não são Theologos. Fallando S. Paulo da Divindade do Filho de Deus feito homem, diz, que toda a enchente da Divindade habita o corpo de Christo: *In ipso inhabitat omnis plenitudo Divinitatis corporaliter.* Habitar, quer dizer estar com permanencia, e deste modo esteve desde o instante da Encarnação, e está, e ha de estar para sempre a Divindade em Christo por virtude da união hypostatica, que é de sua natureza união indissoluvel. E usou tambem o Apostolo da palavra *habitar;* porque como o que habita a casa, está todo dentro na casa, e a casa o cerca, e contém todo dentro em si; assim a Divindade está toda dentro do corpo de Christo, e o corpo de Christo a cerca e comprehende, não só toda, mas totalmente, que é outro e maior mysterio que encerram as mesmas palavras. Para significar que toda a Divindade está no corpo de Christo, bastava dizer: *In ipso inhabitat plenitudo Divinitatis:* [1] porque *plenitudo* quer dizer, toda. Pois porque não diz o Apostolo só *plenitudo*, senão, *omnis plenitudo*, que vem a ser, como se dissera: Toda a Divindade toda, ou todo o todo da Divindade? Porque para comprehender a Deus, como definem os Theologos, não só basta conhecer ou conter a todo o Deus, senão todo e totalmente. E isto é o que quiz significar o Apostolo, não só dizendo, toda a Divindade, senão todo o todo della, *omnis plenitudo*, para mostrar que o corpo de Christo contém e abraça dentro em si a Divindade, não de qualquer modo, senão comprehensivamente, e por inteira comprehensão: toda uma vez em quanto *plenitudo*, e toda outra vez em quanto *omnis;* e por isso toda e totalmente. Donde se seguem em ultima conclusão do nosso discurso as duas consequencias e similhanças delle. A primeira, que o ventre da Virgem comprehendeu toda a Divindade. Porque se o corpo de Christo comprehende immediatamente toda a Divindade, porque toda a Divindade está no corpo de Chris-

[1] *Colloss.*, II, 9.

to; tambem o ventre de Maria comprehende mediatamente toda a Divindade, porque todo o corpo de Christo está no ventre de Maria. E assim como (que é segunda consequencia e paridade) assim como a mente do Padre comprehende toda a Divindade, porque na mente do Padre está todo Deus em espirito; assim o ventre de Maria comprehende toda a Divindade, porque no ventre de Maria está todo Deus em corpo. *Deus Verbum totum erat in corpore, totum in Deo Patre*, disse, como eu o podéra ditar, S. Basilio de Seleucia. E este é o grande mysterio, com que a voz do nosso Texto não chama bemaventurada a Mãe, senão bemaventurado o ventre: *Beatus venter, qui te portavit.*

III

E se tudo (para que do Sacramento do Evangelho passemos ao Sacramento do altar) se tudo o que comprehende a mente do Padre comprehendeu o ventre de Maria, porque teve dentro em si todo o corpo de Christo, *Totum in corpore, totum in Patre;* que menos podemos nós dizer do mesmo corpo de Christo no Santissimo Sacramento instituido pelo amôr, e obrado pela Omnipotencia, não só para o adorarmos no altar, mas para o recebermos dentro em nós mesmos? Que disse Christo quando instituiu aquelle divinissimo mysterio? *Accipite, et comedite: hoc est corpus meum:* [1] Recebei, e comei: este é o meu Corpo. Todo na mente do Padre, todo no ventre da Virgem, e todo no peito dos que o recebem; e tão inteiramente todo em todos, como todo em cada um: *Sic totum omnibus, quod totum singulis.* Grande maravilha é, que o Verbo Eterno, ao qual só comprehende a mente do Padre, o comprehendesse o ventre de uma Virgem; mas não é menor, antes egual maravilha, que esse mesmo Verbo, que está todo na mente do Padre, e todo no ventre da Virgem, se receba e caiba tambem no peito do homem. Na mente do Padre todo o Verbo gerado, no ventre da Virgem todo o Verbo encarnado, no peito do homem todo o Verbo sacramentado. Mas isso mesmo é ser

[1] *Math.*, XXVI, 36.

Verbo, disse excellentemente, declarando e estendendo o seu pensamento o mesmo S. Basilio: *Quemadmodum Verbum in charta descriptum, totum est in charta, et totum in mente gignente, et totum in iis, qui illud legunt, vel audiunt: ita Deus Verbum, et multò quidem perfectius, totum erat in corpore, totum in Deo Patre, totum in cœlo, totum in terra, totum in universa creatura.* Que é o Verbo Eterno? E' a Palavra divina. Pois assim como a mesma Palavra está toda na mente de quem a concebe e gera, e toda no papel onde se escreve, e toda naquelles que a leem, ou ouvem; assim o mesmo Verbo Divino está todo na mente do Padre, que o gerou, todo no ventre da Mãe, que o concebeu, todo naquelles accidentes brancos, onde se imprimiu, e todo no peito do homem, que o ouve pela fé e o recebe pelo Sacramento.

A proporção e a paridade, não póde ser mais propria, nem mais egual. Mas porque eu prometti de tal maneira comparar o Sacramento do altar com o Sacramento do Evangelho, que seja em maior louvor do Sacramento do altar: oiçamos agora as differenças, ou vantagens deste segundo Sacramento sobre o primeiro. E não peço licença á Virgem Santissima para esta vantajosa comparação, pois tudo o que se disser do Santissimo Sacramento do corpo e sangue de Christo, é em dobrado louvor da mesma Senhora, da qual Christo recebeu o mesmo corpo e sangue. Começando pois este segundo discurso, por onde acabámos o primeiro; a primeira differença ou vantagem do Sacramento do altar sobre o Sacramento do Evangelho, é, que no ventre sacratissimo da Virgem de tal modo esteve todo o corpo de Christo, que só estava todo em todo, mas não todo, senão parte em cada parte; porém no Sacramento do altar não só está todo em todo, e todo em qualquer parte, como muitas vezes ouvistes; mas em qualquer parte está todo e todo totalmente. O que por ventura não tendes ouvido.

Nenhum corpo ha no mundo, ainda que seja tão grande como a terra e o céu, ou tão pequeno e tão minimo como um atomo, que esteja todo em todo, e todo em qualquer parte do mesmo todo. E a razão não é outra, senão porque é corpo. Estar todo em todo, e todo em qualquer parte, é propriedade só dos espiritos; e assim está em nós a nossa alma. Toda em todo o corpo, toda em um braço, toda em uma mão, toda em um dedo, e toda na menor parte delle. Com esta

similhança se costuma explicar o modo com que o corpo de Christo está na hostia. E posto que seja um dos grandes milagres deste mysterio, que sendo corpo esteja alli com propriedades de espirito, ainda a similhança da alma diz muito menos do que na realidade é. A alma, ainda que está toda no braço, toda na mão, e toda no dedo; se ao corpo lhe cortarem um dedo, não fica no dedo; se lhe cortarem a mão, ou o braço, não fica na mão, nem no braço. Pelo contrario o corpo de Christo de tal modo está na hostia (que se a hostia se partir pelo meio ou em quatro partes, ou em cento, ou em mil, em qualquer parte, ou maior, ou menor, ou minima, está todo o corpo de Christo. E qual é a razão de tamanha differença e maravilha? A razão é (como philosopha exquisitamente Theophilo) porque o corpo de Christo em qualquer parte da hostia está todo e totalmente: e a alma em qualquer parte do corpo, ainda que está toda, não está totalmente. Mais claro. A alma está toda em qualquer parte do corpo, mas não por modo total, senão parcial; porque se estivera em qualquer parte por modo total, estivera reduplicada e não uma só vez, senão muitas vezes no mesmo corpo: porém o corpo de Christo em qualquer parte da hostia está todo, não por modo parcial, senão por modo total: e por isso está o mesmo corpo tantas vezes reduplicado na mesma hostia, quantas são as partes quasi infinitas, em que ella se póde dividir: e não só nas partes sensiveis, em que só se póde consagrar, mas tambem depois de consagrada, até nas partes insensiveis. A alma de tal maneira está toda em qualquer parte do corpo, que ou ha de estar toda, ou não ha de estar: o corpo de Christo de tal maneira está todo em qualquer parte da hostia, que não póde deixar de estar, nem de estar todo. Todo em toda, todo em qualquer parte, e dividida essa parte em mil partes, em todas todo.

Oh milagre, oh prodigio, não sei, se maior da omnipotencia, ou do amôr! A maior inclinação do amôr é dar ou dar-se todo; e a maior mortificação do mesmo amôr é dar sómente parte. Ponhamos tres mezas á vista, para que se veja a soberania daquella. Assentado á meza Elcana com toda a sua familia quando veiu a repartir a porção que lhe coube do sacrificio que tinha offerecido no Templo, diz o Texto sagrado, que deu uma parte a Anna, mas desconsolado

e triste, porque amando-a muito lhe dava uma só parte: *Annæ autem dedit partem unam tristis, quia Annam diligebat.* [1] Assim se entristece e mortifica o amôr, quando dá parte a quem quizera dar tudo. Mas desta mortificação nenhum amôr se póde livrar, ainda quando o maior amôr se ajunta com o maior poder. José era todo poderoso no Egypto, e quando deu o banquete a seus irmãos depois de reconhecidos, posto que amava mais que a todos Benjamin; que fez com todo esse amôr e com todo esse poder? Nota o mesmo Texto sagrado, que na repartição dos pratos, que elle fazia por sua propria mão, a maior parte era a de Benjamin, e tanto maior que excedia a dos outros em cinco partes: *Maior pars venit Benjamin, ita ut quinque partibus excederet.* [2] De sorte que podendo tudo José, e fazendo seu amôr tudo o que podia nesta repartição, o que pôde dar a quem mais amava, foi uma parte maior, mas a maioria e excesso dessa maior parte, tambem foram partes: *Maior pars: quinque partibus.* Não assim o divino amôr e verdadeira omnipotencia de Christo naquella sagrada meza. Estando a ella o Senhor com seus Discipulos, disse-lhes, que tomassem o calix, em que lhes deixava seu sangue, e o repartissem entre si: *Accipite, et dividite inter vos.* [3] E entre o *accipit*, e o *dividite*, entre o tomar e repartir o calix (e o mesmo é do pão depois de consagrado), houve alguma differença? Muito grande, e nunca vista ainda na theologia mais estreita. Quando tomaram o pão da mão de Christo, estava o corpo de Christo todo em todo; tanto que o repartiram entre si, estava todo em qualquer parte. O pão partia-se em partes, e o que estava debaixo do pão, partia-se em todos, ou em um só todo: porque todo o corpo de Christo, e o mesmo estava na parte, que coube a cada um. Nem a parte de João (que era o Benjamin) foi maior parte, nem a dos outros menor; porque o todo estava tão inteiramente nas partes, como no todo.

Esta foi a razão e proporção admiravel, porque na substancia e accidentes do Sacramento uniu Christo inseparavelmente o maior mysterio sobrenatural com

---

[1] *1.º Livr. dos Reis*, I, 5.
[2] *Gen.*, XLIII, 34.
[3] *Luc.*, XXII, 17.

o maior mysterio da natureza. Qual é o maior mysterio da natureza? E' a composição do continuo, ou da quantidade, em que toda a philosophia até hoje mais soube pasmar que definir. Porque sendo proprio da quantidade o ser divisivel, ou poder-se dividir, de tal modo se compõe de partes qualquer quantidade, que por mais que se divida em infinito, em nenhuma parte se póde dividir tão pequena, que essa mesma parte não seja visivel e se possa dividir em partes. E porque a propriedade da quantidade é poder-se sempre dividir, e a propriedade do amôr é querer-se sempre dar todo; por isso mediu, e proporcionou o Senhor o todo do seu corpo com as partes da quantidade da hostia, para que assim como as partes se podem sempre dividir, assim o seu corpo se podesse sempre multiplicar. A hostia em qualquer parte sempre divisivel em partes, e o corpo debaixo de qualquer parte sempre multiplicavel em todo. Tanta é a differença nesta só consideração, com que o Sacramento do altar, que foi a ultima obra do amôr e omnipotencia divina, se exalta sobre a primeira, que foi o Sacramento do Evangelho. O mesmo corpo de Christo, que está naquella hostia consagrada, é o que esteve no sagrado ventre da Virgem Maria. Mas no ventre da Virgem esteve todo o corpo em todo, e parte em parte; porém na hostia, não só está todo em todo, e todo em qualquer parte, mas em qualquer parte todo, e totalmente. Todo e totalmente, porque assim como qualquer parte da hostia se póde dividir em infinito, assim o mesmo corpo do Senhor, quantas forem mais, e mais as partes divididas, tanto estará mais e mais todo em todas. E todo, e totalmente, por modo ainda mais sublime e admiravel, porque ainda que as partes se não dividam, basta sómente serem divisiveis em si, para que em todas, por mais que sejam infinitas, esteja todo.

IV

Infinito seria tambem o nosso discurso, se houvessemos de ponderar uma por uma as outras differenças gloriosas de um a outro Sacramento. Mas porque nem a brevidade do tempo permitte a ponderação, nem a necessidade da materia se satisfaz com o silencio,

contentar-me-hei sómente com as apontar. No ventre da Virgem entrou Christo uma só vez: no Sacramento entra em nós todos os dias: *Hæc quotiescumque feceritis*. No ventre da Virgem esteve só nove mezes: no Sacramento ha mil e seiscentos annos que está comnosco, e ha de estar até o fim do mundo: *Ecce ego vobiscum sum... usque ad consummationem sæculi.* [1] No ventre da Virgem esteve em Nazareth nas montanhas, e poucas horas em Belem: no Sacramento está em todas as partes do mundo sem excepção de logar: *Ubicumque fuerit corpus.* [2] No ventre da Virgem crescia o corpo de Christo, mas até aquelle limite sómente em que tão pequeno, ou tão pequenino nasceu: no Sacramento não cresce, nem póde crescer, porque está alli na edade, na grandeza e na estatura de varão perfeito: *In mensuram ætatis plenitudinis Christi.* [3] No ventre da Virgem estava o Filho na Mãe, mas a Mãe não estava no Filho: no Sacramento o mesmo Christo está em nós, e nós nelle: *In me manet et ego in illo.* [4] No ventre da Virgem alimentava-se o Filho dos comeres naturaes, de que se sustentava a Senhora: no Sacramento o mesmo Senhor é o nosso alimento, e o nosso sustento: *Qui manducat meam carnem, et bibit meum sanguinem.* [5] No ventre da Virgem esteve Christo em carne mortal: no Sacramento, e em nós, está em corpo immortal e glorioso: *Hic est panis, qui de cælo descendit.* [6] No ventre da Virgem recebeu Christo de sua Mãe a vida temporal: no Sacramento recebemos nós delle a vida eterna: *Qui manducat hunc panem, vivet in æternum.* [7]

Em cada uma destas differenças havia muito que dizer, muito que encarecer, muito que admirar: mas como ainda não chegámos á maior e mais estupenda de todas, nella só me deterei mais um pouco. E que differença é esta, digna de tão particular admiração e reparo? E', que no ventre da Virgem esteve o Filho

---

1 *Mah.*, XXVIII, 20.
2 *Luc.*, XVII, 37.
3 *Ephes.*, IV, 13.
4 *Joan.*, VI, 57.
5 *Ibid.*, 59.
6 *Ibid.*
7 *Ibid.*

de Deus, onde nunca entrou peccado: e no Santissimo Sacramento, quando entra no peito dos homens, não só está em peccadores, mas muitas vezes entre os mesmos peccados. Só quem comprehender as delicias sobrehumanas, que o segundo Adão gosava no Paraizo sempre innocente do gremio virginal, poderá de algum modo conjecturar, ou desta differença as distancias, ou de tal fineza os extremos. Ponhamo-nos no Paraizo Terreal, e reparemos no que não vi reparar até agora. Depois de dizer a Escriptura, que Deus tinha plantado por sua mão um paraiso de delicias, no qual poz o homem: *Plantaverat autem Dominus Deus paradisum voluptatis: in quo posuit hominem:* [1] diz, que do logar das delicias sahia um rio para regar o Paraiso: *Et fluvius egrediabatur de loco voluptatis ad irrigandum paradisum.* [2] Logo se do logar das delicias sahia um rio para regar o Paraiso, segue-se que o paraiso chamado das delicias, não tinha as delicias (ao menos as maiores) em toda a parte, senão em um só logar, o qual propria e particularmente se chamava o logar das delicias: *De loco voluptatis.* Supposta pois esta distinção e differença tão expressa no Texto, saibamos agora, que logar das delicias era este, o qual dava o nome a todo o Paraiso, e do qual sahia o rio que o regava. S. Pedro Damião, allegorisando o passo, diz que o logar das delicias do Paraiso da terra é o ventre purissimo da Virgem Maria, na qual Deus não só depositou, mas accumulou todas as suas delicias, e o prova com outro Texto da bocca do mesmo Deus: *Locum voluptatis uterum Mariæ intelligo, in quo cumulavit omnes delicias deliciarum Dominus, de cujus deliciis Spiritus Sanctus admiratorio sermone in Cantico sic eructat: Quæ est ista, quæ ascendit de deserto deliciis affluens!* O paraiso das delicias do homem era o paraiso de Adão, que peccou: mas as delicias das delicias de Deus, e o logar dellas, *de loco voluptatis*, era o ventre de Maria, em que nunca ouve peccado.

Já vemos qual é o logar das delicias: e o rio que delle sahia, *Fluvius egrediebatur de loco voluptatis*, qual é? Esta segunda duvida nos obriga a sahir da

---

[1] *Genes.*, II, 8.
[2] *Ibid.*, 10.

terra ao céu, e de um paraiso a outro paraiso, e de um ventre sacratissimo a outro mais alto e mais divino. Ouvi ao mesmo Santo: *Fluvius iste est Dominus meus Jesus, qui è duobus locis voluptatis egreditur, ex utero Patris, ex utero Virginis.* O rio que sahia do logar das delicias, é o Filho de Deus e de Maria, Christo Jesus, Senhor e Redemptor nosso, o qual não uma só vez, senão duas, sahiu do logar das suas delicias: no paraiso do céu quando sahiu do seio do Pae: *Ex utero Patris:* no paraiso da terra, quando sahiu do ventre da Virgem: *Ex utero Virginis.* De sorte que o Verbo Eterno, quando sahiu do seio do Pae, sahiu do logar das suas delicias no céu, e quando entrou no ventre da Virgem, entrou no logar das suas delicias na terra: e a fineza que fez por nós, não esteve no entrar, esteve no sahir: *Fluvius egrediebatur de loco voluptatis.* Como na Virgem Maria não havia, nem houve nunca peccado, antes a summa perfeição de todas as virtudes, em quanto Christo esteve no ventre de sua Mãe, alli tinha e gozava todas as suas delicias: tanto assim, que se não fôra por agradar e obedecer a seu Pae, nunca d'alli sahira, como elle mesmo disse pelo Propheta: *Tu es, qui extraxisti me de ventre Matris meæ:* [1] Vós, Pae meu, sois o que só me pudestes tirar do ventre de minha Mãe, e me tirastes delle quasi por força, que isso quer dizer, *Extraxisti:* ou como treslada Tertulliano, *Avulsisti.* Assim que, o maior sacrificio que Christo fez a seu Eterno Padre nascendo, foi o mesmo nascer; porque foi sahir do centro do seu amôr, do seu desejo, do seu descanço, das suas delicias.

Destas delicias, que Christo gosava no ventre santissimo de sua Mãe, se vê bem a differença da fineza com que no Santisimo Sacramento do altar se sujeita a entrar no peito dos homens. Lá estava a fineza no sahir, cá está no entrar. O fim porque Christo se deixou no Sacramento, foi para regar e fecundar nossas almas com os influxos de seu corpo e sangue, como rio nascido da fonte de toda a graça, que é a Divindade: *Et fluvius egrediebatur ad irrigandum paradisum.* [2] As almas puras e santas, que não só vivem

---

[1] *Psalm.* XXI, 10.
[2] *Gen.*, II, 10.

em fé, mas em perfeita caridade, tão raras na corrupção e abusos da vida, que se costúma, essas são as plantas do paraiso, que elle rega e santifica com tanto fructo como gosto. Mas não pára ahi. *Inde dividitur in quatuor capita* [1] (accrescenta o mesmo Texto): e d'alli se divide como em cruz para as quatro partes do mundo, onde succede áquelle sagrado pão, o que ao do semeador do Evangelho, que um cáe nas pedras, onde se secca, outro nos espinhos, onde se afoga, outro nas estradas, onde o pisam, e pouco em terra boa, onde fructifique. Por isso com grande mysterio sáe e se divide em cruz, porque sáe, como diz S. Paulo, para ser outra vez crucificado e affrontado: *Rursum crucifigentes sibimetipsis Filium Dei, et ostentui habentes.* [2]

Isto é o que padece Christo sacramentado (posto que glorioso e impassivel) nas consciencias de todos os que o recebem, ou totalmente impenitentes em peccados manifestos, ou com falsa contrição e fingido ou corado arrependimento: que são os que mais ordinariamente se enganam, ou se querem enganar a si mesmos; mas não enganam a Deus. E nestas almas sem alma (como a de Judas) não duvidaram a dizer Santo Anselmo, S. Paschasio, S. Cypriano, e Santo Agostinho, que padece mais Christo no Sacramento, do que padeceu na cruz. *Magis peccant*, diz Santo Agostinho, *qui tradunt Christum peccatoribus membris, quam qui tradiderunt eum crucifixoribus Judæis.* E a razão é, porque os Judeus crucificaram a Christo em um madeiro innocente, e os que o recebem em peccado, crucificam-no em si mesmos, como notou o Apostolo: *Crucifigentes sibimetipsis Filium Dei.* Aquella cruz, porque era cruz sem peccado, era muito mais leve para Christo; mas esta, junta com os peccados dos que o crucificam em si mesmos, é muito mais pezada, muito mais cruel, muito mais insupportavel. Assim o ponderou o mesmo Christo na mesma hora em que deu os primeiros passos para a cruz: *Ecce appropinquavit hora, et Filius hominis tradetur in manus peccatorum:* [3] E' chegada a hora, em que serei entre-

[1] *Gen.*, II, 10.
[2] *Hebr.*, VI, 6.
[3] *Math.*, XXVI, 45.

gue nas mãos dos peccadores. Dos peccadores, disse, e não dos algozes, nem dos tyrannos; porque maior horror lhe fazia nas mãos dos que o crucificaram a circumstancia dos peccados, que a tolerancia dos tormentos. Deixo as injurias e blasphemias, com que a fé do Divinissimo Sacramento é negada dos hereges: nem fallo nas violencias e desacatos atrozes das mãos impias e sacrilegas, com que aquelle *Sancta Sanctorum* da Divindade tem sido tantas vezes profanado; porque para prova da vantagem, que buscamos, basta a differença de dizer, com peccados, ou sem peccado. Assim como uma alma em peccado, é o inferno do inferno, assim o ventre virginal, onde nunca houve peccado, era o paraiso do paraiso. Logo não só foi maior fineza sujeitar-se Christo no Sacramento a entrar no peito dos peccadores, mas essa só foi a fineza; porque encerrar-se no ventre da Mãe sempre santissima, não foi fineza senão delicia. No Sacramento do altar, adorado, mas offendido: no Sacramento do ventre da Mãe, elle e o mesmo ventre sempre beatificado: *Beatus venter, qui te portavit.*

V

Comparado com tanta vantagem o Sacramento do altar com o Sacramento do Evangelho, resta comparar o Sacramento do Rosario com o Sacramento do altar: comparação em que a vantagem parece difficultosa. Mas como é obra em que o Filho de Deus poz a materia, e a Mãe de Deus deu a fórma, não será impossivel. Comecemos pela similhança, que é o fundamento da comparação, e acabaremos pelas differenças, d'onde se poderá colligir a vantagem. E' mui parecido o Sacramento do Rosario com o Sacramento do Altar, ambos santissimos. Em que? Não em outra proporção (porque não havemos de mudar a idéa) senão na mesma que ponderámos entre o Sacramento do altar e o Sacramento do Evangelho. Se naquelle sagrado mysterio está todo Christo em toda a hostia, e todo em qualquer parte, no Rosario passa o mesmo, e não invisivel, senão visivelmente. O Rosario, como todos sabem, consta de duas partes, uma mental, outra vocal: na mental, que são os mysterios, em qualquer

parte está todo Christo; na vocal, que são as orações, em qualquer parte está todo o Rosario.

Estar todo Christo em qualquer parte do Rosario mental, é coisa tão manifesta, que a veem os olhos. O que medita o Rosario na parte mental, são os mysterios da Vida, Morte, e Resurreição de Christo: e nenhum mysterio ha de todos quinze, em que Christo não esteja todo: todo na substancia, posto que dividido e diverso nos accidentes. Dividi em partes os tempos, os logares e os mesmos periodos da vida de Christo, e não me dareis parte alguma em que não esteja todo. Todo no mysterio da Encarnação (e só elle todo; porque desde o primeiro instante foi inteiro e perfeito homem, o que não acontece aos demais,) todo na Visitação, santificando o Baptista: todo no Presepio, acclamado de Anjos e adorado de reis, posto que nascido entre animaes: todo uma vez no Templo presentado a Deus nos braços de Simeão: e todo outra vez depois de perdido, achado entre os Doutores. E porque nesta vida, ainda que seja do mesmo Deus, não ha gostos sem pesares; se destes mysterios, que foram os Gozosos, passarmos aos Dolorosos; todo no Horto suando sangue, todo no Pretorio atado á columna, todo coroado de espinhos, todo com a cruz ás costas, e todo pregado e morto nella. Estes são os dois accidentes de que se compõe toda a vida humana, que por isso S. Paulo os dividiu sómente em Gozosos e Dolorosos: *Gaudere cum gandentibus, flere cum flentibus.* [1] Mas porque o mesmo Christo com sua morte nos mereceu outra segunda vida, que é a immortal, tambem esta tem outros accidentes, que são os Gloriosos, de que se compõe a terceira parte do Rosario, e em todos e qualquer parte delles temos egualmente a Christo todo. Todo resuscitado, todo subindo ao céu, todo mandando de lá o Espirito Santo, todo recebendo em triumpho a sua gloriosissima Mãe, e todo com toda a Santissima Trindade coroando-a em throno de suprema magestade por Rainha do céu e da terra, e Senhora universal de homens e Anjos.

Oiçamos agora a Salomão, que no curso e circulo que faz o sol, reconheceu todos estes mysterios e sua variedade, como nós tambem fazemos na volta que imos dando ao circulo do Rosario: *Oritur sol, et occi-*

[1] *Rom.*, XII, 15.

dit, et ad locum suum revertitur: ibique renascens, gyrat per meridiem: [1] Nasce o sol no oriente, e morre no occidente; mas depois de morto, e estar debaixo da terra, torna outra vez a renascer e continuar seu curso. E que sol é este, senão aquelle primeiro planeta, fonte de toda a luz: *Quæ illuminat omnem hominem venientem in hunc mundum:* [2] o qual debaixo dos accidentes do sol que vemos, consagrou como em um sacramento natural o curso, os movimentos, e os mysterios de sua primeira e segunda vida, já nascido, já morto, já resuscitado, que são as tres partes ou terços de que se compõe o Rosario: *Oritur sol;* a primeira: *Et occidit;* a segunda: *Et ad locum suum revertitur, ibique renascens;* a terceira. Não é pensamento meu, senão commento e applicação de Olympiodoro: *Christus velut sol ortus est in nativitate, occidit in morte rursus ortus, et velut renatus est in resurrectione.* Nos mysterios da Encarnação e nascimento esteve Christo como sol coberto de nuvens; porque a nuvem da humanidade encobria os raios da Divindade; nos mysterios da Paixão e da Cruz esteve como sol eclypsado com as sombras funestas da morte e total escuridade da sepultura: nos mysterios da Resurreição e da subida ao céu esteve como sol claro e resplandecente no meio dia, desfeitas totalmente as nuvens, e sumidas e aniquiladas as sombras: mas o Rosario e seus devotos (como a milagrosa flôr do Eleutropio) que fazem? Vão seguindo sempre e acompanhando ao Divino Sol em todos estes passos, e revestidos sempre (que é mais) dos mesmos accidentes. Nos Gozosos gozando-se, nos Dolorosos doendo-se, nos Gloriosos gloriando-se e similhantes em tudo a quem em todos se lhes deu todo.

Duvidam e disputam os Padres e Expositores, se falla Salomão neste Texto do circulo que faz o sol cada dia sahindo e tornando ao Oriente; ou do curso que faz cada anno dentro dos Tropicos, visitando e detendo-se em todos os signos do zodiaco. Os dois Gregorios, Thaumaturgo, e Nisseno, entendem o logar do circulo de cada dia: S. Jeronymo, e Theophilacto, do curso de cada anno: e uma e outra sentença tem por si grandes mathematicos. Outros Auctores porém conciliam e abraçam ambos estes sentidos do Texto, en-

---

[1] *Eccles.*, I, 5, e 6.
[2] *Joan.*, I, 9.

tendendo-o de um e outro curso do sol. E o mesmo fazem melhor e com mais certeza.que todos os devotos do Rosario. Os devotos do Rosario? Pois como? Que tem que vêr o Rosario com o sol, ou no circulo de cada dia, ou no curso de cada anno? Muito, e por modo muito admiravel. Não dissemos que debaixo dos accidentes deste sol natural e visivel representou e sacramentou Christo todo o curso, movimentos e mysterios de sua vida mortal e gloriosa? Sim. Pois assim como o zodiaco do sol natural se compõe de doze signos, assim o Sol Divino tem outro zodiaco mais alto e mais dilatado, que se compõe e reparte em quinze signos, que são os quinze mysterios do Rosario. E assim como o sol corre e visita o seu zodiaco nos doze mezes do anno, assim Christo correu e aperfeiçoou o seu, dando luz e calor ao mundo, não menos que em espaço de cincoenta e oito annos, que tantos se contaram desde o dia de sua Encarnação, que foi o primeiro mysterio, até o dia da Coroação de sua gloriosa Mãe, que foi o ultimo. E os devotos do Rosario, com maravilha, que se não vê no céu, conciliam, como dizia, todo este curso do Divino Sol, e todos os passos e espaços deste tão dilatado zodiaco dentro do circulo natural de um só dia; porque o circulo do Rosario, que cada dia rezam, os inclue, abraça, e comprehende a todos. E basta isto? Não basta. Porque ainda lhe falta a maior propriedade, que é estar Christo neste zodiaco, não só todo em todos os signos, que são todos os quinze mysterios, senão todo em qualquer parte de cada um.

Os signos do zodiaco no nosso entendimento são umas apprehensões de figuras varias, que só consideramos mentalmente: e no céu são certo ajuntamento de estrellas, de que se compoem os mesmos signos, e por isso se chamam constellações. E as estrellas que são? São uns espelhos do sol, em que o sol, não em parte, senão todo, nem outro senão o mesmo, de tal sorte se divide e multiplica, que em toda a constellação está todo, e em qualquer parte, ou estrella della todo, e todo em cada uma allumia, e todo em cada uma influe, obrando differentes effeitos no mundo, segundo a diversa natureza de suas proprias qualidades. Taes são no zodiaco do Rosario os mysterios, de que se compõe. Considera-os mentalmente o nosso entendimento, apprehendendo e representando ao mesmo

Christo em diversos tempos, logares, edades e acções, como em differentes figuras, tão varias como são as de sua Infancia, Paixão e Gloria: e não só está Christo todo em todos os mysterios, senão todo em cada um, e todo em cada parte delle, e todo allumiando e todo influindo; porque segundo os diversos motivos, de gosto, de dôr, e de gloria, primeiro com os raios de sua luz allumia os entendimentos, e depois com a efficacia de suas influencias move e affeiçoa as vontades. Assim o sol todo em todo, e todo em qualquer parte no seu zodiaco: assim Christo todo em todo, e todo em qualquer parte no Sacramento do altar: e assim todo em todo, e todo em qualquer parte no Sacramento do Rosario.

VI

E se na parte mental do Rosario, que são os mysterios, em qualquer parte está todo Christo, vejamos agora como na parte vocal, que são as orações, tambem em qualquer parte está todo o Rosario. Primeiramente assim como no Sacramento do altar, da hostia, em que está o corpo, e do calix, em que está o sangue de Christo, se compõe um só Sacramento; assim no Rosario vocal, da oração do Padre Nosso, em que oramos a Deus, e da oração da Ave Maria, em que invocamos a sua Santissima Mãe, se compõe um só Rosario: e pela mesma razão. Qual é a razão porque a hostia e o calix não compoem dois Sacramentos, senão um só? Porque ainda que nos accidentes, e no que mostram são diversos, na substancia e no que significam, são o mesmo. Quando El-rei Pharaõ no Egypto teve em sonhos aquellas duas visões tão sabidas, uma, das vaccas primeiro grossas, e depois macilentas: outra, das espigas primeiro gradas, e depois falidas: chamado José para interpretar estas visões ou sonhos, que verdadeiramente foram propheticos, respondeu, que o sonho do rei era um só: *Somnium regis unum est.* [1] Mas se os sonhos tinham sido dois, e as coisas ou figuras que o rei vira em cada um delles, eram tão diversas; como diz José, que era um só sonho? Porque

[1] *Genes.*, XLI, 25.

ainda que eram dois nos accidentes, era um só na substancia; ainda que eram dois no que se vira, era um só no que significavam. Do mesmo modo no Sacramento, e tambem no Rosario. No Sacramento o que se vê na hostia e no calix, são accidentes e signaes diversos; mas o que esses accidentes cobrem, e esses signaes significam, são o mesmo corpo e sangue de Christo na hostia, e o mesmo sangue e corpo de Christo no calix: e por isso não dois, senão um só e o mesmo Sacramento. No Rosario o que ouvimos em uma oração, é o Padre Nosso; o que ouvimos na outra, é a Ave Maria, e tomadas pelo que soam, são duas orações differentes, mas entendidas pelo que significam, são uma só e a mesma. E assim como na hostia *ex vi verborum* está o corpo, e não está o sangue, e no calix *ex vi verborum* está o sangue, e não está o corpo; mas o sangue leva comsigo o corpo, e o corpo o sangue: assim na primeira oração do Rosario *ex vi verborum* está o Padre Nosso, e na segunda *ex vi verborum* está a Ave Maria; mas o Padre Nosso tambem leva comsigo a Ave Maria, e a Ave Maria o Padre Nosso.

Se assim é, bem dito está. Mas parece que não é assim, e com evidencia. No Padre Nosso não ha uma palavra que se pareça com a Ave Maria, na Ave Maria não ha uma palavra que se pareça com o Padre Nosso: logo como póde ser que o Padre Nosso e a Ave Maria sejam a mesma oração, e o Rosario nestas duas orações tambem um só e o mesmo ? Respondo que sim. Não *ex vi verborum*, ou por força das palavras, como já disse, mas por força e por razão do que nellas se pede. O orar propriamente é pedir. E quando o que se pede é o mesmo, ainda que as palavras sejam diversas, a oração é a mesma. No Padre Nosso fazemos sete petições a Deus: na Ave Maria, se bem advertis, não pedimos á Senhora coisa alguma em particular, senão sómente em commum, que rogue por nós: *Ora pro nobis peccatoribus:* e como a Senhora não póde pedir, ou querer para nós outra coisa, nem melhor, nem mais necessaria, nem mais conveniente, nem mais util, senão o mesmo que Christo nos ensinou que pedissemos a Deus; o que só vimos a pedir na Ave Maria é, que a Mãe do mesmo Deus interceda com seu Filho para que nos conceda o mesmo que nós lhe pedimos. Logo o mesmo que se pede no Padre Nosso, é tambem o que se pede na Ave Maria, com que uma

e outra oração vêm a ser a mesma. E nem a intercessão que se accrescenta na Ave Maria, nem as diversas palavras de que ella consta, bastam para que a oração seja differente; porque quando quem pede, e quem intercede, procuram e sollicitam a mesma coisa, posto que o façam por differentes termos, sempre a petição é a mesma.

Não póde haver melhor prova, nem exemplo mais proprio desta verdade, que o sucesso do centurião. Como o centurião fosse gentio e romano, e não hebreu, como Christo; para alcançar delle a saude do moço, que alguns querem fosse seu filho, tomou por intercessores os sacerdotes da cidade, em que vivia, e outros seus amigos tambem hebreus, confiando que pelo parentesco nacional que tinham com o Senhor, o obrigariam mais facilmente a lhe conceder o que tanto desejava. E esta é a mesma razão, porque nós na Ave Maria, para que a Senhora interceda efficaz, e poderosamente por nós diante de Deus, o fundamos tambem no parentesco tão estreito, que tem com elle, dizendo: Santa Maria, Mãe de Deus, roga por nós. Mas oiçamos as palavras, com que o centurião orou a Christo, e com que os intercessores fizeram a mesma petição. O centurião disse: *Domine, non sum dignus, ut intres sub tectum meum: sed tantum dic verbo, et sanabitur puer meus:* [1] Senhor, eu não sou digno de que entreis em minha casa; mas basta, que deste mesmo logar com uma só palavra vossa deis saude ao meu enfermo. E os intercessores que disseram? *At illi cum venissent ad Jesum, rogabant eum sollicitè, dicentes ei: Quia dignus est, ut hoc illi præstes: dilìgit enim gentem nostram: et synagogam ipse ædificavit nobis.* [2] Rogaram ao Senhor com grande instancia concedesse ao centurião o que lhe pedia, allegando que era muito digno daquelle favor, porquanto sendo romano amava muito a gente hebréa, e sendo gentio lhe tinha edificado uma synagoga, que era o mesmo que uma igreja. Póde haver palavras mais diversas em tudo, que estas dos intercessores, e aquellas do centurião? Não póde. E comtudo a petição do centurião e a dos que por elle intercediam, era a mesma petição;

---

1 *Math.*, VIII, 8.
2 *Luc.*, VII, 4 e 5.

porque elle para si, e os outros para elle, todos pediam a mesma coisa. A petição dos filhos do Zebedeu, e a da mãe, não era a mesma? A mesma era, porque assim lh'o disse Christo a elles: *Nescitis quid petatis.* [1] Pois isso é o que nós fazemos sem differença tanto no Padre Nosso, como na Ave Maria. No Padre Nosso pedimos como filhos, dizendo: *Pater noster:* na Ave Maria intercede a Senhora como Mãe, e por isso lhe dizemos: *Mater Dei, ora pro nobis:* mas assim nós, como a Soberana Intercessora, todos fazemos uma só oração, e a mesma; porque nós pedimos á Senhora, que peça; e a Senhora pede a Deus o que nós pedimos. E finalmente desta oração dividida em duas partes se compõe um só, e o mesmo Rosario, como da hostia e do calix no altar, se compõe um só, e o mesmo Sacramento.

VII

Só resta para ultima propriedade da similhança, que assim a oração do Padre Nosso, como a Ave Maria, esteja tambem cada uma toda em toda, e toda em qualquer parte: o que não parece difficultoso de persuadir, sendo uma e outra oração palavras divinas. Porque se as palavras da consagração, por serem de Christo, teem virtude para fazer que seu corpo esteja em todo, e todo em qualquer parte; as outras palavras divinas, porque não terão egual efficacia para obrar em si mesmas a mesma maravilha? David, fallando da oração de cada dia, qual é a do Rosario: *In quacumque die invocavero te: ecce cognovi quoniam Deus meus es:* diz assim: *In Deo laudabo verbum, in Domino laudabo verbum, in Domino laudabo sermonem.* [2] Quer dizer: que em Deus tanto louva a palavra, como as palavras, tanto as poucas, como as muitas, tanto as simples, como as compostas; porque essa é a differença de *verbum* a *sermo.* E' verdade que na lingua grega, em que S. João escreveu o seu Evangelho, a mesma palavra com que disse: *In principio erat Verbum:* [3] egual-

---

[1] *Matth.*, XX, 22.
[2] *Psalm*, LV, 10 e 11.
[3] *Joann.*, I, 2.

mente significa *verbum*, e *sermo:* e assim o interpretou o maior theologo da Igreja Grega, S. Gregorio Nazianzeno, dizendo:

Editus ex illo sermo, qui temporis expers
Effigiem in sese Patris exprimit undique, et illi
Par est natura.

Porém os Theologos latinos, posto que não neguem, nem possam negar esta propriedade, attribuem com maior distinção o *Verbum* ao Filho de Deus antes da Encarnação, e o *sermo* ao mesmo Filho depois de encarnado; porque *sermo* rigorosamente diz composição, a qual não houve senão depois da Encarnação no composto ineffavel de Christo. Supposta pois esta distinção de *verbum* a *sermo*, porque diz David fallando da oração de cada dia, que tanto louva a Deus pela palavra, como pelas palavras: tanto pelas poucas, como pelas muitas: tanto pelas simples, como pelas compostas: *In Deo laudabo verbum, in Domino laudabo sermonem?* Porque nas orações compostas por Deus, tanto se contém nas muitas palavras, como nas poucas; tanto em todas, como em algumas; tanto em toda a oração, como em qualquer parte della.

Vêde-o na oração do Padre Nosso composta de sete petições, nas quaes todas sete se conteem em cada uma, e cada uma contém todas sete. Seja exemplo a primeira. Na primeira petição, *Sanctificetur nomen tuum*, [1] pedimos a Deus, como entendem Santo Agostinho, S. Jeronymo, S. Chrysostomo, S. Cypriano, e todos os Padres, que seja Deus santificado em nós. E se Deus é sanctificado em mim, já o reino de Deus veiu a mim: *Adveniat regnum tuum;* [2] porque *regnum Dei intra vos est:* [3] Se Deus é santificado em mim, já eu faço a vontade de Deus na terra, como no céu: *Qui facit voluntatem Patris mei, qui in cœlis est:* [4] Se Deus é santificado em mim já lhe posso pedir o pão nosso, como meu; porque é pão dos filhos: *Panis filiorum, non mittendus canibus:* [5] Se Deus é santificado

1 *Math.*, VI, 9.
2 *Ibid.*, 10.
3 *Luc.*, XVII, 21.
4 *Math.*, VII, 21.
5 Eccles. in Miss. Sacrament.

em mim, eu perdoo, e Deus me perdoa: *Dimittite, et dimittemini:* [1] Se Deus é santificado em mim, a tentação não me vence a mim, senão eu a ella: *Sed faciet etiam cum tentatione proventum:* [2] Finalmente, se Deus é santificado em mim, nenhum mal me póde acontecer, porque de todo estou livre: *Non accedet ad te malum.* [3] E se dermos agora outra volta do fim do Padre Nosso para o principio, o mesmo corre por outro modo. Se estou livre de todo o mal, não posso cahir em tentação: se não posso cahir em tentação, não posso deixar de perdoar e ser perdoado: se perdôo e sou perdoado, não se me póde negar o pão do céu: se converto em substancia o pão do céu, assim como a vontade de Deus se faz no céu, assim a faço eu na terra: se faço a vontade de Deus na terra, já o reino de Deus me pertence a mim: e se a mim me pertence o reino de Deus, tambem Deus está santificado em mim: *Sanctificetur nomen tuum.* De sorte que de qualquer parte que tomemos o Padre Nosso, e entrarmos nelle como em um artificioso labyrintho da idéa e mão divina, acharemos que todas as sete petições se conteem em cada uma, e cada uma em todas sete: todo em todo, e todo em qualquer parte.

Dos sete preceitos da segunda Taboa notou e ensinou S. Paulo, que todos se conteem em um só, e um só em todos: *Nam: Non adulterabis: Non occides: Non furaberis: Non falsum testimonium dices: Non concupisces: et si quod est aliud mandatum, in hoc verbo instauratur: Diliges proximum tuum sicut te ipsum.* [4] E a razão é, porque a mesma lei que manda em sete preceitos não matar, não adulterar, não roubar, etc., manda tambem em um só preceito, que cada um ame a seu proximo como a si mesmo. E quem guardar este só preceito, não póde deixar de guardar todos sete; porque elle se inclue em todos, e todos nelle: e por isso não é oitavo preceito, senão os mesmos sete encerrados em um só. Do mesmo modo as sete petições do Padre Nosso. Todas pede, quem pede uma, se a pede com verdadeiro affecto: e quem assim pede e alcança uma, pede e alcança todas; porque de tal sorte se in-

---

1 *Luc.*, VI, 37.
2 *1.ª ad Cor.*, X, 13.
3 *Psalm.* LXL, 10.
4 *Roman.*, XIII, 9.

clue cada uma em todas, e todas em cada uma, que não póde estar a oração toda em toda, sem que egualmente esteja em qualquer parte.

A mesma maravilha encerra tambem em si a Ave Maria. E porque a Virgem Senhora nossa tomou por sua conta provar este ponto, são as provas tão milagrosas como suas. Quão milagrosa seja a virtude de toda a Ave Maria, ou da Ave Maria toda, não tem necessidade de repetição, pois todos sabem as muitas e grandiosas mercês que a Soberana Rainha dos Anjos tem feito, ainda áquelles devotos seus tão escassos, que uma só Ave Maria lhe rezavam todos os dias. Mas que essa virtude da Ave Maria toda esteja toda em qualquer parte da mesma Ave Maria; porque parece coisa mais difficultosa, por isso é a que está mais provada. Havia em Hungria (diz S. Pedro Celestino) uma donzella muito devota da Virgem Senhora nossa, mas tão rude e de tão fraca memoria, que nunca pôde aprender mais que as primeiras tres clausulas da Ave Maria: Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é comtigo. Isto só repetia muitas vezes, porém com tal espirito de devoção, e com tamanha luz do céu, que as palavras se lhe convertiam em resplandores, de que todos lhe viam cercado e allumiado o rosto em qualquer logar onde rezava. Admirado de tão manifesto milagre o bispo, e desejoso de que a santa donzella se adiantasse em maior perfeição, fez grandes diligencias para que ao menos aprendesse toda a Ave Maria: e assim se conseguiu com grande trabalho. Mas qual foi o successo? Caso prodigioso! Tanto que rezou toda a Ave Maria, nunca mais lhe resplandeceu o rosto. Pois se aquella só parte da Ave Maria era causa de tão milagrosos resplandores, a Ave Maria toda porque não causava, ou maiores, ou ao menos os mesmos effeitos? Porventura na mesma Ave Maria tem maior virtude a parte que o todo? Não. Antes quiz mostrar Deus, que se é grande virtude a que tem no todo, não é menor a que tem em qualquer parte. O bispo imaginou que se aquella devota rezasse toda a Ave Maria, receberia maiores favores do céu, do que rezando uma parte sómente: e este pensamento quiz emendar Deus e sua Santissima Mãe, fazendo cessar o milagre: para que entendesse elle e todos, que na Ave Maria, como no Divino Sacramento, não só está o todo em todo, senão todo em qualquer parte: *Tantum esse sub fra-*

gmento, quantum toto tegitur. Assim o mostrou o effeito. Porque tornando a mandar o bispo que rezasse a devota como d'antes rezava, tornou a resplandecer como d'antes resplandecia.

Não parou aqui a Senhora na prova e confirmação desta maravilhosa verdade, e quiz que soubessemos com a mesma evidencia, que não ha parte alguma na Ave Maria, ou grande, ou pequena, ou maior, ou minima, em que a Ave Maria não esteja toda. Mas como faremos nós esta demonstração? Vamos partindo a mesma Ave Maria sempre em partes menores, e começaremos pelo meio ou ametade della. O veneravel Thomaz de Kempis, accommettido fortemente pelo demonio, que o queria afogar, valeu-se da Ave Maria, dizendo: Ave Maria, cheia de graça: o Senhor é comtigo: Benta és tu entre as mulheres, e bento é o fructo do teu ventre. Mas o demonio era tão rebelde, que não só resistiu á primeira e segunda clausula, senão tambem ás duas seguintes. Só faltava da ultima o nome de Jesus: e quando Thomaz chegou a o pronunciar, aqui perdeu de todo as forças o inimigo, e fugindo desappareceu. Isto obrou meia Ave Maria. Vamos á outra parte menor. Santa Benevenuta rogava sempre á Virgem Maria, de quem era devotissima, lhe quizesse mostrar seu Bemdito Filho, não depois deste desterro, como todos pedimos, mas em quanto gemia e suspirava nelle. Um dia depois, em que mais cresceram estes affectos, veiu pedir um Menino á Santa que lhe ensinasse a rezar a Ave Maria. Era elle de estranha belleza; e como fossem rezando ambos: Ave Maria, cheia de graça: o Senhor é comtigo: Benta és tu entre as mulheres: quando chegaram áquellas palavras: Bento é o fructo do teu ventre: eu sou esse, disse o Menino: e abraçando a Santa, a deixou cheia de tanta consolação e saudades, quaes merecia tal visita. Mas ainda esta parte da Ave Maria foi grande. Partamos mais. Santa Getrudes estando muito enferma, não podia rezar o Rosario, e só pronunciava as primeiras palavras da Ave Maria: Ave Maria, cheia de graça: o Senhor é comtigo. O demais suppria com lagrimas. As quaes porém enxugou, e pagou mui bem aos mesmos olhos o soberano objecto dellas. Appareceu-lhe a Rainha dos Anjos com toda a magestade que tem no céu, vestida de gloria, e a bordadura das roupas toda era recamada daquellas mesmas palavras, que só po-

dia rezar, para que Gertrudes as lesse mais ricamente gravadas que nas estrellas: e para que entendesse, que na estimação da Mãe de Deus não tinha menos valor aquella pequena parte da Ave Maria, que toda. E esta parte tão pequena poder-se-ha ainda partir? Ainda. Entrou na Ordem de Cister um velho, o qual tinha estudado tão pouco em sua vida, que não sabia o Padre Nosso, nem a Ave Maria. Ensinaram-no na Religião; mas em todo o anno de Noviciado sómente chegou a saber dizer: Ave Maria, cheia de graça; sem poder jámais passar adiante. Estes eram os seus Psalmos, quando os monges estavam no côro, e quando não estavam, tambem; porque tendo tão pouca memoria para aprender, era tanta a memoria que tinha na Virgem Santissima, que em todo o tempo e logar se não esquecia de a saudar e louvar com o que sabia e podia, que não era pouco, pois era tudo. Morreu em fim o bom velho, e para eterna memoria de quão acceita tinha sido á Senhora aquella pequena parte da Ave Maria, nasceu da sua sepultura uma arvore, em cujas folhas estava escripto com lettras de ouro: Ave Maria, cheia de graça. Já aqui parece que poderamos parar, mas como aquellas folhas se podiam partir, partamol-as nós tambem, e cheguemos até á ultima e minima parte da Ave Maria, que é a Ave Maria sómente. Havia uma devota mulher, devota, mas illusa, como muitas vezes acontece. Transfigurava-se o demonio em anjo de luz, apparecia-lhe em differentes visões, e revelava-lhe mysterios altissimos, com que ella tanto se tinha por mais santa, quanto elle a levava mais perdida. Pediu-lhe uma vez, tendo-o por verdadeiro Anjo, que lhe quizesse mostrar uma imagem da Virgem Senhora nossa, que a representasse ao vivo, porque nenhuma das que via, satisfaziam ao conceito que tinha de sua estremada formosura. Fel-o assim o demonio, como tão grande pintor. E que succedeu? Vendo a simples mulher a imagem, que era formosissima, prostra-se de joelhos diante della, começa a saudar a Senhora com a Ave Maria; e tanto que pronunciou estas duas plaavras sómente, no mesmo ponto a imagem se desfez em fumo, o Anjo se converteu em um demonio feiissimo, as visões e revelações mostraram que eram engano, e a mulher sobre tudo se conheceu a si mesma, e deu graças á Mãe de misericordia. Tanto póde só aquella parte minima de uma Ave Maria!

Assim que, não ha parte, ou maior ou menor da Ave Maria, em que, para favor dos que a rezam, não esteja toda. D'onde eu venho a inferir, que assim como Christo, partindo-se deste mundo, nos deixou seu corpo no Sacramento, assim a Senhora subindo ao céu, se deixou como sacramentada comnosco na Ave Maria: e por isso toda a sua assistencia em toda, e toda em qualquer parte. Sentença é mui commum dos Theologos, que no Santissimo Sacramento do altar se adoram as reliquias da Virgem Maria. E que estas são aquellas mesmas partes de carne e sangue que o Filho de Deus encarnado recebeu de suas purissimas entranhas, e as conservou sempre em honra e reverencia sua. E assim como aquellas reliquias estão todas em todo, e todas em qualquer parte do Sacramento; assim estas (que o são do seu amôr) estão todas em toda a Ave Maria, e todas em qualquer parte della, com o mesmo privilegio indivisivel, que é proprio das reliquias, cujas almas estão no céu. Pensamento notavel foi o do rico avarento, em pedir que Lazaro o soccorresse só com um dedo, ou com a parte extrema delle: *Ut intingat extremum digiti sui in aquam.* [1] Muitos dizem que até nisto se mostrou avarento: mas não foi avareza, senão veneração e respeito, e um reconhecimento certo do privilegio que Lazaro já gozava como santo. Os Santos depois da morte tanta virtude teem em seus corpos todos e inteiros, como em qualquer parte delles: e como o avarento viu a Lazaro no seio de Abrahão entre os santos, entendeu que tanto o podia soccorrer todo Lazaro, como qualquer parte delle, e por isso pediu só a parte minima de um dedo. E' o que disse em similhante caso Theodoreto, dando a razão por que muitas cidades repartiram entre si o corpo de um martyr, e o tomaram por padroeiro: entendendo (como na verdade era) que tanta virtude tinha o Santo em qualquer parte ou reliquia do seu corpo, por minima que fosse, como em todo: *Quia tenues, ac tantillæ reliquiæ toti, nullasque in partes dissecto parem habent virtutem.* [2] E se esta prerogativa tão maravilhosa se experimenta nas reliquias dos Santos, quanto mais nas da Santa dos Santos!

---

[1] *Luc.*, XVI, 24.
[2] Theodor. Libr. 8.º *De Marty.*

Nem obsta que as reliquias, que a Senhora tem no Sacramento, sejam da mesma carne e sangue de Christo, e as que nos deixou na Ave Maria, sejam sómente palavras; porque tambem as do Padre Nosso são palavras, e o mesmo Christo fallando dellas as equipara não menos que á sua carne e sangue no Sacramento. Assim como Christo diz da sua carne e sangue: *In me manet, Et Ego in illo:* [1] assim diz das suas palavras: *Si manseritis in me, et verba mea in vobis manserint.* [2] E que palavras são estas? São as palavras do Padre Nosso, diz Santo Agostinho, e o prova das que logo se seguem, com que o mesmo Senhor concluiu a sua sentença: *Si manseritis in me, et verba mea in vobis manserint, quodcumque volueritis, petetis, et fiet vobis.* Se vós estiverdes em mim, e as minhas palavras, que vos ensinei na oração do Padre Nosso, estiverem em vós, tudo quanto quizerdes e pedirdes por ellas vos será concedido. *Ad verba ejus pertinet oratio, quam nos docuit* (diz o Santo) *ab hujus verbis, et sensibus non recedamus in petitionibus nostris, et quidquid petimus, fiet nobis.* E se as palavras do Padre Nosso e Ave Maria (que são as partes de que se compõe o Rosario vocal) são tão parecidas á carne e sangue de Christo no Sacramento, e ás reliquias da mesma carne e sangue, que a Senhora tem no mesmo Sacramento, que muito é que na prerogativa de estarem todas em todas, e todas em qualquer parte, se pareça tambem o Sacramento do Rosario com o Sacramento do altar?

VIII

Até qui as similhanças. Para declarar as vantagens, seria necessario outro mais largo discurso. Mas pois não temos logar de discorrer nellas, como convinha; corramos por ellas. Suppondo pois (como todos devem entender) que as vantagens só podem ser em respeito de nós e das nossas conveniencias: primeiramente Christo no Sacramento, *Mors est malis, vita bonis*, é morte

[1] *Joan.*, VI, 57.
[2] *Joan.*, XV, 7.

para os maus, e vida para os bons: porém no Rosario, para os bons, para os maus, para todos é vida. Os bons pela devoção do Rosario se fazem santos, e os maus, por grandes peccadores que sejam, rezando e meditando o Rosario, se convertem e se emendam, e ficam justos. Digam-no os ladrões, os homicidas, os adulteros, os blasphemos, os sacrilegos, e até os hereges sem numero reduzidos á fé, e reconciliados á graça por meio do Rosario. Notavel differença é a com que Christo nesta vida acceitava a meza dos homens, e agora nos admitte á sua. Perguntaram uma vez os Escribas e Phariseus aos Discipulos de Christo, porque razão seu Mestre, professando tanta santidade, comia com publicanos, e peccadores? E respondeu o Senhor aquella divina e discretissima sentença: *Non est opus valentibus Medicus, sed malè habentibus:* [1] dizei-lhe que os enfermos são os que hão mister o Medico, e não os sãos. O Sacramento tambem se chama *pharmacum immortalitatis*, medicamento da immortalidade; mas é medicamento que se immortaliza os sãos, mata os enfermos. Pois se Christo antes de sacramentado os sarava, como agora no Sacramento, e com o mesmo Sacramento os mata? A razão desta differença, e da que tem o Sacramento com o Rosario, deu S. Paulo naquellas palavras: *Judicium sibi manducat, et bibit.* [2] No Sacramento está Christo como ha de vir, no Rosario está como veiu: no Sacramento está como Juiz, no Rosario está como Medico. Por isso no Sacramento como Juiz dá vida aos bons, e morte aos maus, e no Rosario, como medico, livra da morte aos maus, e conserva a vida aos bons. Este foi o altissimo conselho, com que todos os mysterios, de que a Virgem Senhora nossa compoz o seu Rosario, foram da primeira vinda de seu Filho, e nenhum da segunda. Os mysterios do Rosario só comprehendem o que Christo obrou desde que sahiu do céu e do seio do Padre, até que se assentou á sua dextra. E que faz o mesmo Senhor á dextra do Padre, donde ha de vir á julgar, em quanto não vem? *Purgationem peccatorum faciens, sedet ad dexteram majestatis in excelsis:* [3] diz

---

1 *Math.*, IX, 12.
2 *1.ª ad Cor.*, XI, 29.
3 *Hebr.*, I. 3.

S. Paulo. Tudo o que faz Christo á dextra do Padre applicando a efficacia de seus merecimentos e mysterios (que são os que se conteem neste extracto de rosas) é purgar como protomedico divino a todos os peccadores, e purifical-os de seus vicios, por mais enormes que sejam. Ah Judas, que se depois de haver vendido a seu Mestre, te lançáras aos pés da sua cruz, dizendo: *Dimitte nobis:* como é certo que o benignissimo Redemptor, o qual pelos mesmos que o pregaram nella, disse: *Pater, dimitte illis:* [1] te perdoaria tambem a ti? E se não tendo rosto para apparecer em sua presença, recorrêras á sua Mãe, dizendo: *Ora pro nobis peccatoribus:* egualmente não ha duvida que alcançarias perdão, e te restituirias á sua graça. E se isto obrariam uma só clausula do Padre Nosso, e outra da Ave Maria, no maior peccador, que fará em todos os outros o Rosario inteiro?

A esta vantagem de conveniencias (que já lhe não chamo só nossas) se accrescenta a segunda, não menos certa. E qual é? Que muito mais damos a Christo no Rosario, do que elle nos pediu no Sacramento. Quando Christo se despediu de nós, e nos deixou no Sacramento a si mesmo, o que sómente nos pediu, foi a memoria: *Hæc quotiescumque feceritis, in mei memoriam facietis.* [2] Grande coisa deve de ser a memoria do homem, pois empenhando-se todo Deus na dadiva, só nos pediu a memoria por desempenho. Dimas pediu a Christo a memoria, e deu-lhe o Paraizo: Christo pediu-nos a nós a memoria, e damos-lhe o Rosario: mas é muito maior memoria a que lhe damos, que a que nos pediu. E senão saibamos que memoria foi a que Christo nos pediu e desejou de nós no Sacramento? S. Paulo o disse expressamente: *Hoc facite in meam commemorationem. Quotiescumque enim manducabitis panem hunc, et calicem bibetis: mortem Domini annuntiabitis.* [3] De sorte que a memoria que Christo desejou de nós no Sacramento, foi só a memoria de sua morte. E a memoria que lhe damos no Rosario qual é? E' a memoria da morte e mais da vida, e não só memoria da morte e da vida, senão da vida, da

---

[1] *Luc.*, XXIII, 34.
[2] Canon Missæ.
[3] *I.ª ad Cor.*, XI, 25 e 26.

morte, e da resurreição e gloria do mesmo Christo. Logo muito mâior memoria é a que damos a Christo no Rosario, do que elle nos pediu no Sacramento. No Sacramento pediu-nos a memoria de um só mysterio, no Rosario damos-lhe a de todos. Tanto vae de memoria a memoria: mas ainda não está ponderada. Posto que a morte de Christo fosse mysterio de um só dia, era merecedora de que nos lembrassemos delle, não só todos os dias, senão todas as horas. E é coisa digna de grande admiração, que nos não pedisse o Senhor esta memoria de sua morte para todos os dias, senão para aquelle sómente em que commungassemos. *Hæc quotiescumque feceritis, in mei memoriam facietis*, disse o mesmo Christo. E S. Paulo: *Quotiescumque manducabitis panem hunc, et calicem bibetis: mortem Domini annuntiabitis.* Pois se Christo tanto desejava a nossa memoria, porque a limitou sómente aos dias em que commungassemos? Seria porque suppôz que haviamos de commungar todos os dias, como faziam os christãos da primitiva Igreja? Assim parece. Mas depois que a ingratidão e esquecimento dos homens foi tal, que chegou a mesma Igreja a lhe pôr preceito de commungar uma vez no anno, como ficaria o Sacramento, se o não soccorresse o Rosario? Bem parece soccorro de sua Mãe. No Rosario tem Christo a satisfação da memoria com que desejou ser lembrado, e no Rosario o reparo do esquecimento, com que fiando-se de nós, se expoz a ser esquecido. E desta maneira não só egualou a memoria do Rosario, mas excedeu o memorial do mesmo Christo: pois sendo o Sacramento memorial seu de um só dia, e um só mysterio, o Rosario é memoria de todos os seus mysterios, e de todos os seus dias. Deixo, porque imos correndo, a vantagem de o Sacramento nos pedir só a memoria, e o Rosario lhe dar a memoria e mais o entendimento: a memoria na apprehensão dos mysterios, e o entendimento na meditação delles.

D'aqui porém se segue outra grande vantagem, ou maravilha, e é, que estando Christo no Sacramento encoberto e invisivel, tivesse poder e arte o Rosario para romper aquellas paredes dos accidentes, e o descobrir e fazer visivel. Assim o via a Esposa, posto que detraz das mesmas paredes, quando disse: *En ipse*

stat post parietem nostrum respiciens per fenestras. [1] Christo no Sacramento vê-nos a nós, ainda que nós o não vejamos a elle: mas de que modo nos vê?. Segundo a mais philosophica theologia, não nos vê com os olhos do corpo, porque o corpo sacratissimo está alli por modo espiritual e indivisivel, em que as acções, que requerem extensão, não podem ter exercicio. Mas a Divindade e a alma do mesmo Senhor têm naquellas mesmas paredes abertas tres janellas, pelas quaes nos vêem muito melhor que com os olhos. Uma é a sciencia divina, com que tudo é presente e manifesto a Deus: outra é a sciencia beatifica, com que Christo em quanto Homem, vendo a Deus, vê nelle tudo: a terceira é a sciencia infusa, que pelas proprias especies sem dependencia de outras vê tambem quanto quer vêr. E estas são as janellas, pelas quaes diz a Esposa, que estando detraz da parede a via o Divino e Humano Esposo: *En ipse stat post parietem nostrum respiciens per fenestras.* Desta maneira nos vê Christo no Sacramento, sem ser visto de nós, ou nós o vermos com os olhos do corpo, os quaes ainda que fossem de lynce, não podiam penetrar aquellas paredes. Mas o poder e arte do Rosario é tal, que nas mesmas paredes abriu, não tres, senão tres vezes cinco janellas, pelas quaes, por mais que Christo no Sacramento esteja invisivel, o vemos; e estas são, diz S. Bernardo, a oração mental, e vocal com que meditando oramos, e orando o louvamos: *Quod si pro considerationc divinæ dignationis, libet animum laxare in vocem laudis, et gratiarum actionem, puto me amplissimam stanti post parietem Sponso januam aperire.* Por este modo pois as meditações e orações do Rosario, segundo o numero dos seus mysterios, abrem nas paredes do Sacramento outras tantas janellas, pelas quaes vemos a Christo e o louvamos, não só em quanto morto, senão em quanto vivo, morto e immortal, e em todas as edades e estados da mesma vida, morte e immortalidade, em que os olhos da Virgem Maria o não viram, nem os do mesmo Christo o puderam, ou se puderam vêr juntamente e no mesmo tempo. Pelos mysterios Gososos vemos a Christo encarnado, peregrino, nascido, presentado, perdido e achado no Templo. Pelos mysterios Dolo-

[1] *Cant.*, II, 9.

rosos vemol-o suando sangue, coberto de açoites, coroado de espinhos, com a cruz aos hombros, e pregado nella. Pelos mysterios Gloriosos vemol-o resuscitado, subindo ao céu, mandando o Espirito Santo, acompanhando o triumpho de sua Mãe, e pondo-lhe a corôa. E tudo isto que a mesma Senhora e o mesmo Christo obraram em tantos annos, e não puderam vêr em menos tempo, vemos nós no breve espaço em que se reza o Rosario, com as vozes das suas meditações, e com as vozes das suas orações o agradecemos e louvamos. E se Christo como amante tão ancioso, não só nos deseja vêr, senão tambem ser visto de nós (como podia deixar de ser visto de quem dizia: *En ipse stat post parietem nostrum):* esta satisfação do seu desejo, que impediam as paredes do Sacramento, lhe deu tambem nelle o Rosario, rompendo e penetrando as mesmas paredes.

Finalmente o Sacramento é o mysterio da fé, e o Rosario é a fé, a confissão e o louvor de todos os mysterios que ella professa e ensina. No Sacramento, posto que se parta a hostia, sempre está Christo como pão inteiro: no Rosario está como pão partido, e por isso ainda que no Sacramento se coma, no Rosario se gosta e se digere. O Sacramento chama-se Eucharistia, que quer dizer acção de graças; mas essas graças no mesmo Sacramento estão mudas e em silencio; no Rosario não só as ouvem Deus e os Anjos, senão tambem os homens, porque se cantam e publicam a vozes. O Sacramento, como diz Jeremias, é escudo do coração· *Scutum cordis;* [1] mas escudo que não podemos trazer comnosco: o Rosario trazemol-o nas mãos, no peito, no cinto, e basta que o tragamos comnosco materialmente, para que nos defenda dos demonios, das feras, das balas, dos raios, como muitas vezes se tem visto. O Sacramento não se póde commungar senão nos logares sagrados, onde se consagra: o Rosario póde-se tomar na bocca, e meditar no coração, na igreja e fóra della, na casa e no campo, no mar e na terra, e em todo o logar, por menos santo e profano que seja. O Sacramento tem horas determinadas e certas em que só o podem receber os fieis: o Rosario póde-se resar e meditar pela

[1] *Thren.*, III, 65.

manhã e á tarde, antes e depois de comer, de dia e de noite: e não ha interdicto, ou *cessatio à divinis*, que prohiba seu exercicio e nos prive delle. O Sacramento só se póde commungar uma vez em cada um dia: o Rosario póde-se multiplicar, repetir e resar tantas vezes cada dia, como se verá neste exemplo, com que quero acabar.

Visitando os hospitaes de Anvers um Religioso de nossa Companhia, por nome Hermano Spruit, achou entre os incuraveis um soldado velho e ethico, ao qual depois de o ouvir de confissão, ou lhe deu em penitencia, ou lhe aconselhou que resasse o Rosario. Ouvido o nome de Rosario, não o entendeu o soldado, porque era daquelles que, tirados do arado para as armas, sempre são rusticos. Instruido porém do que continha esta devoção da Virgem Maria, se lhe affeiçoou com tal extremo, que disse ao confessor, que se desde menino tivera aquella noticia, nenhum dia de sua larga vida havia de ter passado, em que não resasse o Rosario. E que fez? Como aquelles a quem se lhe põe o sol antes de acabar a jornada, apressam e multiplicam os passos, assim elle se resolveu a rezar quantos mais Rosarios lhe fosse possivel, em quanto lhe durasse a vida. Mas não parou aqui: antes a esta boa resolução accrescentou outra maior, acompanhada de uma nova esperança, que como desconfiado dos remedios humanos, ninguem podia ter delle. Esperou que se a Virgem Senhora nossa naquella sua debilidade lhe conservasse os alentos necessarios, em espaço de dois annos podia rezar tantos Rosarios, que egualassem todos os dias de sua vida, em que os desejava ter rezado, e não soubera. Com este notavel pensamento perguntou a um arithmetico, quantos dias faziam sessenta annos, que eram os que tinha de idade? E sendo-lhe respondido, que vinte e um mil e novecentos dias, perguntou mais, quantos Rosarios havia de rezar cada dia para egualar este numero em espaço de dois annos? Respondeu o arithmetico com a mesma certeza, que pontualmente se repartiam em trinta Rosarios cada dia. Que mancebo ha tão forte e tão robusto, que não desmaiasse ouvindo taes numeros? Mas o velho, e sobre velho incuravelmente enfermo, arrimado da poderosa mão a quem servia, sem largar das suas o Rosario, rezando de dia e de noite, nenhum dia houve em que faltasse, nem ás contas de cada Rosario, nem á conta de todos trinta.

Chegou em fim (caso verdadeiramente admiravel, e de grande consolação para todos os devotos) chegou em fim o fim dos dois annos, e chegaram os Rosarios ao numero de vinte e um mil e novecentos: e tanto que se ajustou a conta dos Rosarios com a conta dos dias, que aconteceu ? Sem rezar mais uma Ave-Maria, nem viver mais um momento, no mesmo dia acabou os seus dias o venturoso soldado, e no mesmo dia foi receber o premio de seus milhares de Rosarios nas eternidades da gloria, onde mil annos são um dia.

Assim alcançou da Mãe de Deus os dois prazos, que esperou de sua benignidade: assim lhe davam forças para rezar os mesmos Rosarios, que rezava: e assim soube recuperar o que tinha perdido, e viver, o que não tinha vivido em toda a vida. E quem haverá á vista deste exemplo, que por occupação, ou por descuido, ou por total esquecimento de Deus e de si, não reze o Rosario uma vez cada dia, ou quando menos uma parte delle ? Não permitta Deus tal frieza de fé e de piedade em alma alguma christã, que não poderá ser senão precita. Ninguem haja pois que não frequente este terceiro Sacramento do Rosario em todos os dias de sua vida, para que se não arrependa de o não ter rezado na hora da morte. E nós acabado este largo discurso, por onde o começamos, louvemos e chamemos bemaventurada á Virgem Maria por todos os tres Sacramentos, em que o dividimos. Bemaventurada no Sacramento do Evangelho, pois trouxe encerrado em suas entranhas o Verbo Eterno: bemaventurada no Sacramento do altar, pois lhe deu a carne e sangue, materia de que é composto: e bemaventurada no Sacramento do Rosario, pois o instituiu com tal fórma, que elle é o reformador do mundo. Levantando pois a voz, com a que excitou o Espirito Santo entre as turbas, digamos uma, duas e tres vezes: *Beatus venter*, *Beatus venter*, *Beatus venter*, *qui te portavit.*

SERMÃO VIGESIMO

Jacob autem genuit Judam, et fratres ejus [1]

I

Quem negará que são os homens filhos de Adão? Quem negará que são filhos daquelle primeiro soberbo, o qual não reconhecendo o que era, e querendo ser o que não podia, por uma presumpção vã se perdeu a si e a elles? Fêl-os Deus a todos de uma mesma massa, para que vivessem unidos, e elles se desunem: fêl-os eguaes, e elles se desegualam: fêl-os irmãos, e elles se desprezam do parentesco: e para maior exaggeração do esquecimento da propria natureza, baste o exemplo que temos presente. O domingo passado, fallando na linguagem da terra, celebraram os brancos a sua festa do Rosario, e hoje em dia e acto apartado festejam a sua os pretos, e só os pretos. Até nas coisas sagradas, e que pertencem ao culto do mesmo Deus, que fez a todos eguaes, primeiro buscam os homens a distincção que a piedade.

Jacob autem genuit Judam, et fratres ejus: [2] Jacob, diz o nosso thema, gerou a Judas e a seus irmãos: e que irmãos eram estes? Uns eram filhos de Lia e de Rachel, outros eram filhos de Bala, escrava de Rachel, e de Resfa, escrava de Lia. Pois se entre as mães havia uma differença tão grande, e tão notavel na estimação dos homens, quanto vae de senhoras a escravas, como não distingue o Evangelista os filhos, e a todos sem distincção nem differença chama egualmente irmãos: *Et fratres ejus?* Olhae para o Livro d'onde se tirou este

---

[1] *Math.*, 1.
[2] *Ibid.*, 1, 2.

Texto: *Liber generationis Jesu Christi:* [1] Livro da geração de Jesus Christo. O fim por que Jesus Christo veiu ao mundo, foi para reformar os erros de Adão e seus filhos, e para os restituir á egualdade em que os tinha creado, desfazendo totalmente e reduzindo á primeva e natural união as distincções e differenças que a soberba entre elles tinha introduzido. Tanto é de fé esta razão, como o mesmo Texto. Ouvi a S. Paulo: *Expoliantes vos veterem hominem cum actibus suis et induentes novum qui renovatur secundum imaginem ejus, qui creavit illum. Ubi non est Barbarus, et Scytha, servus, et liber.* [2] Despi-vos (diz o Apostolo) do homem velho, que é Adão, com todos seus abusos, e vesti-vos do novo, que é Christo, o qual veiu renovar e reformar em todos os homens a imagem, a que Deus os tinha creado, na qual não ha barbaro ou scytha, escravo ou livre, mas todos são eguaes. Faz menção entre os barbaros nomeadamente dos Scythas, porque a Scythia era a Angola dos gregos com quem fallava. E porque na lei de Christo, onde ha um só Deus, uma só fé, e um só baptismo, como diz o mesmo S. Paulo, tambem não ha, nem deve haver distincção de escravo a senhor, nem de captivo a livre: por isso o Evangelista aos filhos de Lia e Rachel, que eram as senhoras, e aos de Bala e Resfa, que eram as escravas, a todos sem differença de condição ou nascimento, egual e indistinctamente chama irmãos: *Judam, et fratres ejus.*

Isto é o que diz e ensina o Evangelho; mas o que vemos na nossa republica, não em alguns, senão em todos, é tudo o contrario. Consta esta grande republica de tres sortes, ou tres côres de gentes: brancos, pretos, pardos. E posto que todos se presam e professam servir a Virgem Maria Senhora nossa, e se poderam reduzir a uma só irmandade, como na casa de Jacob, da qual é descendente a mesma Senhora; seguindo porém todos mais a differença das côres, que a unidade da profissão, não só os não vemos unidos em uma irmandade, ou divididos em duas, mas totalmente separados em tres. Os em que acho menos razão, são os pardos, porque não só separaram a irmandade, mas mudaram o appellido. Os brancos e os pretos, sendo côres extremas,

---

[1] *Math.*, I.
[2] *Collos.*, III, 9, 10 e 11.

conservaram o nome do Rosario, e os pardos, sendo côr meia entre as duas, por mais se estremarem de ambas, deixando o do Rosario, tomaram o de Guadalupe. Por certo, que foram mal aconselhados; porque a Senhora do Rosario egualmente abraça todas estas tres côres: *Quæ est ista, quæ progreditur quasi aurora consurgens, pulchra ut luna, electa ut sol?* [1] Compara-se a Senhora á aurora, á lua, e ao sol: porque? Porque egualmente como Mãe, e como a filhos, e irmãos, abraça com seu amor os brancos, os pretos e os pardos, e allumia com sua luz todas estas differenças de côres: como sol aos brancos, que são o dia; como lua aos pretos, que são a noite; e como aurora aos pardos, que são os crepusculos.

Bem poderam os pardos aggregar-se aos pretos, pela parte materna, segundo o Texto geral: *Partus sequitur ventrem*, mas eu não quero senão que se aggregassem aos brancos; porque entre duas partes eguaes, o nome e a preferencia deve ser da mais nobre. Nas mesmas duas côres temos a prova. Fez Deus o dia e a noite com tal egualdade, que segundo diversos tempos do anno nem em um minuto de tempo excede o dia á noite, ou a noite ao dia. E a este espaço de vinte e quatro horas, que se compõe de dia e de noite, como lhe chamou Deus desde seu nascimento? Chamou-lhe dia: *Factum est vespere, et manè dies unus.* [2] Pois se no mesmo espaço de tempo composto de duas ametades eguaes, tanta parte tem a noite, como o dia: porque se chama dia, e não se chama noite? Excellentemente S. Bazilio Magno: *Facta est vespera, factum est manè, quibus diem, noctemque significat: non tamen diem, et noctem hæc nuncupavit, sed præstabiliori totam tribuit appellationem.* [3] Ainda que no circulo, que faz o sol, do oriente ao occaso, e do occaso ao oriente, tanta parte tenha a noite, como o dia, e o dia seja claro, e a noite escura; comtudo áquelle espaço, que se compõe destas duas partes eguaes, chama-lhe Deus dia, e não lhe chama noite: porque o nome e a preferencia sempre deve seguir a parte mais nobre: *Præstabiliori totam tribuit appellationem.* Por esta regra, que não é menos que divina, ainda que a côr parda se componha egual-

---

1 *Cant.*, VI, 9.
2 *Genes.*, I, 5.
3 *In Examer.*

mente da preta e da branca, se devia aggregar, como digo, á branca e não á preta. Mas pois os pardos se quizeram antes distinguir de ambas, e com tanta differença, que até o appellido da Senhora trocaram, e deixaram o do Rosario: com tanto que o rezem, como os outros devotos delle, a Soberana Virgem, que invocada debaixo de qualquer nome é a mesma, se dará por satisfeita da sua devoção.

Excluidos assim, porque se quizeram excluir, os pardos: ficam só os brancos e pretos, cujas côres, ainda que extremas, se poderam muito bem unir na mesma irmandade. Naquelle contracto que Jacob fez com Labão sobre as rezes pretas e brancas, e as de côr misturada e varia, sempre estas ficaram separadas a uma parte, e as brancas e pretas a outra: *Separavit varios, atque maculosos, cunctum autem gregem unicolorem, idest, albi, et nigri velleris, tradidit in manu filiorum suorum.* [1] E por mais que este contracto se trocou dez vezes, é coisa muito notavel, que as rezes brancas e pretas, ou passassem de Jacob a Labão, ou de Labão a Jacob, sempre andaram unidas. Logo bem poderam tambem andar unidos, e debaixo da mesma irmandade, os brancos e os pretos. E se quizermos tornar á metaphora do dia e da noite, assim puzeram uns e outros junto do mesmo côro os cantores de Babylonia: *Benedicite nocti, et dies Domino.* [2] Respondiam-se alternadamente os dias ás noites, e as noites aos dias; e com uniformes vozes, posto que umas mais claras, e outras menos; todos juntamente louvavam e bemdiziam a Deus. Mas ainda que esta união fora muito propria da Lei evangelica, em que a differença das côres não dirime a irmandade, nem faz distincção entre senhores e servos; comtudo David, como propheta, viu isto mesmo, que nós temos diante dos olhos. Por isso fez dois coros differentes, e separados, de brancos e pretos, um em que poz os dias, que não respondiam ás noites, senão aos dias: *Dies diei eructat verbum;* [3] e outro em que poz as noites, em que tambem não respondiam aos dias, senão ás noites: *Et nox nocti indicat scientiam.* [4]

---

1 *Genes.*, XXX, 35.
2 *Daniel*, III, 71.
3 *Psalm.* XVIII, 3.
4 *Ibid.*

Supposta pois esta distincção e separação de irmandades, uma dos brancos, outra dos pretos; uma dos senhores, outra dos escravos; o meu assumpto, ou questão, muito digna de se disputar, será hoje esta: Qual destas duas irmandades é mais grata, e mais favorecida da Mãe de Deus: Se a dos pretos, ou a dos brancos; a dos escravos, ou a dos senhores? Uns e outros estão presentes, e a todos toca egualmente ajudarem-me a pedir a graça.

Ave Maria, etc.

II

Jacob autem genuit Judam, et fratres ejus.

Tres causas tem nesta nossa republica, os que se chamam senhores, para a grande distincção que fazem entre si, e os seus escravos. O nome, a côr, e a fortuna. O nome de escravos, a côr preta, e a fortuna de captivos, mais negra que a mesma côr. Agora veremos, se são bastantes estas tres causas, para que na estimação da Soberana Rainha dos Anjos tenham melhor logar os senhores que os escravos, os brancos, que os pretos, e a humilde fortuna desta segunda irmandade, que a nobreza da primeira.

Começando pois pela comparação dos escravos com seus senhores, no primeiro patriarcha desta mesma genealogia do Evangelho, que foi Abrahão, têm os escravos um exemplo, que por todas suas circumstancias favorece pouco o seu partido. Havia naquella familia dois escravos, uma mãe chamada Agar, e um filho chamado Ismaël, os quaes representavam com grande propriedade as duas differenças dos que temos presentes. Agar, que quer dizer peregrina, era trazida da Africa, porque, como diz o Texto sagrado, era egypcia: *Ancillam Ægyptiam nomine Agar:* [1] E Ismaël era nascido em casa do mesmo Abrahão, como consta do mesmo Texto: *Peperitque Agar Abræ filium.* [2] Taes são uns e outros escravos, os de que se compõe esta irmandade: uns chamados Angolas, que são trazidos da

[1] *Genes.*, XVI, 1.
[2] *Ibid.*, 15.

Africa, outros que se chamam creoulos, e são nascidos e creados no Brazil em casa de seus senhores. E' o que tinha promettido Isaias á nova Igreja convertida da gentilidade, que uns filhos lhe viriam de longe, e outros se levantariam do seu lado: *Filii tui de longè venient, et filiæ tuæ de latere surgent.* [1] Isto posto, vamos ao caso. Primeiramente diz a Escriptura, que Sara, mulher de Abrahão, tratava com tanto rigor a Agar, que a obrigou a fugir, e tornando outra vez para casa não menos apadrinhada que por um Anjo; finalmente disse a Abrahão, que lançasse de casa a escrava e a seu filho: *Ejice ancillam hanc, et filium ejus:* [2] e assim se fez. Saibamos agora: E esta Sara quem era? Dizem as allegorias, que era figura da Virgem Senhora nossa, e se confirma com o seu proprio nome; porque Sara quer dizer *Domina*, a Senhora. Logo pouco favor parece que podem esperar da Senhora, não só alguns escravos, senão todos, ou sejam os de longe, como Agar, ou os de perto, como Ismaël.

Nunca vistes uma figura mal pintada? Pois assim é Sara, figura da Virgem Maria. As figuras bem pintadas mostram a similhança, as mal pintadas encarecem a differença. Quereis vêr bem pintadas as nossas senhoras no rigor e pouca piedade, com que tratam os escravos? olhae para Sara. E se quereis vêr o encarecimento de piedade e amôr, com que a Senhora das senhoras os trata, ponde os olhos na Virgem Maria. Para prova de quanto a Virgem Maria ama e estima os escravos, e não despreza este nome, não tenho menos que tres testemunhos, todos tres divinos: o de Deus, o do Filho de Deus, e o da Mãe de Deus. Comecemos por este ultimo. E para que appareça melhor o encarecimento da differença, não tiremos os olhos da figura de Sara.

Quando o Anjo trouxe a embaixada á Senhora, depois de lhe chamar cheia de graça, e bemdita entre todas as mulheres, lhe disse, que seria Mãe de um Filho tão grande, que se chamaria Filho de Deus, e herdaria o sceptro de David seu Pae. E a Virgem, que sobre todos os titulos estimava o de Virgem, depois de replicar o que podia fazer duvida á sua pureza, as

---

[1] *Isai.*, LX, 4.
[2] *Genes.*, XXI, 10.

palavras com que acceitou a embaixada, foram: *Ecce Ancilla Domini:* [1] Eis aqui a Escrava do Senhor. Pois agora, quando pela herança do Filho, como Filho de David, lhe pertencia o senhorio de Israël; e agora quando pela herança do mesmo Filho, como Filho de Deus, lhe pertencia o senhorio do mundo, se chama a Virgem Maria escrava? Sim, agora. Quando se viu senhora do reino, e senhora do mundo, então se chamou escrava: para que julguem os senhores e os escravos, se estimará mais os escravos, ou os senhores. Sara tambem mudou o nome, mas nunca deixou o de senhora; porque d'antes chamava-se Saray, que quer dizer senhora minha, e depois chamou-se Sara, que quer dizer senhora. E quem tão pegada estava ao nome e dominio de senhora, não é muito que fosse de tão dura condição, e tão rigorosa com os escravos: porém Maria, que levantada sobre os dois maiores dominios e senhorios da terra e do céu, troca o nome de senhora pelo de escrava; vêde se amará e estimará muito aquelles de quem tanto lhe agrada o nome?

Esta é a consequencia que naturalmente se infere de a Senhora tomar o nome de escrava; mas ainda não está declarada a causa porque o tomou. Para a Senhora acceitar o que o Anjo lhe propunha, e para encarnar o Verbo Divino em suas entranhas, bastava dizer: *Fiat mihi secundum verbum tuum.* [2] E assim foi; porque no mesmo ponto em que pronunciou estas ultimas palavras, se obrou o mysterio da Encarnação. Pois se bastava dizer: *Fiat mihi secundum verbum tuum;* porque não só accrescentou, mas anticipou ao *fiat* o *ecce ancilla;* e antes de ser mãe se chamou escrava? E' reparo de Santo Thomaz, arcebispo de Valença: ao qual com novo e exquisito pensamento satisfaz desta sorte: *Grandi ergo mysterio, altissimoque Deitatis instinctu conceptura Deum sui meminit ancillatus, ut orientem à se Filium mundi obsequio manciparet.* Sabeis porque a Virgem Maria se reconheceu e confessou por escrava antes de conceber ao Filho de Deus? A razão e mysterio altissimo foi, porque o parto, segundo as leis, não segue a condição do pae, senão a da mãe: *Partus sequitur ventrem.* E quiz a Se-

[1] *Luc.*, I, 38.
[2] *Luc.*, I, 32.

nhora por esta declaração anticipada, que o Filho, que havia de ser seu, como Filho de escrava, nascesse tambem escravo nosso. Em quanto Filho de seu Pae, é Senhor dos homens; mas em quanto Filho de sua Mãe, quiz a mesma Mãe, que fosse tambem escravo dos mesmos homens. Este foi o intento da Senhora no que disse, e no tempo e modo em que o disse: e isto é o que significa a palavra forense *mancipavit*, da qual se deriva *mancipium: Ut orientem à se Filium mundi obsequio manciparet.*

Quando a Senhora disse: *Ecce Ancilla Domini*, acabava de ouvir ao Anjo, que o Filho que della havia de nascer, reinaria na casa de Jacob: *Et regnabit in domo Jacob.* [1] E d'aqui se vê na materia de escravos outra grande differença entre uma Senhora e outra senhora, entre Maria e Sara. Sara, porque Ismaël é escravo, não quer que trate com seu filho, sendo seu irmão: e Maria, porque seu Filho ha de ser irmão dos homens, para que os trate, e sirva melhor, quer que seja seu escravo. Sara para estabelecer a casa de Abrahão em Isaac, lança a mãe escrava, e mais o filho escravo fóra de casa: e Maria, para estabelecer a casa de Jacob em Christo, mette a Mãe escrava, e mais o Filho escravo dentro na mesma casa. Digo na mesma casa, porque a casa de Jacob era a mesma de Abrahão. E d'aqui podemos entender com novo pensamento, que os antigos rigores de Sara, contra os escravos, eram prophecia dos favores com que neste tempo os havia de admittir e tratar a Virgem Maria. Notae as palavras: *Ejice ancillam hanc, et filium ejus.* Não diz que deite fóra de casa a escrava, senão aquella escrava: *Ancillam hanc;* porque havia de vir tempo em que houvesse outra ancilla e outra escrava, a qual tivesse outro filho tambem escravo, os quaes se não haviam de lançar da casa de Abrahão, senão conservar-se e venerar-se nella; para que por seu meio se conseguissem as bençãos e felicidades, que Deus ao mesmo Abrahão tinha promettido. E isto baste quanto ao primeiro testemunho.

---

[1] *Luc.*, I, 31.

III

Ao testemunho da Mãe de Deus, segue-se o do Filho de Deus. Sendo o Filho de Deus egual a seu Eterno Padre em tudo, para mostrar que esta egualdade era propria, e não alheia, natural e não adquirida ou roubada, quiz por amôr de nós, não fazer, senão fazer-se o que não era. E para se fazer o que não era, que fórma tomaria fóra de si mesmo? De quanto Deus tinha creado na terra, tomou o melhor, que era a natureza humana; e de quanto os homens tinham inventado na mesma terra, tomou o peor, que era a condição de escravo: *Qui cum in forma Dei esset, non rapinam arbitratus est esse se æqualem Deo, sed semetipsum exinanivit formam servi accipiens, in similitudinem hominum factus.* [1] São palavras do Apostolo S. Paulo, nas quaes com razão encarece tanto este fazer-se Deus escravo, que lhe não chama fazer-se, senão desfazer-se: *Exinanivit semetipsum.* Não porque Deus deixasse de ser o que era; mas porque uniu o que infinitamente era, ao que não só infinitamente, mas mais ainda que infinitamente, distava do seu proprio ser. O ser do homem dista infinitamente do ser de Deus, e o ser, ou não ser do escravo, de outra segunda distancia pouco menos que infinita. E quando o Filho de Deus se não desprezou de ser escravo; quem haverá que se atreva a desprezar os escravos?

Tudo o que no escravo póde causar desprezo, coube em Deus; porque quando tomou a fórma de escravo, *formam servi accipiens*, não a tomou, como dizem, *pro fórma*, senão com todas as formalidades. No Cenaculo servindo como escravo a homens de baixa condição no exercicio mais baixo: *Misit aquam in pelvim, et cœpit lavare pedes:* [2] na prisão do Horto sendo reputado por escravo fugitivo e ladrão: *Tanquam ad latronem existis comprehendere me? Quotidie apud vos eram:* [3] na traição de Judas vendido como escravo, e por vilissimo preço: *Constituerunt ei triginta argenteos:* [4] na remissão a Caiphaz manietado como escravo, ou, como cá dizeis, amarrado: *Misit eum ligatum*

---

[1] *Philip.*, II, 6 e 7.
[2] *Joan.*, XIII, 5.
[3] *Marc.*, XIV, 48.
[4] *Math.*, XXVI, 15.

ad Caipham: [1] no Pretorio açoutado como escravo, e crudelissimamente açoutado: *Flagellis cæsum:* [2] nas ruas publicas de Jérusalem como escravo com a carga mais pesada e mais affrontosa ás costas: *Bajulans sibi crucem:* [3] no Calvario como escravo despido: *Acceperunt vestimenta ejus.* [4] E finalmente como escravo e mau escravo, pregado e morto em uma cruz, que era o supplicio proprio de escravos. E se estes são os maiores abatimentos, a que póde chegar o estado da servidão; quem haverá, se tem fé, que se atreva a desprezar no seu escravo o que vê no seu Deus?

Para remir o genero humano bastava que o Filho de Deus se fizesse homem: e como os homens pervertendo a egualdade da natureza a distinguiram com dois nomes tão oppostos, como são os de senhor e escravo, bem podéra o Filho de Deus contentar-se com se fazer homem do predicamento dos senhores. E porque não quiz? Pela razão que deu S. Paulo: *Non rapinam arbitratus est esse se æqualem Deo, sed semetipsum exinavivit, formam servi accipiens.* O Apostolo diz, que se o Verbo se não fizesse homem na fórma de escravo, seria furto que faria á Divindade de seu Pae: e eu accrescento, que tambem faria furto á vontade e exemplo de sua Mãe. Ora vêde. Quem visse que o Filho de Deus recebia a natureza humana, e se recebia com ella na fórma e condição de escrava, poderia bem cuidar, que se casára a furto: mas nem foi a furto do Pae, nem a furto da Mãe. Não a furto do Pae; porque do mesmo entendimento (que era do Pae, e mais do Filho) sahiu o arbitrio, com que o Filho tomou a fórma de escravo: *Non rapinam arbitratus est, formam servi accipiens.* Nem a furto da Mãe; porque assim o confirmou a Mãe assignando o contracto com a firma de escrava: *Ecce Ancilla Domini.* E se o Filho de Deus, por arbitrio de seu Pae, por eleição de sua Mãe, e por inclinação e vontade propria, havendo de se fazer homem, se não fez do predicamento dos senhores, senão da condição dos escravos: Vejam lá os que ainda no serviço da Mãe de Deus, se separam dos escravos,

---

[1] *Joan.*, XVIII, 24.
[2] *Marc.*, XV, 15.
[3] *Joan.*, XIX, 17.
[4] *Ibid.*, 23.

se favorecerá mais a mesma Senhora aquelles com quem se quiz parecer seu Filho, ou aos que se desprezam de se parecer com elles? Grande caso é, que cabendo a fórma de Deus, e a fórma de escravos em uma só pessoa, e essa divina *(Cum in fórma Dei esset, formam servi accipiens)* um homem com nome de Senhor, e outro com nome de escravo, não caibam em uma grande congregação, e por isso se houvessem de separar em duas confrarias?

IV.

Depois do testemunho da Mãe de Deus, e do Filho de Deus, só resta o do mesmo Deus, isto é, de Deus Padre. Quiz Deus Padre, que assim como seu Filho tinha Pae, tivesse tambem Mãe, e para achar em todo o mundo, e em todos os seculos pessoa digna de tão alta e soberana assumpção, já sabemos que a não buscou nas côrtes dos Assyrios, Persas, Gregos, ou Romanos, entre as princezas de sangue imperial, nem a achou na mesma Jérusalem, cabeça da verdadeira fé naquelle tempo, senão em Nazareth, povo de poucas casas, e na mais humilde delle. Alli estava escondida aos olhos do mundo aquella donzella mais divina que humana, que só mereceu ser digna Mãe de Deus Homem. Mas porque motivos? Nella tinha o mesmo Deus depositado e juntas todas as perfeições e graças, que divididas fazem bemaventuradas no céu, e illustres na terra ambas as naturezas, humana e angelica. Qual destas perfeições, pois, e qual destas graças foi a que mais encheu o entendimento, e captivou a vontade divina, para que Maria unicamente fosse a bemdita entre todas as mulheres, e entre todas a escolhesse Deus para Mãe de seu Filho? A mesma Senhora o disse: *Quia respexit humilitatem Ancillæ suæ:* [1] Porque poz Deus os olhos na humildade e baixeza de sua escrava. Vède, que differentes são os olhos de Deus dos nossos. Mas agora pergunto eu: E poderia a Mãe de Deus desprezar o que Deus estimou, e reprovar o que Deus elegeu, e onde Deus poz os olhos, deixar ella de pôr tambem os seus? Claro está que não. Logo se Deus não poz os olhos na magestade e grandeza das

[1] *Luc.*, I, 48.

senhoras, senão na humildade e baixeza da escrava; seguro têm os escravos, ainda em comparação de seus senhores, o maior favor, e o maior agrado dos olhos da Mãe de Deus.

E se vos não contentaes com a razão desta consequencia, que todos vêem, eu vos hei de dar ainda outra, que ninguem imagina. A razão que todos vêem, é, que não podem os olhos da Senhora deixar de imitar e seguir os olhos de Deus. E a que eu digo que ninguem imagina, qual será? E', que quando a Mãe de Deus põe os olhos, olha pelos olhos de seu Filho. E' caso verdadeiramente admiravel, e de grande consolação para todos os devotos da Virgem Maria, o que agora direi. Em Delphes, cidade de Hollanda, no dia do nascimento da Senhora cantavam a Salve Regina no côro certas Religiosas, de que era uma, Santa Gertrudes; e quando chegaram áquellas palavras, *Illos tuos misericordes oculos ad nos converte*, em que pedimos á Mãe de Deus incline a nós seus misericordiosos olhos; viu a Santa, que tendo a imagem da Senhora seu Bemdito Filho no braço esquerdo. movia o direito e applicando os dedos aos olhos, que o Menino Jesus tinha levantados, os inclinava brandamente, para que os puzesse nas monjas, que a invocavam. E porque não ficasse em duvida, o que significava a visão, disse a Soberana Virgem a Gertrudes: *Isti sunt misericordiosissimi oculi, quos ad omnes me invocantes salubriter possum inclinare, ut et uberrimum fructum consequantur salutis æternæ:* estes são os misericordiosissimos olhos, que eu posso inclinar, e inclino sobre todos os que me invocam, para que por meio de sua saudavel vista alcancem a vida eterna. De sorte, que quando a Mãe de Deus põe os olhos em nós, não só imita, e segue os movimentos e inclinações da sua vista, mas olha pelos olhos do mesmo Filho Deus. E se os olhos de Deus, como diz a mesma Senhora, não olharam para a nobreza e soberania das senhoras, senão para a humildade e baixeza da escrava: *Respexit humilitatem Ancillæ suæ:* ditosa a humildade e baixeza dos que sois escravos, pois não podem deixar de se inclinar piedosamente a ella os olhos de Deus, e de sua Mãe.

Só póde ter esta verdade uma replica, não para vós, senão para os que sabem mais que vós. Dirão, que o *Respexit humilitatem Ancillæ suæ*, se entende da virtude e excellencia da humildade, e não da humildade

e baixeza da condição. E posto que a humildade, e baixeza da condição se acha em todos os escravos, a virtude e excellencia da humildade, que na Mãe de Deus foi summamente perfeita, ainda nos que professam perfeição, é muito rara. Logo ainda que sejaes escravos, como a Senhora se chamou escrava, não basta a humildade e baixeza da condição, que traz comsigo este nome, para que os olhos de Deus, e da Mãe de Deus se ponham mais benignamente em vós. Ora não vos desconsoleis, que se esta réplica tem por si muitos e graves Auctores, o sentido em que eu vos expliquei as palavras da Senhora, é fundado no mesmo Texto, cuja auctoridade prevalece a todas. Onde a Vulgata lê, *humilitatem ancillæ suæ*, o Texto original tem, *exiguitatem*, *Parvitatem*, como verte Vatablo, *nihileitatem*. De maneira, que a palavra *humilitatem* não significa humildade, em quanto é virtude da pessoa, senão humildade, em quanto é baixeza da condição pessoal, e vileza della. Assim o entendem, fundados na propriedade do Texto, o mesmo Vatablo, Isidoro Clario, Jansenio, Caetano, e todos os Expositores modernos mais litteraes, como já o tinha entendido Euthimio, conforme a significação natural da palavra e lingua grega, em que escreveu o Evangelista S. Lucas, e a quem dictou o seu Cantico a mesma Virgem Maria. E ser esta a verdadeira intelligencia se confirma com a razão; porque o intento da Senhora, como summamente humilde, não foi engrandecer a sua virtude, senão abater a sua indignidade. Assim, que a baixeza e vileza propria da condição dos escravos, essa é a que levou apoz si os olhos de Deus, quando a Senhora se chamou Escrava: *Quia respexit humilitatem ancillæ suæ.*

E para que se veja, finalmente, o logar que teem na estimação da mesma Senhora os escravos, não obstante a baixeza de sua condição, ainda comparados com o nascimento e nome dos que se chamam seus senhores: nos irmãos do nosso thema o temos, *Judam, et fratres ejus.* Vendo Rachel que a fecundidade de Lia lhe tinha dado quatro filhos, e que ella era esteril, para supprir este desar, que naquelle tempo era affrontoso, pediu a Jacob que admittisse ao thalamo a sua escrava Bala, para que della ao menos tivesse filhos. Assim como Rachel o traçou, assim succedeu. E como desta substituição nascessem dois filhos a Bala,

um chamado Dan, outro Nephtali, a mesma Rachel, que a proposito do successo lhe tinha posto os nomes, disse estas notaveis palavras: *Comparavit me Dominus cum sorore mea, et invalui:* [1] ora graças sejam dadas a Deus, que me egualou com minha irmã, e eu prevaleci. Quem não soubesse que Lia tinha já quatro filhos, e não adoptivos, senão naturaes e proprios, faria bem differente conceito desta, que Rachel chamou primeiro egualdade e depois victoria. Mas se os filhos de Lia eram quatro, e os de Bala só dois, como diz Rachel, que egualou a sua irmã, e que a venceu? Para egualar, era necessario que fossem tantos os filhos de Bala como os de Lia; e para vencer, era necessario que fossem mais: pois se não eram mais, nem tantos, senão ametade menos, como diz Rachel, não só que egualou, senão que venceu: *Comparavit me Dominus cum sorore mea, et invalui?* O pensamento com que isto disse Rachel, ella o saberia: eu só sei, que a mesma Rachel era figura da Virgem Maria, e que os filhos de Lia eram filhos de senhora, e os de Bala filhos de escrava: e era tal a conta e a differença, que Rachel fazia entre os filhos da escrava, e os filhos da senhora, que sendo os da senhora quatro, e os da escrava dois, estes dois para com ella no numero eram outros tantos, e na estimação muitos mais; no numero outros tantos, e por isso disse que Deus a egualára; e na estimação muitos mais, e por isso disse que ella prevalecêra. Applicai vós, que eu não quero fazer mais largo este primeiro ponto.

V

O segundo, e segunda causa da grande distincção que fazem entre si e os escravos os que se chamam senhores, é como diziamos, a côr preta. Mas se a côr preta puzera pleito á branca, é certo que não havia de ser tão facil de averiguar a preferencia entre as côres, como a que se vê entre os homens. Entre os homens dominarem os brancos aos pretos, é força, e não razão ou natureza. Bem se vê onde não tem logar esta força, nem a côr é vencida della. Quando os por-

[1] *Genes*, XXX, 8.

tuguezes appareceram a primeira vez na Ethiopia, admirando os Ethiopes nelles a policia europea, diziam: tudo o melhor deu Deus aos europeus, e a nós só a côr preta. Tanto estimam mais que a branca a sua côr! Por isso, assim como nós pintamos aos Anjos brancos e aos demonios negros, assim elles, por veneração, aos Anjos pintam negros, e aos demonios, por injuria e aborrecimento, brancos. Deixando porém os que podem parecer apaixonados, ninguem haverá que não reconheça, e venere na côr preta duas prerogativas muito notaveis. A primeira, que ella encobre melhor os defeitos, os quaes a branca manifesta e faz mais feios: a segunda, que só ella não se deixa tingir de outra côr, admittindo a branca a variedade de todas: e bastavam só estas duas virtudes para a côr preta vencer, e ainda envergonhar a branca. Mas das côres só os olhos podem ser juizes. Vejamos o que elles julgam ou experimentam. Os philosophos, buscando as propriedades radicaes com que se distinguem estas côres extremas, dizem, que da côr preta é proprio unir a vista, e da branca disgregal-a e desumil-a. Por isso a brancura da neve offende e cega os olhos. E não é isto mesmo o que com grande louvor dos pretos, e não menos affronta dos brancos, se acha em uns e outros? Dos pretos é tão propria e natural a união, que a todos os que teem a mesma côr, chamam parentes; a todos os que servem na mesma casa, chamam parceiros: e a todos os que se embarcaram no mesmo navio, chamam malungos. E os brancos? Não basta andarem mezes juntos no mesmo ventre, como Jacob e Esaü, para se não aborrecerem; nem basta serem filhos do mesmo pae e da mesma mãe, como Caïn e Abel, para se não matarem. Que muito logo, que sendo tão disgregativa a côr branca, não caibam na mesma congregação os brancos com os pretos?

E para que vejamos quão differente é a distincção que a Virgem Senhora nossa faz entre uns e outros, oiçamos tambem neste ponto a Deus, e á mesma Mãe de Deus. Havendo Deus creado o primeiro homem, poz-lhe por nome Adão, que quer dizer *ruber*, vermelho, por ser esta a côr do barro do Campo Damasceno, de que o formou. Tão importante é á altiveza humana a lembrança de seus humildes principios. Mas se o intento de Deus era formar-lhe o nome da mesma materia, de que o tinha formado, e a materia era o barro

vermelho, porque lhe não deu o nome do barro, senão o da côr, *ruber?* Porque no barro não havia perigo de se desegualarem os homens; na côr sim. No barro não; porque todos os filhos de Adão se haviam de resolver na mesma terra. Na côr sim; porque uns haviam de ser de uma côr, e outros de outra. E não quiz Deus que aquella côr fosse alguma das extremas, quaes são a branca e a preta, senão outra côr meia e mixta que se compuzesse de ambas, qual é a vermelha; para que na mesma mistura e união da côr se unissem tambem os homens de diversas côres, ainda que fossem tão diversas como a branca e preta. Por isso no mesmo nome de Adão lhe distinguiu tambem Deus as terras, em que, segundo a qualidade de cada uma, se lhe haviam de variar as côres. E' advertencia engenhosa de Santo Agostinho, [1] o qual notou que as quatro lettras, de que se compõe o nome de Adão, são as mesmas que no Texto grego dão principio ás quatro partes do mundo, oriente, occidente, septentrião, meiodia. E como os homens divididos pelas mesmas quatro partes do mundo, os da Europa, os da Africa, os da Asia, e os da America, conforme os differentes climas haviam de nascer de differentes côres: traçou a sabedoria do Supremo Artifice, que assim como em todo o nome de Adão, *Ruber*, estava rubricada a memoria do Pae, e sangue commum de que descendiam, assim a cada lettra do mesmo nome respondessem os diversos climas do mundo, que lhe haviam de variar as côres, para que na variedade da côr se não perdesse a irmandade do sangue.

Por espaço de dois mil annos foram da mesma côr todos os homens, até que habitando as duas Ethiopias os descendentes do segundo filho de Noé, começaram muitos delles a ser pretos. Mas accudindo Deus á differença que podia causar nos animos esta differença das côres, logo na Lei escripta, e no mesmo Legislador della honrou com tal egualdade a ambas, que nem os pretos tivessem que invejar na branca, nem os brancos que desprezar na preta. Na Lei mandava Deus, que o cordeiro, ou cordeiros, que se lhe offerecessem, fossem inviolavelmente immaculados. Assim se prescreve em todos os ritos do Exodo, do Levitico, dos Nu-

[1] August. Tract. 9 in Joann.

meros. E em que consistia o ser immaculado o cordeiro? Cuidam muitos que consistia em ser extremadamente branco, que nem signal nem mancha alguma tivesse de preto. Mas não eram estas as manchas, ou maculas que Deus prohibia. Não estava a mancha na côr, senão no corpo da victima. Se a inteireza natural do corpo do cordeiro não tinha defeito, ou deformidade alguma, ainda que fosse em uma só unha, era immaculado. E quanto á côr, ou fosse todo branco, ou todo preto, ou branco com parte de preto, ou preto com parte de branco, egualmente era acceito a Deus e digno de seus altares. *Immaculatus esse debebat, id est, integer, et sine vitio corporis: poterat tamen esse albus, niger, et habere maculas albas, vel nigras:* [1] commenta o Douto A' Lapide. De sorte que por ser branco ou preto, ou em todo, ou em parte, não deixava o cordeiro de ser immaculado, sendo figura do mesmo Deus feito homem: para que os homens se não deshonrassem, ou tivessem por mancha em si, o que Deus não tinha por mancha no seu retrato. Isto quanto á Lei.

Quanto ao Legislador, ainda foi maior o exemplo, não só da providencia, mas da severidade divina, no rigor com que castigou o desprezo desta indifferença das côres. Não reparando nella Moysés, como homem de tão sublime juizo, casou-se com a filha de um rei da Ethyopia, que elle tinha vencido em batalha, por isso chamada Ethiopiza. Não levando porém a bem este casamento Maria, irmã do mesmo Moysés, e murmurando delle com Arão, que era o irmão maior, Deus, que costuma acudir pelos que não acodem por si, como vos parece que emendaria, ou desfaria esta murmuração? E' caso verdadeiramente notavel! Não tinha bem acabado de murmurar Maria, quando appareceu de repente coberta de lepra; e como leprosa, conforme a Lei, foi lançada fóra dos arraiaes. As palavras do Texto são estas: *Et ecce Maria apparuit candens lepra, quasi nix:* [2] e subitamente Maria appareceu coberta de lepra branca como a neve. Reparae muito nesta brancura e nesta neve. Bem podéra Deus castigar a murmuração de Maria na lingua, emmudecendo-a, ou com outro castigo e enfermidade maior e mais perigosa que a lepra: mas porque quiz que fosse

[1] *Num.*, XXVIII. 8
[2] *Num.*, XII, 10.

lepra particularmente, e tal lepra que a fizesse branca como a neve: *Candens quasi nix?* Para que respondesse a pena direitamente á culpa, e para que aprendesse Maria na sua brancura a não desprezar a pretidão da Ethiopiza. Como se dissera Deus: já que nella desprezaes a sua côr, olhae agora para a vossa: nella a sua pretidão é natureza, em vós a vossa brancura é lepra. Oh quantas brancuras se prezam de muito brancas, que são como a da irmã de Moysés! Quanto melhor lhe fôra ser negras sem lepra, que brancas e leprosas! Assim castigou Deus naquella Maria os desprezos da Ethiopiza; e assim nos ensinou, pelo contrario, quanto preza e quanto estima a todos os ethiopes a outra Soberana Maria, que como bemdita entre todas as mulheres, nasceu para emendar os erros de todas.

IV

Dos exemplos de Deus passemos aos de seu Filho, e vejamos quanto estimou e estima Christo os pretos. E' observação em que por ventura não tendes reparado, a que agora direi. Digo, que estima tanto o Filho de Deus os pretos, que mil annos antes de tomar o nosso sangue, deu aos pretos o seu. Vejamos primeiro a verdade do caso, e depois iremos juntos ao computo dos tempos. O Filho de Deus tomou o nosso sangue, quando encarnou e se fez homem: e deu o seu aos pretos, quando lhes deu o sangue que elle havia de tomar, que era o de David. E foi desta maneira. Reinando Salomão, filho de David, levada da fama de sua sabedoria veiu a vêl-o e ouvil-o a rainha Sabá, que o era da Ethiopia. E como Salomão tivesse por mulheres setecentas rainhas, recebeu tambem no numero dellas, posto que de côr preta, a mesma rainha Sabá, de quem houve um filho, o qual nasceu depois na Ethiopia, e a mãe lhe poz o nome de seu avô, e se chamou David. Sendo já de vinte e dois annos este principe, desejoso de vêr e tomar a benção a seu pae, veiu a Jérusalem, onde Salomão não só o reconheceu por filho, mas com todas as cerimonias e insignias reaes o fez ungir no Templo por rei da Ethiopia, sendo os ministros desta solemnidade Sadoc e Joaz, em quem estava o summo sacerdocio naquelle tempo. Esta é a origem dos imperadores

da Ethiopia, mil annos, como dizia, antes da Encarnação do Filho de Deus; porque o mysterio altissimo da Encarnação foi obrado no anno quarenta e um do imperio de Augusto Cesar, quando se contavam quatro mil e cincoenta e um annos da creação do mundo: e a vinda da rainha Sabá a Jérusalem tinha sido no anno vinte e quatro do reinado de Salomão, quando o mesmo mundo desde sua creação contava sómente tres mil cincoenta e tres annos. De sorte que quando o Filho de Deus, fazendo-se homem, tomou o sangue da geração de David, já havia mil annos que tinha dado o mesmo sangue aos pretos da Ethiopia no seu primeiro rei ou imperador: (porque até então eram governados pelas rainhas:) [1] em memoria desta descendencia por tradição antiquissima, e sempre continuada, se intitula hoje o mesmo Imperador: *Filius David, filius Salomonis, filius columnæ Sion, filius de semine Jacob, filius magnus Mariæ*

Esta ultima clausula de grande filho de Maria accrescentaram os imperadores da Ethiopia depois do nascimento de Christo, o qual tantos seculos antes tinha honrado os Ethiopes com os mesmos nomes ou titulos, com que hoje se intitula no Livro de sua geração. Que diz S. Matheus, ou que nome dá ao Livro da geração de Christo? *Liber generationis Jesu Christi, filii David, filii Abraham:* Livro da geração de Jesus Christo, filho de David, e filho de Abrahão. E deste mesmo David, e deste mesmo Abrahão, de quem Christo hoje se chama filho, por descender delles por quarenta e duas gerações; destes mesmos, e não de outros, se chamavam tambem os Ethiopes, filhos de David, e filhos de Abrahão, não por quarenta e duas gerações, senão por quinze sómente, que tantas conta o mesmo S. Matheus até Salomão. Filhos de David, porque todos os Ethiopes conservaram sempre o nome de David, como hereditario em seus principes: e filhos de Abrahão, porque todos tomaram delle a circumcisão.

E se buscarmos a razão, motivo ou merecimento destes tão anticipados favores do Filho de Deus aos Ethiopes, o mesmo David o tinha já cantado, quando disse: *Æthiopia præveniet manus ejus Deo.* [2] Onde a

---

[1] Hortel. in Theat. tabul. 68.

[2] *Psalm.* LXVII, 32.

palavra *præveniet*, é o mesmo que *prima veniet;* porque a Ethiopia, e os Ethiopes seriam os primeiros entre todos os gentios, que receberiam a fé do verdadeiro Deus. E declara o Propheta com excellente propriedade e energia este reconhecimento e acceitação da fé, dizendo, como se lê no hebreu, que estenderiam a Deus as suas mãos, porque este é o estylo ou acção natural, como vemos, com que os mesmos Ethiopes novamente trazidos das suas terras reconhecem o dominio dos que têm por senhores, estendendo para elles as mãos, e batendo-as. Grande prerogativa, e singular por certo desta nação, que quando todas as outras adoravam muitos deuses (chegando esta multidão em todo o mundo a numero de trinta mil, como refere Hesiodo) [1] ella só reconhecesse a unidade em Deus, sem a qual não póde haver divindade. E que direi da mesma divindade unida á humanidade em Christo, em cuja noticia e prégação se anticiparam os Ethiopes aos mesmos Apostolos? Quando os Apostolos repartiram entre si o mundo, coube a S. Matheus a Ethiopia; mas quando lá chegou S. Matheus, que foi no anno quarenta e quatro do nascimento de Christo, [2] já havia nove annos que o eunucho da rainha Candaces, guarda-mór do seu erario, convertido e baptisado por S. Filippe, lhe tinha levado e mostrado os thesouros do Evangelho, sendo elle o primeiro Apostolo da sua patria, da mesma nação, da mesma lingua, e da mesma côr que os outros Ethiopes.

Mas não foi esta ainda a primeira e mais anticipada diligencia com que os pretos se adiantaram a prégar a fé e veneração de Christo e sua Santissima Mãe. Os tres Reis orientaes, que vieram adorar o Filho de Deus recem-nascido em Belem, é tradição da Igreja, que um era preto. [3] Mas de que terra ou nação fosse, andou em opiniões muitos seculos, até que no anno de mil quatrocentos e noventa e nove descobriram os nossos argonautas da India, que tinho sido o rei de Cranganor. Este rei, pois tão preto como o pintam, mudando o nome que d'antes tinha, se chamou Cheriperimale, que

---

[1] Hesiod. relatus á Ravisio in Theatr. Phil. libr. 1.º, cap. 9.º
[2] Baron. eo anno.
[3] Osorius, libr. 5.º de gest. Emmanuel. Navar. libr. 21 de Orat. etc.

quer dizer Terceiro, por ser elle o terceiro que seguindo a estrella se ajuntou aos dois naquella prodigiosa viagem. Chegaram, acharam o Rei que buscavam, e como a rei, como a Deus, e como a homem, lhe offereceram, prostrados a seus pés, os mysteriosos tributos. Voltando para suas terras e reinos, o que fez o de Cranganor, foi edificar logo um templo, e no meio delle uma capella, a que se subia por muitos degraus, na qual collocou uma imagem da Virgem Maria com o Menino Deus nos braços, como refere S. Matheus, que o acharam: *Invenerunt pucrum cum Maria Matre ejus.* [1] A este monumento de religião accrescentou por lei ou rito perpetuamente estabelecido, que todas as vezes que se nomeasse o santissimo Nome de Maria, todos se prostrassem por terra; e assim o fizeram os sacerdotes do mesmo templo em presença do nosso Gama, e de todos os que com elle desembarcaram na mesma cidade. Agora vêde se tenho eu razão para dizer, que no culto e veneração publica de Christo, e sua Santissima Mãe, se adiantaram os pretos aos mesmos Apostolos. O primeiro templo que os Apostolos levantaram á Virgem Maria em sua vida, foi o do Pilar de Saragoça pelo Apostolo Santiago. [2] Mas quando? No anno vinte do imperio de Tiberio, que era o anno trinta e seis do nascimento de Christo. De maneira que quando o primeiro Apostolo, á instancia da mesma Mãe de Deus, lhe edificou a primeira capella em Hespanha, já o rei preto, com seus vassallos da mesma côr, lhe tinham edificado templo na India. Para que se veja, se esta anticipada devoção dos pretos mereceu tão anticipados favores de Christo: e se á vista delles merecem ser desprezados dos que se chamam seus senhores. E senão, digam-me os mesmos portuguezes, qual era a sua religião naquelle tempo, e muitos annos depois? O que se acha em pedras e inscripções antigas é, que dedicaram templo a Octaviano Augusto, templo a Trajano, e a todos os deuses; templo a Isis, templo e estatuas a Tiberio e sua mãe Livia, templo e estatuas a Nero e sua mãe Agripina. [3] E quando os portuguezes, sem se lhes fazerem as faces

---

1 *Math.*, II, 11.
2 Ita Bouther in Chron. Hispan. cap. 23.
3 Souza e Faria ab August. usque ad Trajanum.

vermelhas na sua brancura, reconheciam divindade nestes monstros da ambição e de todos os vicios, os pretos nos seus altares adoravam o verdadeiro Filho de Deus e a verdadeira Mãe do mesmo Filho.

VII

Mas oiçamos por fim a estimação, que faz da côr preta, não só nelles, mas em si, a mesma Mãe de Deus: *Nigra sum, sed formosa, Filiæ Jerusalem, sicut tabernacula Cedar, sicut pelles Salomonis.* [1] Nestas palavras se defende a Pastora dos Cantares, respondendo ás filhas de Jérusalem, as quaes como creadas na côrte, e ella no campo, e como prezadas de muito brancas, a notavam de preta. Diz, pois, que ainda que preta, nem por isso deixa de ser formosa: e o prova principalmente com as famosas tendas de Salomão, quando sahindo da côrte morava no campo: *Sicut pelles Salomonis.* [2] Assim como as pelles que cobrem as tendas de Salomão, são pretas e muito formosas, assim póde haver formosura, e grande formosura em coiros pretos. E se este dote da natureza, filhas de Jérusalem, não está vinculado á côr branca, de que tanto vos prezaes, notae-me embora de preta, mas não de feia, porque ainda que sou preta, sou formosa: *Nigra sum, sed formosa.* Até aqui a que em trajo pastoril representava a Virgem Senhora nossa, a qual com as mesmas palavras confessa ser a côr preta natural da sua patria, e sua; porque a Palestina, como visinha ao Egypto e á Africa, por razão do clima mais exposto aos ardores do sol, participa da côr com que elle costuma tostar e escurecer a brancura, como logo accrescentou a mesma Pastora: *Nolite me considerare, quod fusca sim, quia decoloravit me sol.* Assim lemos em Nicephoro, que aquelle soberano rosto, em que Dionysio Areopagita reconheceu raios de divindade, entre as duas côres extremas, propendia mais para á preta. O mesmo diz Santo Epiphanio. E mais claramente o demonstra o retrato natural da mesma Virgem Maria, pintura da mão de S. Lucas, que hoje se vê, e venera

---

[1] *Can.*, I, 5.
[2] *Ibid.*

em Roma na Basilica de Santa Maria Maior, como um dos mais preciosos thesouros daquelle formosissimo santuario.

Cousa é porém muito digna de reparo, que neste epithalamio, escripto pela sabedoria de Salomão, nunca a Senhora se chamasse formosa, senão depois de se chamar preta. Quatorze vezes por diversos modos, e com diversos encarecimentos celebra o Esposo a sua formosura, e lhe chama formosa: mas a Senhora não se attribuiu este louvor, de que tanto se gloriam, ainda as que o não merecem, senão uma só vez, e quando juntamente disse, que era preta: *Nigra sum, sed formosa.* Seria por ventura para escurecer com estas sombras a mesma formosura? Não, diz Santo Ambrosio; senão para a engrandecer e realçar mais: *Præmisit nigram, ut augeret decoram.* [1] E se buscarmos a razão desta consequencia, que não parece facil; na similhança das mesmas tendas de Salomão a temos excellentemente declarada. Porque sendo por fóra lavradas com todos os primores da arte na côr preta, e por isso muito formosas á vista; por dentro eram recamadas de ouro, perolas, e diamantes, cujos reflexos na opposição daquella côr brilhavam mais, e faziam um admiravel composto de maior graça e formosura. E desta maneira sendo o preto esmalte do branco, e o escuro realce do claro, se pareciam muito vistosas, no que mostravam por fóra, muito mais formosas e preciosas eram, no que cobriam por dentro: *Præmisit nigram, ut augeret decoram.*

Notem isto as pretas e os pretos, para que os não desconsole, ou desanime a sua côr: e notem tambem o mesmo as brancas e os brancos, para sua confusão, se tendo a brancura só por fóra, forem negros por dentro. [2] Mandava Deus no Levitico, que o cysne, como ave immunda, se lhe não sacrificasse, nem ainda se comesse. E em que defeito se fundava esta lei, se o cysne, cantor de suas proprias exequias, é tão branco como a mesma neve? Porque por fóra tem as pennas brancas, e por dentro a carne negra: *Cujus plumæ licet albæ sint, et molles, caro tamen est dura*

---

[1] Ambros. in Psalm. 118. Serm. 18.
[2] *Levit.*, II, 18.

nervosa, et nigra. [1] Olhe para si a brancura, e veja se responde ao interior, ou se é hypocrisia. O carvão coberto de neve, nem por isso deixa de ser carvão: antes junto della é mais negro. Por isso Christo Senhor nosso comparava os Escribas e Phariseus ás sepulturas branqueadas: *Væ vobis Scribæ, et Pharisei hypocritæ: quia similes estis sepulchris dealbatis.* [2] E em que consistia a hypocrisia daquellas sepulturas vivas? Em que a brancura de fóra lhes dava apparencias de formosura, e por dentro estavam cheias de corrupção e horrores: *Quæ à fòris parent hominibus speciosa, intus verò plena sunt ossibus mortuorum, e omni spurcitiâ.* Vède agora, se a Mãe de Deus para estimar mais os brancos que os pretos, se deixará enganar das apparencias, ou hypocrisias da côr?

Lá disse Deus a Samuel, que elle não era como os homens; porque os homens olham para o rosto, e Deus para os corações: *Homo videt ea, quæ parent, Dominus autem intuetur cor.* [3] Pois assim como nos olhos de Deus, assim tambem nos de sua Mãe, cada um é da côr do seu coração. E para que vejamos quão pouco importa, para maior estimação da Senhora, a côr ou apparencia do rosto, na historia do nosso thema o temos. Vendo Lia que Rachel tinha filhos de sua escrava Bala, quiz ella tambem ter filhos da sua escrava Raspha; e parece que sem razão. Que Rachel vendo-se esteril, busque esta consolação, ou allivio á sua infecundidade, perdão merece a sua dôr: mas que Lia achando-se com quatro filhos legitimos de Jacob, os queira tambem ter da sua escrava Raspha, appetite parece alheio de todo o bom juizo. Quanto mais, que as côres e feições do rosto de Raspha, eram tão pouco para estimar, como significa o seu proprio nome, que quer dizer, *Contemptum oris*, desprezo do rosto. Pois de uma escrava, que na cara e na côr trazia o proprio desprezo, quer Lia ter filhos? Sim. Porque entendeu, e esperou, que os filhos da escrava, posto que de tão desprezada côr, podiam fazer mais ditosa a sua casa, que os da mesma Senhora. E assim foi. Nasceu o primeiro filho a Raspha, e poz-lhe Lia por nome

---

[1] Cornelius ibi.
[2] *Math.*, XXIII, 27.
[3] *1.º Livr. dos Reis*, XVI, 7.

Felicidade, chamando-lhe Dan: *Dixit feliciter: et appellavit nomen ejus Dan.* [1] Nasceu o segundo filho á mesma Raspha, e poz-lhe a mesma Lia por nome Bemaventurança, chamando-lhe Aser: *Dixit: Hoc pro beatitudine mea: Beatam quippe me dicent mulieres. Propterea appellavit eum Aser.* [2] Comparae-me agora os quatro filhos de Lia senhora, com os dois de Raspha escrava, e escrava de côr, e rosto tão desprezado. Os quatro filhos de Lia senhora, eram Ruben, Simeão, Levi, e Judas: e destes quatro os primeiros tres foram amaldiçoados de seu pae, e privados do morgado: e os dois de Raspha escrava nasceram com tão differente estrella, que o primeiro a fez feliz, e o segundo bemaventurada entre as mulheres: *Hoc pro beatitudine mea: Beatam quippe me dicent mulieres.* E parou aqui o encarecimento desta grande differença? Não. O que depois delle se seguiu d'ahi a muitos seculos, é a mais forte, e apertada conclusão, com que se póde rematar este ponto. Porque quando a Virgem Senhora nossa no seu Cantico disse, que pelo Filho, de que Deus a tinha feito Mãe, lhe chamariam todas as gerações bemaventurada, foi tomando da bocca de Lia as mesmas palavras com que ella se chamou bemaventurada pelos filhos da sua escrava Raspha. *Huc allusit Beata Virgo Deipara, cùm cecinit: Beatam me dicent omnes generationes*, diz o doutissimo Cornelio. E se a mesma Mãe de Deus mediu os seus louvores pelos da escrava Raspha, desprezada pelo rosto e pela côr, bem claramente se deixa vêr, se pela differença das côres estimará mais os brancos e menos os pretos.

VIII

Só resta a ultima razão, ou semrazão, porque os senhores desprezam os escravos, que é a vileza e miseria da sua fortuna. Oh fortuna! E que mal considera a cegueira humana as voltas da tua roda? Virá tempo, e não tardará muito, em que esta roda dê volta, e então se verá, qual é melhor fortuna, se a vil e des-

---

[1] *Gen.*, XXX, 6.
[2] *Ibid.*, 13.

prezada dos escravos, ou a nobre e honrada dos senhores. Muitas vezes tendes ouvido a historia daquelle rico sem nome, e do pobre chamado Lazaro. O rico vivia em palacios doirados, e Lazaro ao sol e á chuva jazia na rua: o rico vestia purpuras e hollandas, e Lazaro se estava coberto, era de chagas: o rico banqueteava-se esplendidamente todos os dias, e Lazaro, para matar a fome, não alcançava as migalhas que cahiam da sua meza. Póde haver maior differença de fortunas? Todos os que passavam, e viam as delicias do rico, invejavam a sua felicidade; e todos os que não tinham asco de pôr os olhos em Lazaro, tinham compaixão da sua miseria. Senão quando chegou alli de repente a morte, deu um pontapé na roda da fortuna, e foi tal a volta em um momento, que Lazaro se achou descançando no seio de Abrahão, e o rico ardendo no inferno. Clamava o triste por remedio, quando já não era tempo de remedio, e pedia uma gotta de agua, a quem não tinha dado uma migalha de pão. Mas que resposta tiveram os seus clamores? Respondeu-lhe Abrahão com este ultimo desengano, è tão justa como tremenda sentença: *Fili, recordare, quia recepisti bona in vita tua, et Lazarus similiter mala: nunc autem hic consolatur, tu verò cruciaris:* [1] Lembra-te, filho, do outro tempo, e do outro mundo, e não estranharás, que na tua fortuna, e na de Lazaro, vejas uma tão grande mudança: tu na tua vida gozaste os bens, e Lazaro padeceu os males; agora tu padeces os males, e elle logra os bens: *Fili, recordare.* Oh se os ricos, e os Lazaros, não esperaram pela outra vida para se lembrarem do que agora são, e do que podem ser depois!

Digam-me os ricos, quem foi este rico, e os pobres, quem foi este Lazaro? O rico, foi o que são hoje os que se chamam senhores: e Lazaro, foi o que são hoje os pobres escravos. Não são os senhores, os que vivem descançados e em delicias, e os escravos em perpetua afflicção e trabalhos? Os senhores vestindo hollandas e rasgando sedas, e os escravos nus e despidos? Os senhores em banquetes e regalos; e os escravos morrendo á fome! Que muito logo, que acabada a comedia desta vida, a fortuna troque as mãos, e que os que neste mundo lograram os bens, no outro padeçam

[1] *Luc.*, XVI, 25.

os males; e os que agora padecem os males, depois tambem elles vão lograr os bens? E se alguem me disser, que os escravos, que nesta vida padecem os males, tambem têm peccados, e os senhores, que logram os bens, tambem teem boas obras? Respondo, que taes podem ser as boas obras de uns, e os muitos peccados dos outros, que uns, e outros sejam a excepção desta regra. Mas, geralmente fallando, a sentença de Abrahão é fundada no que ordinariamente succede. Dá a razão muito adequada S. Gregorio Papa: *Mala Lazari purgavit ignis inopiæ: bona divitis remuneravit felicitas transeuntis vitæ.* [1] Lazaro tambem teria alguns peccados, como teem os escravos; mas esses purgaram-se pela sua pobreza, pela sua miseria, pelos seus trabalhos: e o rico tambem teria algumas boas obras, como hoje teem os senhores; mas essas pagou-lh'as Deus com os bens que logram nesta vida. De sorte que os ricos e os senhores teem nesta vida o seu paraiso, e os Lazaros e os escravos o seu purgatorio. Ensoberbeçam-se agora os senhores com a sua fortuna, e desprezem a dos seus escravos.

Qual destas fortunas haja de ter mais de sua parte o favor, e amparo da Virgem Senhora nossa, a mesma Senhora o declarou canora e canonicamente, quando disse: *Dispersit superbos mente cordis sui. Deposuit potentes de sede, et exaltavit humiles. Esurientes implevit bonis: et divites dimisit inanes.* [2] A razão manifesta desta differença, e que não tem replica, é porque a Virgem Maria é Mãe de misericordia: o objecto da misericordia é a miseria: logo para a parte da miseria, e dos que a padecem, ha de propender a Mãe da misericordia. Cada um dos outros dois pontos provamol-os com Deus, com o Filho de Deus, e com a mesma Mãe de Deus: e tambem o faremos neste; mas brevissimamente, pois não permitte mais o tempo.

Peccou o Anjo no céu, e o homem no paraizo: que resolveu Deus nestes dois casos tão similhantes? Aos homens remiu, e aos Anjos não: Aos homens, como diz Zacharias, abriu as entranhas da sua misericordia, e com os Anjos executou toda a severidade de sua justiça. Pois se os Anjos são as mais nobres de todas

[1] D. Greg. Homil. 40.
[2] *Luc.*, I, 51, 52 e 53.

as creaturas, e os homens formados de barro: os Anjos de tão sublime entendimento, e os homens ignorantes: os Anjos por natureza immortaes, e os homens sujeitos a todas as miserias da mortalidade: porque se compadeceu Deus da cahida dos homens, e não reparou a ruina dos Anjos? Por isso mesmo. Porque a vileza, a ignorancia, e a miseria estava só da parte dos homens, como cá da parte dos escravos, e para onde carregou o pezo da miseria, para alli inclinou a balança da misericordia: *Propter miseriam inopum, et gemitum pauperum, nunc exurgam, dicit Dominus.* [1] Isto é o que fez Deus Padre sem perdoar ao sangue de seu proprio Filho.

E o Filho do mesmo Deus, que fez? Elle (bemdito seja) o escreveu com a penna do Propheta Isaias: *Spiritus Domini super me, eo quod unxerit Dominus me.* [2] O Filho de Deus feito homem é Christo, que quer dizer ungido: e diz que o ungiu o Espirito do mesmo Deus: e para que? *Ut mederer contritis corde, et prædicarem captivis indulgentiam, ut consolarer omnes lugentes:* [3] para remediar, para livrar, para consolar a todos os affligidos, a todos os captivos, e a todos os que choram suas miserias. Bem está. Mas os que não teem miserias, nem trabalhos, nem captiveiros, nem afflicções que chorar, não veiu o Filho de Deus ao mundo tambem para elles? Sim, veiu: mas como o seu espirito é de piedade, de compaixão, e de misericordia, os tristes, os affligidos, os captivos, e os miseraveis, são os que mais lhe movem, e levam o coração, como se só para elles viera. E se esta é a inclinação, e propensão do Filho de Deus, qual podemos considerar, que será a da Mãe do mesmo Filho?

Gerson, aquelle famoso Cancellario de Paris, mais santo ainda que politico, diz, que a Mãe de Deus se chama Mãe de misericordia; porque é propriedade particular, que a Senhora tomou para si, favorecer os miseraveis: *Maria Mater ideo dicitur misericordiæ, quia quodammodo sibi proprium est misereri miseris.* E accrescenta, que a figura que a elle lhe parece mais propria desta misericordia da Virgem Maria, é a que

---

[1] *Psalm.* XI, 6.
[2] *Isai.*, LXI, 1.
[3] *Ibid.*, I, 3.

pintou o poeta Estacio na descripção do templo que os Athenienses dedicaram á mesma misericordia: *Tu ipsa es verum templum misericordiæ in templo misericordiæ figuratum, de quo loquitur Statius poeta.* E que diz Estacio? Diz, que naquelle templo poz seu assento a clemencia, e que os miseraveis são os que lh'o consagraram:

Posuit clementia sedem,
Et miseri fecère sacram. [1]

Diz mais, que de dia, e de noite tem as portas abertas, e que as queixas, e petições de todos os que a elle concorrem, são ouvidas:

Auditi quicumque rogant, noctesque, diesque
Ire datum, et solis Numen placare querelis.

Diz mais, que não se vêem alli fumos de incenso, nem sangue de victimas, porque os sacrificios que se offerecem, são sómente lagrimas, e gemidos:

Non thurea flamma, nec altus
Accipitur sanguis, lacrymis altaria sudant.

Finalmente conclue, que o templo da misericordia está sempre cheio de pobres e miseraveis, todos tremendo: e que só os felizes e bem afortunados não conhecem aquelles altares:

Semper habet trepidos, semper locus horret egenis
Cœtibus, ignotæ tantum felicibus aræ.

Oh se os que se teem por felizes, e bem afortunados, reparassem bem nesta ultima clausula! Os miseraveis são os que consagraram o templo á misericordia: os miseraveis os que teem nelle sempre as portas abertas: os miseraveis os que alli offerecem seus gemidos, e sacrificam suas lagrimas: os miseraveis, são aquelles cujas queixas e deprecações sempre são ou-

1 Estacius, Thebaida, 12.

vidas; e só os felizes e bem afortunados os que não são admittidos áquelles altares, nem os conhecem: *Ignotæ tantum felicibus aræ.*

Tal é, senhores, os que assim vos chamaes, a vossa fortuna, e tal a que desprezaes nos vossos escravos: elles por miseraveis têm sempre abertas as portas da misericordia da Mãe de Deus, e abertos e promptos a suas queixas seus piedosos ouvidos: e vós com as vossas fortunas, póde ser que nem ouvidos, nem conhecidos sejaes em seus altares. E se me disserdes que isto são encarecimentos poeticos, praza a Deus, que o experimenteis assim, quando a morte der a volta á roda da fortuna. Mas eu tenho outra figura mais verdadeira que a de Estacio, e outra applicação mais certa que a de Gerson, a qual tão admiravel, como temerosamente, concorda com ella. A passagem do Egypto para a Terra de Promissão significa a deste mundo para o céu: os filhos de Israël todos eram escravos dos Egypcios: Pharaó, e os Egypcios eram os senhores destes escravos: e na passagem do Mar Vermelho, qual foi o successo? Os senhores todos ficaram afogados; os escravos, todos passaram a salvamento; e quem celebrou este triumpho, foi Maria, irmã de Moysés, figura da Virgem Maria. Eu confesso que não reconheço nos escravos geralmente taes virtudes, ás quaes se possa prometter uma segunda fortuna tão notavel como esta: mas tambem sei, que é tão poderosa a misericordia da Mãe de Deus, que compadecida das miserias que elles padecem em toda a vida, lhes póde converter as mesmas miserias em virtudes. E para que tambem neste ultimo ponto nos não falte a historia do nosso thema, oiçamos o que ella nos diz.

O primeiro nos confirmaram os dois filhos de Bala, escrava de Rachel: o segundo os dois filhos de Raspha, escrava de Lia: e este ultimo nos confirmaram todos quatro. Chegado á hora da morte, Jacob lançou a benção a todos os seus filhos; a qual benção juntamente foi prophecia do que elles haviam de ser. E se bem notarmos a benção e prophecia de cada um, acharemos que nestes quatro filhos das escravas repartiu Deus aquellas quatro virtudes, a que os philosophos chamam moraes, porque compoem os costumes; e os Theologos, cardeaes, porque são os quatro pólos de que depende toda a vida racional, e felicidade humana. *In his quatuor virtutibus tota boni operis instructura consurgit,*

diz S. Gregorio Papa. [1] A primeira é a prudencia, e esta coube a Nephtali: *Nephtali cervus emissus, et dans eloquia pulchritudinis.* [2] A segunda é a justiça, e esta coube a Dan: *Dan judicabit.* [3] A terceira é a fortaleza, e esta coube a Gad: *Gad accinctus præliabitur.* [4] A quarta e ultima é a temperança, e esta coube a Aser: *Aser pinguis panis ejus.* [5] Comparae-me agora aquelles filhos das senhoras com estes das escravas: e naquelles achareis imprudencias e ignorancias, nestes a prudencia: naquelles injustiças e tyrannias, nestes a justiça: naquelles fraquezas e inconstancias, nestes a fortaleza: naquelles intemperanças e graves excessos, nestes a temperança. Não ha duvida que o senhorio e liberdade é mais apparelhada para os vicios, e a obediencia e sujeição mais disposta para as virtudes. E se aquella é a condição e fortuna dos senhores, e esta a dos escravos, por certo, se alguns irmãos se deviam desprezar da irmandade dos outros, antes haviam de ser os filhos de Bala e Raspha, que os de Rachel e Lia. Por isso o Evangelista não só não distinguiu os irmãos por esta differença, mas egualmente contou os da fortuna mais baixa, que eram os escravos, com os da mais nobre e mais alta, qual era a real de Judas: *Judam, et fratres ejus.*

IX

Temos visto como os motivos ou semrazões, porque os senhores desestimam e desprezam o nome, a côr, e a fortuna de seus escravos, são as mesmas porque a Virgem Senhora nossa mais os estima, favorece e ama. E pois o mesmo desprezo entre os desprezadores e desprezados, foi causa da separação de uns e outros, dividindo-se brancos e pretos em duas irmandades do Rosario; muito temo, que a mesma Senhora em castigo deste aggravo da natureza, e seu, tenha approvado a

---

1 D. Greg. Moral. 9.
2 *Gen.*, XLIX, 21.
3 *Ibid.*, 16.
4 *Ibid.*, 19.
5 *Ibid.*, 20.

mesma separação, e que nella fiquem de peor partido os brancos. No Capitulo quarto dos Canticos, diz o auctor delles Salomão, que a Virgem Maria foi ao seu jardim, e mandou ao vento Aquilo, que se apartasse delle, e ao vento Austro, que viesse, para que o mesmo jardim exhalasse com maior abundancia a fragrancia e suavidade de seus aromas: *Surge Aquilo, et veni Auster, perfla hortum meum, et fluant aromata.* [1] O jardim da Virgem Maria já se sabe, que é o seu Rosario: e tambem não é difficultoso entender quaes sejam neste Texto os dois ventos, Aquilo e Austro. Na Sagrada Escriptura pelos quatro ventos principaes se entendem as quatro partes do mundo, e pelas mesmas partes, ou regiões do mundo, os habitadores dellas. Quem são pois os habitadores do Aquilo, e quem os do Austro? Não ha duvida que os do Aquilo, que é o norte, são os europeus mais brancos de todos: e os do Austro, que em respeito da Palestina era a Ethiopia, são os Ethiopes e os pretos, que por isso a rainha Sabá no Evangelho se chama *Regina Austri.* [2] Diremos logo, que a mesma Senhora do Rosario manda separar delle os brancos, e admitte e chama os pretos? E mais a fim de lhe communicar com maior abundancia os seus aromas, isto é, a suavidade de seus favores e graças? Verdadeiramente o sentido mais commum e litteral do Texto assim o significa. E não seria maravilha que a Mãe de misericordia, que tanto favorece os miseraveis, fizesse esta justiça. Como se dissera: já que vós (ó brancos) tanto desprezaes o nome de escravos, tendo-me Eu chamado Escrava, e tanto abateis a côr preta, tendo-me Eu honrado da mesma côr, e tão pouco vos compadeceis da fortuna dos miseraveis, sendo Eu sua Protectora, venham os miseraveis, venham os escravos, venham os pretos para o jardim do meu Rosario, e separem-se delle os brancos.

Isto é o que significa naturalmente, e com grande propriedade, o Texto no primeiro e mais commum sentir dos Interpretes. Mas porque Béda, Cassiodóro, Justo Orgelitano, Aponio, Ruperto e outros, dizem que nas palavras *surge Aquilo, veni Auster*, egualmente se chama o Austro, e se esperta o Aquilo, a que cada um se-

[1] *Cant.*, IV, 16.
[2] *Math.*, XII, 42.

gundo suas qualidades com o calor e movimento das rosas, excitem nellas maior fragancia: seguindo este segundo sentido mais conforme á benignidade universal da Mãe de misericordia, que a nenhum exclue, e a todos abraça, digo por ultima conclusão, que assim aos brancos, significados no Aquilo, como aos pretos, no Austro, a uns e outros convida e excita a Senhora a que venham ao seu jardim do Rosario, posto que de partes oppostas: e que essa mesma opposição sirva só de contenderem entre si, a quem com maior affecto, devoção e fervor, se ha de esmerar em seu serviço. Lá disse S. Paulo, que dividiu Deus o genero humano em dois povos, gentilico e judaico, para que o gentio por emulação do hebreu, e o hebreu por emulação do gentio, se animassem e provocassem reciprocamente, não só a receber e conservar a fé do verdadeiro Deus, mas a se vencer á porfia no exercicio mais perfeito da religião e culto divino. [1] Seja este pois o fim desta separação de irmandades entre brancos e pretos. Os brancos e senhores não se deixem vencer dos pretos, que seria grande affronta da sua devoção: os pretos e escravos procurem de tal maneira imitar os brancos e os senhores, que de nenhum modo consintam ser vencidos delles. E desta sorte, procedendo todos como filhos egualmente da Mãe de Deus, posto que differentes na côr, não só conservarão a irmandade natural em que Deus os creou, mas alcançarão a sobrenatural e adoptiva de seu Filho, herdeiro em quanto homem do sceptro de Judá: *Judam, et fratres ejus.*

[1] *Rom.*, x, 19.

SERMÃO VIGESIMO PRIMEIRO

Beatus venter, qui te portavit. [1]

I

O titulo de que mais se gloria, e de que mais se deve gloriar a Virgem Maria Senhora nossa, é o que lhe dá a Igreja, de Mãe admiravel, *Mater admirabilis.* Assim o revelou já a mesma Senhora. E se examinarmos profundamente os fundamentos deste gloriosissimo titulo, que maior admiração uma vez, que ser uma mulher Mãe e Virgem? Que maior admiração outra vez, que ser Filho desta mulher o mesmo Filho de Deus? E que maior admiração, outra e mil vezes, que o mesmo Filho, que eternamente é concebido e gerado na mente do Pae, seja tambem concebido temporalmente, e gerado no ventre da Mãe? Isto é o que quer dizer *Beatus venter, qui te portavit.* [2] E quer dizer mais alguma coisa? Sim, quer, mas não póde. Descrevendo S. João Evangelista a geração eterna do Filho de Deus, é reparo digno de summa observação, que ao Filho tres vezes lhe chamou Verbo, e nunca lhe chamou Filho: e ao Padre tres vezes lhe chamou Deus, e nunca lhe chamou Padre. Contae bem umas e outras: *In principio erat Verbum: et Verbum erat apud Deum: et Deus erat Verbum. Hoc erat in principio apud Deum.* [3] Pois se o Verbo é Filho de Deus Padre, e o Padre é Pae do Verbo: o Verbo porque se não chama Filho, e o Padre porque se não chama

---

[1] *Luc.*, II.
[2] *Luc.*, XI, 27.
[3] *Joan.*, I, 1.

Pae? Aqui fica suspensa a admiração no principio do Evangelho, mas no fim delle ainda se suspende mais: *Verbum caro factum est:* [1] fez-se o Verbo Homem: *Et vidimus gloriam ejus quasi Unigeniti à Patre:* e vimos a sua gloria como de Filho Unigenito do Padre. Pois agora depois que o Verbo se fez Homem, já Deus se chama Pae, e já o Verbo se chama Filho, *Unigeniti à Patre?* Assim o escreveu e dispoz o Evangelista, que voou mais alto que todos. De sorte, que antes do Verbo ser Filho de Maria, nem o Verbo no Evangelho se chama Filho de Deus, nem se chama Pae do Verbo; mas tanto que Maria foi sua Mãe, logo o Filho se chamou Filho, e o Pae se chamou Pae; como se a geração eterna e passiva do Filho esperára pela geração da Mãe, para se denominar Filho; ou a geração eterna e activa do Pae esperára pela correlação da Mãe para se denominar Pae. Isto porém nem é, nem póde ser. E ninguem houve até hoje que alcançasse o mysterio, nem achasse o fundo ao modo tão exquisito desta narração. O desvello dos interpretes, o estudo dos theologos, e a curiosa especulação dos mais agudos e tenazes engenhos, toda se cança, toda se séca, toda se suspende, e não tira de quanto cuida ou discorre neste reparo, mais que a summa admiração. Mas esta mesma admiração para commigo, senão é todo o mysterio, ao menos é grande parte delle, para que assim se conheça com assombro, quão altamente quadra á Maternidade da Virgem Maria o gloriosissimo titulo de Mãe admiravel. Admiravel em si, admiravel no Filho, e sobre todos os limites da admiração, até no mesmo Pae, admiravel; pois antes da Mãe de seu Filho ser Mãe, não quiz elle que o Evangelista lhe chamasse Pae. E já póde ser que essa foi a razão porque a Oradora do Evangelho no seu breve panegyrico não disse, bemaventurado o Pae de tal Filho, senão que todo o louvor do Filho referiu e applicou á Mãe: *Beatus venter, qui te portavit.*

Isto é o que diz o Evangelho. Mas com dizer tanto, parece que não diz com o que eu tenho obrigação de dizer. A minha obrigação hoje é prégar do Rosario, que foi o segundo parto da Virgem Senhora nossa. E comparando um parto com outro parto, que posso eu

[1] *Joan.*, I, 14.

dizer ? Se posso, digo, que se a Mãe de Deus foi Mãe admiravel, porque concebeu o Verbo, não foi menos admiravel porque concebeu o Rosario. Isto digo se posso dizer tanto. E se posso dizer mais, digo, que mais admiravel foi a Senhora em conceber o Rosario, que em conceber o Verbo. Para examinar estas duas possibilidades, ou estes dois impossiveis; peçamos á mesma Senhora do Rosario nos alcance a graça. *Ave Maria, etc.*

II

Duas coisas podem parecer estranhas e quando menos, duvidosas no assumpto, que propuz: uma como muito nova, e outra como totalmente impossivel. A primeira, e muito nova, chamar ao Rosario segundo parto da Virgem Senhora nossa. A segunda, e totalmente impossivel, admittir, ou pôr em questão, que póde haver outro parto mais admiravel que o do Verbo. Mas ambas estas supposições não só as temos fundadas, senão provadas no nosso Evangelho.

Quando a mulher, que levantou a voz, disse, *Beatus venter, qui te portavit*, canonisando por Bemaventurada a Mãe, que trouxe em suas entranhas a Christo, com quem fallava, respondeu o mesmo Senhor: *Quinimo Beati, qui audiunt Verbum Dei, et custodiunt illud:* [1] antes te digo, que mais bemaventurados são os que ouvem a palavra de Deus e a guardam. Mais bemaventurados, diz Christo, e mais bemaventurados, quando se falla da Mãe que o concebeu e trouxe dentro em suas entranhas: *Beatus venter, qui te portavit ?* Sim. Logo tomada a maternidade da Virgem Santissima precisamente, em quanto como Mãe natural concebeu em suas purissimas entranhas o Verbo Eterno, bem póde haver outra prerogativa na mesma Senhora, que seja mais excellente e maior, e por isso mais admiravel. Assim o dizem communmente os Santos Padres, e o concedem e ensinam todos os Theologos sem discrepancia. De sorte, que aquella supposição, que parecia impossivel, não só se colhe das palavras de Christo com evidencia theologica, mas é dogma infallivel com certeza de fé.

---

[1] *Luc.*, XI, 28.

Quanto á outra supposição de chamar ao Rosario segundo parto da mesma Virgem, que pela novidade, ou estranheza do nome, parecia difficultosa, examinando os mesmos Theologos a razão e fundamento das palavras de Christo, *Qui mimo beati, qui audiunt verbum Dei*, resolvem duas coisas: a primeira, que nellas não excluiu o Senhor a sua Mãe. A segunda, que antes lhe accrescentou outro segundo e maior louvor, outra segunda e maior excellencia, outra segunda e maior bemaventurança. E qual é? E' que não só concebeu a Senhora ao Verbo Eterno no ventre, como disse a mulher do Evangelho, senão tambem na mente: e conceber a Deus na mente, foi muito maior felicidade, e muito maior bemaventurança, que concebel-o no ventre. *Beatior fuit Maria concipiendo mente, quam ventre:* diz Santo Agostinho, e com elle toda a theologia. De maneira, que a Virgem Maria concebeu e pariu o Verbo por dois modos de conceição e de parto, não só diversos, mas um mais excellente que outro; um corporal no ventre, e outro intellectual na mente: e este segundo foi o modo, com que a mesma Senhora primeiro concebeu e depois sahiu á luz com o parto do Rosario. Toda a materia do Rosario não é outra que o mesmo Verbo Encarnado, não em uma só acção, ou mysterio, senão em todos os de sua vida, morte e resurreição. A idéa, com que a Virgem os concebeu e comprehendeu todos, e os ordenou e dispoz na mente, foi a conceição: e a luz por tantos seculos escondida, com que finalmente os manifestou ao mundo para tanto bem do mesmo mundo, foi o felicissimo parto do Rosario.

Tirados pois estes dois escrupulos, e socegado o reparo ou admiração delles com as duas supposições certas e litteraes do nosso mesmo Evangelho, passemos á comparação de um e outro parto, e vejamos em qual delles foi a Senhora mais admiravel Mãe, se no parto com que concebeu o Verbo, ou no parto com que concebeu o Rosario.

III

E começando pela differença de Santo Agostinho ou pela justa preferencia, com que elle antepõe o parto da mente ao do ventre; não ha duvida que nesta con-

sideração excede conhecidamente o parto do Rosario ao do Verbo, quanto vai da alma ao corpo. E não só porque a conceição do Rosario foi intellectual na mente da Virgem, e a do Verbo corporal no ventre sacratissimo: mas porque mais? Porque na conceição e parto do Verbo, foi a Senhora similhante ás outras mães: e na conceição e parto do Rosario, foi similhante ao Eterno Padre? Quando o Anjo disse á Virgem, que conceberia em suas entranhas, e pariria um filho, ao qual chamaria Jesus: *Ecce concipies in utero, et paries Filium: et vocabis nomen ejus Jesum:* [1] foi em prova e confirmação do que o mesmo Anjo acabava de dizer, que a Senhora seria bemdita entre as mulheres: *Benedicta tu in mulieribus.* [2] Mas se esta benção era tão singular e inaudita, tão infinitamente superior á de todas as mulheres, que o Filho havia de ser Deus, e a Mãe Virgem; porque a não encarece o Anjo com os excessos da alteza e maravilha que a materia merecia, e sómente diz, que seria bemdita entre as mulheres: *In mulieribus?* Porque ainda que aquella conceição e aquelle parto foi milagroso, e o maior de todos os milagres: comtudo como foi parto do ventre, posto que virginal, *Ecce concipies in utero*, sempre a Senhora ficou dentro da esphera das outras mulheres e das outras mães: e assim era necessario, para que fosse mãe natural, e verdadeira mãe do Filho de Deus. E este foi o modo com que a Virgem foi mãe no mysterio da Encarnação do Verbo. Porém no Rosario e seus mysterios, não foi mãe como as outras mulheres são mães, senão mãe como o Eterno Padre é pae: porque concebeu o mesmo Verbo encarnado, não no ventre senão na mente. O modo com que o Eterno Padre gera o Verbo, e a razão porque o Verbo é filho, e o Espirito Santo não, é porque o Padre o concebe na mente, como imagem de sua propria substancia. E assim como o Verbo, antes e depois de encarnar, sempre é parto do entendimento do pae, assim depois de encarnado, concebido no Rosario, é parto do entendimento da mãe. Na Encarnação como parto das outras mães: no Rosario como parto do mesmo Padre.

D'aqui se entenderá a razão e o conselho altissimo,

[1] *Luc.*, I, 31.
[2] *Ibid.*, 28.

porque o mesmo Padre antes da Encarnação do Verbo a mandou annunciar á Virgem com uma tão solemne embaixada. Assim como Deus formou a Eva do lado de Adão, sem consentimento seu nem ainda sentimento, porque estava dormindo, pelo mesmo modo pudera tirar das purissimas entranhas da Virgem Maria a nova tela da humanidade de que queria vestir a seu filho: e sem fazer aggravo como supremo Senhor á mesma mãe, a qual quando a deu, se confessou por escrava. Pois porque o não ordenou assim Deus, mas quiz que primeiro fosse a Virgem informada, não só da substancia da Encarnação do Verbo senão de todas as circumstancias della, e que a mesma Senhora antes de dar seu consentimento as examinasse e inquirisse: *Quomodo fiet istud?* [1] A razão altissima foi, porque quiz Deus que a Mãe de seu Filho fosse similhante a seu proprio Pae. E assim como a geração e parto do Verbo se concebe na mente do Padre, assim a mãe antes de o conceber no ventre, o concebesse tambem na mente. E' advertencia singular de S. Bernardino sobre as palavras *Fiat mihi secundùm verbum tuum* da mesma Virgem: *Quod in aure mea factum est per Angelicam salutationem, et in mente mea per fidei conceptionem: fiat mihi, id est, in utero meo, per Divini Verbi incarnationem.* [2] De sorte, que antes de se obrar a encarnação do Verbo no sacrario Virginal do ventre santissimo, já a mesma Mãe, por modo similhante ao Pae, o tinha concebido todo no interior da mente: *In mente mea per fidei conceptionem.* Pois assim como a Virgem, antes da Encarnação do Verbo, concebeu na mente o mesmo Verbo, e havia de encarnar e nascer de suas entranhas, para se parecer com o Padre: assim depois da Encranação o concebeu tambem na mente já encarnado, nascido, morto e resuscitado, para formar o Rosario.

Oh entendimento altissimo, oh mente soberana de Maria, que bem disse de vossas idéas com dourada eloquencia Chrysologo: *Quantus sit Deus, satis ignorat ille, qui hujus Virginis mentem non stupet, animum non miratur.* [3] Quer dizer, que quem não admira e pas-

---

[1] *Luc.*, I, 34.
[2] Bernardinus in eum locum, t 3.º Serm. 6.º art. 3.º cap. 3.
[3] Chrysol. Serm. 140.

ma do entendimento, e mente de Maria, não conhece bastantemente a Deus. Conhecel-o-ha como creador do mundo, como só era conhecido antiganiente, mas não o conhece como pae do Verbo, filho egual a si mesmo em tudo: o qual na mente concebe, e na mente gera. Porém quem chegou a conhecer e admirar a mente de Maria, esse conheceu perfeitamente a Deus, não só como creador do mundo, senão como Pae do Verbo; porque assim o Pae, como a Mãe, ambos concebem na mente o mesmo Filho.

E pois fallamos em Deus como creador e como Pae; dois partos reconhece a fé em Deus, um *ad intra* em quanto pae, que é o Verbo, e outro *ad extra* em quanto creador, que é o mundo. E a mesma differença de partos, com verdadeira propriedade podemos e devemos considerar na Virgem Santissima. O parto *ad intra* foi o do Verbo encarnado que concebeu dentro em suas entranhas, e o parto *ad extra* foi o Rosario com que, depois de concebido na mente, sahiu em seu tempo á luz do mundo. E se este segundo parto, por ser concebido na mente, foi mais admiravel que o primeiro, tambem considero eu, e não duvido dizer, que foi mais admiravel que o segundo parto de Deus na creação do Universo. E porque? Porque na creação do Universo, Deus foi o artifice, a materia o nada, e a fórma as creaturas: porém na instituição do Rosario, o artifice foi a Virgem, a fórma foi o Rosario, e a materia Deus. A materia Deus, torno a dizer, porque Deus humanado em todas suas acções e mysterios, são a materia de que se fórma o Rosario. Não se póde dizer aqui, *Materiam superabat opus:* mas póde-se affirmar do Rosario, o que S. Jeronymo disse da soberana Auctora delle: *Si formam Dei te appellem, digna existis:* porque Deus é a materia, e o Rosario a fórma.

IV

A segunda razão, ou excellencia, porque foi mais admiravel o parto do Rosario que o do Verbo, é porque na Encarnação concebeu a Virgem o Verbo na terra, no Rosario concebeu-o no céu. O parto do Verbo na Encarnação foi parto de Maria cheia de graça, o parto do mesmo Verbo no Rosario foi parto de Maria

cheia de gloria. Muito diz esta grande proposição, mas ainda suppõe mais do que diz. Suppõe que a Virgem Senhora nossa ainda no céu gera a seu Filho: mas isto (dirão os doutos e doutissimos) como póde ser? Primeiro diremos, que póde, e depois declararemos como Santo Ildefonso, fallando da Encarnação, disse uma sentença que todos os Doutores admiram e confessam que não entendem. As palavras são estas: *In præterito munda Deo, in præsenti plena Homine et Deo, in futuro generans Hominem et Deum.* [1] No passado antes da Encarnação estava Maria pura para Deus: *In præterito munda Deo:* no presente da Encarnação esteve cheia do Homem Deus: *In præsenti plena Homine et Deo:* e no futuro depois da Encarnação está gerando ao mesmo Homem e Deus: *In futuro generans Hominem et Deum.* O mesmo tinha já dito Santo Athanasio, cujas palavras logo citarei. Mas como póde isto ser? Póde ser e é na Mãe, como sempre foi e é, e será no Pae. O Eterno Padre não só gerou ao Eterno Verbo seu Filho, mas sempre o está gerando. Assim o diz elle mesmo: *Filius meus es tu: ego hodie genui te:* [2] Vós sois meu Filho, ao qual eu hoje *ab æterno* gerei, e sempre e por toda a eternidade estarei gerando. E isto que faz e fez sem principio, e fará sem fim a mente do Padre, isto é o que tambem fez depois da Encarnação e faz hoje, e fará por toda a eternidade a mente da Mãe: *In futuro generans Deum et Hominem.* Agora entram em seu logar as palavras tambem difficultosas e não entendidas, do grande Athanasio, o qual sobre as do Anjo, *Virtus Altissimi obumbavit tibi,* [3] accrescenta assim: *Quam virtutem per omnia tempora conceptus eam habuisse confido et post conceptum etiam retinuisse: nec enim id temporarium in Virgini accidisse opinor, sed per omnia tempora hoc illi datum fuisse, quemadmodum nunc in præsentia et in æternum usque, habet hæc Virgo.* [4] Não se pudera dizer, nem mais clara, nem mais illustremente. E como a mente da Virgem Mãe com gloriosa emulação, e imitação do Pae depois de concebido e encarnado o

---

[1] Ildephonsus. de Virginit. cap. 10.
[2] *Psalm.*, II, 7.
[3] *Luc.*, I, 35.
[4] Athanaz. Serm. de Deipara.

Verbo na terra, sempre o está concebendo e gerando no céu; desta continuada geração foi segundo, novo e mais admiravel parto o do Rosario, com que depois de estar no céu tantos seculos, finalmente sahiu á luz.

Vamos agora á Escriptura e ella nos dirá como foi mais admiravel este segundo parto: *Signum magnum apparuit in cœlo: Mulier amicta Sole.* Diz S. João nas revelações do seu Apocalypse, que viu um grande signal e um grande milagre no céu, o qual era uma mulher vestida de sol com todo o apparato e ornato de luzes, que tantas vezes ouvistes. Vai por diante, e diz que esta mulher, no céu, com grandes dôres e clamores parira um Filho dominador do mundo: *Et in utero habens, clamabat parturiens et cruciabatur ut pariat. Et peperit filium masculum, qui recturus erat omnes Gentes.* [1] Esta mulher vestida de sol é a Virgem Maria, o Filho dominador do mundo é Christo, de que ninguem duvida. Mas se a Senhora concebeu e pariu este Filho na terra, como viu S. João tanto depois, que o havia de parir e pariu no céu? Porque estes são os dois partos da Virgem Santissima, de que imos fallando. Um parto na terra, que foi concebido em Nazareth e nasceu em Belem, que é o parto do Verbo Encarnado: e outro parto no céu, que lá foi concebido e de lá nascido, que é o parto do mesmo Verbo, do qual e dos seus mysterios se compõe o Rosario.

Mas como diz o mesmo Evangelista, que neste segundo parto houve dôres e clamores, effeitos ambos, ou accidentes tão alheios da Mãe Virgem, como do céu onde estava? Houve dôres: *Cruciabatur ut pariat:* houve clamores: *Clamabat parturiens.* E notae, que as dôres foram antecedentes ao parto: *Ut pariat:* e os clamores foram juntamente com elle: *Parturiens.* Que dôres foram logo estas e que clamores no segundo parto da Virgem Senhora Nossa no céu? Tudo assim como está notado ou difficultado, é admiravel prova e confirmação de ser o parto do seu Rosario. Vamos á historia ecclesiastica, e saibamos qual foi a occasião porque, e qual o modo com que sahiu a mesma Senhora com o seu Rosario ao mundo. A occasião foi a heresia dos Albigenses, os quaes impia e

---

[1] *Apoc.*, XII, 2 e 5.

blasphemamente negavam a pureza virginal da Mãe de Deus. E d'aqui nasceram as dôres, que, sem embargo de estar no céu, atormentavam a Virgem: *Cruciabatur ut pariat:* assim como se diz do mesmo Deus na occasião do Diluvio: *Tactus dolore cordis intrinsecus.* [1] E porque ninguem o duvide, não temos menos testemunha, que vinda do mesmo céu. Quando Santo Ildefonso defendeu a pureza virginal da mesma Senhora e convenceu os herejes, que em seu tempo a negavam, desceu do céu Santa Leocadia e sahindo da sepultura, lhe disse publicamente na Sé do Toledo: *Ildefonse, per te vivit Domina mea, quæ cœli culmina tenet:* Ildefonso, por vós vive a minha Senhora, que tem o mais alto throno do céu. De maneira, que teve tanta occasião de dôr e lhe doeu tanto á Soberana Virgem aquella blasphemia, como se os que lhe negavam a pureza virginal, lhe tiraram a vida. E éstas foram as dôres, que deram occasião e apressaram o parto, como diz o Texto: *Cruciabatur ut pariat.* E os clamores quaes foram: *Clamabat parturiens?* Foram as vozes dos Prégadores, diz Alcaçar, que prégaram pelo mundo o mesmo parto: *Idoneé referuntur clamores ad clamores prædicationis.* E assim foi, não no seu, se não nosso sentido. Porque ensinando e ditando a Senhora o seu Rosario a S. Domingos, elle e os Prégadores apostolicos de toda a Religião, o publicaram e apregoaram pelo mundo, confutando principalmente aquella heresia e fazendo emmudecer as linguas blasphemas dos que a seguiam. Em summa, que as dôres como disposição e motivo, precederam ao parto: *Cruciabatur ut pariat:* e as vozes e clamores sahiram e se ouviram juntamente com elle: *Clamabat parturiens:* porque então nasceu e se manifestou no mundo o Rosario.

Finalmente, que este segundo parto da Virgem Maria no céu, seja mais admiravel que o primeiro do Verbo Encarnado na terra; o mesmo Texto o diz na primeira palavra: *Signum magnum apparuit in cœlo.* E senão, combinemos este Texto com o mais expresso da Encarnação do Verbo. O mais expresso Texto da Encarnação do Verbo é o do Propheta Isaias: *Ecce, Virgo concipiet et pariet filium et vocabitur no-*

[1] *Gen.*, VI, 6.

men ejus Emmanuel: [1] que uma Virgem conceberia e pariria um Filho, o qual seria Deus. E com que prefação entra o mais eloquente de todos os Prophetas a annunciar ao mundo esta nunca vista, nem imaginada novidade? *Propter hoc dabit Dominus ipse vobis signum: Ecce, Virgo concipiet: etc.* Notae agora a differença, com que um e outro Propheta falla em um e outro parto. Ao primeiro parto da Virgem na terra chama-lhe Isaias sómente *Signum: Dabit Dominus ipse vobis signum:* ao segundo parto da mesma Virgem no céu chama-lhe S. João, *Signum magnum: Signum magnum apparuit in cœlo. Signum* quer dizer signal, prodigio, milagre: *Signum magnum:* signal grande, prodigio grande, milagre grande. Pois porque razão o parto, com que a Virgem concebeu o Verbo na Encarnação, se chama sómente milagre; e o parto com que concebeu o mesmo Verbo no Rosario se chama milagre grande: *Signum magnum?* Porque mais admiravel foi este segundo parto da Virgem, que o primeiro. O parto da Encarnação foi obrado na terra, o do Rosario no céu: o parto da Encarnação formado em nove mezes, o do Rosario em doze seculos: o da Encarnação com quatorze annos de Graça, o do Rosario com mil e duzentos annos de Gloria, o da Encarnação sem merecimento de Christo; porque a não mereceu, nem podia merecer, o do Rosario com todos os merecimentos de sua vida e morte: emfim, na Encarnação concebido o memo Christo menino, no Rosario concebido varão e em todas as edades.

V

E porque nesta ultima differença se encerram todos os mysterios do Rosario, justo será, que nos detenhamos um pouco na ponderação della, e seja esta a terceira excellencia que faz este segundo parto mais admiravel. Outra vez temos encontrado a Isaias, não já com S. João, Propheta da Lei da Graça, mas com Jeremias, Propheta tambem da Lei escripta. Isaias, acabando de fallar do parto do Verbo Encarnado, logo

[1] *Isaias,* VII, 14.

lhe chama menino: *Antequam sciat puer reprobare malum, et eligere bonum.* [1] E depois de encarnado, fallando do mesmo Verbo já nascido, outra vez lhe torna a chamar menino: *Parvulus natus est nobis et filius datus est nobis.* [2] Pelo contrario, o Propheta Jeremias d'alli a muitos annos prophetizando da mesma Mãe e do mesmo Filho, diz: *Creavit Dominus novum super terram: Fœmina circundabit virum:* [3] que viria tempo, em que Deus crearia uma coisa nova sobre a terra e uma mulher cercaria um varão. Que falle este Propheta da mesma Virgem Maria e do mesmo Filho Christo, como dizia, é sentença commum dos Santos e Doutores, com discrepancia de poucos. Mas se o parto foi o mesmo, que tinha prophetizado Isaias, que novidade é esta, que Jeremias tanto encarece: *Novum creavit Dominus super terram?* Isaias prophetisou trezentos annos antes de Jeremias e se a maravilha do parto era a mesma, já não era novidade, pois havia tantos seculos, que estava escripta e celebrada. Quanto mais, que essa mesma maravilha, prophetizada por Isaias, consistia em ser a Mãe Virgem: *Ecce, Virgo concipiet:* e Jeremias não usa do nome de Virgem, se não de mulher: *Fœmina.* Com que mostra, que não consiste neste milagre a novidade, que elle prophetiza. Em que consiste logo?

Consiste, em que o parto prophetizado por Isaias foi de Christo em quanto menino, e o prophetizado por Jeremias foi do mesmo Christo em quanto varão: *Fœmina circundabit virum.* A pessoa foi a mesma, mas as edades diversas. E por isso tambem diversos os partos, diversos os tempos e diversas as novidades. A novidade e maravilha de Isaias consistia em ser a Mãe Virgem e não em ser o parto menino, que isso não é novidade. Porém a novidade e maravilha de Jeremias consistiu em ser o parto varão, que era coisa nova e inaudita: *Novum creavit Dominus super terram: Fœmina circundabit virum.* Christo na Encarnação precisamente não teve edade, nem dia, nem tempo, porque foi concebido em instante. Mas todos os dias e annos, que depois teve de vida, assim mortal, como

---

1 *Isaias*, VII, 16.
2 *Ibid.*, IX, 6.
3 *Jerem.*, XXXI, 22.

immortal e gloriosa, e todas as edades dessa vida, ou vidas, a infancia, a puericia, a adolescencia, a juventude e a de perfeito varão, desde Nazareth até Jérusalem, desde o Presepio até á Cruz e desde a sepultura até á dextra do Padre, todas e com todas as suas acções e mysterios, as comprehendeu e reproduziu a Senhora com mais admiravel parto no circulo do seu Rosario. Por isso Jeremias não disse como Isaias, *Concipiet*, senão *circundabit:* e com tanto maior sentido, como energia: *Fæmina circundabit virum.* Toda a vida de Christo, como bem notou David, foi um perfeitissimo circulo: *A summo cœlo egressio ejus et occursus ejus usque ad summum ejus:* [1] sahiu do mais alto do céu, viveu na baixeza deste mundo, e tornou ao mesmo logar do céu donde tinha sahido. O mesmo Propheta declara este circulo com a comparação do Sol: *In Sole posuit tabernaculum suum.* [2] Assim como o sol sae no Oriente do céu, dá volta ao mundo allumiando e torna a apparecer no mesmo logar do Oriente: assim Christo sahiu do céu pela Encarnação, viveu na terra obrando, ensinando, padecendo, allumiando, remindo, e depois da Ascenção tornou para o mesmo throno do céu, donde sahira, onde tambem coroou a sua Mãe. E a mesma Mãe, que fez? Assim como o Filho começando menino e chegando á edade de varão, fez um circulo de toda a sua vida: assim a Senhora fez outro circulo, que foi o do Rosario, em que comprehendeu toda essa vida e cercou esse mesmo circulo: *Girum cœli circuivi sola:* [3] diz a mesma Senhora: Circulo de céu a céu. E desta maneira mettendo um circulo dentro de outro circulo, e o circulo da vida do Filho dentro do circulo do Rosario, assim verificou gloriosamente o novo e prodigioso parto da mulher, que havia de cercar o varão: *Fæmina circundabit virum.*

E posto que esta exposição do Texto de Jeremias é tão medida com todas as circumstancias delle; combinemos, para maior evidencia, o mesmo Texto com as palavras antecedentes, que segundo a doutrina de Santo Agostinho e de todos os Theologos, é a prova mais segura e mais certa do sentido das Escripturas.

---

[1] *Psalm.* XVIII, 7.
[2] *Ibid.*, 6.
[3] *Eccles.*, XXIV, 8.

Quando o Propheta disse: *Quia creavit Dominus novum super terram: Fœmina circundabit virum:* as palavras immediatamente antecedentes, que se atam com aquelle *Quia*, são estas: *Usquequò deliciis dissolveris, filia vaga?* Até quando, ó natureza humana (chama-lhe Deus filha, porque a creou e porque a ama, e porque a quer trazer a si) até quando, ó natureza humana, ha de durar a tua dissolução nas delicias? Até quando has de seguir os errados caminhos da heresia? Isto quer dizer *Filia vaga:* como a filha viciosa, que deixa a casa e doutrina do pae e anda vagabunda por outras. Assim o declarou a mesma filha, temerosa do que lhe podia acontecer, quando disse: *Indica mihi, ubi pascas in meridie, ne vagari incipiam post greges sodalium tuorum.* Pede ao Supremo e verdadeiro Pastor, lhe mostre onde assiste com a luz clara da fé, porque vagando desencaminhada não siga os rebanhos dos pastores falsos, que ensinam doutrina heretica e com nome de companheiros e christãos, são inimigos de Christo. Isto é o que significa, *Ne vagari incipiam post greges sodalium tuorum:* como declaram S. Bernardo, Santo Anselmo, Cassiodoro e todos: e como já muito antes delles o tinha ensinado S. Paulo: *Ut non circumferamur omni vento doctrinæ.* [1] De sorte, que naquelle novo invento, com que Deus havia de sahir ao mundo, *Novum creavit Dominus super terram:* não teve a Providencia Divina um só fim, se não dois juntamente. O primeiro reformar a dissolução das delicias: *Usquequò deliciis dissolveris?* O segundo reduzir á verdade e firmeza da fé os erros da heresia sempre errada e sempre errante: *Filia vaga.* E estes dois fins (coisa verdadeiramente maravilhosa!) estes dois fins, pontualmente os mesmos, foram os que Deus teve na instituição do Rosario de sua Mãe. Assim o refere na Bulla da canonização de S. Domingos o Papa Gregorio Nono pelas mesmas palavras: *Dominico sagittante delicias carnis* (Eis aqui as delicias) *et fulgurante mentes lapideas impiorum, omnis Hæreticorum secta contremuit.* (Eis aqui as heresias.) Logo não só de todas as circumstancias do Texto de Jeremias, que nenhuma discrepa, mas das mesmas palavras antecedentes e dos fins porque foi concebido nas idéas de

[1] *Ephes.*, IV, 14.

Deus e de sua Mãe este novo parto e finalmente dos effeitos maravilhosos, que produziu no mundo, consta ser elle claramente o do Rosario.

Accrescento para maior confirmação (como em materia tão grave e tão nova) a versão dos Setenta Interpretes, a qual parecendo totalmente diversa, declara com novas propriedades quanto temos dito sobre o mesmo Texto. O seu é este: *Creavit te Dominus salutem in phantationem novam, in salute tua circuibunt homines.* Quer dizer, que para a saude da alma creará Deus uma planta nova, e que os homens, para conseguirem essa saude, hão de fazer circulos. E que planta nova é esta que Deus havia de crear, e que circulos são estes que os homens haviam de fazer? Nem o nome, nem a fórma do Rosario se poderá pintar, ou descrever melhor. A planta nova é a das rosas, que deram o nome ao Rosario: *In phantationem novam;* e os circulos que haviam de fazer os homens, são os circulos que fazem os que rezam o Rosario, quando vão repassando as contas, tornando a acabar onde começaram: *In salute circuibunt homines.* O primeiro circulo fel-o a Senhora, quando formou e ensinou o Rosario: *Fæmina circundabit virum:* Os outros circulos fazem-nos os homens, porque para a saude de suas almas foi o mesmo Rosario instituido: *In salute circuibunt homines.* E como nestes circulos se abraça e comprehende, não só o mysterio da Encarnação do Verbo, se não todos os mysterios da vida e edades de Christo; bem se vê, quanto mais admiravel foi a Mãe do mesmo Senhor neste segundo e tão numeroso parto. No primeiro concebeu sómente o Verbo humanado, no segundo concebeu-o humanado na Encarnação, peregrino na Visitação, nascido no Presepio, presentado no Templo, e no mesmo Templo perdido e achado. No segundo outra vez concebeu-o no Horto suando sangue, no Pretorio coberto de açoites e coroado de espinhos, nas ruas de Jérusalem com a cruz aos hombros, e no Calvario crucificado e morto. No segundo, terceira vez concebeu-o no Sepulchro resuscitado, no monte Olivete subindo ao céu, no céu mandando de lá o Espirito Santo, no valle de Josaphat levando em triumpho a sua Mãe, e no throno da Gloria coroando-a por Rainha dos Anjos. Em fim, na Encarnação concebido uma vez, e no Rosario quinze vezes.

VI

Até agora temos visto o parto do Rosario mais maravilhoso em si por tres respeitos: agora o veremos mais maravilhoso fóra de si por outros tres. Mais maravilhoso até agora em si, por ser mental e não corporeo, por ser no céu e não na terra, por ser, não de um só mysterio, ou edade de Christo, se não de todos seus mysterios e edades. Agora o veremos mais maravilhoso tambem fóra de si: e como? Para com Deus, para comnosco e para com nossos inimigos: para com Deus, pelo maior agrado; para comnosco, pela maior efficacia; para com nossos inimigos, pelo maior poder. Quanto ao maior agrado de Deus, parece que por comprehender o Rosario todos os mysterios de Christo, nem por isso lhe pódem agradar mais todos juntos, que o da Encarnação do Verbo por si só. Porque onde o valor e preço é infinito, tanto encerra em si um só mysterio, como todos: e posto que em todas cresça o numero, não cresce a razão de agradar mais. Comtudo digo, que esta mesma razão de estarem juntos no Rosario todos os mysterios de Christo, é uma tal circumstancia, que ainda onde não cabe mais, accrescenta muito. E esta é a quarta maravilha do segundo parto da Virgem, que o faz mais admiravel que o primeiro. Vêde se se prova bem.

Creou Deus esta grande e formosa machina do universo em seis dias, e cada obra que ia sahindo de suas poderosas mãos, ou da voz de sua divina sabedoria, diz a Escriptura Sagrada, que olhava o Senhor para ella, e que via que era boa: *Vidit Deus quod esset bonum.* [1] Com estas repetidas acções e approvações do Supremo Artifice foi crescendo a fabrica cada dia mais vistosa, mais ornada e mais povoada de variedade de creaturas, até que acabada já e posta em sua perfeição no ultimo dia, diz o mesmo Texto, que olhando Deus para todas as coisas que fizera, todas lhe pareceram muito boas: *Vidit Deus cuncta, quæ fecerat: et erant valde bona.* [2] Neste *Valde* reparou muito Santo

[1] *Gen.*, I, 25.
[2] *Ibid.*, 31.

Agostinho, e depois delle todos. E com muita razão. As coisas que Deus viu no dia ultimo eram as mesmas, que tinha feito e visto em cada um dos outros dias: pois se então lhe pareceram sómente boas: *Vidit Deus quod esset bonum:* como agora não só lhe parecem boas, se não muito boas: *Valde bona?* Este *Valde* e este muito donde lhe veiu? Por ventura accrescentou-lhe Deus no ultimo dia alguma perfeição ou esmalte que dantes não tivessem? Não. A luz do primeiro dia era a mesma sem augmento de outra qualidade: o firmamento do segundo dia tinha a mesma subtileza e o mar a mesma grandeza e vastidão: as plantas do terceiro, nem estavam mais verdes, nem mais floridas, nem mais carregadas de fructos: o sol, a lua e as estrellas do quarto não resplandeciam agora mais: os peixes e as aves do quinto, nem estavam armados de mais prateadas escamas, nem vestidas de mais pintadas pennas: finalmente os animaes terrestres nem tinham recebido novas fórmas, nem maiores forças, nem mais engenhosas habilidades. Pois se todas estas creaturas eram as mesmas e com a mesma bondade que d'antes, porque razão nos olhos de Deus, que se não cegam, nem enganam, d'antes só pareciam boas e agora muito boas: *Valde bona?* Se não tinham nada de mais, donde lhe accresceu este muito?

E' que d'antes foram vistas cada uma por si, agora estavam todas juntas. O mesmo Santo Agostinho: *Cum de singulis ageret, dicebat tantum. Vidit Deus quia bonum est: cum autem de omnibus diceretur, parum fuit dicere bona, nisi adderetur: Et valde.* [1] Quando Deus olhava para cada uma das suas obras por si, sómente a louvava por boa: mas quando as viu todas juntas, não lhe chamou só boas, se não muito boas: porque lhes daria menor approvação do que mereciam, se ao louvor de boas não accrescentasse o de muito. E se perguntarmos ao grande Doutor, donde lhe veiu este muito, se não tinham recebido nada de mais? responde, que da união: *Tanta est vis, et potentia integritatis et unitatis, ut quæ bona sunt, tunc multum etiam placeant cum in universum aliquod conveniunt, atque concurrunt.* Porque é tal a força e virtude da união, que as mesmas coisas, que divididas são boas, se ajun-

---

1 August. in Quæst. super Gen.

tam e unem entre si para compôr algum todo, esse todo, sem acrescer maior bondade ás partes, fica muito melhor que cada uma dellas. Por isso quando divididas, só boas: *Vidit quod esset bonum:* mas quando juntas, muito boas: *Et erant valde bona.* Tal é o todo do Rosario composto dos mysterios de Christo comparado com cada um delles. Cada um dos mysterios, que são as partes, de que se compõe este todo, é tão divina e infinitamente perfeita, que não admitte maior perfeição, mas foi tal o artificio da Virgem Senhora nossa nesta maravilhosa fabrica, que onde não cabia o mais, soube introduzir o muito. Divididos os mesmos mysterios, não cabia o mais na perfeição de cada um, mas juntos e unidos entre si, como estão no Rosario, coube o muito na união de todos. Cada um por si: *Vidit Deus quod esset bonum:* todos juntos, ainda nos olhos de Deus: *Erant valde bona.*

Santo Thomaz, declarando theologicamente este vêr e approvar de Deus: *Vidit Deus quod esset bonum:* diz, que significa a complacencia divina em cada uma das suas obras, segundo a perfeição dellas. E assim como esta complacencia e agrado de Deus é proporcionado á perfeição de cada uma de suas creaturas, ao mesmo modo, mas em grau infinitamente superior, se agrada de cada um dos mysterios e soberanas acções de seu Filho. Isto quiz significar no mysterio da Transfiguração a voz do Padre, dizendo: *Hic est Filius meus dilectus, in quo mihi bene complacui.* [1] Mas se na vista de um só mysterio de Christo, diz a complacencia divina: *Benè complacui:* segue-se, que na vista e representação de todos juntos, não só ha de dizer, *Benè:* mas, *Valde bene.* E esta é a complacencia e agrado (ou se chame maior, ou muito) com que Deus acceita da nossa memoria e affecto a meditação dos mesmos mysterios, quanto juntos no Rosario lh'os offerecemos. E para que um privilegio tão sublime deste mesmo offerecimento não ficasse duvidoso na conjectura do nosso discurso sómente; o mesmo Deus se dignou de o declarar assim, e nos exhorta a que lhe façamos este obsequio no Rosario, não só com a declaração de bom, como em cada uma das obras da creação, mas de bom e muito bom, como na união de todas. E' Texto milagroso.

---

[1] *Math.*, XVI, 5.

No Capitulo trinta e nove do Ecclesiastico, diz assim o Espirito Santo: *Obaudite me divini fructus: et quasi Rosa plantata super rivos fructificate. Quasi Libanus odorem suavitatis habete. Floréte flores, quasi lilium, et date odorem, et frondéte in gratiam, et collaudate canticum; et benedicite Dominum in operibus suis. Date nomini ejus magnificentiam et confitemini illi in voce labiorum vestrorum et in canticis labiorum et citharis: et sic dicetis in confessione: Opera Domini universa bona valde.* O Texto é dilatado, mas não se podia dizer tudo em poucas palavras. Em summa, exhorta Deus aos homens á devoção do Rosario com o mesmo nome de rosa: *Quasi Rosa plantata super rivos aquarum fructificate.* E não só exhorta, mas manda por obediencia: *Obaudite me.* Logo passando aos mysterios, que o Rosario comprehende e medita, sendo a rosa uma só flôr, diz, que elles hão de ser muitos, egualando na variedade e no cheiro os de todo o monte Libano, famoso pelos jardins de Salomão: *Quasi Libanus odorem suavitatis habete.* E para que se não duvidasse, que estes mysterios são de Christo, o qual entre as flôres tomou o nome de lyrio: *Ego flos campi et lilium convallium:* [1] declara que a graça e fragancia deste lyrio, é a que hão de exhalar as rosas: *Florete flores quasi lilium, et date odorem, et frondete in gratiam.* Finalmente porque o Rosario não só consta de mysterios meditados, mas de orações pronunciadas com a bocca, duas vezes faz menção dellas. Uma vez: *Collaudate canticum et benedicite Dominum:* e outra vez: *Confitemini illi in voce labiorum vestrorum.* E de tudo isto que conclusão tira, ou nos manda tirar o Texto? Com razão lhe chamei milagroso: porque é admiravel ao intento: *Sic dicetis in confessione: Opera Domini universa bona valde.* Haveis de confessar e dizer a Deus (como se diz delle quando viu juntamente tudo o que tinha creado) que todas as suas obras, não só são boas, senão muito boas: *Universa bona valde.*

Todos os Expositores e a mesma Sagrada Biblia á margem, nota, que estas são as mesmas palavras, que se dizem de Deus depois da creação do mundo, quando olhou e viu juntas todas as coisas que tinha creado. Pois se agora falla tão claramente do Rosario (como

[1] *Cant.*, II, 1.

tambem tem advertido alguns Auctores) porque diz que no Rosario havemos de fazer o mesmo conceito do juizo e complacencia de Deus, qual foi o que teve nas obras da creação? Porque assim como Deus nas obras da creação teve maior complacencia e se agradou mais de todas juntas, que de cada uma por si, sem haver nellas de novo mais que a união; assim na creação do Rosario, obra de sua Santissima Mãe, ainda que cada um dos mysterios seja perfeitissimo em si, antes infinitamente perfeito: unidos porém e juntos diante dos olhos divinos, a mesma união, que não póde dar mais a cada um, accrescentou muito a todos. Cada um pela sua propria bondade infinitamente bom, mas todos juntos, porque juntos, não só bons, mas muito bons: *Universa bona valde.* Julgue agora, ou a rigorosa censura, ou quando menos a devoção e a piedade, se foi mais admiravel Mãe a Virgem neste segundo parto, em que uniu todos os mysterios do Verbo Encarnado, ou na Encarnação do primeiro. Lá disse em boa philosophia Seneca, que aquella só merece o nome de perfeita formosura, que sendo cada uma das partes, de que se compõe, admiravel, o todo lhe tira a admiração: *Cujus universa facies admirationem singulis partibus ademit.* Admiravel foi aquelle primeiro mysterio e admiravel cada um dos que a elle se seguiram em toda a vida de Christo; mas a união de todos estes mysterios juntos, sem accrescentar nada a cada um, foi tão multiplicadamente admiravel no mesmo todo, que delles se compôz, que se não tirou a admiração a cada uma das partes, ao menos por multiplicada as venceu. E isto basta (quando não sobeje) para que tambem nesta circumstancia a Auctora deste soberano invento, e a Mãe deste novo parto, fosse nelle mais admiravel.

VII

Desta união dos mysterios de Christo no Rosario se segue a quinta differença, ou prerogativa, que é a de sua maior efficacia, com que obra em nós os excellentes effeitos, para que foi instituido. Vulgar é já na experiencia aquelle antigo axioma da philosophia, que a virtude das mesmas causas, posto que eguaes, unida obra mais fortemente. Tão fogo é uma faisca, como

um incendio: mas uma faisca não pode queimar uma pedra, um incendio abraza cidades inteiras, e no fim ha de abrazar todo o mundo. O mesmo succede por nossa dureza aos mysterios de Christo, ou separados cada um por si, ou juntos como no Rosario.

E' prova singular desta efficacia um Texto celebre dos Cantares, muitas vezes ponderado, mas posso dizer confiadamente, que nunca atégora bastantemente entendido. *Fasciculus myrrhæ dilectus meus mihi, inter ubera mea commorabitur.* [1] O meu Amado (diz a Alma santa) é um ramalhete, ou um feixezinho de mirrha, o qual eu sempre hei de trazer entre os meus peitos. Este Amado é aquelle, que só o deve ser, Christo Senhor e unico bem nosso. Compara-se á mirrha, preservativa da corrupção da morte, porque a immortalidade, que perdemos pelo primeiro Adão, pelo segundo a recuperamos. Mas porque não compara a Esposa o seu amado simplesmente á mirrha, se não a um ramalhete, ou feixezinho della? O ramalhete compõe-se de muitas flôres, e o feixe de muitos lenhos atados: e nesse atado consiste a energia da comparação, como exprimem os dois originaes, hebraico e grego, dizendo: *Alligamentum mirrhæ.* Pois se Christo é um só, que atou a esposa nelle, ou de que compoz este seu atado? Não ha duvida, que dos mysterios do mesmo Christo, o qual nelles, sendo um, se considera como muitos. Christo encarnado, Christo nascido, Christo morto, Christo resuscitado, e assim dos outros mysterios. E a razão porque os atou e ajuntou a Esposa, é porque a myrrha (diz Origenes) ainda que dividida tem o mesmo cheiro e virtude: unida obra mais fortemente e com maior efficacia: *Non diffusam, neque ut libet dispersam, sed colligatam et constrictam, quo scilicet odor suus densior reddatur et vehementior.* Assim tambem cada mysterio de Christo, ou Christo em cada mysterio, tem a mesma e egual virtude, mas unida essa virtude, e unidos esses mysterios, como estão no Rosario, não sendo maior a virtude de cada um divididos, é muito maior a força de todos juntos para render e penetrar corações.

O mesmo Christo diz por Isaias, que elle é a setta escolhida, que Deus metteu na sua aljava: *Posuit me*

[1] *Cant.*, I, 13.

sicut sagittam electam: in pharetra sua abscondit me, [1] De maneira, que não é Christo o que nos atira as settas, mas elle é a setta com que Deus nos atira. Pois na aljava de Deus não ha mais que uma setta escolhida? Uma só, mas tantas vezes multiplicada e de tantos modos armada, quantos são os mysterios da vida, da morte e da resurreição do mesmo Christo. Nos mysterios Gozosos armada de brandura, nos Dolorosos armada de temor, nos Gloriosos armada de esperança. Quando pois consideramos cada um destes mysterios divididos, atira-nos Deus setta a setta, e por isso lhe resistimos; mas se bem e verdadeiramente os considerarmos juntos, como estão no Rosario, então não ha coração que resista, porque descarrega Deus nelle toda a aljava: *Sagittas meas complebo in eis.* [2]

E se buscarmos a razão desta efficacia; os tres Padres de Theodoreto a deram, excitando e respondendo á mesma questão da myrrha, não desunida, mas junta: *Quid est quod dilectum suum sponsa, non myrrham, sed fasciculum mirrhæ nominat: nisi quod dum Sancta mens, Christi vitam ex omni parte considerat, contra omnia vitia ex ejus imitatione repugnantes virtutes congregat.* A razão porque a Esposa comparou a Christo á myrrha, não desunida, e solta, senão atada; foi, porque considerando a alma, a vida e os mysterios de Christo, não divididos e por partes, senão todos juntos, nenhuma virtude ha, que não possa achar nelles para imitar, senão todas e em gráu perfeitissimo, para impugnar, e vencer todos os vicios contra nós. Assim o definiu o Triunvirato dos Padres Gregos, com tão alto como solido fundamento. E qual é? A Theologia o ensina. Porque ainda que Christo desde o instante de sua conceição teve todas as virtudes infusas em gráu perfeitissimo e heroico, não teve comtudo o exercicio e actos de todas em todos os passos e mysterios de sua vida; senão aquellas, que eram convenientes e proporcionadas aos mesmos mysterios. Logo para que a nossa imitação tivesse em Christo um exemplar commum e adequado, ou um exemplo universal de todas as virtudes e seus actos, não bastava um só mysterio, ou cada um delles sómente, se não

[1] *Isai.*, XLIX, 2.
[2] *Deut*, XXII, 23.

todos juntos. Isto é: *Dum Christi vitam ex omni parte considerat, contra omnia vitia ex ejus imitatione repugnantes virtutes congregat.* Notem-se muito as palavras, *Christi vitam ex omni parte.* Não bastava considerar a vida de Christo em uma só parte, ou em um só mysterio, senão em todas as partes e em todos os mysterios, *Ex omni parte:* e por isso a Esposa os ajuntou todos no seu Rosario.

E digo no seu Rosario; porque isso quer dizer: *Fasciculus mirrhæ dilectus meus mihi, inter ubera mea commorabitur.* Bem sei, que o não disseram os mais diligentes Expositores deste Texto, devendo reparar muito em uma grande difficuldade delle. A myrrha, como diz Plinio e os outros Auctores da Historia Natural, são umas gottas odoriferas, as quaes na Arabia, ou espontaneamente sua, ou picada, lança de si a arvore do mesmo nome. Por isso os Setenta Interpretes em logar de *Fasciculus mirrhæ*, verteram, *Alligamentum guttæ.* Mas se a myrha eram gottas; como se podia fazer de gottas este feixezinho, ou este atado: *Alligamentum?* As gottas por ventura podem-se atar? Parece que não. E se acaso podem: de que modo? Eu o direi. As gottas depois de congeladas e solidas, quaes aquellas eram, podem-se atar enfiando-se, como se enfiam as contas do Rosario. Este é pois o modo com que a Esposa dizia, que havia de atar as gottas da myrrha; *Alligamentum mirrhæ:* e assim como as mulheres catholicas lançam o Rosario ao pescoço e o trazem entre os peitos; assim dizia ella, que havia de fazer: *Inter ubera mea commorabitur.*

Nesta fórma explicava eu a difficuldade deste Texto vulgar, não sem receio da novidade, quando fui achar, que o pensamento não era novo, nem meu, senão do grande S. Gregorio Nisseno na Homilia terceira sobre os Canticos: *Fraternus meus est Alligamentum guttæ, quod è collo suspendo supra pectus.* O meu Amado é um atado, ou ajuntamento de gottas de mirrha, o qual pendente do pescoço trago sobre o peito. Pôde haver explicação mais natural, mais propria, e mais expressa? Não pôde. E o exemplo e exemplos a confirmam muito mais. Tambem o balsamo e o alambre, são gottas suadas das arvores, e assim como de um e outro se fazem Rosarios, assim fez o seu a Esposa, das gottas da myrrha. Mas se este era o seu Rosario, como diz a mesma Esposa, que este mesmo Rosario é

o seu Amado: *Fasciculus myrrhæ, alligamentum guttæ, dilectus meus mihi?* Só isto fallava á elegancia para fechar com chave de ouro o conceito. O seu Amado é Christo e diz, que o seu Rosario é o seu mesmo Amado, por que o Rosario e toda a materia do Rosario, não é outra senão o mesmo Christo. Christo multiplicado nos seus mysterios, e os mysterios de Christo ordenados no Rosario.

VIII

D'aqui se segue a ultima excellencia, ou maravilha, com que a Virgem Senhora nossa foi mais admiravel no parto do Rosario, que no da Encarnação do Verbo. E porque? Porque o mysterio da Encarnação, sendo um só, não podia ter divisão, nem ordem: porém os mysterios do mesmo Christo multiplicados no Rosario, como nelle estão repartidos e ordenados, esta mesma disposição e ordem, os arma de maiores forças e de maior e mais invencivel poder contra nossos inimigos. Ainda estamos nos Canticos de Salomão, onde a principal Esposa é a Virgem Maria, a qual fallando do mesmo Amado (que para todas é Christo) diz assim: *Dilectus meus descendit in hortum suum ad areolam aromatum, ut pascatur in hortis, et lilia colligat.* [1] O meu Amado desceu ao seu jardim dos aromas, para nos jardins se recrear, ou apascentar do cheiro e colher rosas. Rosas quer dizer a palavra, *Lilia*, como n'outra parte provamos largamente. Mas se o Amado desceu a um só jardim: *Descendit in hortum suum:* como diz a Senhora, que foi a colher rosas nos jardins: *Ut pascatur in hortis, et lilia colligat?* Era um jardim e muitos jardins? Sim, diz S. Gregorio, de quem é o reparo. E dão a razão litteral, Simmacho e Pagnino, tresladando, *Areolas, et lineas sulcorum:* porque o mesmo jardim por suas linhas estava repartido em diversas quadras e cada uma dellas em outras menores com proporcionada correspondencia e ordem. Assim havia de ser, pois era o jardim das rosas, segundo o desenho e arte com que a Senhora traçou o seu Rosario, com

[1] *Cant*, VI, 1.

tantas repartições e divisões, todas tão medidas e ajustadas. E por isso o Amado em um só jardim, qual é o Rosario, achou sem implicação muitos jardins, em que passear e se recrear e de todos colher rosas: *Descendit in hortum suum, et pascatur in hortis, et lilia colligat.*

Viu pois Christo estes jardins de rosas reduzidos a um só jardim do Rosario, podendo-se então dizer do mesmo Senhor com muita propriedade: *Cunctaque miratur, quibus est mirabilis ipse:* [1] porque no jardim, em quanto um, se via inteiramente a si mesmo e nos jardins, em quanto muitos, se via tambem dividido em todos seus mysterios. Louvou a ideia e a obra e da mesma ideia e da mesma obra formou os louvores da soberana Auctora della e os declarou com dois nomes, e comparações notaveis: a primeira, de formosa, como a cidade de Jérusalem: *Decóra sicut Jerusalem:* [2] a segunda, de terrivel, como um exercito bem ordenado: *Terribilis ut castrorum acies ordinata.* A comparação de um jardim com uma cidade e tal como Jérusalem, posto que Salomão, cuja é, a entendesse melhor, não tem difficultosa applicação. Os corredores, ou passeios do jardim, são as ruas: as quadras muradas de murtas, os palacios: os cypreste, as torres, ou pyramides: os vazios com as fontes no meio, os pateos: a repartição das areolas, os aposentos, e os moradores, as flôres. Tudo isto para a vista da paz, que isso quer dizer Jérusalem, *Visio pacis.* Mas para a campanha e para a guerra, que similhança tem um jardim com um exercito? O jardim do Rosario, de que se fallava, muita. Não só porque é jardim de rosas, que são flôres armadas, como disse Boecio, *Armat spina rosam;* mas pela divisão, proporção, disposição e ordem, de que é composto. A força de um exercito, como ensina Vegecio, e consta da experiencia, não consiste tanto na multidão dos soldados, quanto na boa repartição das armas e dos combatentes, e na disposição e ordem de todo aquelle corpo militar e guerreiro, o qual desordenado, desunido e roto, é facilmente vencido; porém composto, ordenado e unido, é forte, impenetravel e invencivel. Tal é a fórma regular e perfeita de um Rosario, repartido primeiro

[1] Ovidius in Narcis.
[2] *Cant.*, VI, 3.

em tres terços, cada terço em cinco esquadrões, cada esquadrão em suas fileiras, cada fileira em uma decuria com seu cabo, e tudo junto com tal disposição, e tal ordem e proporção de numeros, que a não póde haver, nem imaginar-se maior. E porque esta distincção, e ordem a não pôde haver em um só mysterio, qual é o da Encarnação; por isso foi mais admiravel a Virgem no parto do seu Rosario, que no da Encarnação do Verbo. Não sou eu o que o digo, senão os que viram e notaram a differença, e como mais admiravel a admiraram.

Viram os Anjos caminhar a Virgem Senhora nossa, ou marchar com este seu exercito do Rosario, e admirados diziam entre si: *Quæ est ista, quæ progreditur quasi Aurora consurgens, pulchra ut Luna, electa ut sol, terribilis ut castrorum Acies ordinata?* [1] Estas ultimas palavras são as mesmas do Esposo, repetidas pelos Anjos. E que fallem da Virgem Maria, em quanto Senhora do Rosario, elles mesmos o dizem, distinguindo a divisão e repartição dos terços, e a differença dos mysterios por sua propria ordem. Por isso comparam a Senhora primeiro á aurora, depois á lua e ultimamente ao sol. Nos primeiros mysterios e Gozosos, foi a Virgem como aurora, da qual nasceu o verdadeiro Sol Christo: nos segundos e Dolorosos, foi como lua, cheia das dôres, e eclypses da sua Paixão: nos terceiros, e Gloriosos, foi como o sol; porque nos resplandores da mesma gloria venceu a de todos os bemaventurados. Mas em toda a consideração destes mysterios, que é o que admiram os Anjos, quando perguntam admirados: *Quæ est ista?* Notae agora e notae muito porque o reparo é digno de toda a ponderação. Não admiram o principio dos mysterios, senão o progresso delles: por isso dizem: *Quæ est ista, quæ progreditur?* E qual foi o principio, e quaes os progressos de todos estes mysterios? O principio foi o mysterio, em que a Senhora como aurora concebeu e sahiu á luz com o Verbo: os progressos foram todos os outros mysterios da vida, morte e resurreição do mesmo Christo, dos quaes, e não só do primeiro, se compoz, distinguiu e ordenou o Rosario. E estes progressos assim distinctos, e ordenados são os que os

[1] *Cant.*, VI, 9.

Anjos admiram na Virgem Maria, quando dizem admirados: *Quæ est ista, quæ progreditur?* Porque entenderam, que mais admiravel foi a Senhora no parto, em que sahiu á luz com o Rosario, que no do mesmo Verbo.

E parou aqui a admiração dos Espiritos angelicos? Não; porque ainda restavam os effeitos e poderes do mesmo Rosario, como exercito bem ordenado, formidavel e terrivel contra os inimigos. Os inimigos da nossa alma, que tambem se puderam chamar do corpo, são tres: o mundo, a carne, o demonio. E vêde, como os tres terços do Rosario neste exercito bem ordenado se ordenam forte e poderosamente contra elles. Foram estes tres inimigos figurados nos tres capitães, cada um de cincoenta soldados, que o perfido rei Ochosias mandou armados contra o Propheta Elias, sobre dois dos quaes elle fez descer fogo do céu, que os abrazou e a todos os seus, dizendo: *Si Homo Dei sum, descendat ignis de cœlo, et devoret te, et quinquaginta tuos:* [1] Se sou homem de Deus, como tu me chamas, desça fogo do céu, que te abraze a ti, e aos teus cincoenta. Contra estes tres inimigos, pois, egualando numero a numero, ordenou a Senhora os tres terços do seu Rosario, composto tambem de cincoenta, como outros tantos raios, não só para abrazar dois delles, como o homem de Deus, senão todos tres, como Mãe de Deus. Os mysterios Gososos são ordenados contra o mundo; porque a humildade de Nazareth, a aspereza das montanhas, o desamparo de Belem, pobreza das offertas no Templo, e o cuidado ancioso pelo menino Deus perdido: que outra coisa contrariam, e confundem, senão as soberbas, as vaidades, o luxo, e pompas do mundo, com perpetuo descuido de perder a Deus, nem dôr de o ter perdido? Os mysterios Dolorosos são ordenados contra a carne; porque os suores de sangue no Horto, os açoites contados a milhares no Pretorio, a purpura vil, e corôa de espinhos, o pezo da cruz, os cravos, o fel, e a morte nella: que outra coisa contrariam, e abominam, senão os gostos, os regalos, as delicias, e intemperanças da carne, inimiga da mortificação dos sentidos, e totalmente esquecida da penitencia? Finalmente os mysterios Gloriosos são ordenados contra o demo-

[1] *4.º Livr. dos Reis*, 1, 10.

nio; porque a Resurreição, e Ascenção do Filho de Deus, o throno que tem á dextra do Padre, e Assumpção e Coroação de sua Mãe sobre todas as Gerarchias: que outra coisa contrariam, e estão fulminando desde o céu, se não o demonio, que cahiu por um só peccado, e as tentações de peccar, com que nos incita e engana, a que por um momento de appetite percamos tambem com elle a eternidade da gloria? Assim é terrivel e formidavel, ao mundo, carne e demonio, o exercito do Rosario: e assim distinguiu e ordenou a Soberana Auctora delle todos os mysterios da Divindade e Humanidade de seu Filho, repartidos e oppostos de frente a frente, contra o poder sempre forte, e armado dos tres inimigos communs. E porque esta repartição e ordem, como tenho dito, não cabia em um só mysterio, qual foi o da Encarnação; por isso, a juizo dos mesmos Anjos, foi mais admiravel o parto do Rosario concebido na mente da Virgem, que o do mesmo Verbo Eterno concebido em seu sacratissimo ventre: *Beatus venter, qui te portavit.*

IX

Tenho concluido, se me não engano, e feito provavel o que parecia impossivel; o claro, e manifesto, o que se representava difficultoso no meu argumento. Delle quizera por fim, que não tirassemos só admirações, senão doutrina, e exemplo. Se a ordem, e disposição do Rosario para os Anjos é admiravel, para nós seja terrivel: *Terribilis ut castrorum acies ordinata.* Com tal ordem dispoz a Mãe de Deus os tres terços deste seu exercito do Rosario, que na vanguarda poz os Gozosos, na batalha os Dolorosos, e na rectaguarda os Gloriosos. Para que entendamos, que todos os gostos vem a parar em penas, e que só depois das penas se seguem as glorias. Oh que terrivel ordem, e que temerosa consideração! Se os gostos purissimos, e santissimos do Filho de Deus, e de sua Mãe, vêm a parar nesta vida em penas e dôres, e se a gloria, que era propria do Filho, e tão merecida da Mãe, a não alcançam na outra vida, senão depois de tantas dôres, e tormentos: Que será, ou que esperança podem ter, os que tanto fogem das penas, e com tanta ancia bus-

cam só os gostos falsos, e glorias vãs deste mundo?

Virgem Santissima, Mãe sempre admiravel, uma vez Mãe admiravel no parto do Verbo, quinze vezes Mãe admiravel no parto do Rosario, e Mãe admiravel sem conto, nas maravilhas que obrais, e mercês que fazeis, aos que nelle, e com elle vos veneram, e servem. Allumiai, Mãe admiravel, a admiravel cegueira, desfazei o admiravel engano, despertai o admiravel descuido e esquecimento da salvação, e resuscitai a fé morta, em que vivemos. Sendo tantos os titulos, pelos quaes o nome de Mãe admiravel vos é devido, ainda vos hei de allegar outro mais admiravel. Se sois Mãe admiravel por Mãe de Deus, muito mais admiravel Mãe sois, porque sendo Mãe de Deus, vos não dedignaes de ser Mãe dos peccadores. Não sejam pois parte nossos peccados, ó Mãe mais que admiravel, para que aparíaes delles vossos misericordiosos olhos. Alcançae-nos para os passados perdão; para os presentes arrependimento e para os futuros preservação, e cautella: de tal modo, que preserverando na graça de vosso Filho, vos mereçamos vêr com elle eternamente no céu, onde o louvemos, e vos louvemos sem fim na perpetua admiração da sua e vossa Gloria. Amen.

SERMÃO VIGESIMO SEGUNDO

Extollens vocem quædam mulier de turba, dixit illi: Beatus venter, qui te portavit, et ubera, quæ suxisti. [1]

I

Assim exclamou em louvor de Christo, e sua Mãe, levantando a voz em lingua vulgar uma mulher do vulgo: *Quædam mulier de turba.* [2] E é para mim singular maravilha, que não tenha bastado esta dobrada vulgaridade, para que despreze as mesmas palavras a altiveza de certos espiritos, que até nas materias da religião, e culto divino, senão querem parecer com o vulgo. Altiveza chamei a este abuso, e mais propriamente lhe devera chamar fraqueza, porque é proprio do sexo mais fraco. Não cabe aqui o *De turba*, porque é vicio das melhores qualidades; nem o *Quædam*, porque é de muitas; mas o *Mulier* sim, e muito em seu proprio logar, porque é mais proprio das filhas de Eva, que dos filhos de Adão. Vejamos uma e outra coisa em dois exemplos encontrados no mesmo caso, e na mesma casa: mas o forte em um homem, e o fraco em uma mulher, posto que ambos egualmente illustrissimos.

Quando foi tresladada a Arca do Testamento, e levada com solemnissima procissão desde a casa de Obededon para a cidade de David; ao som de varios instrumentos ia o povo muito festival, e alegre, dançando diante da Arca. E que fez então o mesmo Da-

---

[1] *Luc.*, II.
[2] *Ibid.*, II, 27.

vid? Não esquecido de ser rei, mas lembrado e reconhecido de que o Deus que adorava na Arca, lhe tinha dado a corôa, despido da purpura, e das insignias reaes, se metteu entre os do povo, e não só dançava como os demais, senão que o fazia, como nota a Escriptura, com todas as suas forças: *Et David saltabat totis viribus ante Dominum.* [1] Chegada pois a procissão á cidade, estava em uma janella de palacio, Michol, filha d'El-rei Saül, e mulher do mesmo David: e vendo, que elle ia dançando diante da Arca de mistura com o vulgo, como vos parece que ficaria edificada? Pareceu-lhe grande desauctoridade aquella, e indigna da magestade de um rei; e logo então, diz o Texto, o desprezou, e se desprezou delle: *Despexit eum in corde suo:* [2] e depois lhe estranhou muito a acção com palavras do mesmo sentimento e desprezo; e do baixo conceito, em que por ella o tivera: *Quam gloriosus fuit hodie rex Israel, discooperiens se, quasi unus de scurris.* [3]

O resto, e conclusão de toda a historia, fique entre tanto para seu logar; agora só noto a differença de David a Michol. David como homem religioso e sizudo, não duvidou de festejar, e celebrar a Arca de Deus com as mesmas demonstrações do povo, mettendo-se entre elles, e como qualquer delles; porque entendia, que diante de Deus o maior, e o menor, todos são eguaes, e que nas materias do obsequio, e culto divino, o exercicio mais auctorizado, é o mais vulgar e humilde. Isto é o que fez, e julgou David, como homem, e tão grande homem: porém Michol, como mulher vã e altiva, tinha mettido no pensamento, que era desauctoridade da pessoa seguir a devoção popular, e que a soberania da dignidade, ou sangue illustre, se deslustrava e abatia, se ainda diante de Deus, e nas coisas do seu culto não deixasse o vulgar ao vulgo, e se distinguisse tanto delle nos actos de religião, como no demais. Assim o entendeu, assim o disse, e assim o ostentou a presumpção daquella mulher, que por seu pae, e por seu marido tantas obrigações devia a Deus. E prouvera ao mesmo Deus, que

---

[1] *2.º Livr. dos Reis*, VI, 14.
[2] *Ibid.*, 16.
[3] *Ibid.*, 20.

não tivera tantas imitadoras no mundo. Perdoem-me as senhoras da nossa terra, não todas (que as mais são dignas de grande veneração) mas algumas: nas quaes não só se tem introduzido o abuso dos trajos tão alheios da antiga modestia e compostura; mas é tal a reformação do novo cerimonial da fidalguia, que o serem christãs, como suas avós, já toca em desauctoridade.

O tempora! O mores! Antigamente o maior lustre das Igrejas, e a parte mais auctorizada dos concursos, eram as senhoras portuguezas, onde vinham adorar a Deus com todo o rosto descoberto. Na Igreja se confessavam, na Igreja commungavam, na Igreja ouviam Missa e Sermão. Mas o que então só se permittia á extrema enfermidade, se concede hoje á extrema vaidade. Ha de ir o confessor a suas casas (perdoe Deus aos que vão) lá se confessam, lá ouvem Missa, lá commungam. Vêde, se é maior desauctoridade quererem que vá Deus a suas casas, ou virem-no buscar á sua. Se a Igreja pudéra lá ir, tambem haviam de esperar que fosse; mas porque não póde ir a Igreja, querem que vão os Sacramentos. O de mais, ou o de menos, é para as mulheres do vulgo. Com grande providencia ordenou o Auctor dos mesmos Sacramentos, Christo, que a materia delles fosse certa, e determinada; porque d'outra sorte nem os filhos se haviam de baptizar em agua, nem as mães commungar debaixo de especies de pão. Mas estas e outras fidalguias, fiquem para os prégadores de mais perto, e para aquelles (se ha algum) a quem os ares da côrte não tiverem pegado o contagio.

Eu, recolhendo-me ao meu Rosario, só me queixo por parte delle, que tambem tem perdido, senão muito grandes devotas, muitas devotas grandes. Entre as senhoras mais illustres, mais sabias, e de maior edade (em que é mais perigoso o exemplo) se tem introduzido em logar do Rosario a reza do Officio Divino, como nas cathedraes, sendo já a estante e o breviario, uma das alfayas do estrado, como se foram do Côro. E sou eu por ventura tão apaixonado do Rosario, que por elle haja de reprovar um uso, posto que novo, tão pio, tão qualificado, tão universal de toda a Igreja, e tão proprio da cabeça della? Não é este o meu intento, nem o meu caso. Eu não fallo com o breviario, senão com as devotas delle, e que pela sua devo-

ção deixam a do Rosario. Se nesta troca, e eleição fazem acertadamente, ou se enganam, será a nova, e ainda não diputada controversia, que hoje determino tratar. E porque nem por uma hora que póde durar o discurso, quero que esteja duvidosa a resolução: a que havemos de ouvir, será esta. Que assim como a mulher do Evangelho, sendo ella do vulgo, e vulgar a lingua, em que fallava, levantou a voz sobre todos: *Extollens vocem quædam mulier de turba:* assim todas as mulheres, que rezarem o Rosario, posto que elle seja tão vulgar, e vulgar tambem a lingua, em que o rezarem: os seus Padre Nossos, e Ave Marias, serão tambem mais bem ouvidos de Deus na lingua portugueza, que todo o Officio ecclesiastico na latina. Bem vejo, que o assumpto me arrisca a perder a illustrissima graça das interessadas, mas eu a darei por bem perdida, se me ajudardes a alcançar a da Senhora das senhoras.

Ave Maria, etc.

II

Quædam mulier de turba. Comecemos pelo fim da historia de David e Michol, cujo remate deixei reservado para este logar. A Arca do Testamento, que mettido entre o vulgo festejava David, foi figura da Virgem Senhora nossa, e no mesmo estado, em que a considerou a oradora do nosso Evangelho, porque assim como a Arca levava dentro em si a Deus, assim a Virgem em suas entranhas: *Beatus venter, qui te portavit.* David saltando diante da Arca foi figura do Baptista, que visitado da mesma Senhora, e do Filho de Deus, que levava dentro em si, tambem celebrou, e festejou sua vinda a saltos: *Exultavit in gaudio infans in utero mº.* [1] Finalmente Michol desprezando a devoção, e obsequios de David, por serem similhantes aos do vulgo, é figura das que estimam menos o exercicio do Rosario por vulgar, e lhe antepõem, ou preferem outros, como menos auctorisados. Não deixarei porém de caminho de referir a pena, com que Deus castigou a al-

[1] *Luc.*, I, 44.

tiveza deste baixo conceito, a qual foi de perpetua esterilidade, e que Michol jámais tivesse filhos: *Igitur Michol non est natus filius usque in diem mortis suæ.* [1] Vemos em Portugal tantas casas illustres sem herdeiros: e se se correr a folha ás que puderam ser mães, não sei se se acharão culpadas contra o Rosario. O certo é, que não tendo herdeiro a rainha de França, Dona Branca, S. Domingos lhe aconselhou, que rezasse o Rosario, e logo teve um tal filho, como S. Luiz.

Vindo pois ao nosso intento, para proceder com maior clareza, é necessario distinguir nelle dois casos. As pessoas do genero, em que fallamos, ou antepõem, e preferem o Officio ecclesiastico ao Rosario, por estimação, e auctoridade propria, ou por pura, e sincera devoção: por estimação e auctoridade propria, tendo aquelle exercicio por mais nobre e levantado, como de nenhum modo vulgar: ou por pura e sincera devoção, entendendo que aquellas preces e orações, como são mais varias e dilatadas, serão tambem mais gratas e acceitas a Deus. E em qualquer destes casos, ou supposições, o que digo resolutamente, é que sempre deve preferir o Rosario.

Quanto ao primeiro caso (de que me expedirei muito brevemente) é certo e bem, que se advirta e saiba; que se na eleição, e preferencia do Officio ecclesiastico entra a presumpção e auctoridade propria, posto que tacita e occulta, não póde ser sem peccado, que destrua a mesma oração. No Psalmo cento e oito, fallando o Propheta de Judas, como declara o Apostolo S. Pedro, diz, que a sua oração se converteria em peccado: *Oratio ejus fiat in peccatum.* [2] E que oração de Judas foi esta tão enganosa, e tão enganada como elle? Em todo o Texto sagrado não lemos outras palavras de Judas, que possam ter nome de oração, senão aquellas, com que saudou a Christo no Horto, dizendo: *Ave Rabbi.* [3] Assim como nós saudando a Virgem Senhora nossa no Rosario, dizemos: *Ave Maria:* assim Judas saudando a Christo, disse: *Ave Rabbi.* E posto que estas palavras eram santas, e usadas dos outros Apostolos, quando saudavam reverentemente a seu Divino

---

[1] *2° Livr. dos Reis*, VI, 23
[2] *Psalm.* CVIII, 7.
[3] *Math.*, XXVI, 49.

Mestre, viciadas porém com a occulta tenção de Judas, vinham a ser peccado, e gravissimo peccado: *Oratio ejus fiat in peccatum.* Não quero dizer com isto, que o peccado da presumpção, ou jactancia, que se mistura com as orações, ou eleição dellas, seja tão grave como a falsa saudação de Judas; mas quanto Deus se offenda e desagrade de similhante presumpção nas orações; do que o mesmo Christo ensinou, o entenderemos.

Foram dois homens orar ao Templo, diz Christo, um delles Religioso de profissão e outro publicano. Este, com grande humildade, sem se atrever a levantar os olhos ao céu, pedia perdão de seus peccados. E o outro, que fazia ou dizia? *Deus, gratias ago tibi, quia non sum sicut cæteri hominum:* [1] Senhor, dou-vos muitas graças, porque não sou como os outros homens. Não orava, diz Santo Agostinho, para rogar a Deus, senão para se engrandecer a si, e se antepôr aos outros: *Ascendens orare, noluit Deum rogare, sed se laudare.* E isto mesmo é o que fazem as presumidas do seu modo de orar. O outro dizia dentro em si *(Apud se:)* Senhor, dou-vos muitas graças, por que não sou como os outros homens; e ellas tambem dentro em si, estão dizendo com a sua presumpção: Senhor, dou-vos muitas graças, porque não sou como as outras mulheres. Ellas rezam pelas contas, eu rezo pelo Breviario: ellas rezam Padre Nossos e Ave Marias, eu rezo Hymnos e Psalmos: ellas, com o vulgo, rezam em linguagem, e eu rezo em latim: e em tão bom latim, e tão bem pronunciado, que melhor poderão dizer, que rezam em grego. Mas como sahiram das suas orações os dois oradores? O que rogou por seus peccados, sahiu com perdão delles: e o que se quiz estremar dos outros, e levantar-se sobre todos, sahiu com um peccado de mais, que foi o da sua presumpção e altiveza. Miseria verdadeiramente grande, que sendo a oração o meio de appiacar e conciliar a Deus, se converta em motivo de o desagradar e offender; e em vez de diminuir os peccados, os accrescente: *Oratio ejus fiat in peccatum.*

A este peccado, que queira Deus seja um só, ajunta a presumpção no nosso caso outros dois erros, um contra a virtude, outro contra a verdade. Os que esti-

[1] *Luc.*, XVIII, 11.

mam menos o Rosario fundam este seu conceito em ser uma devoção vulgar em si, vulgar na lingua e vulgar no exercicio, e uso commum. E este erro é tão contrario á virtude da oração, como a soberba á humildade. Senhora era, e grande Senhora, Judith, e o motivo que allegou a Deus para que a ouvisse, e ajudasse em uma empreza tão difficultosa, como a que intentava, foi a humildade da sua oração: *Nec superbi ab initio placuerunt tibi: sed humilium, et mansuetorum semper tibi placuit deprecatio.* Quer dizer: que Deus nunca se agradou de orações misturadas com soberba, e que a oração, que só estima, e ouve, é a dos humildes, e que se accommodam aos demais, e não se querem preferir aos outros, que isso é o que significa, *Humilium, et mansuetorum.* Tambem era grande Senhora Lia, mulher do Patriarcha Jacob, e mãe de seis Patriarchas: e vêde o que disse, e os nomes, que poz ao primeiro, e segundo filho quando Deus lh'os deu. Ao primeiro poz por nome Ruben, dizendo, que Deus vira a sua humildade: *Vocabit nomen ejus Ruben, dicens: Vidit Dominus humilitatem meam:* [1] e ao segundo poz por nome Simeon, dizendo, que ouvira Deus a sua oração: *Quoniam audivit me Dominus, vocavitque nomen ejus Simeon.* [2] E porque diz Lia, que primeiro viu Deus, e depois ouviu: e primeiro viu a sua humildade, e depois ouviu a sua oração? Porque para nossas orações chegarem aos ouvidos de Deus, primeiro hão de ser registadas no tribunal de seus olhos. Se os olhos de Deus vêm, que levam alguma mistura de altiveza, ou soberba, alli param, e não são admittidas, nem passam ao tribunal dos seus ouvidos: porém se vê, e consta, que são humildes, então é que as ouve, e as despacha, e concede quanto lhe pedimos. Primeiro, *Vidit humilitatem meam*, e depois, *Audivit me Dominus.* Para que vejam as que oram, ou rezam com alguma mistura de jactancia, ou menos humildade, se pôde Deus ouvir suas orações, nem olhar para ellas.

Tudo isto se entende, ou devia entender, quando as orações do Rosario pela vulgaridade da lingua, e do uso merecessem nome de vulgares: mas este é o segundo erro, que dizia, contra a verdade; porque ver-

[1] *Gen.*, XXIX, 32.
[2] *Ibid.*, 33.

dadeiramente não ha orações mais altas, mais levantadas, mais sublimes, assim nas palavras, como no sentido, que as do Rosario. Da Sagrada Escriptura disse discretissimamente S. Gregorio Papa, que é um rio muito plano, e muito alto: tão plano, que o póde vadear um cordeiro; tão alto, que não toma nelle pé um elephante: *Est fluvius planus, et altus, in quo et agnus ambulet, et elephas natet.* [1] Tal é a altura chã, e a profundidade altissima das orações do Rosario: para os cordeiros pequenos e simples, faceis de entender; mas para os elephantes grandes e sabios, não só difficultosas, mais impossiveis de vadear. O primeiro, que se engolfou neste pégo commentando a primeira oração do Rosario, o Padre Nosso, foi Tertulliano: o segundo, S. Cypriano, ambos em livros particulares, e depois delles Santo Agostinho em quatro tratados diversos. Tertulliano, Cypriano, e Agostinho, todos tres eram elephantes africanos; mas posto que passaram felizmente o rio, todos nadaram, nenhum chegou a lhe achar fundo. E' a oração do Padre Nosso como seu Auctor, que até os meninos o conhecem, mas nem os Serafins o comprehendem. E contentaram-se por ventura os que vieram depois, com lêr, e admirar o que estas tão insignes pennas tinham escripto? De nenhum modo. Todos os Padres, todos os Theologos, todos os Expositores, trabalharam depois, e trabalham ainda hoje por descobrir, e descobrindo o que elles não alcançaram. Dos Santos Padres, assim gregos, como latinos, S. Gregorio Nisseno, S. Cyrillo, S. João Chrysostomo, S. Pedro Chrysologo, Cassiano, Theofilacto, Euthimio: dos Theologos depois de Santo Thomaz, os Caetanos, os Albertos Magnos, os Canisios, os Soares, os Bellarminos: dos Expositores, os Carthusianos, os Hugos, os Abulenses, os Maldonados, os Toledos, os dois Cornelios: e finalmente todos. E verdadeiramente sendo esta primeira oração do Rosario o assumpto dos maiores homens, que tem tido a Igreja de Deus em seis mil e seis centos annos; presumpção é mais que monstruosa haver mulheres na nossa edade, que como vulgar a deixem para o vulgo, e para se estremarem, e distinguirem delle, troquem o Rosario pelo Breviario.

---

[1] D. Greg. Præf. in Lib. Moral. cap. 4.º.

Mas para que conheçam o seu Breviario qual deve ser, de todos os Auctores, que citei, oiçam o primeiro. Fallando Tertulliano do Padre Nosso, diz assim: *Quantum substringitur verbis, tantum diffunditur sensibus. Neque enim propria tantùm orationis officia complexa est, venerationem Dei, aut hominis petitionem: sed omnem penè sermonem Domini, omnem comemorationem disciplinæ, ut re vera in oratione Breviarium totius Evangelii comprehendatur.* Para quem reza pelo Breviario parece, que não era necessario romancear estas palavras; mas porque me não fio tanto da sua grammatica, o que querem dizer em portuguez, é isto: que a oração do Padre Nosso, ainda que breve, e estreita em palavras, é muito larga, e dilatada em sentidos: porque não só abraça as duas partes da oração, que consistem em venerar a Deus, e lhe representar nossas petições; mas comprehende juntamente toda a doutrina, que a sabedoria de Deus veiu do céu ensinar ao mundo, e é um Breviario de todo o Evangelho: *Totius Evangelij Breviarium.* Querem saber as senhoras, e não senhoras, qual é e deve ser o Breviario das mulheres? O Padre Nosso muito bem rezado: advertindo, que o outro breviario o rezam quando muito uma vez no anno, e este breviario no Rosario quinze vezes cada dia. E se querem parecer doutas, ou doutoras, o mesmo documento têm na Ave Maria. Sendo menino Santo Thomaz, tinha nas mãos um papel, em que estava escripta a Ave Maria: e como lh'o quizessem tirar das mãos, o menino, com instincto do céu, o metteu na bocca, e o mastigou, e o enguliu. Mastiguem bem no Rosario a Ave Maria, e serão tão doutoras como Santo Thomaz.

III

Tudo o que até aqui tenho dito, se entende só de algum desvanecimento feminino, se por ventura o houvesse, em quem por presumpção, auctoridade, ou jactancia antepuzesse o Breviario ao Rosario. Mas porque esta supposição offende muito a piedade, e christandade portugueza, e mais naquellas illustres qualidades, em que a devoção é tão pura, sincera, e exemplar; passando ao segundo, e verdadeiro caso, ponhamos na mais recta e fiel balança de uma parte o bre-

viario, e da outra o Rosario, e vejamos, qual deve ser preferido.

Uma muito importante doutrina de Christo, Mestre Divino, e Senhor nosso, é aquella breve sentença, *Qui legit, intelligat:* [1] Quem lê, entenda. Muitos não entendem o que lêm, e lêr sem entender, é como se não lêram. O titulo da cruz de Christo foi escripto nas tres linguas principaes do mundo, hebraica, grega, e latina: *Erat scriptum hebraicè, græcè, et latinè.* [2] E porque razão em tantas linguas? Para que todos entendessem o que liam no titulo da cruz. Se estivesse só escripto em hebraico, entendel-o-hiam os hebreus, mas não o entenderiam os gregos, nem os latinos: se só em grego, entendel-o-hiam os gregos, mas não os latinos, nem os hebreus: se só em latim, entendel-o-hiam os latinos, mas não os hebreus, nem os gregos. Pois para que todos entendam o que lerem, esteja escripto na lingua propria, e natural de cada um. Isto supposto: pergunto agora ás nossas matronas portuguezas, se quando lêm o breviario entendem o que lêm, ou não? Póde ser que haja muitas, que digam que sim o entendem. E não será maravilha, que onde os entendimentos se enganam com o espelho, se enganem tambem com o breviario.

Mas contra esta resposta está muito á flôr da terra a instancia, que os da terra, e patria de Christo oppuzeram ás suas lettras. Quando Christo começou a prégar, e allegar, e interpretar Escripturas, diziam os de Nazareth, que o tinham conhecido desde menino: *Quomodo ut literas scit, cùm non didicerit?* [3] Se este nosso patricio nunca estudou, nem aprendeu, como sabe lettras? Com a mesma admiração podemos nós dizer das nossas devotas do Breviario: Se ellas não estudaram, nem aprenderam, e o mais que chegaram a saber, é lêr por lettra redonda, donde lhes veiu esta latinidade, e estas lettras? Christo, além de outros principios mais altos, sabia o que fallava, por sciencia infusa: mas estas infusões de lettras não as costuma Deus communicar a mulheres, a homens sim. Sára ao principio chamava-se Saray, e Abrahão chamava-se

---

[1] *Math.*, XXIV, 15.
[2] *Joan.*, XIX, 20.
[3] *João*, VII, 15.

Abrão: e que fez Deus em ambos? A Sára tirou-lhe uma lettra do nome, e a Abrahão accrescentou-lhe outra: porque aos homens accrescenta Deus as lettras, ás mulheres não lh'as accrescenta, antes lh'as tira. A razão desta differença é a mesma, porque o Espirito Santo infundiu a sciencia das linguas aos Discipulos de Christo, e não ás discipulas: e porque? Porque áquelles homens fel-os mestres do mundo, e ás mulheres prohibiu-lhes que o fossem: *Docére autem mulier non permitto.* Mas dado, e concedido sem controversia, que ou por infusão do céu, ou por diligencia, e estudo proprio haja mulheres, que tenham tal pratica da lingua latina que entendam o Breviario, estas ficam fóra da nossa questão: e louvando, e venerando a sua sciencia, só fallamos com as que a não tem.

Supposto pois que as que lêm (bem ou mal) o Breviario, não entendem os Psalmos, nem os Hymnos, nem as lições do Velho, e Novo Testamento, nem as lendas, e vidas dos Santos, nem as exposições dos Padres, nem as antiphonas, versos, orações, e todas as outras partes, de que o Officio ecclesiastico é composto: quem póde negar, nem duvidar, que seja melhor conselho, e exercicio mais grato a Deus, rezar no Rosario os Padre Nossos e Ave Marias na lingua vulgar, e portugueza, que todos entendem, e não o Breviario na Latina, em que não sabem o que dizem? Se alguem neste mundo era mais interessado, e podéra ser mais apaixonado pelo Officio ecclesiastico, era David, por duas grandes razões: a primeira, porque a principal materia do Officio ecclesiastico são os Psalmos do mesmo David: a segunda, porque a fórma do mesmo Officio dividido nas sete Horas canonicas, tambem foi tomada delle, e á sua imitação (como confessa Baronio:) *Septies in die laudem dixi tibi.* [1] Por isso tambem o Psalterio de David se divide, e reparte todo pelos sete dias da semana. E comtudo o mesmo David no Psalmo quarenta e seis, (como observam Rufino, Hugo Cardeal, Ludolpho, e outros) nos exhorta a que psalmeemos, não sete, senão cinco vezes: *Psallite Deo nostro, psallite: psallite Regi nostro, psallite. Quoniam Rex omnis terræ Deus: psallite sapienter.* Pois se David psalmeava sete vezes no dia, e no Officio ecclesiastico se

[1] *Psalm.* CXVIII, 164.

repetem os mesmos psalmos sete vezes, e em sete horas distinctas: Que razão teve o mesmo Propheta, para neste Psalmo variar o numero, e o trocar de sete em cinco?

Já dissemos muitas vezes, que o Psalterio antigamente era um, e depois foram dois. O antigo, é o Psalterio de David; o moderno, é o Psalterio da Virgem Senhora nossa: que este foi o primeiro nome, que teve o seu Rosario. Saibamos agora, qual é a materia deste Psalmo quarenta e seis, em que o Propheta fez uma tão grande mudança. A primeira, e principal materia do dito Psalmo, é a subida de Christo ao céu, que foi o complemento dos mysterios do Rosario: *Ascendit Deus in jubilo, et Dominus in voce tubæ. Psallite Deo nostro, psallite: psallite Regi nostro, psallite:* a segunda, foi a fé e christandade universal, e o reino do mesmo Christo em todo o mundo: *Quoniam Rex omnis terræ Deus: psallite sapienter.* Na Lei antiga, ainda que Deus era Deus e rei de toda a terra, por dominio; por fé só era Deus, e rei da terra de Judéa, e de Jacob: *Tu es ipse Rex meus, et Deus meus: qui mandas salutes Jacob:* [1] porém na Lei da graça, em que a Fé se prégou a todo o mundo, e a todas as nações: *Euntes in mundum universum, prædicate omni creaturæ:* [2] depois que Christo se assentou á dextra do Padre, como diz o mesmo Psalmo: *Deus sedet super sedem sanctam suam:* [3] então ficou Deus, e rei de toda a terra: *Quoniam rex omnis terræ Deus.* Neste differente tempo pois, e neste differente estado, exhorta particularmente David a que se psalmeie e reze cinco vezes; que é o numero em que se dividem as orações do Rosario, segundo a repartição dos seus mysterios: e porque razão? Elle mesmo o diz nas ultimas palavras: *Psallite sapienter:* psalmeai sabendo e entendendo o que dizeis: assim está mais claro no mesmo original hebreu, em que fallou o Propheta: *Psallite in intelligentia:* psalmeae e rezae com intelligencia. Porque no Psalterio da Virgem, como se reza em vulgar, e na lingua propria, é muito facil a intelligencia do que se diz, e no Psalterio de David, não; como elle mesmo advertiu, e quiz que advertissemos.

---

[1] *Psalm.*, XLIII, 5.
[2] *Marc.*, XVI, 15.
[3] *Psalm.*, XLVI, 9.

O Psalmo cincoenta e quatro tem por titulo, *In carminibus intellectus David:* Nos versos de David entendimento. O mesmo titulo se refere em muitos outros Psalmos, advertindo-nos David em todos, que a sua intelligencia não é facil, mas muito difficultosa. E se isto se verifica e experimenta nos que sabem a lingua hebrea, em que foram escriptos, e a grega e latina, em que estão traduzidos: que conceito farão os que só os pronunciam, e verdadeiramente não chegam a dizel-os, por ignorancia da lingua? Logo muita razão teve David, depois que conheceu como Propheta os mysterios de Christo, e que sobre elles se havia de fundar outro Psalterio differente do seu: muita razão teve, digo, não para estimar menos o Officio ecclesiasco, em que o seu Psalterio se repete, e reparte nas sete Horas canonicas; mas para que este se trocasse pelo Psalterio da Virgem, cujos Psalmos, que são as orações, de que consta, se repetem e repartem de cinco em cinco, conforme a divisão dos mysterios: sendo todo, ou o principal motivo de o preferir, a intelligencia delle: *Psallite in intelligentia.*

Eu não quero, nem posso negar, que as sete Horas canonicas, em que se reparte o Psalterio de David, sejam muito mais dilatadas, e que por isso dêm mais tempo a Deus, que as cinco decadas de orações, em que se reparte o Psalterio, ou Rosario da Senhora: mas reduzindo este mesmo numero, não a decadas, ou orações inteiras, senão a palavras sómente: digo, que bastam só cinco palavras das orações do Rosario rezadas com intelligencia do que significam, para serem preferidas a todo o Officio ecclesiastico sem ella. Oiçamos neste mesmo caso, não a outro Auctor, ou Auctores, senão ao Apostolo S. Paulo, cujas definições são de fé. No tempo da primitiva Igreja, em que era mui frequente o dom das linguas, nem todos os que as fallavam, as entendiam. Assim o notaram e ensinam, Santo Agostinho, Santo Thomaz, Santo Ambrosio, S. Chrysostomo, e outros Padres, e o declara Caetano com o exemplo da jumenta de Balaão. E como alguns destes, que fallavam em linguas estranhas sem as entenderem, se prezassem de orar nas mesmas linguas; reprovando S. Paulo este abuso e allegando comsigo mesmo, diz assim: *In Ecclesia volo quinque verba sensu meo loqui: quam decem millia verborum in lingua: id est, peregrina:* Antes quero dizer só cinco palavras no sentido

que eu entendo, e me entendem, que dez mil no que não entendo. Notae a differença incomparavel, e a desproporção sem medida, com que o Apostolo antepõe cinco palavras, na lingua que se entende, a dez mil na que se não entende: *Quinque verba in sensu meo, quam decem millia in lingua: id est, peregrina.* No Breviario é verdade que rezaes, ou pronunciaes dez mil palavras; mas tambem é verdade, que as não entendeis: logo melhor é no Rosario não só rezar cinco decadas, ou cinco orações inteiras, mas cinco palavras sómente do Padre Nosso, e Ave Maria; porque é na vossa lingua, em que entendeis o que dizeis a Deus.

IV

Para que se conheça pois quanto importa esta intelligencia da lingua propria em quem reza, e quanto se perde e impede por falta della, vejamos as razões de utilidade, que na mesma intelligencia se encerram, as quaes eu para maior brevidade e comprehensão reduzo a tres: e são estas: Primeira, porque assim se reza com maior gosto: segunda, com maior fructo: terceira, com maior merecimento, e agrado de Deus.

Quanto ao gosto, ainda sensivelmente, é sem duvida, porque o sabôr de quem falla, ou reza, é saber o que diz. Por isso o nome de sabedoria se derivou do sabôr, e uma e outra coisa é *Sápere*. Tanto assim, que S. Basilio, S. Bernardo, Dionysio Carthusiano, e outros graves Auctores, declarando as palavras de David: *Psallite sapienter:* dizem, que aquelle *Sapienter* vale o mesmo que *Sápide*, saborosamente. E funda-se esta interpretação no mesmo original hebreu, *Psallite in intelligentia;* porque só quem ora com intelligencia do que diz, ora com sabôr. As palavras de S. Basilio são estas: *Si quis ad vim verbi cujusque animo etiam ita afficiatur, quemadmodum gustatu ad qualitatem cujusque cibi, prorsus hic mandato illi satis facit, Psallite sapienter.* [1] Aquelle que rezando entende as palavras que pronuncia, e percebe o sabôr de cada uma dellas, assim como o sentido do gosto o sabôr do que

[1] Basil. in Regulis brevior. Respons. 276.

come; este tal é sómente o que satisfaz ao preceito de David, *Psallite sapienter;* porque ora saborosamente. Até aqui o grande Basilio.

E que diz S. Bernardo como Doutor sempre melifluo? *Cibus in ore, psalmus in corde sapit: mel in cera, devotio in litera est.* O comer sabe na bocca, o psalmo e a oração não tem o sabôr na bocca, em que se pronunciam as palavras, senão no entendimento, com que se diz a Deus o que ellas dizem. Por isso a David lhe eram mais dôces que um favo de mel: *Et dulciora super mel, et favum.* [1] Considera pois S. Bernardo, que no favo ha mel e cera, e com a differença desta comparação distingue a oração saborosa da que não tem sabor: *Mel in cera, devotio in litera est:* assim como o mel está na cera, assim a devoção está na lettra; se entendeis a lettra do que rezaes, gostaes o mel; se a não entendeis, mastigaes a cera. Isto é o que succede ás que rezam o Breviario, na lingua que não entendem: mastigam a cera sem nenhum sabôr, quando puderam gostar o mel, rezando na sua lingua.

Ouçam ao mesmo Christo, o qual tambem fallava com mulher, quando disse: *Favus distillans labia tua, Sponsa: mel, et lac sub lingua tua.* [2] A vossa bocca, Esposa minha, é um favo, não secco, que então seria sómente cera, mas cheio, e redundante de suavissimo licor, que debaixo da vossa lingua é mel e leite. O leite no caso é a parte de suavidade, que accrescenta ás orações do Rosario a meditação dos mysterios de Christo, e da beatissima Mãe, que o trouxe em suas entranhas, e alimentou a seus peitos: *Beatus venter, qui te portavit, et ubera quæ suxisti.* Mas porque razão esta doçura não diz o Esposo, que estava na lingua, senão debaixo da lingua: *Sub lingua tua?* Porque o sabôr da oração não está no que se pronuncia com a lingua, senão no sentido, e significação do que se pronuncia: não está no que soam as palavras, senão no que se entende debaixo dellas: *Sub lingua tua.* E se fizermos particular reflexão no *Tua*, acharemos uma nova energia, ou discreto equivoco, com que o Esposo quiz signficar á Esposa, que a doçura e suavidade do que se diz, não a póde sentir, nem gostar uma mulher

[1] *Psalm.* XVIII, 11 e *Psalm.* CXVIII, 103.
[2] *Cant.*, IV, 11.

orando na lingua estranha, senão na sua: *Sub lingua tua.*

O mesmo se entende dos homens, que rezam o Breviario, se para elles fôr estranha a lingua latina. Ao Propheta Ezequiel, que era homem, e grande homem, appareceu a mão de um Anjo com um livro, mandando-lhe que o comesse: *Comede volumen istud:* [1] comeu-o elle, e diz que o achou na bocca tão doce como o mel: *Comedi: et factum est in ore meo sicut mel dulce.* Se o Texto parára aqui, e não declarára mais, bastava dizer que o Propheta achára doce o livro, para se colligir, que estava escripto em lingua, que elle entendia; porque se a não entendêra não lhe havia de achar sabôr. Mas assim o declarou logo o Anjo, dizendo: *Non enim ad populum ignotæ linguæ tu mitteris.* E como o livro não era de lingua estranha, senão sabida, e a propria e vulgar da sua nação, por isso o achou doce como o mel. Soube-lhe ao que sabia, porque entendia o que significava. Tal é o Breviario para os que o entendem. E para os que o não entendem como será? Parece-me a mim, que será como o Manná antes de gostado. Quando a primeira vez choveu o Manná, começaram a dizer os que não sabiam o que aquillo era, *manhu? Quid est hoc?* [2] Que é isto? Gostado, era Manná, não gostado, era manhú. Para os que o entendem e o gostam, é o Breviario um manná do céu, que tem todos os sabôres: para os que o não entendem, nem podem gostar, é um perpetuo manhú; porque em quanto lêem, estão dizendo: *Quid est hoc?* Que é isto? Porque não sabem o que quer dizer. Rezem logo pelo Rosario, cujas orações entendem, e são muito saborosas, que o de mais é uma devoção muito sem sabôr.

V

E se rezar sem entender é orar sem gosto, ainda é peor defeito o segundo, que é orar sem fructo. Não sou eu o que o digo, senão o Apostolo S. Paulo, im-

[1] *Ezech.*, III, 1.
[2] *Exod.*, XVI, 15.

pugnando, e condemnando (como acima se disse) aos que em seu tempo oravam em lingua, que não entendiam: *Si orem lingua, spiritus meus orat, mens autem mea sine fructu est.* [1] Se eu orar em lingua, que não entendo, o meu espirito é o que ora, e a minha alma fica sem fructo. Estas palavras não só têm dado occasião a varias interpretações, mas parece, que entendidas assim como soam, contêm uma implicação manifesta. O espirito, e a alma é a mesma coisa: e se tem alguma differença, é que a palavra espirito significa a parte superior da mesma alma. Pois se quando S. Paulo orasse em lingua estranha, confessa que ora o seu espirito: *Si orem lingua, spiritus meus orat:* como diz, que orando deste modo, a sua alma fica sem fructo: *Mens autem mea sine fructu est?* Bem apertada estava a instancia, e bem se seguia a implicação, se a palavra espirito significasse neste logar a parte superior da alma, como quando a Virgem Senhora nossa disse: *Magnificat anima mea Dominum, et exultavit spiritus meus in Deo salutari meo.* [2] Porém *Spiritus* neste Texto significa o ar da respiração, com que a lingua faz a voz e fórma a palavra, e é o mesmo que *Halitus. Spiritus hic sermo intelligendus est:* diz Primasio, e Cornelio ainda mais propriamente: *Spiritus meus, id est, vox mea spiritu vitali, et vocali prolata.* De sorte, que fallou aqui S. Paulo como altissimo philosopho e eloquentissimo orador: como philosopho, porque segundo a definição de Aristoteles, a voz não é mais que o ar da respiração movido com a lingua: *Vox est ictus aeris respiratione attracti:* e como eloquentissimo orador; porque para attenuar o pouco que são, e valem as palavras, quando quem as pronuncia, não entende o sentido dellas, nem lhe quiz chamar vozes, nem palavras, senão um pouco de ar. E assim vem a ser a sentença do Apostolo esta: se eu oro (ou orasse) em lingua, que não entendo: *Si orem lingua;* quem ora no tal caso, não é a minha alma, senão um pouco de vento, porque é o ar da minha respiração: *Spiritus meus orat:* e como a minha alma não é a que ora, por isso fica sem fructo: *Mens autem mea sine fructu est.* O exemplo, com que confirma esta

---

[1] *1.ª Epist. ad Cor.*, XIV, 14.
[2] *Luc.*, I, 46.

doutrina o Apostolo, é muito como seu: *Nunc autem, fratres, si venero ad vos linguis loquens: Quid vobis prodero?* [1] Pergunto, meus irmãos (diz Paulo) se eu uzando do dom de linguas, que tenho, vos prégar em lingua, que não entendaes, aproveitar-vos-heis, ou farei algum fructo em vós? Claro está que não. Pois assim como eu prégando em lingua, que não entendeis, vos não posso aproveitar a vós; assim tambem se orar em lingua, que eu não entendo, não me posso aproveitar a mim: *Mens autem mea sine fructu est.*

E qual é a razão, porque as palavras, com que oramos, senão entendemos o que significam, ainda que fossemos tão santos como S. Paulo, não produzem fructo? A razão é: porque o fructo da oração consiste nos affectos da nossa alma para com Deus, e para comnosco, e as palavras, cujo sentido não entendemos, não podem excitar, nem produzir estes affectos. O mesmo S. Paulo o declarou em outro logar, como se fallasse signaladamente com os que rezam o Breviario: *Loquentes vobis metipsis in psalmis, et hymnis, et canticis spiritualibus, cantantes, et psallentes in cordibus vestris Domino.* [2] Quando rezaes Hymnos, Psalmos, e Canticos (que é o que se faz no Breviario) ha de ser de maneira, que com as palavras vos falleis a vós mesmos, e com o coração louveis a Deus: com as palavras a vós mesmos: *Loquentes vobis metipsis:* e com o coração a Deus: *In cordibus vestris Domino.* Mas quando eu não entendo o que diz o Hymno, nem o Psalmo, nem o Cantico, como póde esse Hymno, esse Psalmo, e esse Cantico excitar em mim os affectos, que significam as suas palavras, se para mim, que sómente as pronuncio com a lingua, são um mero som formado no ar sem significação alguma? Ore eu em lingua, que entendo (e melhor, se fôr na propria) e logo o sentido das palavras se fará sentir nos affectos; e a mesma lingua, como se fosse de fogo, o pegará ao coração. Não affirmo, que isto quizesse dizer David, mas querendo, ou não querendo, as suas palavras o dizem: *Concaluit cor meum intra me: et in meditatione mea exardescet ignis. Locutus sum in lingua mea.* [3]

---

[1] *1.ª ad Cor.*, XIV, 6.
[2] *Ephes.*, V, 19.
[3] *Psalm.* XXXVIII, 45.

O meu coração concebeu tal calor dentro em mim, que na minha oração se abrazou em fogo. E donde lhe vieram ao coração tão ardentes affectos? *Locutus sum in lingua mea:* porque fallei na minha lingua. Se isto quiz dizer David, basta que elle o diga; e senão foi esse o seu pensamento, seja a prova a vossa experiencia. Vós, que não entendeis o Breviario por ser em outra lingua, rezae o Rosario na vossa, e vêde se ha palavra nas suas orações, que da lingua ao coração não excite ardentissimos affectos?

Se digo, Padre Nosso, esta palavra me excita a amar um Deus, que me creou, e de nada me deu o ser, que tenho, e a não degenerar de filho de tão soberano pae. Se digo, que estaes no céu, esta palavra me lembra, que o céu e não a terra, é a minha patria, e que viva na passagem deste mundo, como quem ha de viver eternamente. Se digo, santificado seja o teu nome, esta palavra me ensina a veneração, com que devo tomar na bocca o nome de Deus, e a verdade com que sendo necessario, hei de jurar por elle. Se digo, venha a nós o teu reino, esta palavra verdadeiramente saudosa me admoesta no fim, para que fui creado, e que se agora sirvo neste captiveiro entre os homens, é para depois reinar entre os Anjos. Se digo, seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu, esta palavra conforma a minha vontade com a divina, para que querendo o que elle quer, tudo o que se faz, ou succede, seja tambem o que eu quero. Se digo, o pão nosso de cada dia nos dá hoje, nesta palavra me livro de todos os cuidados da vida, e com os seguros thesouros de não desejar o superfluo, sou mais rico que todos os ambiciosos do mundo. Se digo, perdoae-nos as nossas dividas, assim como nós perdoamos, com este pequeno cabedal de perdoar o pouco que me devem, pago as infinitas dividas de quanto devo a Deus, pelo que delle recebi, e o tenho offendido. Se digo, não nos deixeis cahir em tentação, nesta palavra reconheço, para a cautela, a propria fraqueza, e me ponho naquellas poderosas mãos, de quem só me póde ter mão, para que não caia. Se digo finalmente, mas livrae-nos do mal, nesta ultima palavra confesso, que muitos dos que tenho por bens, verdadeiramente são males, e que só me póde livrar delles, quem só os antevê, e conhece.

As palavras da Ave Maria não são menos excellentes os affectos a que nos excitam. Se digo, Ave Maria,

nesta palavra saudo aquella Senhora, que o é de toda a saude, e sem cujo patrocinio ninguem alcançou a eterna. Se digo, cheia de graça, nesta palavra me persuado, que a graça foi a sua maior felicidade, e que todas as felicidades sem graça são a summa miseria. Se digo, o Senhor é comtigo, esta palavra me anima a estar sempre com Deus por amôr e obediencia, e já mais por nenhum caso me apartar delle. Se digo, benta és tu entre as mulheres, esta palavra me traz á memoria a maldição de Eva, e a de quantos por causa de suas filhas têm sido malditos. Se digo, bento é o fructo do teu ventre, Jesus, esta palavra me avisa, que assim como aquelle fructo bemdito foi o Salvador, assim o de todas as minhas obras deve ser a salvação. Se digo, Santa Maria Mãe de Deus, esta palavra, fiado em sua benignidade, me prostra a seus soberanos pés para perpetuo escravo de tal Senhora, e filho de tal Mãe. Se digo, roga por nós peccadores, esta palavra me prega, que o que sobre tudo devo procurar com maior ancia, e com maior contrição, é o perdão dos peccados. E se finalmente digo, agora, e na hora da nossa morte, esta palavra acaba de me desenganar, que despreze, e não faça caso de quanto acaba com a vida, e que a minha vida seja tal, como quizera ter vivido na morte, e que esta póde ser nesta mesma hora. Estes são parte dos affectos, a que nos excitam as orações e palavras do Rosario, por serem rezadas e entendidas na nossa lingua vulgar: para que vejam as devotas do Breviario, se são tantos, e tão proveitosos, os que delle tiram em latim, como estes em portuguez.

Oh queira Deus, que isto que parece devoção, não seja castigo! Quiz Deus castigar severamente os filhos de Israël, e o castigo que fulminou contra elles, foi, que lendo as Escripturas, não as entendessem. Denunciou ao povo esta sentença de Deus o Propheta Isaias, e para lh'a dar bem a entender, foi com este exemplo. Se mostrarem um livro fechado a um homem que sabe lêr, e lhe perguntarem o que diz aquelle livro, responderá que não sabe porque está fechado. E se mostrarem o mesmo livro aberto a outro homem que não saiba lêr, perguntado do mesmo modo, que diz o livro, responderá que não sabe, porque não aprendeu lettras. Pois desta mesma sorte (diz o Propheta) te castigará Deus, ó povo cego, porque ou lendo, ou não lendo as Escripturas, não entenderás o que dizem: *Et*

erit vobis visio omnium sicut verba libri signati: quem cum dederint scienti literas, dicent: Lege istum: et respondebit: Non possum, signatus est enim. Et dabitur liber nescienti literas, diceturque ei: Lege, et respondebit: Nescio literas. Em summa, que o castigo que Deus mandou áquelle povo, foi, que ou abrissem, ou não abrissem o livro das Escripturas, ou o lessem, ou o não lessem, não o entenderiam. E tal é o Breviario para quem o não entende. Senão entendeis o que diz, ou o leaes, ou não leaes, ou rezeis, ou não rezeis, tanto importa o vosso Breviario fechado, como aberto. Deixai agora o Rosario por esse livro.

VI

E para que vejaes o pouco que Deus se agrada de similhantes leituras, lidas, mas não entendidas (que era o terceiro defeito); considerae, que assim como Deus se agrada muito da oração que é oração, assim se não póde agradar da que o não é. Não sou eu o que lhe nego este attributo, senão o mesmo Mestre Divino da oração, Christo Senhor nosso, em umas notaveis palavras: *Quæcumque orantes petitis, credite quia accipietis:* [1] tudo o que pedirdes a Deus orando, crêde que o recebereis. Orar é pedir a Deus: pois como distingue Christo o pedir orando do pedir não orando? Porque o pedir orando, ou não orando, são duas coisas tão distinctas, como pedir entendendo, ou não entendendo o que peço. Por isso S. João Damasceno, a quem seguem todos os Theologos, definiu a oração, *Ascensio mentis in Deum:* [2] o orar é levantar a mente a Deus: e diz a mente; por que esta é na alma a parte intellectual, e com que entenderemos. Se entendo o que peço, o pedir é orar; e senão entendo o que peço; nem o meu pedir é orar, nem o meu orar é pedir. Como póde logo Deus agradar-se de umas vozes vãs, e sem alma, que só têm nome de orações, e não são oração?

Direis, que ainda que não entendaes o que dizeis,

---

[1] *Marc.*, XI, 24.
[2] D. Damasc. libr. 3.º de Fide, cap. 24.

Deus, com quem fallaes, o entende: que menos entendem as suas vozes as aves, e com tudo louvam a Deus com seu canto: que até o som dos instrumentos mortos, e sem sentido, lhe é tão acceito, e agradavel, como bem significou David com aquelle seu *Laudate* tão inculcado, e repetido: *Laudate eum in sono tubæ: Laudate eum in psalterio, et cithara. Laudate eum in tympano, et choro: Laudate eum in chordis, et organo. Laudate eum in cymbalis bene sonantibus, laudate eum in cymbalis jubilationis.* [1] Logo injustamente se desapprovam as vozes humanas, e racionaes, por não serem entendidas de quem as pronuncia, se até as sensitivas, e insensiveis louvam e glorificam a Deus. Respondo em geral, que tão fóra estão todas estas replicas, ou contraditas, de provar o contrario do que vou dizendo, que antes são novas razões, que mais o confirmam. E assim as irei desfazendo por uma parte, e por outra estabelecendo esta mesma proposição em que estamos.

Primeiramente, dizer que Deus entende o que vós rezaes, quando vós o não entendeis, é falso. Ouvi ao mesmo David, que acabastes de allegar: *Verba mea auribus percipe, Domine: intellige clamorem meum:* [2] percebei, Senhor (diz David) as minhas palavras, e entendei os meus clamores. Por certo, que se outrem fizera esta petição, não só pareceria escuzada, mas muito indiscreta, Deus tudo percebe, tudo entende, e não póde deixar de o entender, ainda que nós queiramos, e lh'o roguemos. Pois como pede David neste Psalmo, que entenda as suas palavras? Porque assim este Psalmo, como os demais, não o fez David só para si, senão geralmente para todos os que haviam de rezar: e entre elles havia de haver alguns, cujas palavras Deus não havia de entender, posto que fossem as mesmas. E quem são estes, cujas palavras Deus não havia de entender? São aquelles, que as dizem sem elles entender o que significam. A razão é manifesta, e fundada na mesma excellencia do entendimento divino. Porque Deus não entende, nem póde entender as coisas, senão como ellas são. E como as palavras são significativas dos conceitos, e eu, quando pronuncio as

---

[1] *Psalm.* CL, 3, 4 e 5.
[2] *Ibid.*, V, 2.

palavras, que não entendo, não faço conceito do que ellas significam: como póde Deus entender o que lhe digo, se eu lh'o não digo? Dizei, e bradae a Deus quando quizerdes, que elle nem ha de entender as vossas palavras, nem os vossos clamores, porque quanto vós dizeis e bradaes, tambem vós o não entendeis. Entendei primeiro o que lhe quereis dizer, e então entenderá elle o que vós lhe disserdes. Notae finalmente o que notou agudamente Asterio neste mesmo verso de David, advertindo que não disse, *Sermonem meum*, senão, *Verba mea;* porque palavras desatadas não fazem oração, não têm sentido. E taes são todas as do Breviario, para quem as não entende, que neste caso não é só o que reza, senão tambem Deus.

E porque esta philosophia por muito delgada não pareça menos solida, ouvi a S. Paulo escrevendo aos Filippenses: *In omni oratione, et obsecratione cum gratiarum actione petitiones vestræ innotescant apud Deum.* [1] Quando oraes, seja de tal modo, que em toda a vossa oração, e em todos os actos della, cheguem as vossas petições á noticia de Deus. A' noticia de Deus? *Innotescant apud Deum?* E póde haver orações, que não cheguem á noticia de Deus, que tudo conhece, tudo entende, tudo sabe, e nada se lhe esconde? Sim: diz o maior lettrado de todos os Apostolos, ou assim o suppõe. E posto que os Interpretes declarando estas mesmas palavras, apontam varios modos, em que nas orações humanas se verifica o não chegarem á noticia de Deus; nenhum é mais proprio e rigoroso que o do nosso caso, quando quem faz oração a Deus, não entende o que lhe diz. Logo mal fundada é a vossa replica, em dizer, que se vós não entendeis o que rezaes, basta que Deus o entenda. Accommodai-vos pois a trocar o Breviario pelo Rosario e em logar dos tres Nocturnos, que são muito escuros, rezae os tres Terços, que são muito claros, e em logar das sete Horas canonicas, as sete petições do Padre Nosso.

A outra replica era, que se as vozes das aves, que ellas não entendem, louvam a Deus, quanto mais as racionaes e humanas? Tambem esta supposição é falsa; porque as vozes, que o homem pronuncia, e não entende, rigorosamente não são humanas, posto que o

[1] *Phillip.*, IV, 6.

pareçam. Por isso Caetano comparou ás do animal de Balaão as dos Corinthios, que S. Paulo reprehendeu, por que oravam em lingua que não entendiam. As vozes que a natureza deu aos animaes, todas têm suas significações; porque de um modo declaram a fome, d'outro modo a ira, d'outro modo a dôr, e assim das outras paixões, appetites, ou instinctos, ainda que irracionaes e brutos. E se estas significações do seu mugir, balar, rinchar, ouvir, e bramir, se acham nos animaes sem razão; não é grande affronta dos que têm uso della, fallarem sem entender o que dizem? O exemplo do canto das aves, posto que tenha mais harmonia, não é menos ignominioso. Porque me hei de contentar de louvar a Deus como um rouxinol, se o posso louvar como um Anjo? Porque me hei de contentar de lhe dar a alvorada como um canario, ou pintasilgo, se o posso fazer como um Serafim? Ainda posso voar mais alto rezando o Rosario. Se digo, Ave Maria, fallo como S. Gabriel: se digo Padre Nosso, fallo como Christo. E porque a censura desta replica não seja só minha, ouvi a de S. Boaventura: *Qui sola voce precatur sine mentis applicatione, nesciens quid dicat, quis non videt, hunc Psittaco similem esse?* Aquelle que ora, ou cuida que ora, sem entender, nem saber o que diz, quem não vê, que é similhante ao papagaio? Só quem tiver o juizo tão verde como elles, não verá a verdade desta similhança, e muito mais a deformidade della.

Só resta a replica dos instrumentos, a qual, para melhor vos confutar, vos concedo. Nem vós entendeis o que dizeis, nem elles o que soam: e é muito honrada consolação, que tomeis o Breviario nas mãos para louvar a Deus como as harpas, como os orgãos, e como os sinos. Mas destes mesmos instrumentos insensiveis fórma um valentissimo argumento o tantas vezes allegado S. Paulo: *Quæ sine anima sunt vocem dantia, sive tibia, sivi cithara: nisi distinctionem sonituum dederint, quomodo scientur id, quod canitur, aut quod citharizatur?* [1] Os instrumentos, que não têm alma, e têm voz, se não distinguirem os sons, como se ha de entender o que significam? De sorte, que até nos instrumentos inanimados são necessarias tres coisas: o som, a significação do que soam, e a intelligencia do que

[1] *1.ª ad Cor.*, XIV, 7.

significam; porque se faltar esta significação, e esta intelligencia, os instrumentos por si sós de nada servem. Põe o exemplo o mesmo Apostolo na trombeta: *Etenim si incertam vocem det tuba: quis se parabit ad bellum?* [1] A trombeta toca a marchar, a fazer alto, a accommetter, a retirar, e a todos os outros movimentos militares: mas estas distincções e intelligencias, não as faz a trombeta, senão o trombeta. O homem que a governa é o que a anima; porque a voz do instrumento é voz sem alma: *Sine anima sunt vocem dantia.* E como a alma da voz é a significação e a intelligencia, ainda nos instrumentos, com que se allegava: bem se prova dellas, e com elles, quam pouco vale o som das vozes em quem ora, se lhe faltar a intelligencia do que significam.

Nem o Texto, ou Textos de David citados, persuadem o contrario, antes declaram e confirmam mais esta mesma verdade. Nenhum daquelles Textos (coisa muito digna de se notar) diz, que os instrumentos louvem a Deus, senão que os homens louvem a Deus com elles. *Laudate eum in sono tubæ: laudate eum in psalterio, et cithara:* [2] Não diz que louvem a Deus as trombetas, os psalterios, e as citharas, senão que os homens o louvem com as citharas, com os psalterios, e com as trombetas. *Laudate eum in tympano, et choro: laudate eum in chordis, et organo:* [3] Não diz, que louvem a Deus os atabales, as cordas, e os orgãos, senão que os mesmos homens o louvem com os orgãos, com as cordas, e com os atabales. *Laudate eum in cymbalis bene sonantibus: laudate eum in cymbalis jubilationis*: Não diz que louvem a Deus os sinos bem soantes, nem os repiques alegres; senão que os homens o louvem com o som dos sinos e dos repiques. E porque não diz David, que louvem os instrumentos a Deus, senão que louvem a Deus os homens com os instrumentos? Porque nos instrumentos estão as vozes, nos homens está a intelligencia: e os louvores de Deus não se compõem só das vozes sem intelligencia, que estão nos instrumentos; senão da intelligencia junta com as vozes, que está nos homens.

---

[1] *1.ª ad Cor.*, XIV, 8.
[2] *Psalm.* CL, 3.
[3] *Ibid.*, 4.

VII

De tudo o que até aqui temos disputado e discorrido, parece que já fica resoluta, e fóra de controversia a nossa questão dentro dos termos, em que a propuzemos: não entre o Breviario e o Rosario absolutamente, e para todos; mas em respeito daquelles pessoas sómente, a quem falta a noticia e pratica da lingua latina, bastante a entender o Officio ecclesiastico. E para que o devoto femineo sexo conheça quão recta, e desinteressada é a tenção, com que tenho advogado pela justiça desta causa: e não pareça que dissimulo, e passo em silencio o argumento, e exemplo que mais favorece a sua parte; quero acabar, pondo em campo por ella, vestidas de differentes habitos e insignias, todas as Religiosas de todas as nações catholicas, as quaes tambem geralmente não sabem mais que a sua lingua, e comtudo usam do Breviario Romano, e rezam o Officio ecclesiastico na lingua latina. Logo se por preceito da Igreja universal, e pelos estatutos particulares das suas Religiões são obrigadas ás mesmas Horas canonicas na mesma lingua latina, que não entendem, (e não se póde dizer que este uso não seja muito santo, ou contenha alguma imperfeição:) segue-se, que o mesmo podem fazer, e tão louvavelmente, como ellas, todas as que não são Regulares. A consequencia parece forçosa; mas respondo, que nem se segue, nem seria tão louvavel.

As muitas razões, que a Igreja Catholica tem, e teve desde seu principio, para no Officio ecclesiastico, como tambem nas Escripturas Divinas, na Missa, e nas Fórmas dos Sacramentos não usar das linguas vulgares, senão na latina, se reduzem principalmente a duas. [1] A primeira pela magestade das coisas sagradas, e culto divino, que nos ouvidos, e entendimentos dos rudes podia perder parte da reverencia e estimação, e ficar exposto a muitas interpretações, não só indignas, mas erradas. A segunda, porque sendo a Igreja Catholica uma só, tambem convinha, que a lingua, de que uzasse em todas as partes do

[1] Bellarm. Libr. 2.º de Verbo Dei. Soares. de Relig. tom. 2.º libr. 2.º cap. 5.

mundo, fosse assim mesmo uma, e essa a mais commum e universal, que é a latina. E posto que no Officio ecclesiastico tenham obrigação de a saber os homens, a quem é mais facil, e não as mulheres; comtudo, para que em todos os Coros publicos se guardasse a mesma uniformidade, foi mais conveniente, que tambem ellas rezassem na mesma lingua. De nenhum modo porém se segue, que seria egualmente louvavel este uso nas que não são Regulares. Porque esta é a differença, que ha entre as coisas, que se fazem por obrigação e preceito, em que o legislador attende ao bem commum, ou por eleição propria, e livre, em que cada um deve attender ao bem e conveniencia particular. E desta mesma differença se conclue, que nunca as que não são Regulares rezando o mesmo Officio egualariam o merecimento das Regulares; porque nestas supre a obrigação e obediencia, o que naquellas perde a propria vontade, e eleição, quando é melhor o que deixam, que o que escolhem.

E' doutrina de S. Paulo, que sempre se deve escolher o melhor: *Æmulamini charismata meliora.* E não era necessario para isso a sua auctoridade, porque assim o ensina a prudencia, e dictame natural da razão. Quando a escolha é entre o mal, e o bem, ha se de escolher o bem, e deixar-se o mal: mas quando é entre o bom, e o melhor (como a nossa) ha se de escolher o melhor, e deixar-se o bom. Esta verdade ditada pela natureza, e canonizada pela fé, é a que eu pretendi persuadir em todo este discurso. Rezar o Breviario, ainda que se não entenda, sempre é bom, porque é acto de religião, e culto divino, e modo geral de honrar, e venerar, e louvar a Deus. Rezar porém o mesmo Breviario entendendo-o, é melhor, e muito melhor; porque além deste culto geral, logra as vantagens do sabôr, do fructo, e dos affectos particulares, que estão encerrados na intelligencia das palavras, a que Santo Thomaz, e todos os Theologos, assim escolasticos, como asceticos, chamam pasto espiritual da alma, do qual em proprios termos dizia David: *Sicut adipe, et pinguedine repleatur anima mea: et labiis exultationis laudabit os meum.* [1] E como entre o bom, e melhor do Breviario rezado com intelligencia, ou sem ella, ha tão grande

[1] *Psalm.* LXII, 6.

differença: que fará uma mulher, que o não entende, para conseguir o melhor? Aqui se vêm os grandes privilegios da Religião. Se é Religiosa, não póde deixar o Breviario, nem o deve trocar: mas se não é Religiosa, deve-o deixar, e trocal-o pelo Rosario. E porque? Porque na Religiosa o que por si é sómente bom, por virtude da obediencia sóbe a ser o melhor, e na que não é Religiosa, que obra pela propria eleição, e não por obediencia, o que é sómente bom, não póde passar a ser melhor, senão trocando-se. E a troca deve ser do Breviario em Rosario, porque é trocar o que não entende pelo que entende, como tão largamente deixamos provado.

Por fim, póde haver alguma devota tão devota, que reze, ou queira rezar uma e outra coisa, o Breviario, e mais o Rosario. Mas tambem não approvo esta concordata, porque seria abarcar muito, e apertar pouco. E' o improperio que o Propheta Aggéu lançava em rosto aos que de grande seara colhem pouco grão: *Seminastis multum, et intullistis parum.* [1] Um só mysterio de Christo, uma só clausula do Padre Nosso basta para meditar toda a vida, quanto mais o Rosario inteiro. Em nossos dias houve dois varões santos, um secular, outro religioso, nesta America: um, que gastou tres annos em dizer a cada respiração, *Fiat voluntas tua:* e outro que eu conheci, e tratei, o qual desde a meia noite até o sahir do sol, tinha seis horas de oração de joelhos, meditando em uma só chaga de Christo crucificado. [2]

E se o meu pouco espirito não tem bastado para mostrar bem este melhor e persuadir esta troca; espero por fim, que baste a auctoridade da mesma Senhora do Rosario, e que não haverá devoção alguma tão pertinaz, ou juizo tão teimoso, que se atreva a resistir á força de suas divinas palavras. O segundo prégador depois do patriarcha S. Domingos, escolhido pela mesma Virgem Santissima para restaurador da devoção do seu Rosario, que, como todas as coisas boas, com o tempo se ia esfriando e diminuindo, foi o beato Alano, tão filho do mesmo Santo patriarcha no espirito como

---

[1] Aggeu, I, 6.

[2] Gregorio Lopes, secular, no Mexico. João Adriano, Religioso da Companhia de Jesus.

imitador do zelo. Appareceu-lhe pois a Soberana Rainha dos Anjos, e encarregando-lhe, que para remedio e reformação do mundo tornasse de novo a prégar e promulgar o Rosario, as razões que accrescentou por sua bocca sacratissima, para que elle em seu nome as inculcasse a todos, foram estas: *Siquidem hoc genus orandi promptum, ac facile, est mihi gratissimum, ad impetrandam Divinam misericordiam accommodatissimum, populis salutare, et contra quævis adversa præsens auxilium.* Porque este genero de orar prompto e facil, é para mim (diz a Senhora) o mais agradavel de todos, para alcançar a misericordia divina o mais accommodado, e para os povos o mais util e saudavel, porque nelle têm o mais efficaz remedio e soccorro contra todas as adversidades. Todas estas prerogativas da devoção do Rosario, e pronunciadas por tão divino Oraculo, a fazem digna de summa estimação. Mas a que no nosso caso se deve ponderar e venerar sobre todas, é dizer a mesma Senhora do Rosario, que este modo de orar, por ser prompto e facil, lhe é, não só agradavel, mas em grau superlativo gratissimo: *Siquidem hoc genus orandi promptum, et facile, est mihi gratissimum.* Que quer dizer, *promptum, et facile*, senão, ordinario, vulgar, e de grande facilidade, sem machina de rubricas para o ordenar e acertar, nem outra lingua mais que a propria para o entender? Isto é o que nota e preza a Senhora das Senhoras no seu Rosario, para que se emendem do seu juizo, da sua eleição, as que por ordinario e vulgar, trocam este genero de orar por outro. Não sejam como Naaman Syro, [1] que sobrelevado da sua qualidade e grandeza, desprezou o remedio do Jordão, por facil e vulgar a todos. E se querem agradar á Rainha do céu, como affectam ás da terra, conformem-se com o modo de orar, que lhe é gratissimo: repetindo muitas vezes em vulgar, *Ave Maria cheia de Graça*, como a Oradora do Evangelho lhe disse tambem em vulgar: *Beatus venter, qui te portavit.*

---

[1] *4.º Livr. dos Reis*, v, 2 e seg.

SERMÃO VIGESIMO TERCEIRO

COM O SS. SACRAMENTO EXPOSTO

Booz autem genuit Obed ex Ruth. [1]

I

A Virgem Maria Senhora nossa, no seu Divino Cantico da *Magnificat* affirma de presente e prophetiza de futuro, que aos pobres enche Deus de bens, e aos ricos deixa vasios: *Esurientes implevit bonis: et divites dimisit inanes.* [2] Na roda do hortellão e nos vasos de barro, que com ella vão dando a mesma volta, não vêdes como os vasios descem, e os cheios sobem, e logo os vasios se enchem, e os cheios ficam vasios? Pois isto mesmo é o que faz (diz a Senhora) não a roda, que vós chamais da fortuna, mas a constante disposição da Providencia Divina: *Esurientes implevit: Divites dimisit inanes.*

Em muitos exemplos dos seus ascendentes nos pudera provar a Virgem Maria a variedade ou providencia desta mesma roda; mas em nenhum melhor que na historia de Ruth, que tomei por thema: *Booz autem genuit Obed ex Ruth.* [3] Era Ruth nora de Noemi (não cuideis que o digo por equivoco) e assim como Noemi disse de si: *Egressa sum plena, et vacuam reduxit me Dominus:* [4] que é o *Divites dimisit inanes:* assim Ruth, com os termos e a fortuna trocada, estando pobre e faminta e verdadeiramente *vacua*, Deus a encheu de tantos bens e de tanta abundancia e fartura, que com

---

[1] *Math.*, I.
[2] *Luc.*, I, 53.
[3] *Math.*, I, 5.
[4] *Ruth.*, I, 21.

maior verdade se póde chamar *plena: Esurientes implebit bonis.*

Os bens, de que falla neste logar a Soberana Rainha, como Mãe de misericordia, são os bens temporaes e da terra, necessarios ao sustento da vida humana. E destes, como remedio da pobreza e fartura dos que padecem fome, determino eu tratar hoje: para que se não queixe, ou cuide o corpo, que só sobre os espirituaes, e da alma, tem virtude e poder o Rosario.

Quando a Providencia e Benignidade divina lançam a benção sobre a terra, e é fertil e abundante a novidade, chama David á fertilidade dos campos corôa do anno: *Benedices Coronæ anni benignitatis tuæ: et campi tui replebuntur ubertate.* [1] E' a mesma figura, com que os poetas elegantemente pintam a primavera coroada de flôres, e o verão coroado de espigas. Assim pintou estas duas partes do anno o mais engenhoso de todos os poetas na descripção do palacio do sol. O verão coroado de espigas:

Stabat nuda Æstas, et spicea serta gerebat:

A primeravera coroada de flôres:

Verque novum stabat cinctum florente corona. [2]

E estas duas corôas, com que o anno se corôa em differentes mezes, temos hoje juntas em o mesmo dia. No Evangelho com Ruth coroada de espigas: na festa com o Rosario coroado de flôres.

E não é isto mesmo a solemnidade da Senhora do Rosario com o Santissimo Sacramento exposto? Sim é. No dia em que Christo nasceu em Belem (que quer dizer casa de pão) appareceu no céu um sol coroado de espigas: e no dia em que a Virgem Santissima o concebeu em Nazareth (que quer dizer florida) appareceu a aurora do mesmo sol coroada de rosas. Tudo isto se viu então dentro naquelle mesmo anno, em que a benignidade do céu mais que nunca choveu bençãos sobre a terra: *Benedices coronæ anni benignitatis tuæ:* e tudo (porque tudo tambem era prophecia) se vê junto

---

[1] *Psalm.*, LXIV, 12.
[2] Ovidius, Metamorph. libr. 2.º

hoje nos dois mysterios santissimos, em que se encerram tantos mysterios, o Rosario e o Sacramento.

E se agora me perguntaes ou esperaes vêr o fim desta tão natural combinação daquelle anno com este dia; digo, que não é para o fim geral da correspondencia de ambos os mysterios, que por tantos modos temos declarado e ainda declararemos mais. Mas, como disse ao principio, para remedio da necessidade dos pobres e para fartura dos que padecem fome. Ruth antes de ser mulher de Boóz recolhendo as espigas que cahiam das mãos aos seus segadores, foi pobre e faminta: e a mesma Ruth depois de tão altas e tão opulentas bodas, por beneficio das mesmas espigas, não só se coroou a si, mas deu corôas a seus descendentes: *Booz autem genuit Obed ex Ruth. Obed autem genuit Jesse. Jesse autem genuit David Regem.* [1]

Comparando pois as rosas do Rosario com as espigas de Ruth: o que havemos de vêr, é: que assim como Ruth em figura remediou a sua pobreza pela devoção do Sacramento; assim todos os que forem pobres, remediarão em realidade as suas pela devoção do Rosario. E sendo certo, como nos ensinou a Mãe de Deus, que a misericordia do mesmo Deus, *Esurientes implevit bonis:* e a sua justiça, *Divites dimisit inanes:* não só pertence esta virtude do Rosario aos pobres, senão tambem aos ricos. Aos pobres, porque são pobres; e aos ricos porque o pódem ser. Não peço attenção para este discurso; porque sendo dos bens temporaes, é materia a que todos sempre estão mui attentos.

Ave Maria, etc.

II

No palacio d'El-rei Dario, emquanto elle dormia, tres guardas-móres da pessoa real, que lhe vigiavam o somno, philosophando, ao que parece, sobre o socego com que descançava aquelle grande monarcha, sem o disvellar o governo de cento e dezoito reinos, de que era senhor, excitaram entre si aquella famosa questão, que refere Esdras: Qual fosse a mais poderosa

[1] *Math.*, I, 5.

coisa do mundo? Despertou o rei e lendo a questão, que os mesmos auctores della lhe tinham posto escripta debaixo dos travesseiros, prometteu grandes premios a quem melhor a resolvesse. Um disse, que a mais poderosa coisa do mundo é o rei; porque os reis podem quanto querem e ainda que queiram o que não podem, ninguem ha que lhes resista, tudo executam e conseguem. Outro disse, que mais poderoso é o vinho; porque á força saborosa deste licôr se rendem muitas cabeças coroadas: e o pudera provar com a de Noé, da qual fiou Deus o governo e restauração do mundo, e não areando na maior tempestade, que foi a do diluvio, o vinho o derrubou. O terceiro finalmente, que era Zorobabel, disse, que mais poderosa é a mulher, e o provou com um notavel exemplo de certa mulher chamada Apemen, bastando o primeiro de todos, que foi o de Eva. Mas não contente com esta resolução, em que manifestamente venceu as dos companheiros, accrescentou e concluiu, que a mais poderosa coisa do mundo é a verdade: *Veritas magna et fortior præ omnibus.* [1]

Esta ultima sentença approvou o rei: esta foi applaudida de todos com publicas acclamações: *Et omnes populi clamaverunt et dixerunt: Magna est Veritas et prævalet:* e esta segui eu e tive por certa muitos annos; porque com este grande conceito da verdade na cabeça me nasceram e cresceram nella as cãs em todas as partes da Europa. Porém, depois que passando a este mundo novo vejo de mais longe o velho; tenho achado por experiencia, que muitas vezes mais poderosa é a mentira que a verdade. Não se póde isto dizer sem escandalo da razão e horror da mesma natureza; mas não se póde negar. E porque? Porque a mentira é crida e acreditada e a verdade não tem fé, nem credito: a mentira escusa os culpados e a verdade não póde defender os innocentes: a mentira é absolta sobre sua palavra e a verdade condemnada sem ser ouvida: a mentira profana sacrilegamente a Religião e o Sacerdocio e á verdade não lhe vale sagrado: emfim, a mentira que devera ser pizada, traz debaixo dos pés a verdade; e a verdade, de quem se diz que nada sobre tudo, se vê tão sossobrada e afogada da violencia, que

---

1 *3.º Livr. de Esdras*, IV, 35.

nem respirar póde. E posto que os juizes sejam rectos, ou o queiram parecer, é tal o enredo dos testemunhos com o odio, ou com o temor, ou com a dependencia, ou com a lisonja, ou com tudo; que a mentira é a que vence e a falsidade a que triumpha. Assim que muitas vezes a mentira hoje no mundo é mais poderosa que a verdade. Assumpto que eu pudera provar com exquisitos e formidaveis exemplos, senão fôra outro o meu intento.

Supposto pois que na nossa experiencia, por abuso, seja mais poderosa a mentira que a verdade; e na sentença de Zorobabel, por razão, seja mais poderosa a verdade que todo outro poder: segue-se por ventura daqui, que a coisa mais poderosa do mundo, ou bem, ou mal governado, seja qualquer dellas? Não. Por que ainda ha no mundo outra coisa mais poderosa. E qual é? A necessidade, a pobreza, a fome, a falta do necessario para o sustento da vida, é o mais forte, o mais poderoso, o mais absoluto imperio, que despoticamente domina sobre todos os que vivem. Não ha coisa tão difficultosa, tão ardua, tão repugnante á natureza, a que a não obrigue, a que a não renda, a que a não sugeite, não por vontade, mas por força e violencia, a durissima e inviolavel lei da necessidade. A necessidade é que leva o soldado á guerra e a escallar as muralhas, onde vendo cahir uns a ferro e voar outros a fogo, avança com tudo e não desmaia. A necessidade é a que engolfa o marinheiro nas ondas do Oceano: ellas com os naufragios á vista e elle com tal ousadia, que mettido dentro em quatro taboas, se atreve a pelejar, não só com os ventos e tempestades, mas com todos os elementos. A necessidade é a que mette, ou precipita o mineiro ao mais profundo das entranhas da terra e sem temôr que as mesmas montanhas, que tem sobre si, caiam e o sepultem, elle lhe vae cavando as raizes e sangrando as veias. Finalmente com mais ordinario e geral desprezo da vida e da saude, quem faz que o lavrador não tema os regélos do inverno, nem o segador as calmas ardentes do estio, nem o pastor os dentes do lobo e do urso e em muitas partes as unhas do leão e do tigre, senão a necessidade? E posto que uns e outros tantas vezes perecem em tão conhecidos perigos; a mesma necessidade com implicação manifesta da propria conservação, é a que para sustentar a vida os obriga a per-

der a mesma vida. Até o pobre e atrevido ladrão, que desde o primeiro passo, com que salteou os caminhos, começou a caminhar para a forca, se ao pé della lhe perguntam, quem o trouxe a tão miseravel estado, responde com o laço na garganta, que a necessidade. E para que ninguem se admire deste grande poder da necessidade sobre todos, a razão é, diz o proverbio, porque todos os outros poderes são sujeitos ás leis e só a necessidade não tem lei: *Necessitas caret lege.*

Assim como os sabios dos Persas e Médos deram o principado do poder á verdade, assim os Gregos e Latinos, mais sabios que elles, sobre a mesma controversia, o deram ao amôr. Estes disseram: *Omnia vincit amor:* e não houve nação tão dura e barbara, que se não assignasse, ou alistasse debaixo desta sentença. Mas se no mesmo caso concorrer o amôr e a necessidade, quem vos parece, que ha de vencer? Claudiano disse:

Paupertas me sæva premit, blandusque Cupido:
Sed toleranda fames, non tolerandus amor.

Quer dizer, que apertado um homem por uma parte da fome e por outra do amôr, com a fome ser cruel e o amôr brando, a fome é toleravel e o amôr não. Eu creio, que quando este poeta isto escreveu, devia de ter bem comido e tambem bebido. Em dizer, *Sed toleranda fames, non tolerandus amor*, não soube o que disse. Havia de dizer pelo contrario, *Sed tolerandus amor, non toleranda fames.* Porque quando concorrem juntos o amôr e a fome, a fome triumpha do amôr e vence o que tudo vence. E senão, ponhamos ambos em campo e vejamos, qual leva a victoria.

Padecia-se grande fome nas terras de Canaan, quando Jacob, para remedio della, de onze filhos que tinha, mandou os dez ao Egypto. Trouxeram pão para alguns dias, com obrigação de levarem tambem o filho undecimo, que era Benjamin, quando fossem buscar mais. Era Benjamin o mimo e amôr de Jacob: e não se podem crêr os extremos que elle fez, para não apartar de si o filho, que unicamente amava. Instavam os irmãos e a todas as instancias respondia e satisfazia o pae: até que finalmente o apertaram com uma, a que não teve solução nem resposta e se deu por ven-

cido. E qual foi esta? A da necessidade. Em quanto durou o pão, esteve forte Jacob: mas tanto que se foi acabando aquelle fiador da vida e lhe disseram os filhos, que elles e seus netos morreriam todos á fome, se não levassem a Benjamin; cedeu o amôr á necessidade e venceu a necessidade o amôr. Assim o disse em proprios termos o mesmo Jacob; *Si sic necesse est, facite quod vultis:* [1] já que assim o pede a necessidade, fazei o que quizerdes. O qué quizerdes, diz e não o que eu quero: porque eu não quizera apartar de mim o unico filho, que tanto amo: mas a minha vontade e o meu amôr é força que se deixe vencer da necessidade. E' ponderação de S. João Chrysostomo, o qual nos encommenda, que reparemos nella: *Vide nunc, quomodo necessitas patris amorem vincit:* Reparae neste caso e vêde como a necessidade vence o amôr do pae. O amôr dos paes é o mais forte de todos: e nenhum pae amou mais que Jacob, nem houve filho mais amado que Benjamin. Porém á vista da necessidade e da fome, aparte-se o pae do filho e o filho do pae, rompam-se os corações de ambos com dôr, chore a ausencia, suspirem as saudades, renda-se violentado o amôr, e a necessidade triumphe: *Si sic necesse est, facite quod vultis.* Mas que muito é, que ao amôr do pae, para dar de comer aos filhos, vencesse a necessidade e fome de Canaan, se na fome de Samaria e de Jérusalem, venceu tanto a necessidade o amôr das mães, que chegaram a comer seus proprios filhos? [2]

III

Estes ultimos exemplos poucas vezes vistos, são o que com maior horror da natureza encarecem o poder e violencia da necessidade: mas os que cada dia acontecem, não são menos feios, menos tristes, nem menos para temer. O primeiro effeito, ou consequencia da necessidade, é o desprezo da honra, o segundo a destruição da virtude. E ponho em segundo logar a destruição da virtude; porque o muro da virtude é a honra, e der-

[1] *Gen.*, 43, 11.
[2] *4.º Livr. dos Reis*, VI, 25 e seg. e *Thren.*, II, 20.

rubado este muro, a virtude que elle defendia, facilmente se rende. Quem se não envergonha dos homens que vê, facilmente perde o respeito a Deus, que não vê. Os Romanos, para a emulação, de tal sorte edificaram os templos da honra e da virtude, que pelo da virtude se entrava ao da honra: e o demonio, para a tentação, primeiro bate o da honra, para derrubar o da virtude. Por isso sendo todo o peccado offensa de Deus e crime de Lesa Magestade Divina; introduziu o mesmo demonio no mundo, que alguns peccados não fossem infames, para que tirado o temôr da deshonra, ficasse facilitado o precipicio da culpa. Aberta pois a primeira brecha no muro da honra, apenas se acha virtude tão constante, que sitiada da necessidade e apertada da fome, pela triste condição sómente de ter com que sustentar a vida, não renda a consciencia e alma a tão infame partido. Esta é a razão conhecida até dos gentios, porque Virgilio, quando descreveu o portico e entrada do inferno, adornado feamente daquelles monstros horrendos, collocou tambem entre elles a pobreza e a fome:

Malesùada Fames et turpis Egestas. [1]

A' fome chamou *Malesuada* e á pobreza *Turpis;* porque não ha vicio nem maldade, que a fome não persuada nem torpeza ou infamia, que a necessidade e pobreza não facilite.

Vamos á Escriptura Sagrada, em que no Velho e Novo Testamento desta mesma fome e desta mesma pobreza temos dois admiraveis reparos e ambos em dois descendentes da nossa Ruth, David e o Filho de David, Christo. Jejuou Christo no deserto quarenta dias e em todo este tempo não o tentou o demonio. No fim do jejum teve o Senhor fome: *Postea esuriit:* [2] e no mesmo ponto diz o Evangelista, que o demonio se chegou a elle e o tentou: *Et accedens tentator.* [3] Pois se o tentador, que não só era demonio, senão o maior de todos

[1] Virg. *Eneida,* Cant. 6.º
[2] *Math.,* IV, 2.
[3] *Ibid.,* 3.

os demonios, em quarenta dias se não atreveu a chegar a Christo, antes o temia e fugia delle e retirado, estava observando sómente a prodigiosa abstinencia daquelle Homem: como agora e logo no mesmo ponto, em que reconheceu que tinha fome, se atreveu a o accommetter e tentar? Porque é tão natural effeito da fome o enfraquecer a virtude, que até um Santo tão forte, tão constante e tão milagroso, que póde passar sem comer quarenta dias, entendeu o demonio, que apertado da fome não poderia resistir á tentação. S. Basilio: *Sentiens diabolus, quia ubi fames, ibi imbecillitas, aggreditur ad tentandum.* Fez o demonio, diz S. Basilio, este discurso: Onde ha fome, ha fraqueza; pois agora é o tempo de tentar este homem, posto que tão milagroso; porque se a fome o tem meio rendido, a tentação o acabará de vencer. Elle bem deve de conhecer, que sou eu o demonio; mas um homem com fome e sem remedio, ainda que o comer, que se lhe offerece, seja dado pelo demonio, ha de o acceitar.

Assim animado o tentador, fez descobertamente o tiro e o que disse a Christo, foi: *Si Filius Dei es, dic ut lapides isti panes fiant.* [1] Com muita razão argue aqui S. Pedro Chrysologo ao demonio, de que quiz tentar e não soube: *Cupis tentare, sed nescis.* A primeira coisa, que o demonio disse, foi a primeira que havia de callar. Vem cá, demonio ignorante, queres render e derrubar a este mesmo Homem, a quem tentas e trazes-lhe á memoria o ser filho de Deus: *Si filius Dei es?* Não sabes que o maior brio e o maior empenho de um homem de alto nascimento, para não commetter indignidades, nem vilezas, é lembrar-se da nobreza de seus paes e não querer pôr mancha na sua geração? Assim é (diz o demonio) mas isso se entende quando o filho de bons paes tem que comer. Porém quando está com fome e se vê apertado da necessidade, nem faz caso de paes, nem se lembra de gerações, nem olha para as manchas da honra, nem para o credito e reputação da pessoa, a tudo fecha os olhos, com tanto que tenha com que sustentar a bocca. Assim o cuidou o demonio de Christo: e se nelle se enganou, não se enganou em Esaü, nem em Jonathas, nem no Prodigo e infinitos outros. A regra geral é: *Ubi fames, ubi imbe-*

[1] *Math.*, IV, 3.

cillitas: e assim como á fome se segue a fraqueza, assim á fome de muitos dias, muitas fraquezas.

O outro descendente e mais chegado de Ruth, foi David. E que nos dirá de si aquelle valente de Deus, que com as mãos desarmadas despedaçava leões e com uma pedra derrubava gigantes? Diz, o que ninguem pudéra imaginar, porque diz assim: *Infirmata est in paupertate virtus mea et ossa mea conturbata sunt:* [1] na minha pobreza enfraqueceu-se a minha virtude: e chegou a fraqueza a tanto, que até os mesmos ossos me derrocou. Quem pudera imaginar de David duas taes coisas, pobreza e fraqueza? Nem a pobreza diz bem com um rei, nem a fraqueza com um homem tão valente. Mas em tudo fallou David como quem bem se conhecia como homem e muito melhor ainda como rei. Só estranhará o nome de pobreza nos reis, quem não sabe, que os reis são mais pobres que os vassallos. Não é mais pobre quem tem menos, senão quem necessita de mais. E ninguem tem mais necessidade, nem maiores necessidades, que os reis. Necessidade de fabricar armadas, necessidade de fornecer exercitos, necessidade de fortificar praças e presidiar fortalezas, necessidade de salarear ministros nos reinos proprios, necessidade de manter e auctorizar embaixadores nos estranhos, necessidade de sustentar com decencia, apparato e magnificencia real a propria magestade, e mil necessidades outras publicas e occultas, das quaes pedia o mesmo rei a Deus o livrasse: *De necessitatibus meis erue me:* [2] e cercada, antes opprimida de tantas e tão forçosas necessidades a falsa potencia e verdadeira pobreza dos reis: Vêde a quantas quebras de consciencia e a quantas fraquezas de virtude estará exposta: *Infirmata est in paupertate virtus mea?* Fraqueza nos mesmos tributos e subsidios necessarios, tolerando que carreguem sobre os pequenos e miseraveis e que fiquem isentos os grandes: fraqueza nas doações inofficiosas e indevidas, não se pagando no mesmo tempo, o que se deve aos legitimos acredores: fraqueza nas chamadas graças feitas prodigamente aos que a logram de perto, esquecidos os que servem e trabalham ao longe: fraqueza na observancia

[1] *Psalm.*, XXX, 11.
[2] *Ibid.*, XXIV, 17.

e dissimulação das leis com os poderosos: fraqueza na egualdade da justiça: fraqueza no verdadeiro e desinteressado exame das causas: fraqueza na attenção ao luxo e regalo, para que tudo sobeja: fraqueza no descuido da conservação do que se perde, para que tudo falta: e tantas outras fraquezas de virtude que ainda nos reis, que parecem timoratos, mais se podem chorar, que dizer.

Isto confessava David de si no tempo em que era rei. Mas antes de cingir a corôa e depois que seu proprio filho lh'a tirou da cabeça, em que a sua pobreza foi mais manifesta; tambem não faltaram fraquezas á sua virtude. No tempo em que servia a El-rei Achis, [1] faltando á fé da hospitalidade roubava os vassallos do mesmo rei e para que se não soubesse, matava a todos; o que não podia fazer licitamente, porque a sua auctoridade ainda era privada. No tempo, em que andava escondido de Saül, [2] porque Nabal Carmello, lavrador grosso, o não quiz soccorrer, deliberou e jurou, que a elle e a todos os de sua casa havia de tirar a vida e pôr o fogo a quanto possuia. No tempo em que fugia de Absalão, [3] por um presente, com que Siba, criado do principe Isbozeth, lhe sahiu ao caminho, sem mais informação que a sua, lhe deu todos os bens do seu senhor. E o peor e mais é, que depois de lhe constar da innocencia de Isbozeth, devendo mandar enforcar a Siba como ladrão e falsario, para não emendar de todo o que tinha feito, mandou que o ladrão e o roubado, partissem entre si os bens. Não consta das Escripturas a restituição desta injustiça; mas como notam todos os Theologos e Expositores, é certo, que depois a fez David; porque d'outro modo não se salvaria. Tanta razão e tantas razões teve este heroe, por tantas outras qualidades grande, para dizer e confessar que na sua pobreza enfraquecera a sua virtude: *Infirmata est in paupertate virtus mea.*

---

1. *1.º Livr. dos Reis,* XXXVII, 8 e seg.
2. *Ibid.,* XXV, 22.
3. *2.º Livr. dos Reis,* XVI, 1 e seg.

IV.

E se a força da necessidade e da pobreza, como accrescenta o mesmo David, lhe quebrantou e derrocou até os ossos: *Et ossa mea conturbata sunt:* se os ossos, que são a parte mais dura e mais forte do corpo, não podem resistir á força da necessidade, sem que ella os quebrante e descomponha: que se póde esperar da carne fraca? Se um homem tão valente como David e tão forte como significa o seu proprio nome, opprimido da pobreza e apertado da necessidade, cae em tantas e taes fraquezas: que fará a triste mulherzinha, que confessando as suas com infinitas lagrimas e desculpando miserias com miserias, juntamente se accusa a si e a sua pobreza? Que fará (digo outra vez) a triste mulher, que perdida a honra e a consciencia, e admoestada do perigo da sua alma e reconhecida delle, protesta que deseja levantar-se do lodo em que está cahida; mas que não tem remedio, porque o pezo da necessidade lh'o não permitte? Isto dizem as mães, isto as filhas, e só lhes falta dizer com Cassiodoro, que a mãe de todas as culpas é a necessidade: *Mater criminum necessitas.* Tambem ha homens, e não poucos, que indigna e cobardemente se valem da mesma culpa. Mas esta, que homens e mulheres chamam falta de remedio, não é falta de remedio, senão de fé. *Justus meus ex fide vivit.* [1] Diz o Espirito Santo: Tende fé e não vos faltará com que viver. Nos mesmos mysterios da fé, em que a Providencia Divina nos deu os meios para conseguir a vida eterna, nos deixou tambem os remedios para sustentar a temporal. Oiçam agora os pobres e as pobres, os necessitados e as necessitadas: e assim como viram os effeitos da pobreza e da necessidade (que por isso me detive tanto em os ponderar) assim verão a efficacia e facilidade dos remedios e que não por falta, ou difficuldade delles, mas por falta de fé, e por sua culpa, padecem a pobreza, a necessidade e a fome, com que se desculpam. E que remedios são estes? Já disse e prometti no principio, que eram o Sacramento e o Rosario. Isto é o

[1] *Hebr.*, x, 38.

que agora havemos de vêr e do novo peço a Deus e á Virgem Santissima, me assistam com sua graça, não tanto para declarar esta verdade tão certa e tão importante, quanto para a persuadir.

V

O primeiro remedio pois da pobreza, da necessidade e da fome, é o Divinissimo Sacramento, que temos presente, o qual tambem por isso se expõe aos nossos olhos debaixo de especies de pão. Para abundantissima prova desta verdade nos deixou o mesmo Christo o primeiro exemplo em Ruth, avó de David, de quem se dignou tomar a mesma carne e sangue, com que nos sustenta no Sacramento. Ruth quer dizer, *Satiata*, a farta. E se lermos o principio da sua historia, antes parece, que se havia de chamar a faminta. Era tão pobre Ruth, que não tendo com que sustentar a vida, e como dizemos, com que matar a fome, quando os segadores de Booz iam segando a sua seára, ella os seguia de traz recolhendo as espigas, que ficavam: porque era lei de Deus que as podessem tomar para si os pobres. E que espigas eram estas, ou que significavam? Os Expositores allegoricos dizem que eram figura do Santissimo Sacramento. E para que ninguem duvide da exposição, o mesmo Christo quiz ser o expositor e o declarou milagrosamente. No anno de nossa Redempção de quinhentos e treze, durava ainda em algumas partes o uso da primitiva Igreja, em que os christãos levavam por casa o Santissimo Sacramento e o tinham, ou publica, ou occultamente, nos seus oratorios, para se encommendarem a elle e o commungarem. E como um catholico creado de um herege deixasse assim encerradas as Sagradas Particulas; indo o herege, ou com má tenção, ou só por curiosidade, a reconhecer o que o criado adorava: *Invenit* (diz o cardeal Baronio) *omnes illas species in spicas et aristas triticeas germinasse:* achou, que todas aquellas especies se tinham convertido em espigas de trigo, com que tambem o herege se converteu. Elle mesmo deu conta do milagre ao bispo e foram levadas as milagrosas espigas em procissão como triumpho da fé, com mil vivas e applausos dos catholicos, assombro e con-

fusão dos hereges, que naquelle tempo eram os Severianos.

Taes foram em figura as espigas, que colhia a pobre Ruth. Espigas que não tocadas da fouce, nem das mãos dos segadores e tomadas nas suas, representavam maravilhosamente o mysterio e segredo altissimo, com que Christo se deixou no Sacramento. A mesma Ruth, se bem se penetra o que disse, o declarou com notavel propriedade. Quando ella pediu licença a sua sogra Noemi, para ir recolher as espigas, o que disse com phrase particular e estranha, foi: *Et colligam spicas, quæ fugerint manus metentium:* [1] e colherei as espigas, que fugirem das mãos dos segadores. De maneira, que sendo a seára a mesma, a messe a mesma e o trigo o mesmo, umas espigas ficaram sujeitas á fouce, e ás mãos dos segadores e as outras fugiram das suas mãos: *Quæ fugerint manus metentium.* Vamos agora á propriedade do mysterio, que é admiravel. Christo Senhor nosso, como notou e ponderou S. Paulo, na mesma noite, em que se entregou a seus inimigos, instituiu o Santissimo Sacramento e debaixo das especies de pão se deu a seus Discipulos: *In qua nocte tradebatur, accepit panem: et gratias agens, fregit et dixit: Accipite et manducate: Hoc est Corpus meum.* [2] E com o mesmo reparo e advertencia, quando o Senhor disse: *Hoc est Corpus meum:* accrescentou: *Quod pro vobis tradetur:* o qual será entregue por vós: declarando, que o corpo que lhe dava a comer encoberto com as especies de pão, era o mesmo que naquella mesma noite havia de entregar nas mãos de seus inimigos. E porque foi necessaria esta declaração feita por S. Paulo a nós e por Christo aos Discipulos? Para que elles e nós soubessemos, que o mesmo corpo natural e visivel, que o Senhor havia de entregar nas mãos de seus inimigos, esse mesmo sacramentado e invisivel, escondendo-o debaixo das especies de pão, o livrava juntamente de suas mãos. Em summa, que o mesmo Christo na mesma noite se entregou a seus inimigos e fugiu delles. Entregou-se quando no Horto, dizendo: *Ego sum:* [3] se metteu voluntariamente nas suas mãos: *Et manus inje-*

[1] *Ruth*, II. 2.
[2] *1.ª ad Cor.*, II, 23 e 24.
[3] *Joan.*, XVIII, 5.

cerunt in Jesum: [1] e fugiu delles e de suas mãos na Ceia, quando escondendo-se debaixo das especies de pão, se poz em estado de o não poderem vêr, nem prender. E como o corpo de Christo sacramentado e sacramentando-se debaixo das especies de pão, por este modo se escondeu e fugiu das mãos de seus inimigos; estas são as espigas que Ruth colheu da seára, dizendo que recolheria sómente as que fugissem das mãos dos segadores: *Quæ fugerint manus metentium:* sendo propriissimamente os segadores aquelles que no corpo natural do mesmo Christo, começando pelo abraço de Judas, lhe cortaram a vida.

Provado pois, que estas primeiras e poucas espigas, que recolheu Ruth, foram figura tão propria e tão expressa do Santissimo Sacramento; vejamos como a ellas se seguiu naturalmente o augmento do pão e teve logo a pobre e faminta Ruth, com que remediar, sem outra diligencia, a sua pobreza e satisfazer abundantemente á fome. Accudiu ella á messe pela manhã (que são as horas em que se recebe o Santissimo Sacramento) e não eram chegadas as do meio dia, quando Booz, senhor da seára, veiu visitar os seus segadores. E que succedeu? Viu a modestia e compostura (como refere Lyrano) com que Ruth recolhia aquellas poucas espigas e movido, não só de piedade, mas de respeito e affeição natural, disse aos segadores, que de industria deixassem ficar e cahir outras das que já tinham segado e levavam nas mãos, para que ella sem pejo as podesse colher: *De vestris quoque manipulis projicite de industria, ut absque rubore colligat.* [2] Oh admiravel efficacia daquelle Divino Pão ainda em sombras! De sorte, que para soccorrer abundantemente a pobreza e fartar a fome dos que o buscam, não espera o nosso trabalho, nem a nossa industria, mas sendo a necessidade propria, a suppre com a industria alheia: *Projicite de industria, ut absque rubore colligat.* Reparae muito tambem no *Absque rubore.* Aos outros pobres sustenta-os a Providencia Divina, mas com aquella dura pensão, que traz comsigo o pejo natural de chegar a pedir. Mas aos pobres, que se valem das migalhas daquella soberana Mesa, tambem desta pensão

---

[1] *Math.*, XXVI, 50.
[2] *Ruth*, II, 16.

os livra e lhe dá o pão sem ella: *Ut absque rubore colligat.* Chegou emfim a tarde, não de outro senão do mesmo dia, bateu Ruth e alimpou das arestas o grão, que tinha colhido; e medido, eram tres alqueires daquella terra: *Collegit ergo usque ad vesperam: et invenit tres modios.* [1] Quem cuidára o que nem a mesma Ruth imaginou, que o pão não semeado havia de crescer tanto em um só dia, que a mesma pobre e faminta, que pela manhã o colhia espiga a espiga, á tarde o medisse aos alqueires? Mas assim cresce e se augmenta o pão da terra, a quem se vale do Pão do céu.

VI

Com muita razão se chamou esta mulher Ruth (que, como já dissemos, quer dizer, *Satiata*, a farta) sendo este nome tão contrario á sua pobreza e á sua fome: porque assim como ella achou a fartura e abundancia na sombra e figura sómente daquelle Divino Pão; assim prophetizou Isaias, trezentos annos depois, que a teriam mais certa e mais abundante na Lei da graça, os que recorressem, não só á realidade, mas á realeza do liberalissimo Auctor de todos os bens, que naquella mesma figura se representava. No Capitulo trinta diz duas coisas notaveis o propheta Isaias, e tão differentes e oppostas, que ou elle, ou ellas, parece se contradizem. A primeira é, que na Lei da graça nos daria Deus o pão muito estreito e apertado: *Dabit vobis Dominus panem arctum:* [2] a segunda, e que logo se segue, que o pão seria abundantissimo e fertilissimo: *Et panis frugum terræ erit uberrimus et pinguis.* Pois se da mesma mão de Deus nos havia de vir este pão duas vezes promettido: como o primeiro, que se nos promette, é tão estreito e apertado e o segundo tão largo e abundante? Porque o primeiro pão, é o pão do céu, que Christo nos deu para alimento das almas; e o segundo, é o pão da terra, que o mesmo Senhor nos dá para remedio e sustento dos corpos. Por isso este segundo se chama nomeadamente pão da terra e o pri-

---

[1] *Ruth*, II, 17.
[2] *Isai.*, XXX, 20.

meiro não: *Et panis frugum terræ erit uberrimus.* [1] Mas se o pão do céu é tão largo, que toda a liberalidade Divina na sua maior largueza não tem mais que dar: se a sua esphera é tão ampla e tão capaz, que comprehende e encerra em si toda a immensidade de Deus: como se chama pão estreito e apertado: *Panem arctum?* Por isso mesmo. Porque como todo Deus (que é o que se come no Sacramento) sendo infinito e immenso, está reduzido áquelle breve circulo de pão e a qualquer parte delle; só alli está Deus estreitado e coarctado e por isso: *Panem arctum. Panis arctum est Eucharistia, vel Christus in ea:* diz Cornelio. Não é logo contradição de uma e outra promessa, senão consequencia natural e effeito proprio da primeira, que depois de Deus nos prometter a estreiteza do primeiro pão, nos assegura logo a largueza do segundo. Não é maior maravilha estreitar Deus a sua immensidade, que alargar a sua liberalidade? Pois esta é a abundancia do pão da terra, que Deus nos promette, depois que nos deu o pão do céu: para que todos os que padecem necessidade, pobreza e fome, recorram a buscar a fartura, onde o pão está convertido em Deus e Deus não mostra aos olhos mais que o pão.

Deus no Sacramento dá-se egualmente a pobres e ricos; mas aos pobres com uma grande differença; porque aos ricos dá-se debaixo dos accidentes de pão sómente: porém aos pobres não só se dá debaixo dos accidentes de pão, mas dá-lhes tambem a substancia, senão em si, nos effeitos. Excellentemente conheceu e declarou esta differença o Real Propheta no Psalmo vinte e um, que todo é de Christo (e não só o mesmo Psalmo, senão tambem esta intelligencia delle é de fé) fallando o Propheta do mesmo Senhor em quanto sacramentado, diz, que os ricos o comerão e adorarão: *Manducaverunt et adoraverunt omnes pingues terræ:* [2] e que os pobres o comerão e se fartarão: *Edent pauperes et saturabuntur.* [3] A differença não póde ser mais clara, nem tambem a duvida. Se os ricos e os pobres comem o mesmo Christo sacramentado debaixo dos accidentes

---

[1] *Isai.*, XXX, 23.

[2] *Psalm.*, XXI, 30.

[3] *Ibid.*, 27.

de pão; porque diz, que os ricos comerão e adorarão e que os pobres comerão e se fartarão, o que não diz dos ricos? A razão é, porque os ricos comem a Christo no Sacramento com uma fome e os pobres com duas. Os ricos levam só a fome da graça e não a fome do pão, porque são ricos: os pobres, não só levam a fome da graça, senão tambem a fome do pão, porque são pobres: e como a fome da graça, que é espiritual, se satisfaz com a mesma graça, e a fome do pão, que é corporal, se não satisfaz só com a graça, senão tambem com a fartura; por isso se diz só dos pobres que se fartarão e não dos ricos: *Edent pauperes et saturabuntur.* Não é a explicação minha, senão da agudeza de Santo Agostinho em outro logar dos mesmos Psalmos.

Diz alli o Propheta, que Deus dá de comer a todos os que têm fome: *Qui dat escam esurientibus.* [1] E repara muito na generalidade desta proposição Santo Agostinho; porque a Providencia Divina, posto que geral para todos, é recta e justa, e segundo esta justiça, sendo o merecimento dos homens tão differente, tambem o deve ser o comer, com que Deus os sustenta. Assim é, responde o Santo, e se quereis saber a differença do sustento, olhae para a differença da fome: *Si habent aliam famem, habent et aliam escam: quæramus famem ipsorum et inveniemus escam ipsorum.* Assim como a Providencia Divina tem differentes remedios para differentes necessidades, assim tem differentes fomes: reconhecei pois a fome de cada um, diz Agostinho, e conhecereis o pão com que Deus a farta. Se a fome é só do céu, farta-a Deus com o pão do céu, que é o Sacramento, por si mesmo: e se a fome é juntamente do pão da terra, farta-a Deus tambem com o pão da terra, que é segundo effeito do mesmo Sacramento: *Si habent aliam famem, habent et aliam escam.*

Daqui se entenderá uma bem advertida difficuldade de S. Pedro Chrysologo, fundada sobre dois passos do Evangelho, um da oração do Padre Nosso e outro do famoso sermão da Providencia. No sermão da Providencia diz Christo, que não tenhamos, ou não nos dê cuidado o que havemos de comer: *Nolite solliciti esse in crastinum, quid manducetis:* [2] e logo na oração do

---

[1] *Psalm.*, CXLV, 7.
[2] *Math.*, VI, 34.

Padre Nosso ensina o mesmo Mestre Divino, que peçamos a Deus como pae o pão de cada dia: *Panem nostrum quotidianum da nobis.* [1] Insta agora elegantemente Chrysologo: *Tam bonus, tam pius, tam largus Pater, panem filiis non nisi postulatus indulget?* [2] E' possivel, que um pae tão bom, tão piedoso, tão rico e tão liberal, para dar o pão aos filhos, ha de esperar que lh'o peçam? *Et ubi est illud, Nolite solliciti esse in crastinum, quid manducetis?* E onde está agora, ou como concorda com este Texto o outro, em que o mesmo Senhor nos manda, que não tenhamos cuidado do que havemos de comer? Mais apertadamente ainda. *Hoc petere jubet, quod prohibet cogitare?* Basta que nos manda Christo pedir aquillo mesmo, em que nos prohibe o cuidar? Sim e não: diz divinamente Chrysologo. Porque o pão que nos manda pedir, é o pão sobrenatural do Sacramento: o pão em que nos prohibe o cuidar, é o pão natural, necessario ao sustento humano: e quem alcança o primeiro, não tem necessidade de cuidar no segundo, porque o tem seguro: *Hoc petere jubet, quod prohibet postulare, quatenus Cœlestis Pater, Cœlestem Panem, Cœlestes filii ut postulemus, hortatur.* O pae a quem pedimos, é o Pae Celestial, o pão que pedimos é o pão celestial, os filhos, que o pedimos, tambem devemos ser celestiaes: e quem pede e alcança o pão espiritual e do céu, não lhe póde faltar o corporal e da terra.

Oh se não foramos tão da terra e se tiveramos viva fé, que é o que nos falta, como todo o nosso cuidado, todo o nosso desejo e toda a nossa fome se havia de empregar naquellie divino Pão, seguros e sem receio, de que o pão da vida eterna, nos não faltaria com o da vida temporal, que tão pouco ha mister e tão pouco dura! Que póde negar Deus, a quem deu seu proprio Filho, dizia S. Paulo: e que póde negar o Filho de Deus, a quem se dá a si mesmo? Dá-nos o corpo, dá-nos o sangue, dá-nos a alma, dá-nos a Divindade e negar-nos-ha o pão? Oh medo e covardia indigna de quem tem fé! Ainda Deus se não tinha dado em manjar e só tinha revelado este mysterio ao mesmo David, que tanto tinha fraqueado nas suas pobrezas, quando elle zom-

---

[1] *Luc.*, XI, 3.
[2] Chrysost. Serm. 67.

bando de todas disse por nós, o que nós não sabemos dizer. E que disse? *Dominus pascit me et nihil mihi deerit.* [1] Assim se lê no Texto original. Deus é o meu sustento: *Dominus pascit me.* Logo nenhuma coisa me póde faltar: *Nihil mihi deerit.* Faltará aos ricos, que põem a sua confiança nos bens inconstantes que hoje se possuem, ámanhã se perdem: mas o pobre que chega áquelle Senhor, que é Senhor de tudo, tudo lhe ha de sobejar, como diz o mesmo Propheta: *Divites eguerunt et esurierunt: inquirentes autem Dominum non minuentur omni bono.* [2] Notae a palavra, *Non minuentur;* porque os bens, que vêm da mão de Deus, não diminuem, mas crescerão. [3] Assim cresceu o punhado de farinha da Sareptana: assim cresceram os cinco pães do deserto: e assim cresceu o de Ruth, não só como vimos, mas muito mais.

VII

Vistes aquella pobre Ruth, que recolhia as espigas, que acaso escapavam da fouce e depois as que de industria deixavam cahir os segadores? Pois esta mesma dentro em poucos dias foi senhora de toda a seára. Era o senhor della Booz, homem muito poderoso e de grandes riquezas, como diz o Texto sagrado: *Homo potens et magnarum opum, nomine Booz:* [4] e de todas estas riquezas veiu a ser senhora e herdeira Ruth, recebendo-a Booz por mulher. Tudo o que podia difficultar a união deste parentesco concorria entre os dois contrahentes; porque Booz era muito rico e Ruth extremamente pobre: Booz era hebreu, natural de Belem e Ruth gentia e Moabita: Booz era da Tribu e sangue real de Judá e Ruth de geração humilde e desprezada. Mas como Ruth nesta comedia, ou acto sacramental, fazia a figura dos que na sua necessidade, na sua pobreza e na sua fome, se soccorrem á meza franca do Santissimo Sacramento; não só na primeira jornada teve logo o re-

[1] *Psalm.* XXII, 1.
[2] *Ibid.*, XXXIII, 11.
[3] *3.º Livr. dos Reis,* XVII, 14; *Joan.,* VI, 11 e seg.
[4] *Ruth,* II, 1.

medio necessario, mas na ultima, e em poucos dias com tantos augmentos, que chegou a ser opulencia.

Os dois effeitos, ou consequencias que fazem a necessidade mais miseravel e mais para temer, são, como ao principio dissemos, que a pobreza e a fome, primeiro desprezam a honra, e depois destroem a virtude, perdendo-se no mesmo naufragio a fama e a consciencia, que são os maiores bens desta e da outra vida. Mas vêde a facilidade e felicidade com que Ruth salvou a ambos, conservando a virtude e augmentando a honra, pelo mesmo meio com que remediou a fome. O meio com que Ruth remediou a fome, bem vemos, que foi recolher como pobre as espigas mysteriosas, que fugiam ás mãos dos segadores. Continuou assim em todo o tempo da messe: *Donec horrea et triticum in horreis conderentur:* [1] e conhecidos já seus procedimentos; ouvi as palavras que lhe disse Booz, que não pódem ser mais proprias do intento que seguimos: *Benedicta es à Domino, filia:* vós, filha, sois abençoada de Deus. E porque? *Quia non es sequuta juvenes pauperes, sive divites:* porque não seguistes, nem vos arrimastes aos moços da vossa edade, pobres ou ricos (que é o que fazem as que se vêem em pobreza:) *Scit enim omnis populus, qui habitat intra portas urbis meæ, mulierem te esse virtutis:* e porque sabe todo o povo e toda a cidade que sois mulher de virtude. Eis aqui quão contrarias foram em Ruth as consequencias e effeitos da sua pobreza e da sua fome. As outras perdem a honra e a virtude, porque buscam o remedio da pobreza e da fome no arrimo dos homens, que é o que não fez Ruth: *Quia non es sequuta juvenes pauperes, sive divites:* e Ruth conservou a virtude e a honra, a consciencia e a fama, sendo famosa por sua virtude: *Scit enim omnis populus, mulierem te esse virtutis:* porque pobre e faminta, só se valeu do pão que podia comer em graça e com a benção de Deus, e em figura recorreu mais altamente ao pão em que Deus tem depositado todas as suas graças e todas as suas bençãos: *Benedicta es à Domino, filia.*

---

[1] *Ruth,* II, 23.

VIII

Já temos a Ruth corôada de espigas, porque na sua pobreza e na sua fome recorreu e se acolheu ás sombras do Sacramento. Vejamos agora corôadas de rosas, as que na mesma ou maior necessidade, se valeram da devoção do Rosario. A prova não ha de ser tirada de similhanças ou metaphoras, que podem ter differente interpretação, mas da experiencia manifesta, publica e vista com os olhos. Refere o caso o bispo Monopolitano, escriptor de grande auctoridade: e foi desta maneira. Enviuvou (diz elle) uma mulher mais illustre que nobre, e no dia em que enterrou seu marido, sepultou juntamente com elle todo o remedio da sua casa, a qual, por carecer de bens patrimoniaes, só se sustentava na sua vida e com sua presença e industria. Deixou por sua morte duas filhas, tão ricas dos dotes e graças da natureza, quão pobres dos bens da fortuna: e por estes dois motivos (que juntos são mais perigosos) havia muitas pessoas poderosas, que tratavam e esperavam de conquistar sua honestidade. Trabalhavam as pobres donzellas sobre a sua almofada todo o dia e grande parte da noite, e o que ganhavam era tão pouco, que apenas bastava para o pão da bocca e de nenhum modo chegava a lhes dar com que se vestir. Bem se deixa vêr, qual seria neste aperto a afflicção e pena de uma mãe que nascera com obrigações de honrada. Via a necessidade extrema, que padeciam suas filhas; via o pouco, que montava o trabalho de suas mãos; via, que cada dia iam crescendo em edade e não tinha com que lhes dar estado; via, que os ardis do demonio são mui subtis e as violencias dos homens muito porfiadas; via, que a maior firmeza de uma mulher nunca é segura e que a pobreza e necessidade, quando não haja outras tentações, ella por si é a maior tentação. Lá diz a Escriptura Sagrada, que a pobreza quando accommette, é como um salteador armado: *Veniet tibi quasi viator egestas et pauperies quasi vir armatus.* [1] E que constancia ha tão varonil, não digo já de mulher, que com o punhal nos peitos se atreva a resistir, e se não renda?

---

[1] *Prov*, VI, 11.

No meio desta perplexidade e afflicção, que faria a pobre mãe? Determinou descer-se um pouco dos brios, com que nascera e esquecer-se do sangue, ou vaidade de seus avós (que muitas vezes é necessario este esquecimento, para que os homens e mulheres, não deixem de si muito differentes memorias:) e resolveu-se a pôr suas filhas em casa de alguma senhora, a quem servissem e procurasssem ganhar a vontade e debaixo de cuja sombra vivessem honestamente e esperassem depois de alguns annos, o estado de vida, que permittia sua pouca fortuna. Não tinha bem consentido neste pensamento, quando subitamente, como voando, se sentiu arrebatar a outro mais alto, o qual lhe estava dizendo ao coração esta palavras: Se queres que tuas filhas sirvam a uma senhora: que senhora ha, nem póde haver no mundo, de cujo poder e de cuja piedade possas fiar melhor o seu remedio, que daquella, que é Senhora do céu e da terra, dos homens e dos Anjos? Não disse mais este segundo pensamento. E conformando-se com elle a prudente mãe, pede dois mantos emprestados para as filhas, leva-as comsigo á Igreja na tarde do mesmo dia: põe-nas junto a si diante do altar da Virgem Senhora nossa do Rosario e com lagrimas disse assim: Senhora, Deus me fez mãe destas duas creaturas, que aqui estão a vossos santissimos pés. E como eu não tenho com que lhes acudir conforme as obrigações de mãe, desde esta hora me despeço deste nome e não quero que tenham mais os de filhas minhas, senão o de criadas e escravas vossas. De hoje por diante, Senhora, será todo o seu cuidado servir-vos e procurar fazer vossa vontade em tudo: e o seu sustento e remedio correrá tambem, Senhora, por conta de vossa providencia e piedade. Isto disse a mãe: e as filhas com grande affecto e humildade fizeram de si o mesmo offerecimento á Senhora, que daquella hora por diante tomaram por sua.

Oh Virgem Santissima do Rosario, que apressadas são as vossas misericordias e que seguro têm o remedio da sua pobreza, todos os que devotamente recorrem aos thesouros de vossa piedade! No mesmo logar do Ecclesiastico, em que a Senhora se compara á rosa de Jericó: *Quasi plantatio rosæ in Jericho:* [1] exhorta a to-

[1] *Eccles.*, XXIV, 18.

dos os que quizerem ser seus devotos, se passem a seu patrocinio: *Transite ad me omnes, qui concupiscitis me.* [1] E que podem esperar deste soberano patrocinio, os que a elles se passarem? A mesma Senhora o promette e declara, dizendo, que de tudo o que houverem mister serão providos e cheios abundantemente: *Transite ad me: etc. et à generationibus meis implemini.* [2] Reparae muito nas palavras *A generationibus meis.* Parece que havia de dizer a Senhora: passai-vos a meu patrocinio e sereis providos dos meus thesouros. E não diz dos meus thesouros, senão das minhas gerações; como se fallára no nosso caso e dissera: As vossas gerações, porque são fundadas nas inconstancias do mundo e nas variedades da que lá se chama fortuna, muitas vezes de illustres e ricas cahem em pobreza e miseria: porém as minhas, cujos bens são eternos e firmes, não padecem esses defeitos: pelo que, se quereis remedio, passai-vos a mim e achol-o-heis seguro e maior que vossos mesmos desejos. Assim lhes succedeu ás duas irmãs. Tornaram para casa cheias sómente então de grande confiança na Mãe de Deus: continuaram o trabalho de suas mãos, tirando delle todos os dias uma hora, a qual gastavam em rezar o Rosario com grande devoção: e desde o mesmo dia foram crescendo, ou nascendo os bens naquella casa com tal abundancia, sem saberem as que dantes eram tão pobres, donde lhes vinham; que não só se sustentavam com muita largueza, nem só tiveram com que se vestir e ornar, conforme a sua antiga qualidade, mas com o lustre e auctoridade do seu novo estado, como criadas de tão grande Senhora e damas de tão Soberana Rainha.

Com estes vestidos começaram a sahir de casa e vir á Igreja e quando o povo, que conhecia sua passada pobreza, visse esta novidade, já vêdes o que se diria. Ninguem havia que duvidasse serem aquellas galas preço da honestidade das duas irmãs e só se punha em duvida quem haveria na cidade de tão grande cabedal e prodigalidade, que gastasse com ellas tanto. Em fim dizia-se lá o que cá se ouve cada dia. Grande pensão por certo e grande desgraça desta nossa ter-

[1] *Eccles.*, XXIV, 16.
[2] *Ibid.*.

ra, que não possa um homem melhorar de capa, nem uma mulher de manto, sem que o pague a sua honra! Fizestes um vestido de melhor estofo que o de vosso visinho; pois ha-vos de custar mais que o vosso dinheiro. Se sois homem, logo sois ladrão; se sois mulher, logo sois má mulher. Onde furtaria aquillo fulano? Quem daria aquillo a fulana? E não lh'o daria Deus? Não o ganharia com o seu trabalho? Por força lh'o havia de dar o diabo? Verdadeiramente vos está o diabo em grande obrigação, pois á força quereis que seja mais liberal que Deus. Oh malditas e infernaes linguas! Vendo-se assim affrontadas as duas donzellas, soccorreram-se outra vez á mesma Senhora e representaram-lhe a affronta em que viviam. Quão largamente remediastes, Senhora, a nossa pobreza, bem o dizem estes vestidos; mas se elles nos haviam de tirar a honra, melhor nos estava o nosso antigo encerramento e melhor nos cobriam os nossos remendos. Se com despir as galas, se remediara esta mancha, de boa vontade as trocaramos outra vez pelos trajos da nossa pobreza. Mas a fama uma vez perdida nas linguas dos homens, é mal que não tem remedio e dôr de que já mais teremos consolação. Só nos fica o allivio de a havermos perdido em vosso serviço e por beneficios e mercês vossas. Sobre estas palavras accrescentaram muitas lagrimas e tornaram ao seu lavor e ao seu Rosario, que a prosperidade em que se viam, nem as fez ociosas, nem menos devotas.

Amanheceu nesta occasião o dia oitavo de dezembro; como era a primeira e mais estimada festa da sua Rainha, não puderam deixar de assistir as damas e com a gala mais luzida. Entraram pela Igreja diante da mãe as duas irmãs e como era maior o concurso da gente, tambem foi maior que nunca a murmuração. Não se olhava para outra parte, nem se fallava em outra coisa por toda a Igreja. Ellas porém postas de joelhos diante da imagem da Senhora calavam e oravam, bem alheia a sua innocencia e a sua affronta, de que pudesse emmudecer as linguas de seus calumniadores. Mas a Mãe de Deus que tão liberalmente as proveu do sustento, atrevera-me eu a jurar de sua bondade, que não havia de consentir que fosse com perda da honra, nem descredito da virtude. Começou a se entoar o Evangelho, quando subitamente appareceram no ar duas formosas corôas de rosas. A novidade das rosas,

por ser no maior rigor do inverno e estarem as corôas no ar suspensas por si mesmas, provava com evidencia serem mandadas do céu. Admirados todos de tão prodigiosa maravilha e não sabendo o que Deus quizesse significar com ella; começaram a descer as corôas pouco a pouco e aqui se dobrou a admiração e o alvoroço na duvida e expectação do logar onde iriam parar. Chegaram emfim aonde vinham encaminhadas e as mãos dos Anjos, de que invisivelmente eram movidas, as puzeram (Onde vos parece?) sobre as cabeças das duas irmãs. Oh pasmo! Oh assombro, não tanto do milagre publico e manifesto, quanto da soberana e fiel providencia da Virgem Santissima e dos poderes do seu Rosario! Com este testemunho do céu tão evidente, se trocaram em um momento os enganados juizos de toda aquella multidão errada e temeraria. As murmurações se converteram em louvores, as calumnias em applausos, os escandalos em venerações. Todos davam as graças a Deus, todos o parabem á mãe, todos chamavam santas ás filhas. Tão honradas e estimadas, as que pouco antes eram a fabula e desprezo de toda a cidade: que no mesmo ponto e sem sahir da Igreja, os dois mais nobres e bem herdados mancebos della, as pediram por mulheres e se tiveram por mui venturosos de tão honrada sorte. Assim se renovou e dobrou neste caso a mudança da fortuna de Ruth: ella coroada de espigas em prophecia do Sacramento e ellas coroadas de rosas pela devoção do Rosario. E por este meio tão extraordinario e tão proprio da Mãe do Omnipotente, as que eram tão pobres, ficaram ricas, as que se sujeitavam a servir, ficaram senhoras e as que estavam desesperadas de conseguir um mediano estado, alcançaram o mais nobre e o mais rico de toda a sua patria.

IX

Que dirá agora, ou que escusa póde ter a fé daquella mãe e daquellas filhas que debaixo do falso e infernal pretexto de não terem com que sustentar a vida, entregam a honestidade, infamam a honra e não só perdem a alma, mas corrompem e desbaratam a mesma vida, e primeiro são cadaveres feios e asquerosos

da torpeza, que a terra os acabe de consumir na infame sepultura. Dize, creatura vil, mais irracional que os brutos: aquelle Deus (como pondera David) que sustenta os corvos e os filhos dos corvos: [1] aquelle Deus, que sustenta as serpentes e as filhas das serpentes, não te sustentará tambem a ti e ás tuas filhas? Se és tão cruel mãe para ellas e tão indigna da piedade deste nome, porque as não ensinas a recorrer á Mãe de Deus? Porque retiradas dos olhos do mundo as não sujeitas a servir a esta poderosissima Senhora, invocando-a todos os dias no seu Rosario? Parece-te, que póde faltar o sustento á bocca, que tantas vezes pronunciar o dulcissimo nome de Maria? Ouve o que diz e promette a mesma Senhora a todos os devotos do seu Rosario: *Flores mei, fructus honoris et honestatis.* Quereis honestidade? Queres honra? Queres vida? Pois tudo isso te darão as minhas flores: *Flores mei, fructus honoris et honestatis.* [2] Não se podera pintar, nem fingir uma clausula, que tão adequadamente fechasse tudo o que temos dito: *Flores mei:* as minhas flores. As flores da Virgem Santissima, não ha duvida, que são as rozas do seu Rosario e por isso muito differentes das outras. As outras rosas são flores, que não dão fructo: porém as rosas do Rosario, não só dão fructo, mas são fructos: *Flores mei, fructus.* E que fructos? Fructos, que sustentam a vida, e fructos que conservam a honra e a honestidade: *Fructus honoris et honestatis.* Vede, como responde este epilogo e satisfaz a tudo o que a pouca fé toma por escusa. A vossa pobreza, a vossa necessidade, a vossa fome, porque empenha a honestidade e perde a honra? Dizeis, que para ter com que sustentar a vida. Pois tudo isso, diz a Senhora, que tendes nas flores do seu Rosario: *Flores mei, fructus honoris et honestatis:* as flôres do meu Rosario são fructos, porque sustentam a vida: e são fructos de honra e de honestidade; porque não sustentam a vida á custa da honestidade e da honra, se não conservando a honestidade e conservando e augmentando a honra, tão abundante e tão illustremente, como acabamos de ver.

Seguros pois os temores da pobreza e os apertos da necessidade e da fome, com os refens e penhores de

---

[1] *Psalm.* CXLVI, 9.
[2] *Eccles.*, XXIV, 23.

uma experiencia tão prodigiosa, manifesta aos olhos de todos, e mais seguros ainda com a palavra e promessa da mesma Mãe de Deus; já supponho que não haverá fé tão apoucada e tão incredula, que na mais rigorosa e apertada pobreza, postrada humildemente aos pés da Virgem Santissima e invocando com o Rosario nas mãos a sua piedade, se não fie de seus poderes. E porque é certo e infallivel, que no tal caso, por mais perigoso e desesperado que pareça, não só vos não ha de faltar o soccorro, mas crescer e sobejar o remedio com grande largueza e abundancia: quero acabar este discurso, que foi do remedio das faltas, com um novo documento, de como haveis de empregar os sobejos. Um homem, que tinha sido muito rico, veiu a cahir em tal miseria, que pedia esmola pelas portas. Pediu-a uma vez ao beato Aláno de Rupe, famoso pregador do Rosario. E como lhe respondesse com S. Pedro: *Argentum et aurum non est mihi: quod autem habeo, hoc tibi do:* [1] disse-lhe o Santo, que rezasse o Rosario todos os dias e que a Virgem Senhora nossa o soccorreria. Fel-o assim, e a Senhora desempenhou a palavra do seu pregador, com tanta largueza, que o que pouco antes pedia esmola, se viu quasi de repente com tanta abundancia de bens, que despendendo em esmolas, o que lhe sobejava, elle era o remedio de todos os pobres daquella terra. Este é o segundo conselho, com que acabo: no qual tambem nos não falta o exemplo da nossa Ruth. Diz o Texto sagrado, que no mesmo dia em que Ruth se applicou a remediar a sua fome, pelo modo que só lhe era licito, com a confiança posta em Deus, teve de comer tão abundantemente, que do que lhe sobejou, pôde sustentar a sua sogra Noemi, que era tão pobre como ella. Notae as palavras da Escriptura, que são dignas de toda a ponderação: *Insuper protulit et dedit ei de reliquiis cibi sui, quo saturata fuerat.* [2] Aqui se começou a cumprir a prophecia de Ruth, que quer dizer, *Saturata.* Fartou-se: digamol-o assim, pois que assim o diz a Escriptura: *Quod saturata fuerat:* para que não entendessemos, que para levar de comer a sua sogra e remediar a sua pobreza, tirára, ou defraudára alguma parte do que lhe pedia a propria fo-

[1] *Act.*, III, 6.
[2] *Ruth.*, II, 18.

me; mas para que saibamos, que no mesmo dia lhe fez Deus o prato com tanta largueza, que satisfeita a mais não querer a propria fome, pôde remediar a pobreza alheia.

E este foi finalmente o glorioso fim, com que as duas corôas de espigas e de rosas, não tanto se competiram e emularam, quanto enlaçaram e teceram no mesmo triumpho: o Sacramento em Ruth, coroado de espigas e o Rosario nas duas irmãs coroado de rosas: pois a estas por serem devotas do Rosario, remediada primeiro a sua pobreza e conservada a honestidade e a honra, as dotou a Soberana Rainha sua Senhora com os dois mais nobres e mais ricos casamentos daquella terra: assim como a Ruth figura das que recorrem á mesa, que temos exposta, do Santissimo Sacramento, remediada tambem a sua pobreza e conservada a honra e a virtude, a levantou o mesmo Senhor á nobreza e opulencia das bodas e geração de Booz: *Booz autem genuit Obed ex Ruth.*

SERMÃO VIGESIMO QUARTO

Joram autem genuit Oziam. [1]

I

Muitas vezes e por muitos modos, tenho pregado neste dia as excellencias do Rosario, assim pela parte mental, no que medita, como pela vocal, no que reza. Mas porque estas mesmas meditações têm o seu numero diverso, e as mesmas orações o seu, ambos certos e determinados: assim como declarei os mysterios das orações e os mysterios das meditações, assim hei de declarar hoje os mysterios dos numeros Até agora vimos o Rosario sem contas, agora veremos propriamente as contas do Rosario. De quam mysteriosas sejam estas contas e estes numeros e de quanta conta faça Deus dos grandes mysterios, que nelles se encerram, a maior e mais encarecida prova, que póde haver, é, a que nos dá o Evangelho nas palavras que propuz.

Joram autem genuit Oziam: [2] Joram gerou a Ozias. Esta breve proposição de S. Matheus contém uma das maiores difficuldades de toda a Escriptura Sagrada. Entre Joram e Ozias, como consta do primeiro e segundo Livro dos Paralipomenos, houve outros tres reis: porque Joram gerou a Ochozias: Ochozias gerou a Joaz: Joaz gerou a Amazias: e finalmente Amazias gerou a Ozias. Pois se entre Joram e Ozias houve tres gerações e tres reis: e Joram não foi pae, se não terceiro avô de Ozias; porque passa S. Matheus em silencio estes tres

---

[1] *Math.*, 1.
[2] *Ibid.*, 1, 8.

reis e estas tres gerações e diz absolutamente, que Joram gerou a Ozias? A duvida não está na palavra gerou, nem em chamar o Evangelista pae de Ozias a Joram, sendo tão remoto; porque muito mais remotos eram de todos os filhos de Israël, Abrahão e Sára e comtudo delles diz Isaias, que Abrahão e Sára os gerou: *Attendite ad Abraham patrem vestrum et ad Saram, quæ peperit vos.* [1] No nosso mesmo Evangelho temos outro exemplo mais adequado. Diz o Evangelista, que David gerou a Salomão, e Salomão gerou a Roboam, e Roboam gerou a Abias, e Abias gerou a Asa. E mediando entre Asa e David outras tres gerações e outros tres reis; no terceiro Livro dos mesmos Reis diz a Sagrada Escriptura, que David foi pae de Asa: *Fecit Asa rectum ante conspectum Domini, sicut David pater ejus.* [2] Assim, que não está o ponto da difficuldade em dizer S. Matheus, que Joram gerou a Ozias. Tambem não está a duvida na justiça, que o mesmo Evangelista teve para riscar do seu Evangelho e do catalogo da geração de Christo a estes reis, mais que a outros; porque Joram se tinha casado com Athalia irmã d'El-rei Achab, [3] cuja posteridade e da impia Jezabel, tinha Deus jurado de tirar e apagar do mundo: e a posteridade nos Livros de Deus se estende e computa até a quarta geração, como consta do Capitulo vinte do Exodo, e do Capitulo decimo do quarto Livro dos Reis. Pois em que está e consiste esta grande difficuldade? Está, em que sendo S. Matheus historiador e historiador sagrado e mais em materia genealogica e de uma tal geração como a de Christo, parece que a devia continuar e proseguir inteira e rigorosamente segundo a successão de todos os primogenitores, quaesquer que fossem e muito mais sendo reis, sem excluir a nenhum. Qual foi logo a razão, que teve S. Matheus para diminuir este numero dos ascendentes de Christo e não na primeira, nem na terceira parte do seu catalogo, senão na segunda?

S. Jeronymo, Santo Hilario, Santo Thomaz, os insignes commentadores, Jansenio, Salmeirão, Abulense e commummente os demais, tirando a razão litteral das mesmas palavras do Texto, dizem, que excluiu S. Ma-

---

[1] *Isai.*, 51, 2.
[2] *3.º Livr. dos Reis*, XV, 11.
[3] *Ibid.*, XXI, 22 e seg.

theus do seu catalogo e nomeadamente da segunda parte delle, estes tres ascendentes; porque o seu intento era repartir toda a serie da geração de Christo em tres terços. E porque o primeiro terço desde Abraham até David constava de quatorze primogenitores: e o terceiro terço desde a transmigração de Babylonia até Christo, de outros quatorze: e pelo contrario o segundo terço desde David até a transmigração de Babylonia tinha dezesete; para que tambem este constasse de quatorze, excluiu os tres reis, que mediaram entre Joram e Ozias. As palavras de S. Matheus são estas: *Omnes itaque generationes, ab Abraham usque ad David, generationes quatuordecim: et à David usque ad transmigrationem Babylonis, generationes quatuordecim: et à transmigratione Babylonis usque ad Christum, generationes quatuordecim.* [1] Isto é o que diz expressamente o Texto de S. Matheus, e esta a razão, que delle tiram todos os Interpretes: a qual porém antes aperta, do que solta a difficuldade. Pergunto: e é boa razão dizer-se, que um historiador e historiador sagrado, para repartir a geração e ascendencia de Christo em tres terços eguaes, porque em um sobejam tres ascendentes, os tire e exclua della? Se a penna de S. Matheus não fôra governada pelo Espirito Santo, dura razão seria esta: mas governou-a assim o Espirito Santo, porque attendeu mais ao mysterio dos numeros, que ao numero das gerações. Na geração de Melchisedech callou o mesmo Espirito Santo na penna de S. Paulo toda a sua genealogia e disse, que não tinha pae, nem mãe: *Melchisedech sine patre, sine matre, sine genealogia.* [2] E porque? Porque Melchisedech era figura de Christo, o qual assim como no céu não teve mãe, assim na terra não teve pae. Que muito logo, que S. Matheus na genealogia do mesmo Christo attendesse mais aos mysterios do numero, que ao numero dos ascendentes? O numero natural dos ascendentes constava da historia do Testamento Velho: o numero mysterioso e o mysterio do mesmo numero, segundo a conta e exclusão divina, só podia constar do Testamento Novo. E isto é o que fez o Evangelista.

Santo Agostinho, como tão grande mestre, no livro

[1] *Math.*, I, 17.
[2] *Hebr.*, VII, 3.

segundo *De Doutrina Christiana*, ensina, que muitos mysterios, que estão encerrados na Sagrada Escriptura, se não entendem por ignorancia do que significam os numeros: *Numerorum imperitia multa facit non intelligi translatè et mysticè posita in Scripturis.* E depois de propôr e ponderar um bom exemplo, accrescenta o mesmo Santo, que este e similhantes nós, só com a sciencia dos numeros se podem desatar: *Cujus actionis figuratus quidam nodus, nisi hujus numeri cognitione et consideratione non solvitur.* Tanto importa saber e especular os mysterios dos numeros nas contas de Deus. E isto é o que nós faremos hoje. O nó, que propuzemos, do Evangelho, é tão apertado, como vimos; mas com o conhecimento dos mysterios dos numeros o soltaremos primeiro nas contas do mesmo Evangelho, e depois nas do Rosario. Sendo pois a materia tão mysteriosa, tão alta e tão secreta, recorramos á Soberana Inventora do mesmo Rosario, para que assistidos de sua graça acertemos a dar boa conta dos numeros e mysterios destas contas.

Ave Maria, etc.

II

Não é facil dar boa conta, nem ainda contar o que não tem conto. A Abrahão, primeiro tronco desta mesma genealogia, disse Deus, fallando della: *Numera stellas, si potes:* [1] conta as estrellas, se pódes. Se pódes, disse; porque nem Abrahão, nem algum outro homem as póde contar. Os astrologos com Ptolomeu chegaram a contar mil e vinte duas estrellas; mas as que elles não contam, são em tanto numero, que só Deus as conta e conhece. Assim o cantou David como excepção propria da sabedoria Divina: *Qui numerat multitudinem stellarum: et omnibus eis nomina vocat:* [2] E logo accrescenta: *Magnus Dominus noster et magna virtus ejus: et sapientiæ ejus non est numerus:* [3] porque só quem tem sabedoria sem numero póde contar o nu-

[1] *Gen.*, XV, 5.
[2] *Psalm.* CXLVI, 4.
[3] *Ibid.*, 5.

mero das estrellas. O mesmo digo do numero dos mysterios, que a materia do Rosario encerra em si, verdadeiramente innumeravel. S. João viu a Senhora coroada de estrellas e contou, que eram doze: *Et in capite ejus corona stellarum duodecim.* [1] Pôde-as contar, porque eram as que sobre a cabeça da Virgem se mostravam por fóra; mas se vira as que a corôam por dentro nas idéas do seu Rosario, não lhe havia de achar numero. As estrellas, que dão materia á corôa do Rosario, são os mysterios de Christo e sua Mãe: e ninguem póde duvidar serem innumeraveis, pois Jesus e Maria, são a principal descendencia de Abrahão, da qual disse Deus, quando lhe mostrou as estrellas: *Sic erit semen tuum.* [2]

Sendo pois innumeravel o numero das estrellas, que na corôa do Rosario com um circulo infinito se comprehendem: porque razão as reduziu a Senhora, assim vocal, como mentalmente, ao numero certo e determinado, com que as contamos nas nossas contas? Por duas razões. A primeira, para que reduzidas e determinadas a certos numeros, as podesse comprehender a curta capacidade do nosso entendimento. A segunda e propria do meu assumpto, para que conhecidos os mysterios dos mesmos numeros, entendessemos quão necessaria e importante é a todos, os que fomos creados para o céu, a devoção do Rosario. Vamos ao Evangelho e nos mysterios dos seus numeros veremos, como todos em commum nos ensinam esta mesma verdade.

O numero das gerações, que se contém neste Evangelho, por isso chamado *Liber generationis Jesu Christi*, [3] como já notou e ponderou S. Matheus, foram tres vezes quatorze. Teve esta descendencia, como todas as coisas humanas, o seu augmento, o seu estado e a sua declinação. O augmento foi, de Abrahão até David antes de o povo de Israël ser reino: o estado, sendo já reino, foi desde David até a transmigração de Babylonia: a declinação, depois que deixou de ser reino, foi, desde a transmigração de Babylonia até Christo. E é coisa verdadeiramente admiravel e mysteriosa, que

---

[1] *Apoc.*, XII, 1.
[2] *Gen.*, XV, 5.
[3] *Math.*, I, 1.

no augmento fossem quatorze, e na declinação tambem quatorze. Mas com que mysterio, ou mysterios? Agora o veremos.

Estes quatorze, ou se podem considerar partidos, ou inteiros, ou multiplicados: e em qualquer consideração significa o mesmo numero a nossa bemaventurança por meio de Christo. Tres vezes quatorze partidos fazem seis vezes sete. E o numero de seis e de sete, que significa? O de seis, diz S. Jeronymo, significa os trabalhos desta vida, porque em seis dias fabricou Deus o mundo: o de sete, significa o descanço da outra; porque ao setimo dia descançou Deus: *Requievit die septimo.* [1] *Ita ab initio mundi diebus conditis* (diz o Santo) *ut omnes labores, et molestiæ septimo numero conquiescant.* [2] De maneira, que Christo, Senhor nosso, como Deus que era antes de ser homem, ordenou que a sua geração temporal se repartisse por estes intervallos. de seis e de sete, até chegar ao mesmo Christo; porque elle e a sua lei, é só aquella, em que se acha o descanço de todos os trabalhos: *Venite ad me omnes, qui laboratis et invenietis requiem animabus vestris.* [3] Nem basta serem os dias de trabalho seis e o do descanço um só; porque os dias do trabalho são dias do tempo, que duram poucas horas, e o dia do descanço é o dia da eternidade, que assim como não tem noite, não ha de ter fim. Este é o felicissimo sete, em que se desatam os quatorze partidos.

Tomados porém inteiros, como os tomou, ou somou o Evangelista, tambem descobrem por outro modo, não outro, senão o mesmo mysterio. O numero quatorzeno é critico e nas enfermidades agudas o mais perigoso, em que para bem, ou para mal, faz termo. Assim succedeu ao corpo da republica hebrea nos tres estados do seu governo, primeiro governada por juizes, depois por reis, e ultimamente por sacerdotes. No primeiro quatorzeno, que se terminou em David, ficou a republica coroada, mas enferma: no segundo quatorzeno, que se terminou na transmigração de Babylonia, ficou captiva, mas não de toda morta: porém no terceiro quatorzeno, que se terminou em Jesus, que

---

[1] *Gen.*, II, 2.
[2] D. Hieron. lib. 2. in Amos.
[3] *Math.*, II, 28 e 29.

quer dizer Salvador; então conseguiu a mesma republica como captiva a perfeita liberdade, e como enferma a inteira saude, que é a salvação. *Ergo congruè ad naturam hominis, decima quarta quaque generatione una republica ægrotante, ac deficiente, optima per Christum subrogata est, quæ triplicis præcedentis defectus et infirmitates sanaret;* diz, depois de Maldonado, Cornelio. [1]

E se esta foi a significação do numero quatorze, ou partido, ou inteiro, não é menos mysteriosa, nem com differente mysterio, a do mesmo numero multiplicado. Multiplicado tres vezes o numero de quatorze gerações, faz quarenta e duas. E que nos quer significar o Evangelho, em que viesse Christo ao mundo por quarenta e duas gerações, como por outros tantos degraus? Origenes, a quem segue S. Jeronymo, declarou o mysterio com grande propriedade: *Intuere mysterii rationem. Constat numerus descensionis Christi per quadraginta duos Patres secundùm carnem, veluti per quadraginta duas mansiones descendentis usque ad nos: et per totidem mansiones ascensus filiorum Israel usque ad hæreditatis promissæ principium.* [2] Quando os filhos de Israël partiram do Egypto, fizeram quarenta e duas jornadas até á Terra de Promissão. E é muito de notar, que assim a Terra de Promissão, como a geração de Christo, uma e outra foram promettidas por Deus ao mesmo Abrahão. Pois assim como os filhos de Israël chegaram á Terra de Promissão com quarenta e duas jornadas; assim Christo veiu ao mundo cerrando-se nelle quarenta e duas gerações: para que entendessemos na dilação de um e outro caminho e na proporção de um e outro numero, que só por meio de Christo podiamos chegar á verdadeira Terra de Promissão, que é a patria do céu.

Bem sei, que S. Lucas descrevendo a mesma genealogia (a qual não deduz de Abrahão até Christo, senão de Christo até Adão, e até Deus) variou este numero e não põe quarenta e duas gerações, senão setenta e sete. Mas esta variedade de numero não muda, nem encontra o mysterio, antes o confirma e declara mais.

---

[1] Maldonat. et Cornel. ibi.

[2] Origen. Homil. 27 sup. Numer. Hieronym. Epistol. ad Fabiolam de 42 masion.

A razão é, porque o numero setenta e sete, como notaram S. Cypriano e S. Gregorio, significa o perdão universal dos peccados, sem o qual se não póde ir ao céu. [1] Funda-se esta significação na resposta de Christo a S. Pedro, quando lhe perguntou, se perdoaria os peccados até sete vezes: e o Senhor lhe respondeu, que não só sete, senão setenta vezes sete: *Non dico tibi usque septies: sed usque septuagies septies.* [2] E pois estamos em sermão de contas e numeros, se alguem me perguntar curiosamente, que proporção tem o numero setenta e sete com os peccados e perdão universal delles; Santo Agostinho a descobriu subtilissimamente. [3] O peccado é transgressão da lei: a lei consiste no numero dez, porque os preceitos são dez: logo a transgressão da lei consiste no numero onze, porque o numero onze é o que passa além dos dez. E porque o mesmo numero onze, sete vezes multiplicado faz setenta e sete; por isso Christo significou o perdão universal dos peccados com o mesmo numero: *Usque septuagies septies.* Sendo pois certo, que ninguem póde entrar na Terra de Promissão do céu sem o perdão universal dos peccados, significado no numero da genealogia de S. Lucas; essa é a razão, porque no numero da genealogia de S. Matheus, com admiravel correspondencia, se significam as jornadas da Terra de Promissão, porque só por meio de Christo podemos chegar á patria bemaventurada. Em summa, que tomado o mesmo numero de tres vezes quatorze, ou partido, ou inteiro, ou multiplicado: partido significa o descanço, inteiro significa a salvação, multiplicado significa a patria; e sempre e de todos os modos, a gloria e bemaventurança do céu, para que fomos creados.

III

Isto é o que nos diz e significa o Evangelho em commum no mysterio dos seus numeros, tão exactamente contados e repartidos. Segue-se agora vêr, como o

---

[1] Cyprian. Serm. de Spiritu. S. Gregor. lib. 32. Moral. cap. 12.

[2] *Math.*, XVIII, 22.

[3] August. Serm. 15 d. v. Domini.

Rosario nos significa e promette o mesmo mysterio das suas contas. E para que seja com maior distincção e clareza, discorreremos em particular por todos, e cada um dos numeros, de que ellas se compõem. Os numeros das contas do Rosario são, um, tres, cinco, dez, quinze, cincoenta, e cento e cincoenta, em que se resume todo. Reduzindo pois todos estes numeros a tres pontos, ou questões: na primeira veremos, porque é o Rosario um, e se divide em tres partes, ou em tres terços? Na segunda, porque são os mysterios quinze e os Padre Nossos quinze, e se repartem de cinco em cinco? Na terceira, porque são cento e cincoenta as Ave Marias, e se dividem em tres vezes cincoenta, e cada cincoenta de dez em dez? Esta é toda a fabrica e artificio do Rosario, que todos meditam, todos rezam e todos trazem nas mãos, e nem todos a entendem. Mas agora com nova graça da mesma Senhora, que assim repartiu estas contas, as entenderão todos.

IV

O primeiro ponto, ou questão, era: porque sendo o Rosario um, se divide em tres partes, ou como vulgarmente dizemos em tres terços? Respondo, que consistindo a bemaventurança do céu na visão, ou vista clara de Deus, o qual é Um em Essencia e Trino em Pessoas; para que o meio fosse proporcionado ao fim, pedia a conveniencia e a razão, que o Rosario, o qual nos encaminha e leva á mesma vista de Deus, fosse tambem Um, e Trino. Uma das coisas mais notaveis na Escriptura Sagrada, como bem advertiu S. João Chrysostomo com outros Padres, é, que em todo o Pentateucho, em que se contém a Lei escripta, senão prometta o céu aos que a guardarem. Premios temporaes, como abundancia de fructos, riquezas, larga vida, propagação e posteridade de filhos e netos, victoria contra os inimigos, e outros deste genero, sim; mas todos da terra. Pois se Deus promette tantos bens temporaes e da terra, aos observadores daquella Lei, porque lhes não prometteu tambem os do céu e eternos? A primeira razão e geral, foi, porque aquella Lei, ainda que dada por Deus, não tinha virtude para levar os homens ao céu e por isso os bons e melhores

della, iam todos ao Limbo. Assim o ensina S. Paulo e com elle todos os Theologos. Mas a segunda razão e mais alta, é, porque na mesma lei só estava promulgada a fé da Unidade de Deus, como consta do mesmo Pentateucho no Capitudo sexto do Deuteronomio: *Audi Israel: Dominus Deus noster Dominus unus est: Diliges Dominum Deum tuum ex toto corde tuo: etc.* [1] E porque a abertura das portas do céu estava reservada para a fé da Santissima Trindade, não era justo, que o céu se promettesse, senão na Lei da graça, na qual desde o baptismo, ainda antes de poder fallar, professamos, que Deus não só é um, mas um e trino.

Daqui se entenderá uma grande differença, com que o céu se mostrou antigamente a Jacob e depois a S. João no seu Apocalypse. Jacob viu em sonhos aquella escada, que chegava da terra ao céu, mas ainda que viu a escada, não viu a porta. E' verdade, que depois acordando, disse: *Non est hic aliud, nisi domus Dei, et porta cœli:* [2] arguindo por discurso, que aonde estava a escada, alli devia de estar a porta: porém a porta não se lhe mostrou na visão, da qual sómente diz o Texto: *Vidit scalam stantem super terram et cacumen illius tangens cœlum.* [3] Pelo contrario a S. João mostrou-lhe Deus tambem o céu, mas todo aberto em portas: *Ab Oriente, portæ tres: et ab Aquilone, portæ tres: et ab Austro, portæ tres; et ab Occasu, portæ tres:* [4] para o Oriente tres portas, para o Occidente tres portas, para o Septentrião tres portas, para o Meio-dia tres portas. Pois se a Jacob quando se lhe mostra o céu, não se lhe mostra nem uma só porta: a S. João porque se lhe mostra com tantas portas, não só para uma parte do mundo, senão para todas? Porque Jacob era do tempo em que geralmente só se conhecia a Unidade de Deus; e no tempo de S. João já se cria em todo o mundo, não só a Unidade, senão tambem a Trindade: e porque naquelle tempo estava o céu fechado e neste tempo está aberto a todos; por isso no tempo em que Deus só se conhecia como um, nem uma só porta do céu se mostrou a Jacob, e no tempo

---

[1] *Deut.*, VI, 4 e 5.
[2] *Gen.*, XXVIII, 17.
[3] *Ibid.*, 12.
[4] *Apoc.*, XXI, 13.

em que se conhece como um e Trino, se mostra a S. João com tantas portas. No numero das mesmas portas está declarado o mysterio. Tres portas para o Oriente, tres para o Occidente, tres para o Septentrião, tres para o Meio-dia, e sempre tres e sómente tres para todas as partes, donde se descobre o céu: porque? Porque no numero de tres estava significado o mysterio da Trindade, sem o qual se não entra no céu. *Ideo tres portæ: nam in fide Trinitatis recipiuntur electi ad Gloriam cœlestem:* diz Lyrano. [1] O mesmo diz e com maior expressão, S. Bernardo; mas eu quiz citar antes a Lyrano, cujo testemunho, como interessado por nascimento e por fé, em uma e outra lei, é mais sem suspeita.

Mas tornemos a Jacob, para mais apertar a ponderação. Basta, Senhor, que mostraes a Jacob a escada do céu e não lhe mostraes a porta? Mostraes-lhe a escada, e não lhe mostraes nella um homem, senão sómente Anjos: *Angelos ascendentes et descendentes?* [2] Mais ainda. O que Deus prometteu naquella occasião a Jacob, foi, que lhe daria toda aquella terra, em que dormia, que era a terra de Canaan: *Terram, in qua dormis, tibi dabo, et semini tuo.* [3] E como diz esta promessa com a visão? Na visão mostra-lhe Deus o céu e na promessa dá-lhe a terra? Sim. Porque em quanto Deus era conhecido só como um e não como Trino, só podia dar os bens da terra e não os do céu, ainda que os homens fossem tão santos como Jacob. Por isso na escada só appareceram Anjos e no céu não apparecia porta, porque só no mysterio da Trindade se abriram as portas do céu aos homens. No Evangelho temos manifesto todo o mysterio e com todas as suas circumstancias. Se alguma hora se manifestou a Santissima Trindade, não só á fé, senão ainda aos sentidos, foi no baptismo de Christo, em que se ouviu a voz do Padre e se viu o Espirito Santo em figura de pomba. De sorte que na voz se manifestou o Padre, em Christo o Filho, e na pomba o Espirito Santo. E que succedeu então? *Aperti sunt cœli:* [4] Abriram-se os

[1] Lyran. ibi. Bernard. tom. I. Serm. 61. Cap. 1.
[2] *Gen.*, XXVIII, 12.
[3] *Ibid.*, 13.
[4] *Math.*, III, 16.

céus. Porque ainda que só Deus póde abrir as portas do céu, não as abre conhecido só como um, senão como Trino.

V

Com grande razão logo e com grande proporção o Rosario, sendo um, se divide em tres partes, ou em tres terços, para que na Unidade e Trindade destes mesmos numeros, nos signifique e declare o mysterio, com que elle meditando a Christo, ou Christo meditado nelle, não d'outro modo, mas como um e Trino, nos abre as portas do céu. Christo Senhor nosso, quando para nos levar ao céu desceu á terra, não só nos ensinou o altissimo mysterio da Unidade e Trindade Divina, mas o trouxe e representou em si mesmo, como excellentemente notou S. Bernardo por estas palavras: *Sicut in illa singulari Divinitate Trinitas est in Personis, Unitas in substantia: sic in ista speciali commixtione Trinitas est in substantia, et in Persona Unitas.* [1] Assim como em Deus ha Unidade na substancia e Trindade nas pessoas, assim em Christo ha Unidade na Pessoa e Trindade nas substancias. E de que modo? *Verbum enim, anima, et caro, in unam convenêre Personam.* Porque no composto ineffavel de Christo, a Divindade, a alma e o corpo, que são as partes, de que se compõe, são tres substancias diversas, e a pessoa em que todas subsistem e estão depositadas, que é a pessoa do Verbo, é uma só e a mesma. E desta maneira o mesmo Christo sendo um, é Trino e sendo Trino, é um: *Et hæc Tria Unum, et hoc Unum Tria.* Esta segunda Trindade pois (concule o Santo) foi a obra mais admiravel de Deus e a mais singular, não só entre todas as suas obras, senão sobre todas: *Summa illa Trinitas hanc nobis exhibuit Trinitatem, opus mirabile, opus singulare inter omnia, et super omnia opera sua.*

Mas sendo tão admiravel esta segunda Trindade, que Deus fez na Encarnação do Verbo, ainda é mais admiravel a terceira Trindade, que a Mãe do mesmo Deus fez no seu Rosario. E porque? Porque re-

---

[1] Bernard. Serm. 3. de Vigilia Nativit.

partindo o mesmo Rosario em tres terços e ao mesmo Christo de quem elle se compõe, em tres estados; um da vida e mysterios Gozosos, outro da morte e mysterios Dolorosos e o terceiro da Resurreição e mysterios Gloriosos; muito melhor representa o mesmo Christo a Trindade de Deus nesta nova composição do Rosario, que nas tres substancias diversas, de que é composto. A razão e differença é manifesta. Porque a perfeição da Trindade Divina consiste, em que sendo um só Deus e tres Pessoas, todo Deus está na Pessoa do Padre, todo Deus na do Filho, e todo Deus na do Espirito Santo: o que se não acha nas tres substancias, ou partes, de que Christo é composto. Porque ainda que na Divindade, na alma e no corpo, tomadas juntamente todas estas tres partes, está todo Christo; em cada uma dellas não está todo. No corpo não está todo Christo, na alma não está todo Christo, nem na mesma Divindade todo Christo. Porém nas partes de que se compõe o Rosario, ou juntas, ou divididas, em todas e em cada uma dellas está todo. Todo Christo nos mysterios Gososos, todo Christo nos Dolorosos e todo Christo nos Gloriosos, assim como todo Deus no Padre, todo no Filho, e todo no Espirito Santo. Finalmente, assim como Christo no Rosario é um e Trino em si mesmo, assim é um e Trino no mesmo Rosario, emquanto porta e portas, por onde entramos á bemaventurança do céu.

Christo Senhor nosso, diz, que elle é a porta, pela qual todos os que entram se salvam; e ninguem se póde salvar, senão entrando por ella: *Ego sum ostium. Per me si quis introierit, salvabitur.* [1] E porque o mesmo Senhor diz, que a porta do céu é estreita, a Senhora a abriu e dividiu no seu Rosario em tres portas, como as que viu S. João no céu; uma de gosto nos primeiros mysterios, outra de compaixão nos segundos e a terceira de gloria nos ultimos: para que todos (conforme são diversos os affectos dos homens) entrem sem horror por ellas. Por estas portas suspirava David, quando dizia: *Aperite mihi portas justitiæ, ingressus in eas confitebor Domino.* [2] Abri-me as portas da justiça, para que entrando por ellas, louve eternamente a Deus. E que portas são estas? O mesmo Propheta o declara

[1] *Joan.*, x, 9.
[2] *Psalm.* cxvii, 19.

logo: *Hæc porta Domini, justi intrabunt in eam.* [1] Estas portas são uma só porta, pela qual entram os justos, que é Christo, de quem vai fallando. Pois se são muitas portas: *Aperite mihi portas:* como são uma só porta: *Hæc porta Domini?* Porque o mesmo Christo é uma porta e é muitas portas, as quaes se chamam *Portas justitiæ*, portas da justiça, porque toda a justiça que têm os justos para entrar no céu, é fundada nos merecimentos de Christo: *Hæc porta Domini, justi intrabunt in eam.* Oiçamos ao abbade Ansberto: *Cùm prius plurali numero portas sibi aperiri postulat, deinde numero singulari unam portam se vidisse testatur; quia quisquis per illas ingreditur, per unam, quæ principalis et singularis est omnium, imò quæ in omnibus una et singularis est, ingreditur.* Notae e pezae bem estas ultimas palavras: *In omnibus una et singularis.* Porque ainda que as portas do céu para qualquer parte do mundo, como as viu S. João, sejam tres; em todas essas tres portas não ha mais que uma porta, que é Christo: *In omnibus una et singularis.* Assim tambem no Rosario. Dividido Christo em tres portas, mas em todas tres um só Christo: um e Trino em si mesmo, e um e Trino em quanto porta do céu. E assim como Christo é um e Trino no Rosario, assim o Rosario é um e Trino em Christo: e por isso, sendo um dividido em tres partes e em tres terços.

VI

O segundo ponto, ou questão, era: porque os mysterios, que meditamos e os Padre Nossos que rezamos no Rosario, são determinadamente quinze e esses quinze tambem divididos de cinco em cinco? Respondo, que o mysterio e significação deste numero quinze, assim inteiro, como dividido, é o mesmo que promettemos e imos seguindo; porque tambem neste numero nos promette Deus, e a Soberana Auctora do Rosario, a bemaventurança do céu. No Capitulo onze do Ecclesiastes diz assim Salomão profundamente: *Da partem septem, nec non et octo: quia ignoras quid futurum*

[1] *Psalm.* CXVII, 30.

sit mali super terram. [1] Homem, que não sabes os males, que de futuro estão apparelhados a ti e ao mundo, dá a Deus os sete e mais os oito. Enigma temos e não facil. S. Jeronymo, Santo Agostinho e os mais Padres, communmente dizem, que estes sete e oito, se hão de tomar juntos, com que fazem o numero de quinze. E não era necessaria tanta sciencia como a sua: menos arithmetica bastava para esta somma. Mas que proporção, ou que virtude tem o sete e o oito, ou o numero quinze composto destas duas partes para livrar ao homem dos males futuros, e o levar aos bens eternos, que é o fim, que aqui se promette, como bem declara S. Gregorio: *Ut per hæc ad bona æterna veniamus?* [2] As exposições deste Texto são quasi tantas, como os auctores. Mas calculada a proporção do numero quinze com a bemaventurança do céu, que nelle se promette e não declarando o Texto, que quinze ha de ser este, ou que coisas sejam, as que havemos de dar, ou offerecer a Deus dentro no mesmo numero de quinze: eu digo, que são os quinze mysterios do Rosario. A razão, que tenho para assim o dizer, creio que é bem fundada. Porque se em cada um destes quinze mysterios nos mereceu Christo, Senhor nosso, não só uma, senão infinitas vezes a mesma bemaventurança: que muito é, que a prometta uma vez aos que quinze vezes cada dia lh'os agradecem com a memoria e lh'os offerecem com a oração?

David, querendo agradecer e pagar a Deus a gloria, que lhe tinha preparada no céu, não achou outro preço proporcionado e equivalente, senão offerecer a Deus na oração o mesmo sangue, com que nol-a comprou: *Quid retribuam Domino, pro omnibus quæ retribuit mihi? Calicem salutaris accipiam: et nomen Domini invocabo.* [3] Notae o *Retribuit*, e o *Quid retribuam*. De sorte, que neste caso havia duas retribuições: uma da parte de Deus, com que Deus havia de premiar a David, e outra da parte de David, com que David havia de pagar a Deus. E não achou David, allumiado pelo mesmo Deus, outro preço mais proporcionado e equivalente em paga da gloria, que certamente havia de rece-

---

[1] *Eccles.*, XI, 2.
[2] D. Gregor. Homil. 6. in Ezech.
[3] *Psalm.* CXV, 12 e 13.

ber (que por isso diz *Retribuit*, como se já a tivera recebido): não achou, digo, outro preço mais proporcionado, que offerecer a Deus na oração o mesmo sangue, com que Deus tinha comprado a mesma gloria, que lhe havia de dar, *Calicem salutaris accipiam:* Eis ahi o preço do mesmo sangue: *Et nomen Domini invocabo:* Eis ahi o offerecimento delle na oração. Lançae agora o discurso por quantas coisas se podem imaginar e vêde, se ha na terra, nem no céu, alguma que se possa dar ou offerecer a Deus, mais proporcionada á bemaventurança, que nos promette pelo que lhe dermos em numero de quinze, senão os quinze mysterios do Rosario? Tudo o demais que dermos, ou offerecermos a Deus pela bemaventurança, é infinitamente menos que o preço, porque elle o comprou. Logo os quinze, a que promette a mesma bemaventurança, não podem ser outros senão os quinze mysterios de sua vida, de sua morte e de sua resurreição, que no Rosario lhe offerecemos: *Da partem septem, nec non et octo: quia ignoras quid futurum sit.* Todos ignoramos o que ha de ser de nós: todos ignoramos este grande e incerto futuro, se havemos de ser bemaventurados, ou não: pois para segurar esta tão importante incerteza, demos outra vez a Deus o que elle nos deu e offereçamos-lhe no Rosario os quinze mysterios de nossa mesma Redempção: *Da partem septem, nec non et octo.*

VII

Mas com razão perguntará alguem e todos: se nestas partes de sete e oito, se contém o numero de quinze: porque não diz Salomão, que demos a Deus os quinze, senão os sete e os oito? Aqui vereis, quão admiraveis são os mysterios dos numeros e quão grande proporção têm os sete e os oito, e só os sete e os oito, com a bemaventurança. Salomão no seu tempo fallava com os da Lei antiga, os quaes então não podiam ir ao céu, senão depois da Redempção, que pertencia á Lei da graça. Elles dedicavam a Deus o dia setimo, que era o sabbado; nós dedicamos a Deus o dia oitavo, que é o Domingo, em que Christo resuscitou glorioso: e porque não bastava só aquelle sete, senão junto com este oito, para se conseguir e gloria: por isso Salomão

exhorta aos seus e a todos, que não só deem a Deus o sete, senão tambem o oito: *Da partem septem, nec non et octo.* Excellentemente S. Jeronymo argumentando contra os Judeus e contra os herejes Marcionistas e Manichéus: *Judæi dederunt partem septem credentes Sabbathum, sed non dederunt octo, suscipientes Evangelium, resurrectionem diei Dominicæ denegantes. E contrario Hæretici, Marcion et Manichæus, dederunt partem octo suscipientes Evangelium, sed eamdem septenario numero non tribuunt, Legem Veterem respuentes.* [1] Os Judeus dão a Deus o sete, porque observam o sabbado, mas não dão a Deus o oito, porque negam o Evangelho, e não crêm a Resurreição de Christo que foi ao dia oitavo. Os hereges Marcionistas e Manichéus, dão a Deus o oito, porque crêm o Evangelho e a Resurreição de Christo e não dão a Deus o sete, porque negam o Testamento Velho: e assim uns como os outros, todos se condemnam, porque não ha salvação, nem nos sete só, sem os oito, nem nos oito só, sem os sete, senão nos sete e nos oito juntos, com que se inteira o numero de quinze, como de suas partes: *Da partem septem, nec non et octo.* Assim o conclue o Doutor Maximo e eu provo e demonstro com o effeito. *Sabbathum*, quer dizer descanço e isto só conseguiam os da Lei velha, por santos que fossem, que por isso iam descançar ao seio de Abrahão. Porém esses mesmos não conseguiram a bemaventurança, senão depois que ajuntando-se o oito ao sete, se aperfeiçoou o numero de quinze. Esse foi o mysterio porque Christo morreu e remiu o mundo, ao decimo quinto da lua, celebrando-se a redempção do Egypto, ao decimo quarto. E como naquelle dia ao sete se ajuntou o oito e se cerrou o numero de quinze: logo aos que até então descançavam ás escuras, lhes amanheceu a nova luz, com que começaram a ser bemaventurados na gloria.

Sendo pois tão natural a proporção, que tem este sagrado numero de quinze com a bemaventurança, ordenada a mesma proporção por aquelle Supremo Auctor da natureza e da graça, que tudo fez em numero, pezo e medida: não é muito, que junto o mesmo numero aos mysterios de sua vida, morte e resurreição, tenha a virtude e efficacia de nos fazer bemaven-

[1] Hieronym. in hunc locum.

turados, concorrendo de nossa parte as meditações e orações, com que um por um meditamos, e em todos e cada um louvamos ao mesmo Senhor. Tudo assim, como eu o digo, estava já pintado e cantado muito antes de haver Rosario, sendo o pintor Ezechiel e o musico David. No Templo de Jérusalem além do Atrio, chamado dos gentios, havia outros dois, em que só entravam os fieis, um que se chamava Atrio exterior, outro interior. Ao Atrio exterior, diz Ezechiel, que se subia por sete degráus: *Et septem graduum erat ascensus ejus:* [1] porém ao interior, que se seguia depois deste e ficava mais dentro e mais acima, diz que os degraus, porque se subia, eram oito: *Et in octo gradibus ascensus ejus.* [2] E porque não eram, uns e outros degraus, sete; ou uns e outros, oito? Porque esta differença dos degraus fazia a proporção do numero e inteirava o mysterio, conformando tudo com o que acabamos de dizer. De maneira, que os que subiam pelos sete degráus ao Atrio exterior, ficavam ainda de fóra: porém os que subiam tambem pelos oito do Atrio interior, em que se cerrava o numero de quinze degraus, estes só entravam no Templo e chegavam ao *Sancta Sanctorum*. O Templo significava o céu, o *Sancta Sanctorum*, em que Deus assistia sobre as azas de Cherubins, significava a gloria, os quinze degraus, porque se subia, significavam os quinze mysterios da Humanidade e Divindade de Christo e os que subiam por elles, os que meditam no Rosario os mesmos mysterios. E falta ainda mais alguma propriedade? Sim. Porque os que subiam por aquelles degraus, não subiam mudos, senão cantando, ou rezando em cada degrau um Psalmo. Estes eram os quinze Psalmos, a que David chamou Graduaes; porque em cada degrau dos quinze se rezava um, assim como nós no Rosario a cada mysterio rezamos um Padre Nosso e uma decada de Ave Marias. E a significação de tudo o que naquella famosa figura se via e ouvia, era, diz S. Jeronymo, que por quinze degráus e por quinze orações, em que se contém os louvores Divinos, sobem os justos ao céu e a Deus, para lá o louvarem eternamente: *Quindecim sunt carmina in psalterio et quindecim gradus in Eze-*

[1] *Ezech.*, XL, 22.
[2] *Ibid.*, 37.

chiele, per quos ad canendum Deo, et in Atriis ejus consistendum, justus ascendit. [1] Quem tão claramente descreveu o Rosario, tambem o nomearia, se não escrevera mil annos antes.

VIII

Finalmente, estes quinze mysterios, ou degraus, os dividiu a Virgem, Senhora nossa, de cinco em cinco (que é a segunda parte deste ponto): e aqui parece, se encontra a architectura do Rosario com a do Templo de Ezechiel, em que com tanta propriedade o vimos retratado até agora. Os degraus, que lá eram quinze, sómente se dividiam em duas partes: pois se os mesmos quinze degraus eram figura dos quinze mysterios do Rosario: porque os divide a Senhora, não em duas partes, senão em tres: e não em partes deseguaes, como lá estavam repartidos, senão todas eguaes e do mesmo numero, cada uma de cinco em cinco? Confesso, que quando aqui cheguei, me entristeceu muito esta desproporção, vendo, que as contas me sahiam tão erradas. Mas a mesma Virgem, que não póde faltar a quem a serve e mais em causa sua, em cumprimento da verdade, com que diz de si: *Ego eruditis intersum cogitationibus:* [2] me acudiu com uma erudição, não nova, mas muito antiga, e me ensinou a grande correspondencia desta sua repartição de cinco em cinco, a qual eu na lição de muitos livros não tinha alcançado. A erudição, que digo, é do insigne commentador dos Psalmos chamado o Incognito, o qual no primeiro dos Graduaes diz assim: *Per quindecim gradus ascendebatur ad templum, qui gradus erant distincti per quinque ter:* Os degráus, por onde se subia ao Templo, eram quinze, mas esses quinze divididos em tres vezes cinco: *Per quinque ter.* Mais elegantemente se pudera dizer, mas não com maior clareza. Vai por diante o mesmo Auctor e diz, que no fim de cada cinco degraus havia um espaço maior; porque alli paravam e se detinham os que subiam, rezando a cada cinco Psal-

[1] Hieron. in cap. 1. Epist. ad Galat.
[2] *Prov.*, VIII, 12.

mos algumas outras orações, e que isto faziam no quinto degrau, no decimo e no decimo quinto: *In capite quinque graduum erat maius spatium: et quando erant in quinto gradu, aliqualem moram ibi faciendo, post quintum psalmum dicebant aliquas orationes, consimiliter in decimo et in decimo quinto.* E esta erudição, ou tradição, é tão certa e tão antiga, que por isso a Igreja divide os mesmos Psalmos Graduaes em tres partes, com pausa e oração diversa a cada cinco. Assim que em dividir os quinze mysterios do Rosario de cinco em cinco, não se apartou a Senhora da architectura do Templo, ou para o dizer com maior certeza, não se apartou a architectura do Templo do desenho da mesma Senhora.

E a que fim esta repartição de cinco em cinco? Ao mesmo fim de todos os outros numeros e contas do Rosario. E é com altissima providencia, para que o pezo da nossa fraqueza e a guerra que nos faz o demonio pelas portas de cinco sentidos, não impedissem a subida do céu. Pergunta Santo Agostinho, porque razão na Parabola das Virgens [1] se introduzem signaladamente cinco prudentes, que entraram ás bodas e cinco nescias, que ficaram de fóra? E responde, que o numero de cinco significa os cinco sentidos, os quaes, ou com a continencia nos levam á gloria, ou com a corrupção nos impedem a subida: *In quinario numero intelligitur continentia quinque sensuum carnis: ab his quinque januis corruptionis quicumque se continent, sunt quinque Virgines sapientes, etc.* [2] São os cinco sentidos, os cinco talentos, [3] que entregou Deus a nossas almas para negociarem o céu: mas pelo máu uso delles, elles vem a ser os maiores inimigos de nossa salvação. Elles são os cinco reis Amorrheus, [4] que na conquista da Terra de Promissão resistiram e fizeram guerra a Josuë. Elles são os cinco Satrapas dos Philistheus, [5] com que Deus prohibiu aos filhos de Israël, que não tivessem commercio e porque o tiveram, idolatraram. Elles são os cinco Adulteros da Samaritana, [6]

---

[1] *Math.*, XXV, 2.
[2] August. in Psalm. 49. Serm. 33 de verbis Domini.
[3] *Math.*, XXV, 15.
[4] *Josuë*, X, 5.
[5] *Juizes*, III, 3.
[6] *Joan.*, IV, 18.

que depois de todos a perderem, todos a desprezaram. Elles são os cinco irmãos do rico avarento, [1] que, ainda ardendo no inferno, ou os amava, ou tinha memoria delles. E elles em fim são as cinco juntas de animaes grosseiros, [2] com que o rustico e descortez lavrador, se escusou de ir ao banquete do rei. E com muita propriedade (como bem notou Salmeirão) se chamam os sentidos juntos, porque andam atados de dois em dois. Dois olhos para a vista, dois ouvidos para ouvir, duas mãos para o tacto, duas entradas para o olfacto e duas, que são a bocca e a lingua, para o gosto. *Quinque juga boum sunt quinque sensus, qui omnes geminati sunt.* [3]

Repartiu pois a Senhora os cinco mysterios do seu Rosario de cinco em cinco: para que nos Gososos, se os sentidos se deixasem levar do appetite do gosto, ou nos Dolorosos, se se retirassem pelo temor da pena, ou nos Gloriosos, se os movesse o desejo da gloria vã; em todos tivesse a alma cinco castellos fortes, com que podesse resistir ás suggestões dos mesmos sentidos: ou cinco remedios presentissimos, com que curar as fraquezas em que tivessem cahido. Se a alma se vê tentada do demonio, aquelles cinco mysterios são as cinco pedras de David, com que derrubou o Gigante. [4] Se se vê enferma, elles são os cinco porticos da Piscina, em que se curou o paralytico, não podendo dizer: *Hominem non habeo:* [5] porque em todos tem a Deus feito homem. Se se vê captiva, elles são os cinco ciclos, com que os primogenitos se resgatavam no Templo. [6] Se se vê culpada e delinquente, elles são as cinco cidades de refugio, aonde se acolhiam os criminosos e logravam immunidade. [7] Se se vê emendada, mas receiosa da recahida, elles são as cinco columnas do Tabernaculo de materia incorruptivel e bases de bronze. [8] Se finalmente pelos erros da vida passada se vê descon-

---

[1] *Luc.*, XVI, 28.
[2] *Ibid.*, XIV, 19.
[3] Salm. Tom. 1.° Prologom. 19.
[4] *1.° Livr. dos Reis*, XVII, 40.
[5] *Joan.*, V, 12.
[6] *Levit.*, XXVII, 6.
[7] *Josuë*, XXI, 37.
[8] *Exodo*, XXVI, 37.

fiada do perdão, com que alcançar a eterna, elles são as cinco palavras, com que Christo disse ao Ladrão: *Hodie mecum eris in Paradiso.* [1]

IX

O terceiro ponto e ultima duvida, ou questão era: Porque são cento e cincoenta as Ave Marias que rezamos no Rosario, e porque estas se dividem em tres vezes cincoenta, e cada cincoenta de dez em dez? A resposta já se sabe que ha de ser a mesma. E é, que todos estes numeros e cada um delles, significavam por diverso mysterio os modos com que o mesmo Rosario nos dispõe nesta vida para a bemaventurança e no fim nos leva a ella. O maior numero pois do Rosario e o ultimo em que todas as saudações angelicas, ou Ave Marias, se resumem, é o de cento e cincoenta. E que significa este numero? O Psalmo de David tambem se compõe de cento e cincoenta Psalmos: porque não ha Psalmo, que não esteja cheio de grandes mysterios, nem verso de cada Psalmo, ou palavra de cada verso, que não seja mysteriosa: do mysterio, com que o Espirito Santo, Auctor dos mesmos Psalmos, ordenou, que fossem cento e cincoenta, nem em maior, nem em menor numero, tiraremos a significação do nosso. Cassiodoro, aquelle famoso secretario d'El-rei Theodorico, doutissimo em todas as lettras e depois de deixar a côrte e se fazer monje, illustre expositor das divinas, combina os cento e cincoenta Psalmos com os cento e cincoenta dias, em que esteve alagado o mundo com o diluvio, e affirmando que o mysterio mais evidente de um e outro numero é o mesmo, diz assim: *Est etiam ejusdem rei aliud evidentius Sacramentum, quòd centum quadraginta diebus diluvio superducto criminibus suis terra diluta est: sic et hi psalmi tali numero producti genus humanum peccatis suis pollutum convenienter reddunt absolutum.* Assim como o mundo alagado cento e cincoenta dias com o diluvio ficou purificado dos peccados, que mereceram aquelle castigo; assim ordenou o Espirito Santo (diz Cassiodoro) que o

[1] *Luc.*, XXXIII, 43.

Psalterio se compuzesse de cento e cincoenta Psalmos, para que com elle como com um segundo diluvio da graça se purificasse de seus peccados todo o genero humano. Já dissemos em outras occasiões, que o Rosario desde seu principio, pela similhança do numero, se chamou Psalterio da Virgem: e se ao Psalterio de David se concedeu esta graça universal de purificar as almas: quanto mais ao Psalterio da Mãe de Deus, composto por isso mesmo e ensinado ao mundo depois do de David? As razões desta vantagem, que são muito mais evidentes, daremos no sermão seguinte. Agora só basta dizer, que não podendo as almas entrar á bemaventurança, senão absoltas e purificadas de todo o peccado: *Nihil inquinatum in eam incurrit.* [1] esta é a ultima disposição, com que o Rosario nesta vida nos habilita para a eterna: a qual conseguem sem excepção todos os que dignamente se valem e aproveitam delle: e assim estão significados no mesmo numero de cento e cincoenta.

Depois da Resurreição de Christo foi S. Pedro pescar com outros discipulos e por toda a noite, como já outra vez lhes tinha acontecido, nenhuma coisa tomaram. Ao amanhecer appareceu o Senhor na praia, disse-lhes, que lançassem a rede para a parte direita, e foi tão venturoso o lanço, que sem se romper a rede, trouxeram a terra cento e cincoenta e tres peixes, todos grandes: *Ascendit Simon Petrus et traxit rete in terram, plenum magnis piscibus, centum quinquaginta tribus. Et cum tanti essent, non est scissum rete.* [2] O mysterio dos tres, ponderaremos depois: vamos agora aos cento e cincoenta. Santo Agostinho e S. Gregorio, e commummente os Padres dizem, que neste numero foram sómente significados os escolhidos, e que se salvam: e que esta é a razão, porque Christo agora mandou aos Apostolos, que lançassem a rede á mão direita, aonde hão de estar só os bons no dia do Juizo: o que o mesmo Senhor lhe não disse n'outra occasião, em que os mandou pescar e tomaram bons e maus. Santo Agostinho: *Si in dexteram diceret, solos bonos significaret, si in sinistram, solos malos: ubi autem tacetur dextera et sinistra, mixti capiuntur, boni et mali.* E

[1] *Sapient.*, VII, 25.
[2] *Joan.*, XXI, 11.

para que se conheça, que este privilegio é proprio do Rosario: saibamos, qual era a rêde e em que tempo se lançou ao mar? A rêde, diz Santo Ambrosio, que é a oração: *Quæ sunt autem quæ laxari jubentur retia, nisi verborum complexione, et quasi quidam orationis sinus.* [1] Não se pudera melhor descrever o Rosario entre todas as orações. Na tecedura é composto de palavras todas eguaes e da mesma proporção: *Verborum complexiones:* e na figura é estendido e voltado em fórma circular, com que se faz o seio e cerco da rêde: *Et quasi quidam orationis sinus.*

E basta isto para a propriedade da similhança? Não: que ainda lhe falta a maior de todas, que é o tempo em que se aperfeiçoou e se lançou ao mar a rêde do Rosario. Oiçamos a S. Gregorio Papa: *Priusquam Redemptor noster pateretur et resurgeret, mitti quidem retia ad piscandum jubet, sed utrùm in dexteram, an sinistram non jubet. Quis verò nesciat bonos dextera, et malos sinistra figurari? Hæc autem piscatio post Domini resurrectionem facta, in solam dexteram missa est, quia ad videndam claritatis gloriam sola Ecclesia electorum pertingit.* [2] Antes de Christo morrer e resuscitar, não mandava que a rêde se lançasse á mão direita, ou esquerda, e por isso colhia bons e maus; porém depois que morreu e resuscitou, então mandou, que se lançasse á mão direita porque só os da mão direita são os bons e os que pertencem ao numero dos escolhidos. Ainda me parece, que não cahis de todo no mysterio. A culpa têm-a a pouca e viciosa rhetorica dos que, para dizerem alguma coisa, sempre a difficultam primeiro e depois a resolvem, com que sem pergunta e resposta, não ha conceito, nem os ouvintes pelo costume percebem o que se diz. Supposto isto, pergunto o que já está dito. Se Christo antes de morrer e resuscitar, não mandava lançar a rêde á mão direita, nem esquerda, com que ella tomava bons e maus: porque razão depois de morto e resuscitado, a manda lançar só á mão direita, com que recolhe só os bons? Isto é o que disse sem perguntar S. Gregorio e este é manifestamente o mysterio do tempo, em que a rêde se aperfeiçoou e lançou ao mar. Antes de Christo padecer e

---

[1] D. Ambros. ibidem, Livr. 4.º in Lucam.
[2] Greg. in eum locum Homil. 14, in Evang.

resuscitar: *Priusquam paterctur et resurget:* ainda a rêde do Rosario não estava feita, porque lhe faltavam os mysterios Dolorosos e Gloriosos; porém depois que Christo morreu e resuscitou, então se aperfeiçoou a rêde, então se lançou só á mão direita, e então, sem haver que lançar fóra, recolheu só os escolhidos: *Hæc autem piscatio in solam dexteram missa est, quia ad videndam claritatis gloriam sola pertingit.*

X

Este é no Rosario o mysterio do numero cento e cincoenta, ao qual se ajuntou o de tres, nos peixes que recolheu a rêde: *Centum quinquaginta tribus:* mas não para variar o mesmo numero, senão para o repartir em tres vezes cincoenta, como ensina Santo Agostinho e se faz no Rosario: *Numerus centum quinquaginta tria ter habet quinquagenarium: et insuper ipsa tria propter Mysterium Trinitatis: quinquagenarius autem est Jubilæus.* Os tres, que se accrescentam ao numero cento e cincoenta, significam, diz Santo Agostinho, o mysterio da Santissima Trindade (que por isso mostramos ao principio, que o Rosario é um e Trino): e juntamente denotam a divisão dos mesmos cento e cincoenta em tres vezes cincoenta, porque o numero de cincoenta é o numero jubileu. Saibamos agora o que era jubileu. Jubileu, como consta de todo o Capitulo vinte e cinco do Levitico, era um anno famosissimo no Testamento Velho, o qual vinha e se celebrava de cincoenta em cincoenta annos: e por outro nome se chamava o anno da remissão; porque nelle não só concedia Deus grandes remissões, mas mandava e obrigava, a que sem excepção de pessoa as observassem e lograssem todos. A primeira era, que naquelle anno não se arava, nem semeava, nem se cultivavam os campos, e cessava todo o trabalho. A segunda, que todas as herdades ainda que se tivessem vendido e alienado muitas vezes, tornassem a seus primeiros possuidores. A terceira, que se perdoassem todas as dividas. A quarta, que todos os escravos se libertassem. Póde haver mais formoso e mais feliz anno? Pois isto é o que aquelle numero de cincoenta significava então nas coisas temporaes, que logo se mudavam, e hoje nas

espirituaes e eternas, que duram para sempre. As cincoenta Ave Marias do Rosario, dividido em tres terços, nos negoceiam o descanço eterno do céu, onde senão ara, nem cava a terra, mas se come em sua propria substancia o Manná, sem nenhum trabalho. Ellas nos restituem a herdade e herança do paraizo, perdida primeiro pela culpa de Adão e depois tantas vezes vendida pelas nossas. E porque para esta inteira restituição é necessario que se ajunte, ou preceda o perdão das dividas e a liberdade do captiveiro: estas são as duas petições, que no Rosario fazemos a Deus nas ultimas do Padre Nosso. O perdão das dividas dos peccados: *Dimitte nobis debita nostra:* [1] e a liberdade do captiveiro do demonio: *Sed libera nos à malo.* [2] Vêde se nos despachará Deus estas duas petições do Padre Nosso, quando nas cincoenta Ave Marias de cada terço rogamos á Mãe do mesmo Deus, que rogue por nós peccadores. E para que se conheça a grande porporção e correspondencia, que tem estas cincoenta Ave Marias com o Padre Nosso, notae as palavras do mesmo Padre Nosso e achareis, que desde o *Pater* até o *Amen* são pontualmente cincoenta. Tão medidas e tão contadas estão no Rosario as consonancias do numero e tão sagrado e mysterioso é o de cincoenta.

O que este numero promettia na Lei Velha, cumpriu na Lei da graça a vinda do Espirito Santo, enchendo de todas as graças ao dia cincoenta, por ser este o numero determinado na Lei para remissão universal. Assim o conta e canta a Igreja: *Sacro dierum circulo, quo Lege fit remissio.* Mas esta conta parece, que não está certa, nem proporcionada, nem propria: e que o Espirito Santo não havia de descer ao dia cincoenta, senão ao dia quarenta e nove. As graças e dons do Espirito Santo são sete, e sete multiplicados por sete, ou sete vezes sete, fazem quarenta e nove: logo no dia quarenta e nove, parece, que havia de vir o Espirito Santo e não no dia cincoenta? Assim se representa á primeira vista. Mas ainda deixada a correspondencia da figura e do jubileu da Lei antiga, não podia, nem devia ser a vinda do Espirito Santo ao dia quarenta e nove, por um grande mysterio dos numeros, que aqui está es-

[1] *Math.*, VI, 12.
[2] *Ibid.*, 13.

condido. O numero de quarenta sempre é significativo de afflicção e de pena, diz S. Jeronymo e o prova com muitos exemplos da Escriptura, que deixo por brevidade: *Quadragenarius numerus semper afflictionis, et pœnæ est.* [1] Daqui se segue que o numero quarenta e nove, não só é significativo de afflicção e pena, senão da ultima e summa afflicção, e da ultima e summa pena, a que se póde chegar; porque o numero quarenta só chega, e se estende a quarenta e nove e não póde passar dahi: logo trazendo o jubileu do Espirito Santo a remissão universal dos peccados e a indulgencia de todas as penas merecidas por elles, e sobre isso os dons e penhores de sua graça com que se nos assegura o descanço eterno e bemaventurança da gloria; não podia, nem devia vir, senão no dia em que se fechasse o circulo de cincoenta: *Sacro dierum circulo, quo Lege fit remissio.*

Isto mesmo faz o circulo do Rosario, não uma, senão tres vezes em cada uma das cincoenta Ave Marias que nelle contamos. E saibam aqui os devotos, o que muitos não sabem, e é bem que conste a todos, que as indulgencias, que os Summos Pontifices concedem aos que rezam o Rosario, não só se entendem dos que o rezam inteiro com cento e cincoenta Ave Marias, senão tambem dos que rezam sómente o que chamamos terço, com as cincoenta que lhe pertencem: e assim o têm declarado nas suas Bullas os mesmos Pontifices. Vejamos agora em um formoso e temeroso retrato, o que diziamos. Para que fossem lançados no fogo os meninos de Babylonia, mandou o rei barbaro, que a fornalha se accendesse quanto mais fosse possivel, e diz o Texto sagrado, que a lavareda subia quarenta e nove covados: *Et effundebatur flamma super fornacem cubitis quadraginta novem.* [2] Bem se vê, que só Deus, que o refere, podia tomar estas medidas ao fogo, e que o numero de quarenta e nove era mysterioso e significava o maior fogo de todos. Lançados pois os meninos na fornalha, consideremos o que lhes succedeu, quantos eram, o que faziam, e quem os assistia. O que lhes succedeu, foi, que sustentando-se o fogo do aereo e do humido, como bem philosopha Santo Agostinho,

[1] D. Hieron. in Ezechiel, cap. 29.
[2] *Daniel*, III, 47.

o aereo se converteu em viração e o humido em orvalho, que os recreava: *Quasi ventum roris flantem.* [1] O que faziam, era louvar a Deus, chamando-lhe muitas vezes bemdito: *Benedictus es Domine Deus Patrum nostrorum.* [2] E porque eram tres, todos tres repetiam o mesmo sem mudar uma só palavra: *Hi tres quasi ex uno ore laudabant et glorificabant, et benedicebant Deum.* [3] Finalmente, quem os assistia, era um similhante ao Filho de Deus: *Et species quarti similis Filio Dei.* [4] E não é isto uma excellente representação dos que louvam a Deus com o Rosario, e das mercês que Deus lhes faz por esta devoção? As vozes são tres, porque são repartidas em tres terços: e o que se ouve em um sem mudar palavra, é o que se diz e repete no outro. Elles repetiam em todas as clausulas: *Benedictus Deus:* e nós em todas as Ave Marias: *Benedicta tu in mulieribus et benedictus fructus ventris tui.* A elles assistia-os em tudo um, similhante ao Filho de Deus, antes de o Filho de Deus encarnar e se fazer visivel, e nós em todos os mysterios do Rosario o temos presente. Finalmente o effeito da parte de Deus, que principalmente pretendemos mostrar, é, que assim como Deus lhes converteu o fogo e lavaredas da fornalha em um paraiso de delicias, assim nos livra Deus das penas do inferno, significadas nos quarenta e nove covados das lavaredas, como elles mesmo disseram: *Quia eruit nos de inferno:* [5] e para nos levar ao descanço das delicias da bemaventurança, nos concede a remissão universal de todos os peccados, significada no numero cincoenta: *Sanctificabis annum quinquagesimum, et vocabis remissionem cunctis habitatoribus terræ tuæ.* [6]

XI

Só resta o mysterio do numero dez, repetido em todas as decadas do Rosario, o qual melhor que todos

---

1 *Dan.*, III, 50.
2 *Ibid.*, 52.
3 *Ibid.*, 51.
4 *Ibid.*, 92.
5 *Ibid.*, III, 88.
6 *Levit.*, XXV, 10.

cerra as contas e aperfeiçoa quanto temos dito. Philo, chamado o Platão dos Hebreus, fallando deste numero, diz assim: *Denarius inter omnia est perfectiss.mus; complectitur enim cunctas numerorum differentias; item proportiones arithmeticas, et geometricas; quin etiam rerum genera, quæ prædicamenta dicuntur, denario numero comprehenduntur.* [1] Quer dizer: que o numero dez é o mais perfeito de todos; porque comprehende todas as differenças dos numeros e todas as proporções arithmeticas e geometricas e até os generos de todas as coisas, que os philosophos reduzem ao numero de dez. Perfeito é aquillo, a que nada se póde accrescentar e tal é a perfeição deste numero. Póde-se repetir, mas accrescentar não se póde: porque o numero de vinte, de trinta e os demais que se pódem multiplicar infinitamente, não são, nem significam outra coisa, senão o mesmo dez, muitas vezes repetido. Por isso depois que o lume natural se escureceu pelo peccado, querendo Deus restituir o homem á perfeição original, em que o tinha creado no Paraiso e dar-lhe outro paraiso melhor; todos os preceitos desta reformação reduziu a Divina sabedoria ao numero de dez. Neste numero de dez se continha virtualmente a Lei da natureza, nelle se promulgou expressamente a escripta e nelle se continuou e durará para sempre a da graça: não só tomando do mesmo numero de dez o nome de Decalogo, mas ficando tão estreitamente atada a elle a salvação dos homens, que nem os homens a possam conseguir, nem o mesmo Deus lh'a possa dar, senão dentro no mesmo numero. E' caso admiravel, o que agora merecia larga ponderação, se o tempo a permittira.

Mandou Deus a dois Anjos, que fossem pôr fogo á cidade de Pentapolis, mais conhecida pela infamia de outro nome: e Abrahão, que tinha a Deus por seu hospede naquella occasião, parte rogando e parte perguntando, quiz saber do mesmo Senhor por quantos justos perdoaria aquelle castigo. Começou pelo numero de cincoenta: *Si fuerint quinquaginta justi in civitate:* [2] e como Deus respondesse, que por cincoenta justos perdoaria, quatro vezes foi diminuindo Abra-

[1] Philo. part. I. lib. de Dechal.
[2] *Genes.*, XVIII, 24.

hão o mesmo numero, achando sempre propicia a Divina Misericordia. Chegou finalmente ao numero de dez: e respondendo Deus, que tambem por dez concederia o perdão: *Non delebo propter decem:* [1] no mesmo ponto, sem querer mais ouvir, desappareceu: *Abiitque Dominus.* [2] O mysterio porque Abrahão começou pelo numero cincoenta, já está dito: e é, porque elle pedia perdão e misericordia para aquella cidade, e o numero de cincoenta significa indulgencia e remissão. Mas se tambem achou propicia a Misericordia Divina em quatro numeros menores e Deus esperou e ouviu até o numero de dez: porque razão não guardou, nem quiz ouvir mais, e tanto que respondeu, que perdoaria por dez, desappareceu? Excellentemente Salmeirão: *Usque ad decem justos descendit remissio, quia Deus paratus erat parcere Sodomitis usque ad servantes præcepta Decalogi.* Chegou Abrahão até o numero dez, quando pedia perdão para a cidade condemnada, porque no numero dez, se entende a observancia da Lei, a qual consta de dez preceitos e por serem dez se chama Decalogo: e porque abaixo deste numero nem os homens podem conseguir o perdão final, com que se salvam, nem Deus o póde conceder; por isso Abrahão o não pediu e Deus desappareceu.

Bem está. Mas qual é a razão, porque o perdão final e a salvação dos homens a tem Deus tão determinada ao numero dez e tão vinculada e atada a elle, que nem o mesmo Deus a póde conceder abaixo deste numero? A razão é: porque entre o merecimento e o premio, ha de haver proporção egual e como o merecimento, que é o Decalogo, consiste no numero dez e nada menos; tambem o premio, que é a salvação e a gloria, senão póde conceder, senão no mesmo numero e sem diminuição, nem abatimento delle. A prova é manifesta. Chamados os operarios á vinha do Pae de familias, [3] uns vieram mais cedo, outros mais tarde; uns trabalharam mais, outros menos; e no fim do dia o Pae de familias, que representava a Deus, mandou pagar a todos e a todos se deu a mesma moeda. Chamava-se esta moeda denario, com o nome derivado do

---

[1] *Gen.*, XVIII, 32.
[2] *Ibid.*, 33.
[3] *Math.*, XX, 1 e seg.

numero dez, porque no pezo e no preço, continha o valor de dez moedas menores. Pois se uns vieram á vinha cedo e outros tarde, se uns trabalharam muito e outros pouco, porque paga Deus a todos egualmente com a mesma moeda e com o mesmo denario? Porque o denario significa a gloria essencial, que nesta parabola se declara pela proporção numerica. E posto que na mesma gloria, os que trabalharam mais, ou menos, a terão maior, ou menor, quanto ao gráu, sempre é necessario que todos a recebam egual, quanto ao numero. A razão é, como dizia: porque o premio deve ser proporcionado ao merecimento: e como o merecimento não póde ser menor que o de todo o Decalogo, tambem o premio não póde ser menor que o de todo o denario. Mas como no mesmo Decalogo póde ser mais ou menos perfeita a observancia, assim no mesmo denario póde ser mais ou menos perfeito o gráu da gloria. Sempre porém é egual em todos o numero de dez no denario, por que sempre ha de ser egual em todos o numero de dez no Decalogo: *Usque ad servantes præcepta Decalogi.*

Sobre este fundamento tão solido, passemos agora ao nosso intento e veremos, como dentro no mesmo numero de dez, assim como ao Decalogo dos preceitos, se promette o denario da gloria, assim está promettido o mesmo denario da gloria ás decadas do Rosario. Em cada decada do Rosario pedimos dez vezes á Virgem Senhora nossa, rogue por nós peccadores, agora e na hora da nossa morte. E no Psalmo trinta e um promette Deus o perdão final dos peccados, e a gloria e bemaventurança, que a elle se segue: *Beati quorum remissæ sunt iniquitates et quorum tecta sunt peccata.* [1] Onde muito se deve reparar naquella palavra, *Tecta*, que significa protecção; porque a bemaventurança, e remissão dos peccados, que aqui se promette: *Beati quorum remissæ sunt iniquitates:* quer Deus que se attribua, não só á sua misericordia, mas á protecção de quem a alcança, qual é no nosso caso, a da Mãe do mesmo Deus, que em cada dez Ave Marias imploramos. E porque não pareça coisa duvidosa e alheia da Divina Justiça, que a mesma bemaventurança, que é devida á observancia dos dez preceitos de Decalogo, se conceda a dez orações tão breves: foi notar Cassiodoro,

[1] *Psalm.* XXXI, 1.

que neste mesmo Psalmo, o qual se compõe e consta de onze versos, nos primeiros dez fallam os homens com Deus, e contém outras tantas preces, e no ultimo e undecimo, responde Deus aos homens e lhes concede a todos a indulgencia dos peccados, que no principio lhe pediram; e com nome de justos a graça, de que é premio a gloria: *Lætamini in Domino et exultate et gloriamini omnes recti corde.* [1] E que infere deste seu computo o mesmo Cassiodoro? Infere, que as dez preces, posto que tão breves daquella decada, têm diante de Deus a mesma virtude dos dez preceitos do Decalogo, com tanto que sejam rezadas de todo o coração. *Consideremus modò* (diz elle) *virtutem psalmi hujus, quòd decem versibus supplicando, divinum meruerit sine aliqua dilatione responsum: fortè Decalogi commonens operationem; ut sicut ille custoditus vocat ad præmium, ita et hæc compuncto corde fusa precatio, ad indulgentiæ nos vota perducat.*

Já bastava, para boa prova do que digo, a paridade destes dez versos, computada com as dez Ave Marias de cada decada do Rosario. Mas não se contentou com isso o Propheta; e continuando o mesmo Psalmo na segunda parte delle (que é o seguinte) diz desta maneira: *Exultate justi in Domino: rectos decet collaudatio. Confitemini Domino in cithara: in psalterio decem chordarum psallite illi. Cantate ei canticum novum.* [2] Não se podia declarar mais expressamente o Rosario e muito em particular as decadas, em que se divide. Diz o Propheta, que se alegrem os justos e louvem a Deus: e que o modo de o louvar seja com um cantico novo ao som do Psalterio, de dez cordas, e da viola, que é de cinco. Primeiramente chama-se o Rosario cantico novo, isto é: *Canticum Novi Testamenti:* (como notaram Hugo, Carthusiano e Caetano). Porque o Rosario, assim mental, como vocalmente, é instituto e modo de orar proprio do Testamento Novo. Mentalmente; porque no Testamento Velho, como o Verbo ainda não tinha encarnado, nem morrera, nem resuscitára, ainda então não havia mysterios de Christo, nem Gososos, nem Dolorosos, nem Gloriosos. E vocalmente; porque no Testamento Velho rezavam-se Psalmos e outras orações,

[1] *Psalm.* XXXI, 1.
[2] *Ibid.*, XXXII, 1, 2, 3.

mas não se rezavam Padre Nossos, nem Ave Marias, havendo começado a Ave Maria na embaixada do Anjo Gabriel, e o Padre Nosso d'ahi a trinta e dois annos, quando o ensinou o mesmo Christo. Acrescenta o Propheta, que estes louvores de Deus se haviam de cantar ao som ou ao descante do Psalterio de dez cordas e da viola de cinco; porque os mysterios se haviam de meditar de cinco em cinco, e as orações se haviam de rezar de dez em dez: *In cithara, et psalterio decem chordarum.* E pára só na propriedade dos numeros, a harmonia destes dois instrumentos? Não. S. Jeronymo [1] declarando qual fosse a fórma do Psalterio, diz, que era totalmente diversa da viola; porque a viola tem o oco, ou concavidade, onde se fórma o som, na parte inferior; porém o Psalterio da parte de cima. E tal é a harmonia do Rosario, assim na parte mental, como na vocal. Na mental, porque os mysterios, que o Rosario medita, obrou-os Deus descendo elle do céu á terra: e na vocal, porque as orações, que o Rosario reza, ouve-as Deus subindo ellas da terra ao céu: os mysterios fazem a harmonia cá em baixo, e as orações lá em cima: *In cithara, et psalterio.* Aquelles pois, que deste modo orarem e louvarem a Deus, e ao som destes dois instrumentos lhe cantarem o cantico proprio do Testamento Novo, que são os que meditam e rezam o Rosario; a estes emfim diz o Propheta, que se alegrem como justos, e a estes chama bemaventurados pela remissão dos peccados e bemaventurados pela protecção da graça: *Beati quorum remissæ sunt iniquitates et quorum tecta sunt peccata.*

XII

Tenho acabado o meu discurso e declarado, como prometti, o que significam mysteriosamente todos e cada um dos numeros de que se compõem as contas do Rosario. E que é o que havemos de colher de todos estes numeros? Cada um colherá o que lhe ditar a sua devoção e o seu juizo. O que a mim me aconselha o

[1] Hieron. August. Cassiod. et alii.

meu e o que eu quizera persuadir a todos, é, que de todos estes numeros tiremos uma firme resolução de ser do numero dos predestinados. Mas antes de declarar o meio e o modo, importa que se entenda primeiro como isto é possivel. A predestinação de todos e cada um de nós, está decretada *ab æterno* e conhecida na presença Divina, que é immutavel: logo parece, que, ainda que nós queiramos, nos não podemos fazer do numero dos predestinados? Digo que sim, podemos. A theologia mais certa e mais bem fundada em todas as Escripturas Sagradas, é, que Deus nos predestinou *post prævisa merita:* quer dizer este termo proprio das Escolas, que previu Deus desde sua eternidade os merecimentos e obras de cada um e conforme as mesmas obras, que são as que agora fazemos e fizermos até á morte, ou as boas feitas com sua graça, ou as más feitas sem ella por nosso livre alvedrio, decretou o mesmo Deus a salvação de uns e a condemnação de outros. Isto é o que definiu S. Pedro, quando disse: *Satagite, ut per bona opera vestram vocationem faciatis:* [1] procurae com todo o cuidado de fazer certa a vossa vocação por meio das boas obras. E como a nossa predestinação se funda nas obras de nossa vida: d'aqui se segue, que em quanto vivemos, se quizermos, nos podemos fazer do numero dos predestinados. Nem encontra esta possibilidade a presciencia infallivel, que Deus tem dos mesmos predestinados e numero delles; porque as nossas obras não são boas, porque Deus sabe que nos havemos de salvar, mas sabe Deus que nos havemos de salvar, porque as nossas obras, cooperando com sua graça, hão de ser boas e dignas de salvação. Esta theologia, como dizia, é a mais bem fundada e revellada nas Escripturas Divinas, as quaes reservo para outra occasião, em que de proposito hei-de tratar esta materia. Por agora baste saber, que assim o ensinam, Vasquez, Molina, Valença e outros gravissimos Theologos, cuja doutrina resume o doutissimo Cornelio A' Lapide nesta breve e clarissima conclusão: *Hac ergo ratione in cujusque fidelis potestate et arbitrio est, facere, ut sit prædestinatus, vel non sit.* [2]

---

[1] *2.ª Petr.*, I, 10.

[2] Vasquez, Molina et Valent. citati a Cornel. in locum Epist. D. Petri.

Mas oiçamos a toda a Igreja Catholica, columna da fé e da verdade, a qual no principio da Quaresma, em que nos exhorta á penitencia, faz a Deus esta notavel oração: *Deus, cui soli cognitus est numerus electorum in Suprema Felicitate locandus: tribue, quæsumus, ut omnium Fidelium nomina beatæ Prædestinationis Liber adscripta retineat.* Deus, a quem só é conhecido o numero dos escolhidos, que hão de gozar a eterna felicidade· concedei-nos, como vos pedimos, que o livro da bemaventurada predestinação retenha e conserve em si os nomes de todos os fieis, que nelle estão escriptos. Até aqui a Igreja Catholica, a qual nestas palavras suppõe uma coisa e pede outra. Suppõe que só Deus conhece o numero dos predestinados, que é a presciencia divina immutavel e infallivel, com que só a Deus, como diziamos, é reservado o conhecimento e numero dos que se hão de salvar. Mas o que pede, não obstante este conhecimento, é, que os que estão escriptos no livro da predestinação, se não mudem, nem risquem, e sejam conservados nelle. Pois se já estão escriptos no livro da predestinação, como se podem mudar, ou riscar, ou tirar do mesmo livro? Porque as lettras, com que os fieis se escrevem no livro da predestinação, são as nossas boas obras. E porque os que hoje obramos bem, ámanhã podemos obrar mal, e os que hoje estamos em graça, ámanhã podemos cahir della: por isso assim como as boas obras e a graça, nos escrevem naquelle livro, assim as más obras e os peccados, nos riscam delle. E' o que disse admiravelmente David, fallando dos que obram mal: *Deleantur de libro viventium: et cum justis non scribantur:* [1] sejam riscados do livro da vida e não sejam escriptos com os justos. Por isso muitos Theologos doutamente distinguem o mesmo livro da predestinação em duas partes, uma da predestinação inchoada, que consiste nas boas obras e graça presente, e outra da predestinação perfeita e consummada, que consiste nas boas obras e graça perseverante até o fim.

E que christão haverá tão sem fé e sem juizo, què estando na sua mão o estar e perseverar escripto no livro dos predestinados, por sua propria vontade, e

[1] *Psalm.* LXVIII, 29.

por não querer cooperar com a graça divina, que sempre está prompta, queira ser riscado delle? Que razão, que motivo, que interesse, ha neste mundo, ou em mil mundos, que Deus creára, pelo qual se houvesse de sujeitar, nem arriscar um homem a ouvir de si aquella tremenda voz: *Deleantur de libro viventium?* Reis foram e grandes monarchas, aquelles tres que reinaram entre Joram e Ozias: mas que lhes aproveitou o reinar, que lhes aproveitou o sceptro e a corôa, que lhes aproveitou o imperio e adoração dos vassallos e a reverencia e temor dos estranhos, que lhes aproveitou a grandeza, a magestade, a riqueza, a potencia, os exercitos, as victorias: se no cabo todos tres foram riscados dos livros de Deus e lançados fóra como réprobos: *Joram autem genuit Oziam?*

XIII

Bem creio, que ninguem haverá dos presentes, que não tema ser riscado dos mesmos livros, e não deseje sobre tudo estar e perseverar escripto nelles, e ser do numero dos predestinados. Só faltava saber o modo e meio efficaz para sermos admittidos e contados neste bemaventurado numero: mas este foi o emprego de todo o nosso discurso, e isto nos mostraram e provaram, assim em commum, como em particular, todos os numeros de que se compõe o Rosario; pois todos elles, sendo tantos e tão varios, se uniram em um só fim, que foi prometter-nos a bemaventurança. E posto que os fundamentos foram tão diversos, como as significações dos mesmos numeros; nesta peroração, ou epilogo, como quem no fim das contas tira a somma dellas, acabo com dizer, que todas as do Rosario se resumem a dois signaes da predestinação, os maiores e mais qualificados, que póde haver, para quantos quizerem ser do numero dos predestinados.

O primeiro signal da predestinação, é a primeira parte do mesmo Rosario, que consiste nos mysterios da vida, morte e resurreição do Filho de Deus, que meditamos. E' fundado e tirado este signal da mesma formalidade intrinseca da predestinação. Como predestinou Deus a todos os homens? O mesmo Deus o

revelou a S. Paulo e S. Paulo á Igreja: *Quos præscivit, et prædestinavit conformes fieri imag.n.s Filii sui.* [1] Todos os que Deus predestinou, foram aquelles que anteviu *ab æterno*, que se haviam de conformar com a imagem de seu Filho e fazer-se similhantes a elle como exemplar da mesma predestinação. Por isso a Soberana Mãe do mesmo Filho, como tão allumiada em todos os arcanos divinos, e como aquella que disse de si: *Cum eo eram cuncta componens:* [2] a primeira coisa que fez na composição do Rosario, foi pôr-nos diante dos olhos, não uma, senão quinze imagens do mesmo Filho de Deus, cinco nos mysterios Gozosos, cinco nos Dolorosos, e cinco nos Gloriosos: para que contemplando-o em tão diversas figuras, nos retratassemos por aquella a que mais se inclinasse o nosso affecto, e imitando-o na vida e na morte, o seguissemos na subida ao céu, que é o fim glorioso de todos os predestinados. Lá dissemos, que estes quinze mysterios se representavam nos quinze degraus do Templo, onde se cantavam os quinze Psalmos, por isso chamados Graduaes. Agora de novo se deve advertir, que o Texto grego lhe chama *Gradus ascensionum;* mas com um tal nome, que significa graus de subir e não de descer. A escada de Jacob tinha degraus, por onde se subia e descia: *Ascendentes, et descendentes:* porém esta é uma escada, por onde só se sobe e não se desce, felicidade só propria dos perfeitamente predestinados para a bemaventurança. *Illa enim ascendentes habuit, et descendentes; in istis verò gradibus beatorum solus ascensus est:* diz, sobre o mesmo Texto grego, Cassiodoro.

O segundo signal da predestinação é a segunda parte do mesmo Rosario, em que tantas vezes, quantas repetimos as mesmas orações, saudamos e louvamos a cheia de Graça e nos mettemos debaixo de sua poderosissima protecção. Ser esta protecção da Virgem Senhora nossa, um dos mais certos signaes da predestinação, coisa seria infinita citar os Auctores que assim o affirmam e os logares da Escriptura com que o provam. Entre todos são insignemente mysteriosas aquellas palavras do Ecclesiastico, em que Deus fal-

[1] *Roman.*, VIII, 29.
[2] *Prov.*, VIII, 30.

lando com sua Mãe, lhe diz, que lance raizes nos seus predestinados: *In electis meis mitte radices.* [1] O lançar raizes, é propriedade sómente das plantas. E que planta é, ou póde ser aquella, por meio da qual a Mãe de Deus lança raizes nos predestinados, senão a planta da rosa: *Quasi plantatio rosæ in Jericho?* [2] A rosa não tem raizes, a roseira e o rosal sim. E o Rosario não tomou o nome da rosa, senão do rosal, que isso quer dizer, *Rosarium:* não tomou o nome de flôr, senão da planta, que é a que lança as raizes: *In electis meis mitte radices.* Tão sabido, como celebre, é o milagre daquella planta, que nascendo em uma sepultura mostrava escripto em todas as folhas com lettras de oiro, *Ave, gratia plena.* Cavaram para vèr donde nascia, e acharam, que tinha as raizes na bocca de um defunto, o qual havia sido soldado tão rude e de pouca memoria, que nunca soube dizer mais que, Ave-Maria, cheia de graça, saudando só com estas poucas palavras mas muito frequentemente, a Rainha dos Anjos. E se quatro palavras da Ave Maria lançam tão fortes e maravilhosas raizes: vêde o que farão cento e cincoenta Ave Marias plantadas todos os dias, e todos os dias regadas com a graça da cheia de graça. Ditosos e bemaventurados aquelles, que tão certas e tão bem fundadas prendas têm de sua predestinação e salvação.

Nunca se perderam mais homens, nem se salvaram menos, que no diluvio. E esses poucos, que se salvaram, onde tiveram segura a salvação? Na Arca de Noé, a que se recolheram. Pois assim como Noé edificou a Arca, para que se salvassem todos os que a ella se acolhessem, assim a Providencia e Misericordia de Christo nos deu a Maria, figurada na mesma Arca, diz S. Bernardo, para que todos os que se valerem de seu amparo, se salvem: *Arca Noe significavit excellentiam Mariæ; sicut enim per illam omnes evaserunt diluvium sic per istam peccati naufragium.* Nesta palavra *Naufragium* reparo muito. Para os que se embarcam se livrarem dos naufragios, não basta que a nau seja grande, forte e poderosa. E nenhuma náu houve no mundo mais arriscada a naufragar, que a Arca de Noé; porque o mar, em que navegava, era sem comparação

---

[1] *Eccles.*, XXIV, 13.
[2] *Ibid.*, 18.

maior que o Oceano, a tempestade não durou um só dia, ou tres, ou nove, como costumam, senão quarenta dias continuos de dia e de noite, e os baxios, em que podia topar e fazer-se pedaços, eram quantos montes e serras havia em todo o mundo. Sendo pois tantos os perigos, que ameaçavam naufragio á Arca, porque se salvaram todos os que nella se recolheram? Porque a Arca, no diluvio, não só significava a Virgem Senhora nossa, senão a mesma Virgem Senhora com os mysterios e numeros do seu Rosario. Sobre todos os montes, onde podia perigar, ou naufragar a Arca, diz o Texto sagrado, que a agua se levantou quinze covados acima: *Quindecim cubitis altior fuit aqua super montes, quos operuerat.* [1] E quando á Arca, que, como vimos, é a Virgem Senhora nossa, se ajuntam os mysterios e numeros do seu Rosario, ainda que o mundo todo perigue e se afogue, todos os que se acolhem a ella, se salvam; porque todos por este meio se fazem do numero dos predestinados.

Não deixarei comtudo de advertir por fim, que para que a Senhora do Rosario nos alcance e segure esta graça, é necessario, que nós rezemos e meditemos o mesmo Rosario com aquella attenção e applicação, que elle, e a mesma Senhora requerem. Lá deixamos dito com Santo Ambrosio e S. Gregorio, que aquella rêde que se lançou á mão direita, e recolheu sómente os escolhidos e predestinados, era o Rosario. Mas diz e nota o Texto, o que então não ponderei e reservei para agora, que sendo tantos e tão grandes os peixes, a rêde não se rompeu: *Cùm tanti essent, non est scissum rete:* [2] A rêde rota não pesca. Se o Rosario, ou no que se reza, ou no que se medita, se rompe, ou interrompe com a vagueação de outros pensamentos e outros cuidados, e talvez com a irreverencia de outras conversações: que se póde esperar de tal devoção, que antes offende, do que agrada ao mesmo Senhor e á mesma Senhora, a quem pedimos, e de quem esperamos a salvação? Rezemos pois o Rosario e meditemos seus soberanos mysterios com a attenção, applicação e devoção, que é devida a ambas as Magestades, com quem fallamos. E deste modo seremos sem duvida do nu-

---

1 *Gen.*, VII, 20.
2 *Joan.*, XXVII, 11.

mero dos predestinados, e se escreverão nossos nomes nos livros de Deus, sem perigo de jámais ser riscados delles, como foram os dos tres excluidos, que infelizmente reinaram entre Joram e Ozias: *Joram autem genuit Oziam.*

SERMÃO VIGESIMO QUINTO

Beatus venter, qui te portavit, et ubera, quæ suxisti. [1]

I

Um dos titulos maravilhosos, com que nas Sagradas Lettras se nomeia e celebra a Magestade Divina, é o de Deus das vinganças: *Deus ultionum.* [2] E porque se chama Deus das vinganças, o que é Pae das misericordias e fonte de todos os bens? Chama-se Deus das vinganças, porque a vingança é regalia propria da Divindade: e quem se quer vingar por si mesmo, toma a Deus a jurisdição, que é sua: *Mea est ultio.* [3] Chama-se Deus das vinganças, porque as injurias que os poderosos fazem aos pequenos, de que elles senão pódem defender, Deus tem tomado por sua conta o vingal-as: *Mihi vindicta: Ego retribuam.* [4] Chama-se finalmente Deus das vinganças, porque os homens, quando se vingam, chegam, quando muito, a tirar a vida: e as vinganças de Deus duram por toda a eternidade, como o mesmo Deus: *Quia fortis ultor Dominus.* [5]

Isto é o que commummente dizem os Interpretes. Mas eu combinando a festa presente com o Evangelho, que nella nos propõe a Igreja, acho outro novo e maior titulo, e mais proprio da Divindade e Magestade de Deus, porque elle se quiz chamar Deus das vinganças. E qual é? Ser Deus tão endeusadamente vingativo, que

---

1 *Luc.*, II.
2 *Psalm.* XCIII, 1.
3 *Deut.*, XXXII, 35.
4 *Rom.*, XII, 19.
5 *Jerem.*, LI, 56.

quando as blasphemias dos homens levantam falsos testemunhos contra elle, elle em certo modo faz verdadeiros os mesmos falsos testemunhos em beneficio dos mesmos homens, para assim se vingar de seus calumniadores. Isto sim, que é ser Deus das vinganças; porque taes vinganças só se podem achar em Deus. Chamaram os homens a Christo Samaritano: e Christo com que se vingou desta injuria? Fazendo-se Samaritano seu. *Samaritanus*, quer dizer *Custos*, o guardador: e havendo nas ovelhas tal ronha, Christo se fez guardador dellas. Desprezavam os homens a Christo chamando-lhe carpinteiro e filho de outro: e Christo filho do Supremo Artifice do Universo, como se vingou deste desprezo? Com lavrar em toda a sua vida o lenho da cruz, e se deixar pregar nelle para os remir. Murmuravam os homens de Christo comer e beber com os peccadores, condemnando este modo de os ganhar com os nomes da mais vil intemperança: *Homo vorax, et potator vini:* [1] como se vingou Christo desta affronta? Com lhes dar a comer seu corpo e a beber seu sangue. Assim provava Christo ser Deus com se vingar assim. E o mesmo temos no Evangelho e celebridade de hoje com maior e mais admiravel exemplo.

Vendo os Escribas e Phariseus o famoso milagre do demonio mudo, chamaram a Christo mago e feiticeiro: dizendo, que por arte magica e pacto que tinha com os demonios, os lançava dos corpos: *In Beelzebut Principe dæmoniorum ejicit dæmonia.* [2] E quando os homens trataram a Christo de mago e feiticeiro: com que se vingou o Senhor desta tão sacrilega e basphema calumnia? Vingou-se, como costumava, com a fazer verdadeira. Mas de que modo? Fazendo como Divino Encantador, que acudisse e refutasse a mesma calumnia, uma boa e animosa mulher, que se achava naquelle ajuntamento e levantou a voz, dizendo: *Beatus venter, qui te portavit, et ubera, quæ suxisti:* bemaventurada a Mãe, que trouxe em seu ventre a tal Filho e o criou a seus peitos. E que seria se eu agora dissesse, que esta mulher, e nestas mesmas palavras, foi a que deu principio ao Rosario? De quando come-

[1] *Math.*, XI, 19.
[2] *Luc.*, XI, 15.

çasse esta soberana devoção, ha duas opiniões entre os historiadores ecclesiasticos. A primeira e mais commum, refere seu principio aos tempos de S. Domingos: a segunda e mais antiga, aos da primitiva Igreja. Mas a minha, que não chamo terceira, por não ser opinião, senão evidencia, é que começou o Rosario nas palavras desta mulher. Naquelle tempo como Christo ainda não morrera, nem resuscitára, ainda não havia os mysterios Dolorosos da morte, nem os Gloriosos da Resurreição do Senhor. Só havia os Gozosos da sua infancia: e estes são os que a devota mulher comprehendeu nas suas palavras: no *Beatus venter* o da Encarnação e Visitação: e no *Ubera, quæ suxisti*, o do Nascimento e Presentação do Templo. E ajuntou com grande propriedade a mesma oradora os louvores da Mãe com os do Filho, e os do Filho, com os da Mãe; porque esta é a tecedura reciproca de que se compõe o Rosario. De sorte, que quando os calumniadores de Christo lhe chamam mago e feiticeiro e quando o Senhor se quer vingar desta injuria com a fazer verdadeira e lhe mostrar que o era: então, e no mesmo ponto, se deu principio ao Rosario. E porque razão, ou com que mysterio? Porque o mesmo Rosario havia de ser a arte e instrumento magico, com que Christo havia de enfeitiçar e encantar aos homens: e com que os mesmos homens depois enfeitiçados, o haviam de enfeitiçar tambem a elle e a sua Mãe. Está dito em poucas palavras, o que hei de provar em muitas.

Ave Maria, etc.

II

Não ha mentira tão falsa, que se a querem fazer apparente, ou verosimil, se não funde em alguma supposição verdadeira. Tal foi a calumnia, com que os Escribas e Phariseus do nosso Evangelho blasphemaram o milagre de Christo, dizendo, que lançára o demonio mudo em virtude e com o poder de Beelzebuth principe dos demonios: *In Beelzebuth principe dæmoniorum ejicit dæmonia.* Suppunham, que uns demonios são mais poderosos que outros: e esta supposição é verdadeira; porque como os demonios que seguiram a rebellião de Lucifer, tinham sido anjos de todas as ge-

rarchias; assim como os anjos das gerarchias superiores são mais poderosos que os outros Anjos, assim os demonios das mesmas gerarchias são mais poderosos que os outros demonios. Daqui se segue o que os mesmos Escribas e Phariseus egualmente quizeram inferir: que se ha uns demonios mais poderosos que outros demonios, tambem ha uns feiticeiros mais poderosos que outros feiticeiros. Assim se viu antigamente em muitos theatros, principalmente da Germania, [1] onde os feiticeiros e magos, (como as feras, ou gladiadores no amphytheatro de Roma) sahiam a se competir e ostentar os poderes da sua arte, e com invenções, não só estupendas, mas jocozas, uns triumphavam com acclamações, e outros ficavam vencidos. E a razão desta tão notavel differença, não era outra, senão a maior, ou menor sabedoria e subtileza, e o maior, ou menor poder dos demonios, com que os mesmos feiticeiros tinham pacto, e dos quaes eram instruidos e governados. Mas se houvesse um feiticeiro, um mago e um encantador, o qual se governasse e obrasse por mais alta sabedoria e mais absoluto poder, que o de todos os Anjos e o de todos os demonios, não ha duvida, que este feiticeiro venceria a todos os feiticeiros, este mago a todos os magos, e este encantador a todos os encantadores.

Isto supposto, pergunto agora: E ha no mundo este tal mago, e este tal encantador, cujos feitiços vençam os de todos os feiticeiros e cujos encantos os de todos os encantadores? Sim ha, diz Santo Ambrosio. E quem é? O mesmo Christo, Deus e Homem, a quem os Escribas e Phariseus calumniaram de feiticeiro e mago. As palavras do grande Doutor da Igreja são estas: *Multi tentant Ecclesiam, sed Magicæ Artis carmina ei nocère non possunt. Nihil incantatores valent, ubi Christi canticum quotidie decantatur. Habet incantatorem suum Dominum Jesum, per quem magorum incantantium carmina, et serpentum venena vacuarit, et ipse sicut serpens exaltatus devoret colubros Ægyptiorum.* Cuidaes, que só nas synagogas do demonio, que são as escolas da arte magica, ha feiticeiros e encantadores? Enganaes-vos, diz Ambrosio, porque tambem a Igreja tem o seu encantador, que é Christo Jesus, contra o qual nenhuma coisa valem todas as artes

[1] Del Rio, et alii.

magicas e encantos. Bem sabeis o que fez Moysés no Egypto. [1] Pois assim como Moysés não sómente venceu as serpentes dos feiticeiros e magos de Pharaö; mas encantou aos mesmos encantadores, tirando-lhes toda a arte, e toda a força; assim o nosso Divino Encantador Christo com mais poderosos e invisiveis encantos, não só desfaz todos os feitiços, mas enfeitiça e encanta os mesmos encantadores.

Em prova destes encantos contra encantos, e destes feitiços contra feitiços, é tão raro, como propriissimo caso, o que refere S. Gregorio Nazianzeno. [2] Justina, virgem consagrada a Deus, foi sollicitada para as bodas por um mancebo rico e nobre, ao qual como não aproveitassem nada todos aquelles meios e extremos de que o amôr ardentemente empenhado se costuma valer, comprou a um insigne mago, chamado Cypriano, para que com os mais poderosos e efficazes feitiços o ajudasse a conquistar a vontade, que não podia render. Fel-o assim Cypriano, tomando por instrumento, não alguma velha (diz o Santo) que costumam ser as mais destras neste exercicio; mas um demonio dos que têm a seu cargo e por officio, excitar nos corações o amôr profano, o mais industrioso e astuto de todo o inferno. Sentiu a innocente virgem o infernal incendio, e não bastando para o apagar, os jejuns, as penitencias e as outras armas da milicia espiritual, com que a rebeldia dos appetites se sujeita ao imperio da razão: que faria? Invoca por ultimo remedio o soccorro de seu Esposo Christo e da Virgem Maria defensora da castidade: mas com que successo? Com o mais admiravel e exquisito, que nem imaginar-se podia. Desfeita subitamente por virtude de Christo a força dos feitiços e desencantados os encantos, o demonio, que assoprava o fogo, não só fugiu e deixou livre a Justina, mas entrando no mesmo mago Cypriano, que o chamára, e atormentando-o fortemente, se vingava nelle da empreza, em que o tinha mettido. E já temos encantado o encantador.

---

[1] *Exod.*, VII, 12, e 8, 18, 19.

[2] Nazianz. *Orat 18. in laudem S. Cypr.* Advert. Lector, Cyprianum istum non esse illum Carthaginensem Episcopum, quanvis id ex falsa historia supponatur, sed Magum ejusdem nominis.

Falta agora, que o amôr do inferno, que o mago queria accender em Justina, se transforme em amôr do céu, que abraze a elle: e que o fogo que havia de queimar a innocente, queime as mesmas artes magicas, que eram as culpadas. E tudo succedeu assim. Reconhecendo Cypriano, que havia outro encantador mais poderoso, e que este era o Deus dos Christãos, assim como Saül [1] se valia de David e da sua harpa contra o demonio, que o infestava: assim elle (prosegue Nazianzeno) se valeu de Christo e de sua Santissima Mãe contra o mesmo demonio que tinha invocado e agora o atormentava: o qual tambem logo fugiu delle: elle pondo o fogo a todos os livros e instrumentos da arte magica, trocou o amôr, para que o tinham comprado, em amôr do mesmo Christo, e ficou tão enfeitiçado dos seus encantos, que não só recebeu a sua fé, fazendo-se christão, mas deu por elle a vida, sendo martyr. Atéqui o grande Doutor, entre todos os da Igreja por antonomasia o Theologo, em uma eloquentissima oração, em que conclue toda a narração do caso com esta sentença: *Divina enim sapientia contraria per contraria procurare novit, ut maiorem sui admirationem mortalibus excitet:* porque Deus para maior admiração de sua sabedoria mostra que sabe curar uns contrarios com outros contrarios; isto é, uns feitiços com outros feitiços, uns encantos com outros encantos, e uma arte com outra arte. *Ut ars arte, veneficium veneficio, et incantatio incantatione vinceretur:* commenta um douto expositor [2] do mesmo Nazianzeno.

III

Em summa, que por sentença e auctoridade dos dois grandes Doutores da Igreja, Ambrosio da Latina, e Nazianzeno da Grega, não só temos a Christo no nome e no exercicio encantador, como lhe chamaram os Escribas e Phariseus; mas tão sabio, tão poderoso e tão excellente encantador, que com seus feitiços desfaz todos os feitiços da arte magica, e com os seus en-

[1] *1.º Livr. dos Reis*, XVI, 23.
[2] Velasquez in Maria Advocata nostra libr. 4. adnot. 8.

cantos enfeitiça e encanta os mesmos encantadores. Segue-se agora vêr, quaes sejam os instrumentos, de que o mesmo Encantador Soberano se ajuda, ou mais verdadeiramente se serve, para assim enfeitiçar os que enfeitiça, e encantar os que encanta. E posto que os mesmos santos não puderam dizer nomeadamente que é o Rosario, porque ainda em seu tempo o não havia; das suas mesmas palavras se colhe, não só sem violencia, mas com grande propriedade e clareza.

Santo Ambrosio diz, que Christo foi figurado encantador em Moysés, quando venceu e confundiu os magos do Egypto. S. Gregorio Nazianzeno, que foi figurado em David, quando lançava o demonio do corpo de Saül. E quaes foram os instrumentos com que Moysés e David, alcançaram estas victorias contra a arte magica e contra o auctor della? O instrumento de Moysés foi a vara, o de David foi a harpa: e em um e outro instrumento, maravilhosamente se representaram as duas partes, de que é composto o Rosario. A vara era instrumento mudo; a harpa, era instrumento com vozes: e tal é propriissimamente o Rosario nas partes, mental e vocal, de que se compõe. Na parte mental é instrumento mudo, porque mudamente meditamos os mysterios: na parte vocal é instrumento com vozes, porque com vozes rezamos as orações. Mais disseram ambos os mesmos Doutores. Ambrosio diz: *Nihil incantatores valent, ubi Christi canticum quotidie decantatur:* nenhuma coisa valem os feitiços de todos os encantadores, quando todos os dias se canta o cantico de Christo. E que cantico de Christo é este, que se canta todos os dias, senão o Rosario? Cantico de Christo; porque todo é formado e composto dos mysterios de Christo: e cantico de todos os dias; porque todos os dias se reza, e se repete sem mudança, nem variedade, o mesmo. Nazianzeno diz: *Contraria per contraria procurare novit:* que os instrumentos de que usa o Divino Encantador Christo, são totalmente contrarios aos encantos dos magos: e não ha instrumento mais contrario, nem mais opposto, ou contraposto em tudo ás superstições da arte magica, que o mesmo Rosario, assim na substancia, como no modo.

Quanto á substancia. Os magicos e feiticeiros (para o demonio, que os governa, melhor enganar aos homens e mais offender a Deus) a materia de que costumam usar em seus encantos, são commummente coi-

sas sagradas, e palavras santas. Quantas vezes têm visto, que instigados do mesmo demonio têm chegado a roubar occultamente hostias consagradas, para abusarem dellas em seus encantos: permittindo Deus estes horrendos sacrilegios, não só em castigo dos grandes peccados, que a Divina Justiça costuma castigar com a permissão de outros maiores; mas para que o mesmo demonio ensine aos hereges, que os commettem, que debaixo daquelles accidentes se occulta o verdadeiro corpo de Christo, a quem os demonios têm tanto odio, que antes quizeram cahir do céu, que adoral-o. E que palavras são as que se lêem, ou não entendem nos caracteres, ou hebraicos, ou gregos, ou latinos, das suas invocações magicas, senão as palavras, ou sentenças mais sagradas e divinas, ou expressas da Escriptura, ou compostas della? E como a materia de que a arte magica usa em seus encantos, são coisas no exterior e palavras santas; para que o artificio do Rosario fosse com toda a proporção contrario e opposto, contrapondo coisas a coisas e palavras a palavras (mas umas e outras de superior e invencivel virtude); nem as coisas podiam ser mais sagradas, que os mysterios da vida, morte e resurreição de Christo, nem as palavras mais santas e as invocações mais poderosas, que as do Padre Nosso e Saudação Angelica. Isto quanto á substancia.

Quanto ao modo. E' preceito inviolavel e superstição propria da arte magica, que quanto fazem, ou dizem em seus encantos, seja sempre em numero desigual. Balaão, como lhe chama a Escriptura, era feiticeiro: *Balaam filium Beor Ariolum.* [1] Peitou-o El-rei Barac, para que com seus feitiços e encantos, enfraquecesse as forças do exercito de Israël, que tinha á vista: e elle ordenou primeiramente, que se levantassem sete altares, e logo que para o sacrificio se lhe tivessem preparados sete bezerros e outros tantos carneiros, nomeadamente do mesmo numero: *Ædifica mihi hic septem aras, et para totidem vitulos, ejusdemque numeri arietes.* [2] Neste numero, signalado sempre o mesmo, declarou bem o feiticeiro, quanto importava para o effeito dos feitiços o mysterio, ou superstição do

[1] *Num.*, XXII, 5.
[2] *Ibid.*, XXIII, 29.

numero. Sete altares, sete bezerros, sete carneiros: e porque não seis, nem oito, senão sete? Porque a arte magica de nenhum modo se serve de numeros eguaes, ou pares, senão sempre de numero desegual, ou impar. Assim o lêmos em Ovidio nos feitiços de Medéa, em Lucano [1] nos de Erictho e em Virgilio, nos de Maga, que enfeitiçou a Daphnis. Dá a razão o mesmo principe dos poetas, [2] dizendo:

Terna tibi hæc primùm triplici diversa colore
Licia circundo: terque hæc altaria circum
Effigiem duco. Numero Deus impare gaudet.

Onde debaixo do nome *Deus*, se entendia o mesmo auctor desta superstição, o demonio, a quem os gentios adoravam como Deus nos simulacros dos idolos. E era tanta a fé que todos tinham nesta desigualdade do numero, para conseguir o que desejavam, que não só os pastores nos rebanhos observavam, que as rezes nunca fossem pares; mas até os soldados, como refere Vegecio, quando abriram o fosso aos muros, ou trincheiras dos arraiaes, segundo o maior ou menor numero dos inimigos, ou o faziam de nove pés, ou de onze, ou de treze, ou de dezesete: *Fossam aperiunt latam, aut novem, aut undecim, aut tredecim pedibus; vel, si maior adversariorum numerus metuitur, pedibus decem et septem: imparem enim numerum observare moris est.* [3] Sendo pois a superstição do numero desegual tão propria da arte magica, e o Rosario o instrumento com que o Divino Encantador Christo a havia de destruir; para que tambem de numero a numero fosse proporcionada a opposição de um feitiço a outro feitiço, e de um encanto a outro encanto; esta é a propriedade maravilhosa, com que foi, não só conveniente, mas necessario, que tambem o Rosario, assim nos mysterios, como nas orações, de que é composto, guardasse a mesma desegualdade dos numeros. As partes em que se divide, tres: os mysterios, não quatorze, nem dezeseis, senão quinze: e destes mysterios os Gozosos cinco, os Gloriosos cinco: e que até ás decadas das Ave Marias

[1] Ovidius Lucanus.
[2] Virgilius, *Eclog.* 8.
[3] Vegecius, libr. 3 cap. 8.

se accrescentasse um Padre Nosso, para que as orações fossem onze.

Nem deve parecer esta observação demaziadamente especulativa, ou nova, ou inventada livremente; porque antes seria defeituoso o artifício do Rosario se a arte do segundo encantador se não oppuzesse em tudo á do primeiro. O primeiro encantador que houve no mundo, foi o demonio, transformado primeiro na serpente, [1] para encantar a Eva, e depois transformado em Eva para encantar a Adão. E que fez o segundo Encantador Christo, para desfazer o que tinha feito, ou enfeitiçado o primeiro? Notou tudo e decretou comsigo, não de o vencer de poder a poder (que fora pouca gloria) mas de o enganar e encantar de arte a arte. Assim o canta a Igreja: *Multiformis proditoris ars ut artem falleret.* Pois assim como Christo se figurou na serpente do Deserto para contrapôr serpente a serpente: e assim como morreu em uma cruz para contrapôr arvore a arvore: e assim como foi pregado nella ao meio dia para contrapôr hora a hora (porque ao meio dia foi vencido Adão, como se colhe do Texto: *Deambulantis in paradiso ad auram post meridiem*): [2] assim foi conveniente e necessario, que no ultimo instrumento e encanto universal do Rosario, ordenado para desfazer todos os feitiços do demonio, o numero tambem se contrapuzesse ao numero, e o desegual ao desegual, e por este modo se correspondessem, e contrariassem, em tudo uma arte com outra arte: *Ars ut artem falleret.*

IV

Temos visto em commum, não só a Christo Soberano Encantador; mas quão proprias são, segundo a arte, assim na materia, como na disposição, todas as proporções que concorrem no Rosario para ser o instrumento dos seus encantos. Agora vejamos em particular por todos os mysterios do mesmo Rosario, quão

---

[1] *Gen.*, III, 1 e seg.
[2] *Ibid.*, III, 8.

maravilhoso é o mesmo Encantador na pratica e exercicio delles, e quão efficaz e poderosamente enfeitiça e encanta.

Começando pelos mysterios Gozosos, que são os da infancia de Christo, fallando da mesma infancia o propheta Isaias, diz assim: *Delectabitur Infans ab ubere super foramine aspidis:* [1] Não ha duvida, que falla o Propheta do nascimento de Christo, como se vê claramente de todo o Texto, que começa: *Egredietur virga de radice Iesse:* [2] e diz, que o bello Infante desde os peitos de sua Mãe metterá a mão nas covas e cavernas dos aspides e os tomará e fará tão mansos, que brincará com elles. Quão proprio effeito seja da arte magica encantar e amansar as serpentes, não é necessario citar auctores, pois nenhum ha que o não diga. Mas porque razão neste caso entre todas as serpentes faz menção Isaias do aspide, mais que de outra: *Delectabitur Infans super foramine aspidis?* Porque é o maior encarecimento, com que podia exaggerar quão grande Encantador é Christo Menino sobre todos os encantadores mais sabios. David lhe tinha dado o argumento, quando disse: *Sicut aspidis surdæ et obturantis aures suas, quæ non exaudiet vocem incantantium, et venefici incantantis sapienter.* [3] Todos os Santos e Expositores, seguindo a tradição commum, que vale mais que a auctoridade de Plinio e Eliano, dizem que alludiu o Propheta nesta sentença ao instincto natural do aspide, o qual presentindo a efficacia das palavras magicas, com que os feiticeiros encantam e amansam as serpentes: elle achando-se sem mãos com que tapar os ouvidos (como os companheiros de Ulysses contra o encanto das Sereas) [4] prega fortemente um ouvido na terra, e cerra o outro com a ponta da cauda, e fazendo-se por este modo totalmente surdo, vence com a sua arte natural a arte magica do feiticeiro e se livra dos seus encantos. Por isso diz David, que por muito sabio que seja o encantador, não póde encantar o aspide: *Sicut aspidis surdæ, et obturantis aures suas, quæ non exaudiet vocem venefici incantantis sapienter.* De sorte,

---

1 *Isai.*, XI, 8.
2 *Ibid.*, 1.
3 *Psalm.*, LVII, 5 e 6.
4 Hom. Odiss. lib. 12.

que os encantadores muito sabios sabem e podem encantar as outras serpentes: o aspide para não ser encantado, sabe e póde mais que os encantadores: porém o nosso Menino encantador, sabe e póde mais que os aspides: *Delectabitur Infans super foramine aspidis.* O que para os outros encantadores é impossivel, para o nosso Encantador é jogo.

Já agora se não admirará o mundo de vêr apear ao portal de Belem os tres Reis magos com todas as suas tropas. adorando no Presepio e entre as palhas, o Divino Encantador recem-nascido. Santo Agostinho, S. Jeronymo, S. Chrysostomo, Santo Ambrosio e Santo Thomaz, [1] dizem que estes magos, não só eram astrologos, senão verdadeiramente feiticeiros e encantadores. Mas muito mais sabio e muito mais poderoso encantador é que elles, o que mudo e sem fallar palavra, por uma estrella tambem muda, os trouxe desde o Oriente, e os poz a seus pés rendidos. Esta foi a razão, porque o Evangelista, [2] sendo reis, lhes não chamou reis, senão magos; porque maior gloria foi para Christo Infante a victoria de sua arte, que a sujeição das suas corôas.

Passando aos mysterios Dolorosos. Disse Christo em sua vida, que quando fosse levantado na cruz attrahiria tudo a si: *Si exaltatus fuero à terra, omnia traham ad me ipsum.* [3] Esta é outra grande maravilha dos poderes da arte magica, com que Amphion, famoso mago, deu tão celebrada materia ás fabulas dos poetas. [4] Dizem elles, que com a consonancia, e harmonia dos versos, que cantava, levava apoz si os penhascos e os bosques. A verdade é, que Amphion arrancava de seu logar as arvores e abalava e movia as pedras; porém não era como musico com as vozes do seu canto, senão como valentissimo feiticeiro com a força dos seus encantos. Mas que tem isto que vêr com os do nosso Encantador crucificado, ou exaltado na cruz? Tudo disse que então havia de attrahir a si: *Omnia traham ad me ipsum.* E assim foi, diz Ruperto: [5] porque trouxe

---

1 August. Hieron. Chryst. Ambros. Thom.
2 *Math.*, II, 1.
3 *Joan.*, XII, 32.
4 Textor in Offic. tom. 2. verb. Venefici.
5 Rupert. Math., XXVII, 45, 51, 52 e 53.

a si o céo, trouxe a si a terra, e trouxe a si o inferno. O céo ecclypsando-se e vestindo-se de luto o sol e cobrindo o mundo de trevas: o inferno, sahindo do seio de Abraham muitos dos que lá esperavam aquelle dia, e apparecendo resuscitados em Jerusalem: a terra tremendo toda, e quebrando-se de dôr as partes mais insensiveis, e duras della, que são as pedras. Mas não foi isto só o que trouxe, ou attrahiu a si, como bem ponderam Santo Agostinho e S. Cyrillo. [1] Com as quatro pontas, ou cabos da cruz, desde o Oriente ao Poente e desde o Setentrião ao Meio-dia, trouxe a si as quatro partes do mundo: e com os caracteres hebraicos, gregos e latinos do titulo, trouxe a si todas as linguas, todas as nações e todas as gentes do universo.

Com outro intento lhe puzeram de um e outro lado na cruz outros dois crucificados: mas este mesmo foi um novo mysterio e o maior dos seus encantos. Circe, famosa encantadora, transformava os homens em brutos: [2] e estes effeitos, posto que apparentes, bem mostravam ser da arte do demonio, que assim o tinha feito no primeiro homem: *Homo cum in honore esset, comparatus est jumentis, et similis factus est illis.* [3] Porém o nosso Divino Encantador quiz morrer entre dois homens, havendo nascido entre dois brutos, para que conhecessemos, que os seus encantos e transformações, não eram para fazer de homens brutos, senão de brutos homens. Nabuchodonosor, primeiro transformado em bruto e depois reformado em homem, [4] foi obra da mesma mão, primeiro justa e depois piedosamente omnipotente: mas no genero humano não foi assim. O homem transformado em bruto, foi obra da magia do demonio, e o bruto reformado em homem, victoria dos encantos de Christo.

Estes são os feitiços da sua cruz e de todos os outros instrumentos dos mysterios Dolorosos. Lembra-me a este proposito, que accusado de feiticeiro um lavrador romano, pela excessiva fertilidade com que as suas lavouras se avantajavam ás de todos; confessou elle ingenuamente o crime em presença do Senado: e per-

---

[1] August. Cyrill.
[2] Homer. Odyss. libr. 10.
[3] *Psalm.*, XLVIII, 13.
[4] *Dan.*, IV, 30 e seg.

guntado, quaes eram os seus feitiços, pediu de espaço aquella noite para responder. Ao outro dia appareceu no mesmo logar carregado de arados, de grades, de ensinhos, de enxadas, de podões, de fouces e de todos os outros instrumentos rusticos, e lançando-os diante dos senadores, disse: *Veneficia me, Quirites, hæc sunt:* Padres Conscriptos, estes são os meus feitiços. [1] Isto mesmo faz o Rosario nos mysterios Dolorosos. Põe-nos diante dos olhos a Christo carregado com a cruz, com a columna, com a lança, com os açoutes, com os cravos, com os espinhos e com todos os outros instrumentos e tormentos de sua Paixão: e dizendo-nos o mesmo Senhor com a bocca amargada de fel, e o coração aberto: *Veneficia mea hæc sunt:* estes são os meus feitiços: que coração haverá tão duro e tão de aspide, que se não deixe enfeitiçar, e encantar delles?

Finalmente, os mysterios Gloriosos, em que vemos a Christo subindo ao céo, a quem não arrebatarão, e darão azas? Os feiticeiros quando querem voar, têm certos unguentos, com que se untam e vôam. Assim voou á vista de toda Roma Simão, o mago samaritano: [2] assim voou e desappareceu em presença do imperador Domiciano, Apolonio Tyanéu, que succedeu na arte e na escola a Simão: assim voou de Thessalia para Athenas, e de Athenas para Asia a antiga Medéa: e assim vôam as modernas mais culpadas e indignas de perdão na fé do tempo presente, pois aprendem a arte do encantador do inferno, quando puderam seguir o do céu. *Thahe me post te, curremus in odorem unguentorum tuorum:* [3] dizia a Christo a Esposa dos Cantares. E quando o disse? S. Bernardo: *Anima sancta contemplans Christum in cœlum ascendentem, clamat: Trahe me post te: ut tecum è valle lachrymarum in montes æternitatis, et æternæ voluptatis ascendam.* [4] Quando Christo subiu ao céu, contemplando a Esposa santa sua Ascenção gloriosa, então é que lhe pediu, que a levasse apoz si, para que ella tambem subisse deste valle de lagrimas aos montes eternos da gloria. Mas porque faz

---

[1] Plin. Secund. Histor. Mund, lib. 18. cap. 6.
[2] Hist. Pontific. part. I. cap. 3. pag. 20. Textor in Offic. tom. II, verb. Venefici, et verb. Magi.
[3] *Cant.*, I, 3.
[4] Bernard. ibi.

menção a Christo dos seus unguentos, quando lhe pede, que a leve apoz si ao céu: *Trahe me post te, curremus in odorem unguentorum tuorum?* Porque Christo, como Soberano Encantador, tambem na sua Divina magia têm outros unguentos, com que ungidos os que o querem seguir, voam apoz elle, que é a Graça e Unção do Espirito Santo, que com sua vida e morte nos mereceu: diz o mesmo S. Bernardo. Assim ungido voou e foi arrebatado S. Paulo ao terceiro céo: assim ungida subia a Magdalena sete vezes no dia a ouvir as musicas dos Anjos: assim ungidos os Hyeroteus, os Dionysios, os Franciscos, as Brigidas, as Gertrudes, as Therezas e tantos outros espiritos extaticos enfeitiçados das saudades e amor do mesmo Esposo, ou no corpo, ou fóra do corpo, voavam frequentemente ao céo, onde mais viviam, que na terra. Na terra eram uns corpos encantados e apparentes, mais verdadeiramente mortos que vivos; porque a sua vida não apparecia onde eram vistos, mas estava escondida no céo em Deus, e com Christo. Tudo são palavras do apostolo S. Paulo: *Mortui estis et vita vestra est abscondita cum Christo in Deo.* [1]

V

Assim enfeitiça e encanta Christo aos homens em todos os mysterios do Rosario. Mas debaixo deste modo de enfeitiçar, que todos entendem, se occultam nos mesmos mysterios outros encantos mais altos, não entendidos, e por ventura nem imaginados. Uma feitiçaria tão usada, como effectiva, é tomar o feiticeiro a imagem da pessoa que quer enfeitiçar e ir executando na mesma imagem tudo o que pretende que a pessoa enfeitiçada faça, ou padeça. A este modo de enfeitiçar allude a maga Virgiliana, quando diz da imagem de Daphnis, que havia de ser o enfeitiçado:

Terque hæc altaria circum
Effigiem duco. [2]

---

[1] *Collos.*, III, 3.
[2] Virgil. *Eglog.* 8.

Isto posto, vamos ao encanto, que com razão chamei não imaginado. Para o demonio derrubado do céu se vingar de Deus (quem tal imaginára!) intentou enfeitiçar ao mesmo Deus. E que fez? Como Adão era a imagem de Deus: *Creavit Deus hominem ad imaginem, et similitudinem suam:* [1] arca com Adão e apertando-o com toda a força dos seus encantos, foram taes os effeitos, e senão foram os effeitos, foi tal o successo, que tudo o que o demonio executou na imagem de Deus, experimentou e padeceu Deus em sua propria Pessoa. Vede-o claramente. Assim como Adão, que no estado da innocencia era impassivel, ficou passivel: assim Deus, que era impassivel, por este mesmo successo se fez passivel. Adão, que por privilegio do seu estado era immortal, ficou mortal, e Deus, que por natureza era immortal, se fez tambem mortal. Adão, que tinha por patria bemaventurada o paraiso, foi lançado do paraizo, e Deus, que tinha por côrte o céu, desceu do céu, e se desterrou a este mundo. Finalmente, Adão ficou sujeito a todas estas penas, por causa do peccado, e Deus por occasião do mesmo peccado se sujeitou ás mesmas penalidades, não commettendo (que não podia) o peccado, mas tomando-o sobre si e pagando por elle, como se o commettera: *Eum, qui non noverat peccatum, pro nobis peccatum fecit.* [2] Que diremos neste grande caso? Que obraram os feitiços do demonio em Deus, tudo o que executou na sua imagem e que ficou Deus verdadeiramente enfeitiçado? Digo, que enfeitiçado sim, mas não por força dos encantos do demonio, senão pelos encantos do seu amôr, pelo qual permittiu e dispensou em si mesmo, tudo o que a magica do demonio havia de obrar, se podera, posto que não podia. Fallo com Santo Agostinho e com Santo Thomaz.

Pediu el-rei Saül a uma feiticeira, [3] que por arte magica (a qual neste caso é propriamente nicromancia) lhe resuscitasse a Samuel, porque o queria consultar. E assim se fez. Appareceu Samuel nos mesmos trajos em que andava neste mundo, e fallou com Saül, e satisfez ás suas duvidas. Mas, ou fosse Samuel verdadeiramente resuscitado em seu proprio corpo, ou fosse

---

[1] *Gen.*, I, 27.
[2] *2.ª ad Cor.*, V, 21.
[3] *1.º Livr. dos Reis*, XXVIII 11 e seg.

a alma de Samuel sómente em corpo fantastico e apparente, nenhuma destas cousas podia fazer a arte magica: porque nem o demonio póde resuscitar mortos, nem póde tirar as almas dos logares onde Deus as tem, ou prezas, ou depositadas, como a alma de Samuel estava no seio de Abraham. Pois se nem a feiticeira, nem o demonio por nenhuma arte podiam fazer o que intentaram, como succedeu tudo assim, e do mesmo modo que ella, e elle o tinha procurado por meio de seus encantos? Porque ainda que a feiticeira e o demonio não podiam resuscitar a Samuel, nem tirar a sua alma do logar aonde estava, e trazel-a á presença de Saül, e com effeito nenhuma destas cousas fizeram; não obsta, que no mesmo tempo em que elles applicavam os seus encantos, obrasse Deus por si mesmo, e por outros motivos, o mesmo que elles não podiam e haviam de fazer, se podessem. Assim o diz Santo Agostinho na Epistola a Simplicio: *Non est absurdum credere aliqua dispensatione permissum fuisse, ut non dominante arte magica, vel potentia sed dispensatione occulta, quæ Phytonissam, et Saulem latebat, se ostenderet spiritus justi aspectibus regis divina eum sententia percussurus.* [1] E Santo Thomaz na questão cento e setenta e quatro da Secunda secundæ: *Nec obstat, quòd arte Dæmonum hoc dicitur factum, quia et si Dæmones animam alicujus sancti evocare non possunt, neque cogere ad aliquid agendum: potest tamen hoc fieri divina virtute, ut dum dæmon consulitur, ipse Deus per suum nuntium veritatem enuntiet.* [2] Assim pois, como o demonio com a mesma soberba e ignorancia, com que quiz ser como Deus, quizesse tambem enfeitiçar a Deus, e succedesse com effeito em uma das Pessoas Divinas, o que elle executou na sua imagem; não foram com tudo artes, nem poderes do demonio, senão misericordias e finezas do mesmo Deus, que enfeitiçado do seu proprio amôr, quiz pelos mesmos meios reformar a sua imagem e confundir e encantar o Encantador della.

Ainda estão occultos maiores mysterios e encantos nos mesmos mysterios do Rosario. Já não é o demonio o que quer enfeitiçar a Deus com a sua imagem humana, mas é o mesmo Deus que quer enfeitiçar aos

[1] August. Epist. ad Simplicium.
[2] D. Thom. q. 174. 2, 2.

homens com sua imagem Divina. Agora vos peço maior attenção. A imagem Divina de Deus é o Verbo Eterno: *Qui est imago Dei, et figura substantiæ ejus.* [1] Encarnou o Verbo Eterno, não só sujeito a todas as pensões da natureza, senão a todos os rigores da fortuna. O nascer e morrer foram pensões da natureza; o nascer em uma mangedoura sem casa, e o morrer em uma cruz sem cama, foram rigores da fortuna. Quem o obrigou a todas estas sujeições, tão alheias de quem era, foi seu proprio Pae: *Qui proprio Filio suo non pepercit.* [2] Mas a que fim? Aqui está a profundidade do mysterio e do encanto. A que fim, sendo o Filho imagem natural do Padre, tão immortal, impassivel e invisivel como elle, a fez Deus passivel, mortal e visivel, vestindo-a da natureza humana? E a que fim, depois de visivel, mortal e passivel, a tractou tão aspera, tão dura e tão rigorosamente, assim na vida como na morte? O fim foi para Deus enfeitiçar os homens, por amôr dos quaes o fizera homem. O demonio enfeitiça o homem, pondo os feitiços na imagem do homem; porém Deus enfeitiçou o homem pondo os feitiços, não na imagem do homem, senão na sua. E assim como nos feitiços do demonio tudo o que o demonio faz e executa na imagem, padece o enfeitiçado em si: assim neste modo de enfeitiçar tão differente, e que só podia ser inventado por Deus, o fim altissimo de sua sabedoria foi, que tudo o que elle fazia e executava na sua imagem, fizesse tambem e executasse o homem em si mesmo, não por encanto violento, senão voluntario, conformando-se a imitação humana com a imagem Divina. Isto é o que chamou S. Paulo: *Conformes fieri imaginis Filii sui:* [3] e isto é o que fizeram como homens verdadeiramente enfeitiçados e encantados, todos aquelles, que excedendo os limites da paciencia e as façanhas do amor, imitaram tão forte, como amorosamente, a mesma imagem e se conformaram com ella.

A imagem que fez a maga, de que já fallámos, para enfeitiçar a Daphnis, não só foi de uma materia, senão de duas, uma de barro, outra de cera, e ambas com subtilissimo engenho. Poz uma e outra junto do fogo,

---

[1] *2.ª ad Cor*, IV, 4. Hebr. I, 3.
[2] *Rom.*, VIII, 32.
[3] *Ibid.*, VIII, 29.

e no mesmo tempo, e com o mesmo calor, a de cera derretia-se, e a de barro endurecia-se mais. E estes dois effeitos eram os mesmos que com aquelle feitiço se pertendiam no coração de Daphnis; a saber, que para quem não amava se abrandasse, e para quem amava se endurecesse. Assim o diz com tão admiravel brevidade, como propriedade, a poesia do grande philosopho:

Limus ut hic durescit, et hæc ut cera liquescit,
Uno, eodemque igni: sic nostro Daphnis amore. [1]

Ponde agora os olhos na mesma imagem de Deus, ou no Presepio, ou na Cruz. O fogo do amôr é o mesmo, e a imagem a mesma; mas no Presepio derretida, e por isso abranda os corações que enfeitiça: na cruz endurecida, e por isso fortalece os que encanta. Porque cuidaes, que houve tantos santos Confessores, e ha ainda hoje tantos varões moços e mulheres de heroico e generoso espirito, que renunciando as riquezas, e pizando as dignidades, e ainda os sceptros e as corôas, ou se retiraram aos desertos, ou se sepultaram vivos em uma cova? Sem duvida, porque a humildade, a pobreza, o desamparo, o rigor do tempo e do logar, e todas as outras penalidades, com que Deus no presepio apertava e affligia a sua imagem, enfeitiçando-lhes os entendimentos, e as vontades, e derretendo-lhes os corações, obravam nelles os mesmos effeitos. Para que percam já o nome nas historias e a fama nas fabulas, as verbenas, os myrtos, e os lauros magicos e todas as outras hervas, flores e succos, ou nascidas no Ponto, ou colhidas na Arcadia, ou arrancadas e exprimidas do Ossa, do Pindo e do Olimpo: pois um menino sem mãos e sem voz, só com umas palhinhas seccas faz tanto maiores encantos. E passando do Presepio ao Calvario: porque cuidais, que houve e ha ainda em nossos dias, tantos martyres de tão estranha e invencivel fortaleza, tão duros, como se fossem de marmore, ou de bronze, contra as feras, contra o ferro, contra o fogo, e contra a ira e raiva dos tyrannos, mais feros que as mesmas feras: senão porque vendo as dôres e

[1] Virg. *Eclog.* 8.

os tormentos com que Deus martyrisava a sua imagem encravada e agonisante na cruz, encantados da paciencia e constancia, e enfeitiçados do coração e amôr, com que os padecia, a sua mesma dureza os abrandava para os abraçar, e a sua mesma brandura os endurecia para os não sentir? Pasmem, pois, e emmudeçam tambem aqui, e fiquem já indignas de toda a admiração e memoria, ou as espadas encantadas dos Achilles, ou as armas fabulosas forjadas nas fornalhas do Ethna, e temperadas na lagôa Estigia, pois um homem com as mãos pregadas e morto, só com dois lenhos atravessados póde encantar, sujeitar e dominar o mundo: *Domuit orbem, non ferro, sed ligno.*

A's duas imagens, uma de barro, outra de cera, accrescenta Grillando a terceira, feita tambem de pedras preciosas para os mesmos feitiços amatorios. *Vel ex terra* (diz elle) *vel ex cera, vel ex gemmis.* E esta é a que só nos faltava para complemento dos tres mysterios do Rosario. Um de cera nos Gozosos, brando pelas ternuras da infancia: outro de barro nos Dolorosos, duro pelos tormentos da cruz: e o terceiro de pedras preciosas nos Gloriosos pelos resplendores da Resurreição: e tudo por virtude do mesmo fogo: *Uno, eodemque igne.* Porque o fim para que Deus nos quiz enfeitiçar com a sua imagem, conformando-nos com ella na imitação suave da vida, e na forte, e dura da morte, que são os mysterios Gozosos e Dolorosos, foi para que por meio delles o merecessemos acompanhar eternamente nos Gloriosos, para os quaes nos tinha predestinado: *Quos præscivit, et prædestinavit, conformes fieri imaginis Filii sui.*

VI

Temos visto, como Christo Soberano Encantador nos enfeitiça e encanta em todos os mysterios do Rosario, não só por um, senão por dois modos, ambos maravilhosos: mas o segundo mais alto ainda, e mais admivel que o primeiro. Agora se segue o que Plinio affirma de certos feitiços, que é tal a sua qualidade e efficacia, que aquelles a quem tocam, não só ficam enfeitiçados, senão tambem feiticeiros: *Tantum remanet vi-*

rus excepto semel malo, ut venefici fiant venena passi. [1] Mas se Christo é o que nos enfeitiça com os mysterios do Rosario, e nós por enfeitiçados ficamos tambem feiticeiros, a quem enfeitiçamos? Não menos, nem a outrem, senão ao mesmo Christo. Elle a nós com os mysterios, e nós a elle com as orações: elle a nós na parte mental do Rosario, como vara de Moysés muda, e nós a elle na parte vocal, como harpa de David com vozes.

Não é cousa nova, posto que grande, que as orações dos homens tenham força de encantar a Deus. Assim o disseram os Setenta Interpretes, declarando a virtude das mesmas vozes da harpa de David. David diz: *Præcinite Domino:* [2] e os Setenta: *Excantate Dominum.* Não são dois oraculos, senão um só, e o mesmo. Em David diz: orai a Deus: e nos Setenta diz: encantae a Deus: porque Deus é tão bom, que se deixa enfeitiçar, e as nossas orações tão poderosas, que o enfeitiçam. *Excantatur Dominus, quando sanctis carminibus, et precationibus ab ira in peccatorem concepta, avellitur:* [3] diz, commentando o mesmo verso, Genebrardo, e concordando o Texto de David com a versão dos Setenta. Esta é a razão fundada na verdade do mesmo Deus; porque quando a sua justiça decreta absolutamente algum castigo, antes de proceder á execução, prohibe primeiro a nossa oração. Ao propheta Jeremias prohibiu Deus, que não orasse pelo povo: *Noli orare pro populo isto.* [4] Do mesmo modo a Loth, que não orasse pelas cidades infames: a Josué, que não orasse por Achan: e a Samuel que não orasse por Saül. E todas estas prevenções antecipava Deus, porque no tribunal de sua justiça estavam sentenciados os castigos com decreto absoluto e irrevocavel. Mas se os decretos eram absolutos e não podiam deixar de se executar, que importa que orassem, ou não orassem os homens, ou de que se temia Deus? Assim difficulta o caso o doutissimo commentador dos Livros dos Reis Mendonça. E perguntando: *Cur, quæso, Deus orari*

---

[1] Plinius, lib. 28, cap. 3.
[2] *Psalm.* CXLVI, 7.
[3] Genebr. ibi.
[4] *Jerem.*, XIV, 11; *Gen.*, XIX, 21; *Josuë*, VII, 10; *1.º Livr. dos Reis*, XVI, 1.

se prohibet? [1] Responde: *Planè, quia timet excantari.* Sabeis porque prohibe Deus com tanta prevenção o ser orado? E', porque teme o ser encantado: *Planè, quia timet excantari.* E se as outras orações encantam e enfeitiçam a Deus, quanto mais as do Rosario?

Definindo Isaias as invocações e imprecações magicas, com que os encantadores enfeitiçam, chamou-lhe em uma palavra equipollente a duas, eloquio mystico. Assim consta do Capitulo terceiro do mesmo Propheta: porque onde o original hebreu tem, *prudentem incantatorem*, lê a nossa Vulgata, *prudentem eloquii mystica.* [2] Transferindo pois esta mesma definição das invocações magicas, e applicando-a ás orações christãs, com que encantamos a Deus, a nenhuma quadra mais inteiramente, e com maior propriedade, que ao Rosario. E porque? Porque toda a essencia do Rosario, por seu genero e por sua differença se comprehende e declara nesta definição. Todas as outras orações são eloquio, porque em todas fallamos com Deus; mas eloquio mystico, só o Rosario propriissimamente. Eloquio; porque na parte vocal todo consta de vozes: mystico; porque na parte mental todo consta de mysterios. Assim que, o verdadeiro devoto do Rosario, que medita os seus mysterios, e reza as suas orações, este é o sabio e prudente encantador, que encanta a Deus: *Prudentem incantatorem. Prudentem eloquii mystici.*

Não quero outro Expositor, senão o mesmo Propheta e no mesmo Texto hebreu. No Capitulo vinte e seis diz assim Isaias, fallando com Deus: *Effundunt incantationem, quando castigatio tua eis.* Quer dizer: Quando vós, Senhor, quereis castigar, ou ameaçaes castigos aos homens, o que fazem os sabios, ou prudentes do eloquio mystico, é derramar contra vós os seus encantos, para que como enfeitiçado, ou encantado, vos quebrem as forças, e se defendam da vossa ira. Mas que encantos são estes tão poderosos com Deus, ou contra elle? O nosso portuguez Foreiro, peritissimo na lingua hebrea, cuja é a versão, o declara: *Effundunt incantationes, hoc est, orationes arte compositas, et aptè concinnatas.* Os encantos que derramam contra Deus estes sabios encantadores, são umas

---

[1] Mendonça, ibi in annotat.
[2] *Isai.*, III, 3.

orações compostas por tal arte, que são aptas e têm força para o encantar. Não chegou a dizer expressamente, e por seu proprio nome, que são as orações do Rosario. Mas que orações ha outras, por muitas e repetidas, ás quaes convenha tão naturalmente a propriedade de derramadas? Ou que arte ha, ou póde haver, tão sobrehumana, e verdadeiramente divina, que lhe désse energia e forças para encantar a Deus, senão a arte com que o mesmo Rosario foi composto e ordenado pelo Filho, e pela Mãe do mesmo Deus? *Effundunt incantationes, hoc est, orationes arte compositas, et aptè concinnatas.*

Está provado o encanto. Mas o entendimento ainda deseja saber duas cousas, que necessitam de declaração. Primeira: em que consiste este encantamento de Deus? Segunda: donde tem virtude o Rosario para o encantar? Quanto á primeira, respondo, que o encantamento de Deus consiste em ficar o mesmo Deus como ligado e atado por força das nossas orações, e dominado, sujeito e obediente a ellas, sem lhe poder resistir. Tudo disse Santo Antonino: *Oratio, ut ita dicam, valet contra Deum, quasi teneat eum ligatum: est enim fortis, et efficax, ut omnia vincat, et omnibus dominetur, etiam Deo.* Estar Deus como ligado, e atado, prova-se da oração de Moysés, a quem disse o mesmo Deus: *Dimitte me, ut irascatur furor meus.* [1] E o estar dominado, sujeito e obediente, prova-se da oração de Josué, de quem diz a Escriptura: *Obediente Domino voci hominis.* [2] E que vem a ser Deus ligado, Deus dominado, Deus obediente, e sujeito, senão o mesmo Deus, e o mesmo Omnipotente encantado?

Já deixamos provado e resoluto com Santo Agostinho e Santo Thomaz, que a Pythonissa, ou Maga, de que se valeu Saül, não tinha poder por força das artes magicas, nem para resuscitar a Samuel, nem para o tirar do seio de Abraham, onde estava. Lêam-se porém as Historias Ecclesiasticas e achar-se-hão mais de cincoenta resuscitados, que depois de mortos, e alguns delles já sepultados, tornaram a viver pela devoção do Rosario. E quasi são outros tantos exemplos, os daquelles que estando já condemnados ao inferno, por morrerem

[1] *Exod.*, XXXII, 10.
[2] *Josuë*, X, 14.

em peccado, lhes concedeu Deus novo espaço de penitencia, com que a fizeram e se salvaram. De sorte, que nem como Auctor da natureza, nem como Auctor da graça, resiste Deus aos poderes do Rosario, deixando-se vencer, e atar da força de suas orações, ou de seus encantos. Como Auctor da natureza, não; porque quebra as leis universaes de morrer o homem uma só vez: e tambem não como Auctor da graça; porque tendo-se-lhe acabado o tempo de merecer, ou desmerecer, ou como dizem os Theologos, estando já *extra viam*, lhe concede que tornem a ella, e emendem os maus passos, com que a correram. E esta é a resposta da primeira duvida.

A segunda e não menor pergunta: donde tem virtude o Rosario para obrar estes encantos e encantar a Deus? Alguns quizeram que a tivesse *ex opere operato*. [1] E se este privilegio se houvesse de conceder a algumas orações, nenhumas ha, que mais digna e altamente o merecessem, que a divina do Padre-nosso, e a angelica da Ave Maria. Mas porque isto não só é incerto, mas improvavel: digo, que toda a virtude que tem o Rosario para encantar a Deus, não é pela efficacia das palavras, posto que tenham muita, senão pela promessa, obrigação e fidelidade do pacto. A força dos outros feitiços e encantos, não está nas palavras magicas, que nenhuma têm, mas é toda e só do demonio invocado, e do pacto, com que se obrigou a acudir a ellas e cumprir o que prometteu. E se esta pontualidade se experimenta nos pactos e promessas do pae da mentira, quanto mais nos de Deus, que é a summa verdade? Assim o declara Santo Athanasio com a mesma palavra do pacto sobre a promessa de Christo: *Ubi sunt duo, vel tres:* [2] cuja oração define que não póde deixar de fêr effeito, não por força das palavras da mesma oração, senão, *Pro ipsius Salvatoris pacto.* Este mesmo pacto allegava David a Deus, quando orava, dizendo: *Secundum eloquium tuum eripe me:* [3] livrae-me, Senhor, não segundo as minhas palavras, com que o peço, senão segundo a vossa, com que o promettestes.

Mas estas promessas, ou pactos do Rosario, donde

---

[1] Valle de Incant. et Ensalmis.

[2] *Math.*, XVIII, 20. Athanas. in Apolog. ad Imperat. Constantinum.

[3] *Psalm.* CXVIII, 170.

constam ? Todos os pactos de Deus, tantas vezes repetidos na Sagrada Escriptura, constavam da Arca do Testamento, onde estavam guardados, que por isso se chamava *Arca fœderis*. [1] E do mesmo modo constam os pactos do Rosario da verdadeira Arca do Testamento, a Virgem Senhora nossa, por cuja sacratissima bocca não menos vezes foram repetidos e revelados. A S. Domingos, ao beato Alano seu successor, e a muitos outros prégadores e devotos do Rosario, prometteu a mesma Mãe da Verdade Divina humanada, tudo o que delle temos dito: sendo os mesmos effeitos a maior e mais segura prova de serem todos pactos expressos. Assim que, ninguem póde duvidar, que sendo Deus invocado pelos merecimentos infinitos de seu Filho e intercessão de sua Santissima Mãe, nas orações de ambos, que são as do Rosario, deixará o mesmo Deus de obrar por virtude extraordinaria, tudo o que lhe pedirmos, sendo elle, com novo modo de encanto, o invocado juntamente, e o encantado. Esta é a obrigação de justiça, com que David em outro logar suppunha, que Deus invocado por elle não podia faltar a suas petições; porque o mesmo que sem pacto seria liberalidade, em supposição do pacto já era justiça: *Invocantem exaudivit me Deus justitiæ meæ.* [2] Assim declara Psello, Padre grego, a virtude da palavra, *Cum invocarem*, argumentando das invocações magicas para as divinas. *Quoniam invocatio* (diz elle) *est virtutis cujusdam præstantioris occulta quædam attractio, adductioque; siquidem gentiles incantationibus, ac invocationibus quasdam ad se pravorum Spirituum virtutes attrahebant, quin et ipsis eorum personis cum iisdem conversando vim afferebant.* [3]

VII

Desta maneira encantados nós por virtude do Rosario, encantamos tambem com elle a Christo: e só resta, como prometti, vermos egualmente encantada pelo mesmo modo a Mãe do Soberano Encantador. O primeiro

[1] *Num.*, x. 33.
[2] *Psalm.* IV, 2.
[3] Psello, in Catena P. P. Græc.

caso com que isto se prova, tem tanto de admiravel, como de lepido. Encommendavam-se a uma imagem da Senhora do Rosario duas mulheres, uma casada, e outra amiga, ou mal amigada com o marido. Esta como culpada pedia misericordia, e a outra como offendida pedia justiça. Continuaram ambas na sua oração um anno inteiro: ao cabo do qual fallou a Senhora por bocca da sua imagem, á que pedia justiça, e lhe disse estas notaveis palavras: *Quære alium, mulier, qui tibi justitiam faciat: Ego nullo modo facere possum, quæ tam grata salutatione ab illa meretrice afficior.* Mulher, busca quem te faça justiça; porque eu de nenhum modo t'a posso fazer, vendo-me obrigada das saudações tão agradaveis (isto é, das Ave-Marias) com que a mesma que a ti te offende, a mim me affeiçôa. Que faria com este desengano uma mulher, sobre-zelosa, desesperada? Sahe-se da Igreja enfurecida e encontrando na rua a mesma, contra quem tinha pedido justiça, começa a bradar que a prendam como feiticeira e encantadora, porque com as suas artes magicas tinha enfeitiçado a Mãe de Deus. São palavras do mesmo author da historia: *Existimans Matrem Domini delusam incantationibus meretricis.* [1] E nós que diremos? Diremos que foi imaginação, como a da mulher que assim o cuidou e o disse? Não por certo. Com a mesma verdade com que as Escripturas dizem, que as nossas orações encantam a Deus, com essa havemos de crer, que aquellas Ave-Marias da devota peccadora encantaram a Mãe de Deus. O effeito o mostrou; porque os encantos e feitiços, foram reciprocos. Assim como a mulher enfeitiçou a Senhora com as suas orações, assim a Senhora enfeitiçada a enfeitiçou tambem a ella com as suas palavras; porque tanto que soube que a imagem tinha dito que não podia fazer justiça contra ella: ella no mesmo ponto a fez em si mesma, e emendando a vida, a sepultou para sempre em uma estreita cella, onde nunca cessou de repetir em acção de graças, as gratissimas saudações do Rosario, a que tanto devia.

Deixo de ponderar, que um dos grandes prodigios, ou prestigios da arte magica, é fazer fallar as estatuas, como a imagem da Senhora fallou no caso; porque passo a outros maiores, e mais frequentes, em que os

[1] Philipp. Labbe tom. 1, Bibliot.

encantos do Rosario, não só vencem os da magia verdadeiros, senão tambem os mais fabulosos. Os encantos magicos mais decantados nas fabulas dos poetas, é serem tão poderosos, que chegam a tirar a lua do céu, e trazel-a á terra.

Carmina vel cœlo possunt deducere lunam: [1]

Diz Virgilio: e o mesmo celebram Ovidio, Horacio, Tibullo, Catullo, Seneca, Lucano, Estacio e todos, assim latinos como gregos. Mas isto mesmo, que elles só souberam fabular e fingir, têm obrado muitas vezes verdadeiramente os encantos do Rosario em outra mais alta e melhor lua, que a do primeiro céu. Fallando o propheta Habacuc da Ascenção de Christo e da Assumpção de sua gloriosissima Mãe, diz, que no dia da Ascenção se elevou o sol, e no dia da Assumpção se poz a seu lado a lua: *Elevatus est sol, et luna stetit.* [2] E' o que tinha dito David: *Astitit Regina à dextris tuis.* Sendo pois a Rainha dos anjos a lua do céu empyreo, vêde agora quão poderosos são os encantos do Rosario para a trazer do céu á terra: *Cælo deducere lunam.*

Um capitão catholico pelejando com poucos soldados contra muitos hereges, de que se viu em grande aperto; porque era devoto do Rosario, o mesmo Rosario lhe trouxe a Lua do céu á campanha: e sendo soccorrido da Mãe de Deus, a mesma Senhora tomou a vanguarda e lhe deu victoria. Uma senhora hespanhola, sendo captiva pelos mouros de Granada, que a mandaram servir em uma cavalhariça; porque era devota do Rosario, o mesmo Rosario lhe trouxe a Lua do céu áquelle humilde logar, onde no dia do nascimento de Christo pariu um filho, a quem chamou Marianno, em memoria da Virgem Maria, que a assistiu no parto, e ella e o filho se acharam de repente livres na Igreja de S. Thiago de Galliza, donde eram naturaes. Um ecclesiastico desconfiado dos medicos, por uma chaga na garganta, que lhe impedia a respiração; porque era devoto do Rosario, o mesmo Rosario lhe trouxe a Lua do céu junto ao leito onde jazia, e a mesma Mãe de Deus

[1] Virgil. *Eglog.* 8.
[2] Habacuc., III, 11. Ex græco. *Psalm.* XLIV, 10.

com um raio de leite de seus sagrados peitos, que lhe instillou na bocca, o sarou em um instante. Uma mulher portugueza condemnada á morte, e enforcada em Lisboa; porque era devota do Rosario, o mesmo Rosario lhe trouxe a Lua do céu áquelle sitio, que tão indigno parecia de tão soberano planeta: e apparecendo-lhe a Senhora na mesma forca, lhe sustentou a respiração e a vida por muitas horas; até que levada á sepultura se levantou della, não resuscitada, mas viva. Um Religioso moço, tentado e resoluto a deixar o habito; porque era devoto do Rosario, o mesmo Rosario lhe trouxe a Lua do céu á cella, e mostrando-lhe a Rainha dos Anjos com um vestido meio bordado de Ave Marias de ouro, lhe mandou que perseverasse até o acabar, e que então iria vestir o que tambem se lhe preparava na Gloria. Uma pastorinha pobre estando já agonizante; porque era devota do Rosario, o mesmo Rosario lhe trouxe a Lua do céu á sua choupana: e a mesma Mãe de Deus a assistiu até espirar e com um luzidissimo acompanhamento de Virgens e coros de Anjos, lhe foi dar sepultura na mesma ermida, onde rezava. Um moço francez muito dado a outros vicios, mas casto; porque era devoto do Rosario, o mesmo Rosario lhe trouxe a Lua do céu a casa no dia das bodas; as quaes porém lhe impediu a Soberana Virgem com um accidente mortal, dizendo-lhe que por casto o queria por esposo seu, e não de outrem. Finalmente, porque seria materia infinita, se a houvessemos de proseguir, bastem os exemplos referidos em todo o genero de pessoas, estados e perigos, para que conste quanto mais poderosos são os encantos verdadeiros do Rosario, que os fabulosos da arte magica.

Mas porque os professores della para suas feitiçarias, não só se costumam valer dos despojos dos mortos, mas muito particularmente dos enforcados, como já em seu tempo notou Plinio: para que até esta propriedade não falte aos feitiços do Rosario, quero acabar com um successo por todas suas circumstancias tão maravilhoso como grande. No reino de Valença houve um fidalgo rico e moço: com que já está dito quaes seriam os seus pensamentos. Deu em festejar com passeios publicos uma senhora cazada, de egual, ou maior qualidade; mas tão honesta, como illustre. Chegou a noticia ao marido: e não só para dissimular o seu aggravo, mas para o vingar, com pretexto de

passar os calores do estio no campo, se passou com toda a familia a uma quinta. Andados alguns dias, entrou em um aposento onde estava só a mulher, deu volta á chave e tirando de um punhal, lhe mandou que escrevesse o que lhe ditasse. Respondeu a senhora, muito segura, que nem para a sua obediencia eram necessarios punhaes, nem para a sua innocencia havia temores. Escreveu: e o que continha o papel ditado, era estranhar ella ao fidalgo dos passeios o descuido de o não vêr naquelle retiro: avisando-o, que se era por falta de occasião, naquella noite a tinham boa, por estar o marido ausente. Que fosse só, como o pedia o segredo: que acharia a porta do jardim aberta e uma escada arrimada a uma janella: que subisse por ella e seria bem recebido.

Mandada e entregue esta carta, com as cautelas necessarias, já se vê qual seria o contentamento do moço, tão facil de enganar, como cego. Deu o parabem á sua fortuna, vestiu-se da melhor galla: e tanto que foram horas, montando no cavallo, de que mais se fiava, se poz a caminho. Lembrou-se nelle (que não foi pouco em tal occasião) que ainda naquelle dia não tinha rezado o Rosario, como costumava: e ao msemo tempo, em que o acabava de rezar, ouviu uma voz, que lhe dizia: cavalleiro, pára. Olhou e como não visse pessoa alguma, proseguiu. E a voz outra vez: cavalleiro, pára, chega-te aqui. Era este logar da estrada junto á forca publica, donde, segundo as leis daquelle reino, senão tiram os justiçados em todo um anno. E parecendo-lhe, que dentro do cercado estaria quem lhe fallava; apeou-se, tirou pela espada e entrou a reconhecer quem seria. Então lhe disse um dos enforcados, que por piedade christã lhe cortasse o baraço. Fel-o assim: cahiu o enforcado em pé: e em agradecimento do beneficio, que tinha recebido, lhe pediu que o tomasse nas ancas, porque o havia de acompanhar naquella jornada. Resistiu o cavalleiro, respondendo que não podia ser, por quanto lhe importava ir só: mas foram tão vivas as razões, que lhe deu o morto, que houve de condescender com ellas: e foram ambos.

Chegados ao jardim acharam a porta aberta e a escada arrimada: e indo o fidalgo para subir, teve mão nelle o enforcado. E pedindo-lhe a capa e o chapeu: Eu sou, disse, o primeiro que hei de provar esta aventura, para que se faça com toda a segurança. Subiu:

e não tinha bem entrado pela janella, quando se ouviu o ruido das armas com que o marido e os criados o esperavam de mão posta: e foram tantas as estocadas com que o passaram de parte a parte, que como morto e mais que morto, o lançaram pela mesma janella. Cahiu outra vez em pé e tornaram a montar ambos no mesmo cavallo. Desceram os de casa a enterrar secretamente o corpo, para que se não soubesse o caso: e como o não achassem, entenderam que não tinha vindo só e que os criados o haviam retirado: e sem haver homicidio, se homiziaram todos. Quem viu já mais similhantes encantos? Mas o morto, que caminhava nas ancas do vivo, lhe declarou quem era a encantadora e qual o instrumento.

Eu, senhor (disse o enforcado ao cavalleiro) sou, e estou tão morto como vós havieis de estar a esta hora, se a Mãe de Deus vos não livrara: e livrou-vos, porque todos os dias rezaveis o seu Rosario. Esta que em mim parece vida, e esta voz que ouvis, tudo é phantastico: por isso me não mataram com tantas feridas e espadas, os inimigos que para a vossa morte estavam apparelhados. Se vós subireis pela escada, vós havieis de ser o morto; e não só no corpo mas na alma: porque a porta que vos esperava aberta não era só a do jardim, senão a do inferno, donde vos não podiam livrar os passos e tenção que levaveis. Agradecei a vida e a salvação a quem a deveis, e a mim (porque já tinham chegado ao posto da forca) me restituí ao logar donde me tirastes. Com estas palavras nos ouvidos e com esta declaração, do que sem o entender tinha visto, confuso e assombrado, se retirou o fidalgo moço a sua casa; mas tão outro, e com tão differente juizo, como se naquellas poucas horas se tiveram passado muitos annos. Deu tal volta á vida, que a todos e a si mesmo, mais parecia encantado que convertido. Os que o tinham conhecido escandalo da cidade, pasmavam de o vêr o maior exemplo della: os que imaginavam que o tinham morto, criam que resuscitára: e elle que só sabia o que passara, vendo-se com alma por meio de um cadaver, vivo por meio de um morto, e tirado do inferno por meio de um phantasma cahido da forca e depois pendurado nella: tudo isto que mais pareciam sonhos, julgava haverem sido encantamentos. E verdadeiramente assim eram; porque elle por meio do Rosario tinha encantado a Mãe de Deus, e a Se-

nhora pelo merecimento do mesmo Rosario o tinha transformado e encantado a elle.

E haverá á vista de um tão prodigioso acontecimento, quem não exclame com as vozes do Evangelho: *Beatus venter, qui te portavit?* Haverá, quem se não sinta enfeitiçado destes encantos da Senhora do Rosario? Os Escribas e Phariseus que attribuiam o milagre a arte magica, diziam, que fôra obrado *In Beelzebub principe dæmoniorum.* [1] E se ha tantos, que se deixem enfeitiçar pelo principe dos demonios: não é melhor a cada um ser enfeitiçado pela Rainha dos Anjos? Desfazer uns feitiços com outros feitiços, posto que muitos juristas o tenham por licito, é erro condemnado e definido pelo Direito Canonico. Mas aquella alma que tão enfeitiçada andava do amôr profano, os feitiços do Rosario a desenfeitiçaram. Por isso S. João Damasceno em nome dos que assim andam, não a outrem senão á Virgem Maria, pedia desenfeitiçasse o seu coração: *Cor meum maleſico serpentis veneno inficionatum potenti pharmaco tuo conserva.* Isto é o que devem pedir á mesma Senhora todos os que se sentirem infeccionados do mesmo veneno: esperando da poderosissima virtude dos seus encantos, que por elles serão livres não só dos perigos da vida, mas restituidos do peccado á graça, e perseverando na devoção do seu Rosario até á morte, tresladados á eternidade da Gloria. Amen.

[1] *Luc.*, XI, 15.
[2] Mœneis, ode 3 et 4 de *B. Virg.*

SERMÃO VIGESIMO SEXTO

Beatus venter, qui te portavit, et ubera, quæ suxisti. [1]

I

Este Texto, tantas vezes repetido e por tantos modos ponderado, nunca teve mais alto e adequado interprete, que na occasião presente. A oradora do Evangelho o formou antigamente com as palavras, e o mesmo Texto se commenta hoje com as obras. Ella beatificou o ventre virginal e os sagrados peitos de Maria: *Beatus venter, qui te portavit et ubera, quæ suxisti:* [2] e o mesmo ventre e os mesmos peitos de Maria se canonizaram hoje pela virtude e milagres do seu Rosario, porque o ventre virginal suppriu outro ventre, e os peitos sagrados suppriram outros peitos.

E' caso singular e por todas as circumstancias admiravel, o que agora direi, referido pelo beato Alano de Rupe, no livro do nascimento do Psalterio da Virgem. Caminhavam por um deserto duas donzellas montanhezas, quando lhe sahiram ao encontro dois lobos ferocissimos e esfaimados, os quaes repartiram entre si a preza innocente e sem defeza. Uma dellas era devota do Rosario, que rezava todos os dias: a outra não. A esta se avançou um dos lobos, e lançando-lhe os dentes á garganta a degolou e cahiu morta. O que succedeu á outra, quero referir pelas palavras do mesmo Auctor, que são estas: *Quæ Rosarium beatissimæ Vir-*

---

[1] *Luc.*, XI.
[2] *Luc.*, XI, 27.

ginis recitare consueverat (mirares!) lupus ejus ubera abrumpit, ventrem discerpit, viscera voravit. Et adhuc triduò vivit, in quo syncérè confitetur, devotè communicat, fiduciáliter moritur. A Maria in extremis visitatur et ad cœlorum gaudia perducitur. [1] Quer dizer: á donzella que rezava o Rosario arremetteu o outro lobo, arrancou-lhe os peitos, rasgou-lhe o ventre e lhe comeu e devorou todas as entranhas. E morreu tambem esta logo como a companheira? Assim havia de ser naturalmente. Mas porque era devota do Rosario, a Virgem Senhora nossa, sem coração, nem entranhas, a conservou viva tres dias, nos quaes se confessou muito de vagar e commungou devotamente: e no cabo delles a visitou a mesma Senhora: e como se o lobo fôra tyranno e ella martyr, a levou direita ao céu. Lembremo-nos agora daquellas palavras, que são o mais glorioso commento do nosso Texto: *Ejus ubera abrumpit, ventrem discerpit.* E vendo a esta donzella sem peitos e sem ventre, viva comtudo, quem haverá que não repita muitas vezes á Soberana obradora de tão singular e estupendo prodigio: *Beatus venter, qui te portavit, et ubera, quæ suxisti?* Bemaventurado o ventre virginal: *Beatus venter;* porque suppriu o outro ventre: *ventrem discerpit:* e bemaventurados os peitos sagrados: *beata ubera;* porque suppriram os outros peitos: *ubera abrumpit.*

Este caso particular como commento tão proprio do thema que propuz, será o fundamento do meu discurso: o qual porém do particular se estenderá ao commum, para que sirva a todos. Veremos pois com a Divina graça, que assim como a Virgem Senhora nossa em premio da devoção do Rosario suppriu nesta sua devota a falta do que tão necessario lhe era para esta vida e para a outra: assim suppre e supprirá em todos os que tiverem a mesma devoção, toda a falta do conveniente para a vida temporal e toda a falta do importante para a eterna.

Ave Maria, etc.

---

[1] Beat. Alan. de Rupe.

II

Que havia de ser deste miseravel mundo, tão defeituoso e necessitado, depois que pelo peccado e corrupção do primeiro homem cahiu da perfeição e abundancia com que Deus o tinha creado e enriquecido; se a Providencia e Misericordia Divina o não provesse de um remedio egual á mesma necessidade, que fosse o supprimento universal de todas as nossas faltas? Este supprimento, devotos, é a Virgem poderosissima, Senhora nossa, a qual não só desde seu nascimento por inclinação e natural piedade, mas *ab æterno* desde sua predestinação e por força della, foi escolhida e destinada por Deus para este gloriosissima fim. Perguntam os Theologos, no caso em que Adão não peccára, se havia de encarnar, ou não, o Filho de Deus? E a sentença mais bem fundada nos secretos do mesmo Deus, que elle nos revelou nas Sagradas Escripturas, é, que seu Filho o Verbo Eterno no tal caso não havia de encarnar, e que por conseguinte não havia de ter Mãe, nem havia de haver no mundo a Virgem Maria. Mas como Adão peccou, ou havia de peccar; representada na previsão da sciencia Divina aquella culpa, que justamente se chama feliz: *ó felix culpa:* esta foi a razão e motivo porque Deus predestinou a humanidade de seu Filho, para que como infinito reparador daquelle peccado désse justa e adequada satisfação á Divindade offendida.

Se o mesmo Verbo porém se podia fazer homem sem ter Mãe, como Adão: porque ordenou tambem Deus *ab æterno*, que nascesse de mulher com segunda predestinação, ou segunda parte della, tambem não necessaria mas livre? A razão foi, dizem todos os Santos, para que assim como uma mulher fôra a que metteu no mundo a falta de obediencia e da graça; assim fosse outra mulher o reparo e supprimento della: a falta por Eva, o supprimento por Maria. De sorte, que *ab æterno*, e por força de sua propria predestinação foi concebida, escolhida e destinada a Virgem Senhora nossa, primeiro para reparar e supprir as faltas da primeira Mãe no paraiso, e depois as do genero hu-

mano em todo o mundo. Tudo nos dirá a mesma Virgem antes de seu nascimento em figura: e depois de nascida em pessoa.

Quem mais desamparado nesta vida e mais falto de tudo o necessario para ella, que o menino Moysés, quando seus paes, não o podendo já esconder á ira de Pharaó, porque elle chorando se descobria, para o não afogarem com suas proprias mãos, o lançaram á corrente do rio em uma cestinha de juncos, que só tinha de barquinha o ser calefetada? Faltavam-lhe ao menino no rio o pae e a mãe, que ficavam em terra: faltavam-lhe na barquinha os remos, a vela e o piloto: faltava-lhe sobretudo o mantimento, despedido já dos peitos, que lhe davam o leite: finalmente faltava-se elle a si mesmo, porque não tinha braços para nadar, nem juizo para conhecer o seu perigo, nem voz para pedir o remedio. Assim ia navegando dentro do seu proprio naufragio, amortalhado nas faixas e mettido na cestinha de juncos, o pequeno argonauta do Nilo, quando apparece na ribeira, Maria sua irmã, encaminhada pelos paes a explorar o successo. Oh venturoso infante, no meio dessa que parece a tua maior desgraça! E Maria assiste a Moysés? Pois ainda que falto de tudo, ella lhe supprirá quanto lhe falta. Ninguem queira á barquinha melhor guia, nem melhor piloto, que os olhos que Maria leva postos nella. Bem mostrou aqui, que já figurava no nome e nas acções, aquella que depois se chamou Senhora da Guia e da Boa Viagem. Os olhos pois de Maria (que nesta occasião verdadeiramente eram espias) contra a veia e força da corrente, foram atando a barquinha á praia, e tomou porto o menino, não menos que nos braços da princesa do Egypto. Busca-se ama para lhe enxugar as lagrimas e lhe dar leite: offerece-se Maria para a ir buscar. E quem vos parece que traria? Só o engenho de quem tinha tal nome podia dar em tal traça. A que trouxe para ama, foi a mesma mãe de Moysés: á qual o entregou a princesa com grandes reçommendações de que o creasse como filho e com promessa real, de que lhe seria mui bem pago aquelle cuidado. Agora pergunto: se lhe falta já a Moysés alguma de tantas coisas, quantas ainda agora lhe faltavam? Já tem mãe, já tem pae, já tem sustento, já tem terra, já tem vida: e já tem o que lhe não faltava, nem esperava ter, que é ser filho adoptivo do mesmo rei do Egypto, que o tinha man-

dado lançar aos crocodillos do Nilo. Assim sabe supprir Maria as faltas dos que se encommendam a ella, ainda que não sejam elles os que se encommendem. E que será, se forem seus irmãos, como Maria era irmã de Moysés e o são da Virgem Maria os irmãos do seu Rosario? Mas ainda lá não chegamos.

Passando ao Testamento Novo. Celebraram-se em Caná de Galiléa umas bodas, e diz o Evangelista, que a Mãe de Jesus se achou alli: *Et erat Mater Jesu ibi.* [1] Não faltará quem estranhe, ou quando menos se admire, de que a Virgem Maria se achasse alli e assistisse a similhantes convites e festas de bodas. Não como Virgem; porque o estado virginal, posto que tão sublime, não despreza, nem condemna o do Matrimonio; mas como Mãe do Salvador: *Mater Jesu.* Como Mãe do Salvador estava e parecia muito bem a Senhora ao pé da cruz: *Stabat juxta crucem Jesu Mater ejus,* [2] acompanhando seus desamparos, padecendo as mesmas dôres e cooperando á mesma Redempção. Alli é que parecia muito bem a Mãe de Jesus: mas em bodas e banquetes: *Erat Mater Jesu ibi?* Sim. Estava e assistia ao banquete e ás bodas para supprir o que nellas faltasse: e onde ha, ou ha de haver falta, alli é que não póde faltar a Mãe de Jesus e alli é que assiste: *Erat Mater Jesu ibi.* Christo, e seus Discipulos, tambem se acharam nas mesmas bodas; mas nota o Evangelista, que vieram convidados: *Vocatus est Jesus et discipuli ejus.* [3] Porém da Senhora não se diz que a convidassem; porque ella mesma e a sua providencia e a sua obrigação, a convidou e trouxe alli, para que se á pobreza, ou negligencia dos desposados faltasse alguma coisa, ella com sua caridade e advertencia a supprisse. O effeito o mostrou e assim foi supprindo milagrosamente a falta que houve: *Deficiente vino.* [4]

Mas oiçamos a replica de Christo, em que mais resplandece esta providencia e poderes da Soberana Mãe. Representou a Senhora a seu Filho como creador de todas as coisas a falta que havia: *Vinum non habent:* [5] e o Senhor, como estranhando a proposta, res-

---

[1] *Joan.*, II, 1.
[2] *Ibid.*, XIX, 25.
[3] *Ibid.*, II, 2.
[4] *Ibid.*, 3.
[5] *Ibid.*, 3.

pondeu: *Quid mihi et tibi?* [1] E que vos pertence a vós, nem a mim, na casa e na mesa alheia, o que falta? *Nondum venit hora mea:* [2] a minha hora de fazer milagres ainda não é chegada. Mas nem por isso desistiu a Senhora de proseguir o remedio daquella falta, dizendo aos que serviam, que fizessem o que seu Filho lhes mandasse: como se lhe dissera a elle: Se a vossa hora de fazer milagres não é chegada, o meu cuidado e obrigação de supprir o que falta, não tem horas: a mesma hora em que as coisas faltam como agora, esta é a minha hora. Mandou emfim o Senhor que as jarras em que tinha faltado o vinho, se enchessem de agua, a qual logo se converteu com abundancia e melhoria no mesmo licòr, que faltava. Deste modo suppriu a piedosissima remediadora naquella falta, não uma só, senão muitas faltas e faltas de muitos. Ao architriclino, ou mordomo, suppriu a falta da advertencia, aos desposados a falta da prevenção, á mesa a falta de bebida, e até ao mesmo Christo a falta da hora, fazendo que se antecipasse a que não era chegada. Finalmente, de todos os que estavam presentes, só a Senhora advertiu a falta: porque no mordomo era para se condemnar, nos desposados para a sentir, nos convidados para a estranhar, e só na Senhora para a supprir.

III

Assim foi escolhida desde sua predestinação a Virgem Maria e assim é propensa e applicada desde seu nascimento neste mundo tão defeituoso, a remediar e supprir todas as faltas, que nelle se padecem; mas muito mais depois da instituição do seu Rosario, em soccorro e em premio dos devotos delle. Agora entra em seu proprio logar a memoria do prodigioso caso, que representei ao principio, no qual não é facil ponderar, nem ainda comprehender as muitas e varias faltas e sobre difficultosas, implicadas, que a Senhora alli suppriu e por modo sobre toda a admiração admiravel.

Suppriu a vida na falta de todos os meios e instru-

---

[1] *Joan.*, II, 4.
[2] *Ibid.*, 5.

mentos da mesma vida: e contra todas as disposições e causas da morte, fez, que por aquella grande porta (que é pequeno o nome de ferida) senão sahisse de repente a alma, mas ficasse alli detida. Só quem bem comprehender a anatomia do corpo humano, a dependencia e harmonia de todas as suas partes e o artificio admiravel, com que occulta, e insensivelmente na officina das nossas entranhas estão continuamente trabalhando os instrumentos, que o sustentam (por onde disse David ao mesmo Artifice Divino desta fabrica: *Mirabilis facta est scientia tua ex me:*) [1] só quem tudo isto souber comprehender e ponderar, poderá dignamente conhecer quantas maravilhas se encerram em se não separar a alma daquelle corpo, tão desbaratado e vasio, e se conservar nelle viva uma mulher, tendo-lhe arrancado e comido uma fera todo o interior das entranhas. Faltavam-lhe sem ellas o sangue, faltavam-lhe as veias, faltavam-lhe as arterias, faltavam-lhe os espiritos animaes e vitaes, faltava-lhe sobretudo o coração, principio e fonte da vida: e que neste estado vivesse, fallasse, entendesse e excitasse inteiramente todas as operações da vida sensitiva e racional, lembrando-se com a memoria de seus peccados, arrependendo-se delles com a vontade e confessando-os com a lingua, e só não batendo nos peitos, porque os não tinha? Oh maravilha sobre todas as maravilhas, em que a Mãe do mesmo soberano Artifice, parece que competiu com elle e o venceu na mesma obra. Se vissemos, que rotas as rodas de um relogio, cahidos os pezos e parado o movimento de todas as outras partes daquelle abreviado labyrintho, na campainha comtudo soassem regularmente as horas e o braço por fóra as fosse apontando com o mesmo compasso e ordem: não seria um prodigio estupendo, e jámais visto? Pois este é o nosso caso. E tanto mais admiravel e portentoso, quanto vae de um relogio artificial, que soube inventar a industria dos homens, ao natural, e sobrehumano, de que dependem as horas e annos da nossa vida, que só póde traçar a sabedoria e fabricar a omnipotencia de Deus.

E para que se veja, quão notavel maravilha foi, que não só descomposta, mas perdida toda a fabrica inte-

[1] *Psalm.* CXXXVIII, 6.

rior daquelle corpo, sem coração, nem entranhas; a alma comtudo o não deixasse e continuasse a obrar na falta dos mesmos instrumentos, ò que fazia com elles: lembremo-nos dos ossos desconjunctados, que viu Ezechiel em outro deserto. Chamou por elles o Propheta, promettendo-lhes que lhes daria alma e viviriam: *Ecce, ego intromittam in vos spiritum, et vivetis;* [1] mas essa alma, quando se introduziu nelles, e quanto foi necessario, antes que chegassem a viver? Primeiro que tudo diz Ezechiel, que os ossos se ajuntaram e uniram cada um em seu logar, e á sua junctura: logo que se ataram entre si com os nervos: depois que se encheram de carne com todas as differenças della: ultimamente que se vestiram e cobriram de pelle: porém, que com todas estas disposições de vida, ainda estavam mortos e não se lhes tinha introduzido a alma: *Accesserunt ossa ad ossa, unumquodque ad junctura m suam. Et vidi, et ecce super ea nervi, et carnes ascenderunt: et extenta est in eis cutis desuper, et spiritum non habebant.* [2] Pois se aquelles corpos estavam já organisados, e perfeitos, e com todas as disposições necessarias para a introducção da alma: porque se lhes não introduziu logo, como o Propheta tinha promettido: *Intromittam in vos spiritum et vivetis?* Porque as disposições do corpo são obra das causas segundas, e a introducção da alma, com a sua creação, pertence só á primeira. Por isso mandou Deus segunda vez a Ezechiel, que em seu nome mandasse ás almas, que se introduzissem naquelles corpos: *Vaticinare ad spiritum et dices: hæc dicit Dominus Deus: a quatuor ventis veni spiritus: et insufla super interfectos istos. Et ingressus est in eos spiritus, et vixerunt.* [3]

De maneira, que para entrarem as almas nos corpos, não bastou que elles estivessem organisados e com todas as disposições naturaes para ser animados, mas foi necessario, que depois desas disposições Deus as creasse e unisse como acção e obra propria da sua omnipotencia. Onde se vê uma notavel differença com que as almas entram, ou sáhem dos corpos. Para entrarem nelles não basta terem as disposições: para sahi-

[1] *Ezech.*, XXXVII, 5.
[2] *Ibid.*, 7 e 8.
[3] *Ibid.*, 9 e 10.

rem, basta que lhes faltem. E a razão desta segunda parte é, porque a alma se define: *actus corporis organici potentia vitam habentis.* E faltando ao corpo a organisação e instrumentos com que a alma exercita todas as suas operações vitaes, natural e necessariamente deve deixar, e apartar-se do mesmo corpo, porque estando nella ociosa, não seria acto. Esta separação pois naturalmente necessaria, é a que impediu no nosso caso a poderosa mão da Senhora do Rosario, detendo aquella alma, e mandando-lhe que não desamparasse o corpo, posto que tão desbaratado, destituido, e falto de todas as disposições e instrumentos necessarios ás operações da mesma alma. E se me perguntarem curiosamente os philosophos: se esta alma assim impedida e detida, ficou violentada? Digo, que não; antes mais privilegiada e ennobrecida pela mesma Senhora, que não sabe fazer mercês a uns com violencia de outros. E ficou mais ennobrecida e privilegiada, como digo, porque obrando sem instrumentos, onde todos faltavam, o que as outras almas não pódem sem elles, foi levantada a um grau quasi divino, como Deus, que tudo o que obra juntamente com as causas segundas, póde obrar por si mesmo.

IV

O modo com que a Mãe do mesmo Deus suppriu quanto faltava naquelle corpo quasi cadaver, mas verdadeiramente vivo, já disse, que foi sobre toda a admiração admiravel; porque não substituiu os peitos arrancados com outros peitos, nem o coração com outro coração, nem o ventre e entranhas, com outras; mas com a mesma privação das coisas que lhe faltavam, ou com o nada dellas suppriu todas. E' fineza de supprimento jámais visto nem nas obras do mesmo Deus, desde o principio do mundo. Nos tres primeiros dias da creação, porque ainda não havia sol, que foi creado ao quarto, suppriu Deus a falta do sol com a luz e ella fez os dias: *Fiat lux, et facta est lux. Appellavitque lucem diem.* [1] Depois de creada Eva, faltava-lhe a Adão

[1] *Gen.*, I, 3 e 5.

a costa, de que fôra formada, e suppriu Deus a falta da mesma costa com outra tanta carne: *Replevit carnem pro ea.* [1] Matou Caïn a Abel, e suppriu Deus á mãe a falta daquelle filho com outro chamado Seth, como ella mesma disse: *Posuit mihi Deus semen aliud pro Abel.* [2] Era tartamudo Moysés e impedido da lingua, e suppriu-lhe Deus a falta da lingua com a bocca e lingua de Arão: *Ipse loquetur pro te ad populum et erit os tuum.* [3] No deserto faltou o pão ao povo e suppriu-o Deus com o Manná: [4] faltou a agua e suppriu-a com uma fonte, que os seguia: faltou a carne e suppriu-a com bandos de aves: faltou finalmente o mesmo Moysés, e suppriu Deus a sua falta com Josuë. De sorte, que sempre Deus suppriu a falta de uma coisa com outra: mas supprir a falta com a mesma falta, ou a coisa com a privação e o nada della? Esta fineza de supprir guardou Deus para sua Mãe.

Na creação do mundo, creando-o Deus de nada, suppriu o nada com o mesmo mundo: e naquelle corpo humano (que tambem se chama mundo pequeno) tão desbaratado, suppriu a Senhora o mundo com o nada. Mas este nada foi mais maravilhoso, supprindo, que o da creação supprido. Excita S. João Chrysostomo uma questão em materia que parece a não tem, e pregunta: Se é Deus mais maravilhoso nas obras da creação, ou da conservação? Todos dizem que a maravilha é egual, porque a obra, ou a acção é a mesma. Porém Chrysostomo philosophando mais alta, e subtilmente, diz, que mais maravilhoso é Deus na conservação das coisas, do que foi na creação dellas. E porque? Porque o nada de que Deus creou o mundo, não repugnava, nem resistiu á creação: porém depois das coisas creadas, como ellas são corruptiveis, e de sua natureza propendem e correm para o nada, este segundo nada repugna e resiste á conservação. As palavras de Chrysostomo, para os que as entendem, são estas: *Siquidem cadentia, et ad nihilum tendentia continet,*

---

[1] *Gen.*, II, 21.

[2] *Ibid.*, IV, 25.

[3] *Exod.*, IV, 16; *Exod.*, XVI, 3 e 15.

[4] *Num.*, XX, 2 e 11; *1.ª ad Cor.*, X, 4; *Num.*, XI, 13, 31 e 32; *Josuë*, I, 1 e 2.

non minus est continére mundum, quàm fecisse. Sed si oportet aliquid, quod admireris, dicere; adhuc amplius est: nam in faciendo quidem ex nullis extantibus rerum essentiæ productæ sunt; in continendo verò quæ facta sunt, ne ad nihilum redeant, continentur. Hæc ergo dum reguntur, et ad invicem compugnantia coaptantur, magnum, et valdè mirabile, et plurimæ virtutis indicium declarant. [1] De sorte, que como o nada, de que Deus creou todas as coisas deste mundo, não repugnava, nem resistiu á creação dellas, e pelo contrario o nada, a que ellas depois de creadas por sua natural corruptibilidade propendem, ajuda e chama a si a mesma corrupção, e deste modo resiste a que se sustentem e conservem: muito mais maravilhoso e poderoso se mostra Deus hoje em fazer, que não tornem a ser nada, do que se mostrou no principio em as fazer, e crear de nada. E qual destes nadas foi aquelle com que a Senhora do Rosario suppriu na sua devota a falta de todos os instrumentos da conservação e da vida? Não ha duvida, que foi este segundo nada, e tanto mais admiravel, quanto as partes principaes e mais vitaes do mesmo corpo, não só não estavam já no estado da corruptibilidade, mas tinham passado os da corrupção, para que bastavam poucas horas, se a mesma Senhora a não impedira.

V

Mas antes que concluamos este discurso e as maravilhas do caso, quero satisfazer a uma objecção, que ha muito estou vendo têm todos no pensamento. Assim como a Senhora do Rosario por virtude do mesmo Rosario, e em premio de o rezar todos os dias, fez esta tão notavel mercê á sua devota, não era mais facil conserval-a totalmente sem damno e não consentir que o lobo lhe tocasse? Pois porque permittiu que tão cruelmente a ferisse, despedaçasse e comesse? Se á que não rezava o Rosario, a matasse, como matou um dos lobos e á outra a venerassem ambos, e a deixassem livre e intacta; parece que então campeava com

[1] D. Chrysost. in cap. 1 ad Hebr., v. 3.

maior lustre e se manifestava melhor a virtude do Rosario, como a mesma Senhora tem feito outras vezes.

Dois estudantes de philosophia na Universidade de Lovaina, companheiros e amigos e nas inclinações viciosas (como ordinariamente succede) muito similhantes, tendo passado o dia em uma casa, ou covil da sensualidade, com todas as intemperanças da gula e da torpeza, continuavam tambem a noite. Soando porém as onze horas, um delles, que tinha por devoção rezar todos os dias o Rosario, lembrado que ainda não tinha satisfeito áquella obrigação, contra a vontade e instancias do companheiro (o qual ficou e o exhortava a ficar) se despediu delle, e se recolheu a sua casa, onde se poz a rezar, bem alheio do que no mesmo tempo succedia. Não tinha bem acabado o Rosario, quando o mesmo companheiro, de que se apartara, lhe appareceu feio e medonho, ardendo todo em labaredas de fogo: e lhe disse, que os peccados daquelle dia tinham sido os que acabaram de encher a medida dos seus, e que por elles o condemnara a Justiça Divina á morte repentina, e ao inferno, onde já estava ardendo e arderia por toda a eternidade. Pois se eu (replicou attonito o amigo) se eu vos acompanhei tambem nos mesmos peccados, como me não condemnou a mesma Justiça? Porque vós (respondeu) tivestes valedora e eu não: e esse Rosario que tendes nas mãos e a Senhora delle, vos livrou, instando e allegando os demonios que tambem devieis ser condemnado. Em summa, que aqui se cumpriu a predicção de Christo Senhor nosso: *Duo erunt in agro: unus assumetur, et alter relinquetur.* [1] E assim como dos dois ladrões, que o mesmo Senhor no Calvario tinha aos lados da cruz, sendo ambos egualmente malfeitores, um porque orou e se encommendou a elle, se salvou; e o outro, porque não fez o mesmo, se perdeu: assim sendo eguaes nos peccados estes dois companheiros, o que era devoto do Rosario, e o antepoz á continuação do depravado appetite, escapou da morte e do inferno, e o outro morreu improvisamente e se condemnou.

Poderá agora negar alguem, que nesta mesma differença se acreditou grandemente o Rosario á vista de

[1] *Luc.*, XVII, 35.

dois effeitos tão encontrados, em sujeitos tão similhantes, um livre e salvo, porque todos os dias offerecia este tributo á Mãe de Deus e o outro condemnado para sempre, porque a não servia com elle? Pois do mesmo modo parece, que se manifestaria mais a virtude desta soberana devoção e a gloria da mesma Senhora, se um dos lobos matasse, como matou, a montanheza que não rezava o Rosario, e o outro se não atrevesse a tocar a que o rezava. Accrescento que tambem esta abstinencia e respeito na fereza e voracidade do lobo, não seria o primeiro, nem o maior exemplo do Rosario, quando no nosso caso se experimentasse assim. O que agora referirei, é verdadeiramente singular, e por proprio da nossa côrte, creio, não será ingrato aos que o lerem. Cahiu por desastre de uma janella do paço uma menina da rainha, e cahiu para maior desgraça em um pateo onde se guardava encerrado um leão em cujas garras a lamentaram todos por morta, quando escapasse da queda. Levava a menina o seu Rosario por gala (que eram os collares das senhoras naquelle tempo) e tambem o rezava, porque assim se ensinavam as filhas, e o faziam as damas. Accudiu logo o mestre da Leoneira e a gente, e o que viram e ouviram, foi, que tendo o leão arremettido á menina, ella lhe tinha lançado o seu Rosario ao pescoço, e correndo-lhe as mãosinhas pela gadelha, o estava afagando, como se fôra uma cachorrinha de estrado: e lhe dizia com muita graça: leão, não me comas, porque hei de ir ser freira a Castella. [1] O segundo auctor desta historia é o padre João Antonio Velasques e o primeiro o padre João de Rho, milanez, ambos da Companhia de Jesus, e bem conhecidos por seus doutissimos escriptos. Não apontam o tempo em que succedeu; mas dizem que a menina de sangue illustrissima se chamava Dona Anna de Almeida; e que em cumprimento do que tinha allegado ao leão, fôra Religiosa em Castella: correspondendo bem na santidade da vida ao milagre, com que Deus lh'a tinha guardado. E se a virtude do Rosario pôde amansar a fereza, e mitigar a voracidade de um leão: claro está, que mais facilmente, e com menor força e violencia, fa-

[1] Velasquez de Maria Advocata nostra lib. 2. ad not. 20. Rholib var. Hist. de virtut.

ria o mesmo em um lobo. Pois porque razão a mesma Senhora do Rosario, que não faz excepção de edades, nem qualidades, permittiu, que o lobo executasse tal carniceria nesta sua devota, e lhe comesse os peitos e o coração, e lhe devorasse as entranhas?

VI

Este mesmo argumento fizeram na morte de Lazaro, os que conheceram quanto Christo o amava, vendo-o chorar sobre a sua sepultura: *Non poterat hic, qui aperuit oculos cæci nati, facere, ut hic non moreretur?* [1] Este, que deu vista ao cego de seu nascimento, não podia fazer que Lazaro, a quem tanto amava, não morresse? Elles diziam assim, porque duvidavam do poder de Christo; e nós, que conhecemos a sua Omnipotencia sem limite de caso, nem tempo, ainda poderemos apertar mais a duvida, ou a admiração. Elles diziam, porque lhe não impediu a morte; e eu dando um passo mais atraz, dissera: porque lhe não impediu a enfermidade? E já que permittiu a enfermidade, por que o não sarou antes que morresse? De tudo deu a razão o mesmo Christo, dizendo, que o fim desta permissão não fôra a morte de Lazaro, senão a gloria do Filho de Deus: *Infirmitas hæc non est ad mortem, sed ut glorificetur Filius Dei per eam.* [2] E em que consistiu esta gloria do Filho de Deus? Consistiu, em que maior e mais estupendo milagre foi resuscitar a Lazaro morto do que fôra saral-o enfermo. *Distulit sanare, ut posset resuscitare:* diz Santo Agostinho: não o quiz sarar, para o poder resuscitar. De sorte, que podendo-lhe impedir a morte com a vida e a enfermidade com a saude, não quiz fazer o que podia, para mostrar quanto mais podia. E esta mesma razão, que teve a gloria do Filho de Deus no caso de Lazaro, é a que teve a gloria da Mãe de Deus no nosso. Não quiz fazer o que podia, impedindo que a fera tocasse a devota do seu Rosario, para mostrar quanto mais podia, conser-

[1] *Joan.*, XI, 37.
[2] *Ibid.*, 4.

vando-a viva sem coração, nem entranhas: *Ut glorificetur Mater Dei per eam.*

Mas onde acharei eu um parallelo que me declare esta gloria e acabe de ponderar a estranheza de tão estupenda maravilha? Daqui por diante é necessario subir ao céu, porque não ha similhanças na terra. Resuscitou e subiu ao céu Christo Redemptor nosso, e lá está com as chagas das mãos e pés, e com a do lado, abertas e não só vivo, mas immortal. A chaga do lado era, e é tão larga, que coube por ella a mão de Thomé: *Affer manum tuam, et mitte in latus meum* [1] e é tão profunda e penetrante, como dada para acabar de segurar a morte, em caso que no corpo verdadeiramente morto se escondessem ainda algumas reliquias da vida. Tendo pois bastado para lh'a tirar as quatro chagas dos pés e mãos: que agora com ellas e com a do lado, tanto maior e em partes mais vitaes, viva e se conserve immortal a sagrada Humanidade e assim ferida e aberta haja de viver sempre? Milagre é natural sómente do céu para admiração gloriosa e contemplação eterna dos remedios com o sangue das mesmas chagas. Mas como este sangue no mesmo instante divino, foi recebido do ventre virginal de Maria, e nutrido e augmentado com o leite de seus sagrados peitos: coisa é, se por uma parte estupenda, por outra de nenhum modo admiravel, que ao mesmo ventre virginal, e aos mesmos peitos sagrados communicasse o mesmo sangue tal virtude que na terra, que é a patria da corrupção, a um corpo aberto com tantas chagas e tão mortaes, lhe pudessem conservar e supprir a vida, e não com outro supprimento (como se vê nas chagas de Christo) senão a mesma Senhora por si mesma.

Este modo de supprir por si mesmo e comsigo mesmo (para que subamos mais alto) não o faz, ainda no céu, a Humanidade sacratissima, senão a Divindade do mesmo Deus. Quando nos pintam as felicidades do céu, ainda os Auctores canonicos, descrevem palacios, jardins, banquetes, galas e todas as outras coisas preciosas e agradaveis com que se deleitam os nossos sentidos, e se ornam os nossos corpos na terra. E posto que muitos cream que tudo isto ha no céu, o mais certo é, que são sómente metaphoras e similhanças, ac-

[1] *Joan.*, xx, 27.

commodadas á medida da nossa curta capacidade, e que no céu não ha, nem fazem falta coisas tão baixas e rasteiras, e tão inferiores á alteza daquelle sublimissimo e incomparavel estado. Que ha logo no céu e com que suppre Deus, ou com que ha de supprir aos nossos corpos tudo isto? Só S. Paulo que o viu o soube dizer: *Ut sit Deus omnia in omnibus:* [1] tudo isto suppre Deus em todos só por si mesmo e só comsigo mesmo. No céu não ha faltas que supprir: mas para que haja o que ha na terra e no céu não faz falta, tudo isso suppre e substitue o mesmo Deus, por si mesmo e comsigo mesmo: *Deus omnia in omnibus.* Tal foi em conclusão o modo sobre todo o encarecimento admiravel, com que a Mãe do mesmo Deus suppriu no corpo da devota do seu Rosario tudo o que lhe tinha roubado e comido a voracidade da fera. Lembremo-nos das palavras do beato Alano. Rompeu-lhe o lobo o ventre: *ventrem discerpit:* e por si mesma e comsigo mesma lhe suppriu a Senhora esta falta; porque o ventre virginal lhe suppriu o ventre: *Beatus venter, qui te portavit.* Arrancou-lhe o lobo os peitos: *Ubera abrumpit:* e por si mesma e comsigo mesma lhe suppriu tambem esta falta; porque os peitos sagrados lhe suppriram os peitos: *Beata ubera, quæ suxisti.*

E para que ninguem duvide que estas maravilhas são singularmente proprias da Virgem Maria, emquanto Senhora do Rosario e pelos merecimentos do mesmo Rosario; o mesmo Filho, que trouxe no mesmo ventre e creou aos mesmos peitos, o celebrou e cantou assim na sua lingua, que é a do Texto hebreu. Fallando Christo do sagrado ventre de sua Mãe, diz: *Venter tuus sicut acervus tritici, vallatus rosis:* e fallando dos sagrados peitos, diz do mesmo modo: *Ubera tua, sicut duo hinnuli gemelli capreæ, qui pascuntur in rosis.* [2] Logo iremos ás rosas. Ponderemos primeiro as duas extraordinarias comparações do ventre e dos peitos, que como são bucolicas e pastoris, ambas são rusticas e do campo. O ventre, diz que é como na eira o monte de trigo: *venter tuus sicut acervus tritici.* A proporção que tem o trigo com o ventre, é, que aquelle se ordena ao sustento deste: logo se o ventre louvado é co-

[1] *1.ª ad Cor.*, XV, 28.
[2] *Cant.*, VII, 2 e 3. Ex Text. Hebr.

mo o trigo: *Sicut acervus tritici:* é um ventre que sustenta outro ventre. E este foi o milagre do ventre virginal que sustentou depois de ser comido o ventre da devota pastora. Os peitos, diz que são como dois cabritinhos montezes gemeos, que estão mamando: *Sicut duo hinnuli gemelli, qui pascuntur.* Os peitos não são os que se sustentam do leite, senão os que sustentam com elle: logo se os peitos são como os que os mamam: *Sicut hinnuli:* são peitos que sustentam outros peitos. E estes foram os peitos sagrados que sustentaram os da mesma pastora depois de serem pasto do lobo. Isto posto, agora entram as rosas. E porque diz o mesmo Texto que as rosas são as que defendem o ventre: *vallatus rosis:* e as rosas as que sustentam os peitos: *Qui pascuntur in rosis?* Porque o milagre do ventre e peitos da pastora (não elles sustentados nella, senão ella sustentada sem elles) tudo foi por milagre das rosas, que tambem em metaphora do campo, no nome e na virtude representavam o Rosario.

VII

Deste caso particular, tão prodigioso, como de tronco se seguem os fructos universaes que eu prometti colher delle: sendo certo, como agora veremos, que assim como a Virgem Senhora nossa, em premio da devoção do Rosario suppriu nesta sua devota a falta de quanto lhe era necessario para esta vida e para a outra: assim supprirá em todos os que tiverem a mesma devoção, toda a falta do conveniente para a vida temporal, e importante para a eterna. Vão agora todos, e cada um, representando o que lhes falta, ou póde faltar em um e outro genero: e eu mostrarei como tudo suppre a Senhora por meio do seu Rosario.

Começando pelo temporal. Que vos falta? Falta-me o que suppre todas as faltas, que é o dinheiro. Isto diz um pobre, e o podem dizer todos. Mas eu lhe digo, que se rezam o Rosario todos os dias, a Mãe de Deus lhe supprirá esta falta, tão abundantemente, que não só lhe não falte o que pede no mesmo Rosario, que é o sustento de cada dia, mas tenha com que sustentar e remediar a muitos. Houve em differentes tempos em França um homem nobre, e em Allemanha uma mulher de egual

qualidade, os quaes tendo nascido muito bem herdados, vieram a cahir em tão extrema pobreza, que viviam do que pediam de esmola. E como a miseria depois da felicidade é maior miseria, e ha mister maior paciencia, prégando por aquellas provincias o beato Alano, a ambos receitou o seu remedio universal, que era a devoção do Rosario. O homem e a mulher o fizeram assim: e foi causa maravilhosa que dentro em pouco tempo, sem saber como, nem por onde, se acharam com tanto cabedal de fazenda, que os que d'antes pediam esmola, sustentavam com as suas a todos os pobres da terra em que viviam. E esta foi (notae) esta foi a segunda e maior mercê da Rainha dos Anjos; porque não só lhes deu as riquezas, senão o bom uso dellas, sem o qual os maiores thesouros, antes são castigo que favor do céu.

Ha mais a quem falte alguma coisa? Sim: e quem menos se cuida: os ricos. Eu, diz algum delles muito triste, tenho morgados, tenho herdades, tenho juros, tenho rendas, tenho commendas: mas que importam todos estes chamados bens da fortuna, se me falta a successão e não tenho a quem os deixar? Acabar-se-ha a minha casa em mim, e ficará sepultada commigo. Bem parece que ou não sois devoto da Virgem Maria, ou não rezaes o seu Rosario. Os primeiros ascendentes desta Senhora, que foram Abrahão, Isaac e Jacob, tambem não tinham filhos e os alcançaram por orações. Rezae o Rosario e Deus vol-os dará, tão proprios da sua mão, que vos não arrependaes, como muitos de os haver tido. Este mesmo conselho deu S. Domingos á rainha de França, estando aquella corôa sem herdeiro, e a Senhora do Rosario lhe deu um tal filho, qual foi e é, S. Luiz. Pela mesma devoção alcançou outro filho uma senhora illustre dos paizes de Hollanda, o qual a liberalissima Rainha do céu lhe deu duas vezes: porque succedendo morrer em menor edade; assim como lh'o tinha dado nascido pelo Rosario, assim pelo mesmo Rosario lh'o tornou a dar resuscitado.

Quem mais se queixa de lhe faltar o que ha mister? Um soldado. E porque se queixa? Não por falta do soccorro, farda, ou pão de munição, que muitas vezes tarda, ou não chega; mas pelos riscos da vida (diz elle) de que os soldados não temos um momento seguro e sem perigo. Alguns trazem comsigo certas orações falsamente acreditadas, as quaes nem lhes valem contra

os inimigos, nem com os mesmos cabos a quem obedecemos: e se houvera outras, com que seguramente se supprisse esta falta, só então se pudera ser soldado. Ora tende bom animo, que eu vos inculcarei quem só a póde supprir e como. Rezae todos os dias o Rosario e a Virgem, Senhora nossa, vos livrará por meio delle de ambos esses perigos. Em Flandres, que na nossa éra foi o theatro de Marte mais sanguinolento, apertados muitas vezes poucos soldados catholicos de um grande exercito de hereges, o remedio de que se valeram, foi rezarem todos o Rosario, o qual traziam a tiracolo por banda, como tambem a imagem da mesma Senhora pintada nas bandeiras: e com este estratagema do céu, não só se defenderam sempre vivos, mas nunca deixaram de sahir vencedores. Isto quanto ao primeiro perigo: em que tambem se experimentou muitas vezes, que dando as balas nos peitos dos devotos do Rosario, se amassavam como se fossem de cera. Mas se a um soldado não basta só escapar dos inimigos e talvez não periga menos nas severissimas leis da propria milicia: tambem para estes casos, em que não aproveitam valias, a melhor appellação é para a do Rosario. Condemnados á morte dois soldados por quebrarem um bando do duque de Alva: o confessor, por ser tão inexoravel o general, os desenganou que haviam de morrer sem duvida; mas que se encommendassem á Senhora do Rosario. Um de bizarro, ou obstinado, não quiz: o outro porém se poz a o rezar com a devoção e affectos que o aperto pedia. Sahiram emfim ambos ao supplicio, cada um em seu jumento, como se usa naquellas partes de Hespanha (porque o exercito marchava contra Navarra); e o successo foi, que passando os dois jumentos cercados de Justiças e Guardas por defronte de uma Igreja, o que levava o soldado que tinha rezado, rompeu pelo meio de todos com tal furia que o não puderam deter: e entrando pela Igreja, foi parar em uma capella da Senhora do Rosario, debaixo de cuja immunidade não só ficou seguro, mas livre.

Ao soldado se segue bem o pleiteante (que tambem os pleitos são guerras): E que lhe falta? Ando (diz) arrastado com demandas e não só me falta o favor, mas temo que tambem me falte a justiça; porque ambas estas coisas se vendem e não tenho com que as comprar. Perigoso estado é esse: mas a Virgem Senhora nossa, costuma tomar a seu cargo os negocios

dos seus devotos. Rezae o seu Rosario e se tendes razão, não vos faltará justiça; porque o seu favor é tão superior a tudo, que nenhuma cubiça o póde preverter, nem alguma dependencia estorvar. Nesse mesmo perigo se viu uma viuva, a quem por demanda pretendiam tirar o remedio. As partes eram ricas e poderosas, e ella vendo-se só e desamparada, recorreu ao patrocinio da Mãe de misericordia, a quem rezava o Rosario todos os dias. Fez-se o feito concluso e vistos os autos com os olhos postos no poder e auctoridade dos pleiteantes, e não no merecimento da causa, o juiz escreveu a sentença contra a viuva: e subindo ao tribunal, tambem a pronunciou contra ella. Mas, oh maravilha da soberana Mão, que tudo póde e nunca desampara a quem se vale do seu patrocinio! As palavras com que o juiz pronunciou a sentença, se lhe trocaram na bocca, de tal sorte, que imaginando que condemnava a viuva, todos ouviram que condemnou as partes contrarias: e indo-se reconhecer os autos na sentença que elle escrevera com a mesma formalidade, em que a quiz pronunciar, se acharam tambem as lettras trocadas e a causa julgada a favor da devota do Rosario. Assim mudou a Mãe de Deus a lingua e a penna do injusto juiz; o qual posto que tão similhante a Pilatos, nem póde dizer: *Quod scripsi, scripsi:* [1] nem: *Quod dixi, dixi:* porque disse o contrario do que quiz dizer, e se viu escripto o contrario do que escrevera.

Ha alguma outra mulher queixosa da sua fortuna? Sim: e não viuva, mas casada. Queixa-se como honrada, não do seu estado, mas de lhe faltar o agrado de seu marido, o qual divertido em outra parte, lhe não guarda a fé e lealdade devida. Grande dôr e verdadeiramente desesperada, pois o vinculo que havia de ser de união se trocou em garrote da alma, e não o podendo desatar senão a morte, é o maior tormento da vida! Mas se para abrandar essa dureza de vosso marido lhe applicares o remedio do Rosario, vereis como Deus lhe muda o coração. Assim o aconselhou S. Domingos a uma senhora franceza, que com ser do sangue real padecia esses mesmos desprezos. Só quinze dias havia (numero sagrado nos mysterios do Rosario) que ella o rezava por esta tenção: quando o ma-

[1] *João*, XIX, 22.

rido dormindo foi levado em visão ao inferno e lá lhe foram mostradas as penas que lhe estavam apparelhadas e padecem os adulteros. Eram uns leitos abrazados em fogo e labaredas escuras, que exhalavam de si uns vapores intoleraveis ao cheiro: e aqui jaziam os miseraveis acompanhados de serpentes feias, asquerosas e medonhas: umas que lhes roiam os olhos, outras a lingua, outras o coração: e todas enroscadas nelles os cingiam e apertavam com tal excesso de dôres, que lançando horrendas maldições sobre si e sobre seus passados deleites, com gritos e alaridos desesperados atroavam todo o inferno. Isto viu o marido assombrado, attonito e tremendo. E a mulher que viu? Viu de repente o mesmo marido prostrado a seus pés, pedindo-lhe perdão com infinitas lagrimas, e tão mudado e verdadeiramente arrependido, que ella enternecida se compadecia já mais das suas contricções, do que tinha sentido os seus peccados.

VIII

Vou repetindo tantos exemplos, porque a variedade delles em todos os estados, e a maravilha com que a Virgem do Rosario acode a seus devotos e lhe suppre tudo aquillo de que se vêem faltos, creio que vos não causará fastio; e mais sendo tão necessario ao assumpto que seguimos, que sem elles não se póde provar, nem persuadir. Quem mais temos queixoso e desconsolado de sua vida? Elle o dirá. Sou um homem do mar que agora vim de Argel, onde dei por meu resgate e perdi em uma viagem quanto tinha ganhado em muitas: que como se diz entre nós: A agua o dá e a agua o leva. Nem posso deixar o officio, porque não tenho outro, nem este se póde aturar por falta de remedio a dois males que o não têm. E quaes são? Tempestades e mouros: porque os outros corsarios, se roubam, não captivam. Ora sabei que não ha mal sem remedio, e eu vos darei um para esses dois males, que é o Rosario, se fores devoto delle. Quanto aos mouros, já tereis ouvido, que passando da Africa á Contracosta de Hespanha, se emboscam alli para captivar os caminhantes. Fazia pois o mesmo caminho um Religioso leigo portuguez, quando se viu cercado de uma tropa

delles. E que faria? Tirou o seu Rosario, que todos os dias rezava, mostrou-lh'o, e como se de cada conta sahisse um raio, subitamente ficaram todos cegos. Deu graças á Senhora, e rindo-se delles continuou seu caminho. Contra as tempestades vos posso provar a mesma efficacia do Rosario com a propria experiencia. Navegando eu do Maranhão para Portugal, se virou o navio de tal sorte, que a quilha ficou fóra da agua e o resto dentro do mar até ás escotilhas. Eramos quarenta e um que nelle vinhamos, e passados todos ao costado, em quanto totalmente se não ia a pique, fizemos voto em voz alta de rezar todos os dias da vida o terço do Rosario (como tinhamos feito em toda a viagem) se a Senhora nos livrasse das gargantas da morte, em que todos nos imaginavamos dentro de poucos instantes. Mas nem poucos se puderam contar: porque no mesmo ponto se tornou a voltar e endireitar o navio: e nós como resuscitados tornamos a entrar nelle. E porque não estava capaz de fazer viagem por falta de mastros, e vellas, appareceu logo outro, que nos tomou e lançou em terra. Nesta mesma carreira do Brasil cahiu um marinheiro ao mar, a quem não puderam recolher os do navio. Era devoto do Rosario, encommendou-se á Senhora e no cabo de quatro dias um grande peixe o trouxe a bordo sobre o espinhaço: e elle subindo ao convez com assombro de toda a companha, tornou a encher o numero e logar em que tinha faltado. Maior maravilha ainda. O capitão Alano, famoso nas historias do Rosario, de que era devotissimo, indo-se ao fundo no meio do mar um navio em que navegava e afogando-se todos, só elle no mesmo logar se achou em uma praia: e caminhando por terra, a qual era desegual em pequenos oiteiros e alguns montes, no fim delles advertiu (porque os ia contando) que os montes eram quinze, e os oiteiros cento e cincoenta; porque do mesmo Rosario, que rezava, lhe tinha feito a Senhora sobre as ondas do mar uma ponte de terra firme.

E porque entre tanta variedade de estados e exercicios, se não queixem os professores das lettras, de os não mettermos neste numero, diga-nos um estudante o que lhe falta, que não é facil confessar em gente desta profissão. Falta-me, póde dizer algum, a memoria e a habilidade, e por mais que estudo e queimo as pestanas, não posso supprir estes dois defeitos. Tal era um

sujeito chamado Alberto, que depois foi tão insigne nas lettras, que mereceu o nome de Magno; porque lhe suppriu uma e outra falta a Virgem Senhora nossa. Rezae-lhe vós um Rosario e logo experimentareis o mesmo favor, como se viu com prodigioso exemplo em um menino sem estudo. Não tinha outra livraria mais que um livrinho do Rosario, o qual lia e meditava com grande applicação todos os dias: e com esta só lição aprendeu e soube tanto, que em todas as faculdades era consultado e ouvido com admiração de todos os homens mais doutos. *Quomodo hic* (diziam) *litteras scit, cùm non didicerit?* [1] Mas se Deus ensinou quanto sabia em uma só palavra que é o Verbo: que muito é que a Mãe de Deus ensinasse tanto nos quinze mysterios do mesmo Verbo, que são outros tantos capitulos daquelle livro? Outro estudante a quem não faltava memoria, nem habilidade, era tão rude para a poesia, que não sabia ajuntar tres syllabas que corressem em verso: mas ensinado, não de seu mestre, senão de sua mãe, que rezasse o Rosario, elle lhe abriu a veia com tal fecundidade, que não só excedeu logo a todos os condiscipulos com grandes vantagens, mas egualou os poetas de maior fama.

Ha ainda quem padeça alguma falta que haja de supprir a Soberana Mãe de Misericordia? Ainda; mas porque se não acha nem póde achar neste auditorio, fallará por interposta pessoa. Que vos falta? Falta-me a liberdade, porque estou prezo. Não vos pergunto se estaes innocente, ou culpado, porque ainda não está averiguado na escóla das dôres, se é maior a dôr na culpa, ou na innocencia. De qualquer sorte porém que seja, sede devoto da Virgem Senhora nossa, e tende confiança que o seu Rosario vos desatará as prizões, e vos porá em liberdade. Atado estava a uma forte corrente com os pés mettidos em grilhões, e as mãos em algemas, esperando pela sentença, que o mesmo rigor da prizão promettia ser de morte, um homem verdadeiramente delinquente, o qual melhor aconselhado para aquelle trance, do que o tinha sido nos passos que a tal estado o trouxeram, fez voto á Virgem Maria, se o livrava, de rezar o seu Rosario todos os dias que lhe restassem de vida. Fulminou-se finalmente a sen-

[1] *Joan.*, VII, 15.

tença, e na noite da manhã em que havia de sahir a ser justiçado, rotos milagrosamente todos os ferros que o prendiam se achou fóra do carcere e tão longe, que só deixou ás Justiças a admiração de quanto mais poderosas são as misericordias da Senhora do Rosario. Mas não pararam aqui. Com este exemplo se começou a rezar o Rosario publicamente em todo o carcere: e não se passaram muitos dias, que todo elle (como o Limbo dos Padres no dia da Resurreição) amanheceu vasio e despovoado; porque abertas sem violencia, nem outra industria, as portas, todos se puzeram em salvo.

Em fim, pois fallamos dos ausentes, infinitos são aquelles a quem falta a saude, que é o fundamento de todos os bens e gostos da vida. E se as enfermidades, que ou molestam a mesma saude, ou a tiram totalmente, não têm numero; tambem o não têm os milagres de cada dia, com que a Virgem Senhora nossa por meio do seu Rosario suppre e restitue esta falta inteiramente. Se estaes doente de febres, ou sejam chronicas ou agudas, ou sejam ethicas ou tisicas; de todas sára a devoção do Rosario. Se padeceis nos olhos, nos ouvidos, na lingua: muitos cegos, muitos surdos, muitos mudos recuperaram o uso destes sentidos pela mesma devoção. Ella é o mais presente remedio contra a pedra, contra a gotta, contra a hydropisia e contra a mesma peste geral de que tem livrado cidades e reinos inteiros. Que direi de chagas encanceradas, de feridas penetrantes nas partes mais vitaes, de accidentes subitos, e apopleticos? Que direi de mancos, aleijados e tolhidos, sem movimento nem sentido e totalmente baldados? Que direi dos energumenos, aos quaes não valeram medicamentos, nem exorcismos, livres pela virtude deste soberano remedio universal sem excepção? Até de doidice confirmada, de que os milagres de Christo nos não deixaram exemplo, são muitos os que pela mesma virtude se têm restituido a perfeito juizo. Assim que não ha falta alguma de quanto pertence a esta vida, ou sejam bens da natureza ou da fortuna, em qualquer estado, que a Senhora do Rosario por meio delle não suppra e remedeie tão liberal e misericordiosamente, como temos visto.

IX

Depois do que é conveniente e necessario á vida temporal, segue-se o que importa á eterna, que é a que só importa. Quatro coisas pódem faltar a quem a deseja conseguir. Resistencia contra as tentações, contrição para os peccados, graça e perseverança nella. E todas estas faltas, como da maior ou unica importancia, suppre a Mãe da mesma graça pela devoção do seu Rosario.

Quanto á resistencia das tentações, uma mulher tão bem parecida, como mal intencionada, tentou em Mexico a um moço, o qual se rendeu facilmente a consentir na tentação. E sahindo-se ambos por conselho della, a um logar fóra da cidade, accommodado á execução do que tinham concertado, a mulher lhe disse, que primeiro havia de apartar de si um Rosario que trazia ao pescoço debaixo do vestido. Admirado o moço, de que ella visse o que trazia tão occulto, começou a suspeitar mal, tanto da vista, como da condição que lhe punha: e respondeu, que por nenhum acontecimento, nem por todos os interesses do mundo apartaria de si o Rosario que todos os dias rezava á Mãe de Deus. Tão fortemente tinha arraigada na alma a devoção, o mesmo que tão facilmente se tinha rendido a consentir no peccado. E que fez a mulher, ouvida esta resistencia? Subitamente deixou de parecer o que parecia, e se manifestou o que era; porque debaixo daquelle disfarce era o demonio, o qual transformado em um monstro de figura feiissima e horrenda, lhe disse: esse Rosario te valha e as muitas vezes que o tens rezado: porque se o apartáras de ti, eu te havia de levar logo ao inferno. Ficou o moço tão penetrado do que vira e ouvira, e tão desenganado e arrependido da fraqueza em que tinha cahido; que por mais diligencias que depois fez o demonio, representando-se-lhe em outras figuras, com que o importunava a peccar, invocando sempre o patrocinio da Senhora do Rosario, a nenhuma tentação se rendeu jámais.

Outro moço em Paris tendo sollicitado uma mulher casada, e não a podendo reduzir, se valeu para isso de uns nigromantes, os quaes, e os demonios com elles, o ajudassem. A tanto chega a temeridade furiosa do

amôr cego. Mas aqui se mostrou o Rosario em dois differentes casos singularmente maravilhoso. O primeiro foi, que não podendo os demonios vencer a mulher em todos os dias em que rezava o Rosario, fizeram taes perturbações na casa, que um dia o não pôde rezar e logo se rendeu á tentação. O segundo, que rendida já, e sahindo de noite a buscar o moço, que a pretendia, a Senhora do Rosario tocou e trocou o coração do mesmo moço com uma inspiração tão efficaz: que chegando a mulher á sua presença o que lhe disse, foi, que fizesse o signal da cruz contra os demonios que a traziam enganada: e a acompanhou outra vez para sua casa, tão honrada como della sahira, convertidos egualmente o tentador e a tentada.

Passando á segunda falta de contrição e arrependimento no peccado, não póde haver maior obstinação nelle, que a que agora direi. Andava muito triste um pobre homem, não por outra coisa, senão por se vêr pobre e sem remedio: quando o demonio, que o viu tão disposto, se lhe offereceu para o remediar muito abundantemente, debaixo porém de tres condições: primeira, que renunciasse o Baptismo: segunda, que renegasse de Deus: terceira, que lhe desse um escripto firmado com seu sangue de ser perpetuamente seu escravo. A todas estas condições tão horrendas se sujeitou o miseravel: que tanto póde a força da necessidade em quem não põe a confiança em Deus. Assim passou muitos dias com a sua pobreza remediada, mas não por isso menos triste: porque os bens que dá o diabo, mal podem alegrar a quem se vê captivo delles e delle. Succedeu pois que andando neste estado entrou a outro fim em uma Igreja, a tempo que se estava prégando do Rosario, por ser o dia da sua festa. Não era o sermão, como os que ordinariamente se costumam ouvir naquelle dia, empregada toda a rhetorica na descripção da rainha das flôres e excellencias da rosa, sem mais substancia que a apparencia da metaphora, e o som do nome: mas era o discurso solido e util (como verdadeiramente devem ser) fundado na virtude e poderes da mesma devoção e seus mysterios, e tudo confirmado com exemplos authenticos e experimentados, que são os que só provam e persuadem. E como o prégador provasse com evidencia, que por meio do Rosario se convertem a Deus, e Deus recebe em sua graça os peccadores por mais perversos e obsti-

nados que sejam; ficou persuadido o escravo do demonio, que sem embargo de o seu escripto estar firmado com o proprio sangue, o sangue de Christo que remiu o genero humano do captiveiro do mesmo demonio, o livraria tambem a elle. No mesmo dia se resolveu a rezar o Rosario, tomando por advogada e intercessora a Virgem Senhora nossa, e assim o fazia todos os dias com a maior devoção que lhe era possivel. O demonio porém não se descuidava em procurar dissuadil-o, zombando da sua nova esperança: e quando estava rezando lhe apparecia e lhe mostrava o escripto e a firma, dizendo, que debalde se cançava; porque era seu, e o havia de ser sempre. Mas como podem prevalecer as astucias da serpente infernal contra aquella Senhora que a tem debaixo do pé, e lhe quebrou sempre a cabeça? E que importa a fraqueza, ou pertinacia dos peccados passados, se a verdadeira contrição e arrependimento os detesta e pede a Deus perdão delles? Assim se desfazia em lagrimas o escravo, não já do demonio, senão da Rainha dos Anjos: até que um dia, prostrado diante de uma imagem da Senhora do Rosario, lhe viu cahir da mão um papel. Levantou-o, e pela lettra e pela firma reconheceu que era o mesmo com que se tinha entregue, ou vendido ao demonio. Mas não parou aqui a maravilha. Tornou a olhar e não viu signal de lettra, ou escriptura, porque tudo estava apagado. E isto é o que póde e faz a virtude do Rosario, communicando primeiro a verdadeira contrição, e por meio da contrição apagando e aniquilando os peccados, como se nunca foram commettidos.

Não ha perdão de peccados sem graça, cuja falta é a terceira, como diziamos e a principal e total, que só póde impedir a vida eterna. E posto que para prova de quão pontualmente a suppre a devoção do Rosario, bastava o successo referido; quero, que ouçaes outro, ainda por suas circumstancias mais prodigioso. Havia em Italia um famoso salteador de caminhos, o qual não só despojava aos caminhantes, mas era tão barbaro e cruel que tambem lhes tirava a vida. Encontrou-se com este ladrão S. Domingos, e tendo empenhado com elle todo o seu zelo, espirito e eloquencia para o converter, não foi possivel. Por fim lhe disse: ao menos vos peço me concedaes e promettaes uma só coisa muito facil, que é rezar todos os dias o Rosario da Virgem Senhora nossa. Acceitou elle e rezava;

mas sem nenhuma emenda na vida, continuando como d'antes os mesmos roubos e insultos. Neste estado adoeceu mortalmente sem acto algum de christão e os companheiros da sua quadrilha o enterraram junto a uma daquellas estradas, tão impia e brutalmente, como tinha vivido. Dois annos havia que estava alli sepultado, quando tornando a passar pelo mesmo caminho S. Domingos, se ouviram umas vozes confusas e lastimosas sem se vêr donde sahiam, ou cujas eram; até que chegando ao mesmo logar da sepultura, se conheceu distinctamente, que de dentro della sahiam. E o que diziam, era: padre frei Domingos, servo de Deus, compadecei-vos de mim. Aberta a sepultura sahiu de dentro, com assombro de todos os que acompanhavam o Santo, um homem vivo. Perguntado quem era: eu sou (disse) Padre, aquelle grande ladrão a quem procurastes persuadir que se convertesse, e não quiz: e só acceitou de vossos conselhos o rezar o Rosario. Aqui me sepultaram vivo meus companheiros, tendo-me por morto por occasião de um largo paroxysmo. Sepultado e coberto de terra, naturalmente havia de morrer logo, e ir padecer ao inferno as penas a que estava condemnado por minha vida; porém a Soberana Virgem me alcançou de seu Bemdito Filho, que não morresse e que estes dois annos, em que padeci terribillissimas penas, me servissem de purgatorio. Isto disse em publico. E confessando-se logo ao mesmo Santo de todos seus peccados, no ponto em que recebeu a absolvição, o corpo cahiu morto e a alma com a graça do Sacramento, que só lhe faltava, subiu a gozar da Gloria. Assim acabou santo, o que tinha vivido ladrão. E tanto importa para conseguir a graça final a devoção do Rosario.

Só resta para os que vivem bem a perseverança, cuja falta suppre a Mãe da mesma graça, tão conaturalmente, que não são necessarios exemplos, onde não ha milagre. Com ser regra geral que á boa vida responde a boa morte, e a má morte á má vida; é tal a inconstancia e fraqueza humana, e tão superior o poder da graça Divina, que tambem a generalidade desta regra padece as suas excepções. Dimas viveu mal e morreu bem: Judas viveu bem e morreu mal: Dimas viveu como ladrão e morreu como apostolo: Judas viveu como apostolo e morreu como ladrão. Mas de quatro ladrões que concorreram na morte de Christo, um se

salvou e tres se perderam: e de doze Apostolos que seguiram ao mesmo Christo, um só se perdeu e onze se salvaram. Com tal differença porém, que se esse mesmo que se perdeu, recorresse á piedade da Soberana Mãe do mesmo Filho, que tinha vendido, não só recuperaria a graça perdida, mas depois de recuperada, perseveraria nella até o fim, como os demais. Isto pois que elle não soube fazer, é o meio que devem tomar todos os que reconhecidos da sua fraqueza e inconstancia, temem que depois de alcançada a graça lhes falte a perseverança nella. Maravilhosa coisa foi, que caminhando os filhos de Israël quarenta annos por um deserto, secco, esteril e falto de agua, uma pedra do mesmo deserto lhes supprisse esta falta até entrarem na Terra da Promissão. E que agua, e que pedra do deserto é esta? A agua disse Christo á Samaritana, que era a graça: a pedra do deserto diz o propheta Isaias, que é a Virgem Maria: *Emitte agnum, Domine, dominatorem terræ, de Petra deserti.* [1] Se queremos pois chegar á Terra de Promissão de Gloria, e tememos, que a agua da graça perseverante nos falte, recorramos á fecundissima pedra, de que nasceu a fonte da mesma graça, e recorramos com firme e certa confiança, que assim como na pastora devota do Rosario suppriu a mesma Senhora tudo o que lhe faltava para esta vida e para a outra; assim supprirá em nós por meio do mesmo Rosario, tudo o que nos fôr conveniente para a vida temporal, e necessario para a eterna. Onde com perpetuos louvores da Mãe e do Filho, lhe cantemos sem fim, o que a voz do Evangelho entoou no principio: *Beatus venter, qui te portavit, et ubera, quæ suxisti.*

[1] *Isai.*, XVI, 1.

SERMÃO VIGESIMO SETIMO

Josias autem genuit Jechoniam, et fratres ejus in transmigratione Babylonis. Et post transmigrationem Babylonis, Jechonias genuit Salathiel. [1]

I

Uma das grandes coisas que se vê hoje no mundo, e nós pelo costume de cada dia não admiramos, é a transmigração immensa de gentes e nações ethiopes, que da Africa continuamente estão passando a esta America. A armada de Enéas, disse o principe dos poetas, que levava Troya a Italia: *Illium in Italiam portans:* e das naus, que dos portos do Mar Atlantico estão successivamente entrando nestes nossos, com maior razão podemos dizer, que trazem a Ethiopia ao Brazil. Entra por esta barra um cardume monstruoso de baleias, salvando com tiros e fumos de agua as nossas fortalezas, e cada uma pare um baleato: entra uma nau de Angola, e desova no mesmo dia quinhentos, seiscentos e talvez mil escravos. Os Israelitas atravessaram o Mar Vermelho, e passaram da Africa á Asia, fugindo do captiveiro; estes atravessam o mar Oceano na sua maior largura, e passam da mesma Africa á America para viver e morrer captivos. *Infelix genus hominum* (disse bem delles Mafféo) *et ad servitutem natum.* Os outros nascem para viver, estes para servir. Nas outras terras do que aram os homens, e do que fiam e tecem as mulheres, se fazem os commercios: naquella o que geram os paes e o que criam a seus peitos as mães, é o que se vende, e se compra. Oh trato deshumano, em que a mercancia são homens!

---

[1] *Math.*, 1.

Oh mercancia diabolica, em que os interesses se tiram das almas alheias, e os riscos das proprias!

Já se depois de chegados olharmos para estes miseraveis, e para os que se chamam seus senhores: o que se viu nos dois estados de Job, é o que aqui representa a fortuna, pondo juntas a felicidade e a miseria no mesmo theatro. Os senhores poucos, e os escravos muitos; os senhores rompendo galas, os escravos despidos e nus; os senhores banqueteando, os escravos perecendo á fome; os senhores nadando em ouro e prata, os escravos carregados de ferros; os senhores tratando-os como brutos, os escravos adorando-os e temendo-os como Deuses; os senhores em pé apontando para o açoite, como estatuas da soberba e da tyrannia, os escravos prostrados com as mãos atadas atrás como imagens vilissimas da servidão, e espectaculos da extrema miseria. Oh Deus! Quantas graças devemos á fé, que nos destes, porque ella só nos captiva o entendimento, para que á vista destas desegualdades, reconheçamos comtudo vossa justiça e providencia. Estes homens não são filhos do mesmo Adão e da mesma Eva? Estas almas não foram resgatadas com o sangue do mesmo Christo? Estes corpos não nascem e morrem, como os nossos? Não respiram com o mesmo ar? Não os cobre o mesmo céu? Não os aquenta o mesmo sol? Que estrella é logo aquella que os domina, tão triste, tão inimiga, tão cruel?

E se as influencias da sua estrella são tão contrarias e nocivas, como se não communicam ao menos aos trabalhos de suas mãos, e como maldição de Adão, ás terras que cultivam? Quem pudera cuidar que as plantas regadas com tanto sangue innocente houvessem de medrar, nem crescer e não produzir, senão espinhos e abrolhos? Mas são tão copiosas as bençãos de doçura, que sobre ellas derrama o céu; que as mesmas plantas são o fructo, e o fructo tão precioso, abundante e suave, que elle só carrega grandes frotas, elle enriquece de thesouros o Brazil, e enche de delicias o mundo. Algum grande mysterio se encerra logo nesta transmigração: e mais se notarmos ser tão singularmente favorecida e assistida de Deus, que não havendo em todo o Oceano navegação sem perigo e contrariedade de ventos, só a que tira de suas patrias a estas gentes e as traz ao exercicio do captiveiro, é sempre com vento á popa, e sem mudar vella.

Estas são as considerações que eu faço, e era bem que fizessem todos, sobre os juizos occultos desta tão notavel transmigração, e seus effeitos. Não ha escravo no Brazil, e mais quando vejo os mais miseraveis, que não seja materia para mim de uma profunda meditação. Comparo o presente com o futuro, o tempo com a eternidade, o que vejo com o que creio, e não posso entender, que Deus que creou estes homens tanto á sua imagem e similhança, como os demais, os predestinasse para dois infernos um nesta vida, outro na outra. Mas quando hoje os vejo tão devotos e festivaes diante dos altares da Senhora do Rosario, todos irmãos entre si, como filhos da mesma Senhora; já me persuado sem duvida, que o captiveiro da primeira transmigração é ordenado por sua misericordia para a liberdade da segunda.

De duas transmigrações faz menção o nosso Evangelho: uma em que foram levados os filhos de Israël da sua patria para o captiveiro de Babylonia: *In transmigrationem Babylonis:* [1] e outra, em que foram trazidos do captiveiro de Babylonia para a sua patria: *Et post transmigrationem Babylonis.* [2] A primeira transmigração, e do captiveiro, durou setenta annos: a segunda, e da liberdade, não teve fim, porque chegou até Christo. E como ordenou Deus a primeira transmigração para a segunda? Assim como ordenou que de Josias nascesse Jeconias: *Josias autem genuit Jechoniam, et fratres ejus.* [3] Em todo este Evangelho, quando elle historialmente diz, que um patriarcha gerou outro patriarcha, quer dizer no sentido mystico, que da significação do nome do pae nasceu a significação do nome do filho. Baste por exemplo o primeiro, que se nomeia no mesmo Evangelho, que é David. David diz a serie das mesmas gerações, que gerou a Salomão: *David autem Rex genuit Salomonem.* [4] E que quer dizer, que David gerou a Salomão? David significa o guerreiro, Salomão significa o pacifico: e nascer Salomão de David, quer dizer, que da guerra havia de nascer a paz: e assim foi. Do mesmo modo diz o Evangelho, que Jo-

---

[1] *Math.*, 1, 2.
[2] *Ibid.*, 1, 2.
[3] *Ibid.*, 1, 6.
[4] *Ibid.*, 6.

sias gerou a Jeconias no captiveiro de Babylonia: *Josias autem genuit Jechoniam in transmigratione Babylonis.* Saibamos agora qual é a significação destes dois nomes, Josias do pae, e Jeconias do filho. Josias significa, *Ignis Domini*, o fogo de Deus: Jeconias significa, *Præparatio Domini*, a preparação de Deus. Diz pois o Texto, ou quer dizer, que na transmigração de Babylonia o fogo de Deus gerou a preparação de Deus. Porque? Porque o fogo queima e allumia: e no captiveiro de Babylonia, não só queimou Deus e castigou os Israelitas, mas tambem os allumiou: e porque os castigou e allumiou no captiveiro da primeira transmigração: *In transmigratione Babylonis:* por isso, e com isso, os dispoz e preparou para a liberdade da segunda: *Et post transmigrationem Babylonis.*

Eis aqui, irmãos do Rosario pretos (que só em vós se verificam estas significações) eis aqui o vosso presente estado, e a esperança que elle vos dá do futuro: *Josias autem genuit Jechoniam et fratres ejus.* Vós sois os irmãos da preparação de Deus, e os filhos do fogo de Deus. Filhos do fogo de Deus na transmigração presente do captiveiro, porque o fogo de Deus neste estado vos imprimiu a marca de captivos: e posto que esta seja de oppressão, tambem como fogo vos allumiou juntamente, porque vos trouxe á luz da fé, e conhecimento dos mysterios de Christo, que são os que professaes no Rosario. Mas neste mesmo estado da primeira transmigração, que é a do captiveiro temporal, vos estão Deus, e sua Santissima Mãe, dispondo e preparando para a segunda transmigração, que é a da liberdade eterna. Isto é o que vos hei de prégar hoje para vossa consolação. E reduzido a poucas palavras, será este o meu assumpto: que a vossa irmandade da Senhora do Rosario vos promette a todos uma carta de alforria: com que não só gozeis a liberdade eterna na segunda transmigração da outra vida; mas tambem vos livreis nesta do maior captiveiro da primeira. Em logar das alviçaras, que vos devera pedir por esta boa nova, vos peço me ajudeis a alcançar a graça com que vos possa persuadir a verdade della.

Ave Maria, etc.

II

Em quanto desterrados filhos de Eva, todos temos, ou nos espera uma universal transmigração, que é de Babylonia para Jérusalem, e do desterro deste mundo para a patria do céu. Vós porém que viestes, ou fostes trazidos das vossas patrias para estes desterros; além da segunda e universal transmigração, tendes outra, que é a da Babylonia, em que mais ou menos moderada, continuaes o vosso captiveiro. E para que saibaes como vos deveis portar nelle, e não sejaes vós mesmos, os que o accrescenteis; vos quero, primeiro que tudo, explicar qual elle é, e em que consiste. Procurarei que seja com tal clareza, que todos me entendaes. Mas quando assim não succeda (porque a materia pede maior capacidade da que podeis ter todos) ao menos, como dizia Santo Agostinho na vossa Africa, contentar-me-hei que me entendam vossos senhores e senhoras: para que elles mais devagar vos ensinem, o que a vós e tambem a elles muito importa saber.

Sabei pois, todos os que sois chamados escravos, que não é escravo tudo o que sois. Todo o homem é composto de corpo e alma; mas o que é e se chama escravo, não é todo o homem, senão só metade delle. Até os gentios que tinham pouco conhecimento das almas, conheceram esta verdade e fizeram esta distincção. Homero, referido por Clemente Alexandrino, diz assim: *Altitonans Jupiter viro, quem alii servire necesse est, aufert dimidium.* [1] Quer dizer, que aquelles homens a quem Jupiter fez escravos, os partiu pelo meio e não lhes deixou mais que uma metade que fosse sua; porque a outra metade é do senhor a quem servem. E qual é esta metade escrava e que tem senhor, ao qual é obrigada a servir? Não ha duvida que é a metade mais vil, o corpo. Excellentemente Seneca: *Errat, si quis existimat servitutem in totum hominem descendere: pars melior excepta est.* [2] Quem cuida que o que se chama escravo, é o homem todo, erra e não sabe o que diz: a melhor parte do homem, que é a

[1] Hom. Clem. Alex. *Strom.* libr. 6.º
[2] Sen. libr. 3.º de Benef. cap. 2.º

alma, é isenta de todo o dominio alheio, e não póde ser captiva. O corpo, e sómente o corpo, sim: *Corpus itaque est, quod domino fortuna tradidit. Hoc emit, hoc vendit: interior illa pars mancipio dari non potest.* Só o corpo do escravo (diz o grande Philosopho) é o que deu a fortuna ao senhor: este comprou, e este é o que póde vender. E nota sapientissimamente, que o dominio que tem sobre o corpo, não lh'o deu a natureza senão a fortuna: *Quod domino fortuna tradidit;* porque a natureza como mãe, desde o rei ao escravo, a todos fez eguaes, a todos livres. Fallando S. Paulo dos escravos e com escravos, diz que obedeçam aos senhores carnaes: *Obedite dominis carnalibus.* [1] E que senhores carnaes são estes? Todos os Interpretes declaram, que são os senhores temporaes, como os vossos, aos quaes servis por todo o tempo da vida: e chama-lhe os Apostolo senhores carnaes; porque o escravo, como qualquer outro homem, é composto de carne e espirito, e o dominio do senhor sobre o escravo só tem jurisdição sobre a carne, que é o corpo, e não se estende ao espirito, que é a alma.

Esta é a razão porque os escravos entre os gregos se chamavam corpos. Assim o refere Santo Epiphanio, e que o uso commum de fallar entre elles era, não, que tal ou tal senhor, tinha tantos escravos, senão que tinha tantos corpos. O mesmo diz Seneca, que se usava entre os romanos. E é erudição que elle ensina a seu discipulo Lucilio: porque ainda que a noticia dos vocabulos é de todos, saber a origem delles é só dos que sabem as coisas e mais as causas: *Quando quidem dominium corporibus dominatur, et non animis, propterea servos corpora vocaverunt, ut usum corporum ostenderent.* [2] Sabes, Lucilio, porque os nossos maiores chamaram aos escravos corpos? Porque o dominio de um homem sobre outro homem só póde ser no corpo e não na alma. Mas não é necessario ir tão longe como a Roma e á Grecia. Pergunto: neste vosso mesmo Brazil quando quereis dizer que fulano tem muitos ou poucos escravos, porque dizeis que tem tantas ou tantas peças? Porque os primeiros que lhes puzeram este nome, quizeram significar, sábia e christãmente, que a

[1] *Eph.*, VI, 5.
[2] Senec. Epist. 47.

sujeição que o escravo tem ao senhor, e o dominio que o senhor tem sobre o escravo, só consiste no corpo. Os homens não são feitos de uma só peça, como os Anjos e os brutos. Os Anjos e os brutos (para que nos expliquemos assim) são inteiriços; o Anjo, porque todo é espirito; o bruto, porque todo é corpo. O homem não. E' feito de duas peças, alma e corpo. E porque o senhor do escravo só é senhor de uma destas peças, e a capaz de dominio, que é o corpo; por isso chamaes aos vossos escravos peças. E se esta derivação vos não contenta, digamos, que chamaes peças aos vossos escravos, assim como dizemos, uma peça de ouro, uma peça de prata, uma peça de sêda, ou de qualquer outra coisa das que não têm alma. E por este modo ainda fica mais claramente provado, que o nome de peça não comprehende a alma do escravo, e sómente se entende e se estende a significar o corpo. Este é o que só se captiva, este o que só se compra e vende, este o que só tem debaixo de sua jurisdição a fortuna, e este emfim o que levou de Jérusalem a Babylonia a transmigração dos filhos de Israël, e este o que traz da Ethiopia ao Brazil a transmigração dos que aqui se chamam escravos, e aqui continuam seu captiveiro.

III

De maneira, irmãos pretos, que o captiveiro que padeceis, por mais duro e aspero que seja, ou vos pareça; não é captiveiro total, ou de tudo o que sois, senão meio captiveiro. Sois captivos naquella metade exterior e mais vil de vós mesmos, que é o corpo; porém na outra metade interior e nobilissima, que é a alma, principalmente no que a ella pertence, não sois captivos, mas livres. E supposto este primeiro ponto, segue-se agora que saibaes o segundo, e muito mais importante, e que eu vos declare, se essa parte ou metade livre, que é a alma, póde tambem por algum modo ser captiva, e quem a póde captivar. Digo pois, que tambem a vossa alma, como as dos mais, póde ser captiva: e quem a póde captivar, não são vossos senhores, nem o mesmo rei, nem outro algum poder humano, senão vós mesmos, e por vossa livre vontade.

Ditosos de vós aquelles, que de tal modo se compuzeram com a sorte do seu meio captiveiro, que se sirvam da sua propria servidão, e se saibam aproveitar do que nella, e com ella, podem merecer! Mas o mal e a miseria, que totalmente vos fará miseraveis, é que fazendo-vos a vossa fortuna captivos só no corpo, vós muito por vossa vontade captiveis tambem a alma. Dois casos notaveis se viram na transmigração de Babylonia. Houve uns daquelles captivos e desterrados, que tendo licença e liberdade para tornar para a patria, quizeram antes ficar no seu captiveiro: e houve outros e quasi todos, que sendo aquelle captiveiro só do corpo, elles se não contentaram com ser meios captivos, mas para o ser inteiro e totalmente, captivaram tambem as almas. Com grande fundamento se pode pôr em questão: se para a natureza humana se sujeitar e precipitar aos vicios, é maior tentação a liberdade ou o captiveiro? O certo é, que nesta mesma occasião mostrou por experiencia o captiveiro, não só ter maiores forças para tentar, senão tambem para vencer. Porque entre todos os captivos que foram muitos mil, só um Tobias se achou, que não captivasse a sua alma. Assim o diz e celébra delle por grande maravilha a Escriptura Sagrada: *In captivitate tamen positus, viam veritatis non deseruit.* [1] Tão ordinaria e universal miseria é, que os meio captivos não sejam só captivos de meias, senão totalmente, e em uma e outra ametade captivos: captivos no corpo, e captivos juntamente na alma.

E se me perguntardes, como deveis perguntar, de que modo se captivam as almas; quem são os que as vendem, e a quem as vendem, e porque preço? Respondo, que os que as vendem, é cada um a sua: a quem as vendem é ao demonio: o preço porque as vendem, é o peccado. E porque a alma é invisivel, e o demonio tambem invisivel, e estas vendas não se vêem: para que não cuideis que são encarecimentos e modos de fallar, senão verdades de fé, sabei que assim está definido por Deus, e repetido muitas vezes em todas as Escripturas Sagradas. S. Paulo, aquelle grande Apostolo, que foi levado em vida ao céu, e depois tornou do céu á terra, para ensinar aos homens o que lá vira

[1] *Tob.*, I, 2.

e aprendera, fallando desta venda da alma diz assim: *Lex spiritualis est. Ego autem carnalis sum, venundatus sub peccato* [1] Sabeis, diz S. Paulo, como os homens vendem a sua alma? Ouvi-me com attenção, eu vol-o direi: *Lex spiritualis est:* a lei é espiritual: *Ego autem carnalis sum:* e o homem é carnal. A lei é espiritual; porque ordena o que convém ao espirito e á alma: o homem é carnal; porque naturalmente appetece o que pede a carne e o corpo. Da parte da lei está Deus mandando que seja obedecido, e promettendo que aos que a guardarem dará depois o céu: da parte da carne está o demonio aconselhando que se não guarde a lei, e promettendo ao homem, que logo e de contado, lhe dará o gosto ou interesse, que pede o seu appetite. Posta pois a alma como em leilão, entre Deus e o demonio, entre a lei e o peccado: que faz a vontade e o livre alvedrio, que é o senhor de todas nossas acções e resoluções? Em vez de receber o lanço de Deus, acceita o do demonio, e tanto que consentindo no peccado, ficou a alma captiva, e rematada a venda: *Venundatus sub peccato.* E' o que diz Santo Agostinho na exposição deste mesmo Texto: *Unusquisque peccando animam suam diabolo vendit, tanquam pretio, dulcedine temporalis voluptatis.* A primeira venda, e o primeiro leilão de almas que se fez neste mundo, foi no Paraizo terreal. De uma parte estava Deus, mandando que se não comesse da fructa vedada: da outra parte estava a serpente instigando que se comesse: E que succedeu? Eva, que representava a carne, inclinou á parte do demonio; e porque Adão, que fazia as partes do alvedrio, em vez de obedecer ao preceito de Deus, seguiu o appetite da carne; alli ficaram vendidas ao demonio as duas primeiras almas, e d'alli trouxe a sua origem a venda das demais.

Dizei-me, brancos e pretos, não condemnamos todos a Adão e Eva? Não conhecemos que foram ignorantes e mais que ignorantes; loucos e mais que loucos; cégos e mais que cégos? Não somos nós os mesmos, que lhes lançamos pragas e maldições, pelo que fizeram? Pois porque fazemos o mesmo, e vendemos as nossas almas, como elles as venderam? Oiçam primeiro os brancos um exemplo, em que vejam a sua de-

[1] *Rom.*, VII, 14.

formidade, e logo mostraremos outro aos pretos, em que vejam a sua. De El-rei Achab affirma a Historia Sagrada, que foi o mais mau rei que houve entre todos os de Israël; porque peccando, e para peccar, se vendeu: *Non fuit alter talis sicut Achab, qui venundatus est, ut faceret malum.* [1] O mesmo lhe disse o Propheta Elias na cara. Perguntou-lhe o rei: *Num invenisti me inimicum tibi?* [2] Por ventura, Elias, achaste em mim alguma coisa, pela qual tenhas para ti, que sou teu inimigo? Sim, achei, respondeu o Propheta: porque achei que és tal, que te vendes para offender a Deus: *Inveni, eò quòd venundatus sis, ut faceres malum in conspectum Domini.* Não se queixou Elias das offensas que lhe tinha feito Achab, mas das que fazia contra Deus: nem se queixou de não ser o rei amigo do seu Propheta, senão de que sendo rei, se vendia e fazia escravo: *Eò quòd venundatus sis, ut faceres malum.*

E que males e peccados eram aquelles em que Achab se vendia? Dois principalmente, refere a Escriptura: um geral, com que obrigava os subditos a que adorassem os idolos de oiro de Jeroboão, prohibindo, que não fossem ao Templo do verdadeiro Deus: o outro particular, em que naquella occasião tinha consentido que falsamente fosse condemnado á morte Naboth, para lhe confiscar e tomar a sua vinha. Vêde se é bom exemplo este para os regulos do nosso Reconcavo. E' possivel, que por accrescentar mais uma braça de terra ao cannavial, e meia tarefa mais ao engenho em cada semana, haveis de vender a vossa alma ao diabo? Mas a vossa, já que o é, vendei-lh'a, ou revendei-lh'a embora. Porém as dos vossos escravos, porque lh'as haveis de vender tambem, antepondo a sua salvação aos idolos de oiro, que são os vossos malditos, e sempre mal logrados interesses? Por isso os vossos escravos não têm doutrina: por isso vivem e morrem sem Sacramentos: e por isso, se lhes não prohibis a Igreja, com subtileza de cubiça, que só podia inventar o diabo (para que o diga na phrase do vulgo) não quereis que vão á porta da Igreja. Consentis que os escravos e escravas andem em peccado, e não lhe permittis que

[1] *3.º Livr. dos Reis*, XXI, 25.
[2] *Ibid.*, 20.

se casem, porque dizeis, que casados servem menos bem. Oh razão (quando assim fôra) tão digna do vosso entendimento, como da vossa christandade! Prevaleça o meu serviço ao serviço de Deus, e com tanto, que os meus escravos me sirvam melhor, vivam e morram em serviço do diabo. Espero eu no mesmo Deus que terá misericordia da sua miseria, e das suas almas: mas das vossas almas e desta vossa, que tambem é miseria, não tenho em que fundar tão boas esperanças.

Passemos ao exemplo mais proprio dos escravos, os quaes por nenhum respeito devem vender a sua alma, ainda que lhe houvesse de custar a vida. Depois que El-rei Antiocho, por sobrenome o Illustre, sahindo da Grecia com poderoso exercito, dominou a Jérusalem, e com ella a todas as reliquias que tinham escapado da transmigração de Babylonia (que nem sempre os homens levam comsigo o captiveiro aos desterros, mas talvez o mesmo captiveiro os vem buscar a sua casa); mandou o barbaro, e insolente rei, que em toda Judéa se não guardasse a Lei de Deus, senão sómente as suas, e que os deuses, a quem se offerecessem os sacrificios, fossem os da gentilidade, que elle adorava. Que vos parece que fariam em um tão apertado caso os miseraveis captivos? Mal fiz em lhes chamar miseraveis indistinctamente. Uns foram miseraveis, fracos e vis, outros fortes, constantes e gloriosos. Os miseraveis, fracos e vis, diz o Texto, que por ganharem a graça dos senhores, obedeceram, e fazendo-se gentios venderam as suas almas: *Et juncti sunt Nationibus, et venundati sunt, ut facerent malum:* [1] pelo contrario os fortes, constantes e gloriosos, por não venderem as almas, perderam animosamente as vidas, que da graça dos senhores nenhum caso fizeram. Bem se viu aqui, que os corpos sómente são os captivos, as almas não. Eram os senhores tão tyrannos, que lhes cortavam os dedos das mãos e dos pés; que lhes arrancavam os olhos e as linguas; que os frigiam e torravam vivos em certãs ardentes; e com outros exquisitos tormentos lhes tiravam as innocentes vidas; mas elles, antes queriam padecer e morrer, que vender as almas. Julgae agora vós, que vos achaes na mesma fortuna de escravos, quaes destes obraram melhor: se os que ven-

[1] *1.º dos Machab.*, I, 16.

deram as almas para agradar aos senhores, ou os que quizeram antes perder a vida, que captivar a alma? Não estaes dizendo todos, que o valor e constancia destes, é digna de eternos louvores? Sim. Pois a estes vos digo, que imiteis. Por graça e mercê grande de Deus, ainda que escravos e captivos, não estaes em terra, onde vossos senhores vos hajam de obrigar a deixar a fé. Mas é certo, que sem se perder, nem arriscar a fé, se póde perder e vender a alma. E no tal caso (que póde acontecer muitas vezes) tende bem na memoria o exemplo que acabastes de ouvir, para que não falteis á vossa obrigação. Se o senhor mandasse ao escravo, ou quizesse da escrava, coisa que offenda gravemente a alma, e a consciencia; assim como elle o não póde querer, nem mandar, assim o escravo é obrigado a não obedecer. Dizei constantemente, que não haveis de offender a Deus: e se por isso vos ameaçarem e castigarem, soffrei animosa e christãmente, ainda que seja por toda a vida, que esses castigos são martyrios.

IV

Temos visto, que assim como o homem se compõe de duas partes, ou de duas metades, que são corpo e alma, assim o captiveiro se divide em dois captiveiros: um, captiveiro do corpo, em que os corpos involuntariamente são captivos e escravos dos homens: outro, captiveiro da alma, em que as almas por propria vontade se vendem, e se fazem captivas e escravas do demonio. E porque vos prometti, que a Virgem, Senhora nossa do Rosario, vos ha de libertar, ou forrar, como dizeis, do maior captiveiro; para que conheçaes bem quanto deveis estimar esta alforria, importa que saibaes e entendaes primeiro, qual destes dois captiveiros é o maior. A alma é melhor que o corpo, o demonio é peor senhor que o homem, por mais tyranno que seja; o captiveiro dos homens é temporal, o do demonio eterno: logo nenhum entendimento póde haver, tão rude e tão cégo, que não conheça que o maior e peor captiveiro é o da alma. Mas como a alma, o demonio, e este mesmo captiveiro, como já disse, são coisas que se não vêem com os olhos: onde acharei eu um meio proporcionado á vossa capacidade, com que

vos faça visivel esta demonstração? Fundemol-a no mesmo captiveiro, que é coisa para vós mais sensivel. Pergunto: Se Deus nesta mesma hora vos libertara a todos do captiveiro em que estaes, e de repente vos visseis todos livres e forros: não seria uma estranha e admiravel mercê que Deus vos faria? Pois muito maior é, e de muito maior e mais subido valor, a mercê que a Senhora do Rosario vos fará, em livrar vossas almas do captiveiro do demonio, e do peccado. No nosso Evangelho o temos.

Faz repetida menção o Evangelho do captiveiro de Babylonia, e do captiveiro do Egypto nenhuma memoria faz. O captiveiro de Babylonia succedeu no tempo de Jeconias, e do Egypto no tempo de Judas: pois assim como diz o Evangelista: *Jechoniam, et fratres ejus in transmigratione Babylonis:* porque não diz tambem: *Judam, et fratres ejus in captivitate Ægypti?* O reparo e a resposta, é de S. Chrysostomo, por estas palavras: *Cur sicut captivitatis Babilonicæ meminit, non autem descensus in Ægyptum? Quia illùc non propter peccata abducti fuerant; hùc verò ob scelera translati sunt.* [1] No tempo dos mesmos Patriarchas que se referem na genealogia de Christo, succedeu o captiveiro do Egypto, e tambem o de Babylonia: e se quereis saber porque o Evangelista, na mesma genealogia, faz menção do captiveiro de Babylonia, e passa em silencio o captiveiro do Egypto, a razão é, diz Chrysostomo, porque os do captiveiro de Babylonia foram lá levados por peccados, em castigo das grandes maldades que tinham commettido na sua patria: porém os do captiveiro do Egypto não foram ao Egypto por peccados, senão chamados por seu irmão Joseph, e depois captivos pela tyrannia de Pharaõ. E como o captiveiro do Egypto foi só temporal e dos corpos; captivos não por peccados proprios, senão pela tyrannia alheia: e o captiveiro de Babylonia pelo contrario foi captiveiro espiritual, e das almas, cujos peccados as tinham feito escravas do mesmo peccado e do demonio; por isso este só captiveiro se refere na genealogia de Christo, o qual não veiu libertar os homens do captiveiro temporal, e do corpo, senão do espiritual, e da alma. Excellentemente por certo assim ponderado, como respondido.

---

[1] Crysost. Hom. 4.ª in Matheum.

E se buscarmos o principio fundamental, porque Christo sendo Redemptor do genero humano, só veiu remir e libertar os homens do captiveiro das almas, e não da servidão dos corpos, o fundamento claro e manifesto, é porque para libertar do captiveiro dos homens, bastavam homens; para libertar do captiveiro do demonio e do peccado, é necessario todo o poder de Deus. Estes mesmos filhos de Israël de que fallamos, foram muitas outras vezes captivos de diversas nações; captivos logo em seu nascimento dos Egypcios; captivos depois dos Mesopotamios; captivos dos Amonitas; captivos dos Cannaneus; captivos dos Madianitas; captivos dos Philisteus. E de todos estes captiveiros os livrou sempre Deus por meio de homens. Do captiveiro dos Egypcios por Moysés; do captiveiro dos Mesopotamios por Othoniel; do captiveiro dos Amonitas por Aod; do captiveiro dos Cannaneus por Barac; do captiveiro dos Madianitas por Gedeão; do captiveiro dos Philisteus por Jephte. Assim que para libertar do captiveiro de homens, bastam homens. E se me instardes que os captivos da transmigração de Babylonia não só eram captivos dos Babylonios, senão tambem captivos do demonio e do peccado, como acabamos de vèr, e que comtudo os libertou um homem, que foi El-rei Cyro; agora entendereis o mysterio, por ventura até agora não entendido, das palavras de Isaias, fallando deste mesmo captiveiro e desta mesma liberdade.

Verè tu es Deus absconditus, Deus Israel Salvator: [1] Verdadeiramente, ó rei Cyro, em ti está escondido Deus, e não só escondido como Deus, senão como Salvador e Libertador de Israël. Pois se Isaias falla da liberdade do captiveiro de Babylonia, e Cyro, como rei da mesma Babylonia, foi o que libertou aos filhos de Israël daquelle captiveiro: porque diz que Deus como libertador de Israël estava escondido no mesmo Cyro? Porque no captiveiro de Babylonia havia juntamente dois captiveiros, pelos quaes os mesmos filhos de Israël eram dobradamente escravos: um captiveiro temporal e dos corpos, pelo qual eram captivos de El-rei Cyro, e outro espiritual e das almas, pelo qual eram captivos do demonio e do peccado: do captiveiro dos corpos libertou-os o rei homem, que como homem bas-

[1] *Isai.*, XLV, 15.

tava para os libertar, e como rei podia; do captiveiro do demonio e do peccado, como os não podia libertar nenhum homem, foi necessario que concorresse tambem Deus como libertador: *Deus Israel Salvator:* porque só Deus os podia libertar daquelle captiveiro. E porque accrescenta o Propheta, que Deus estava escondido em Cyro: *Verè tu es Deus absconditus?* Porque assim como um captiveiro era occulto, e o outro publico, assim foram os dois libertadores, um publico, outro escondido. O captiveiro dos corpos era publico, e como publico libertou Cyro os captivos publicamente: porém o captiveiro das almas e do demonio, era occulto e invisivel; e como occulto e invisivel os libertou tambem Deus occulta e invisivelmente, e por isso escondido: *Verè tu es Deus absconditus, Deus Israel Salvator.*

Em summa, que é tal e tão immensamente maior que toda a infelicidade o captiveiro das almas escravas do demonio e do peccado, que só Deus por si mesmo as póde resgatar e libertar de tal captiveiro. E isto é como dizem Santo Agostinho, S. Jeronymo, Santo Hilario e os mais Padres, o que Isaias quiz ensinar historialmente no captiveiro de Babylonia, e propheticamente no de todo o genero humano, resgatado e libertado, não por outrem, senão pelo mesmo Filho de Deus em pessoa, quando com o preço infinito de seu sangue nos remiu na cruz. Os discipulos de Emmaüs, e os outros mais rudes da escola de Christo, cuidavam que a sua vinda ao mundo fôra para libertar os filhos de Israël da sujeição e captiveiro dos Romanos: *Nos autem sperabamus, quia ipse esset redempturus Israel:* [1] mas por isso mereceram o nome de homens nescios, e de tardo e baixo coração: *O stulti et tardi corde.* [2] Por ventura para libertar os filhos de Israël do jugo dos romanos, faltava-lhe a Deus uma vara de Moysés, uma queixada de Samsão, uma funda de David, uma espada do Macchabeu? Mas estas armas e estes braços, só bastam para libertar do captiveiro dos corpos; porém para o captiveiro das almas, e para as libertar do jugo do demonio, e do peccado, só tem forças e poder o mesmo Deus, e esse com am-

[1] *Luc.*, XXIV, 21.
[2] *Ibid.*, 25.

bos os braços estendidos em uma cruz. Vêde, vêde bem, quanto vae de captiveiro a captiveiro, de resgate a resgate, e de preço a preço. Com admiravel energia o ponderou S. Pedro, como se fallara comvosco, vendidos e comprados por dinheiro.

Scientes, quòd non corruptibilibus, auro vel argento redempti estis: sed pretioso sanguine quasi Agni immaculati Christi. [1] Exhorta o Apostolo a todos a que tratem da salvação de suas almas, e de as conservar em graça: e para isso diz, que consideremos que não fomos resgatados com ouro, nem com prata, senão com o preço infinito do sangue do Filho de Deus. Nas quaes palavras é muito digno de ponderar, que não só nos manda S. Pedro considerar o preço porque fomos resgatados, senão tambem o preço porque não fomos resgatados. O preço porque não fomos resgatados, que é o ouro e a prata: *Non corruptibilibus auro, vel argento:* e o preço porque fomos resgatados, que é o sangue do Filho de Deus: *Sed pretioso sangu ne quasi Agni immaculati Christi.* Pois se para tratarmos com todo o cuidado e vigilancia da salvação de nossas almas, o unico e maior motivo é a consideração de que Deus as resgatou com o sangue de seu proprio Filho: porque ajunta o Apostolo na mesma consideração o preço com que não foram resgatadas, que é o ouro e a prata? Porque o seu principal intento nestes dois preços que nos manda considerar foi para que da differença dos resgates conhecessemos a differença dos captiveiros. Para resgatar do captiveiro do corpo, basta dar outro tanto oiro, ou prata, quantou custou o escravo vendido. Mas para resgatar do captiveiro da alma, quanto ouro, ou prata será bastante? Bastará um milhão? Bastarão dois milhões? Bastará todo o outro de Sofalla, e toda a prata do Potossi? Oh vileza e ignorancia das apprehensões humanas! Se todo o mar se convertera em prata, e toda a terra em ouro: se Deus criára outro mundo, e mil mundos de mais preciosa materia que o ouro, e mais subidos quilates que os diamantes; todo este preço não seria bastante para libertar do captiveiro do demonio e do peccado, uma só alma por um só momento. Por isso foi necessario que o Filho de Deus se fizesse homem, e morres-

[1] *1.ª Petr.*, I, 17 e 18.

se em uma cruz, para que com o preço infinito de seu sangue podesse resgatar e resgatasse as almas do captiveiro do demonio e do peccado. E deste captiveiro tão difficultoso, e tão temeroso e tão immenso, é, que eu vos prometto a carta de alforria pela devoção do Rosario da Mãe do mesmo Deus.

V

Para prova desta carta de alforria me perguntareis vós com razão, e tambem os que têm mais lettras que vós, como póde isto ser? Respondo, que pelo mesmo modo com que o Filho da mesma Senhora, Christo, libertou do mesmo captiveiro do demonio e do peccado, a todo o genero humano. E se me instardes ainda que vos diga mais declaradamente qual é deste modo? Digo, que não é dando a Senhora aos escravos a escriptura da liberdade, senão tirando das mãos do demonio a escriptura do captiveiro. Ouvi um Texto tão grande como o mesmo assumpto: *Delens quod adversus nos erat chirographum decreti, quod erat contrarium nobis, et ipsum tulit de medio, affigens illud cruci: et expolians principatus, et potestates.* [1] São palavras de S. Paulo: nas quaes diz que quando Christo morreu na cruz, despojou os demonios, tirando-lhes das mãos a escriptura que tinham contra nós, e que depois de apagar quanto nella estava escripto, a affixou na mesma cruz. Agora resta saber que escriptura era esta? E posto que os Santos Padres e Interpretes declaram váriamente o litteral della, todos uniformemente vêm a dizer que era escriptura de venda, pela qual o homem pelo peccado entrega a sua alma ao demonio, e fica obrigado por ella ás penas eternas que a Justiça Divina lhe tem decretadas. E assim como paga a divida, nenhuma força nem vigor tem já a escriptura que o credor tinha em sua mão: assim Christo morrendo na cruz com o mesmo sangue com que pagou a divida do peccado, apagou juntamente a escriptura, pela qual o homem tinha vendido a sua alma ao demonio, e se tinha feito seu escravo: *Delens quod*

[1] *Colloss.*, II, 14 e 15.

adversus nos erat chirographum. De maneira, que para Christo libertar o homem do captiveiro do demonio não deu ao homem nova escriptura de liberdade, mas tirou ao demonio a escriptura de captiveiro, pela qual o mesmo homem se lhe tinha vendido. E isto é o que a Virgem Senhora nossa faz, como agora veremos.

Os peccados, pelos quaes os homens se vendem ao demonio, como notou S. João, são tres, em que se comprehendem todos: soberba, cubiça, sensualidade. E em todos tres temos a prova das escripturas de captiveiro, que a Mãe de Deus, como seu Filho, tira das mãos do demonio para pôr em liberdade os que lhe venderam as almas. E' famoso e celebrado de todos os Padres antigos o caso de um chamado Theophilo, o qual vendo-se affrontado por um falso testemunho e não achando meio licito, com que se restituir á opinião e honra perdida, por intervenção de um feiticeiro se valeu do demonio, e depois de renegar de Deus e da Virgem Maria, lhe passou um escripto de sua lettra e signal, em que se lhe entregava por perpetuo escravo. Tanto póde com os soberbos a vã estimação da propria honra. Outro, que refere o beato Alano, vendo-se em grande miseria de pobreza, e não lhe aproveitando nenhuma industria para ser rico, como insanamente desejava, recorreu tambem ao demonio, e depois da mesma cerimonia heretica e blasphema com que renunciou a Deus e a sua Mãe, lhe passou na mesma fórma escripto de perpetua servidão. A que sacrilegios não precipita os animos mortaes a execranda fome da cubiça? Finalmente outro, referido por Torselino, depois de empregar e empenhar sem effeito na conquista de uma mulher honesta e constante, todos aquelles extremos de que se costuma servir em similhante desatino a cegueira e loucura do amôr profano, acudiu por ultimo remedio, ou por ultimo precipicio aos poderes do demonio, ao qual com as mesmas clausulas do seu formulario infernal, se vendeu e captivou para sempre. Ainda fizera mais, se mais lhe pudera pedir um escravo da sensualidade.

Todos estes escravos do demonio, em confirmação do pacto com que se tinham vendido, conseguiram o que o mesmo demonio lhes promettera: o soberbo, o credito perdido; o cubiçoso, a riqueza desejada; o sensual, a torpeza resistida. Mas depois que o ardor do

appetite esteve em todos satisfeito, e por isso já menos cego: que fariam as tristes almas vendo-se vendidas? Maior era agora a força do arrependimento, do que tinha sido a furia do mesmo appetite. E não se descuidando o demonio em mostrar a cada um a sua firma e o seu escripto, pouco faltou que daquelle infelicissimo estado não cahissem todos no ultimo da desesperação. Recorrendo porém todos por extraordinaria luz, e mercê do céu, ao unico patrocinio da Mãe de misericordia, com gemidos, lagrimas, penitencias e continuas orações: ainda assim era justo que achassem fechadas as portas da misericordia em Deus, e na Mãe de Deus, os que tinham negado a ambos. Mas qual vos parece que seria o fim, não de um, senão de tres casos, tão difficultosos e horrendos? De dois ladrões na cruz, um se salvou para exemplo da misericordia, e outro se condemnou para exemplo da justiça. Porém onde entra vossa soberana mão, oh Virgem piedosissima, não ha essas excepções, nem piedade de meias. A todos tres restituiu a poderosissima Senhora as suas escripturas, tirando-as por força das mãos do demonio, e entregando-as outra vez aos mesmos que as tinham escripto, para que mettessem e apagassem no fogo as lettras, com que elles se tinham condemnado ao fogo, que se não apaga. E' o que fez Christo na cruz: *Delens quod adversus nos erat chirographum.* E é a proporção que achou entre Christo e sua Mãe, o antigo Geometra, quando elegantemente chamou á mesma Senhora, *Spongiam nequitiæ nostræ adversus diaboli scripturam.*

Este foi o modo com que a Virgem Senhora nossa, á imitação de seu Filho, não fazendo, senão desfazendo escriptura, deu carta de liberdade a estes tres escravos do demonio. E elles que fizeram? Todo o resto da vida empregaram em louvar e dar graças por tão singular e extraordinario beneficio á Soberana Auctora delle. O escravo da cubiça, que foi em tempo de S. Domingos, rezava o Rosario: o escravo da soberba, que foi muito antes de haver Rosario, sem essa ordem, mas com perpetuas repetições saudava a Senhora com a Ave Maria: o escravo da sensualidade, que recebeu o seu escripto na mesma casa sagrada (hoje chamada do Loreto) onde o Anjo começou a sua embaixada, dizendo: *Ave gratia plena:* repetia o mesmo infinitas vezes. De sorte, que todos tres rezavam o Rosario, só com uma differença: que no primeiro era o Rosario enfiado, nos outros des-

enfiado. E este exemplo devem tomar os pretos, para quando a força da occupação, ou do trabalho, lhes não permittir enfiarem as suas Ave Marias pela ordem dos mysterios, invocando porém sempre a mesma Senhora, para que os ajude no seu trabalho. E têm mais alguma coisa que imitar? Sim, e a maior. Pela carta de liberdade que receberam os tres escravos do demonio, não se trataram como forros, senão como captivos de quem os libertou. Assim fizeram, e assim o deviam fazer, porque isto é, não só o primor, senão a obrigação de todos aquelles a quem Deus livra do captiveiro do demonio e do peccado.

Quando Christo morreu na cruz, já vimos como nella apagou as escripturas de todos os que em Adão e depois delle se tinham vendido ao demonio. Agora notae que depois de resuscitado, quando subiu triumphante ao céu, ao modo dos triumphadores romanos, levou diante de si todos os que até então tinha tirado das masmorras do mesmo captiveiro. Assim o canta David, mas por termos em que parece, nega o que celebra, e desdiz o que quer dizer. No Texto da Vulgata diz, que quando Christo subiu ao céu, captivou o captiveiro: *Ascendisti in altum, cepisti captivitatem:* [1] na versão de S. Paulo diz, que levou os captivos captivos: *Ascendens in altum, captivam duxit captivitatem.* [2] Pois se o Senhor não levou no seu triumpho senão os que tinha libertado; e porque os tinha libertado, elles foram todo o despojo das suas victorias, e elles a maior pompa, ostentação e magestade do mesmo triumpho; como diz David, que então captivou o captiveiro e levou diante de si os captivos, não livres, senão captivos? Porque a mesma liberdade com que Christo os libertou, foi novo captiveiro com que os tornou a captivar; e porque os levava libertados e livres, os levou novamente captivos. A liberdade é um estado de isenção, que uma vez perdido, nunca mais se recupera: quem foi captivo uma vez, sempre ficou captivo: porque ou o libertam do captiveiro, ou não: se o não libertam, continua a ser captivo do tyranno: se o libertam, passa a ser captivo do libertador. E isto é o que succedeu a todos os que Christo libertou na cruz, apagadas as escripturas do seu

[1] *Psalm.* LXVII, 19.
[2] *Ephes.*, IV, 8.

captiveiro. Antes da liberdade captivos, e depois da liberdade tambem captivos: antes da liberdade captivos do demonio, a quem se venderam; depois da liberdade captivos de Christo, que os resgatou: antes da liberdade captivos do peccado, depois da liberdade captivos de Deus, como diz o Apostolo: *Liberati à peccato, serv. autem facti Deo.* [1]

Desta maneira se mostraram agradecidos á sua carta de alforria aquelles tres captivos, captivando-se de novo, e fazendo-se escravos da mesma Senhora que os libertára. E o mesmo devem fazer todos os que se acham ainda no captiveiro de Babylonia, e querem sahir delle. Captivem-se para se libertarem, e façam-se escravos da Senhora do Rosario, para não serem escravos do demonio, se ainda o são; ou para se conservarem livres, se já estão fóra do captiveiro. Apaguem a marca do demonio, que é marca de captivos, e ponham em seu logar a marca do Rosario, que é marca de livres. E se quereis saber qual é a figura desta marca: digo, que uma rosa. Conta-se no segundo Livro dos Macchabeus, [2] que aos captivos de Jérusalem mandou o tyranno marcar com uma folha de hera, para se professarem escravos do Deus Baccho, a quem era dedicada aquella planta. E que marca mais propria dos escravos do Rosario, que uma rosa, não só como ferrete glorioso do seu novo captiveiro, mas como publico signal e sello da sua carta de alforria? Os que sois, ou fostes marcados, trazeis uma marca no peito, outra no braço. Assim quer que tragaes a sua marca a Senhora do Rosario: *Pone me ut signaculum super cor tuum, ut signaculum super brachium tuum.* [3] As voltas de contas que trazeis nos pulsos e ao pescoço (fallo com as prelas) sejam todas das contas do Rosario. As do pescoço cahidas sobre os peitos, serão a marca do peito: *Pone me ut signaculum super cor tuum:* e as dos pulsos como bracelletes, serão a marca do braço: *Ut signaculum super brachium tuum:* e uma e outra marca, assim no coração como nas obras, serão um testemunho e desengano publico para todos, de que já estão livres vossas almas do captiveiro do de-

[1] *Rom.*, VI, 22.
[2] *2.º Livr. dos Macchab.*, VI, 7.
[3] *Cant.*, VIII, 6.

monio e do peccado, para nunca mais o servir: *Et post transmigrationem Babylonis.*

VI

Livres por este modo do maior e mais pesado captiveiro, que é o das almas, ainda ficaes escravos do segundo, que é o dos corpos. Mas nem por isso deveis imaginar que é menos inteira a mercê, que a Senhora do Rosario vos faz. Que seja poderosa a Senhora do Rosario para livrar do captiveiro do corpo, se tem visto em innumeraveis exemplos dos que estando captivos em terra de infieis por meio da devoção do Rosario se acharam livres, e depois de offerecerem aos altares da mesma Senhora os grilhões e cadêas do seu captiveiro quebradas, como tropheus do seu poder e misericordia, as penduraram nos templos. Quando Deus desceu a libertar o seu povo do captiveiro do Egypto, [1] porque cuidaes que appareceu a Moysés na Sarça? Porque a Sarça, como dizem todos os Santos, era figura da Virgem Senhora Nossa: e quiz Deus já então fazer manifesto ao mundo, que a mesma Virgem Santissima, não só era o instrumento mais proporcionado e efficaz da Divina Omnipotencia, para libertar os homens do captiveiro das almas (que por isso a escolheu por Mãe, quando veiu remir o genero humano), senão tambem para os libertar do captiveiro dos corpos, qual era aquelle que padecia o povo no Egypto debaixo do jugo de Pharaõ. Assim que poderosa era a Mãe do Redemptor para vos livrar tambem deste segundo e menor captiveiro. Mas é particular providencia de Deus, e sua, que vivaes de presente escravos e captivos, para que por meio do mesmo captiveiro temporal, consigaes muito facilmente a liberdade eterna.

Somos chegados á segunda parte da alforria, que vos prometti, e a um ponto, no qual só vos falta o conhecimento e bom uso do vosso estado, para serdes nelle os mais venturosos homens do mundo. Sobre esta materia só vos hei de allegar com os dois Principes dos Apostolos, S. Pedro e S. Paulo, os quaes a trataram muito de proposito em varios logares, fallando com os escravos

[1] *Exod.*, III, 2.

tão seriamente, como se fallaram com imperadores de Roma, e tão alta e profundamente, como se fallaram com os sabios da Grecia. Para que não cuidem os que desprezam os escravos, que este assumpto (e mais em terra onde ha Santos) seja menos digno de se empregarem nelle com todas as forças da eloquencia, e com toda a efficacia do espirito, os maiores prégadores do Evangelho. Falla pois o Apostolo S. Paulo com os escravos, e diz assim em dois logares: *Servi, obedite per omnia Dominis carnalibus, non ad oculum servientes, quasi hominibus placentes, sed in simplicitate cordis timentes Deum. Quodcumque facitis, ex animo operamini sicut Domino, et non hominibus scientes quòd à Domino accipietis retributionem hæreditatis. Domino Christo servite.* [1] Escravos, (diz S. Paulo) obedecei em tudo a vossos senhores, não os servindo sómente aos olhos, e quando elles vos vêem, como quem serve a homens; mas muito de coração, e quando não sois vistos, como quem serve a Deus. Tudo o que fizerdes, não seja por força, senão por vontade: advertindo outra vez, que servís a Deus, o qual vos ha de pagar o vosso trabalho, fazendo-vos seus herdeiros. Em fim, servi a Christo: *Domino Christo servite.*

Deixando esta ultima palavra para depois; só pondero agora aquellas: *Scientes quòd à Domino accipietis retributionem hæreditatis.* Duas coisas promette Deus aos escravos pelo serviço que fazem a seus senhores, ambas não só desusadas, mas inauditas: que são paga e herança: *Retributionem hæreditatis.* Notae muito isto. Quando servis a vossos senhores, nem vós sois seus herdeiros, nem elles vos pagam o vosso trabalho. Não sois seus herdeiros, porque a herança é dos filhos, e não dos escravos: e não vos pagam o vosso trabalho, porque o escravo serve por obrigação, e não por estipendio. Triste e miseravel estado, servir sem esperança de premio em toda a vida, e trabalhar sem esperança de descanço, senão na sepultura! Mas bom remedio, diz o Apostolo (e isto não são encarecimentos, senão fé catholica). O remedio é, que quando servis a vossos senhores, não os sirvaes, como quem serve a homens, senão como quem serve a Deus: *sicut Domino, et non hominibus:* porque então não servís como captivos, senão co-

[1] *Collos.*, III, 22, 23 e 24; *Ephes.*, VI, 3 et seq.

mo livres, nem obedeceis como escravos, senão como filhos. Não servis como captivos, senão como livres; porque Deus vos ha de pagar o vosso trabalho: *Scientes quòd accipietis retributionem:* e não obedeceis como escravos, senão como filhos; porque Deus, com quem vos conformaes nessa fortuna, que elle vos deu, vos ha de fazer seus herdeiros: *Retributionem hæreditatis.* Dizei-me: se servisseis a vossos senhores por jornal, e se houvesseis de ser herdeiros da sua fazenda, não os servieis com grande vontade? Pois servi a esse mesmo que chamaes senhor, servi a esse mesmo homem, como se servisseis a Deus: e nesse mesmo trabalho, que é forçoso, bastará a voluntaria applicação deste como: *Sicut Domino:* como a Deus: para que Deus vos pague como a livres, e vos faça herdeiros como a filhos: *Scientes quod accipietis retribuitionem hæreditatis.*

Isto diz S. Paulo. E S. Pedro que diz? Ainda levanta e aperta mais o ponto. E depois de fallar com os christãos de todos os estados em geral, se dilata mais com os escravos, e os anima a supportarem o da sua fortuna com toda esta magestade de razões: *Servi, subditi estote in omni timore Dominis, non tantum bonis, et modestis, sed etiam dyscolis.* [1] Escravos, estae sujeitos, e obedientes em tudo a vossos senhores, não só aos bons e modestos, senão tambem aos maus e injustos. Esta é a summa do preceito e conselho que lhes dá o Principe dos Apostolos, e logo ajunta as razões dignas de se darem aos mais nobres e generosos espiritos. Primeira: porque a gloria da paciencia é padecer sem culpa: *Quæ enim est gloria: si peccantes, et colaphizati suffertis?* [2] Segunda: porque essa é a graça com que os homens se fazem mais acceitos a Deus: *Sed si bene facientes patienter sustinetis: hæc est gratia apud Deum.* Terceira, e verdadeiramente estupenda: porque nesse estado em que Deus vos poz, é a vossa vocação similhante á de seu Filho, o qual padeceu por nós, deixando-vos o exemplo, que haveis de imitar: *In hoc enim vocati estis: quia et Christus passus est pro no-*

[1] *1.ª Petr.*, II, 18.
[2] *Ibid.*, 20.

bis, vobis relinquens exemplum, ut sequamini vestigia ejus. [1] Justissimamente chamei a esta razão estupenda; porque quem haverá, que não pasme á vista da baixeza dos sugeitos, com quem falla S. Pedro, e da alteza da comparação altissima, a que os levanta? Não compara a vocação dos escravos a outro gráu, ou estado da Igreja, senão ao mesmo Christo: *In hoc enim vocati estis, quia et Christus passus est.* Mais ainda. Não pára aqui o Apostolo; mas accrescenta outra nova, e maior prerogativa dos escravos, declarando por quem padeceu Christo, e para que: *Quia et Christus passus est pro nobis, vobis relinquens exemplum.* Sempre reparei muito da differença daquelle *Nobis*, e daquelle *Vobis*. A Paixão de Christo teve dois fins: o remedio e o exemplo. O remedio foi universal para todos nós: *Passus est pro nobis:* mas o exemplo não duvida S. Pedro affirmar, que foi particularmente para os escravos, com quem fallava: *Vobis relinquens exemplum.* E porque? Porque nenhum estado ha entre todos mais apparelhado no que naturalmente padece, para imitar a paciencia de Christo, e para seguir as pizadas do seu exemplo: *Vobis relinquens exemplum, ut sequamini vestigia ejus.*

Oh ditosos vós, outra e mil vezes, como dizia, se assim como Deus vos deu a graça do estado, vos dér tambem o conheciemnto, e bom uso delle! Sabeis qual é o estado do vosso captiveiro, se usardes bem dos meios que elle traz comsigo, sem accrescentardes nenhum outro? E' um estado, não só de Religião, mas uma das Religiões mais austeras de toda a Igreja. E' Religião segundo o instituto apostolico e divino, porque se fazeis o que sois obrigados, não servis a homens senão a Deus, e com titulo nomeadamente de servos de Christo: *Ut servi Christi, facientes voluntatem Dei ex animo, cum bona voluntate servientes, sicut Domino, et non hominibus.* [2] Notae muito aquella palavra *Cum bona voluntate servientes.* Se servis por força, e de má vontade, sois apostatas da vossa Religião: mas se servis com boa vontade, conformando a vossa com a divina, sois verdadeiros servos de Christo: *Domino Christo servite.* Assim como na Igreja ha duas Religiões da Redempção de captivos, assim a vossa é de captivos sem redempção.

---

[1] *1.ª Epist. ad Petr.*, II, 21.
[2] *Ephes.*, VI, 6 e 7.

Para que tambem lhe não faltasse a perpetuidade, que é a perfeição do estado. Umas Religiões são de descalços, outras de calçados: a vossa é de descalços e despidos. O vosso habito é da vossa mesma côr; porque não vos vestem as pelles das ovelhas e camellos, como a Elias; mas aquellas com que vos cobriu ou descobriu a natureza, expostos aos calores do sol, e frios das chuvas. A vossa pobreza é mais pobre que a dos menores, e a vossa obediencia mais sujeita que a dos que nós chamamos Minimos. As vossas abstinencias mais merecem nome de fome, que do jejum, e as vossas vigilias não são de uma hora á meia noite, mas de toda a noite sem meio. A vossa regra é uma, ou muitas, porque é a vontade e vontades de vossos senhores. Vós estaes obrigados a elles, porque não podeis deixar o seu captiveiro, e elles não estão obrigados a vós, porque vos podem vender a outro, quando quizerem. Em uma só Religião se acha este contracto para que tambem a vossa seja nisto singular. Nos nomes do vosso tratamento não fallo, porque não são de reverencia, nem de caridade; mas de desprezo e affronta. Em fim, toda a Religião tem fim e vocação, e graça particular. A graça da vossa são açoites e castigos: *Hæ est gratia apud Deum.* A vocação é a imitação da paciencia de Christo: *In hoc vocati estis, quia et Christus passus est:* e o fim é a herança eterna por premio: *Scientes quod accipietis retributionem hæreditatis. Domino Christo servite.* E como o estado, ou religião do vosso captiveiro, sem outras asperezas, ou penitencias, mais que as que elle traz comsigo, tem seguro, por promessa do mesmo Deus, não só o premio de bemaventurados, senão tambem a herança de filhos: favor e providencia muito particular é da Virgem Maria que vos conserveis no mesmo estado, e grandes merecimentos delle: para que por meio do captiveiro temporal consigaes, como vos prometti, a liberdade, ou alforria eterna.

VII

Crêde, crêde tudo o que vos tenho dito, que tudo, como já vos adverti, é de fé, e sobre esta fé levantae vossas esperanças, não só ao céu, senão ao que agora ouvireis que lá vos está apparelhado. Oh que mudança

de fortuna será então a vossa, e que pasmo e confusão para os que hoje têm tão pouca humanidade que a desprezam, e tão pouco entendimento que a não invejam! Dizei-me: se assim como vós nesta vida servis a vossos senhores, elles na outra vida vos houveram de servir a vós, não seria uma mudança muito notavel, e uma gloria para vós nunca imaginada? Pois sabei que não ha de ser assim, porque seria muito pouco. Não vos diz Deus, que quando servis a vossos senhores, não sirvaes como quem serve a homens, senão como quem serve a Deus: *Sicut Domino, et non hominibus?* Pois esta grande mudança de fortuna, que digo, não ha de ser entre vós, e elles, senão entre vós e Deus. Os que vos hão de servir no céu, não hão de ser vossos senhores: que muito póde ser que não vão lá: mas quem vos ha de servir no céu, é o mesmo Deus em Pessoa. Deus e o que vos ha de servir no céu, porque vós o servistes na terra. Ouvi agora com attenção.

Antigamente entre os deuses dos gentios havia um que se chamava Saturno, o qual era Deus dos escravos, e quando vinham as festas de Saturno, que por isso se chamavam Saturnaes, uma das solemnidades era, que os escravos naquelles dias eram os senhores que estavam assentados, e os senhores os escravos que os serviam em pé. [1] Mas acabada a festa tambem se acabava a representação daquella comedia, e cada um ficava como d'antes era. No céu não é assim; porque tudo lá é eterno, e as festas não têm fim. E quaes serão no céu as festas dos escravos? Muito melhor que as Saturnaes. Porque todos aquelles escravos que neste mundo servirem a seus senhores como a Deus, não são os senhores da terra os que os hão de servir no céu, senão o mesmo Deus em Pessoa, o que os ha de servir. Quem se atrevera a dizer, nem imaginar tal coisa, se o mesmo Christo o não dissera? *Beati servi illi, quos, cum venerit Dominus, invenerit vigilantes:* [2] Bemaventurados aquelles escravos a quem o Senhor no fim da vida achar que foram vigilantes em fazer sua obrigação. E como lhes pagará o mesmo Senhor? Elle mesmo o diz, e affirma com juramento: *Amen dico vobis, quod præcinget se, et faciet illos discumbere, et transiens ministra-*

[1] Macrobrius Saturnal. lib. 1.
[2] *Luc.*, XII, 37.

bit illis. Mandará assentar os escravos á meza e elle como escravo cingirá o avental, e os servirá a ella. Por este excesso de honra declara Christo quanto Deus ha de honrar aos escravos no céu, se elles servirem a seus senhores, como se servissem a Deus. Servistes a vossos senhores na terra, como a mim? Pois Eu, que sou o Senhor de vossos senhores, vos servirei no céu, como vós a elles. S. Pedro Chrysologo: *En pavenda conversio servitutis: quia parumper servus astit t Domini sui expectatione succinctus: et cui ut Talionem redderet, dissimulat se in ipsa Divinitate Divinitas!* [1] Oh mudança de servidão (diz Chrysologo) não só admiravel e estupenda, mas tremenda! Que porque o escravo serviu, e esperou a Deus um pouco de tempo, se dissimule a divindade dentro em si mesma, e o mesmo Deus no céu sirva ao escravo! E isto faz Deus (diz elegante, e discretamente o Santo) porque assim como na terra ha lei de Talião para os delictos, assim no céu tem Deus lei de Talião para os premios: *Ut Talionem redderet.*

Mas porque não pareça que excede os termos da rigorosa theologia, dizer que servirá Deus como escravo no céu aos escravos que serviram a Deus na terra; ouvi ao Principe dos Theologos, Santo Thomaz, sobre este mesmo Texto do Evangelho: *Deus Omnipotens Sanctis omnibus in tantum se subjicit, quasi sit servus emptitius singulorum, quilibet vero ipsorum sit Deus suus.* [2] O Deus Omnipotente de tal maneira se sujeita a todos os que santamente o serviram, como se Deus fôra escravo comprado de cada um, e cada um dos que assim o serviram fôra Deus do mesmo Deus. Vêde, vêde se vos está melhor servir a vossos senhores, como a Deus, ou servil-os, como a homens. Depois de os servirdes toda a vida como a homens, o mais que podeis esperar delles na terra, é uma esteira de taboa por mortalha: e se os servirdes como a Deus, o que haveis de alcançar delle no céu, é, que vos servirá e honrará por toda a eternidade, como se vós, aqui miseravel escravo, fosseis seu Deus, e elle vosso escravo comprado: *Quasi sit servus emptitius singulorum, quilibet vero ipsorum sit Deus suus.*

E para que do mesmo que experimentaes e gozaes

[1] Pedr. Chrys. Serm. 24 de Serv. vigil.
[2] D. Thomaz, opusculo 63, s. 3.

na terra, julgueis e que será no céu, ponde os olhos naquelle altar. O mesmo benignissimo Senhor, que no desterro e no captiveiro, vos põe comsigo á mesa, que muito é que no céu vos sirva a ella? Foi questão entre os philosophos antigos: Se era justo e decente que os senhores admittissem comsigo á meza, e puzessem a ella os seus escravos? Os estoicos, que era a seita mais racional, e entre os gentios a mais christã, ensinava que os senhores deviam admittir os escravos á sua meza, e louvavam a humanidade dos que isto faziam e se riam da soberba dos que se desprezavam de o fazer. *Servi sunt* (dizia o maior mestre da mesma seita) *Servi sunt? Imò homines. Servi sunt? Imò contubernales. Servi sunt? Imò humiles amici. Servi sunt? Imò conservi. Ideoque rideo istos, qui turpe existimant cum servo suo cœnare.* [1] Todas estas razões de Seneca se reduzem a uma, que é, serem tambem homens os que são escravos. Se a fortuna os fez escravos, a natureza fel-os homens: e porque ha de poder mais a desegualdade da fortuna para o desprezo, que a egualdade da natureza para a estimação? Quando os desprézo a elles, mais me desprézo a mim; porque nelles desprézo o que é por desgraça, e em mim o que sou por natureza. A esta razão forçosa em toda a parte se accrescenta outra no Brazil, que convence a injustiça, e exaggera a ingratidão. Quem vos sustenta no Brazil, senão os vossos escravos? Pois se elles são os que vos dão de comer, porque lhes haveis de negar a meza, que mais é sua que vossa? Comtudo a magestade, ou deshumanidade da opinião contraria, é a que prevalece, e não só não são admittidos os escravos á meza, mas nem ainda ás migalhas della, sendo melhor a fortuna dos cães, que a sua, posto que sejam tratados com o mesmo nome. Que importa porém que os senhores os não admittam á sua meza, se Deus os convida e regala com a sua? *O res mirabilis* (exclama Santo Thomaz, e com elle toda a Igreja) *O res mirabilis, manducat Dominum pauper, servus, et humilis!* O escravo pobre e humilde, não só come á meza com seu senhor, mas come ao mesmo Senhor. Comparae agora meza com meza, e Senhor com Senhor, e ride-vos com Seneca dos que ainda neste ponto se não descem da auctoridade de senhores: *Rideo istos, qui turpe existimant cum servo cœnare.*

[1] Seneca lib. 6, epist. 17.

E se Deus, sendo escravos, vos põe á sua meza na terra, que muito é que tendo-o promettido, e estando vós já livres do captiveiro, vos haja de servir á meza no céu, sendo a meza, não outra, senão a mesma? Todos os reparos que podia ter esta admiração, já Christo os deixou desfeitos na instituição do mesmo Sacramento. Antes de Christo instituir o soberano mysterio do Santissimo Sacramento, preparou-se a si, e preparou os Discipulos. E quaes foram as preparações? Duas em uma só acção, que foi o lavatorio dos pés. A sua, servindo-os como escravo; e a dos Discipulos, obrigando-os a que se deixassem servir como senhores. E se Christo serviu aos homens como escravo, porque os havia de pôr á sua meza na terra, que muito haja de servir aos escravos já livres quando os tiver á sua meza no céu: *Faciet illos discumbere, et transiens ministrabit illis?* Esta é a mudança sobre toda a admiração estupenda, com que então vereis trocada a vossa fortuna, cá servindo aos homens, e lá sendo servidos do mesmo Deus. Mas o que agora importa, é, que de nenhum modo falteis á obrigação com que só se promette a felicidade desta mudança á presente miseria de vossa fortuna. E qual é, senão estaes bem lembrados? E' que vós tambem mudeis a intenção, e troqueis os fins do vosso mesmo trabalho, fazendo-o de forçoso voluntario, e servindo a vossos senhores como a Christo, e debaixo dos homens a Deus: *Sicut Domino, et non hominibus. Domino Christo servite.* Desta maneira ficareis duas vezes forros e livres: livres do captiveiro do demonio pela liberdade das almas, e livres do captiveiro temporal pela liberdade eterna: que são os dois captiveiros da primeira transmigração de Babylonia, e as duas liberdades da segunda: *In transmigratione Babylonis. Et post transmigrationem Babylonis.*

VIII

Tenho acabado o meu discurso, e parece-me que não faltado ao que vos prometti. E porque esta é a ultima vez que hei de fallar comvosco, quero acabar com um documento tirado das mesmas palavras, se muito necessario para vós, muito mais para vossos senhores: *Jechoniam, et fratres ejus in transmigratione Babylo-*

nis. Este Jeconias e estes seus irmãos, quem foram? todos foram reis e filhos de reis, e reis do reino de Judá, fundado pelo mesmo Deus, e o mais famoso do mundo: e nada disto bastou para que não fossem levados captivos a Babylonia, e lá tratados como vilissimos escravos; um carregado de cadêas, outro com grilhões nos pés, outro com os olhos arrancados, depois de vêr com elles matar em sua presença os proprios filhos. Em significação deste captiveiro andava o propheta Jeremias pelas ruas e praças de Jérusalem com uma grossa cadêa ao pescoço. [1] E a esta accrescentou depois outras cinco, as quaes mandou aos reinos e reis confinantes, pelos seus embaixadores que residiam naquella côrte. Uma ao rei de Edom, outra ao rei de Moab, outra ao rei de Ammon, outra ao rei de Tyro, outra ao rei de Sidonia; porque todos no mesmo tempo haviam de ser captivos, como foram pelos exercitos dos Chaldeus. Pois se os sceptros e corôas não livraram do captiveiro a tantos reis, e depois de adorados dos seus vassallos, se viram escravos dos estranhos; estas voltas tão notaveis da roda da fortuna vos devem consolar tambem na vossa. Se isto succede aos leões e aos elephantes, que razão podem ter de se queixar as formigas? Se estes nascidos em palacios dourados, e embalados em berços de prata, se viram captivos e carregados de ferros: vós nascidos e creados nas brenhas da Ethiopia, considerae as grandes razões que tendes, para vos compôr com a vossa fortuna, tanto mais leve, e levar com bom coração os descontos della. O que haveis de fazer é consolar-vos muito com estes exemplos; soffrer com muita paciencia os trabalhos do vosso estado; dar muitas graças a Deus pela moderação do captiveiro a que vos trouxe; e sobre tudo aproveitar-vos delle para trocar pela liberdade e felicidade da outra vida, que não passa, como esta, mas ha de durar para sempre.

Este foi o documento dos escravos. E os senhores terão tambem alguma coisa que tirar deste captiveiro de Babylonia? Parece que não. Eu (está dizendo cada um comsigo), eu por graça de Deus sou branco e não preto; sou livre e não captivo; sou senhor e não escravo; antes tenho muitos. E aquelles que se viram captivos em Babylonia, eram pretos ou brancos? Eram

[1] *Jerem.*, XXVII, 2 e 3.

captivos ou livres? Eram escravos ou senhores? Nem na côr, nem na liberdade, nem no senhorio, vos eram inferiores. Pois se elles se viram abatidos ao captiveiro, sendo necessario para isso descer tantos degraus, vós que com a mudança de um pé vos podeis vêr no mesmo estado, porque não temeis o vosso perigo? Se sois moço, muitos annos tendes para poder experimentar esta mudança; e se velho, poucos bastam. Introduz Macrobio [1] em um dialogo dois interlocutores, um chamado Pretextato, grande desprezador dos escravos, e outro que os defendia, chamado Evangelo. Este pois, que só uma lettra lhe faltava para Evangelho, disse assim a Pretextato: *Si cogitaveris tantumdem in utrosque licére fortunæ; tam tu illum vidére liberum potes, quàm ille te servum.* Se considerardes, ó Pretextato, que tanto poder tem a fortuna sobre os escravos, como sobre os livres; acharás que este que tu hoje vês escravo, ámanhã o pódes vêr livre: e que elle, que hoje te vê livre, ámanhã te póde vêr escravo. E senão dize-me: de que edade era Hecuba, Cresso, e a mãe de Dario, e Diogenes, e Platão quando se viram captivos? *Nescis qua ætate Hecuba servire cœpit, qua Cressus, qua Darii mater, qua Diogenes, qua Plato ipse?*

Senhores, que hoje vos chamaes assim, considerae que para passar da liberdade ao captiveiro, não é necessaria a transmigração de Babylonia, e que na vossa mesma terra póde succeder esta mudança, e que nenhuma ha no mundo que mais a mereça e esteja clamando por ella á Divina Justiça. Ouvi um pregão da mesma Justiça Divina por bocca do Evangelista S. João: *Si quis habet aurem, audiat:* [2] quem tem ouvidos, e não é surdo aos ouvidos de Deus, oiça. E que ha de ouvir? Poucas palavras, mas tremendas: *Qui in captivitatem duxerit, in captivitatem vadet:* [3] todo aquelle que captivar, será captivo. Olhae para os dois pólos do Brazil, o do Norte, e o do Sul, e vêde se houve jámais Babylonia, nem Egypto no mundo, em que tantos milhares de captiveiros se fizessem, captivando-se os que fez livres a natureza sem mais direito que a violencia, nem mais causas que a cubiça, e vendendo-se por escravos. Um só homem livre captivaram os irmãos de Joseph, quando o vende-

[1] Macrobr. eodem lib. 1.º
[2] *Apoc.*, XIII, 9.
[3] *Ibid.*, 10.

ram aos Ismaelitas para o Egypto: e em pena deste só captiveiro, captivou Deus no mesmo Egypto a toda a geração e descendentes dos que o captivaram em numero de seiscentos mil, e por espaço de quatrocentos annos. Mas para que ir buscar os exemplos fóra de casa, e tão longe, se os temos em todas as nossas Conquistas? Pelos captiveiros da Africa captivou Deus a Mina, Santo Thomé, Angola e Benguella: pelos captiveiros da Asia captivou Deus Maláca, Ceylão, Ormuz, Mascate, Cochim: pelos captiveiros da America captivou a Bahia, o Maranhão e debaixo do nome de Pernambuco quinhentas leguas de costa por vinte e quatro annos. E porque os nossos captiveiros começaram onde começa a Africa, alli permittiu Deus a perda d'El-rei D. Sebastião, a que se seguiu o captiveiro de sessenta annos no mesmo reino.

Bem sei que alguns destes captiveiros são justos, os quaes só permittem as leis, e que taes se suppõem os que no Brazil se compram e vendem, não dos naturaes, senão dos trazidos de outras partes: mas que theologia ha, ou póde haver que justifique a deshumanidade e sevicia dos exhorbitantes castigos com que os mesmos escravos são maltratados? Maltratados disse, mas é muito curta esta palavra para a significação do que encerra ou descobre. Tyrannizados devera dizer, ou martyrizados; porque ferem os miseraveis, pingados, lacrados, retalhados, salmourados, e os outros excessos maiores que callo, mais merecem nome de martyrios que de castigos. Pois estae certos que vos não deveis temer menos da injustiça destas oppressões, que dos mesmos captiveiros, quando são injustos: antes vos digo que mais vos deveis temer dellas, porque é muito mais o que Deus as sente. Emquanto os Egypcios sómente captivavam os filhos de Israël, dissimulou Deus com o captiveiro; mas finalmente não pôde a Divina Justiça soffrer a sua mesma dissimulação: e depois das dez pragas com que foram açoitados os mesmos Egypcios, acabou de uma vez com elles, e os destruiu e assolou totalmente. E porque? O mesmo Deus o disse. *Vidi afflictionem populi mei in Ægypto, et clamorem ejus audivi propter duritiam eorum, qui præsunt operibus.* [1] Vi, diz Deus, a afflicção do meu povo, e

[1] *Exod.*, III, 7.

ouvi os seus clamores pela dureza das oppressões com que os carregam, e rigores com que os castigam, os que presidem ás obras em que trabalham. Notae duas coisas: a primeira, que se não queixa Deus de Pharaö, senão dos seus feitores: *Propter duritiam eorum, qui præsunt operibus:* porque os feitores muitas vezes são os que mais cruelmente opprimem os escravos. A segunda, que não dá por motivo da sua justiça o captiveiro, senão as oppressões e rigores com que sobre captivos os affligiam: *Vidi afflictionem populi mei.* E accrescenta o Senhor, que ouviu os seus clamores: *Et clamorem ejus audivi:* que é para mim um reparo de grande lastima, e para Deus deve ser uma circumstancia que grandemente provoque a sua ira. Estão açoitando cruelmente o miseravel escravo, e elle gritando a cada açoite, Jesus, Maria, Jesus, Maria: sem bastar a reverencia destes dois nomes, para moverem á piedade um homem que se chama christão. E como queres que te oiçam na hora da morte estes dois Nomes, quando chamares por elles? Mas estes clamores que vós não ouvis, sabei que Deus os ouve: e já que não têm valia para com o vosso coração, a terão sem duvida sem remedio para vosso castigo.

Oh como temo que o Oceano seja para vós Mar Vermelho, as vossas casas como a de Pharaö, e todo o Brazil como o Egypto! Ao ultimo castigo dos Egypcios precederam as pragas, e as pragas já as vêmos tão repetidas umas sobre outras, e algumas tão novas e desusadas, quaes nunca se viram na clemencia deste clima. Se ellas bastarem para nos abrandar os corações, razão teremos para esperar misericordia na emenda: mas se os corações, como o de Pharaö, se endurecerem mais, ainda mal, porque sobre ellas não póde faltar o ultimo castigo. Queira Deus que eu me engane neste triste pensamento, que sempre aqui e na nossa côrte, os mais alegres são os mais cridos. Sabei, porém, que é certo (e fique-vos isto na memoria) que se Jeconias [1] e seus irmãos creram a Jeremias, não seriam captivos: mas porque deram mais credito aos prophetas falsos que os adulavam, assim elle, como seus irmãos, todos acabaram no captiveiro de Babylonia: *Jechoniam, et fratres ejus in transmigratione Babylonis.*

---

[1] *Jerem.*, XXXVII, 2 e 18.

SERMÃO VIGESIMO OITAVO

Beatus venter qui te portavit. [1]

I

Havendo ponderado por tantos modos, e tão varios, as poucas clausulas deste brevissimo Evangelho, ainda não fizemos particular advertencia sobre a palavra *portavit*. Bem pudéra a eloquente oradora, como inspirada do céu, usar de outra, não só mais propria, mas ainda mais decente e decorosa. Porque a palavra *portavit* significa naturalmente levar com pezo; e assim o experimentam todas as outras mães: porém á Mãe Virgem, como diz Santo Agostinho: *Nulla poterat fieri gravedo parturienti:* [2] de nenhum modo lhe podia ser pezado dentro em suas entranhas o filho que sendo seu, era tambem de Deus. Assim o ensina a razão, e o tinha já mostrado a experiencia. A experiencia nos Levitas, que levavam a Arca do Testamento, os quaes nenhum pezo sentiam nella, porque era figura de Christo. [3] A razão é porque os corpos em seu elemento não pezam, como se vê na agua do mar: e o elemento de Deus é Maria. Tirado pois o pezo á palavra *portavit*, só lhe fica á Mãe a significação de levar,e ao Filho, a de ser levado. Era levado o Filho e a Mãe a que o levava: *qui te portavit:* e este movimento só activo na Mãe e só passivo no Filho, é um grande e não advertido mysterio, em que eu faço todo o meu reparo, e que só tem logar no sagrado ven-

---

[1] *Luc*, 11.
[2] August. Sermon. 1 de Nativit. Domini.
[3] Mendoça tom. *2.º Livr. dos Reis*, lib. 1, cap. 4, num. 4.

tre, e só no tempo em que Christo esteve encerrado nelle.

Pergunta Hugo Cardeal: porque não disse a mulher do Evangelho, bemaventurada a Mãe, senão, bemaventurado o ventre? *Quare non dixit mulier illa: beata Mater, quæ te portavit, potius quàm, beatus venter?* [1] A razão, e o mysterio foi, porque no nome da Mãe era muito menor o louvor, e muito menor o sentido da palavra *portavit*, que no nome do ventre. A Virgem Senhora nossa tendo a Christo dentro do sagrado ventre, ou fóra delle, sempre era Mãe: mas levando-o dentro, ou fóra, como o levou em seus braços ao Egypto,e pela mão ao Templo, era com grande differença de levar a levar. Porque sendo o Filho levado dentro do ventre, não tinha outro movimento mais que o da Mãe; e sendo levado fóra, ou mais ou menos crescido, sempre tinha o seu proprio movimento. Muito mais diz logo a palavra *portavit* junta com o *beatus venter*, que com o *beata Mater;* porque neste segundo caso não lhe estavam sujeitos todos os movimentos do Filho de Deus, e no primeiro sim. De Deus diz o Apostolo S. Paulo por grande excellencia, que nelle somos, nelle vivemos e nelle nos movemos: *In ipso enim vivemus, et movemur, et sumus.* [2] E tal foi a excellencia do ventre virginal em respeito do mesmo Deus em quanto o concebeu e teve dentro em si; porque nelle, *in ipso*, deu a Senhora ao mesmo Deus o ser, *sumus;* deu ao mesmo Deus a vida, *vivimus;* e deu ao mesmo Deus o movimento, *movemur.*

Tres jornadas maiores fez a Virgem Santissima levando dentro em si a seu Filho: de Nazareth ás montanhas, das montanhas a Nazareth e de Nazareth a Belem. Mas assim nas jornadas de mais tempo e de maior caminho, como nos passos domesticos, e de cada dia, grande prerogativa é da Virgem, que fosse tão Senhora de todos os movimentos do Filho de Deus, que ella o levasse, e elle se deixasse levar sempre para onde a mesma Senhora queria: *qui te portavit.* Arias Montano, em logar de *te portavit*, traslada do original, *te portans:* reduzindo o tempo passado ao presente, ou indefinito. E com este fundamento (ou tambem sem elle)

---

[1] Hugo.
[2] *Act.*, XVII. 28.

questão é digna de se examinar, e saber, se este privilegio de levar a Senhora a seu Filho, e elle se deixar levar para onde a Mãe queria, acabou com os nove mezes que viveu encerrado no sagrado ventre, ou se continuou, e se continúa ainda hoje no céu, onde o Filho está á dextra do Padre, e a Mãe á dextra do Filho? O que determino vêr se posso provar, é, que a palavra *te portavit*, que escolhi do Evangelho, não só se verificou daquelle tempo e na terra, senão que tambem hoje tem a mesma significação no céu. O argumento pois do meu discurso será este: que assim como então a Senhora levava a Deus, e Deus se deixava levar da Senhora para onde ella queria: assim hoje estando ambos no céu, ella o leva, e elle se deixa levar para onde a mesma Senhora quer. E porque já se entende, que isto ha de ser em beneficio e gloria do seu Rosario, peçamos a graça.

Ave Maria, etc.

II

Beatus venter, qui te portavit.

Entre as famosas fabricas de Salomão, é celebre um throno portatil, chamado *Ferculo*, no qual o grande monarcha costumava sahir em publico, quando se queria mostrar aos vassallos com toda a ostentação de pompa e magestade. A materia desta fabrica era dos cedros do Libano: tinha columnas que eram de prata: sobre as columnas docel que era de purpura; e no espaldar cadeira, que era de oiro: *Ferculum fecit sibi rex Salomon de lignis Libani. Columnas ejus fecit argenteas, reclinatorium aureum, ascensum (hoc est, velamen) purpureum.* [1] Assim lêmos no terceiro Capitulo dos Canticos. E porque naquelle livro enigmatico, todo o material é metaphorico, e todo o litteral mystico: para intelligencia do mysterio que encerram as palavras referidas, é

[1] *Cant.*, III, 9 e 10. Syrus et Arabicus vertunt in tegumentum seu velamentum purpuræ. Ita *Genebrardus, Sanchez et aliis.*

necessario saber duas coisas: primeira, qual era a significação daquella fabrica: segundo, porque se chamava *Ferculo.*

Quanto á significação da fabrica, assim como Salomão significava a Christo, assim a fabrica significava a Virgem Senhora nossa, Mãe do mesmo Christo, a qual elle fez e creou, dotada de todas as perfeições, como quem a fazia para si e para Mãe sua. Este é o sentido commum de todos os Interpretes, [1] o qual elles explicam e applicam por differentes allegorias: mas eu o provo das partes da mesma fabrica e argumento assim: A materia de toda ella, era o cedro do Libano, que é o melhor de todos os lenhos: a do docel, era a purpura, que é a melhor de todas as lãs, e de todas as côres: a das columnas e da cadeira era a prata e o oiro, que são os melhores de todos os metaes: logo o todo composto destas partes não significava, nem podia significar a outrem, senão a Virgem Maria; porque nella unicamente ajuntou o Supremo Artifice, não só o melhor de todas as creaturas, senão o melhor do melhor. A mesma Senhora o disse assim, não por si mesma, como tão humilde, mas por outra bocca inspirada pelo Espirito Santo com auctoridade de Fé.

Quasi cedrus exaltata sum in Libano: et quasi cypressus in monte Sion: quasi palma exaltata sum in Cades, et quasi plantatio rosæ in Jericho. Quasi oliva speciosa in campis, et quasi platanus exaltata sum juxta aquam in plateis. [2] Compara-se aqui a Senhora ás arvores e plantas mais insignes e mais bem dotadas da natureza: ao cedro, ao cypreste, á palma, á rosa, á oliveira, ao platano: mas é muito de notar, que a todos estes nomes communs accrescenta, como por sobrenomes, as terras, ou sitios, de que era, ou havia de ser cada uma. Ao cedro, sim: mas não a qualquer cedro, senão ao do monte Libano: ao cypreste, sim; mas não a qualquer cypreste, senão ao do monte Sion: e por este modo ás demais arvores. Pois se estas arvores e plantas, como diziamos, eram as mais insignes e estimadas, e as melhores que creou a natureza, porque razão lhes accrescenta a Senhora dentro na propria especie aquella differença, ou preferencia, com que as distingue e

---

[1] Albertus Magnus, Hugo, Cornelius et alii.
[2] *Eccles.*, XXIV, 17, 18 e 19.

singulariza das outras? Porque ainda que pela primeira differença eram as melhores entre todas as arvores, pela segunda eram as melhores entre todas as melhores. O cedro, pelo incorruptivel e odorifero, era o melhor entre todos os lenhos cheirosos e que preservam da corrupção: mas o cedro do Libano melhor que todos os cedros: *Quasi cedrus exaltata sum in Libano.* O cypreste, por ser uma pyramide verde, que sobe direita ao céu, era melhor que todas as arvores consagradas ao culto divino; mas o cypreste do monte Sion melhor que todos os cyprestes: *Et quasi cypressus in monte Sion.* A palma, pela prerogativa triumphal de seus ramos, era melhor que todas as outras, de que se tecem corôas aos vencedores; mas a palma de Cades melhor que todas as palmas: *Quasi palma exaltata sum in Cades.* A rosa, como rainha, sem controversia era a melhor de todas as flôres; mas a rosa de Jericó melhor que todas as rosas: *Quasi plantatio rosæ in Jericho.* A oliveira, pingue e doce, era melhor que todos as que se destillam em oleos; mas a oliveira, não do monte, senão dos campos, melhor que todas as oliveiras: *Quasi oliva speciosa in campis.* Finalmente, o platano copado e fresco, era melhor que todas as que fazem sombra e defendem do calor do sol; mas o platano plantado nas estradas, e junto á corrente das aguas, era melhor que todos os platanos: *Quasi platanus exaltata sum juxta aquam in plateis.* E como as perfeições da Virgem Maria, não só são comparadas ao melhor de todas as creaturas, senão ao melhor do melhor, por isso no cedro, na purpura, na prata e no oiro, que eram as partes de que se compunha o *Ferculo* de Salomão, não podia ser singnificada outra, senão a Mãe do verdadeiro Salomão, a mesma Virgem Maria.

Declarada a significação daquella famosa e formosa fabrica do rei mais poderoso e mais sabio, saibamos agora, porque razão elle lhe chamou *Ferculo;* nome que só esta vez, e só neste logar, se lê em toda a Escriptura Sagrada. Todos os Auctores, latinos, gregos e hebraicos, derivam a a palavra *ferculum* do verbo *fero*, que significa levar. E não lhe chamou Salomão, ou carroça, ou liteira, ou andor, senão *Ferculo;* para que não só o effeito, senão o mesmo nome, mostrasse que o intento com que fôra fabricado, era para o *Ferculo* o levar, e elle ser levado, que não tem outra differença a singularidade do nome. Ajuntando pois a

propriedade desta significação com a significação da mesma fabrica; que outra coisa vem a ser a palavra *Ferculum* dos Canticos, e a palavra *portavit* do Evangelho, senão dois admiraveis synonimos, com que Salomão prophetizou no *Ferculum* o sentido do *portavit*, e o Evangelho declarou no *portavit* o mysterio, e sentido do *Ferculum*? O sentido do *portavit*, em quanto Christo esteve encerrado no sagrado ventre: *Beatus venter, qui te portavit:* era (como vimos) para que o movimento activo, e o levar, pertencesse só á Mãe, e o movimento passivo, e o ser levado, ao Filho: e o mesmo sentido e mysterio, como diz Alberto Magno, é o do *Ferculo: Per ferculum signatur uterus virginalis, quia ferculum dicitur quasi vihiculum à fero fers. Salomon ergo scilicet Christus, fecit, idest, præparavit sibi idest, ad honorem suum, ferculum, idest, Beatæ Virginis uterum.* [1] E para que não pareça coisa nova, ou menos decente, em Christo o ser levado, sendo Deus: tão antigo é no mesmo Deus o ser levado, como o haver de ter Mãe, que se chamasse Maria.

No principio da creação do mundo, diz o Texto sagrado, que o espirito de Deus era levado sobre as aguas: *Spiritus Dei ferebatur super aquas:* [2] e logo diz mais, que á congregação das aguas deu o mesmo Deus por nome Mária: *Congregationes aquarum appellavit Maria.* [3] E com que mysterio este nome? Com mysterio e significação, diz Santo Antonino, que aquella purissima e immensa creatura, em que Deus congregasse, e ajuntasse todas as graças, se havia de chamar Maria: *Congregationes aquarum appellavit Mária: Congregationes gratiarum appellavit Maria.* [4] Mas nas mesmas palavras do Texto *Spiritus Dei ferebatur super aquas*, da palavra *spiritus*, e da palavra *ferebatur*, e da palavra *aquas*, parece que resulta uma implicação manifesta contra a ordem da mesma natureza, que então nascia. Porque *spiritus* na significação natural, quer dizer vento, e as aguas naturalmente são levadas do vento, e não o vento levado das aguas: como diz logo o Texto, que o espirito de Deus era o levado das aguas: *Ferebatur super*

---

[1] Albert. lib. 10 de Laudibus Virginis.
[2] *Gen.*, 1, 2.
[3] *Ibid.*, 10.
[4] D. Ansonin.

aquas? Porque ás aguas, como acabamos de dizer, significavam o mar das graças, Maria, e não em outro estado, ou tempo (como notou Santo Ambrosio), senão no mysterio da Encarnação, do qual disse o Anjo: *Spiritus Sanctus supervenict in te.* [1] E como então é que Deus entrou no ventre virginal da Senhora, desde então no mesmo sagrado ventre começou a ser proprio da mesma Senhora o levar a Deus, e proprio do mesmo Filho Deus o ser levado: *Qui te portavit.*

III

Isto é o que passou na terra em todo aquelle tempo em que o Filho de Deus esteve encerrado no claustro virginal do ventre sacratissimo, sendo a Soberana Mãe a que o levava, e Elle o que era levado a qualquer parte onde ambos iam. E posto que o mesmo Senhor, desde o instante de sua conceição, não teve as potencias da alma impedidas, como os outros recem-gerados, senão perfeitissimamente livres; nunca porém quiz usar da propria vontade, sujeito em tudo á Mãe, sendo Elle o que era levado, e a Senhora a que o levava para onde queria. Mas porque o argumento que eu propuz e desejo provar, é, que estes mesmos poderes ou privilegios, tem, e gosa a Virgem Maria no céu, e que assim como nos nove mezes, que teve a Deus dentro em si, o levava cá na terra para onde queria: assim o leva hoje no céu para onde quer. Esta é a grande difficuldade desta nova e inaudita proposição.

Deixando pois a terra, e pondo-nos no céu, diganos S. João o que lá viu em uma das revelações do seu Apocalypse. Chama elle ao céu Monte de Sion (conforme a phrase de David: *Videbitur Deus Deorum in Sion:* [2] porque só no céu se vê a Deus) e diz que viu no céu um grande numero de bemaventurados, os quaes tinham escripto na testa o nome do Cordeiro, que é Christo, e todos lhe cantavam uma lettra, que nenhum outro podia cantar. E declarando quem fossem estes, e que privilegio particular tinham entre os de-

---

[1] *Luc.*, I, 35.
[2] *Psalm.* LXXXIII, 8.

mais, diz que eram os Virgens, e que só elles seguiam o Cordeiro para qualquer parte que ia: *Virgines enim sunt. Hi sequuntur Agnum quocumque ierit.* [1] Entra agora S. Bernardo, e comparando as outras Virgens com a Virgem das Virgens, dá-nos occasião para duvidar com grande fundamento, se a Virgem das virgens no céu tem este mesmo privilegio das outras virgens, ou outro maior? Ter o mesmo sómente, é pouco: ter outro maior, é muito devido: mas qual é, ou póde ser? O mesmo Santo o resolve por estas excellentes palavras: *In laudibus Virginum singulariter canitur, quod sequuntur Agnum quocumque ierit: quibus vero laudibus dignam judicas, quæ etiam præit?* [2] Se é grande louvor das Virgens dizer-se dellas que no céu seguem o Cordeiro para qualquer parte que vae; qual será o louvor da Virgem das virgens, a qual no céu não só segue o Cordeiro, mas o Cordeiro a segue a ella? Não se podia dizer mais, nem melhor. De sorte, que as outras virgens no céu seguem o Cordeiro para onde vae o Cordeiro; mas a Virgem das virgens no mesmo céu, não só segue o Cordeiro para onde vae o Cordeiro; mas o Cordeiro é o que segue a Virgem para onde vae a Virgem: *Quæ étiam præit.* Ella é a que vae diante, e o Cordeiro o que a segue.

Mas porque não basta que um privilegio tão singular se funde só na auctoridade de S. Bernardo, oiçamol-o da bocca do mesmo Cordeiro no céu. Falla com elle a mesma Mãe em figura de pastora na parabola dos Canticos, e diz assim: *Indica mihi quem diligit anima mea, ubi pascas, ubi cubes in meridie.* [3] Dizei-me, Amado meu, onde apascentaes as vossas ovelhas, e descançaes ao meio dia? O meio dia, como diz Santo Agostinho, e todos os Padres, significa o tempo sem tempo da eternidade de gloria, onde Deus, não já em sombras, como nesta vida, mas claramente, e com todos os resplandores da Divindade, se mostra aos bemaventurados, deixando-se vêr como é em si mesmo, e com esta mesma vista apascenta

[1] *Apoc.*, x v. 4.
[2] D. Bernard. Serm. 1.º Super Missus est.
[3] *Cant.*, I, 7.

todos aquelles que como ovelhas da mão direita predestinou para o descanço do céu. Deste tempo, e deste logar, falla a pergunta da Mãe, á qual responde o Filho, e a resposta, tão notavel como sua, foi esta: *S. ignoras te, abi post vestigia gregum tuorum:* [1] Se ignoraes, ou não sabeis de vós, segui as pizadas do vosso rebanho. Com razão chamei notavel a esta resposta. Mas examinemos primeiro a pergunta, que tambem tem difficuldade naquelle *ubi* duas vezes repetido. Deus não tem *ubi*, ao menos duvidoso; porque sua immensidade, nem muda, nem póde mudar logar. Pois se não muda, nem póde mudar logar, nem ha *ubi*, ou onde, onde não esteja; como lhe pergunta a Senhora: *Ubi pascas, ubi cubes?* D'aqui se vê claramente, que não falla com Deus, em quanto Deus, senão com Christo, em quanto homem. Porque Christo no céu, sem deixar a dextra do Padre, póde mudar, e muda logares: que por isso se diz do Cordeiro: *Quocumque ierit:* para qualquer parte que vá. Pois se o Cordeiro no céu muda logares e a Mãe lhe pergunta aonde está, porque lhe responde elle: *Si ignoras te:* quando parece, que havia de dizer, *Si ignoras me?* Mas respondeu assim discretissimamente, como se dissera: Se eu no céu, Mãe minha, vos sigo sempre, e não vou senão para onde vós me levaes, perguntares-me agora aonde estou, mais é não saber de vós, que não saber de mim: *Si ignoras te.* E se quereis saber por outra via o que me perguntaes: *Abi post vestigia gregum tuorum:* Segui as pizadas do vosso rebanho, e logo o sabereis. Mas pelas pizadas do seu rebanho, de que modo? Porque assim como o rebanho segue a Pastora, assim o Cordeiro segue a Mãe; e como vós souberdes onde está a Mãe, logo sabereis onde está o Cordeiro. Tão certo é, que não dá passo o Cordeiro, senão para onde é levado de sua Mãe: e isto não na terra, senão no céu: *In Meridie.* Vêde, como se correspondem bem o meio dia da Gloria com a manhã da Encarnação. No primeiro horizonte da vida, quando Deus se vestiu de encarnado na guarda-roupa do ventre purissimo, a aurora não seguia ao sol, senão o sol a aurora? Pois assim como

[1] *Cant.*, I, 8.

cá o sol seguia a aurora, assim lá o Cordeiro segue a Mãe: *Quæ etiam præit.*

E para que se veja, que nestá confirmação das palavras de S. Bernardo me não aparto do seu pensamento; tornemos a ouvir ao mesmo S. Bernardo sobre o mesmo S. João no mesmo Apocalypse. *Signum magnum apparuit in cœlo: Mulier amicta sole.* [1] Bem conhecido é o Texto. Appareceu no céu um signal maravilhoso, e nunca visto: uma mulher vestida do sol. O sol é Christo, a mulher é a Virgem Maria Senhora Nossa; e por isso mesmo parece, que não havia de estar a mulher vestida do sol, senão o sol vestido da mulher. E' instancia bem arguida do grande commentador do Apocalypse Ansberto: *Fortasse magis consequens fuisset dicere, non quòd Mulier fuisset circumdata Sole; sed quòd circumdedisset potius solem in utero inclusum.* Quando a Senhora trouxe a Deus no sagrado ventre, então o vestiu da téla de suas proprias entranhas, dando-lhe a humanidade; logo o sol é o que havia de estar vestido da mulher, e não a mulher vestida do sol. Antes por isso mesmo, replica S. Bernardo; porque agora o sol e a mulher, estavam no céu: *Signum magnum apparuit in cœlo.* E esta foi a justa e condigna remuneração, com que o Filho quiz pagar á Mãe no céu, o que della tinha recebido na terra: *Et vestis eum, et vestiris ab eo: vestis eum substantiâ carnis, et vestit ille te gloriæ suæ majestatis.* Porque a mulher vestiu ao sol na terra, por isso o sol veste a mulher no céu: ella na terra vestiu-o com a substancia da humanidade, e elle no céu veste-a com a gloria da sua propria magestade. E isto é confirmar S. Bernardo o seu pensamento, de que o Cordeiro seguia a sua Mãe para qualquer parte que fosse: *Quocumque ierit?* Sim. Porque assim como a Virgem na terra levava a Deus para onde queria, porque o tinha dentro do sagrado ventre; assim agora, que Deus está fóra delle no céu, quer o Senhor o leve tambem para onde quizer; e para isso a vestiu de si mesmo. O vestido não tem outro movimento, senão o da pessoa a quem veste: e como Deus veste no céu a Mãe que o vestiu na terra; assim como na terra seguia os seus movimentos, porque o ti-

[1] *Apoc.*, XII, 1.

nha dentro em si, assim não póde deixar de os seguir tambem no céu, porque está vestida delle: *Amicta sole*. E a razão desta justa e reciproca recompensa, é, porque não fôra a paga egual á divida, se o privilegio que a Senhora tinha na terra, levando a Deus para onde queria, o não tivesse egualmente no céu, deixando-se Deus tambem levar para onde a Senhora quizesse. Na terra, onde ella o vestiu, levado pela natureza da Maternidade; e no céu, onde elle a veste, tambem levado pela gloria da Magestade: *Vestis eum substantia carnis, et vestit ille te gloria suæ majestatis*. E se queremos exemplo mais claro e mais breve: Deus não só era levado na arca, e da arca, na peregrinação do deserto, senão tambem na Terra da Promissão. E porque? Porque o deserto significa este mundo, a Terra da Promissão o céu, e a arca a Virgem Maria; e Maria não só neste mundo levou a Deus, senão tambem no céu o leva, e elle é levado: *Qui te portavit*.

IV

Temos provado em geral o nosso assumpto. E para que se entenda o modo com que Deus no mesmo céu, que é o throno da sua grandeza e magestade, se sujeita a ser levado de uma creatura sua, posto que a maior de todas, para onde ella quer, ou quizer; desçamos em particular ás razões desta voluntaria sujeição, que não podem deixar de ser grandes. Digo, pois, que leva a Virgem Maria a Deus, e Deus se deixa levar da mesma Senhora para onde ella quer, por tres razões, ou tres modos: por amôr, por obediencia e por força. Por amôr, como esposa; por obediencia, como mãe; por força, como (ao parecer) mais poderosa. Sempre porém por vontade do mesmo Deus, e não só por vontade, quando elle quer, senão tambem por vontade, quando parecesse que não quer: que este é só o sentido em que prégo este discurso. Tanta é a significação daquella grande palavra, e tanto o respeito que deve Deus áquelle, *te portavit*, em que tudo se funda.

Primeiramente sujeita-se Deus a ser levado da Senhora para onde ella quer, por amôr, como esposa: e o

mesmo Senhor o confessa assim com este mesmo nome: *Vulnerasti cor meum, soror mea sponsa, vulnerasti cor meum.* [1] Depois veremos quando se celebraram estes desposorios, e onde: agora vejamos o que diz o Esposo, Deus. Diz que a Virgem Maria sua Esposa lhe feriu duas vezes o coração: *Vulnerasti cor meum, vulnerasti cor meum.* É para que duas feridas? O original hebreu o declara profunda e admiravelmente. O primeiro *vulnerasti* quer dizer, *Abstulisti mihi cor:* destes-me a primeira ferida para me tirar o meu coração: e o segundo *vulnerasti*, quer dizer, *indidisti mihi cor:* destes-me a segunda ferida para me dar o vosso coração. De maneira, que para esta troca foi necessario que as feridas fossem duas, e ambas no mesmo tempo, porque não ficasse o Esposo sem coração: uma ferida por onde sahisse o seu, e outra, por onde entrasse o da Esposa em seu logar. E que se seguiu desta amorosa troca? Seguiu-se, que d'alli por diante já o Esposo não queria o que queria pelo seu coração, senão pelo coração da Esposa: e como queria pelo coração da Esposa, não podia querer senão o que ella quizesse. Assim declara litteralmente os effeitos desta troca de corações, o doutissimo A' Lapide: *Quasi diceret: cor tuum mihi inseruisti. ut illud in me operetur: et ego omne id faciam, quod cor tuum desiderat.* Tiraste-me do peito o meu coração, e introduziste-me em seu logar o vosso, para que eu d'aqui por diante não possa querer, nem fazer, senão o que vós quizerdes. Isto disse, não outrem, senão o mesmo Deus, nem a outrem, senão a sua Mãe em quanto Esposa: *Soror mea Sponsa.* E não se podia, nem melhor explicar, nem mais encarecer, quanto a vontade divina, não em parte, senão em tudo se conforma com a vontade da Virgem, não querendo, nem tendo coração para querer, senão o que ella quer.

Mas se acaso com o coração que a Esposa tirou a Deus: *Abstulisti mihi cor:* tivesse Deus querido alguma coisa contraria á vontade da Esposa; que haviamos de dizer neste caso? O que haviamos dizer, é que sempre se ha de fazer o que a Esposa quizer,

[1] *Cant.*, IV, 9.

ainda que parecesse que o Esposo o não tivesse querido, ou não quizesse. O caso é já succedido em proprios termos e com o mesmo effeito que digo. Quiz Isaac dar a benção e o morgado a seu filho Esaü, que era o primogenito: e Rebecca, Esposa de Isaac, queria pelo contrario que a benção e o morgado, fosse de Jacob, que era o filho segundo, a quem ella mais amava. Fez as diligencais tão extraordinarias, que todos sabemos: e tambem sabemos, que Jacob por meio dellas effectivamente conseguiu a benção. Mas não está aqui o reparo. O que muito se deve reparar e admirar, é que sendo aquella doação, não só involuntaria e subrepticia, senão expressamente contra a tenção de Isaac, e nomeadamente dada debaixo do nome de Esaü: nem Isaac a revogasse, nem a tirasse a Jacob, nem a restituisse a Esaü, nem estranhasse a Rebecca as diligencias que tinha feito, e que em tudo se conformasse com a sua vontade e se conseguisse o que ella quiz contra o que elle queria. Santo Agostinho diz, que em toda esta historia não houve engano, senão mysterio: *Non fuit mendacium, sed mysterium.* E supposto que foi mysterio; que mysterio foi? Excellentemente S. Pedro Damião: *Et illic ergo carnalis uxor (Rebecca) et hic spiritualis sponsa (Maria) viris suis in sententiæ diversitate prævaluit.* [1] O mysterio foi, que assim como a vontade de Rebecca, mulher de Isaac prevaleceu contra a vontade de seu marido; e não se conseguiu o que queria Isaac, senão o que quiz Rebecca: assim no caso em que a Esposa de Deus, Maria, e o mesmo Deus, quizessem coisas contrarias á vontade da Esposa (no sentido que já disse) havia de prevalecer contra a vontade do Esposo: e não se havia de conseguir o que quizesse, ou tivesse querido Deus, se não o que quizesse Maria. Quem podia imaginar que prevalecesse Jacob contra Esaü, tendo Esaü da sua parte a vontade do pae? Mas como a vontade da esposa estava da parte de Jacob, esta é a que prevaleceu e conseguiu quanto queria: representando-se então na terra entre Isaac e Rebecca, o que hoje passa no céu entre Deus e Maria. Deus como Esposo, e Maria como Esposa: *Soror mea Sponsa.*

[1] Petr. Damian. Serm. 27.

E agora é, que havemos de saber, como deixei promettido, quando se celebraram estes desposorios e onde O tempo foi o dia da Encarnação, o logar o thalamo virginal do sagrado ventre, que é o fundamento de quanto temos dito, e havemos de dizer. Chama Deus á Virgem Irmã, e Esposa: *Soror mea Sponsa.* Irmã; porque então tomou Deus a natureza humana: Esposa; porque na união da natureza humana com a divina consistiram os desposorios: e aqui é que fez aquella troca dos corações, e união ou sujeição das vontades. Qual vos parece que foi a razão, porque tendo Deus decretado de unir a si a natureza humana, e podendo-a tomar d'outro modo, e d'outra parte, a tomou das entranhas da Virgem Maria? A razão foi, diz altissimamente S. Bernardo, porque pedia a conveniencia e proporção natural, que onde se achava a maior união das vontades, se fizesse tambem a maior união das naturezas: *Cum Deus sit in omnibus sanctis propter concordiam voluntatis, specialiter tamen cum Maria, cum qua utique tanta ei consentio fuit, ut illius non solum voluntatem, sed etiam carnem sibi conjungeret, ac sic de sua, Virginisque substantia Christum efficeret, vel potius unus Christus fieret.* [1] Deus está em todos os Santos por concordia da vontade; mas foi tão superior sobre todos a união, que a vontade de Deus tinha com a vontade da Virgem, que o fim porque o mesmo Deus encarnou nella, e della, foi para que assim como da vontade de Deus, e da vontade da Virgem, se compunha uma só vontade, assim da substancia do mesmo Deus, e da substancia da mesma Virgem, se compuzesse uma só Pessoa, que foi a de seu Filho. Oh maravilha sobre todas as maravilhas, que as consequencias da natureza e vontade, que só se achavam na Divindade de Deus, com uma troca não menos admiravel se achem tambem na natureza e vontade da Virgem! Entre o Padre e o Filho, porque é uma só a substancia, é uma só vontade: e entre Deus e a Virgem, porque era uma só a vontade, fez elle, que se unissem em uma só subsistencia. Lá dois suppostos unidos em uma só vontade, cá duas vontades unidas em um só supposto. E como a união da vontade

[1] Bernard. Hom. 3. Super Missus est.

de Deus com a da Virgem é tão grande, que della resultou a do mesmo Verbo Encarnado no beatissimo ventre: que muito é, que a vontade da Virgem leve apoz si a vontade de Deus no céu, assim como levava ao mesmo Deus na terra, quando o tinha em si: *Qui te portavit?*

V

Ao titulo de Esposa e por amôr, se segue o de Mãe, e por obediencia, não menos poderoso para se deixar levar delle no céu, aquelle Senhor a quem no mesmo céu, e com nome de Deus e de obediente, a voz de Josuë fez parar ao sol. Bem sei o que neste ponto disputam os Theologos, e a distincção que fazem de jure, ou de facto: mas nós, deixadas as argucias da especulação, oiçamos o que conformemente, e sem escrupulo, escreveram e prégaram todos os Santos Padres.

Santo Ildefonso sobre as palavras da mesma Virgem: *Fecit mihi magna qui potens est,* [1] diz assim: *Hoc magnum fecit in Virgine, ut per hanc Deus fierit homo, Verbum fierit caro, et Filius Dei factor omnium fierit Filius Matris, quam ipse formaverat, essetque Dominator nascendo subditus Ancillæ, quam ipse condiderat.* E mais brevemente n'outro logar: *Habuit Ancilla Dominum in subdito, Ancillam Dominus in prælato.* Nas quaes palavras sem clausula alguma de moderação no imperio, ou excepção na obediencia, pela activa da parte da Mãe, e pela passiva da parte do Filho, nella apregoa Ildefonso com expresso nome de Superiora a jurisdição de mandar: e nelle reconhece com nome tambem expresso de subdito a sujeição de obedecer: *Ancilla Dominum in subdito, Ancillam Dominus in prælato.*

Toda esta jurisdição, todo este poder, todo este imperio, logra hoje no céu a Senhora a titulo de Mãe, assim como o teve na terra, onde seu Filho não era menos Deus do que é no céu. E esta é a energia, com

---

[1] *Luc.*, I, 49. Ildefons. lib. de Virginit. Mariæ, cap. 8.

que estando hoje como está no céu, lhe canta toda a Igreja: *Monstra te esse Matrem.* Cuidamos commummente, quando repetimos este verso, que pedimos á Senhora rogue por nós, assim como dizemos na Ave Maria: *Mater Dei, ora pro nobis.* Mas, como bem notou Ricardo Laurentino, não é isso o que queremos dizer, senão muito mais. *Monstra te esse Matrem*, é dizer á Senhora, que exercite a auctoridade da sua jurisdição, e que mostre que é Mãe, não rogando, senão mandando a seu Filho: *Non solum potest Filio supplicare, sed etiam potest authoritate materna eidem imperare: unde sic oramus eam. Monstra te esse Matrem.* Nos dois versos que se seguem, *Qui pro nobis natus, tulit esse tuus*, a dureza da palavra *Tulit*, com que o ser Filho da Senhora se chama soffrimento, confirma com nova emphase o mesmo sentido. Como se disseramos: já que soffreu, e se sujeitou a ser Filho, soffra tambem e sujeite-se a ser mandado.

Mas oiçamos a S. Bernardo, que nos louvores da Mãe, que a elle lhe deu o leite, sempre é singular. Considera a Deus obedecendo a uma mulher, e a uma mulher mandando a Deus: e suspenso na comparação infinita de um e outro prodigio, rompe eloquentissimamente nesta apostrophe: *Mirare utrumlibet, et elige, quod amplius mireris: sive Filii Dei benignissimam dignationem, sive Matris excellentissimam dignitatem. Utrinque stupor: id, quòd Deus Fœminæ obtemperet, humilitas sine exemplo: et quòd Deo Fœmina principetur, sublimitas sine socio.* [1] Admirae destes dois prodigios qual quizerdes, e escolhei de ambos qual mais deveis admirar: ou do Filho de Deus a profundissima benignidade, ou da Mãe de Deus a altissima dignidade. *Utrinque stupor:* de uma e outra parte não ha se não pasmar; porque obedecer Deus a uma mulher, é humildade sem exemplo; e mandar uma mulher a Deus, é sublimidade sem companhia.

Se alguma mãe pudéra fazer companhia á Senhora, era Bethsabé; e se algum filho podéra imitar o exemplo de Deus, era Salomão. Mas nem elle sendo tão sabio, soube ser filho: nem ella, tendo-o tão obrigado, chegou á ventura de ser obedecida de tal rei como

[1] Bernard. Serm. 20. Super Missus est.

Mãe. Vindo Bethsabé a palacio, mandou-lhe pôr Salomão uma cadeira á sua mão direita, em que se assentasse. Então lhe disse Bethsabé, que trazia uma petição que lhe fazer: e Salomão respondeu, que sendo sua mãe, lhe não podia negar quanto pedisse: *Pete, Mater mea: neque enim fas est, ut avertam faciem tuam.* [1] Até aqui disse bem: mas ainda pudéra dizer melhor. Havia de responder: que ella como mãe o podia mandar, e elle como filho a devia obedecer. Mas a verdade daquelles cumprimentos, posto que tão curtos, qual foi? Disse Salomão menos do que havia de dizer, mas não chegou a fazer o que disse: chamou-lhe mãe, mas não lhe obedeceu como filho: deu-lhe a cadeira, mas negou-lhe a petição. Este recebimento de Salomão a Bethsabé em palacio, dizem as allegorias, que foi figura do que Deus fez a sua Mãe no céu. Mas se foi figura, foi mal representada. A cerimonia no céu, como terra da verdade, foi menor: mas a realidade, e a realeza, foi a que havia de ser. Foi menor a cerimonia; porque diz David, que a Senhora esteve em pé á mão direita do Filho: *Astitit Regina à dextris tuis:* [2] mas a realidade foi, a que devia ser, ou mais do que devia. Porque se a Mãe está em pé reconhecendo a Divindade do Filho: o Filho faz tudo o que a Senhora quer, reverenceando-a como Mãe. Ella não tomou a cadeira, mas elle deu-lhe a vontade: ella manda-o, e elle obedece.

Expressa e animosamente o grande Cardeal S. Pedro Damião, fallando com a mesma Senhora no céu: *Accedis ad aureum illud Divinæ severitatis tribunal, non rogans, sed imperans, Domina, non ancilla.* Vós, Soberana Rainha do céu, quando lá representaes a Deus, vosso Filho, que faça o que vós quereis, chegaes ao throno de oiro e ao tribunal tremendo, não só de sua Divina Magestade, mas de sua severidade, e alli não como subdita, senão como Senhora, não rogaes, ou pedis por favor, mas mandaes, e ordenaes com imperio o que quereis que se faça: e assim se executa. E dando a razão o mesmo Santo, e Doutissimo Padre, porque isto é no céu, e não póde deixar de ser; conclue

---

[1] *3.º Livr. dos Reis*, II, 20
[2] *Psalm.* XLIV, 10.

com estas invenciveis palavras: *Quomodo enim potestati tuæ obviare potest potestas illa, quæ de tuis visceribus traxit originem:* porque não póde ser que encontre os vossos poderes, aquelle poder que de vossas mesmas entranhas tomou ser. Grande e forte razão! Tudo póde o poder de Deus, mas só uma coisa, parece, não póde, que é deixar de seguir a vontade de sua Mãe, lembrado que della recebeu o ser naquellas entranhas, nas quaes o levava então para onde queria: *Qui te portavit.*

VI

Somos chegados ao ultimo titulo e modo, com que a Senhora obriga a vontade de Deus, a que não possa resistir á sua, que é por força, como mais poderosa, no modo que já dissemos. A proposição parece arrojada, mas tão cérta, como grande. Uma noite inteira luctou Jacob com Deus a braço partido, e o fim da batalha foi, que Deus se confessou por vencido, e que Jacob pudéra mais e prevalecêra contra elle: *Contra Deum fortis fuisti.* [1] Pois Deus todo poderoso póde ser vencido por força, e haver quem possa mais que elle? Naquelle estrado, sim. Deus abraçado com Jacob, e Jacob abraçado com Deus, significavam o mysterio, que depois se obrou no sagrado ventre da Virgem purissima, quando a natureza Divina se abraçou com a humana, e a humana com a Divina. E neste abraço foram taes as forças, que os braços de Deus communicaram aos de Jacob, não na sua pessoa, senão na sua descendencia; que della nasceu finalmente uma Filha, a qual porque trouxe a Deus nos braços, lh'os apertou com tanta força, que póde mais que elles. Com razão se comparam as forças de Deus feito homem ás do rhinoceronte: *Cornua rhinocerontis cornua illius.* [2] Em quanto o rhinoceronte andava senhor do campo, livre e solto, era tão formidavel, como forte: mas depois que aquella animosa e formosissima donzella, a Virgem, lhe aper-

[1] *Gen.*, XXXII, 28.
[2] *Deut.*, XXXIII, 17.

tou os laços, assim como lhe dominou as forças, lhe atou tambem a liberdade.

Começa David o Psalmo noventa e tres, bradando e repetindo a grandes vozes: *Deus ultionum Dominus: Deus ultionum liberè egit.* [1] Homens, que não temeis a Deus, adverti uma e outra vez, que Deus é o Senhor dos castigos; *Deus ultionum Dominus: Deus ultionum:* e sabei que o mesmo Deus obra livremente, sem haver quem o possa impedir, quando quer castigar: *Deus ultionum liberè egit.* E de que duvida nos tira David, em dizer que Deus obra livremente? Houve por ventura alguem que atasse a liberdade Divina, ou podesse mais que sua Omnipotencia? Não houve, mas havia de haver. David como Propheta e o maior dos Prophetas, estava vendo todos os tempos, presentes, passados, futuros: e que via? Via o Paraizo terreal perdido por um peccado: via o mundo todo alagado, e todo o genero humano afogado no diluvio: via a sua nação desterrada, e captiva no Egypto; desterrada e captiva em Babylonia; desterrada e captiva nos Assyrios: via a sua mesma côrte em Jérusalem tantas vezes sitiada, destruida e abrazada; e infinitas outras assolações de cidades, reinos, provincias, com que Deus vingava as suas injurias, e justamente se chamava Deus das vinganças. Isto é o que via David por muitos annos, e seculos, antes de chegar o tempo da Encarnação do Verbo. Mas depois que o mesmo Deus se fez homem, e teve Mãe, via pelo contrario, que todos aquelles castigos extraordinarios tinham cessado, e que já não era Deus das vinganças, senão Pae das misericordias. Combinando pois o Propheta tempos com tempos, e ao mesmo Deus comsigo mesmo, que conceito, ou juizo faria, de uma tão notavel mudança? O conceito e juizo que fez, foi, que antes de Deus ter Mãe, obrava livremente: *Deus ultionum liberè egit:* porém depois que teve Mãe, teve tambem quem lhe atasse as mãos, e por isso obrava já como sem liberdade, porque a tinha sujeita a outro querer. E isto é o que póde hoje no céu a Mãe do Todo-Poderoso. Tanto assim, que não duvidou dizer S. Bernardino, que a mesma Senhora por nós faz de Deus o que quer: *Cum*

[1] *Psalm.*, 93, 4.

de Deo pro nobis facias quidquid tuæ placuerit charitati. [1]

Parece, que não podia dizer mais, nem tanto. Mas eu accrescento, ou declaro, que aquelle fazer de Deus quanto quer, não só se entende de quando Deus quer, senão tambem, de quando, a nosso parecer, repugnasse, ou não quizesse. Caso foi notavel na Bretanha, que dizendo Missa S. Domingos, a imagem da Senhora que tinha a seu Filho nos braços, lhe disse em voz, que todos ouviram, que fosse elle o que lançasse a benção ao povo. Viram tambem todos que o Menino Jesus retirava o braço, como quem não queria; porém a Senhora lançando-lhe a mão á sua, o obrigou a que com ella lançasse a benção. *Eadem Domina pietatis, manu Filii accepta, etiam renitentis, populum signo crucis consignavit.* São palavras do Beato Alano, referindo o caso. Onde se devem notar muito aquellas, *Etiam renitentis.* O Filho repugnava, e não queria, mas a Senhora o obrigou, como por força, a que quizesse, dobrando-lhe a mão com a sua. Considerae agora a mão da Senhora pegada na mão do Filho: a do Filho resistindo, e a da Senhora prevalecendo: e se vos admiraes da força de uma mão, e do rendimento da outra, ouvi a razão. Fez David a Deus uma petição notavel, e foi esta: *Fiat manus tua, ut salvet me:* [2] Faça-se, Senhor, a vossa mão, para que me ajude, e me salve. E que mysterio, ou sentido póde ter, dizer a Deus que a sua mão se faça? A mão de Deus, que foi a que fez o mundo, necessitava de ser feita, ou podia-se fazer? Sim podia, diz S. Gregorio; e assim foi: *Manus quippe Dei, quæ per Divinitatem non est facta, genita per humanitatem facta est.* [3] A mão de Deus quanto á Divindade não podia ser feita, porque é mão increada; porém a mão do mesmo Deus quanto á humanidade podia ser feita, e foi feita, e quem a fez e formou em suas entranhas, foi a Virgem Maria. E como ella foi a que fez aquella mão, por isso tinha tanta mão com ella, e tanta força sobre ella. Tanta mão com ella, que não duvidou de a querer dobrar,

---

[1] Bernard. tom. I. Serm. 52. cap. 2.
[2] *Psalm.* CXVIII, 173.
[3] Gregor. Homil. 2. in Ezechiel.

e tanta força sobre ella, que repugnando a trouxe ao que queria.

E para que se veja, que render o Filho de Deus o seu braço a esta força não era forçada, senão voluntariamente; saibamos por fim de todo o discurso, que então tem o mesmo Filho por mais gloriosas e mais suas as acções do seu braço, quando elle não só as governa pelos proprios movimentos, senão levado tambem pelos impulsos de sua Mãe. Estando para nascer de Thamar dois filhos gemeos, um que se chamou Zaron, outro Faréz: Zaron lançou primeiro fóra um braço, o qual a parteira lhe atou com um fio de escarlata. E que fez o menino vendo-se com o braço atado? Desistiu do movimento natural, com que ia nascendo, e tornou a recolher o braço para o ventre da mãe: *Illo verò retrahente manum.* [1] Esta foi a breve, mas prodigiosa historia, em que a prophecia escreveu ou rubricou, o grande mysterio que digo. Zaran, cujo nome significa *Oriens*, foi figura do Filho de Deus, e da Virgem, de quem disse Zacharias: *Vir oriens nomen ejus.* [2] A escarlata atada no braço, como diz S. Bernardo, denotava a obra da Redempção, da qual cantou a mesma Virgem: *Fecit potentiam in brachio suo.* [3] E como o Filho de Deus viu empenhado o seu braço na maior empreza, que nunca houve, nem haverá no mundo: tornou a recolher o braço para o mesmo ventre, d'onde sahira; porque entendia e queria, que entendessem todos, que a maior honra e gloria das acções do seu braço, não era serem governadas pelos proprios movimentos, senão tambem pelos impulsos de sua Mãe. Que muito logo, que ainda quando nos primeiros movimentos, e como naturaes, mostra Deus querer o contrario, seja tão poderosa a vontade da Soberana Virgem, que ou voluntariamente forçado, ou forçosamente voluntario, se deixe levar para onde a mesma Senhora quer, como se de novo se tivesse recolhido ao mesmo ventre Santissimo, de que era levado: *Qui te portavit.*

---

1 *Genes.*, XXXVIII, 29.
2 *Zach.*, VI, 12.
3 *Luc.*, I, 51.

VII

Posto que até agora não tenho nomeado o Rosario, sempre fallei nelle: porque assim como a Senhora levava a Deus, quando o tinha dentro do Sacratissimo ventre, e o leva hoje para onde quer; assim nós por meio do Rosario levaremos a Mãe e o Filho, para onde quizermos, fazendo nossa a sua vontade. Naquelle Texto tão repetido, *Venter tuus sicut acervus tritici, vallatus liliis*, [1] são certas duas coisas. A primeira, que falla litteralmente do ventre virginal, como dizem todos os Interpretes. A segunda, que debaixo da palavra *liliis* se entendem rosas, como se lê no original do mesmo Texto, *vallatus rosis*. De sorte, que temos aqui dois circulos, e dois cercos: o circulo do Sagrado ventre, com que a Senhora cercava ao Filho Deus, que tinha dentro em si: e por fóra deste circulo outro circulo de rosas, com que as rosas cercavam o mesmo ventre: *venter tuus vallatus rosis*. Que o circulo das rosas signifique o Rosario, e o circulo, de que o mesmo Rosario é formado, seria negar-lhe o nome e a figura, se alguem se atrevesse a o negar. Sendo pois este circulo o do Rosario, qual é a razão porque está cercado com elle o circulo do ventre Sacratissimo? A razão é, porque faz um circulo o que fazia o outro. Assim como com o circulo do Sacratissimo ventre porque cercava a Deus, que tinha dentro em si, levava a Senhora a Deus para onde queria; assim nós com o circulo do Rosario, de que está cercado o mesmo ventre, levaremos a Mãe e o Filho, para onde quizermos. Diga-o a mesma Mãe, que é a que melhor conhece a vontade do Filho.

Falla a Senhora de cada um dos seus devotos, e diz, que estes têm cuidado de assistir cada dia fóra de suas portas: *Qui vigilat ad fores meas quotidie, et observat ad postes ostii mei.* [2] O não entrar, mas estar fóra das portas, é proprio de quem cerca: e o ser esta assistencia cuidado de cada dia, *quotidie*, tambem é proprio da devoção do Rosario. E que alcan-

---

[1] *Cant.*, VII, 2.
[2] *Prov.*, VIII, 34.

çarão aquelles, de quem a Senhora se achar assim cercada e assistida? E' maravilhosa a resposta do Texto original, o qual affirma e promette, que certamente alcançarão de Deus quanto delle quizerem. Assim o dizem coformemente as versões de todos. Vatáblo: *Assequatur quidquid volet à Domino.* Pagnino: *Educet quod voluerit à Domino.* Caetano: *Quidquid voluerit, à Deo facile obtinebit.* Apenas se achará em toda a Escriptura Sagrada promessa tão universal, e tão estabelecida como esta! Mas assim conquista a vontade do Filho, quem primeiro ganha a da Mãe. E porque dissemos dos poderes da mesma Mãe, que não só alcançava de Deus quanto queria, quando o mesmo Deus queria, senão ainda no caso em que elle não quizesse; vejamos o mesmo, com assombro, nos poderes do Rosario.

Pelo peccado da idolatria do bezerro determinou Deus acabar de uma vez com aquelle povo tão ingrato e rebelde, e assim o manifestou a Moysés, promettendo-lhe que o faria governador de outro, não só melhor, mas maior. Porém Moysés, que amava tanto os subditos, como devem fazer, e não fazem, todos os que têm o mando e governo supremo, não só rogou a Deus instantemente que lhe perdoasse, mas tomou por terceiros e valedores, a Abrahão, Isaac, e Jacob, dizendo: *Recordare Abraham, Isaac, et Jacob:* [1] *etc.* Admira-se muito neste passo Theodoreto, não da oração de Moysés, senão da intercessão, de que se valeu nella, a qual não só parecia desnecessaria, sendo tão particular, e tão intimo o seu valimento com Deus, mas ainda muito alheia da confiança, que o mesmo Deus lhe tinha dado na comminação daquelle castigo. As palavras que Deus lhe disse, foram: *Dimitte me, ut irascatur furor meus contra eos, et deleam eos.* [2] Deixa-me, Moysés, para que execute nelles a minha ira, e Eu os acabe. A palavra deixa-me, bem mostrava que era bastante Moysés para ir á mão a Deus, e ter mão na sua ira, com que não executasse o que queria. Pois porque não confia Moysés tanto da sua oração, e se vale das intercessões de Abrahão, Isaac, e Jacob? Porque entendeu, que para conseguir uma

---

[1] *Exod.*, XXXII, 13.
[2] *Ibid.*, 10.

coisa tão grande contra o que Deus queria, e tinha determinado, não bastaria qualquer outra oração, ainda que fosse a sua, senão fosse acompanhada com a força dos mysterios do Rosario. Ora notae.

Naquelles tres grandes Patriarchas estavam representados os mysterios do Rosario, segundo as tres distincções de que são compostos. Abrahão, a quem Deus mandou deixar a patria, e os parentes: *Egredere de terra tua, et de cognatione tua:* [1] representava os primeiros mysterios em que o Filho de Deus deixou o céu, e a seu Eterno Padre, e veiu peregrino ao mundo para o remir. Isaac, a quem Deus mandou sacrificar em um monte: *Tolle filium tuum Isaac, et offeres eum in holocaustum super unum montium:* [2] representava os segundos mysterios em que o mesmo Filho de Deus levando a cruz ás costas, foi pregado e crucificado nella no monte Calvario. Jacob, a quem Deus mostrou a escada, que chegava da terra ao céu: *Vidit scalam super terram, et cacunem illius tangens cœlum:* [3] representava os terceiros mysterios em que o mesmo Filho de Deus, depois de resuscitado, subiu glorioso ao céu, e se assentou á dextra do Padre. Pára aqui toda a representação? Não. Ainda é mais expressa, e mais distincta. Porque os primeiros, segundos e terceiros mysterios do Rosario, em cada uma das suas distincções se repartem de cinco em cinco. Abrahão quando representou os primeiros, sahindo peregrino da sua patria, não se chamava Abrahão, senão Abram: *Egressus est itaque Abram, sicut præceperat ei Dominus.* [4] E como o nome de Abram é composto de cinco lettras, e o nome de Isaac de cinco, e o de Jacob tambem de cinco, não só representaram os tres Patriarchas as tres differenças dos mysterios do Rosario, senão os numeros de cada differença. Os cinco primeiros, e Gozosos, no nome de Abram: os cinco segundos, e Dolorosos no nome de Isaac: e os cinco ultimos e Gloriosos no nome de Jacob. Junta pois a oração de Moysés com a representação dos

---

[1] *Genes.*, XII, 1.
[2] *Ibid.*, XXII, 2.
[3] *Ibid*, XXVIII, 12.
[4] *Ibid.*, XII, 4.

mysterios do Rosario, tão distincta em quanto tres nos tres Patriarchas, e tão repartida em quanto cinco, nas lettras de cada nome, e tão inteira em quanto quinze, na união de todos juntos; só então teve confiança Moysés para esperar, e suppor que a vontade de Deus se renderia á sua, e que não levaria por diante o que tinha determinado: e assim foi. *Placatusque est Dominus, ne faceret malum, quod locutus fuerat adversus populum suum.* [1] Rezae, rezae o Rosario, e tende firme confiança nos poderes seus, e da Soberana Auctora delle: que assim como a Senhora, quando tinha a Deus em suas entranhas, o levava para onde queria, vós tambem levareis a Mãe e o Filho, para onde quizerdes: e não só para lhe atardes as mãos com o mesmo Rosario na occasião dos castigos, mas tambem para vos encher de todas as graças.

VIII

Lá dissemos no principio, que com o Filho Deus em suas entranhas fez a Senhora tres jornadas maiores: a primeira, de Nazareth ás montanhas; a segunda, das montanhas a Nazareth; e a terceira, de Nazareth a Belem. Estes foram os tres logares santificados com os tres primeiros mysterios do Rosario, não em figura, ou representação, mas realmente. Em Nazareth se obrou o mysterio da Encarnação: nas montanhas o da Visitação: em Belem o do Nascimento. E posto que estes mysterios não foram, nem podiam então ser mais que tres, nestes tres se representaram as differenças de todos. Em Nazareth os Gozosos: *Exultavit spiritus meus in Deo salutari meo:* [2] nas montanhas os asperos e Dolorosos: *Abiit in montana cum festinatione:* [3] em Belem os celestiaes e Gloriosos: *Gloria in altissimis Deo: et in terra pax hominibus.* [4] Agora vêde, como levando a Senhora a Deus em suas entranhas, a todos estes logares, todos en-

---

1 *Exod.*, XXXII, 14.
2 *Luc.*, I, 47.
3 *Ibid.*, 39.
4 *Luc.*, II, 4.

riqueceu de extraordinarias graças. Indo de Nazareth ás montanhas, santificou nellas ao Baptista, encheu de espirito de prophecia a Isabel, restituiu a falla a Zacharias mudo, e sobre todos os corações dos montanhezes derramou jubilos de verdadeira alegria, e os deixou cheios de altas esperanças. Tornando das montanhas a Nazareth, como S. José dos signaes de Mãe, que via na Senhora, julgasse que tinha concebido, alli se tirou a confusão e tristeza daquella perplexidade, alli teve a revelação do Anjo, alli conheceu o altissimo mysterio da Encarnação, e alli soube o que nem imaginar podia, que era Esposo da Mãe de Deus, e que o mesmo Deus lhe havia de chamar Pae. Indo finalmente de Nazareth a Belem naquella clarissima noite em que os céus feitos de mel choveram as maiores doçuras sobre a terra, mandando Anjos aos pastores e estrellas aos reis, aos grandes e aos pequenos, aos naturaes e aos estranhos, aos de perto e aos de longe, a todos encheu de luz, de consolação, de verdade e de espiritos de nova vida. Isto obrou maravilhosamente a Senhora do Rosario, quando lhe deu principio nos primeiros tres mysterios, e nelles significação a todos, levando sempre a Deus e deixando-se Deus levar para onde a mesma Senhora queria; para que nós tambem entendamos, que por meio do mesmo Rosario teremos a vontade do mesmo Deus, não só propicia, senão em certo modo, ou por modo certo, sujeita a quanto quizermos e desejarmos.

E que faremos para que assim seja sem falta? Rezemos o Rosario, e digamos em cada Ave-Maria á Mãe de Deus, não já que rogue, senão que deseje por nós. Começamos a Ave Maria por esta palavra *Ave:* e que quer dizer *Ave?* Disse-o com natural e facil explicação, mas com altissimo pensamento, o doutissimo Salmeirão: *De prima voce Ave adverte dici á verbo Aveo, quod est desiderare: et ita idem est dicere, Ave, ac dicere, desidera. Ave ergo, beata Virgo, seu desidera, quia quodcumque avebas, et supra quam avebas, obtinebis.* Desejava a Virgem Senhora nossa ardentissimamente o mysterio da Encarnação do Filho de Deus, e que chegasse já o tempo em que se cumprisse a promessa de Isaias *Ecce, Virgo concipiet:* [1] não pre-

[1] *Isai.*, VII, 14.

sumindo, nem vindo ao pensamento de sua humildade, que ella era, ou podia ser, o felicissimo objecto daquella prophecia. Alludindo pois a este desejo, começou o Anjo a sua embaixada, dizendo, *Ave*, que quer dizer, desejae. Desejae, oh cheia de graça, desejae: que não só tem Deus satisfeito vossos desejos, mas tudo o que quizerdes, e muito mais do que quizerdes, alcançareis sempre delle. Isto disse o Anjo, dizendo, *Ave:* e por isso digo eu, que peçamos á Mãe de Deus, não já que rogue, senão que deseje por nós. Esta petição é a primeira com que começamos a Ave Maria, esta a que repetimos cento e cincoenta vezes no Rosario: e podemos estar certos, que nem a Senhora deixará de desejar por nós, nem o Filho, que quer pelo coração da mesma Mãe, deixará de querer quanto a mesma Senhora desejar: e assim como encheu de tantas graças a todos aquelles aonde levou a Deus, quando o trazia em seu sacratissimo ventre; assim nos alcançará aquella ultima que só abre as portas do céu, e leva, os que della são levados, ao porto do eterno descanço: *Qui te portavit.*

SERMÃO VIGESIMO NONO

Et ubera, quæ suxisti. [1]

I

Ricardo á Santo Laurentio (um dos Acutores mais devotos e mais benemeritos da Virgem Maria Senhora nossa, que com egual estudo e engenho, applicou a seus louvores quasi toda a Escriptura Sagrada) combinando dois logares dos Canticos, diz assim: *Christus dicit, bibi vinum meum cum lacte meo virginali, quod totum fuit meum, et de quo nullus alius bibit. Item cum dicatur beatæ Virgini, oleum effusum nomen tuum, non tamen dicitur, quòd ejus ubera sint effusa.* Quer dizer: que ao leite virginal da Senhora chama Christo propria e singularmente seu, *cum lacte meo;* porque de tal sorte foi sómente seu, que nenhuma outra pessoa o gostou, nem participou delle. E que sendo comparado o nome da mesma Virgem ao oleo derramado pela largueza com que se communica; dos sacratissimos peitos da Senhora, não se diz tal communicação, ou effusão: *Non tamen dicitur, quod ejus ubera sint effusa:* porque tambem não foram communicados mais que ao proprio Filho de Deus, e seu: *Et ubera, quæ suxisti.* [2]

Assim o diz este grave Auctor commummente applaudido e allegado de todos. Porém a mim (que nos peitos da Virgem Maria considero duas fontes de misericordia, e a mesma misericordia estillada no seu leite) nem a razão, nem a Escriptura, nem a experiencia me consente approvar estas limitações. A razão

---

[1] *Luc.*, II.
[2] *Ibid.*, II, 27.

não; porque sendo propriedade do Summo Bem ser summamente communicavel: como podiam ser incommunicaveis os peitos que crearam o mesmo Summo Bem, o qual quando creou todas as coisas, a todas deu virtude de se communicarem? E' certo, que com o leite se bebem juntamente as inclinações e affectos. Donde se segue, que não só foi conveniente e decente, mas necessario, que a segunda geração do Verbo se parecesse com a primeira, e que o mesmo Verbo creado trouxesse dos peitos da Mãe a propensão natural de se communicar, que tinha recebido increado do seio do Pae. A mesma Virgem não só foi Mãe de Christo, cabeça da Igreja, senão tambem Mãe de todos os membros do mesmo Christo, que são os fieis: e se a Senhora nos negasse a nutrição dulcissima de seus peitos, não seria Mãe inteira nossa, senão meia Mãe, como o são, diz S. Chrysostomo, as que geram os filhos, e os dão a crear a outrem. Finalmente, o leite virginal dos mesmos peitos, foi aquelle que se converteu no mesmo sangue, o qual se derramou até a ultima gotta pela salvação do genero humano: e se foi nosso, e se derramou por nós emquanto sangue do Filho: como havia de ser só seu, e não tambem nosso, em quanto leite da Mãe?

Passando da razão á Escriptura: a Esposa, ou pastora principal do mesmo livro dos Canticos allegado, é a Virgem Senhora nossa. E fallando o Divino Esposo dos peitos virginaes, que o crearam e alimentaram Menino, diz, que são similhantes a dois cabritinhos montezes, filhos gemeos da mesma mãe: *Duo ubera tua, sicut duo hinnuli capreæ gemelli.* [1] E' comparação pastoril propria daquelle genero de poesia. E com ser o auctor della Salomão, parece não só pouco accommodada, senão contraria ao que quer dizer. Os filhinhos são os que tomam os peitos, e os peitos como duas fontes, ou esponjas de neve, são os que docemente espremidos se destillam no licôr vital com que os alimentam. Da parte dos peitos está o leite, e da parte dos filhos a fome, ou sêde impaciente, com que tiram por elles. Pois se os affectos, e os effeitos, assim nos peitos da mãe, como nos filhos que delles se sustentam, são tão diversos e ver-

[1] *Cant.*, IV, 5.

dadeiramente contrarios: como diz Salomão, que os peitos da Senhora são similhantes, não aos que dão, e communicam o leite, senão aos que o recebem, e se álimentam com elle? Não se pudéra encarecer com maior elegancia e energia, a liberalidade maternal, com que os peitos da Senhora se nos communicam, e o desejo e gosto que têm de se communicar. Se os filhos sedentos e famintos, correndo e saltando (como é proprio daquelles animalinhos, mais que de nenhuns outros) buscam os peitos da mãe com fome, e sêde ardente, muito maior é a fome e muito mais ardente a sêde com que os peitos da Mãe de Deus, e nossa, se communicavam ao Filho natural, que é Christo, e se desejam communicar aos adoptivos, que somos nós. Por isso nos mesmos Canticos se compára a mesma Senhora a uma fonte cerrada: *Fons signatus:* [1] porque assim como a agua na fonte fechada está rebentando por sahir, e padece violencia em quanto se não desafoga no manancial da corrente: assim o leite da Virgem reprezado nos sagrados peitos está violento: e quando este se communica, então elles se alliviam, e como de um pezo amorosamente impetuoso se descarregam e descançam.

Até aqui a razão e a Escriptura; só resta a experiencia: a qual porém se tem visto em muitos casos e apparições milagrosas, em que a Soberana Virgem se dignou regalar visivelmente a seus devotos com o nectar celestial de seus sagrados peitos. Quando S. Bernardo, na Igreja de Espira prostrado por terra, entoou: *Monstra te esse Matrem:* passando a imagem da Senhora o Menino Jesus de um braço para o outro, com um raio de leite estilado na bocca melliflua de Bernardo, bem claramente lhe mostrou, que tambem era Mãe sua. Do Santo abbade Fulberto refere Baronio, que ainda gozou de mais perto este soberano favor: porque não só lhe concedeu a Virgem que gostasse a suavidade do leite, com que tinha creado a Deus como orvalho da aurora cahido do céu, mas apartando a roupa de sobre os peitos, lhe permittiu, que o bebesse nas proprias fontes. Quasi espirando estava um sacerdote muito devoto da mesma Rainha dos Anjos, com acerbissimas dôres: e conta S. Pedro Da-

[1] *Cant.*, IV, 12.

mião, que a Senhora lhe appareceu visivelmente, e fazendo-lhe o linitivo de seu proprio leite, no mesmo instante não só se abrandaram, mas cessaram totalmente as dôres: e restituido á vida, de que já tinha perdido as esperanças, conservou sempre nos beiços a côr do medicamento com que fôra curado. O mesmo refere Vincencio Belvacense de outro tambem sacerdote, e tambem agonizante, não permittindo a Mãe de misericordia, que a bocca e lingua, com que era louvada, a acabasse de comer o cancer, de que já estava emmudecida e corrupta: e pagando com o leite vital de seus virginaes peitos a devoção com que o mesmo sacerdote, todas as vezes que via alguma imagem da Senhora, a saudava, dizendo: *Beatus venter, qui te portavit, et ubera quæ suxisti.* Em summa, que não só a razão e a Escriptura, senão tambem a experiencia nos ensina, que o leite com que a Virgem Maria sustentou ao Filho de Deus, não é sómente seu, senão tambem nosso: e tambem nossas as duas fontes suavissimas de seus peitos, as quaes, quando a mesma Senhora é servida, se desfecham liberalmente, e manam para nosso remedio.

Mas porque estes soberano favor, como mostram as mesmas experiencias referidas, é particular e de poucos: o meu intento hoje será provar, que tambem póde ser universal, e de todos, se nós quizermos. E não quero que me perguntеis o como; porque já se entende que ha de ser por meio do Rosario. Digo pois (ou direi) que a todos os devotos do Rosario communica a Virgem Senhora nossa o leite celestial de seus piedosissimos peitos, não para a vida, ou saude temporal, que é pouco, mas para a eterna. E porque? Agora vae o assumpto em proprios termos. Porque o Rosario é uma nova via lactea, a qual abriu e regou a Senhora com seu proprio leite na terra, para que por ella subamos facilmente ao céu. A novidade e difficuldade da proposta necessita de muita graça.

Ave Maria, etc.

II

Da via lactea, famosa entre philosophos e poetas, parte a philosophia em verso, e parte a poesia em fabula, dizem elegantemente assim:

Est via sublimis cœlo manifesta sereno,
Lactea nomen habet, candore notabilis ipso:
Hàc iter est Superis ad magni tecta Tonantis. [1]

Vem a dizer na nossa prosa: que no céu ha um caminho claro e manifesto, ao qual pela brancura, tomando o nome de leite, chamaram via lactea: e que esta é a estrada por onde os habitadores do céu sobem aos altos palacios do grande Tonante: isto é, gentilicamente de Jupiter; e christãmente de Deus. Vamos agora dividindo este pequeno, ou grandissimo mappa, e veremos como tudo o que delle disseram, philosophos, mathematicos, e poetas, se verifica com admiravel propriedade no Rosario.

Primeiramente deixando o nome de via para seu logar; assim como os gregos pela côr lhe chamaram Galaxia, [2] assim todos pela figura lhe chamam circulo: e com particular razão. Porque sendo onze os circulos, em que os mathematicos por varias partes, e com differentes considerações cortam e dividem o céu, os dez, todos são imaginarios, e só o circulo lacteo, real, e visivel. E tal é o Rosario formado em figura circular, o qual trazemos nas mãos, não só visivel, mas palpavel. Ptolomeu observou que a via lactea não é simples, senão composta de duas como metades sensivelmente divididas, mas sempre continuadas e uniformes. E estas são as duas partes de que tantas vezes temos dito se compõe o Rosario, uma vocal, outra mental: de tal modo porém diversas e distinctas, que sempre se acompanham; porque nem a voz sem a meditação, nem a meditação sem a voz, fazem perfeito Rosario. Theophrasto com opinião singular teve para si, que a via ou circulo lacteo, é a união com que na esphera celeste se ajuntam os dois hemispherios, superior e inferior: dos quaes assim juntos e unidos, resulta e se faz um só globo. E quem não vê nesta similhança, que tal é a materia mental do Rosario, disposta toda e ordenada pelos mysterios da Vida, Morte e Resurreição de Christo, em quem o hemispherio superior, que é a natureza divina, e o inferior, que é a humana, se ajuntam ineffavelmente em

---

1 Ovid. *Matamorph.* 1.
2 Vid. Aristotel. Conimbricens. Ricomi. et reliquos in Met.

um só supposto. Aristoteles, philosophando diversamente sobre a mesma materia, diz, que não é outra coisa se não as exhalações da terra, que subidas e elevadas ao alto, concebendo fogo, se accendem, e deste incendio natural e continuo, se diffunde, ou reverbéra a claridade que vemos. E que outra coisa é com a mesma propriedade a parte vocal do Rosario, cujas orações, se as rezamos com aquelle fervor, a que as suas mesmas palavras nos excitam, sobem ao céu accezas e ardentes, qual é o estado do coração donde devem sahir? Porque se o coração está frio, se convertem em regelo; se distrahido, em fumo; e se fervoroso, em fogo. Finalmente S. João Damasceno com a sentença mais recebida nas escolas, diz, que a via lactea é no oitavo céu, um aggregado, ou multidão de estrellas, umas grandes que se distinguem e vêm; e outras pequenas, que por sua menoridade, numero e distancia, se não podem vêr, nem contar. Nós porém no circulo do Rosario que vêmos de mais perto, as distinguimos e contamos: porque as grandes e as pequenas, se reduzem nelle a certo numero, sendo as pequenas as Ave Marias, a que vulgarmente chamamos contas, e as grandes os Padre Nossos, a que chamamos estremos. De sorte que quanto os sabios disseram, ou affirmando com certeza, ou opinando com probabilidade, ou imaginando e phantaziando sem ella, ou na materia, ou na fórma, ou na figura da via lactea, tudo com as mesmas propriedades se verifica no Rosario.

III

Passando agora ás causas porque é via, e porque é lactea, em ambas veremos o mesmo Rosario, mais naturalmente ainda, e mais illustremente retratado. Alguns philosophos da escóla de Pitagoras, como refere Aristoteles, dizem que por aquella parte, onde hoje se mostra o circulo lacteo, passou antigamente um astro, cujos vestigios ficaram impressos e signalados no céu, e delles, sem nunca mais se apagarem, se formou a via, ou estrada, que por sua brancura se chama lactea. Não convêm porém entre si estes mesmos philosophos na declaração de que astro fosse este:

porque uns dizem que foi o sol, outros que foi nascido do mesmo sol; e por isso deu occasião á fabula de Phaetonte. As palavras de Aristoteles no seu melhor e mais claro paraphraste, são estas: *Sententia est quorundum Pythagoræorum, qui dixerunt, galaxiam esse viam, per quam aliquando suum cursum peregit aliquod astrum, quod suo transitu hanc cœli partem exurens, vel alio modo alterans, lacteo candore signatam reliquit. Verum istî auctores non conveniunt in explicando quodnam astrum per hanc viam transierit. Aliqui enim dicunt aliquod novum astrum ortum ex sole, quod occasionem dederit fabulæ Phaethontis: alii è contrario asserunt solem ipsum aliquando per talem circulum transiisse.* [1]

De maneira, que na sentença dos Pithagoricos a causa e origem da via lactea, ou foi o sol, ou o filho do sol, o qual passando circularmente por aquella parte, e deixando nella impressos os vestigios de seus passos, estes são os que signalaram, e propriamente fizeram o mesmo caminho, ou via. E quem é o sol, e o filho do sol, senão Christo? Elle o sol, porque é Deus, e elle o filho do sol, porque é filho do mesmo Deus. Pois assim como a philosophia Pithagorica, dividida em duas opiniões, diz, que o sol, ou o filho do sol com seus passos fez a via lactea: assim a Fé Catholica unida em uma verdade, nos ensina que os passos de Christo Deus, e do mesmo Christo Filho de Deus, são os que formando outra nova via similhante áquella, fizeram o Rosario. O circulo da via lactea, como diz Manilio, começa na Cassiopéa, e acaba na Cassiopéa: *Orbemque ex illa cœptum, concludit in illa.* E Christo diz, fallando de si, que o circulo do seu caminho começou no Padre, e acabou no Padre: *Exivi à Patre, et veni in mundum: iterum relinquo mundum, et vado ad Patrem.* [2] Assim pois como o sol fez aquella via, deixando nella impressos os vestigios dos seus passos: assim Christo fez a via do Rosario, e deixando nelle expressos os mesmos passos, e os mesmos vestigios: *Vobis relinquens exemplum, ut sequamini vestigia ejus.* [3]

---

1 Aristoteles apud. P. Manium.
2 *Joan.*, XVI, 28.
3 *1.ª Petr.*, II, 21.

Tudo disse admiravelmente David debaixo da mesma metaphora do sol: *In sole posuit tabernaculum suum: et ipse tanquam Sponsus procedens de thalamo suo.* [1] Assim como o sol sahindo do oriente começa o seu caminho circular; assim Christo encarnando começou o seu: e começou-o como Esposo: *Tanquam Sponsus:* porque o primeiro passo com que deu principio ao circulo do Rosario, foi o mysterio da Encarnação, em que se despozou com a natureza humana. Depois deste primeiro passo foi continuando a sua carreira: e de que modo, e a que fim? O fim foi com notavel propriedade, até no nome, para fazer outra via, como aquella do sol: *ad currendam viam.* [2] E o modo foi tambem como o do mesmo sol com egual correspondencia: *A summo cœlo egressio ejus, et occursus ejus usque ad summum ejus.* [3] Assim como o sol fez a via lactea caminhando circularmente até tornar ao mesmo logar, d'onde sahira: assim Christo fez a via do Rosario, começando-a quando sahiu do seio do Padre, e acabando-a quando se assentou á dextra do mesmo Padre. O sol passou por differentes constellações, que são as que se mostram na via lactea: umas benignas e humanas, como Geminis e Perseo; outras monstruosas e feras, como o Escorpião e o Centauro; outras canôras e sublimes, como o Cysne e a Aguia. E nos passos com que Christo fez a via do Rosario, tambem se vêem, e distinguem as mesmas differenças: umas humanas e benignas, que são os mysterios Gozosos: outras monstruosas e feras, que são os da Paixão, e Dolorosos; outras canôras e sublimes, que são os da Ascenção, e Gloriosos. Mas porque podia causar duvida e estranheza, que sendo os passos e mysterios do Rosario só quinze, bastassem tão poucos passos para fazer uma via tão comprida; a esta objecção acudiu o mesmo David, advertindo que os passos com que Christo fez este grande circulo, e correu esta grande via, eram passos de gigante: *Exultavit ut gigas ad currendam viam.* [4]

E' gigante Christo, porque não só é homem, senão homem, e Deus juntamente. Mas posto que os seus

---

[1] *Psalm.*, XVIII, 6.
[2] *Ibid.*, 7.
[3] *Ibid.*, 6.
[4] *Ibid.*

passos, por serem de tão estranha e agigantada medida, podessem egualar a grandeza do circulo; comtudo para o signalarem e mostrarem aos que haviam de caminhar por elle, ainda lhe faltava o serem impressos e estampados como estão no Rosario: porque na mesma via lactea, assim como foi necessaria a côr para ser lactea, assim foram necessarios os vestigios para ser via: *Viam, per quam aliquando suum cursum peregit, signatum reliquit.* Diz Salomão, que tres coisas, ou tres vias, lhe são muito difficultosas de entender: a via da serpente na pedra, a via da nau no mar, a via da aguia no ar: *Tria sunt difficilia mihi. Viam aquilæ in cœlo, viam colubri super petram, viam navis in medio mari.* [1] E que difficuldade têm estas tres vias, para que a sabedoria do mesmo Salomão as não entenda? A difficuldade é uma só, e a mesma em todas tres: porque todas são via sem rasto, nem vestigio. A via da serpente na pedra, é via sem rasto, nem vestigio: porque a pedra o não admitte, por ser dura e solida: a via da nau no mar, é via sem rasto, nem vestigio; porque o mar o não conserva, por ser inquieto e confuso: e a via da aguia no ar, é via sem rasto, nem vestigio; porque o ar o não demonstra, por ser diaphano e invisivel. E tudo isto que assim havia de succeder naturalmente, se venceu e trocou na via do Rosario.

Neste mesmo Texto, como commenta Santo Ambrosio em differentes logares, Christo é a serpente, Christo a nau, e Christo a aguia. A serpente: *Sicut Moyses exaltavit serpentem in deserto:* [2] a nau: *Navis institoris de longè portans panem suum:* [3] a aguia: *Aquila grandis magnarum alarum.* [4] Serpente nos mysterios da Encarnação, em que Deus se fez visivel para nos dar vida: *Qui percussus aspexerit serpentem, vivet.* [5] Nau nos mysterios da Paixão, em que a tempestade dos tormentos o metteu no fundo do mar: *Veni in altitudinem maris, et tempestas demersit me.* [6] Aguia

---

1 *Prov.*, XXX, 18 e 19.
2 *Joan.*, III, 14.
3 *Prov.*, XXXI, 14.
4 *Ezech.*, XVII, 3.
5 *Num.*, XXI, 18.
6 *Psalm.* LXVIII, 3.

nos mysterios da Resurreição e Ascenção, em que subindo nos abriu o caminho do céu, e nol-o mostrou voando: *Sicut aquila provocans ad volandum pullos suos, et super eos volitans, expandit alas.* [1] E porque ha muitos corações, nem christãos, nem ainda humanos, uns duros e rebeldes, como as pedras, outros inquietos e perturbados, como o mar, outros leves e inconstantes, como o ar: nos quaes os passos da Vida, Morte e Resurreição do Filho de Deus não imprimem os vestigios, qua na passagem que fez por este mundo, deixou seu exemplo nelle; para acudir a este descuido, a este esquecimento, e a esta grande ingratidão, a Soberana Mãe do mesmo Senhor os tornou a estampar pela mesma ordem no seu Rosario: abrindo nelle de novo o caminho do céu, e fazendo daquellas vias cerradas uma via patente e manifesta.

Est via sublimis cœlo manifesta sereno.
Viam aquilæ in cœlo, viam colubri super petram, viam navis in medio mari. [2]

IV

Mas porque o Apostolo S. Pedro fazendo menção destes mesmos vestigios, insiste mais nos da paciencia, que são os mysterios Dolorosos, e da Paixão, *Passus est pro nobis, vobis relinquens exemplum, ut sequamini vestigia ejus:* [3] ainda que no Rosario temos bem expressa a via, parece que esta não póde ser lactea. Via sim, mas lactea não, senão sanguinea; porque os vestigios que a signalaram, foram estampados em sangue. Se Christo remira o mundo morrendo a mãos de Herodes, quando pendente dos braços e peitos da Virgem Mãe, se alimentava de seu leite; no tal caso a via que juntamente começava e acabava com a vida, bem se podia chamar lactea. Mas isto, nem foi, nem havia de ser; porque já estava vedado na Lei em que Deus mandava, que o Cordeiro se não cozesse no leite de sua Mãe: *Non coques agnum in lacte matris*

[1] *Deuter.*, XXXII, 11.
[2] *1.ª Petr.*, II, 21.

suæ. [1] No qual preceito, como notaram S. Chrysostomo e Santo Agostinho, se declarou o decreto divino, de que Christo não morresse na infancia, senão na edade de varão perfeito. [2] Logo os vestigios que o mesmo Senhor nos deixou de sua Paixão, ainda que nesta parte assignalam e demonstram bem a via, como estampados em sangue, com a côr porém do mesmo sangue, parece que lhe tiram o nome de lactea.

Assim parece, mas não é assim. Ainda na parte em que o Rosario se compõe dos mysterios Dolorosos, e da Paixão e sangue de Christo, digo, que propriissimamente é via lactea: e porque? Porque assim como todo o leite é sangue branco, por ser sangue convertido em leite: assim o sangue da Paixão de Christo, por ser sangue tambem convertido em leite, é propriissimamente sangue branco. Viu S. João no seu Apocalypse uma grande multidão de todas as nações e gentes do mundo, todos vestidos de estolas, ou roupas brancas: *Amicti stolis albis:* [3] e a razão desta brancura dos vestidos lhe disse um dos vinte e quatro Anciões, que era, porque todos tinham lavado as suas estolas no sangue do Cordeiro, e as tinham branqueado nelle: *Qui laverunt stolas suas, et dealbaverunt eas in sanguine Agni.* [4] A duvida que traz comsigo a palavra *dealbaverunt*, até os olhos a estão vendo. Os vestidos de branco que S. João viu, são todos os bemaventurados, dos quaes se diz com grande propriedade, que lavaram as suas estolas no sangue do Cordeiro: porque o sangue de Christo nos lavou, e lava das manchas do peccado, com as quaes não póde haver graça, nem gloria: mas que se diga, que o mesmo sangue, sendo vermelho, as branqueou: *Dealbaverunt eas in sanguine Agni?* Sim. Porque o sangue com que Christo nos remiu na cruz, é sangue convertido em leite. Assim responde Alberto Magno commentando o mesmo Texto: e dá a razão desta sua philosophia: *Quia sanguis per multam decoctionem fit lac, ut patet in naturali generatione lactis, quando generatur ex sanguine in mamillis: et quia sanguis Christi maximè fuit decoctus in Passione, ideo dicitur habere naturam lactis.* O

---

[1] *Exod.*, XXIII, 19. Os Setenta lêm *Agnum*.
[2] Agost. 9. 90. Crysost. Homil. de Innocentibus.
[3] *Apoc.*, VII, 9.
[4] *Ibid.*, 14.

sangue (diz o grande Alberto) converte-se em leite pela muita decocção, como se vê na geração natural do mesmo leite: e porque o sangue de Christo teve esta muita e ultima decocção na cruz; por isso nella adquiriu a natureza, e côr de leite, com que se póde fazer branco. O mesmo pensamento tinha já declarado S. Bernardo (que foi o primeiro auctor desta subtileza) dizendo em mais breves palavras, que aquellas estolas se fizeram brancas no sangue do Cordeiro; por que é sangue lacteo: *Candidas in sanguine Agni novelli, sanguine lacteo.* [1] E se o sangue de Christo, por virtude do leite que recebeu dos peitos de sua Mãe, quando recem-nascido (que a isso allude o additamento de *Agni novelli)* foi sangue convertido em leite e sangue lacteo; os vestigios que nelle imprimiram os mysterios da Paixão, de nenhum modo impedem a côr, nem o nome de lactea á via do Rosario; antes tambem nesta parte a fazem lactea.

V

Removido pois este impedimento, e vindo á occasião e origem, porque a antiguidade deu á via lactea um tal sobre-nome, derivado mais do leite, que da neve, ou açucena, ou de alguma outra especie egualmente branca; mais parece o caso inventado e fingido por mim, que referido pelos auctores da mesma antiguidade, entre os quaes o já allegado Manilio o conta desta sorte:

> *Nec mihi celanda est fama vulgata vetustas*
> *Mollior, et niveo lactis fluxisse licore*
> *Pectore Reginæ Divum, cœlumque colore*
> *Infecisse suo: quapropter lacteus orbis*
> *Dicitur, et nomen causa descendit ab ista.* [2]

Torno a repetir, que mais parece a propriedade do caso, e as mesmas palavras com que se refere, fingidas e inventadas para o presente assumpto, que escriptas

---

[1] Bernard. Serm. 1. de Die Paschæ.
[2] Manil. cap. 9. Astronomic.

como foram, mil e quinhentos annos antes. Querem dizer: que a origem da via lactea, e occasião de se chamar assim o circulo celeste de que fallamos, foi, porque a Rainha do céu e dos Santos a fez e signalou com o leite dos seus peitos:

Lactis fluxisse licore pectore Reginæ Divum:

E que este mesmo leite lhe deu o nome de lactea:

Quapropter lacteus orbis
Dicitur, et nomen causa descendit ab ista.

Quem é pois a Rainha do céu e dos Santos, senão a Virgem Maria Senhora nossa? E qual é o circulo da via lactea, senão o do seu Rosario? E qual é, ou foi o leite com que deu principio a esta via, senão o que manando de seus bemditissimos peitos sustentou o Filho de Deus nos Gozosos rudimentos de sua infancia, que foram os primeiros mysterios do mesmo Rosario? Por isso disse judiciosamente Tertulliano, que na crença dos acontecimentos fabulosos dispoz Deus a gentilidade para a fé dos mysterios verdadeiros.

E para que se veja, quão propriamente se corresponderem no mesmo Rosario a falsa crença com a fé, o fingimento com a verdade, e a pintura fabulosa com a realidade do caso: oiçamos o que fez a mesma Senhora do Rosario para o tornar a introduzir no mundo, quando o viu quasi esquecido e apagado da memoria dos mesmos homens, que com tanta devoção e applauso, o tinham abraçado em seus principios. Elegeu por restaurador delle ao beato Alano, Religioso da Sagrada Familia dos Prégadores, natural da Baixa Allemanha: e constituindo-o por sua propria pessoa naquella grande dignidade, cuja soberania só conhecia quem a dava: quaes vos parece que seriam as cerimonias de um acto tão solemne? Primeiramente tirando a Senhora um collar, de que vinha adornada, em que as joias preciosissimas, e o numero dellas, formavam um Rosario de inestimavel valor, o lançou ao pescoço de Alano, o qual mais prostrado, que de joelhos, o recebeu com profundissima humildade. Então abrindo a Rainha dos Anjos, como sáe o sol de entre as nuvens, um e outro peito sacratissimo, com o mesmo leite com que

tinha creado o Creador, copiosamente estilado de ambos, melhor que o Serafim de Isaias, [1] lhe purificou a bocca e lingua com que havia de prégar o Rosario. Por fim com breves palavras, e de grande magestade, lhe declarou como aquelle era o caminho do céu, e lhe encarregou, que assim o ensinasse a todo o mundo. Com isto desappareceu a visão, e se acabou o acto. De maneira, que quando a Virgem Senhora nossa, manda prégar e apregoar o Rosario em todo o mundo, como via e caminho certo do céu: não só dá ao prégador de sua mão o mesmo Rosario, senão tambem o leite de seus peitos: para que elle, e todos entendamos, que aquella via, não só tem da mesma Senhora o ser via sua, senão tambem o ser via lactea.

E quanto a ser caminho do céu, tambem esta observação não faltou á antiguidade tão fabulosa, como credula. Criam os antigos, que aquella deidade entre todas as femininas suprema, a quem elles chamavam Rainha dos deuses, tinha feito a via lactea, para que por ella subissem os que fossem dignos do céu. Assim o diz o mesmo Manilio, accrescentados aos versos que recitei estes:

Hàc fortes animæ, dignataque nomina cœlo
Corporibus resoluta suis, terraque remissa
Hùc migrant ex orbe. [2]

E' o que disse com a mesma crença Ovidio:

Hàc iter est Superis ad magni tecta Tonantis. [3]

Mas antes delles o tinha já dito e prophetisado David com o proprio sentido, e quasi com as proprias palavras: *Et illic iter, quo ostendam illi salutare Dei.* [4] Elles fallaram do caminho e via fabulosa, e David, da verdadeira e certa: pela qual sem duvida se sóbe ao céu, se consegue a salvação, e se váe vêr a Deus. Mas qual é este caminho, e via certa? Oiçamos todo o Texto, e elle nos dirá que é o Rosario: *Intelligite hæc qui oblivis-*

---

[1] *Isai.*, VI, 7.
[2] Manil. ubi supr.
[3] Ovid. supr.
[4] *Psalm.* XLIX, 23.

cimini Deum: nequando rapiat, et non sit qui eripiat. Sacrificium laudis honorificabit me: et illic iter, quo ostendam illi salutare Dei. [1] Entendei (diz) este grande segredo, vós, que tão esquecidos andaes de Deus: para que vos não aconteça ir ao inferno, donde não haverá quem vos livre. Honrae a Deus com o sacrificio de seus louvores; porque este é o caminho que vos levará ao céu. Já no mesmo Psalmo tinha Deus renunciado os sacrificios de sangue, que eram bezerros e cordeiros mortos, os quaes não tinham virtude de levar ao céu. Porém agora que ensina o verdadeiro caminho do mesmo céu: *Et illic iter, quo ostendam illi salutare Dei:* commuta o mesmo Deus todos aquelles sacrificios em um só sacrificio de louvor: *Sacrificium laudis honorificabit me:* o qual sacrificio consistia: em que? Consistia na memoria de Deus, e dos beneficios divinos (que por isso se queixa do esquecimento: *Qui obliviscimini Deum):* e no louvor e acção de graças com que reconhecemos, veneramos e louvamos a Deus, como Auctor dos mesmos beneficios: que são os dois actos de religião em que se contem o proprio e total instituto, assim vocal, como mental do Rosario.

Depois de perdido o genero humano, os beneficios inefaveis com que Deus o restaurou e restituiu ao fim altissimo para que o tinha creado, foram tres: Fazer-se homem como nós, morrer por nós e franquear-nos por este meio o caminho e portas do céu, onde o gozassemos. E na consideração e agradecimento destes tres beneficios, se empregam e dividem as tres partes de todo o Rosario. A primeira nos mysterios Gozosos, que são os da Encarnação: a segunda nos Dolorosos, que são os da Paixão: a terceira nos Gloriosos, que são os da Resurreição e Ascenção. A cada um destes beneficios divinos levantou o Rosario cinco altares, em que se vêm historiados os cinco principaes mysterios, e passos delles. E em cada um offerece o mesmo Rosario o sacrificio que Deus antepoz e estima sobre todos: mentalmente na memoria e consideração de cada mysterio: e vocalmente no louvor e acção de graças por cada um em particular. E porque não pareça, que ao menos na parte vocal e exterior das palavras e vozes com que em uma e outra oração do Ro-

[1] *Psalm.*, XLIX, 22.

sario louvamos a Deus, se não verifica com propriedade o nome do sacrificio: a estas mesmas palavras chamou o propheta Oseas com singular energia, e maior do que cabe na nossa lingua: *Vitulos labiorum.* [1] Victimas da bocca. Levae comvosco aos altares (diz o Propheta) não bezerros, ou cordeiros, senão palavras sómente: *Tollite vobiscum verba:* e estas palavras, nas quaes vos offereceis a vós mesmos (que por isso diz, *tollite vobiscum*) serão as victimas e sacrificios, com que melhor pagareis a Deus todo o bem que receberdes de sua divina mão: *Accipe bonum: et reddemus vitulos labiorum nostrorum.* A razão desta differença e vantagem é manifesta. Porque nos outros sacrificios derrama-se o sangue de animaes sem alma; e destes (segundo o Texto, *effund te coram illo cordo vestra,*) [2] derramam-se os corações e as almas em affectos de gosto, de dôr, de jubilo, de louvor e acção de graças, que são os que mais honram a Deus, e de que Deus mais se honra: *Sacrificium laudis honorificabit me.* Assim declara a preferencia deste sacrificio o Doutor Maximo S. Jeronymo: mas eu ainda tenho outro Doutor maior que o Maximo, que é S. Paulo, o qual com o mesmo Texto de Oseas declarou o nosso de David: *Per ipsum ergo offeramus hostiam laudis semper Deo, idest, fructum labiorum.* [3] *O hostiam laudis* é o *sacrificium laudis* de David: o *fructum labiorum* é o *vitulos labiorum* de Oseas: e um e outro juntos com S. Paulo, nos asseguram na via lactea do Rosario o caminho certo do céu: *Et illic iter, quo ostendam illi salutare Dei.*

VI

Temos mostrado como o Rosario trazendo sua origem dos peitos e leite purissimo da sempre Virgem, é a verdadeira via lactea, em que a Rainha dos Anjos nos abriu um novo caminho, ou estrada real, por onde todos os que quizerem podem ir ao céu. Mas porque

[1] *Oseas,* XIV, 3.
[2] *Psalm.* LXI, 9.
[3] *Hebr.,* XIII, 15.

o mesmo céu, em que S. João viu muitas portas, póde ter outros caminhos: agora entra aqui o preceito, ou conselho de Jeremias, em que a todos os que fazem conta de ir ao céu, exhorta desta maneira: *State super vias, et videte, et interrogate de semitis antiquis, quæ sit via bona, et ambulate in ea: et invenietis refrigerium animabus vestris.* [1] Homens christãos que tendes fé e esperança, que sabeis que haveis de morrer, e que depois da morte podeis ir, ou não ir ao céu: vêde o caminho que levais, e antes que façaes eleição do que deveis seguir: *State super vias, et videte:* parae á vista dos caminhos que se vos offerecem, e vêde bem quaes são. *Interrogate de semitis antiquis:* perguntae quaes foram os caminhos que seguiram os antigos que viveram antes de vós, e qual foi tambem a sua vida e a sua morte. Perguntae (diz) *Interrogate:* e póde ser que não seja necessario perguntar, porque as nossas experiencias e os nossos olhos nos podem bem informar dos que vimos, se acaso não somos tão cegos como elles. Finalmente examinae bem, *quæ sit via bona;* qual é a boa e melhor via: *Et ambulate in ea:* e caminhae por ella; e ella vos levará ao bom fim, e descanço de vossas almas: *Et invenietis refrigerium animabus vestris.*

Isto é o que Jeremias aconselha a todos os que têm fé, se têm juizo: e este é o ponto em que estamos á vista da via lactea do Rosario da Senhora nossa, caminho muito menos antigo e muito diverso dos que nos mostrou o proprio Filho de Deus, e seu, mil e duzentos annos antes. Christo, Redemptor e Mestre do mundo, distinguindo os varios caminhos por onde todo elle vae, ou é levado, reduziu-os a duas estradas geraes, ou vias. *Lata porta, et spatiosa via est, quæ ducit ad perditionem: et multi sunt, qui intrant per eam. Quàm angusta porta, et arcta via est, quæ ducit ad vitam: et pauci sunt, qui inveniunt eam!* [2] Neste mundo, diz o Senhor, ha duas portas, e duas vias: uma via muito larga e espaçosa, que leva á perdição; e são muitos os que entram por ella: outra via muito estreita, e muito apertada, que guia á vida eterna; e são poucos os que a acham! Notae, que da via larga e da perdi-

---

[1] *Jerem.*, VI, 16.
[2] *Math.*, VII, 13, 14.

ção, que é a de muitos, diz o Senhor, que entram por ella: *Et multi sunt, qui intrant per eam:* e da via estreita, e da salvação, que é a de poucos, diz, que a acham: *Et pauci sunt, qui inveniunt eam:* porque o achar é ventura: e estes são os venturosos; os outros desventurados. Sendo pois tão grande e tão clara a differença destes dois caminhos, e sendo forçoso fazer eleição de um delles; nenhum homem ha, nem póde haver, se tem uso da razão, que não haja de escolher o da via estreita. Se é christão; porque assim o resolveu Christo neste mesmo logar, dizendo: *Contendite intrare per angustam portam.* [1] Se é gentio; porque assim o entenderam e ensinaram os philosophos, em que é famoso o Bivio de Pithagoras: e se se ama, e não se tem odio a si mesmo; porque a via estreita tem por fim a salvação, e a larga a perdição. Pois se os motivos e razões desta eleição, são tão evidentes e manifestos: como ha tantos que caminhem pela via larga, e tão poucos pela estreita? Porque tanto póde, e tanta é a força que tem contra a fraqueza humana o presente e o deleitavel. A fé olha para o futuro, os sentidos para o presente: o deleitavel da fé representa-se ao longe, o dos sentidos gosa-se de perto: e como estes na via larga se gozam, e na estreita se mortificam (posto que na via larga não faltem pesares, como na estreita consolações) são poucos aquelles, em que com prudencia e valor prevaleça o espirito contra a carne, e a sujeite aos rigares da via estreita: e muitos pelo contrario, os fracos e cegos, em que a carne prevalece contra o espirito, e não já captivo, e violento, mas voluntario e contente, os leva aos falsos gostos da via larga.

Tudo isto significa aquella grande palavra de Christo, *contendite intrare per angustam portam.* Não diz, entrae pela via estreita; mas, contendei a entrar por ella. E onde se faz esta contenda, e entre quem? Dentro em nós mesmos, e entre a carne e o espirito. Como os caminhos são sómente dois, sobre a eleição de qual se ha de seguir, é que se arma esta contenda, estando o espirito com o Anjo da guarda por parte da via estreita, e a carne com o demonio por parte da larga. Mas aqui entrou a Virgem Senhora nossa a partir a

[1] *Luc.*, XIII, 24.

contenda com o seu Rosario. Compadecida a Virgem Maria, como Mãe de piedade e misericordia, dos poucos que caminham á salvação pela via estreita, e dos muitos que se precipitam á perdição pela via larga; fez outra terceira via, que é a lactea do seu Rosario, da qual se póde fazer nova eleição sem os receios de uma e outra. Como se dissera a Senhora: *Adhuc excellentiorem viam vobis demonstro.* [1] E' o Rosario uma via meia entre a larga e a estreita, a qual abraçando as conveniencias de ambas, não padece os inconvenientes de cada uma. Na via larga receia-se o perigo, na estreita receia-se o trabalho: e a via do Rosario tem o util da estreita sem o trabalho, e o facil da larga sem o perigo. O util da estreita, que é a salvação, sem o trabalho; porque é muito facil: e o facil da larga sem o perigo, que é a perdição; porque não é trabalhosa, senão suave, por isso mesmo lactea.

Para acceitar esta terceira via, e entrar por ella, não são necessarias contendas, nem disputas entre a carne e o espirito; porque cessam as razões da via estreita e as da larga: e sem discurso, nem ainda uso da razão a podem abraçar até os mais fracos e mais mimosos. Notaveis são os termos com que o Principe dos Apostolos S. Pedro exhorta aos novos christãos, do Ponto, Galacia e Capadocia, a abraçar o jugo suave da lei de Christo, e crescer na perfeição della: *Sicut modò geniti infantes, rationabile sine dolo lac concupiscite; ut in eo crescatis in salutem: si tamen gostastis quoniam dulcis est Dominus.* [2] Como infantes recem-nascidos appetecei o leite racional da lei e doutrina de Christo, para que com ella cresçaes, se é que tendes gosto para perceber quão suave é o Senhor. Em duas coisas reparo aqui: a primeira em chamar ao leite racional, *rationabile lac:* a segunda, em dizer que o appeteçam sendo homens adultos, como meninos recem-nascidos: *Sicut modò geniti infantes.* Os meninos recem-nascidos não têm uso de razão; pois se quer que elles appeteçam o leite sem uso da razão, porque chama ao leite racional? Porque é tão racional o mesmo leite em si mesmo, que não é necessario uso de razão para o appetecer. O mesmo digo da via lactea do Ro-

---

[1] *1.ª ad Corinth.*, XII, 31.
[2] *1.ª Petr.*, II, 2, 3.

sario. As outras duas vias, larga e estreita, cada uma tem suas razões para serem appetecidas; porém o Rosario é tão racional em si mesmo, por abraçar as utilidades e conveniencias de ambas, que não é necessario discurso, nem uso da razão, para se appetecer e para se antepôr na eleição a cada uma das outras. Não é necessario o discurso, basta o gosto: *Si tamen gustastis.* S. Pedro diz: *Quoniam dulcis est Dominus;* e nós digamos: *Quoniam dulcis est Domina.*

E para que isto se julgue com a experiencia dos olhos, sendo a via que Christo antepõe a estreita, comparemos a via estreita de Christo com a lactea de sua Mãe, e vejamos qual se deve mais seguramente seguir. O beato Leão, que foi um dos companheiros de S. Francisco, teve uma visão, a que assistiu o mesmo Patriarcha Seraphico, desta maneira. Representou-se-lhe o grande theatro do dia do Juizo, e que de uma e outra parte, estavam arrimadas desde a terra ao céu duas escadas, uma vermelha, no alto da qual se via inclinado Christo, e outra branca, e nella do mesmo modo a Virgem Maria: *Alteram purpuream, cui Christus incumbebat, alteram candido colore, cui Maria Virgo Christi Mater innitebatur.* [1] Vendo pois S. Francisco estas duas escadas, como elle sempre fôra o mais exacto seguidor da aspereza e da cruz, exhortou a todos seus Religiosos, que subissem pela escada vermelha: o que elles tambem fizeram com grande resolução. Mas com que successo? *Alius ex tertio, alius è quarto gradu, alius ex alto miserè decidebant.* Turbados com o aspecto terrivel do Supremo Juiz, que no fim da escada os esperava: uns cahiam logo ao terceiro degrau, outros ao quarto, outros tendo subido mais alto tambem cahiam, todos miseravelmente. E que fez então a caridade, e prudencia de S. Francisco á vista desta ruina de seus filhos? Mudou com a experiencia de parecer, disse-lhes, que todos se passassem á escada branca: e foi com tanta felicidade, que recebendo-os por ella com grande benignidade a Virgem Santissima: todos, sem nenhum cahir, subiram ao céu: *Qua clade commotus Franciscus eos ad candidam revocat: ubi blandissimè à Virgine suscepti ad unum omnes in*

[1] Uvandingus in Annalib. ad an. 1232. Plati de Statu Religioso. lib. I, cap. 14.

cœlum evaserunt. Aqui não temos necessidade de antepôr o nosso juizo, pois temos, e tão declarado, o do maior Serafim da terra. A escada vermelha é a via estreita de Christo, a branca é a via lactea de sua Mãe: e na comparação de uma e outra, depois de S. Francisco escolher a estreita, convencido da experiencia, o mesmo S. Francisco escolheu a lactea.

O tempo em que succedeu esta visão, foi o mesmo em que S. Domingos, irmão e companheiro de S. Francisco, começava a publicar o Rosario. E que este fosse a via lactea da Senhora, se prova por dois argumentos. O primeiro a côr branca da escada: *Alteram candido colore:* que é a que deu o nome de lactea á mesma via:

Lactea nomen habet, candóre notabilis ipso. [1]

A segunda e mais propria, e sem metaphora, o modo com que a mesma Senhora encaminhou para o céu por outra similhante escada a beata Paula Florentina. Era muito devota esta Santa do Menino Jesus aos peitos de sua Santissima Mãe: e pagou-lhe a Virgem esta devoção com dois notaveis favores. Não só lhe deu a gostar a suavidade do leite de seus peitos, senão, que da bocca do mesmo Menino o passasse á sua: e logo lhe disse, que Saluctóro Camaldulense lhe mostraria o caminho do céu: o qual caminho foi uma escada, pela qual subiam vestidos de branco os discipulos de S. Romualdo, de que ella tambem se fez discipula, e subiu pela mesma escada. De sorte, que o leite da Senhora foi a disposição do caminho do céu, e o caminho do céu a consequencia do leite da Senhora: para que ninguem duvide ser esta a verdadeira via lactea, e a mais facil, e segura de todas as vias. Da via larga nota Santo Ambrosio, que nella, como no mar largo, são grandes as tempestades: na via estreita, como nos estreitos do mar, se levantam tambem muitas ondas, e andam os mares cruzados: só pela via lactea da Senhora, que é o seu Rosario, se navega sempre por mar de leite, e com maré de rosas.

---

[1] Ovidius.

VII

Mas porque estes dois exemplos, o do beato Leão entre os homens, e o da beata Paula entre as mulheres, por serem ambos de almas justas e santas, não façam algum escrupulo, ou causem alguma desconfiança aos peccadores: saibam, que se o estado da graça, e do peccado, são dois, e tão differentes, os peitos da Mãe de misericordia tambem são dois, mas sem differença alguma. *Beata Virgo habet duo ubera geminæ charitatis lac fundentia, quia reis impetrat veniam, et justis gratiam:* diz Ricardo Victorino. [1] Os dois peitos da Virgem purissima são duas fontes de piedade e amôr, que egualmente communicam o leite a justos e peccadores, alcançando-lhes o perdão, e aos justos a graça. E se alguem me perguntar: donde tem o leite da Senhora esta grande virtude sobre os peccados, os quaes só póde perdoar seu Filho? Respondo, que é qualidade natural, e propria do mesmo leite, o qual quando Christo tomava os peitos de sua Mãe, juntamente bebia com elle o esquecimento de nossos peccados. Grande dito é este, se se provára; mas a prova não é de outra bocca, senão da mesma que gostou o leite, e do mesmo Filho, que se nutriu com elle.

No Capitulo quinto dos Canticos, em que se manifestam os affectos, e os effeitos mais interiores do amôr de Christo, e sua Mãe (que são o Esposo e a Esposa daquelle Epithalamio) diz Christo, que no tempo em que se alimentava dos peitos virginaes, com o seu leite bebia juntamente vinho: *Bibi vinum cum lacte meo.* [2] Estas palavras tão notaveis podem ter dois sentidos: ou que o vinho e o leite fossem dois licôres distinctos; ou que o leite por si só tivesse o sabôr, e effeito de ambos. Esta segunda intelligencia é mais propria e natural, e se prova de outros dois Textos dos mesmos Canticos: *Pulchriora sunt ubera tua vino. Memores uberum tuorum super vinum.* [3] E melhor ainda

---

[1] Richard. Vict. ad illa verba Cantic. *Duo ubera tua*, in 4. sensu.

[2] *Cant.*, v, 1.

[3] *Ibid.*, IV, 10.

do terceiro: *Ubera tua sicut botri.* [1] Onde os peitos da Senhora com outra similhança tambem camponeza, se compáram a dois racimos de uvas: para significar que o leite, e o vinho se espremiam e bebiam juntamente das mesmas fontes. Isto posto, que é o certo e litteral, saibamos agora, qual é o mysterio e porque diz Christo, que os effeitos que causava nelle o leite de sua Mãe, não só eram de leite, senão tambem de vinho: *Bibi vinum cum lacte meo?* [2] Porque o leite tem só por effeito alimentar e nutrir, e o vinho tem de mais, subir e alterar o juizo, e fazer perder a memoria do que dá desgosto e pena. Assim o diz e receita o melhor interprete das qualidades naturaes, Salomão: *Date vinum his, qui amaro sunt animo: bibant, et obliviscantur egestatis suæ, et doloris sui non recordentur amplius.* [3] Aos que têm desgosto e pena, dae-lhes vinho, para que bebendo, se esqueçam, e não se lembrem mais da sua dôr. E como nenhuma coisa póde causar dôr, e desgostar e dar pena a Deus, senão aquella, que só o offende, que são os peccados: por isso diz o mesmo Senhor, que quando tomava os peitos de sua Mãe, o leite que bebia, tinha para com elle os effeitos da doçura do vinho: *Bibi vinum cum lacte meo:* porque é qualidade e virtude natural daquelle nectar purissimo, causar em Deus um como esquecimento total dos peccados dos homens, e trocar-lhe de tal modo o juizo, que os não haja de castigar, como se nunca foram. Não é o commento e declaração minha, senão do Cardeal Hailgrino por estas excellentes palavras: *Potentioris, et uberioris efficatiæ sunt ubera Mariæ Virginis, quàm vinum. Nam vinum inebriare potest hominem, ut præteritarum immemor sit injuriarum, et sit facilis ad condonandum, largus ad dandum. Ubera verò Virginis, Deum quasi inebriare potuerunt; nam postquam de Matris uberibus lac suxit, ac si cum lactis dulcedine dulcedinem bibisset misericordiæ; projecit ab oculis suis peccata nostra post tergum, et factus est largus ad dandam peccatorum veniam, largus ad dandam gratiam, et operum justitiam.* E' o que dos dois peitos da Senhora tinha dito

[1] *Cant.*, VII, 8.
[2] *Cant.*, V, 1.
[3] *Prov.*, XXXI, 6, 7.

Ricardo em duas palavras: *Peccatoribus veniam, justis gratiam.*

Assim que não só os justos, senão egualmente os peccadores subindo pela via lactea, que com seu leite começou, e com seu leite aperfeiçoou a verdadeira Rainha do céu; seguros podem estar de que por graça e merecimento do mesmo leite, e purificados nelle, chegarão a vêr e gozar no mesmo céu, a clara, e bemaventurada vista, que só se concede aos olhos puros. Destes olhos (fallando do Corpo mystico de Christo, que são todos os fieis) diz assim o Espirito Santo: *Oculi ejus sicut columbæ super rivulos aquarum, quæ lacte sunt lotæ.* [1] Os seus olhos são como as pombas, que sobre as correntes das aguas se lavaram em leite. De sorte, que estes olhos, similhantes na brancura e pureza ás pombas, não só se lavaram uma vez, senão duas: uma vez nas correntes das aguas, e outra vez sobre esta, em leite. E que dois lavatorios são estes, um depois do outro? O primeiro, e de agua, é o do Baptismo, o qual basta para os olhos verem a Deus, mas sómente os dos justos, que depois de baptizados conservaram a graça: o segundo, e de leite, é o dos peitos e piedade da Virgem Santissima: o qual, como segundo baptismo, é necessario aos olhos dos peccadores, para que outra vez purificados e perdoados, possam tambem gozar da mesma vista. Mas ainda resta saber, porque meio se consegue esta segunda purificação, ou segundo baptismo do leite da Senhora? Digo, que caminhando pela via lactea do seu Rosario. Assim o disse sem querer, ou sem saber o que dizia, commentando este logar, o doutissimo Cornelio. Diz que o Texto se entende de qualquer alma: *Quæ Uni Deo, orando, et meditando, intendit.* E que almas são estas que attendem e se occupam em meditar e orar a Deus, senão as dos devotos do Rosario, cujo exercicio propria, e totalmente consiste em orar a Deus, e meditar seus mysterios? Estes olhos pois, que orando se levantam, e meditando se fixam em Deus, posto que tenham sido peccadores, são os que purificados no leite da Senhora, e caminhando pela sua via lactea, sobem a o vêr no céu.

---

[1] *Cant.*, v, 12.

VIII

Eu bem sei que os primeiros Interpretes da via lactea só concederam o privilegio desta estrada aos heroes e varões famosos, que por ella subiam a ser semi-deuses, como Hercules, os dois Atridas, alguns dos Cesares por lisonja, e os Scipiões por façanhas. Mas a allegoria desta fabula (da qual fallou mais sizudamente Marco Tullio) muito melhor se vê cumprida, nos que por virtude do Rosario obraram heroicamente maiores maravilhas. E' admiravel a este proposito a victoria de Barac contra Sisara por todas suas circumstancias. O nome de Barac, capitão do exercito israelitico, quer dizer raio, no sentido em que disse o poeta:

Duo fulmina belli, Scipiadas. [1]

Mas não lhe bastaria ser raio na guerra para alcançar uma tão prodigiosa victoria, senão fosse soccorrido e ajudado do céu, e mais da terra, como conta e canta a Escriptura no epinicio do seu triumpho. Do céu diz que pelejáram contra os inimigos, as estrellas postas todas por sua ordem: *De cœlo dimicatum est contra eos: stellæ manentes in ordine suo.* [2] Da terra diz, que fugindo da batalha Sisara vivo, Jael com o leite que lhe deu a beber, o matou a seu salvo: *Aquam petenti lac dedit. Percussitque Sisaram.* [3] Agora saibamos que estrellas foram aquellas, e quem é esta Jael? Jael, que por meio do leite acabou de consummar a victoria, é a Virgem Senhora nossa, diz S. Bernardo. E antes delle, e com maior elegancia o tinha já dito o mesmo Texto, o qual chama a Jael bemdita entre todas as mulheres: *Benedicta inter mulieres Jael.* [4] D'onde o Anjo tomou as palavras com que saudou a Senhora no primeiro mysterio do Rosario: e nós a saudamos em todos. E as estrellas, que pelejaram postas em sua or-

---

[1] Virgilio, *Æneid. Cant. 6.*
[2] *Judic.*, v, 20.
[3] *Ibid.*, xxv, 26.
[4] *Ibid.*, 24.

dem, *stellæ manentes in ordine suo*, são as contas e orações maiores e menores, enfiadas e ordenadas no circulo do mesmo Rosario, com que elle admiravelmente representa a via lactea, e se vê na mais certa e recebida sentença de S. João Damasceno: *Lacteus circulus magnarum, et splendidarum copia abundat, atque idcirco tum ob situm, tum ob stellarum earum, quæ in ipso sunt, multitudinem, et magnitudinem, lac in ipso effici dictitarunt.*

Esta é pois a verdadeira via lactea, por onde os mais insignes heroes da Igreja Catholica, tão famosos pelos exemplos de suas virtudes, como admiraveis pelos prodigios de seus milagres, carregados de gloriosos despojos, não só subiram ao céu, mas nos ensinaram o facil e mais seguro caminho. Quando na morte de alguma notavel personagem, como se viu na de Julio Cesar, apparecia no céu algum novo meteoro, daquelles signaes inferia a gentilidade, que estava trasladado ás estrellas, e collocado entre os Deuses. [1] E que diremos nós, se advertirmos, como notou o doutissimo Ricciolo, que todas as estrellas novas, que neste seculo, e no passado, appareceram no céu, foram vistas e nol-as mostrou Deus dentro do circulo da via lactea? *Perinde* (diz elle) *ac si Galaxia promptuarium esset, unde lucida hæc protenta Deus in inferiora hujus mundi, cum voluerit, destinet.* [2] Como se a mesma via lactea fosse o promptuario, ou thesouro, onde Deus tem depositados estes portentos de luz, para os mostrar ao mundo, quando é servido. Isto diz este grande mathematico, feliz reformador do antigo Almagesto. Mas nós digamos, allegorizando com grande fundamento estas mesmas novidades, que nellas e com ellas nos quiz significar o Auctor da natureza, e da graça, que o Rosario de sua Santissima Mãe é a verdadeira via lactea: pois todos os Santos que a Igreja pelos infalliveis decretos da canonização collocou no céu, e nos mandou venerar neste mesmo seculo, e no passado, todos, sem exceptuar nenhum, foram particulares devotos do Rosario. Meu Santo Patriarcha Ignacio, tendo sete horas de oração cada dia, o Rosario era a primeira, por onde começava. S. Francisco Xavier, quando man-

---

[1] Sueton. in Julio Cesar, cap. 88.
[2] Ricciol. in Methœris.

dava a saude aos enfermos ausentes, com o seu proprio Rosario lh'a mandava. S. Francisco de Borja com tres novos actos de confusão, de admiração e de acção de graças, o meditava e offerecia. Em S. Luiz Beltrão e Santa Rosa, não só era devoção o Rosario, mas profissão. A Santa Madre Thereza, como mestra do mais elevado espirito, o illustrou com seus Commentarios. S. Filippe Nery, que todo era oração, e vivia della, Santo Thomaz de Villa Nova, S. Caetano, S. Francisco de Sales, S. Filippe Benisi, devotissimos todos da Santissima Virgem, e seus mysterios, todos prégavam o Rosario com a voz, todos o ensinavam com a penna, todos o persuadiam com o exemplo. Mas assim como na via lactea umas estrellas são grandes e notaveis, que se vêem, outras pequenas e innumeraveis que se não pódem vêr, nem contar: assim no céu, além destes grandes astros canonizados, que conhecemos e veneramos, ha infinitas outras almas bemaventuradas, que lá subiram pela via lactea do Rosario: as quaes prostradas diante do throno da Soberana Rainha dos Anjos, e não esquecidas dos que ainda militamos neste valle de lagrimas, a nós nos dizem: *Hæc est via, ambulate in ea:* [1] e á mesma Senhora, e a seu bemdito Filho, cantam e cantarão eternamente: *Beata ubera, quæ suxisti.*

FIM DO TOMO XII

1 *Isai,.* xxx, 12.

INDICE

SERMÕES DO ROSARIO

	PAG.
Sermão decimo oitavo	5
Sermão decimo nono	37
Sermão vigesimo	75
Sermão vigesimo primeiro	109
Sermão vigesimo segundo	139
Sermão vigesimo terceiro	169
Sermão vigesimo quarto	199
Sermão vigesimo quinto	239
Sermão vigesimo sexto	271
Sermão vigesimo setimo	301
Sermão vigesimo oitavo	335
Sermão vigesimo nono	363

St. Ignatius' Church
3220-43rd St. S.E.
Portland, Oregon